

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

VIDA E MORTE: O DRAMA DOS ADOLESCENTES
Abordagem de um Educador com vistas à Educação

MIRIAM PIRES CORRÊA DE LACERDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul

034397

Porto Alegre, 1990

L13lv Lacerda, Miriam Pires Correa de
 Vida e morte: o drama dos adolescentes abordagem
 de um educador com vistas à educação / Miriam Pi-
 res Correa de Lacerda. - Porto Alegre: Universi-
 dade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.

f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
 Rio Grande do Sul.

CDU: 159.922.8:301.165.2-055.521'52:616.89-008.441.44
 301.165.2-055.521'52:159.922.8:616.89-008.441.44
 616.89-008.441.44:159.922.8:301.165.2-055.521'52
 616.89-008.441.44-053.6(078.7)
 159.964.2:301.165.2-055.521'52'562
 301.165.2-055.521'52'562:159.964.2
 159.964.2:371.124.92:159.922.8
 371.124.92:159.964.2:159.922.8
 159.922.8:371.124.92:159.964.2

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Psicologia da adolescência: Relações mãe x filha: Suicídio
 159.922.8:301.165.2-055.52'52:616.89-008.441.44

Relações mãe x filha: Psicologia da adolescência: Suicídio
 301.165.2-055.521'32:159.922.8:616.89-008.441.44

Suicídio: Psicologia da adolescência: Relações mãe x filha
 616.89-008.441.44:159.922.8:301.165.2-055.521'52

Suicídio: Adolescentes: Estudo de casos
 616.89-008.441.44-053.6(078.7)

Adolescentes: Suicídio: Estudo de casos
 616.89-008.441.44-053.6(078.7)

Psicanálise: Relações mãe x filha
 159.964.2:301.165.2-055.521'52'562

Relações mãe x filha: Psicanálise
 301.165.2-055.521'52'562:159.964.2

Psicanálise: Orientação educacional: Psicologia da adolescência
 159.964.2:371.124.92:159.922.8

Orientação educacional: Psicanálise: psicologia da adolescência
 371.124.92:159.964.2:159.922.8

Psicologia da adolescência: Orientação educacional: Psicanálise
 159.922.8:371.124.92:159.964.2

Bibliotecárias Responsáveis:
 Maria Hedy Lubisco Pandolfi, CRB-10/130
 Neliana Schirmer A. Menezes, CRB-10/939

ORIENTADORA DA DISSERTAÇÃO:

Profª Drª MARIA NESTROVSKY FOLBERG

Doutora em Ciências Humanas

Professora Adjunta do DEE

Faculdade de Educação

Professora Orientadora do Programa de

Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nada é impossível mudar

*Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai sobretudo o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
Não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural, pois em tempo de desor-
dem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.*

BERTOLD BRECHT

Que seja esta a crença daqueles que trabalham em
Educação.

Para Anália Tatim da Silva, que me ensinou a escutar o canto dos pássaros, a observar a beleza das flores e acreditar que a aventura da vida se enriquece, a cada dia, porque somos capazes de construir.

A confiança é um bem inestimável.

Obrigado Dr^a Maria Nestrovsky Folberg,
minha Orientadora de Mestrado.

As adolescentes X, N e Y ao contarem a sua história de vida, proporcionaram recursos para que este estudo fosse realizado.

A elas, o meu respeito e o meu agradecimento.

Pedro e Pedrinho, desculpem-me.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| A TÍTULO DE INICIAÇÃO | 10 |
| RESUMO | 12 |
| ABSTRACT | 13 |
| 1 - APRESENTAÇÃO | 14 |
| 1.1 - Introdução | 15 |
| 1.2 - Algumas considerações sobre a adolescência .. | 19 |
| 2 - REFERENCIAL TEÓRICO | 27 |
| 2.1 - Introdução | 28 |
| 2.2 - O Estádio do Espelho | 32 |
| 2.3 - A Família | 50 |
| 2.3.1 - O Complexo do Desmame | 62 |
| 2.3.2 - O Complexo de Intrusão | 75 |
| 2.3.3 - O Complexo de Édipo | 83 |
| 2.3.3.1 - O Complexo de Édipo em Freud | 86 |
| 2.3.3.2 - O Complexo de Édipo em Lacan | 98 |
| 2.4 - A Identificação | 109 |
| 3 - METODOLOGIA | 128 |
| 3.1 - Caracterização do estudo | 129 |
| 3.2 - Constituição da amostra | 131 |
| 3.3 - Procedimentos para constituição da amostra .. | 134 |
| 3.4 - Procedimentos para coleta de dados | 134 |
| 3.5 - Análise dos dados coletados | 136 |

| | |
|---|-----|
| 4 - ESTUDOS DE CASO | 140 |
| 4.1 - As tentativas fracassadas de suicídio | 141 |
| 4.1.1 - O Caso de N | 142 |
| 4.1.2 - O Caso de X | 267 |
| 4.2 - Da responsabilidade da Escola na prevenção de tentativas de suicídio | 359 |
| 4.3 - Entrevista com Orientador Educacional | 363 |
| 4.4 - A tentativa exitosa da Escola | 379 |
| 4.4.1 - O Caso de Y | 380 |
| 5 - DISCUSSÃO | 439 |
| 6 - RECOMENDAÇÕES | 453 |
| 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 456 |
| ANEXOS | 462 |
| Anexo 1 - Roteiro de entrevista com Orientadores E- ducacionais | 463 |
| Anexo 2 - Áreas de entrevista com a dupla parental | 464 |
| Anexo 3 - Áreas de entrevista com o adolescente ... | 465 |
| Anexo 4 - Estudo Piloto | 466 |

A TÍTULO DE INICIAÇÃO

Partindo de observações empíricas relativas a esquecimentos, chistes, atos falhos, sonhos ... Freud encontrou o caminho para conhecer o que se passa no inconsciente.

Não o inconsciente estilístico, mas aquele que se manifesta no tropeço, na falha, que parece estar sempre na espreita para, de repente, surgir. E quando pensamos retê-lo, ele se esvanece, instaurando a dimensão da perda.

Um achado que em verdade é um Re-Encontrado visto que ele sempre esteve ali.

Poderíamos dizer que se trata de algo que se manifesta na descontinuidade. Mas descontínuo porque o inconsciente aguarda a vacilação do sujeito para se mostrar e, quando se mostra, é sempre de surpresa. Ele nos põe seu enigma embora fale sempre em torno de um ponto central. É por metáforas que nos fala o inconsciente.

Dizê-lo descontínuo, não o caracteriza anárquico, porque existe um estatuto ético que o determina. Lacan enfatiza: o inconsciente é ético, porque apesar de

tudo, em algum ponto ele se mostra. É preciso chegar lá ... porque é somente neste instante, que nos topamos com a verdade do sujeito. Mas o sujeito é tão enganador!

Por isto apela à resistência, a não-cura, desvia o curso, mas trai-se na repetição, no sonho ... como que a dizer-nos: - Vem, eu estou aqui, no Real. O Real que buscamos a vida inteira!

RESUMO

Vida e Morte - O Drama dos Adolescentes constitui uma investigação teórico-dedutiva de cunho exploratório.

A partir da análise conjunta do discurso da adolescente e de sua mãe pretendeu-se discutir como se configurou a identificação com o progenitor do mesmo sexo naquelas jovens que ao longo de suas vidas realizaram uma tentativa de suicídio.

À luz de uma proposta de trabalho para Orientadores Educacionais que tendo o conhecimento da Teoria Psicanalítica poderão ouvir mais criticamente e mais profundamente os sujeitos, sem esquecer seu papel de educadores, este estudo discute as variáveis que podem favorecer ou dificultar a vivência de conflitos inerentes à adolescência, bem como ressalta o valor inegável que assumem as primeiras vivências na formação de uma atitude diante da vida.

ABSTRACT

Life and Death - The Drama of the Adolescents constitutes an exploratory theoretical-deductive investigation.

From the conjoint analysis of the adolescent and her mother's speech, the author intended to discuss how it configured the identification with the progenitor of the same sex, in those young girls who attempted suicide along their lives.

Considering a work proposal to educational counselors, who, knowing Psychoanalytical Theory, will be able to listen more critically, more profoundly to the subject, without forgetting their role as educators, this study discusses the variables that may favour or turn difficult the living experience of conflicts inherent to the adolescence, as well as it gives proeminence to the undeniable worth that assume the first living experiences in the formation of an attitude facing life.

1 - APRESENTAÇÃO

1 - APRESENTAÇÃO

1.1 - Introdução

Precisamos considerar que é importante viver para nos encorajarmos, na condição de educadores, a nos indagarmos pelas razões que impelem os adolescentes em momentos cruciais de suas vidas pensarem e agirem como se a morte fosse a única alternativa.

Como professores entendemos que a Escola não pode ficar à margem de um esforço coletivo na promoção da saúde mental. Porém, como pesquisadores constatamos que a morte - a dolorosa escolha da morte - parece a todos anestesiar, as pessoas relutam em aceitar e, em decorrência disto, preferem desconhecer.

As conseqüências?

É muito difícil identificar um caso para estudo, as entrevistas são marcadas, remarcadas, desmarcadas e as pessoas que trabalham na Instituição Escola pouco sabem da ocorrência desta situação.

No entanto, paralelamente, tomamos conhecimento que um número cada vez maior de adolescentes optam por

esta saída dramática, sentenciada por motivos construídos ao longo de sua breve existência.

De todas as patologias psíquicas, que afetam os adolescentes, a tentativa de suicídio tem se constituído em grande preocupação, dado que nos últimos anos cresce a sua ocorrência.

Muitos estudos revelam que o adolescente, antes de executar a tentativa de suicídio, oferece de forma manifesta ou mascarada uma série de indícios de suas intenções, num eloqüente pedido de socorro. O reconhecimento destes sinais preliminares poderão se constituir na chance que temos para intervir a tempo de evitar a concretização de atos suicidas.

Simons and Murphy (1986) alertam para o fator de desesperança que tende a tomar conta do adolescente e que pode configurar-se como um fator preditor das tentativas de suicídio.

Abreu (1977), citando Jacobziner, alerta para a importância de ficar-se atento a determinadas pautas de conduta dos adolescentes que, apesar de não serem específicas, podem vir a configurar sinais de perigo: súbita mudança de comportamento e de personalidade, irritabilidade, depressão, agitação, ansiedade, explosões de raiva, mudanças de humor, anorexia, pobre relacionamento com os pais.

Os distúrbios da organização familiar são considerados de grande importância por todos aqueles que acompanham casos de tentativa de suicídio na adolescência. Nosso estudo reforça esta colocação, pois verificamos que nossas adolescentes cresceram em ambientes pouco favoráveis à saúde mental.

Entre os sintomas depressivos que antecedem a tentativa de suicídio, alguns autores como Maakaroun (1989) enumeram o retraimento, as alterações de humor, a perda da iniciativa e da auto-estima, as perturbações do sono, os distúrbios do apetite, as crises de choro e o rendimento escolar diminuído.

Efetivamente, quanto a este último tópico, nossas observações confirmam as dificuldades escolares.

Cassorla (1983) afirma que os professores parecem não estar atentos a estes indicadores que os adolescentes nos oferecem.

E Masterson (1972), apud Viçosa, alerta para a falta de um estudo em ambiente escolar dedicado à crise da adolescência.

Indiscutivelmente, a escola desempenha papel preponderante na formação de uma atitude frente à vida, através dos modelos de identificação que oferece ao adolescente. Quando negativamos a imagem que temos de nós mesmos, somos seduzidos pela política do fracasso. Assim, o

adolescente que não consegue ser grande na vitória empenha-se em ser grande na derrota!

O Sistema Escolar sanciona o fracasso e confere a identidade pelo negativo.

É extremamente desoladora a forma ambígua e ambivalente como a sociedade trata as questões referentes à Escola. Tal posição repercute na forma como a Escola trata seu aluno.

Lamentavelmente, estamos assistindo a uma dissociação cada vez maior entre o que a escola exige e o que ela oferece, quer seja do ponto de vista intelectual, quer seja do ponto de vista afetivo.

O ambiente escolar vem deixando de ser, prioritariamente, meio de crescimento, de amadurecimento e de florescimento de relações interpessoais sadias para se transformar no palco onde se desenrola a triste batalha onde o fracasso, o insucesso e a dificuldade são julgados com onipotência e severidade e o sucesso, as conquistas e os progressos de adolescentes que lutam para se instituírem como sujeitos do verbo, são pouco valorizados.

No distúrbio e na pobreza das relações humanas abre-se o espaço para que o adolescente enxergue no suicídio a sua única saída.

O presente trabalho, que diferencia-se dos já

realizados na medida em que aprofunda a discussão a respeito da fragilidade das identificações construídas, por adolescentes, em cada momento histórico de suas vidas, pretendeu dar conta da dualidade pulsional Vida e Morte, onde a primeira tem como objetivo evitar que a segunda ocorra de forma não natural.

1.2 - Algumas considerações sobre a adolescência

Este é um estudo sobre adolescentes.

A adolescência implica, de acordo com a raiz etimológica da palavra, crescer. A adolescência inscrever-se-ia como uma passagem da infância à adultez.

Este duplo movimento, deixar para trás a criança e, ao mesmo tempo, buscar um estatuto estável de adulto, constitui o foco do que chamamos "crise da adolescência".

Adolescência fenômeno psicológico e social é, pois, sinônimo de crise. Crise (Krisis = Juízo) considerada como o ponto crítico necessário ao desenvolvimento do indivíduo e das instituições, corresponde à etapa de vida na qual o adolescente tratará de decidir acerca de seu futuro.

Para Mannoni (1989) é na adolescência, frequentemente, que dificuldades até então latentes no indivíduo, se declaram com urgência, exigindo do jovem um posi-

cionamento, que será sem sombra de dúvida, reflexo de sua história de vida.

À crise da adolescência, desencadeada por uma violenta desestruturação da personalidade, segue-se um processo de reestruturação, passando por conflitos e oscilações nas formas de relacionar-se com os outros e consigo mesmo.

Cabe destacar que é preciso ter paciência para trabalhar com os adolescentes, pois freqüentemente somos tentados, na condição de pais, professores e até mesmo terapeutas, a intervir e, muitas vezes, perturbar o desenvolvimento normal do processo.

Cabe lembrar que a reestruturação da qual falamos está marcada por eventos transitórios, que ocorrem durante as já citadas oscilações e que adquirem características de estados patológicos, o que exige dos profissionais que trabalham com o adolescente (professores, orientadores educacionais, psicólogos ...) atenção para distinguir aqueles fenômenos que pela sua constância e intensidade, podem vir a configurar quadros que exigem intervenções terapêuticas. Há que ter cuidado para não banalizar uma crise ou psiquiatrizar um adolescente!

"A adolescência é a última e decisiva batalha a ser travada antes da maturidade. O ego deve adquirir independência e antigos laços afetivos devem romper-se dando lugar

a novos."¹

Autores como Knobel (1981) e Aberastury (1981) consideram que a adolescência se constitui em etapa decisiva na elaboração de perdas importantes. A estas perdas chamam "Lutos da Adolescência". Neste período deve acontecer a elaboração de três lutos:

- o luto pelo corpo infantil;
- o luto pela identidade e pelo papel infantil;
- o luto pela bissexualidade e pelos pais da infância.

A maior ou menor dificuldade na elaboração dos já referidos lutos é função, de um lado, das aquisições progressivas da personalidade em todos os seus níveis, e, de outro, do contexto familiar e social no qual se insere o adolescente.

Sabemos que os processos que ocorrem nesta etapa são preparados em fases anteriores do desenvolvimento psicosexual e a adolescência, com os seus lutos característicos, não faz mais que reativar antigos conflitos.

Kalina (1979) amplia o estudo referente aos lutos proposto por Knobel e Aberastury ao relacioná-los com

¹ ABREU, José Ricardo Pinto de. *Tentativa de suicídio na adolescência*. Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Psiquiatria. Porto Alegre, UFRGS, 1974. p.2.

as vivências do luto pelo renascimento, que para este autor é de grande importância para a compreensão do processo. Dando ênfase ao que denominou "Complexo de Édipo Adolescente", alerta para as situações altamente persecutórias, impregnadas de intensa culpa e conseqüentes castigos, visto que agora o adolescente pode, efetivamente, consumir o incesto e o crime edípico, o que não acontecia em estágios anteriores do desenvolvimento. Tal é a dimensão das ansiedades confusionais, persecutórias e depressivas que deve enfrentar o púbere nestas situações, que ele busca refúgio nas fantasias de regressão fetal, mediante uma intensa utilização de mecanismos maníacos.

Porém, à medida que o adolescente se habilita a enfrentar os lutos deste período, as "tréguas" regressivas tornam-se cada vez mais breves e a capacidade para fazer frente às exigências da realidade cada vez maior, sendo, evidentemente, necessário um tempo prolongado e um ambiente favorável capaz de tolerar e compreender a natural instabilidade que comporta esta etapa, para que a evolução apresente um desfecho favorável.

Folberg (1986) enfatiza a importância que desempenha o contexto sócio-cultural no qual se insere o adolescente, quando ensina que "o filho adolescente comporta atualizações e possibilidades que só se realizarão se o contexto permitir"².

² FOLBERG, Maria N. *Pais e filhos adolescentes*. Porto Alegre, Vozes, 1986. p.44.

Erikson (1972), que chamou a adolescência de "crise normativa", diz que ela consiste em um momento de estruturação do indivíduo, sendo que sua tarefa básica situa-se na aquisição da identidade que irá alicerçar-se em três vértices principais: temporal, espacial e social.

Assim, a crise de identidade ocorre em um período no qual o jovem precisa forjar, para si mesmo, alguma perspectiva e direção longe daquilo que sobrou de sua infância e na esperança da sua próxima maturidade. O adolescente precisa encontrar alguma semelhança significativa entre aquilo que ele vê em si e aquilo que a sua aguçada consciência lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja.

Na adolescência acontecem modificações no narcisismo, não apenas em seu aspecto quantitativo, mas ainda quanto a sua distribuição.

Destacamos que o narcisismo em seu aspecto positivo contribui para fortificar o ego, bem como para aumentar a confiança em si, o respeito e a estima. No entanto, quando a atitude narcisista assume características de sintomas negativos começamos a nos preocupar. É o caso daqueles adolescentes que se impõem exigências de grande intensidade. Neste aspecto, o narcisismo dos pais, projetado sobre o filho que é potencialmente capaz de concretizar os fantasmas grandiosos daqueles, desempenha um pa-

pel relevante.

O dar-se conta que não está à altura do que esperam dele ou do que ele próprio gostaria de ser, pode favorecer o surgimento de quadros depressivos ou de isolamento no adolescente.

Margareth Mahler (1977) descreveu os processos de separação-individação a partir da observação de bebês e da interação mãe/filho. Alguns psicanalistas se reportaram ao processo de separação descrito por esta estudiosa, comparando-o com o que ocorre na adolescência.

Enquanto a criança se desliga da mãe por internalização, é necessário que o adolescente desligue-se dos objetos internalizados para conseguir amar os objetos exteriores e extra-familiares.

Uma importante tarefa dos adolescentes é, pois, operar o desligamento da autoridade parental e dos objetos infantis.

Gedance e colaboradores (1977) observam que mesmo os adolescentes que apresentam uma evolução favorável vivem momentos de depressão inerentes ao processo que os envolve. Para estes autores é possível identificar dois tempos distintos no processo de separação. No primeiro deles, o adolescente vive o luto não desejado, mas imposto, pela perda do refúgio maternal que aos seus olhos se caracteriza como abandono. Já, no segundo tempo, sob

a pressão das pulsões genitais, o adolescente vive o luto renovado pelo objeto edipiano.

De acordo com Abreu (1977):

"o trabalho do adolescente é, antes de tudo, ultrapassar a fase de narcisismo intensificado para uma fase de relações de objeto onde possa adquirir uma unificação favorável dos afetos e dos impulsos instintivos. Não se trata somente de dominar o Complexo de Édipo, mas de levar adiante a obra iniciada na puberdade, isto é, dar forma adulta aos laços mais profundos e primitivos com a mãe e pôr fim às oscilações bissexuais em favor de uma orientação sexual definida."³

Peter Blos (1985) diz que na adolescência testemunhamos um segundo passo para a individuação - o primeiro ocorreu à época da fatídica distinção entre o eu e o não-eu por volta dos dois anos de vida.

Na tentativa de separar-se, o adolescente agita toda a estrutura familiar visto que o processo não se restringe ao jovem.

É possível que nesta reorganização das relações familiares, ansiedade, hostilidade e depressão sejam mobilizadas. As inevitáveis resistências à mudança certamente darão margem a conflitos. Cabe entretanto lembrar que somente a aceitação recíproca favorecerá o movimento no qual o adolescente separa-se de seus pais e os pais separam-se de seu filho adolescente.

³ ABREU, José Ricardo Pinto de. Op.cit., p.8.

Partindo de uma subdivisão do processo adolescente em fases interligadas, Blos descreve-o tendo em vista o objetivo: conseguir o desligamento do objeto infantil e paralelamente a maturação do ego.

Para este autor, os distúrbios no desenvolvimento das funções do ego na adolescência apontam para fixações pulsionais em relação aos objetos infantis. Entende ele que a maior parte das dificuldades ocorridas nesta etapa de vida são decorrência das vicissitudes do processo de separação/individuação.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Introdução

Considerada a primeira instância educacional do sujeito, a família - mais do que um grupo natural - constituiu-se em elemento que desempenha um papel importante enquanto produtor e transmissor de cultura.

É a família que preside a transmissão dos conceitos, dos valores e dos preconceitos de uma sociedade específica.

"É o símbolo que faz o homem", ensina Lacan.

Lacan divide a história do sujeito em dois momentos: o estágio do espelho e o momento Simbólico no qual o pai, ao intervir na díade como representante da lei e da cultura, impede a fusão desejada. O menino, por imaginar que o pai adivinha a sua rivalidade e hostilidade, teme a retaliação. Este temor o faz renunciar à mãe "resolvendo" assim o Complexo de Édipo. O Complexo de Édipo articula-se com o Complexo de Castração. A partir daí "passa a identificar-se com o falo do pai, significante privilegiado do poder do pai e da lei e objeto de desejo

da mãe"⁴. Mais tarde poderá identificar-se com o próprio pai ou com a figura que o substitua como ideal. É desta dinâmica elaboração intrasubjetiva de relações com as hierarquias de valor que se vai estruturar a Instância Superegóica.

A proibição do incesto, em nossa cultura, atribui ao sujeito um lugar no sistema de relações. O que transforma o pequeno ser biológico - filho do homem - num sujeito humano é o fato de ser introduzido neste sistema de relações onde passa a ocupar um lugar.

Portanto, a proibição do incesto atuaria em dois planos diferenciados. No plano individual, a função simbólica introduz a criança no mundo adulto da cultura e no plano coletivo ela determina o comportamento do ser humano e caracteriza a sua relação com o mundo. É pois a lei que, ao impedir a concretização da relação incestuosa com a mãe, impõe a supremacia do reino da cultura ao reino da natureza.

Se nos reportarmos a Freud em seu livro *Totem e Tabu* (1913[1912-13]), constataremos que, desde a antiguidade primeva, os homens vêm estabelecendo para si próprios com o maior escrúpulo e rigor, o propósito de evitar relações incestuosas. Porém, a tal ponto o desejo oculto e

⁴ LÉPINE, Claude. *O inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss*. São Paulo, Ática, 1979. p.24.

não diminuído, de transgredir tais proibições estava presente que toda a organização social voltava-se basicamente para as manifestações que implicassem em violação dos tabus, cujas regras fundamentalmente consistiam em restrições à liberdade do prazer e à liberdade de movimento e comunicação.

O Tabu - uma invenção cultural - foi transformado em instituição social, na medida em que passou a regular todas as relações no grupo. Conseqüentemente, a proibição da relação edípica constituiu-se o elemento fundante da cultura. E dentro deste enfoque teórico, a função paterna permitiria o acesso à ordem simbólica.

"A Psicanálise revelou que é fundamental para a vida da criança que seu nascimento tenha sido desejado; sentir-se filho do pai é tão fundamental para o desenvolvimento do indivíduo quanto o próprio fato de sê-lo."⁵

Assim, para que possamos compreender o desenvolvimento considerado normal e os possíveis transtornos que podem acontecer na vida de cada um, é necessário investigar a valorização precoce do pai na vida do sujeito.

As transformações sócio-econômico-culturais repercutem na estrutura familiar e determinam modificações nas expectativas e posições da dupla parental. Sendo as-

⁵ ABERASTURY & SALAS. *A paternidade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981. p.68.

sim, o pai vem deixando de ser, em forma preponderante, o "provedor" do sustento da família para assumir uma outra postura que exige o redimensionamento de sua antiga posição. Uma nova família está surgindo na qual o pai e a mãe devem ter lugares de igual valor desde o nascimento dos filhos.

Historicamente assistimos a uma valorização exagerada da onipotência materna, contrariando o que preconiza Freud sobre o papel que desempenha o pai desde a época primeva. Privilegiarmos a atuação de um dos elementos do par, seja ele pai ou mãe, concorrendo desta forma para o desprestígio, descrédito ou descaso do outro, é uma situação que não só agride a cultura, como também, a nova estrutura familiar da qual falamos.

Freud postulou que o Complexo de Édipo é o ponto nodal das neuroses. Foi a partir da sua auto-análise que descobriu não só a importância da relação com a mãe, bem como a importância que desempenhava o pai na vida de um homem. E foi somente a partir de sua perda que expressou-se dizendo que na vida de um homem nada existe de tão transcendental quanto a perda do pai.

A autora deste trabalho acredita que a evolução do sujeito depende da harmoniosa atuação do pai e da mãe em suas respectivas posições.

No referencial teórico desta dissertação, abordaremos os seguintes tópicos:

- O Estádio do Espelho
- A Família
- A Identificação.

2.2 - O Estádio do Espelho

A prematuração específica do nascimento no homem determina que se estabeleça uma relação de total dependência do bebê com sua mãe. Este estado de "inacabamento", produzido por uma causa interna ao organismo e marcado especialmente por uma descoordenação e um despedaçamento da percepção interna e externa não impede, no entanto, que se institua desde o início da vida um verdadeiro fascínio pelo rosto humano.

Por volta dos seis meses, pela evolução de suas condições psíquicas, físicas e neurológicas, o bebê humano passa a manter uma relação que se estende até os dezoito meses, mais ou menos, que Lacan denominou *Estádio do Espelho*.

Anteriormente, outros pesquisadores empenharam-se em analisar este interesse, muito geral, por imagens observado em recém-nascidos. O que os distancia do Estádio do Espelho proposto por Lacan é o fato de que ao psicanalista interessa o momento em que se inicia esta busca - quando a criança ainda não sabe, mas procura saber e, mais precisamente, pelos efeitos nela produzidos pelo fa-

to de *SE PROCURAR* numa imagem.

"Esta atividade conserva para nós, até a idade de dezoito meses, o sentido que lhe damos - e que não é menos revelador de um dinamismo libidinal, problemático até então, que de uma estrutura ontológica do mundo humano que se insere nas nossas reflexões sobre o conhecimento paranóico."⁶

Esta busca de si redistribui as relações entre o interior e o exterior. O dinamismo libidinal - que é o próprio desejo - perde o caráter de força misteriosa, os eventos externos já não se reduzem mais a provocar reações: a realidade, anteriormente submetida a um desmembramento perceptivo, passa a ordenar-se refletindo as formas do corpo que fornecem, de alguma maneira, o modelo de todas as coisas.

"O espelho, isto é, este momento da primeira relação consigo mesmo que é, irremediavelmente, e para sempre, uma relação com um outro, só representa uma fase privilegiada, na medida em que tem um valor exemplar para toda a seqüência de um desenvolvimento; não é um estágio a ser superado, mas uma configuração insuperável. Estádio do Espelho, bem mal nomeado, onde, afinal, se trata muito pouco de espelho e de estádio. Ao mesmo tempo lugar de nascimento e estrutura definitiva, ele representa a característica própria do ser humano: a separação ..."⁷

⁶ LACAN, Jacques. *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu*. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978. p.22.

⁷ OGILVIE, Bertrand. *LACAN, a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988. p.112.

Separação! Dar-se conta como entidade própria e uma através da percepção do corpo e de uma relação de identificação. Inegável a importância deste período de vida na estruturação do sujeito!

Temos uma adolescente que aos 17 anos fez uma tentativa de suicídio. O discurso de sua mãe nos fornece indicadores importantes para a compreensão de como transcorreram os dezoito primeiros meses de vida da adolescente N.:

"Eu casei muito cedo. Fiz 17 anos e a N. nasceu. E eu não sabia cuidar. Não tinha experiência de nada. Aí em seguida eu deixei de dar de mamar. Eu me sentia cansada. E não tinha experiência nenhuma."

Na amamentação, no abraço e na contemplação da criança é que se concretiza a possibilidade para a mãe receber e, ao mesmo tempo satisfazer o mais antigo dos desejos.

Que reais oportunidades teve N. para aliviar-se da angústia decorrente da prematuridade de todo nascimento, com uma mãe que se sentia impotente para fazer frente às necessidades de um bebê?

"Chegou um dia que eu não agüentei mais. Tive que viver com a mãe. Para ver se eu ... Cuidar de tudo ... A criança ... Eu achava que tinha que ficar sempre junto..."

Aí depois, quando eu achei que não iria conseguir - assim, criar ela sozinha, eu tive que voltar a morar com a mãe."

Ordenando-se, essencialmente, sobre uma relação identificatória, o Estádio do Espelho possibilita que a criança se aproprie, de início, de alguma imagem borrosa do outro. Sabe-se que, até então, ela não experimenta o seu corpo como uma totalidade e sim como algo disperso que com o correr do tempo vai se definindo em partes. Esta dialética do bebê com a imagem é que promoverá a estruturação do eu, terminando assim com a vivência psíquica que Lacan denominou de "fantasia do corpo retalhado".

"O Estádio do Espelho é um drama cujo impulso interno se precipita da insuficiência à antecipação - e que para o sujeito, apanhado na armadilha da identificação espacial, maquina os fantasmas que se sucedem, de uma imagem retalhada do corpo, a uma forma que chamamos ortopédica da sua totalidade - e a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com a sua estrutura rígida todo o desenvolvimento mental. Assim, a ruptura do círculo do Innenwelt ao Umwelt engendra a inesgotável quadratura das averiguações do eu."⁸

O Estádio do Espelho se fundamenta em uma relação entre um certo nível de tendências vivenciadas como desconectadas, despedaçadas e um outro com o qual se emparelha e se confunde.

É no outro, a sua própria imagem antecipada, que o corpo encontra a sua unidade.

E prossegue Lacan:

⁸ LACAN, Jacques. Op.cit., p.25.

"Este corpo retalhado (morcelé) cujo termo fiz também receber no nosso sistema de referências teóricas, mostra-se regularmente nos sonhos quando a moção da análise toca num certo nível de desintegração agressiva do indivíduo."⁹

Este retorno a uma situação anterior - a casa paterna - representa uma busca de segurança comparável àquela sentida quando da amamentação. Repete-se pois o drama do desmame. Porém, inicia-se no psiquismo ruínas sem proporção com o benefício prático deste retorno.

De acordo com Folberg:

"Ser um corpo distinto, reconhecido como tal, implica uma relação a dois partida. Ser *UM* com a mãe antecede a ser *UM* sem a mãe."¹⁰

Ao continuarmos a análise da situação da mãe de N, veremos que, nesta ocasião, ela coabitava junto ao marido, mas mesmo assim:

"- Tinha medo de enfrentar a vida sozinha. Tinha medo. Achava que o meu marido ia me abandonar - mas depois, fui me acostumando à idéia."

Que idéia, perguntamos:

"- Que eu estava sã."

⁹ Idem.

¹⁰ FOLBERG, Maria N. *Dialética dos discursos de pais e filhos adolescentes*. Porto Alegre, Vozes, 1986. p.31.

Sentimento de solidão. De abandono. Tendência para o retorno a uma situação conhecida e dominada anteriormente, mesmo que não fosse prazerosa, pois há verbalizações que também junto à mãe ela não se sentia segura.

Como poderia, então, estabelecer uma relação segura com a filha? Uma filha que era o fato concreto que precipitara o abandono da casa do pai.

Qual era o desejo da mãe de N?

Em que medida poderia este bebê responder a demanda de amor de sua mãe adolescente?

Graças a Freud sabemos da importância para os processos psíquicos das primeiras experiências de satisfação. Lembremo-nos que uma pulsão somente pode ser conhecida pelo sujeito na medida em que encontra uma forma de expressão no aparelho psíquico e isto se dá sob o signo de um representante. Neste sentido, qual foi o destino das primeiras demandas pulsionais de N?

"Responder a uma demanda pela linguagem, o que haveria de mais comum? Mas aqui, a demanda se alimenta da imagem do corpo e de uma falta neste corpo."¹¹

Voltemos ao Estádio do Espelho. Espelho que, aqui, é um termo genérico. Representa todo e qualquer

¹¹ CALLIGARIS, Contardo. *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986. p.33.

comportamento de um outro que lhe responda e que, no caso, faz o papel de um espelho, e ainda, qualquer traço material que permita à criança contemplar-se como autora.

No Estádio do Espelho distinguimos três momentos fundamentais e que são referências na conquista de sua imagem, para o bebê.

Inicialmente não existiria distinção entre a percepção da imagem de seu próprio corpo e do outro.

"... na discordância característica desta fase, a imagem não faz mais do que acrescentar a intrusão temporária de uma tendência narcísica: a unidade que ela introduz nas tendências contribuirá, no entanto, para a formação do eu. Mas antes que o eu afirme a sua identidade confunde-se com esta imagem que o forma mas que o aliena primordialmente."¹²

O mundo desta época é pois narcísico. Não contém o outro. E este isolamento afetivo não se rompe apenas com a percepção da atividade do outro, pois que ela desencadeia emoções e percepções equivalentes às possibilidades de seus aparelhos. Enquanto isto não acontece, o sujeito não se distingue da própria imagem.

O primeiro momento põe em destaque o vínculo do bebê com o registro imaginário¹³; já o segundo momento,

¹² LACAN, Jacques. *A família*. Lisboa, Sociedade Editorial e Distribuidora Lda., 1981. p.46.

¹³ Encontramos em Laplanche & Pontalis - *Vocabulário de Psicanálise* - o seguinte: "Na aceção dada a este termo por Jacques Lacan: um dos três registros essenciais do campo psicanalítico. Este registro é caracterizado pela preponderância da relação com a imagem do semelhante" (p.304).

por seu turno, constitui uma etapa decisiva no processo de identificação.

Nele a criança chega a descobrir que o outro do espelho não é senão uma imagem. É chegado o momento em que sabe distinguir a imagem do outro da realidade do outro.

No terceiro momento, através da dialética das duas etapas precedentes, a criança assegura-se de que o reflexo no espelho é uma imagem - a sua imagem.

O espelho reflete a imagem percebida, mas que é diferente do sujeito; que é igual, mas que lhe é oposta; que faz parte dele, mas é separada.

É pois a partir da identificação ambivalente com seu semelhante que o eu se diferencia, num processo comum, do outro e do objeto.

Ao *RE-CONHECER-SE* através de uma imagem especular a criança

"saúda a unidade mental que lhe é inerente. O que reconhece nela é o ideal da imagem do duplo."¹⁴

O que se iniciou por uma perda, prossegue agora ironicamente, num desenvolvimento que procura tampar por uma fuga para diante (através de uma série de identificações secundárias e da proliferação da linguagem) esta "fal-

¹⁴ LACAN, Jacques. *A família*. Op.cit., p.45.

ta" que é na realidade a sua causa.

Aquilo com que o sujeito se identifica é aquilo que ele quer ser e portanto ama e odeia, justamente por ser o outro. Mas esta reciprocidade própria ao imaginário logo converte este desejo de morte, num medo do desejo da morte que vem do outro.

No discurso da mãe de X, uma adolescente que fez sua tentativa de suicídio aos 15 anos, encontramos:

"- Eu adorava sair, passear, ferver, agitar. Ele, acho que queria uma mulher para casar."

- Quanto tempo vocês namoraram?

"- Quase um ano. Um pouco menos. Depois ficamos noivos."

- Mas se não querias casar, por que ficaste noiva?

"- Porque eu fiquei grávida e fui obrigada."

- Quem te obrigou?

"- Ora quem? O 'Z' ele queria casar e **isto** serviu a feitio." (O grifo é da autora)

- Por que serviu a feitio?

"- Porque foi o motivo que ele encontrou para me obrigar a casar com ele. Dizendo que ele era o pai, que ele queria assumir, e que para assumir tínhamos que casar."

- Bem. Casar tu não querias, foste obrigada. E a gravidez?

"- Ah, desde o começo eu fiquei contente. É claro que quando eu fiquei sabendo, foi um choque."

- Por quê?

"- Era muito cedo. Eu tinha a minha vida pela frente, queria continuar saindo, indo a barzinho, ter a minha vida. Mas eu não rejeitei o bebê. Eu queria ter o bebê, mas eu queria continuar solteira."

Será que o desejo era continuar solteira com um bebê?

Desde o início a relação da mãe de X foi ambivalente em relação à filha. De uma parte o desejo de ter o filho ("eu queria ter o bebê"), de outra o desejo da liberdade que até então gozara e que o nascimento do filho viria comprometer ("... mas eu queria continuar solteira").

O casamento marca o início de uma nova maneira de viver e o estabelecimento de um *status* bastante diferente de vida. Ao casar-se, uma pessoa adquire um companheiro que partilha e suporta, e sobre quem pode se apoiar porque o bem-estar de cada um está ligado ao destino do outro.

Uma família se inicia com o casamento.

Literalmente é a matriz da personalidade das crianças que nela crescerão.

Voltemos ao discurso da mãe de X:

- Como foi o início da vida de casada?

"- Foi legal. A minha vida mudou um pouco. Eu estava bem. Passei uma gravidez tranquila. Agora, quando chegou a hora do par-

to, tudo ficou diferente ...

(...)

... Foi sō ali que eu me dei conta que a minha vida estava IRREMEDIAMENTE muda-da."

- Para melhor?

[silêncio]

Assim, a morte é introduzida no sujeito bem antes de ser objeto de um pensamento explícito, sob a forma de uma onda de renúncias, que se encontram em todos os estádios da vida: uma série de faltas que se encadeiam e que se alternam: é por uma falta no Simbólico que a cultura humana mantém seu lugar; é por uma falta, novamente, com relação à linguagem, que o sujeito psíquico mantém seu lugar de sujeito dividido entre seu advento e sua alteração fundamental de que resulta que a maior parte de seus pensamentos são da ordem do inconsciente.

Antes mesmo do nascimento, "X" e "N" foram convocadas a inserir-se em sistemas familiares cujo lugar e significação já estavam instituídos.

Qual era este sistema familiar?

"Lacan mostra a eficácia da Ordem, da Lei que espreita, desde antes de seu nascimento, qualquer homenzinho que vai nascer, e se assenhora dele desde o seu primeiro vagido, para lhe designar seu lugar e seu papel, logo, sua destinação forçada. Todas as etapas vencidas pelo filho do homem o são sob o reino da Lei, do código de designação, de comunicação e de não-comunicação humanas; suas 'satisfações' trazem

em si a marca indelével e constituinte da Lei, da pretensão da Lei humana, que, como toda a lei, não é 'ignorada' por ninguém, sobretudo por quem a ignora, mas pode ser desvirtuada ou violada por qualquer um, sobretudo pelos seus mais puros fiéis."¹⁵

Sabemos que ao nascer o bebê tenta ocupar um lugar na família, mas também sabemos que os pais, de maneira mais ou menos inconsciente, designam-lhe um lugar determinado.

Qual era o lugar de N? E o de X?

A dialética do lugar determinado e do lugar ocupado torna para nós mais evidente o fato de que não podemos entender o que se passa com uma criança sem interrogar-nos sobre o que se passa com os seus pais.

"A assunção jubilatória de sua imagem especular pelo ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação, que o pequeno homem, neste estado infans é, parecer-nos-á desde então manifestar numa situação exemplar a matriz simbólica onde o eu se precipita numa forma primordial, antes que ele se objetive na dialética da identificação com o outro e que a linguagem lhe restitua no Universal a sua função de sujeito."¹⁶

Olgivie destaca a expressão "se precipita" dizendo-nos que tal pode ser compreendido no sentido químico-

¹⁵ ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro, Graal, 1986. p.66.

¹⁶ LACAN, Jacques. *Op.cit.*, p.22.

co: um corpo se deposita por precipitação ao nascer sólido e insolúvel numa fase líquida. O sujeito é um tal precipitado que não pré-existe a si mesmo.

Com efeito, a identificação primordial do sujeito com a sua própria imagem é que possibilitará à criança o acesso ao Registro Simbólico graças a que porá fim a uma relação especular imaginária com a própria mãe¹⁷.

Destacamos, porém, que um bebê só se reconhecerá em sua própria imagem na medida em que se der conta que o outro (no caso a mãe) já o identifica e o afirma como tal. Neste sentido, o esboço de subjetividade conquistado neste estágio torna claro como o *EU*, enquanto construção imaginária, é, inexoravelmente, dependente da relação que se estabelece com o outro.

Na entrevista da mãe de X encontramos:

- X dormia bem à noite?

"- Não, chorava muito!"

- Quando começou esta dificuldade para dormir?

"- Desde bebê, sei lá, desde sempre!"

¹⁷ Charles Zygel em *(El) Trabajo de la Metáfora* explicita o duplo movimento que ocorre no processo de identificação durante o Estádio do Espelho pois que é, a um só tempo, Movimento Simbólico e Imaginário. É simbólico porque trata de reconhecer ao outro, reconhecer um traço do outro, entrar com o outro em uma relação de intercâmbio e de realização. Ao mesmo tempo é imaginário porque se trata de tomar o lugar do outro. A identificação se realiza a partir de uma tensão agressiva. Se trata de apoderar-se da imagem do outro.

- Então, tu também não dormias.

"- Eu dormia! À noite quem levantava era o Z. Aliás, até hoje é assim. Ele é quem atende à noite."

- Por que isto?

"- Porque eu já cuidava de dia e ficava muito cansada."

- Na época do nascimento, teu marido estava em férias?

"- Não, mas eu já cuidava de dia. A noite era dele."

X era um peso na vida de sua mãe! Uma carga difícil de suportar desde a hora do parto:

- Por que tu dizes que foi horrível?

"- Ah, porque doía muito. Eu até fiz aquela preparação para o parto mas não adiantou nada. Na hora me esqueci de tudo. Eu não queria estar ali. Não queria ter aquele filho, queria desaparecer!"

De acordo com Freud-Lacan, o sujeito institui-se a partir das relações que estabelece no meio em que vive. Também nos ensinam que as primeiras vivências de uma criança inscrevem-se no inconsciente e marcam-no de forma indelével.

Qual foi a imagem que X conseguiu construir de si mesma, se a partir do discurso da mãe fica clara a dificuldade que enfrentaram para se relacionar?

- E o que é que deu?

"- Esta história que eu nunca esperei viver! Eu ansiei por algo muito diferente."

Não era esta a relação que eu gostaria de ter com a minha filha e minha filha comigo.

Hã muita mágoa de ambas as partes."

"A relação intersubjetiva de pais e filhos se dá como uma captação do outro, como estrutura de desejo em que o significante é a representação do próprio sujeito.

Dentro da perspectiva do sujeito representado pelo significante Lacan considera o significante como uma forma de expressar simbolicamente a conjunção das idéias de si mesmo, dos pais, do fenômeno do nascimento, do amor e da morte."¹⁸

Freud escreveu em 1905 ¹⁹ que é função da mãe ensinar o seu filho a amar.

Mas como ensinar X a amar? Ou N?

Podemos ensinar algo que não sabemos?

Como era a relação de RT (mãe de N) com sua mãe?

O trecho a seguir foi retirado de sua entrevista:

- Vocês tinham planos de casar cedo?

"- Não, de jeito nenhum.

Mas eu era tão ... era tão ingênua, tão ignorante. Nem pensava o que era um casamento, o que não era ...

Imagina se eu ia saber como era para ganhar um filho!

Sem saber nada! Assim, boba - não é? As coisas que eu sabia era o que eu tinha aprendido no colégio ...

¹⁸ FOLBERG, Maria N. Op.cit., p.26.

¹⁹ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. 1ª Edição Original 1905.

A minha mãe nunca se abriu, nada ..."

E quanto à mãe de X, o que podemos dizer?

- Tu te relacionas bem com a tua mãe?

"- Sempre briguei muito com ela. Eu acho que ela nunca ligou muito para mim. Aliás, ela dizia que o filho homem é que é amigo da mãe. Nisto ela tem razão. Eu me relaciono muito melhor com o meu filho do que com a X."

É fato que reconhecer o filho, enquanto ser diferenciado, implica aceitar que o pequeno filho do homem crescerá, tornar-se-á gradativamente mais e mais autônomo e que, em breve, seus pais não serão mais, a figura mais importante, até porque obedecendo ao processo natural envelhecerão e um dia também morrerão.

Este reconhecimento constitui um golpe no narcisismo de alguns pais - por isto, o filho "TEM" que morrer ou ser abandonado.

Sabemos que para um bebê desenvolver-se ele necessita não só de um apoio biológico que atenda de pronto suas necessidades fisiológicas mas, fundamentalmente, necessita de um apoio amoroso. O bebê exige dos pais não somente o alimento e a proteção, mas também satisfação erótica, que nem sempre é conseguido pois, às vezes, o erotismo dos pais encontra-se a serviço quase que exclusivamente de si próprios.

Face a esta ausência, aparece na estrutura psi-

quica do bebê um espaço vazio denotando uma falta. Esta hiância poderá crescer ou diminuir, mas dificilmente desaparecer.

De um lado desta espécie de fenda psíquica estará

"o ego real que cresce em meio a satisfação pulsional, da atividade e do intercâmbio com o objeto. Ego real que se expande e se afirma no amor objetivado dos pais e da própria experiência. Do outro lado, um ego ideal²⁰ que crescerá impulsionado pela carência ou agressão do objeto em meio à frustração e ao desamparo."²¹

Se com Lacan aprendemos que o "Estádio do Espelho pode ser compreendido como uma identificação no sentido pleno que a análise dá a este termo"²², vemos que X e N, adolescentes com tentativa de suicídio, experimentaram, muito precocemente, que o mundo não é um lugar confiável e sua primeira relação de amor - protótipo de todas as demais que vierem a estabelecer - deixou a lacuna do desejo não satisfeito.

²⁰ Ego ideal diferente de ideal de ego é, para Lacan, uma formação essencialmente narcísica que tem a sua origem no Estádio do Espelho e que pertence ao Registro do Imaginário.

Ideal de Ego, de acordo com Freud, origina-se de fora para dentro, correspondendo à instância da personalidade resultante da convergência do Narcisismo e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Constitui-se em um modelo ao qual o indivíduo procura conformar-se.

²¹ MAYER, Hugo. *Voltar a Freud*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. p.68.

²² LACAN, Jacques. *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu*. Op.cit., p.22.

Carlos Drumond de Andrade escreveu:

A Falta que ama

Entre areia sol e grama
o que se esquivava se dá,
enquanto a falta que ama
procura alguém que não há.

Está coberto de terra,
forrado de esquecimento.
Onde a vista mais se apega
a dália é toda cimento.

A transparência da hora
corrói ângulos obscuros
cantiga que não implora
nem ri, patinando muros.

Já nem se escuta a poeira
que o gesto espalha no chão
a vida conta-se inteira,
em letras de conclusão.

Por que é que revoa à toa
o pensamento, na luz?
E porque nunca se escoo
o tempo chega sem pus.

O inseto petrificado
Na concha ardente do dia
Une o tédio do passado
a uma futura energia.

No solo vira semente?
Vai tudo recomeçar?
É a falta ou ele que sente
o sonho do verbo amar?²³

23 ANDRADE, Carlos Drumond de. *Boitempo & A falta que ama*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1973. p.144.

2.3 - A Família

"A família é o agente socializador primário onde a criança aprende a viver; aprende a defender-se e a lutar; a competir e a sobreviver; e mais que nada aprende a tolerar a frustração e a amar."²⁴

Compete à família, considerada a primeira instância educacional do sujeito, a tarefa de transmitir as regras culturais, os valores, os conceitos e os preconceitos de uma sociedade específica. Esta tarefa, através da qual o indivíduo faz a passagem do plano puramente biológico para o nível simbólico, inaugura no homem uma nova forma de se relacionar com o mundo físico e uma nova forma de adaptação.

Ao longo da história, a instituição familiar vem sofrendo transformações graças a um incessante processo de evolução. Na atualidade, assistimos a uma acelerada mudança nos padrões da vida familiar visto que é preciso ajustar-se a uma crise social que caracteriza o nosso tempo. Não há nada rígido ou imutável em relação à família, exceto que ela está sempre conosco.

"A família nós a carregamos dentro de nós e ela é a expressão da sociedade que a contém. Assim, a força do ambiente familiar marca os seus elementos e através de complexos que são essencialmente incons-

²⁴ RUIZ, Zelided Alma de. Dinâmica familiar e o abuso da criança. In: _____. *A criança maltratada*. São Paulo, Almed, 1985. p.41.

cientes, organizam-se as relações interpessoais na família."25

É na família que adquirimos a língua materna, é a família que preside a transmissão de comportamentos cujo jogo ultrapassa o limite da consciência.

É também a família que, através de gerações, assegura uma continuidade psíquica, cuja causalidade é de ordem mental e inconsciente.

Na família nos constituímos como sujeitos, nos socializamos, nos humanizamos.

Em nossa história pessoal trazemos inscrita a história dos nossos pais, as interações estabelecidas com eles e as relações mútuas vivenciadas, tendendo muitas vezes a repetir modelos internalizados de conduta. Esta colocação permite-nos lembrar que entre os mais significativos avanços da psicologia nestes últimos anos, decorrentes das contribuições da Psicanálise, privilegiando o Inconsciente, encontra-se a comprovação de que a qualidade da relação que se estabelece na família primária contribui de forma decisiva para a saúde mental dos seus membros.

Sabemos que a criança, desde os seus primeiros

25 FOLBERG, Maria N. *Relação interpessoal*. Cópia xerográfica entregue na disciplina Psicologia Social e Dinâmica de Grupo. Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1986. p.2.

instantes de vida, por seu desamparo característico, necessita de uma íntima, calorosa e contínua relação com a mãe na qual ambas encontrem satisfação e prazer. No entanto, é admirável que somente há pouco tempo tenhamos começado a destacar o papel decisivo que o pai desempenha na vida dos filhos desde a mais tenra idade.

Lacan (1957-1958) no Seminário "As formações do Inconsciente" destaca que o pai aparece na vida do filho através de uma lei: a lei do pai, que de uma parte se dirige ao filho através da proibição do incesto: "Tu não dormirás com a tua mãe" e de outra parte se dirige à mãe: "Tu não reintegrarás o teu produto". Segundo este autor o pai não está presente senão pela sua lei que é a palavra, e não é senão na medida em que esta palavra é reconhecida e aceita pela mãe, que ela toma o valor de lei.

Notável o valor da lei dita de interdição!

Antes de tudo é através dela que o filho liberta-se da relação com a mãe, se habilita a deixar para trás a sua postura de sujeição, toma consciência do seu lugar na família e se orienta para o futuro e para o seu papel na sociedade.

Pai e mãe desempenham funções privilegiadas no desenvolvimento psíquico de uma criança. A ausência ou a desvalorização de um dos membros da dupla parental cobra tributo que mostra a sua face através da doença familiar.

Freud, em 1914, no texto "*Sobre o Narcisismo, uma introdução*", ao analisar a atitude dos pais escrevia:

"Assim eles (os pais) se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho - o que uma observação sóbria não permitiria - e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele ... Além disto, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão abrogadas em seu favor, ela será mais uma vez o centro e o âmago da criação."²⁶

Porém, a quem se referia Freud ao dizer "ela será mais uma vez"?

À criança? À criança que os pais foram um dia?
Ou a ambas?

E prossegue:

"... O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocadamente, revela a sua natureza anterior."²⁷

²⁶ FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo, uma introdução*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.108. 1ª ed. original, 1914.

²⁷ Idem, p.108.

Não há dúvida que a estruturação de um sujeito pressupõe um momento de fascinação narcisista, porém é também verdade, e isto colocado no próprio texto, que existe um momento em que, para não adoecer, é preciso sair do narcisismo e amar. O narcisismo é, pois, uma premissa para o amor. Para amar, é preciso ter sido amado.

E voltamos assim à função que os pais desempenham na vida do filho: compete à mãe ensinar o seu filho a amar; compete ao pai permitir, através da mediação mãe/criança, que esta transcenda em direção a objetos sexuais no futuro.

Sabemos que muitas vezes os progenitores deslocam para os filhos as suas ansiedades e impulsos hostis que pertencem à esfera das relações comprometidas com os seus próprios pais e com a sociedade em geral. Este deslocamento faz com que se evidencie o quadro descrito por Dolto (1988) no qual os filhos são transformados em porta-vozes de seus pais. Para esta psicanalista, os sintomas apresentados por crianças e adolescentes muitas vezes nada mais são do que o reflexo das angústias e das dificuldades dos seus pais.

Andolfi (1984), em *Por trás da máscara familiar*, nos fala do paciente identificado, que denuncia a falsa harmonia do mito familiar. Toda a responsabilidade da desorganização estrutural da família recai sobre aquele que foi escolhido para ser o doente, normalmente o filho.

Há como um acordo, não verbal, entre todos os membros do grupo, o que impede que o paciente identificado elabore os seus conflitos, pois no momento que isto acontecer rompe-se o frágil equilíbrio que sustenta este sistema.

A dupla parental partindo de um pacto de permanecer juntos a qualquer custo, caracteriza-se por uma rigidez especial, o que confere a sustentação ao casal.

Em nossa observação, vimos que a mãe, de forma manifesta ou não, tem condutas depressivas e regula a sua auto-estima em função do outro, estabelecendo com o filho uma relação narcísica. O pai, mascarando sua intensa necessidade de receber afeto, mostra-se como um doador ideal mas *não* assume o seu papel de pai na triangulação.

Estabelece-se assim uma relação simbiótica entre a mãe e o filho. Tal forma de relacionamento impede que o filho separe-se libidinalmente da sua mãe. Este padrão interativo que modela todos os demais que o filho estabelecer, é apontado como uma característica dos adolescentes que realizam tentativas de suicídio.

O avanço cultural impôs renúncias instintuais que se constituíram em carga psíquica significativa. No texto freudiano *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, se explicita que a nossa civilização repousa sobre a supressão dos instintos.

"Cada indivíduo renuncia a uma parte de seus atributos, a uma parcela de seus sentimentos de onipotência, ou ainda, das inclinações agressivas ou vingativas da sua personalidade. Destas contribuições resulta o acervo cultural comum dos bens materiais e ideais."²⁸

A educação, forma socialmente aceita da transmissão do legado cultural que uma geração passa a outra, vem cumprindo o seu papel de inibir, proibir e suprimir.

Observa-se que neste aspecto a família revela-se pródiga em repressão de movimentos e de emoções. Com tal rigor a tarefa é cumprida que muitas vezes a intensidade dos conflitos desencadeados entre desejos e sentimentos de dever, só pode resultar num aumento de doenças tanto do indivíduo quanto da estrutura familiar na qual o sujeito está inserido.

No início deste século a Psicanálise colocava com clareza o grande dilema da educação: conciliar o desenvolvimento das pessoas em direção a competências socialmente exigidas e a possibilidade de ser feliz. Entendemos não ser fácil para os pais encontrarem para cada etapa de vida o equilíbrio entre a concessão de satisfações e restrições pulsionais!

Inserida num contexto social que a precede, a

²⁸ FREUD, Sigmund. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.192. 1ª ed.original 1908.

família não está protegida ou isolada da crise que atinge a sociedade como um todo. De início a criança sente a influência destas pressões através da forma como ela é percebida por seus pais. Com o passar do tempo, à medida que cresce, estas influências são sentidas diretamente. No entanto, quanto menos rígido for o sistema familiar e social, maiores probabilidades oferecerá para que as adaptações - necessárias e freqüentes tendo em vista o equilíbrio - sejam desencadeadas.

Tomemos o adolescente para exemplificar. Quanto mais flexível for o sistema de adaptação da família para fazer frente às novas necessidades biológicas, psicológicas, cognitivas e sociais que emergem neste período de vida, maiores chances existirão para o adolescente, sem maiores transtornos, enfrentar o que Erikson chamou de "Crise Normativa". Ao deixar a família, certamente o jovem terá construído recursos internos que lhe permitam dar continuidade ao processo natural de vida.

Em *Romances Familiares* (1909[1908]) Freud se propõe a reproduzir a novela familiar.

É sabido que muitas crianças produzem fantasias de ter outra família, de ser filho de outra pessoa que não os seus verdadeiros pais. Cabe lembrar que a família não são apenas os pais, há filhos. E do ponto de vista do filho, a realidade familiar se estabelece na medida em que lhe possibilita interrogar-se sobre si mesmo, sobre o sig-

nificado de sua história.

Assim, a novela familiar é o resultado da capacidade imaginativa, por meio da qual o sujeito, para compensar uma realidade geradora de privações ou sofrimento, cria uma história onde procura, de forma mascarada, satisfazer aos impulsos cuja materialização se acha impedida.

Para Freud a novela se desenrolará com maior intensidade naquelas crianças que foram mais duramente sancionadas quando da manifestação da sua hostilidade em relação aos genitores ou de suas inclinações eróticas. O que viria contribuir para dificultar o desenlace do Complexo de Édipo e conseqüente assunção da Lei da Cultura.

Pais e até mesmo professores, mediante uma repressão exagerada ou uma indiferença dolorosa, contribuem para que se intensifiquem os produtos imaginários, a novela familiar. Neste caso dificulta-se a elaboração de aspectos idealizados, denegridos ou persecutórios dos pais, porque, eles próprios, tampouco puderam superar a sua ambivalência em relação aos filhos.

Tais ocorrências contribuem, ainda, para dificultar que o filho ao crescer liberte-se da autoridade dos pais - tarefa fundamental para aquisição da identidade.

A psicopatologia se inscreve dentro do que Minuchin (1982) denominou Sistema Disfuncional; portanto, in-

capaz de atender as necessidades dos elementos que o compõem, inaugurando as mais variadas combinações de desajustamentos que conduzem à destruição precoce, ou a longo prazo, do sujeito ou de toda a família²⁹.

Tanto as famílias ditas normais quanto aquelas consideradas patológicas enfrentam dificuldades. Dificuldades inerentes à aventura de viver.

Lacan (1981) escreve que é na ordem original da realidade que constituem as relações sociais que é preciso entender a família humana. Para ele o grupo familiar mostra uma estrutura profundamente complexa pois, mais do que um grupo natural, constitui-se em elemento primordial como produtor e transmissor da cultura.

Em todas as culturas a família confere aos seus membros o cunho da individualidade. A família seria então a verdadeira matriz da identidade que atuaria em dois

²⁹ De acordo com Salvador Minuchin (1982), "a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros de uma família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Os padrões transacionais regulam o comportamento da família e são mantidos por dois sistemas de repressão. O primeiro é genérico, envolvendo as regras universais que governam a organização familiar (...). O segundo é idiossincrático, envolvendo expectativas mútuas dos membros da família" (p.57)

É interessante, embora fuja ao escopo deste trabalho, a abordagem proposta por Minuchin, em *Famílias, funcionamento e tratamento*. Para aprofundamento, remete-se a:

MINUCHIN, Salvador. *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

sentidos: de um lado, conferindo ao indivíduo o sentimento de pertencer e, de outro, o de ser separado.

É extremamente complexo categorizar famílias. A rede de processos intrincados que ocorrem dentro do grupo, entre o grupo e a comunidade e dentro de cada pessoa pertencente ao grupo, cria uma singularidade que devemos conhecer para que possamos compreender a dinâmica familiar correspondente.

A noção de complexo é fundamental para a compreensão da família, tal como Lacan a estrutura:

"O que define o Complexo é que ele reproduz uma certa realidade do meio ambiente, e duplamente:

- sua forma representa esta realidade no que ela tem de objetivamente distinto numa certa etapa do desenvolvimento psíquico; esta etapa específica a sua gênese;

- sua atividade repete na vivência a realidade assim fixada cada vez que se produzem certas experiências que exigiriam uma objetivação superior desta realidade, estas experiências especificam o condicionamento do complexo."³⁰

Embora dominado por fatores culturais em seu conteúdo e em sua forma, isto não significa que não haja uma relação entre o complexo e o instinto (ou Pulsão).

Ao ampliar a definição anteriormente proposta por Freud, para quem o complexo é essencialmente incons-

³⁰ LACAN, Jacques. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p.20.

ciente, Lacan destaca que ele desempenha um papel de organizador do psiquismo. Conseqüentemente, o alcance da família, como objeto e circunstância psíquica, também foi aumentado.

Este progresso teórico, conforme preconiza a abordagem lacaniana, levou a propor uma fórmula generalizada que permite reunir os fenômenos conscientes de estrutura semelhante. Assim, os complexos e imagos serão estudados em sua relação com a família e em função do desenvolvimento psíquico que organizam.

Lacan destaca a existência de três Complexos:

Complexo do Desmame,

"que fixa no psiquismo a relação da amamentação, sob a forma parasitária que as necessidades da primeira idade do homem exigem, representa a forma primordial da imago materna."³¹

Embora não sucessivo, mas inclusivo no processo de instituição do sujeito, surge o Complexo da Intrusão.

"É o Complexo da Intrusão que inaugura o sentimento de rivalidade, de ciúmes, arquetipicamente da competição que se vai viver em quase todos os sentimentos sociais e futuros."³²

³¹ LACAN, Jacques. *A Família*. Op.cit., p.27.

³² FOLBERG, Maria N. Op.cit., p.3.

Complexo de Édipo, através do qual a criança se defronta com a obrigação de submeter a sua sexualidade a certas restrições e leis que sustentam a família humana.

No capítulo subsequente procederemos um estudo detalhado de cada um dos complexos.

2.3.1 - O Complexo do Desmame

"Mãe,

Desculpe-me pelo que acabo de fazer, mas não tive escolha, você não merecia ouvir aquilo ontem de manhã, não lhe culpo pelo que me fez e o que me disse, afinal você é mãe e não está errada por isto, desculpe-me também pela humilhação que lhe fiz passar perante todos os alunos do colégio e perante o capitão.

Eu estou indo embora porque cometi um erro, fui punido, mas não aglentei a maior punição, que foi ao menos poder olhar nos seus olhos e me desculpar daquilo que na verdade não cheguei a fazer, é verdade, eu não cheguei a colar, no dia da prova eu estava nervoso, não sabia quase nada, peguei o livro, abri, mas não consegui ler nada.

(...)"

[Texto extraído da Carta-Testamento escrita pelo adolescente C.R.N., de 14 anos, que suicidou-se em 16 de maio de 1990 após ter recebido uma sanção na Escola por ter sido pego numa tentativa de cola durante uma prova.]

Escrever acerca do Complexo do Desmame implica falar de uma época que lhe antecede, onde a função da mãe estrutura-se de forma admirável.

Ao nascer, ao contrário dos outros seres da natureza, o bebê humano encontra-se em um estado que podemos dizer de prematuração, visto que, sozinho, não tem como sobreviver.

Até o nascimento, toda e qualquer necessidade experimentada era satisfeita através de regulação homeostática. Rompido este equilíbrio, momento chamado por Lacan de Desmame Congênito, o bebê face a sua limitação, passa a experimentar a contradição decorrente de, a um só tempo, não poder esquivar-se dos estímulos, tanto internos quanto externos, e tampouco a eles satisfazer de forma independente. O seu outrora conhecido recurso interno revela-se agora ineficaz para diminuir o seu mal-estar. O nenê então chora. Grita. Esperneia.

Contrário ao que pensam as mães, o choro do recém-nascido nada mais é do que um recurso contra um estímulo que o atormenta e contra o qual trava um verdadeiro duelo de vida ou morte. Nesta etapa, o bebê não tem ainda condições para pedir socorro a quem quer que seja. Mas existe uma pessoa que, através de sua intervenção, é capaz de mediar a relação do bebê com o estímulo que o importuna.

Este alguém é a mãe, que surge como aquela que, ouvindo o pranto, atribui a ele um sentido - que em verdade é o seu próprio sentido, seu próprio pranto - e através de sua intencionalidade, busca a solução para o que

angustia seu bebezinho. É, em função desta prontidão ao atendimento, que daqui para frente o bebê aprenderá a pedir ajuda.

Tomemos o exemplo da fome.

Ao ouvir o choro, o que faz a mãe?

Oferece o seu próprio seio, que embora sendo um estímulo, tem uma vantagem: é capaz de vencer a luta, desde que o bebê escolha sugar.

Distinguiremos, assim, dois tempos:

O primeiro, quando o bebê chora para reduzir, pela via catártica, o que o aflige.

O segundo, quando através do choro o bebê obtém o objeto que o satisfaz. Neste segundo tempo, destaca-se uma peculiaridade: o choro que apela ao seio já não é contínuo e ininterrupto. O bebê chora, silencia, volta a chorar. Se fôssemos analisar estes silêncios, poderíamos dizer que, nestes momentos, o infans tenta satisfazer a sua fome sugando o "vestígio" que guarda do seio. É por esta operação que:

"um ser biológico assume certa acumulação de estímulos, que são os que, posteriormente, o introduzem numa ordem erôgena, numa função sexual."³³

³³ CABAS, Antônio G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo, Moraes, 1982. p.115.

Enquanto a criança ainda não é capaz de distinguir entre o seio que a mãe lhe oferece e o seu próprio corpo, ela se constitui como um sistema fechado no interior do qual é impossível a distinção sujeito/objeto. Este sistema somente será rompido quando ocorrer a ausência de satisfação, o que provocará a desilusão e a renúncia à satisfação pela via alucinatória. O aparelho psíquico é obrigado a reconhecer a existência de algo que lhe é exterior, o que o compelirá a uma mudança real através de um novo princípio de atividade psíquica: é o princípio da realidade que distingue o real do alucinado.

O que faz com que uma mãe atenda mais ou menos prontamente, ao choro de seu filho, é função do que esta criança representa para ela. Assim, as condutas operativas desencadeadas pelo choro do filho dependem do acesso que a mãe tem ao código que a torna capaz de interpretar as necessidades dele.

Para Freud (1931), o código que rege uma mulher é o da equivalência: assim, o filho pode ou não ser investido de idêntico valor ao que outrora a menina investiu em seu desejo de possuir um pênis - para ela atributo ou prova do carinho dos pais.

Encontramos no texto de 1905 - *Três Ensaios sobre a Sexualidade*:

"... as crianças aprendem a sentir pelas pessoas que as auxiliam em seu desamparo e

satisfazem as suas necessidades um amor que segue o modelo e é uma continuação de suas relações como lactante com sua ama de leite. A relação de uma criança com a pessoa responsável pelo seu cuidado, proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro já que a pessoa que cuida dela, que afinal de contas em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela acaricia-a, beija-a, embala-a, e, muito claramente, trata-a como um substitutivo de um objeto sexual completo."³⁴

Notável a função materna: transformar um ser biológico em um ser erógeno. Compete à mãe ensinar o seu filho a amar!

Por esta época o infans vive em uma relação paradisíaca, onde imagina que é capaz de satisfazer, em totalidade, todos os desejos da mãe. No entanto, surgem outros interesses que determinam o afastamento da mulher-mãe. Este afastamento faz com que o infans enfrente uma ausência: a ausência do outro, do outro que recobre uma falta, a falta do objeto primordial.

Face a angústia e a ausência, o sujeito trata de recuperar a imago da mãe³⁵: lembrar da presença da mãe na

³⁴ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.230. 1ª ed.original 1905.

³⁵ Imago. "A imago e o complexo são noções próximas, relacionam-se ambas com o mesmo domínio: as relações da criança com o seu meio familiar e social ... A imago designa a sobrevivência imaginária deste ou daquele participante desta situação" (LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa, Moraes, 1983. p.305.).

sua ausência. Porém, isto só será possível na medida em que ambos tenham conseguido estabelecer uma relação na qual sintam prazer: na medida em que a mãe tenha conseguido, efetivamente, erogeneizar seu filho.

Chegamos assim ao que Lacan denominou Complexo do Desmame.

Considerado o complexo mais primitivo do desenvolvimento psíquico e o que mantém articulação com os que lhe sucedem, é ele quem determina os mais arcaicos e estáveis sentimentos que unem um indivíduo à família, uma vez que representa, de forma primordial, a imago materna.

Esta primeira crise vital - o desmame - é determinada e condicionada no ser humano por fatores culturais, estabelecendo um corte em uma relação que transcende o aspecto biológico marcando de forma permanente o psiquismo.

Por este motivo,

"mesmo depois da satisfação sexual ter se desligado do ato de alimentar-se, persistirá uma significativa parte desta primeira e mais importante de todas as relações sexuais que servirá de preparação para a escolha de um objeto e assim restaurar a felicidade perdida."³⁶

Ao redor dos seis meses, embora o bebê ainda não possua a total coordenação das sensações extero-proprio-

³⁶ FREUD, Sigmund. Op.cit., p.229.

ceptivas e interoceptivas, algumas delas, ligadas aos primeiros interesses afetivos, isolam-se, esporadicamente, em unidades de percepção. Disto nos dá testemunho a precocidade e a eletividade das reações diante da aproximação ou do afastamento da pessoa que está mais próxima da criança. Parece-nos que muito cedo o bebê se dá conta da função que a mãe preenche e nos fornece indicadores do papel de traumatismo causal que pode vir a desempenhar a substituição desta presença.

Na história de N encontramos a seguinte passagem:

- Ela foi amamentada ao seio?

"- Ela mamou muito pouco tempo no peito. São dois meses. Ela tinha muita fome e eu usei leite de vaca. Aí em seguida ela parou de mamar."

- Por que a amamentação foi de dois meses?

"- Ela parou de mamar porque ... olha, eu nem me lembro! Mas eu acho que ela sentia muita fome e em seguida nem quis mais. Eu casei muito cedo. Tinha 16 anos. Aí fiz 17 anos e ela nasceu. E eu não sabia cuidar. Não tinha experiência de nada. Aí em seguida deixei de dar de mamar. Eu me sentia cansada. E não tinha experiência nenhuma."

Cumprе perguntar: N não quis mamar ou a mãe de N não quis amamentá-la?

Por esta época a criança

"permanece inteiramente comprometida com a satisfação das necessidades próprias aos

primeiros meses de vida e com a ambivalência típica das relações mentais que nela se esboçam. Esta satisfação surge com os sinais de maior ou menor plenitude com que possa ser preenchido o desejo humano, por pouco que se considere o bebê ligado à mama."³⁷

A hora da mamada é, sem dúvida, a mais importante da vida do nenê. Surge como uma forma de restabelecer a continuidade primitiva anterior ao nascimento. Enquanto mama, toda uma Gestalt materna penetra na criança: cheiro, calor, tonalidade de voz ... O bebê torna seu tudo o que vem da mãe.

N teve esta ligação rompida aos dois meses.

Um bebê "com muita fome" deveria sugar, a menos que o seio que lhe era oferecido parecesse mais sinistro que a sensação de desconforto proveniente da ausência de alimento.

Nos cabe indagar: Qual era a fome que esta criança sentia e que esta mãe não se considerava capaz de saciar?

Sabemos que ao perder o contato com a mãe, o bebê não se reconhece mais. Dir-se-ia que ele perde uma parte de si mesmo e sofre por uma perda que é, aparentemente, apenas externa.

³⁷ LACAN, Jacques. *Os complexos familiares*. Op.cit., p. 25.

O fator biológico, correspondente ao longo período de tempo durante o qual o bebê está em condições de desamparo e dependência,

"estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que acompanhará o ser humano durante o resto de sua vida."³⁸

O leite materno pertence ao bebê, pois é ele que o faz surgir no corpo da mulher. É sabido que modificações humorais ocorrem na hora do parto, mas o bebê está ali para manter a produção do leite em sua mãe - *se a mãe amar este bebê e se o bebê não for rejeitado por ela.*

A., mãe de X, nos conta que o período que se seguiu-se ao parto foi muito difícil:

"- Aí após o parto também foi muito difícil. Eu não conseguia amamentar. Tentei bastante, mas não deu."

- Por que não deu?

"- Não deu porque o leite empedrou e aí eu não aguentava, mesmo, de dor. Tentamos três dias e passamos para a mamadeira."

A. nos diz também, em sua entrevista, que na hora do parto se deu conta que sua vida *"estava irremediavelmente mudada"*, *"que não queria estar ali"* e *"que não queria ter aquele filho"*.

³⁸ FREUD, Sigmund. *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.179. 1ª ed. original (1926[1925]).

O que significou o nascimento de X?

Ele foi a testemunha de que A. se mostrara impotente para lutar pelo que considerava o melhor para ela.

Parece-nos que esta criança não se constituiu no falo que completaria sua mãe, que lhe restituiria a perfeição e a onipotência, e sim, na evidência concreta atribuída por A., de que foi incapaz de imprimir à sua vida o curso que desejava.

Lacan nos fala do Outro Absoluto quando se refere à dependência que o recém-nascido experimenta em relação a sua mãe. Outro, porque a mãe é estranha ao corpo do bebê. Absoluto, porque é a mãe, através de sua intervenção, que pode retirar o bebê, de modo quase pleno, da angústia desencadeada pela impotência frente aos estímulos.

Voltemos ao discurso de A.:

- E com a mamadeira ela se ajeitou?

"- Ela era muito agitada. Chorava muito. Mas com a mamadeira se ajeitou."

- Se acalmou?

"- Não, isto não! Continuou agitada chorando a toda hora."

- E tu te ajeitaste?

"- Eu? Como?"

- Quando resolveste o problema da mamada ficou mais tranquilo?

"- Olha, era muito difícil cuidar dela, porque X solicitava muito. Chorava. Sei

lã, eu não entendia o que ela queria."

- E tu choravas?

"- Eu não!"

- Tu te organizaste logo que ela nasceu? Quanto a horários, por exemplo.

"- Ah, sim. Eu organizei tudo direitinho. Ela é que não se acertava."

Quando uma criança cai num vazio, transforma-se numa incôgnita. Perde o sentimento de existir. As pulsões de morte passam então a predominar sobre as pulsões de vida. Qual é o significado desta preponderância?

Significa que a libido fica sem objeto e sem sujeito, que se dissipa por falta de desejo e apego por ele, sujeito perdido.

Para que viver?

As pulsões de morte são a ausência de relação com o mundo exterior: o sujeito morre se não conseguir relacionar-se com o outro. Precoce o sofrimento de um bebê que ainda não existe, se o outro, no caso a mãe, que o conhece, não ajudá-lo a se reconhecer. Experiência dolorosa que marca de forma indelével a sua possibilidade de vir a ser.

Lacan, em seu livro *A Família* (1981), quando da discussão do Complexo do Desmame, chama atenção para as repercussões psíquicas desencadeadas por esta primeira crise, quando uma tensão vital se resolve por uma intenção mental. Por esta intenção, o desmame é aceito ou re-

cusado. Embora esta aceitação ou recusa, por esta época, ainda não possam ser consideradas escolhas, elas inauguram uma estrutura dialética que assegurará diferenciações psíquicas de nível cada vez mais elevado e de uma irreversibilidade crescente.

"É a recusa do desmame que funda o positivo do complexo, a saber, a imago da relação nutriente que ele tende restabelecer."³⁹

Como sabemos, a imago é construída a partir das vivências próprias aos primeiros meses de vida, mas ela só adquire a sua forma na medida em que o sujeito é capaz de organizá-las mentalmente.

Em muitos casos, nos deparamos com a dificuldade da sublimação desta imago.

Lacan lembra que:

"A imago portanto deve ser sublimada para que novas relações se introduzam com o grupo social, para que nossos complexos se integrem ao psiquismo. Na medida em que ela resiste a estas exigências, que são as do progresso da personalidade, a imago, a princípio salutar, transforma-se num fator de morte."⁴⁰

Face a esta recusa, o sujeito será condenado a infinitamente repetir o esforço de desligamento da mãe, ou então encontraremos esta tendência primária para a

³⁹ LACAN, Jacques. *A Família*. Op.cit., p.34.

⁴⁰ Idem, p.23.

morte, conforme a recusa do desmame lhe confere, em determinados tipos de suicídio considerados não violentos, mas nos quais identifica-se de forma nítida a forma oral do complexo. Sempre que analisamos este tipo de ocorrência nos deparamos com a tentativa do sujeito de reencontrar a imagem da mãe.

Destacamos ainda que, mesmo sublimada, a imagem do seio materno continua a ter importante papel no psiquismo do sujeito. O abandono da segurança encontrada no seio da família implica na repetição do desmame e, em muitos casos, é somente quando o indivíduo deixa a casa materna que ele ocorre em sua totalidade.

Lembremos N e X. Adolescentes que consideraram, em uma determinada época de suas vidas, que era melhor não viver. Lição ensinada a elas muito precocemente, pois de suas primeiras relações, que deveriam ter sido marcadas pelo amor, guardaram a lembrança de algo que lhes faltou ...

"Ao final só é filho quem foi catexizado como tal e investido neste lugar por um certo desejo materno. Ao faltar este desejo e ainda que exista um corpo de criança e de recém-nascido, este corpo será um sem-sentido. Deveria cristalizar-se como sujeito, mas não havendo um princípio capaz de fazê-lo, será um corpo sem rumo, um corpo sem pré-história, um corpo sem antecedência, um corpo-sem-valor."⁴¹

⁴¹ CABAS, Antônio G. *La función del falo en en locura*. Buenos Aires, Trieb, 1980.

2.3.2 - O Complexo de Intrusão

O Complexo de Intrusão representa a experiência vivida por um sujeito quando descobre-se com irmãos.

O fato e a época do surgimento deste irmão assumem significados diferenciados para cada indivíduo pois que está na dependência do seu desenvolvimento psíquico a sua forma de reação.

"O papel traumatizante do irmão, no sentido neutro, é pois constituído pela sua intrusão."⁴²

Geralmente acontece a intrusão quando nasce um bebê na família, mas o complexo também pode fazer referência ao pai ou a outro que esteja no seu lugar. O dar-se conta "deste outro" pode vir a funcionar aos olhos de uma criança como uma ameaça: um estranho privilegiado eleito daquela que até o momento *imaginara* ser só sua.

O grifo dá conta do registro onde se passa a intrusão: o Imaginário, visto que a identificação se funda num sentimento do outro, que por ser mal conhecido não oferece ainda uma concepção correta do seu valor.

Refletindo-se acerca dos sentimentos desencadeados nesta ocasião, podemos afirmar que a estrutura do ciú-

⁴² LACAN, Jacques. *A Família*. Op.cit., p.48.

me infantil representa, de forma preponderante, uma identificação mental, mais do que uma tensão agressiva em relação ao irmão ou ao pai.

"Durante todo este período se registrarão as reações emocionais e os testemunhos articulados de um transitivismo normal. O menino bate e diz que bateram nele ... É assim mesmo, numa identificação com o outro, que vive toda a gama das reações de presença e de parada, das quais as suas condutas revelam a ambivalência estrutural..."⁴³

Usurpado que se identifica ao usurpador, seduzido com o sedutor, escravo com o amo ...

Mas, se há uma identificação, podemos perguntar pelas razões dos sentimentos agressivos.

Os ciúmes primordiais não parecem originalmente se referir à inveja pelo objeto do outro - isto é, não se configuram como inveja do que o outro possui -, mas parecem poder e dever induzir-se da própria matriz de identificação com o semelhante!

Na obra *A Família* (1981), Lacan cita Santo Agostinho que com espanto dizia ter visto e conhecido um menino prisioneiro do ciúmes:

"Ainda não falava, mas já contemplava pálido e com olhar envenenado o seu irmão de

⁴³ LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978. p.113.

leite."⁴⁴

O próprio Lacan alerta para a necessidade de prudência ao interpretar este tipo de situação.

De fato, o ciúme pode se manifestar nos casos em que o sujeito, tendo sofrido o desmame há muito tempo, não está em situação de uma concorrência vital com o irmão. O fenômeno parece, pois, exigir como *prévia* uma certa identificação ao estado do irmão⁴⁵.

Assim, acreditamos que estes sentimentos se inscrevem em uma *ambivalência primordial* que se mostra através da identificação.

E, prossegue Lacan:

"... o desdobramento assim esboçado no sujeito é a identificação com o irmão que permite a sua conclusão ... a imagem do irmão não desmamado só atrai uma agressão especial porque repete no sujeito a imago da situação materna e, com ela, o desejo de morte! Este fenômeno é secundário à identificação."⁴⁶

A doutrina psicanalítica nos mostra no irmão o objeto eletivo das exigências da libido. Além disto, destaca a coexistência, amor e identificação, cuja oposição

⁴⁴ MASSOTA, Oscar. *Introdução à leitura de Lacan*. Campinas, Papirus, 1988. p.94.

⁴⁵ LACAN, Jacques. *Os complexos familiares*. Op. cit., p.34.

⁴⁶ Idem, p.35.

será fundamental em estágios posteriores.

Cabe destacar que no adulto reencontramos esta mesma ambigüidade na paixão, sempre que supõe ser preterido por outrem. É notável o grande interesse que a imagem do rival desperta nos amantes. Tal interesse, embora afirmado como um sentimento negativo (ódio, por exemplo) e ainda que seja desencadeado por atitudes do parceiro, freqüentemente domina o sentimento amoroso a tal ponto que não pode deixar de ser interpretado como o foco essencial da paixão.

Embora este interesse esteja marcado por paixão e amor, isto só pode aparecer de forma mascarada no pensamento do adulto, o que não impede, no entanto, que confira à paixão que ele sustenta, a irrefutabilidade que a aproxima da obsessão.

A agressividade encontrada nas formas psicóticas da paixão é provocada em grau mais elevado pela necessidade de negar este interesse do que pela rivalidade que, pretensamente, quer justificá-la.

"Mas é muito especialmente na situação fraternal primitiva que a agressividade se demonstra como secundária à identificação."⁴⁷

Em razão de ter que disputar e dividir com o ir-

⁴⁷ LACAN, Jacques. *A Família*. Op.cit., p.41.

mão o que outrora era só seu - a afeição dos pais - assistimos ao desencadeamento, na criança, da busca de soluções que diminuiriam o seu sofrimento e insatisfação. É neste instante que ela irá atualizar a identificação com o progenitor do mesmo sexo.

Ao introjetá-lo, ele deixa de existir fora dela como rival e passa a fazer parte de sua estrutura interna.

"É este o Nome-do-Pai, a palavra do Pai de Lacan. O Nome-do-Pai implica a introjeção de um símbolo que expressa uma lei social."⁴⁸

Sem dúvida, a descrição freudiana do *FORT.DA* fornece um exemplo brilhante da metáfora do Nome - do - Pai na aquisição simbólica do objeto perdido.

A possibilidade de reproduzir através do jogo do carretel a partida e o retorno da mãe, resultado de uma renúncia pulsional, faz com que a criança, graças a uma identificação, se aposse da ausência materna: agora, sou eu quem te deixo, parece-nos ela dizer ...

Esta experiência nos fornece um duplo processo metafórico:

Vejamos que, de um lado, o carretel (Representativo da mãe) e o jogo de empurrar e recolher (Representa-

⁴⁸ FOLBERG, Maria N. *Pais e filhos adolescentes*. Op. cit., p.42.

tivo do seu ir e vir) constituem-se em metáforas; de outra parte, através deste brinquedo a criança consegue inverter a situação de maneira simbólica. Por mais dolorosa que lhe pareça a partida de sua mãe, agora, através de um brinquedo, ela se apropria da situação e consegue dominá-la. Aqui se faz presente uma tentativa de dominar uma impressão de forma ativa, ao invés de submeter-se passivamente a ela.

O *FORT.DA* fornece-nos indicadores de que a criança se dá conta que não é mais o único objeto de desejo de sua mãe - isto é, o objeto capaz de preencher e satisfazer a falta.

Se relacionarmos o jogo do carretel ao complexo de intrusão, veremos que, é no momento em que a criança se dá conta que já não é mais a única, que se faz necessário proceder uma simbolização.

Como ocorre esta simbolização?

Em primeiro lugar, através da experiência subjetiva pela qual a criança vai associar uma vivência imediata para dar-lhe um substituto.

A vivência imediata da criança se baseia no modo de expressão de sua captura na dialética do ser: ser aquele objeto que satisfaz a falta materna, ser para a mãe, o Falo.

Porém, eu não sou o falo e, já que não sou, eu tenho!

Já que não sou o objeto de amor exclusivo, é preciso que eu o tenha dentro de mim. A dialética da identificação se atualiza na intrusão.

Para concluir, diríamos, ainda, que o nascimento de um irmão comporta um progresso narcísico.

Sejam quais forem os sentimentos expressos: investigação, rivalidade, agressividade, culpa, é importante não considerá-los com o que representam para os adultos e sim, reportar-se à heterogeneidade do eu nos primeiros anos de vida, onde o nascimento de um irmão pode ser medido através dos efeitos na identificação.

O ciúme infantil, em si, nada tem de patológico. Geralmente não evolui de um sentimento interior de perigo ante mecanismos de identificação que podem impulsionar a criança tanto a renunciar, momentaneamente, aos seus progressos para retornar ao estágio do bebê, quanto a fazer uso de defesas que a levam a mostrar-se agressiva - em verdade, nada mais que uma proteção narcísica que defende o direito de viver.

Porém, quando o ciúme infantil é a expressão de dificuldades não resolvidas de um dos pais, entramos no campo da patologia.

Tomemos o exemplo de X:

URSO DE A.

DISCURSO DE A.
EM RELAÇÃO A X.

DISCURSO DE X.

s meus irmãos são dois. O mais velho e outro dois mais moço."

Tu tens outro filho!

Vamos falar um pouco do teu irmão!

Minha mãe sempre dizia: "O homem é que é amigo da mulher. Nisto ela tem razão: eu tenho um relacionamento muito melhor com o P."

"-Ele é um amor! Meigo. Super Humilde. Não me dá nenhuma incomodação."

"- Ele é uma peste! É um saco de guri. Para a minha mãe ele pode tudo."

Para ser amigo, precisa ser homem, a filha mulher não é?

"-Ele é o queridinho. Eu não!"

O que X é?
Uma mulher!

Eu acho que eu sentia muito ciúme deles."

Como reagiu a X quando o irmão nasceu?

Achava que me faltava algo."

"O que quer uma criança é fazer-se desejar da mãe: para que a mãe goste dela é necessário e suficiente ser o falo." (Lacan)

Ficou com muito ciúme, pedia que a gente devolvesse.

Algo poderia faltar a uma menina para ser digna do amor da mãe?

Eu não podia me descuidar um pouquinho. Sei lá o que ela podia fazer ...

Desde o nascimento, o irmão de X foi amparado pelo fantasma materno da plenitude, que fez dele um objeto narcísico, confortável como está e onde está!

Esta filha libidiniza por sua mãe?

Nós até compramos uma cama nova para a X para dar o berçinho para o P.

E X?

Quando eu tinha 15 anos o irmão resolveu assumir o lugar do meu pai. Só que meu pai não estava ali e não tinha nada que se passava na minha vida."

X é insatisfatória para suprir o desejo de sua mãe, tal como outrora A. também o fora.

Qual era o lugar do Pai nessa família?

"-Ele é meu amigo."

Minha mãe sempre falou muito sobre meu pai com muita raiva."

O pai não está presente senão pela sua lei que é a palavra não é senão na medida em que sua palavra é reconhecida pela mãe que ela toma o valor de Lei. Se a posição do pai é posta em questão, a criança permanece submetida à mãe.

"-Ela morre de ciúmes dele."

Porém, sabemos que aqui se faz necessário uma atualização do processo de identificação com o progenitor do mesmo sexo:

Eu acho que a minha mãe me ligou para mim."

"-Eu gosto mais do P. Claro, todas as mães gostam mais do filho homem."

Ao identificar-se com seu objeto de amor, introjetando-o, este deixa de existir fora dele como rival e passa a fazer parte de sua estrutura interna.

Ele (meu irmão) sempre foi o queridinho."

- A minha mãe dizia isto e está certo.

Cabe perguntar:

Como se configurou a identificação de X com sua mãe?

2.3.3 - O Complexo de Édipo

Considerado fundamental para a compreensão da Teoria Psicanalítica, o Complexo de Édipo é um conceito mais problemático do que se pensa à primeira vista.

Algumas posições teóricas tendem a oferecer uma visão traumática do mesmo, visto que o constituem como um somatório das marcas que, desde muito cedo, afetam um sujeito, conferindo uma espécie de estereotipia às relações vinculares.

Tal interpretação é perigosa porque tende a fazer uma redução da abrangência do complexo a um esquema do tipo: amor ao progenitor do sexo oposto e ódio ao outro. Cabas (1982) nos diz que isto é uma simplificação do enunciado que facilmente beira à tolice.

No enfoque Freud-Lacanian, o Complexo de Édipo representa um mito.

O que significa um mito?

Se vamos à etimologia da palavra, veremos que ela leva a marca de uma época em que o intelectualismo grego já havia restringido a mentalidade primitiva (muthos: palavra).

De fato, se o mito pode expressar-se através da linguagem é, antes de tudo, porque representa uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento e ainda, como nos

diz Van der Leeun:

"uma forma de pensamento, uma forma essencial de orientação; mais ainda, uma forma de vida."⁴⁹

Para Lévi-Strauss, "um mito está simultaneamente na linguagem e além dela", e mais:

"(...) um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados, (...) mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro."⁵⁰

Para Jacques Lacan:

"O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é enquanto a palavra progride, que ela a constitui. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir - e isto, de um modo mítico. É neste sentido que se pode dizer que aquilo em que a teoria analítica concretiza a relação intersubjetiva, e que é o Complexo de Édipo, tem um valor de mito."⁵¹

⁴⁹ GUSDORF, Georges. *Mito y Metafísica*. Buenos Aires, Editorial Nova, 1965. p.18.

⁵⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. p.241.

⁵¹ LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Lisboa, Assírio & Alvin, 1987. p.47.

A Psicanálise foi buscar no Mito de Édipo a tradução, sob a forma simbólica, do sonho mais antigo e permanente dos homens.

O mito de Édipo é, pois, uma formação imaginária. Uma colocação em imagens do drama do sujeito. Tal colocação apóia-se sobre as imagens do incesto e da morte do pai.

Muitas das polêmicas relativas ao Complexo de Édipo dizem respeito à incompreensão de que o conceito se estrutura a partir da dupla referência: ao Simbólico e ao Imaginário.

O Édipo é o drama inconsciente de um ser que deve tornar-se Sujeito e que só o conseguirá na medida em que, através da aceitação da Lei, entra na corrente cultural, tendo, como decorrência, acesso ao Registro Simbólico e à Linguagem.

A sociedade está presente na família, onde o pai, representante da Lei, deverá impedir, através da sua palavra, a fusão do filho à mãe. O filho, identificando-se ao pai, recebe um nome e um lugar na constelação familiar: restituído a si mesmo, o filho descobre que está para se fazer no e para o mundo da Cultura, da Linguagem e da Civilização.

2.3.3.1 - O Complexo de Édipo em Freud

Embora Freud não introduza a expressão "Complexo de Édipo" antes de 1910, sabemos que a problemática já era admitida na linguagem psicanalítica anteriormente.

Em uma carta enviada a Fliess, em 21 de setembro de 1897⁵², Freud relata que, por muitos meses, estivera refletindo sobre a dificuldade de acreditar que os atos pervertidos contra crianças fossem tão gerais e que a responsabilidade dos mesmos recaísse, em especial, sobre os pais das referidas crianças.

De acordo com Laplanche & Pontalis (1983), a descoberta do Complexo de Édipo, há muito preparada pela análise de seus pacientes, efetua-se para Freud no decorrer de sua auto-análise, que o leva a reconhecer em si o amor pela mãe e para com o pai um ciúme em conflito com a afeição que lhe dedica.

O seguinte trecho, que foi extraído da carta dirigida a Fliess em 15 de outubro de 1897, anuncia a idéia relativa à Universalidade do conflito:

"... Sendo assim podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex ... Mas a len-

⁵² A carta de nº 69 encontra-se à página 69 e segs. no Volume Um das *Obras Completas*, a saber:

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

da grega apreende uma compulsão que toda a pessoa reconhece porque sente a sua presença dentro de si mesmo."⁵³

Em 1899, quando estudava o "Caso Dora", Freud volta a referir a articulação do Complexo de Édipo ao mito grego, quando escreve:

"Mostrei pormenorizadamente em alhures que em idade tenra a atração sexual se faz sentir entre pais e filhos e expliquei que a lenda de Édipo, provavelmente, deve ser considerada como uma representação poética daquilo que é típico nestas relações. Traços distintos podem provavelmente ser encontrados na maioria das pessoas com uma inclinação precoce desta espécie - a filha em relação ao pai ou o filho em relação à mãe, mas deve-se presumi-la mais intensa desde o início, no caso daquelas crianças cuja constituição as marca para a neurose, que se desenvolvem prematuramente e que nutrem desejo insaciável de amor."⁵⁴

Certamente não foi fácil para Freud introduzir a idéia que as constelações psíquicas que reaparecem à consciência do doente podem constituir um mito. Corajosa sua tentativa de difundir a idéia que o poder traumatizante de uma situação qualquer, não resulta apenas de seu caráter intrínseco, mas da possibilidade deste evento, que ocorre em um contexto histórico, psicológico e cultural determinado, induzir a uma cristalização afetiva que se desenvolve em uma estrutura psíquica pré-existente!

⁵³ Idem, p.358.

⁵⁴ FREUD, Sigmund. *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.54. 1ª ed. original (1905[1901]).

No Capítulo V da *Interpretação dos Sonhos* (1900), ao discutir o papel desempenhado pelos pais na gênese das dificuldades emocionais de seus filhos, Freud analisa o mito de Édipo à luz dos pressupostos da teoria psicanalítica.

Encontramos à página 278:

"... É o destino de todos nós, talvez, dirigir o nosso primeiro impulso sexual no sentido de nossa mãe e o nosso primeiro ódio e o nosso primeiro desejo assassino contra o nosso pai. Nossos sonhos nos convencem que é isto que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou seu pai Laio e casou com sua mãe Jocasta, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos de infância ... Como Édipo vivemos na ignorância desses desejos, repugnantes à moralidade, os quais foram forçados a nós pela Natureza e, depois de sua revelação, podemos todos nós muito bem procurar fechar os olhos às cenas de nossa infância."⁵⁵

O próprio Freud, em nota de rodapé acrescentada em 1914, faz referência à polêmica desencadeada no círculo psicanalítico, pelo fato de haver sido feita alusão à permanência no inconsciente dos impulsos infantis em relação ao incesto.

Mas foi somente em 1910, em um texto intitulado *Contribuições para a Psicologia do Amor*, que a expressão Complexo de Édipo foi empregada por Freud nos seus escri-

⁵⁵ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.278. 1ª ed. original 1900.

tos.

Encontramos no texto intitulado *Dois Verbetes de Enciclopédia* (1923[1922]) uma citação que não só reafirma a universalidade do Complexo de Édipo, mas ainda destaca a importância que desempenhará na vida futura do adulto a sua elaboração. Foi graças à descrição ampla do Complexo de Édipo que Freud conseguiu explicar a ambivalência com o progenitor do mesmo sexo através do funcionamento dos componentes homo e heterossexuais e, não apenas, como resultado de uma situação de rivalidade.

"Em anos muito precoces da infância - aproximadamente entre as idades de 2 e 5 anos - ocorre uma convergência dos impulsos sexuais da qual, no caso dos meninos, o objeto é a mãe. Esta escolha do objeto, em conjunção com uma atitude correspondente de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como Complexo de Édipo que em todo o ser humano é da maior importância na determinação da forma final da sua vida erótica. Descobriu-se ser característica de um indivíduo normal aprender a dominar o Complexo de Édipo ao passo que o neurótico nele permanece fixado."⁵⁶

A revelação de que ao redor dos quatro anos as pulsões genitais determinam uma espécie de puberdade psicológica, em contraste com a prematuração fisiológica desta época, foi uma contribuição da Psicanálise. Vale destacar a impossibilidade material de uma criança para a

⁵⁶ FREUD, Sigmund. *Dois verbetes de enciclopédia*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.290. Vol.XVIII. 1ª ed. original (1923[1922]).

concretização do incesto, muito embora as pulsões sexuais fixem o seu desejo ao progenitor do sexo oposto e a frustração decorrente da impossibilidade de sua realização seja atribuída ao progenitor do mesmo sexo.

O Complexo de Édipo tem, pois, a sua base nas pulsões genitais e o seu ponto nodal na frustração das mesmas.

Assim vejamos: a frustração sofrida pela criança é acompanhada com muita freqüência por uma sanção educativa cujo principal alvo é a repressão das pulsões sexuais e nesta etapa, em especial, a sua realização masturbatória. Mas, ao mesmo tempo, através da própria relação familiar, ela adquire uma certa intuição daquilo que lhe é proibido. Este duplo movimento faz com que o progenitor do mesmo sexo apareça aos olhos da criança como o agente da interdição sexual e como o exemplo da sua transgressão.

Qual o destino destas pulsões?

A tensão assim criada se resolve, de uma parte, através da repressão da tendência sexual, dando origem à instância superegóica; e, de outro lado, pela sublimação da imagem parental que perpetuará na consciência um ideal representativo - o ideal do ego.

Estas duas instâncias que se inscrevem no psiquismo para sempre: o Superego e o Ideal de

Ego⁵⁷, representam o acabamento da crise edipiana.

Em *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]), Freud dá destaque à necessidade de serem feitos relatos separados do desenvolvimento do Complexo de Édipo em sujeitos de sexo diferente, visto que a constatação das diferenças anatômicas traz, para as meninas, conseqüências diferenciadas.

Esta idéia já havia sido esboçada em *Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* (1925):

"Na menina, o Complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações de Castração o precedem e o preparam. A respeito da relação existente entre os Complexos de Édipo e de Castração existe um contraste fundamental entre os dois sexos. Enquanto nos meninos o Complexo de Édipo é destruído pelo Complexo de Castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido pelo Complexo de Castração. Esta contradição se esclarece se refletimos que o Complexo de Castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade."⁵⁸

O acontecimento mais significativo do Complexo de Castração feminino é a separação da mãe, porém com a

57 Ideal de Ego - este conceito designa, em Freud, as representações culturais e sociais, os imperativos éticos, tal como são transmitidos pelos pais.

58 FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *O Ego e o Id.* Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.318. 1ª ed. original 1925.

particularidade de se constituir na reedição de outro momento que culminou com o corte do vínculo mãe e filha, através do desmame. Segundo Freud, uma vez que tal separação é dolorosa, ela traz em si a marca do ressentimento de ter sido deixada na insatisfação. Este ressentimento antigo desaparece sob a égide do recalque, porém reaparece agora no momento em que a menina precisa separar-se da mãe. A raiva de outrora é reativada sob a forma de hostilidade e rancor em relação a mãe, que ela responsabiliza por tê-la feito mulher. Esta atualização dos antigos sentimentos experimentados em relação à mãe assinalam o final do Complexo de Castração.

Em 1931 Freud escreveu a monografia intitulada *Sexualidade Feminina* (1931). Neste texto encontramos a seguinte passagem:

"Nas mulheres o Complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela castração."⁵⁹

Partindo deste trabalho Freud começa a enfatizar a idéia relativa à necessidade de analisar, de forma diferente, a evolução do Complexo de Édipo em meninos e meninas.

Neste texto aparece a expressão "pré-edipiano"

⁵⁹ FREUD, Sigmund. *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v.XXI. p.264. 1ª ed. original 1931.

para designar o período de ligação exclusiva à mãe. Para o autor, esta fase é muito mais significativa para as mulheres do que para os homens, uma vez que considera possível explicar muitos dos fenômenos da vida sexual feminina, se nos reportarmos a esta etapa de vida.

"Com muitas mulheres, temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissiparam numa luta com suas mães.

À luz do exame (do Édipo Feminino) anterior, concluiremos que sua atitude hostil para com a mãe não é consequência da rivalidade implícita no Complexo de Édipo, mas se origina na fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edipiana."⁶⁰

A referência acima encontra eco na análise do discurso da mãe de X, A.

Assim vejamos. Embora afirme gostar muito do esposo, podemos identificar que o relacionamento vem sendo marcado por ameaças (explícitas ou não), brigas, separações e sanções. Os mesmos indicadores são encontrados no relacionamento atual e pregresso com a mãe, avó de X. Tomemos alguns exemplos extraídos das entrevistas:

⁶⁰ Idem, p.265.

"Ameaça"

. Casal:

"Ele disse que para eu ter o filho que era dele eu precisava casar." (com ele)
 "Se eu não casasse eu teria que fazer um aborto."

. Mãe:

"Ela até hoje se mete na minha vida. Fica dizendo se tu fizer isto, vai acontecer aquilo. Pensa que eu ainda sou a criança que aceitava tudo, que ficava com medo - pensa que sou incapaz de tomar qualquer decisão correta."

Separações

. Mãe:

"Eu não cheguei a conviver com meu pai ... Ele separou-se da mãe quando eu tinha quatro anos ... Eu senti muita falta dele quando ele foi embora ...
 ... Hoje, olhando para trás, acho que sei porque ele a deixou ... Ela realmente é uma pessoa muito difícil para se relacionar e a gente conviver."

. Casal:

"Nós nos separamos. A X. ficou com o pai e o irmão. Acho que uma das coisas da X é que, até hoje, ela não aceitou que eu e o pai dela voltássemos."

"Brigas"

. Casal:

"A gente tem brigado muito. Ultimamente todas as brigas lá de casa são por causa da X."

. Mãe:

"Sempre briguei muito com ela." (a mãe)

"Sanções"

. Mãe:

"Tem vezes que eu brigo com ela e passo uns tempos sem falar."

. Casal:

"A gente morou na mesma casa mas ele não tocava em mim ... Uns três meses ... Eu queria transar com ele, ele queria transar comigo mas na hora nenhum dos dois cedia."

Parece-nos que esta mulher reedita, no seu casamento, em relação ao marido, muitas das condutas já apresentadas em relação à mãe.

Trazer à consideração aspectos como a repressão sexual e sexo psíquico e, ainda, submetê-los a um drama que se desenrola na família, era fornecer a mais significativa contribuição ao estudo das interdições que regulam as relações familiares.

Freud chegou a formular uma teoria da família que se fundava em uma assimetria, identificada desde as primeiras investigações sobre a evolução de meninos e meninas durante o Complexo de Édipo.

Em função da chamada "inveja do pênis", Freud estabelece que a menina trata de competir com o menino. Tal idéia fica clara através da seguinte citação:

"Se, durante a fase fálica tenta obter prazer como um menino, pela estimulação manual de seus órgãos genitais, com frequência acontece fracassar em obter satisfação suficiente e estende os julgamentos de inferioridade de seu pênis atrofiado a todo o seu eu. Via de regra, cedo desiste da masturbação, visto não ter desejos de ser lembrada da superioridade de seu irmão ou companheiro de brincadeiras e volta as costas completamente à sexualidade."⁶¹

E como se dá o declínio do Complexo de Édipo nas meninas?

Interessante observar que nas meninas, mais do que um declínio, ocorre uma passagem da carga libidínica a uma totalidade, a um homem, dele assumindo também o Superego ao respeitar a sua autoridade.

"Em seu ressentimento ... abandona a mãe e coloca em lugar dela outra pessoa, como objeto de seu amor - o pai. Se se perdeu um objeto amoroso, a reação mais óbvia é

⁶¹ FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.222. 1ª ed. original(1940[1938]).

identificar-se com ele, substituí-lo dentro dela própria, (...) mediante a identificação. Este mecanismo vem agora em auxílio da menina. A identificação com a mãe pode ocupar o lugar de ligação com ela. A filha se põe no lugar da mãe como sempre fizera em seus brinquedos, tenta tomar o lugar dela junto ao pai, e começa a odiar a mãe que sempre amara, e isto por dois motivos: por ciúme e por mortificação pelo pênis que lhe foi negado. Sua nova relação com o pai pode começar tendo por conteúdo um desejo de ter o pênis dele à sua disposição, mas culmina noutro desejo - ter um filho dele como presente."⁶²

Cabe formular, aqui, algumas perguntas:

A adolescente X, em plena vivência edípica, foi afastada do convívio familiar, tendo oportunidade de encontrar-se com o pai, a mãe e o irmão apenas nos fins de semana.

Como terá X experimentado este afastamento?

Que conseqüências psíquicas decorreram desta atitude tomada pela mãe?

Que tipo de relação esta mãe estabelecia com a filha que lhe permitiu "escolher" o filho que ela desejava que permanecesse junto com ela?

Terá sido "por acaso" que X realizou, aos 15 anos, uma tentativa de suicídio que, de acordo com a mãe, foi mais uma "coisa para chamar atenção"?

⁶² Idem, p.222.

2.3.3.2 - Complexo de Édipo em Lacan

"Instalar-se no Registro Simbólico da linguagem e da família, representa para a criança a circunscrição da sua individualidade no seio do grupo familiar e da sociedade global. Isto representa encarregar-se de si mesma, uma realização pessoal."⁶³

O Complexo de Édipo é, para Jacques Lacan, o que permite definir, mais particularmente, as relações psíquicas na família humana. É graças a ele que se dá a transformação radical e universal que habilita a criança fazer a passagem da relação especular própria do Registro Imaginário para a relação mediata característica do Registro Simbólico.

Em páginas anteriores, o Estádio do Espelho foi analisado pormenorizadamente. Nos permitiremos, no entanto, relembrar que naquela etapa a criança via, no outro, apenas uma imagem com a qual se identificava e se confundia. Lacan conferiu destaque ao período, não só porque o Estádio do Espelho constituía-se em testemunha de uma relação dual, mas porque a sua observação revela a importância da passagem para relação triádica.

O advento da ordem simbólica supõe que se verifique uma ruptura da relação inaugural do sujeito (mãe-

⁶³ LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro, Campus, 1989. p.123.

-infans, na qual um é o outro e vice-versa), supõe a intervenção de um terceiro elemento (que no caso é o pai) que representa a lei.

Assim, o pai, ao intervir na díade como o representante da Lei e da Cultura, impede que se verifique a fusão desejada.

A proibição do incesto, em nossa cultura, atribui ao sujeito um lugar no sistema de relações.

"É o símbolo que faz o homem", ensina Lacan. O que transforma o ser biológico num sujeito humano é o fato de ser introduzido neste sistema de relações, onde passa a ocupar um lugar.

Lacan se propõe a descrever o modo de inscrição da função paterna no aparelho psíquico e sua eficácia em relação ao Complexo de Édipo. Para tal, introduz a expressão "Metáfora Paterna" e, a partir da análise da função do pai no trio que forma com a mãe e a criança, propõem-se a explicá-la.

A compreensão da Metáfora Paterna implica tecer algumas considerações sobre o objeto, ao redor do qual gravita a metáfora do Nome-do-Pai: o falo.

FALO

O termo "Falo", dificilmente encontrado no texto

freudiano, é por vezes utilizado para expressar "o estágio fálico" que representa um momento particular do desenvolvimento da sexualidade infantil, durante o qual culmina o Complexo de Castração.

Outras vezes, o termo falo tem sido reduzido ao órgão genital masculino numa clara referência ao pênis procriativo.

Coube a Jacques Lacan elevar o vocábulo "Falo" à categoria de conceito analítico. É nesta acepção que será usado neste trabalho.

Assim, vejamos: o objeto fálico é antes de tudo um objeto cuja natureza é ser um objeto significante.

"Afirmar com Lacan que o falo é o significante do desejo é lembrar que todas as experiências erógenas da vida infantil e adulta, todos os desejos humanos, permanecerão marcados pela experiência crucial de se ter tido que renunciar ao gozo com a mãe e aceitar a insatisfação do desejo. Dizer que o falo é o significante do desejo equivale a dizer que todo o desejo é sexual e que todo o desejo, em última instância, é insatisfeito."⁶⁴

Lembramos que no campo psicanalítico não devemos confundir "sexual" ou "sexualidade" com genitalidade. Os termos dizem respeito ao fato essencial da vida libidinal, ou seja, as satisfações são sempre insuficientes quan-

⁶⁴ NASIO, Juan David. *Os 7 conceitos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989. p.36.

do referidas ao mito do gozo incestuoso.

De acordo com Laplanche & Pontalis, o objeto fálico é sempre usado em referência a uma função simbólica "desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva"⁶⁵.

Quando lemos esta citação é preciso tornar claro que o elemento organizador da sexualidade humana não é o órgão anatômico, mas a representação construída com base nesta parte do corpo. Lacan sistematizaria a dialética em torno do falo através dos conceitos de falta e de significante.

O fato de reconhecer a primazia de um órgão em um momento determinado da evolução psíquica implica, desde o princípio, reconhecer que o problema não se situa no fato biológico de ter ou não ter um pênis, mas ao nível do que esta falta é capaz de desencadear e de representar subjetivamente.

Ao fazer referência a uma falta, necessariamente nos reportamos ao Registro Imaginário. A criança se dá conta da diferença entre os sexos a partir do que ela supõe ser uma falta. Uma falta que se relaciona ao objeto fálico: objeto imaginário, sustentado e alimentado pela criança que considera *FALTA* o que ela imagina, que deveria estar presente em todas as criaturas.

⁶⁵ LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Op.cit., p.225.

O falo é pois a representação psíquica inconsciente que resulta de três fatores:

. Fator Anatômico: em função da forma peniana, fisicamente proeminente, sua percepção se impõe à criança através de sensação tátil e visual;

. Fator Libidinal: a imensa carga libidinal acumulada na zona peniana desencadeia através da manipulação sensações prazerosas;

. Fator Fantástico: a angústia provocada pela fantasia de que o referido órgão possa ser extirpado.

A angústia decorrente do temor à castração é tão crucial que o fato impõe a sua marca em todas as experiências erógenas. Porém é importante ressaltar que, na concepção lacaniana, a castração não se define apenas pela ameaça provocadora da angústia no menino, nem pela constatação de uma falta na menina - ela se define, essencialmente, pela separação entre a mãe e a criança.

Lacan destaca três momentos importantes para a estruturação do Complexo de Édipo.

O primeiro momento corresponde ao período em que o desejo da criança permanece inteiramente sujeitado ao desejo da mãe.

Esta relação fusional é o produto da posição assumida pela criança que, ao identificar-se com a mãe,

identifica-se com o que ela supõe que é objeto de desejo da mãe. E o que a criança supõe que falta à sua mãe?

Justamente o falo - este objeto suscetível de satisfazer a falta do outro.

Assim:

"Num primeiro tempo a metáfora paterna age em si porquanto a primazia do falo é instaurada na ordem da cultura. A existência de um pai simbólico não depende do fato de que em uma cultura dada tenha-se mais ou menos reconhecido o vínculo entre o coito e o parto, mas que se tenha, ou não, algo que responda a esta função definida pelo nome-do-pai. Neste primeiro tempo o menino trata de identificar-se com o que é objeto de desejo da mãe: é desejo do desejo da mãe, e não somente de seu contato, de seus cuidados; mas existe na mãe algo mais que a satisfação do desejo do menino, por trás dela se alinha toda esta ordem simbólica: o falo."⁶⁶

Podemos dizer que neste período ao identificar-se com o objeto de desejo do outro, dependente, assujeitada, a criança ainda não está situada individualmente. Ao confundir-se com o objeto de desejo da mãe, ao fundir-se com a mãe, de quem o bebê, neste momento, constitui-se em um prolongamento, damos conta de um sujeito ainda por se instituir - não assumiu ainda a sua individualidade, a sua subjetividade e o seu lugar no sistema de relações.

⁶⁶ LACAN, Jacques. *Formaciones del inconsciente*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1972. p.86.

"Este é o tempo da captação imaginária (identificação à mãe pela via da identificação com o objeto de seu desejo) e o reinado do narcisismo primário."⁶⁷

O segundo momento do Édipo constitui-se a partir da época em que a figura do pai é sentida como privação.

Lacan, em *Formaciones del Inconsciente*, diz que:

"A experiência nos demonstra que o pai, considerado como aquele que priva a mãe do objeto fálico (...) representa um papel essencial no transcurso do Complexo de Édipo."⁶⁸

A privação imposta pelo pai tem um duplo sentido: do ponto de vista da criança, priva-a do objeto de seu desejo, uma vez que ele se apresenta como alguém que tem direito à mãe. Esta intervenção é sentida pela criança como uma frustração. Esta frustração obriga a criança a questionar a sua identificação ao falo e, ao mesmo tempo, renunciar à idéia de ser objeto de desejo da mãe. Simultaneamente, o pai priva a mãe de seu objeto fálico.

⁶⁷ LEMAIRE, Anika. Op.cit., p.128.

Narcisismo Primário - De acordo com Laplanche & Pontalís, o termo designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. Originalmente, não existe uma unidade comparável ao eu; este só se desenvolve muito progressivamente. O primeiro modo de satisfação da libido seria o auto-erotismo, isto é, o prazer que um órgão retira de si mesmo; as pulsões parciais procuram, cada qual por si, sua satisfação no próprio corpo.

⁶⁸ LACAN, Jacques. *Formaciones del inconsciente*. Op. cit., p.87.

"Em um momento dado da evolução edípica e no plano da privação da mãe, se coloca ao sujeito a questão de aceitar, registrar, simbolizar, tornar significativa esta privação da qual a mãe é objeto. (...) Qual é a configuração especial desta relação com a mãe, com o pai, com o falo e que faz com que a criança não aceite que o pai prive a mãe de algo que é objeto de seu desejo? (...) Esta configuração é nodal. A este nível a questão que se coloca é 'ser ou não ser' o falo."⁶⁹

Aqui aparece nitidamente a figura do pai como o outro que passa a mediar a relação infans-mãe e que se institui como um rival frente a mãe visto ser possuidor do objeto de seu desejo. Rivalidade esta imaginária, uma vez que é no Registro Imaginário que o pai intervém como aquele que priva a mãe, mas de tal sorte importante pois tem o poder de confrontar a criança com a Lei do outro, através da mãe.

Aqui, neste momento, a criança se dá conta de que o desejo de cada um está submetido à lei do desejo do outro. O que isto significa?

Queremos dizer que o fato do desejo da mãe estar submetido à lei do desejo do outro implica que o desejo depende, para a sua satisfação, de um objeto que o pai (o outro) tem ou não tem.

⁶⁹ DOR, Jël. *Introducción a la lectura de Lacan.* Buenos Aires, Gedisa, 1987. p.98

Articula-se a dialética do Ter que se refere ao desejo da mãe (Ter ou Não Ter Falo) com a dialética do Ser que governa o desejo da criança.

O segundo momento do Édipo abre as portas à simbolização da lei que marca o declínio do Complexo. O encontro com a Lei do pai confronta a criança com a problemática da Castração. Importante destacar que para o pai ser reconhecido como o representante da lei se faz necessário o reconhecimento da palavra do pai pela mãe. É a *palavra* que confere a função paterna e não o conhecimento do papel desempenhado pelo homem na procriação!

Lacan, em *Formaciones del Inconsciente*, explicita esta idéia:

"O pai não está presente senão pela sua lei que é a palavra, e não é senão, na medida em que a sua palavra é aceita pela mãe, que ela toma o valor de Lei. Se a posição do pai é posta em questão, a criança permanece submetida à mãe."⁷⁰

Destruída a certeza de que não é o objeto do desejo da mãe, pela função paterna, não resta à criança outra alternativa que a de aceitar que não é o falo e que, à semelhança de sua mãe, não o possui.

Castrada simbolicamente, isto é, afastada da mãe

⁷⁰ LEMAIRE, Anika. Op.cit., p.128.

pelo interdito paterno, a criança renuncia à onipotência do seu desejo e aceita a lei da limitação. O desejo de união com a mãe é recalçado e em seu lugar vem um substituto - aquele que nomeia e ao mesmo tempo transforma - o símbolo.

O passo para assumir a conquista do falo será dado no terceiro momento do Édipo, que dialetiza os períodos precedentes.

No Terceiro Momento do Édipo,

"do qual depende o seu declínio, o pai aparece como aquele que tem o falo e não é tal, reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe e já não mais como objeto de que pode privá-la como pai onipotente."⁷¹

O momento mais importante desta etapa é, sem dúvida, a simbolização da lei, o que vem demonstrar que a criança a compreendeu. O valor desta simbolização está em ser capaz de localizar exatamente o desejo da mãe. A função paterna só será representativa da lei sob esta condição.

A resolução do Édipo introduz a criança na dimensão simbólica, desprende-a da "atadura imaginária" em relação à mãe, lhe confere o *status* de sujeito; o lugar

⁷¹ LACAN, Jacques. *Formaciones del Inconsciente*. Op. cit., p.87.

na família lhe é, em função desta aquisição, conferido. Agora passa a ocupar um lugar no mundo da linguagem, da cultura e da civilização.

"A dialética do ter convoca, inevitavelmente, ao jogo das identificações. Segundo o sexo da criança, a instância do falo incidirá de diferente maneira na lógica das identificações. O menino que renuncia a ser o falo materno toma o caminho da dialética do ter ao identificar-se com o pai que, supostamente, tem o falo. A menina pode abandonar a posição de objeto de desejo da mãe e encontrar a dialética do ter na modalidade do não ter. Pode encontrar assim uma possível identificação com a mãe, uma vez que, como ela, sabe onde está, sabe onde deve ir para encontrá-lo, reconhecendo a figura do pai como aquele que o possui supostamente."⁷²

Para Jacques Lacan, a forma relativa do Complexo de Édipo ou da família não exclui o essencial do que estes fatos representam estruturalmente para a humanização, a saber, a necessidade que tem toda a criança de aceitar que a sua sexualidade é regida por restrições e leis. Precisamente aquelas que possibilitam a continuação da família, tal como a entendemos!

Diz Freud (1930[1929]):

"O amor que fundou a família continua a operar na civilização, tanto em sua forma original, em que não renuncia a satisfação sexual direta, quanto em sua forma modificada, como afeição inibida em sua finalidade. Em cada uma delas, continua a reali-

⁷² DOR, J8el. Op.cit., p.101.

zar sua função de reunir consideráveis quantidades de pessoas, de um modo mais intensivo do que o que pode ser efetuado através do interesse pelo trabalho em comum. A maneira descuidada como a linguagem utiliza a palavra 'amor' conta com uma justificação genética. As pessoas dão o nome de 'amor' ao relacionamento entre um homem e uma mulher cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família; também dão este nome aos sentimentos positivos entre pais e filhos e entre os irmãos e as irmãs de uma família, embora nós sejamos obrigados a descrever isto como 'amor inibido em sua finalidade' ou 'afeição'. O amor como uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda o é, no inconsciente do homem."⁷³

2.4 - A Identificação

No princípio o homem possui apenas o atributo de ser vivo: como tal, é um ser que se define pelo atributo da dependência à satisfação de suas necessidades.

Para conquistar a sua identidade, terá que tornar-se sujeito com consciência de si e, por intermédio de um Outro, que o reconhece, instituir-se como ser desejante.

Desde o princípio o desejo se instaura como desejo de ser desejado.

⁷³ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na Cultura*. Rio de Janeiro, Imago, 1972. p.124. 1ª edição original (1930[1929]).

A relação primeira do eu com um outro é uma relação de "objetivação". É pela descoberta da sua subjetividade, ao apropriar-se da linguagem a partir do outro, que a criança liberta-se, até certo ponto, da alienação à qual se encontra submetida. Isto pressupõe uma caminhada graças à qual a criança tem acesso à ordem simbólica como objeto, para depois situar-se nela como sujeito - fazendo a descoberta de uma realidade "afeiçoada pela ordem simbólica"⁷⁴.

O acesso à ordem simbólica é acompanhado da organização da realidade através da linguagem, onde o sujeito passa a ocupar um lugar.

O lugar que cada um é ou não autorizado a ocupar, a função que cada um desempenha ou não junto ao outro, constituem os elementos de um jogo que se inicia na família.

O sentimento que temos de nosso lugar no mundo está também relacionado à forma que vivenciamos o que esperam de nós e o quanto contamos ou não para um outro.

No outro, procuramos o objeto de nosso desejo a partir das primeiras vivências que tivemos com ele e das marcas que nos deixaram.

⁷⁴ Expressão usada por Maud Mannoni.

O desejo da criança é ser objeto de desejo da mãe. É ser para ela o que satisfaz a falta. É ser desejo do desejo do Outro⁷⁵.

Mas, quem é este Outro?

Uma pessoa? Um lugar?

Ao dizermos que o inconsciente se funda na relação com um Outro, o que pretendemos?

O Outro remete à função da mãe. Mas não necessariamente a mãe biológica, porém fundamentalmente alguém presente como uma referência e com um certo grau de constância: uma referência estável.

Na teoria Lacaniana, o Outro diz respeito:

- a um lugar a ser preenchido ou ocupado por alguém concreto (anônimo, porque não importa quem o ocupe);

⁷⁵ "Desejo do desejo do Outro". Tal afirmação tem um duplo sentido. De um lado, enquanto se toma como desejo próprio aquele desejo que fornece o personagem significativo: Se deseja à imagem e semelhança do Outro. Algo se converte em desejável e, ao obtê-lo, através da identificação que se tem com o outro, nos jubilamos. Por outro lado, não se deseja apenas uma coisa concreta do Outro, senão que também se deseja ser desejado pelo Outro. E este desejo de ser desejado pelo Outro constitui precisamente a causa de que tome o que é desejo concreto do Outro, como se fosse o próprio desejo. Para ser o objeto de desejo do Outro se termina desejando o que o Outro deseja.

- a uma função, a função de referente estável;
- a um código, e, enquanto código, impessoal.

A busca do Outro atualiza-se no Imaginário. Os efeitos desta busca traduzem-se no Real, porque é neste registro que o sujeito experimenta a presença ou a ausência da mãe. As primeiras manifestações das crianças nada mais são que reproduções de sinais de sua mãe. Através da pontuação de perda e de reencontro da mãe, inaugura-se na criança a mola metafórica em que tem origem o pedido.

Lacan explicita que a problemática do desejo, relacionada com a necessidade e a demanda, adquire sentido somente se nos reportamos às primeiras experiências de satisfação, onde Freud identifica a essência do desejo e a natureza de seu processo.

"Graças a Freud podemos imaginar os processos psíquicos que têm lugar durante as primeiras experiências de satisfação. Recordemos que a pulsão somente pode ser conhecida pelo sujeito na medida em que encontra uma solução no aparato psíquico, sob a forma de um representante."⁷⁶

Lacan, seguindo a Freud, contribuiu grandemente para aprofundar a noção de desejo e, entre as mais importantes conclusões a que chegou, é que o desejo só pode ter origem em uma relação com o Outro. O espaço onde o desejo experimenta a sua gênese confere-lhe ainda as suas carac-

⁷⁶ DOR, J8el. Op.cit., p.159.

terísticas de repetição e inesgotabilidade.

Se nos reportarmos à primeira experiência de satisfação, constataremos que a demanda do bebê não se reduz apenas à satisfação alimentar. Ele quer mais que isto - podemos dizer que seu desejo é duplo. Para além da demanda de satisfação da necessidade básica, se perfila a demanda de algo a mais.

Além da satisfação orgânica, ao oferecer alimento, a mãe responde ao bebê com gestos, afagos e palavras que constituir-se-ão em fonte de prazer e prolongado contentamento. É esta a resposta que a faz gozar verdadeiramente. O amor da mãe concede ao bebê um gozo a mais - um gozo extra (en plus).

É este o desejo do filho - ser a única fonte de completude para sua mãe. Em outras palavras, este desejo do desejo do Outro, encarna no desejo um re-encontro com a satisfação originária em que a criança experimentava a satisfação sob a forma do gozo sem havê-la pedido ou esperado. De fato, o caráter deste gozo provém de sua imediatez onde, precisamente, não está mediatizado por uma demanda; desta maneira, a partir da segunda experiência de satisfação, a mediação da demanda confronta a criança com a ordem da perda.

"(...) O surgimento do desejo agora depende da busca, do 're-encontro' com a primeira experiência do gozo. Porém, a partir da segunda experiência de satisfa-

ção, a criança está submetida ao sentido e se vê obrigada a formular uma demanda para fazer escutar seu desejo, tentar significar o que deseja. A mediação de denominação introduz uma inadequação entre o que se deseja fundamentalmente e o que a demanda deixa escutar. É esta inadequação que confere a pauta de impossibilidade do re-encontro do primeiro gozo com o Outro. Este Outro que fez gozar à criança permanece perdido como tal, apesar de ser buscado e de que seu encontro seja algo esperado devido a censura introduzida pela demanda."⁷⁷

A este objeto faltante, irremediavelmente, Lacan denomina objeto a - "testemunho da perda e produtor da falta" - na medida em que nunca mais é possível reencontrá-lo.

O que é Identificação?

Para começar, diríamos que se trata de um conceito fundamental para a Psicanálise, que sofre evolução particular e cujo interesse renova-se nos últimos anos.

Até Freud, a noção de identificação apoiava-se em definições nas quais entravam a consciência e os afetos. O salto teórico do fundador da Psicanálise consistiu em vincular o conceito de identificação ao desenvolvimento do inconsciente. Lacan volta ao texto inaugural e diz que o "que se trata na identificação deve ser a relação

⁷⁷ DOR, JBel. Op.cit., p.166.

do sujeito com o significante"⁷⁸.

Ao nos reportarmos ao texto freudiano, vamos encontrar já na *Interpretação dos Sonhos* (1900), a definição de identificação histérica relacionada com a idéia de desejo insatisfeito. Diz ele:

"A identificação é um fator altamente importante no mecanismo dos sintomas histéricos. Ela permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não somente as suas próprias experiências, como também as de um grande número de outras pessoas: ela lhes permite, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar todos os papéis isoladamente em uma peça."⁷⁹

Alguns anos após (1913[1912]) escrevia *Totem e Tabu* e, ao narrar a celebração do festival totêmico, Freud aborda a identificação ao pai de nossa pré-história. Após haverem assassinado o violento pai, os filhos o devoraram, imaginando assim incorporarem os atributos que nele invejavam, enquanto chefe da horda primeva.

"O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e pelo fato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força."⁸⁰

⁷⁸ FOLBERG, Maria N. *Dialética dos discursos de pais e filhos adolescentes*. Tese de Doutorado, UFRGS. Porto Alegre, 1983. p.33.

⁷⁹ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.1. p.159. 1ª ed. original 1900.

⁸⁰ ——. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1989. p. 170. 1ª ed. original (1913[1912]).

Não se pode reduzir a abrangência desta notável obra à descrição do Festival.

Jean Florence (1988) alerta que o totemismo, cujas regras proibem o incesto e o canibalismo entre os membros de um mesmo clã, influenciou na identificação em três aspectos. O primeiro exige que o sujeito, para adquirir a sua identidade, reprima os impulsos incestuosos através da aceitação da Lei do Pai.

O segundo permite que, através da identificação ao Totem (aceitação da Lei), o sujeito se individualize, receba um nome e socialize-se.

O terceiro transforma, através da identificação ao pai - símbolo do Totem -, a relação com o pai real.

Em 1914, *Sobre o Narcisismo, uma introdução* mostra Freud examinando a dialética entre a eleição narcísica e a identificação.

Mas, o que é eleição narcísica?

É aquela eleição que se caracteriza por ser o objeto escolhido de acordo com o que é o sujeito, foi ou gostaria de ser, ou alguém que alguma vez foi uma parte do sujeito - mãe para filho, por exemplo. Assim, o ego se constituiria, originalmente, por uma identificação com o outro que viabiliza para o sujeito a ilusão de estar diante do seu ego quando em verdade está frente ao outro e vice-versa.

Neste trabalho, cabe dizer, Freud estabelece não só as bases da afirmação de cada sujeito mas ainda trata da relação de cada um com a sua interioridade.

Em *Luto e Melancolia* (1917[1915]), Freud estabelece distinção entre identificação histérica (que é restrita a certas ações e limitada a um traço) das identificações narcísicas (que são resultado das transformações regressivas decorrentes da retirada da catexia libidinal do objeto).

O texto a seguir ilustra a identificação narcisista na melancolia. Através dele antevemos uma atitude crítica do ego contra o objeto de amor destruído ao qual ele se identificou. Este fato tem como corolário a diminuição da auto-estima nos melancólicos, porque a perda do objeto de natureza narcisista aumenta a desvalorização que o sujeito impõe a si próprio.

"Existe num dado momento uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento, a relação objetal foi destruída. O resultado não foi o normal - uma retirada da libido deste objeto e um deslocamento da mesma para um novo - mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado."⁸¹

⁸¹ FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro, Imago, 1980. p.281. 1ª ed. original (1917[1915]).

Jean Florence (1988) estabelece importante contraste entre a identificação oriunda de estados de melancolia e a identificação ao pai primitivo (totêmico).

"A identificação melancólica reconduz aos modos mais arcaicos da ambivalência, divide o ego em uma parte sádica identificada com o objeto e uma outra parte perseguida pelo fantasma do objeto. Em troca, a identificação totêmica instaura uma diferença no ego, um escalonamento entre o ego e o ideal de ego, efeito da incorporação do objeto amado-odiado do qual o ego separou-se. Esta identificação é o caminho para todo o trabalho do luto de um objeto, que faz do ego o depositário, o herdeiro dos objetos que foi obrigado a abandonar enquanto objetos sexuais. A identificação narcísica, transmuta uma relação do Ter em uma relação do Ser, mais original (onde o ego é o objeto)."82

O texto escrito em 1921 - *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* - impõe um repensar: a identificação conquista o *status* de processo fundante e estruturante do ego. Este texto também é notável por conter uma idéia global da identificação em Freud.

"A identificação é conhecida pela Psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel primitivo no Complexo de Édipo."83

82 FLORENCE, Jean. *Las identificaciones*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1988. p.158.

83 FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro, Imago, 1980. p.133. 1ª ed. original 1921.

Iniciando pelo que denominou Identificação ao pai da pré-história individual, Freud apresenta-a como incorporativa e ambivalente, à semelhança da identificação ao chefe da horda primeva, esta primeira ligação afetiva, que prepara o menino⁸⁴ para o Complexo de Édipo, a um só tempo comporta amor e rivalidade ao progenitor do mesmo sexo.

"A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém."⁸⁵

Para Freud, esta primeira identificação pode ser comparada com a fase oral da organização da libido. Para ele, "chegar a ser como um outro" é uma assimilação oral.

Esta referência teórica nos permite imaginar como se interiorizam na criança as primeiras impressões na

84 Em 1923, ao retomar o problema da identificação com o pai, Freud diz: "Isto nos conduz de volta à origem do ideal de ego, por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai na sua própria pré-história pessoal" (p.45).

Este destaque cabe, uma vez que em 1921 enfatizara que a primeira identificação com o pai é tipicamente masculina. E quanto às meninas, o que aconteceria? Ficariam elas submetidas à ligação anaclítica até quando? Porém, em nota de rodapé acrescentada posteriormente (1923) esclarece: "Talvez fosse mais seguro dizer com os pais, pois antes da criança ter chegado ao conhecimento da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe" (p.45)

85 FREUD, Sigmund. Op.cit., p.133.

relação com seus pais. Não passaria impune o amor, a carícia, o afago, o abraço; nem tampouco a indiferença, os maus tratos, o desprezo. As primeiras relações afetivas de um sujeito deixam marcas. Voltemos ao texto para melhor compreender o que queremos dizer: "a identificação é (...) a mais remota expressão de um laço emocional"⁸⁶.

E quanto a X e N, nossas adolescentes suicidas?

A mãe em especial é quem, através da palavra, dos gestos, dos afagos, deveria "contar" às meninas o que eram, como eram, o que seriam. Mas o script traiu aos atores. Algo não deu certo! Estas mães estavam "cansadas", "não sabiam", "não queriam estar ali".

O primeiro agente identificante, o primeiro organizador da vida psíquica da filha sentia-se desconfortável no seu papel.

Esta ação identificante, sabemos, não pode ter a sua abordagem reduzida. Ela se expressa na palavra, no gesto, nas atitudes, nas expressões que adquirem significado. "No espelho dos olhos da mãe" a criança se vê pela primeira vez.

E eis aqui o que Lacan destaca como a primeira relação de identificação: o Estádio do Espelho, onde a

86 Idem.

a criança, na busca de si mesma, do sentido de sua vida, investirá sua libido em tudo que a possa representar.

Sob a égide do Estádio do Espelho o sujeito inicia a construção de si mesmo, fundamentada numa relação entre vivências desconectadas, despedaçadas, características de um certo período de vida e, por outro lado, numa unidade com a qual a criança se emparelha e se confunde.

"Esta unidade é aquilo em que o sujeito se conhece pela primeira vez."⁸⁷

Lacan mostra, através do Estádio do Espelho, como o infans, submetido a uma total dependência motora, em sua limitação quanto à palavra, se encontra e se fascina com a imagem que o cativa.

Metáfora de uma relação especular, Lacan faz uso da Física para mostrar-nos, na ótica do narcisismo, como um outro - imagem - opera como estruturante do Ego. A criança olha-se nos olhos da mãe e ali se reconhece em uma imagem; em uma imagem de outro que a mãe tem dele e que ele chegará a ter de si. Ao identificar-se com este outro desejado pelo narcisismo parental, constitui o seu Eu. A identificação primária, como sabemos, é, para Lacan, a identificação com o desejo da mãe.

⁸⁷ LACAN, Jacques. *O Eu na teoria de Freud e na técnica de psicanálise*. Livro 2. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. p.69.

Orientamos, a partir de agora, o nosso pensamento para a seqüência progressiva das identificações:

- identificação primária narcísica e
- identificação edípica.

A identificação primária, assim como o mito da horda primeva, é uma construção teórica porquanto é somente assim que nos é dado compreender o sujeito inconsciente - a matriz simbólica em que o Eu se precipita.

Enquanto construção teórica é de difícil acesso dadas as suas características quanto à inobservabilidade e arcaísmo. Acreditamos que, ao lado das fantasias e das repressões primárias, elas sejam concomitantes à estruturação do inconsciente.

No capítulo III d'*O Ego e o Id*, Freud escreve que, a princípio, a catexia e a identificação são indistinguíveis uma da outra, posto que se concentram numa só representação psíquica. Desta forma, dois laços psicologicamente distintos subsistem lado a lado, sem que haja influência ou interferência mútua. Nesta etapa, ainda não está estruturada a diferença entre Eu/Não-Eu e, como tal, entre catexia de objeto e objeto de identificação, o que só irá acontecer após um processo de clivagem, onde um "operador" permitirá a cisão, dando origem às identificações edípicas.

Esta estrutura intermediária que possibilitará

a disjunção é o Narcisismo, que opera de acordo com o seguinte esquema bifásico: na primeira fase, catexia e identificação coincidentes em um só objeto - os pais; na segunda fase, frente a ameaça imaginária à catexia desencadeada pelos constantes afastamentos do objeto,

"o sujeito recupera a catexia que repousa sobre si mesmo e precipita a constituição do Ego. Por este princípio, a catexia se instala no Ego, enquanto que a identificação ficou encravada no objeto qual se produziu a clivagem."⁸⁸

Com efeito, a criança submete-se de forma passiva às exigências do mundo que a cerca, exigências que chegam até ela através da linguagem.

Em um determinado momento, o filho se dá conta que a mãe não é sua propriedade exclusiva, uma vez que ela também deseja fora dele. Esta constatação constitui-se em uma ferida no narcisismo da criança, posto que imaginava, até então, ser tudo para ela. A partir de agora, tratará de fazer-se amar pelo outro, fará tudo para reconquistar o seu amor, porém para que tal aconteça terá que submeter-se a determinadas exigências que nada mais são do que as representações culturais e sociais, os imperativos éticos tal como são transmitidos pelos pais. Estas exigências conduzem à identificação. Identificação

⁸⁸ CABAS, Antônio G. Op.cit., p.201.

com um modelo - o ideal de Ego - que lhe é proposto. Neste sentido, as identificações primárias funcionariam como uma *matriz simbólica*, onde posteriormente a história do sujeito deverá ser escrita a partir das inscrições primeiras feitas pelos pais.

A metáfora do Nome-do-Pai, considerada a encruzilhada estrutural, permite não só o acesso ao simbólico, mas instaura no sujeito uma divisão psíquica irreversível.

O sujeito, através da linguagem, na medida em que se institui como ser falante, aliena uma parte de si mesmo, divide-se.

Freud nos fala de "Ichspaltung". Lacan, ao fazer uso deste termo, precisa-o. Para ele, "spaltung" responde a uma divisão que converte o aparelho psíquico em um sistema subjetivo plural: de um lado o sujeito do inconsciente - o sujeito do desejo; de outro, o sujeito do discurso consciente⁸⁹.

Ao introduzir o princípio fundamental e radical da divisão, Lacan quebra a primeira ilusão. O significante não é coincidente ao significado; existe diferença entre o significante e o pensamento.

⁸⁹ FOLBERG, Maria N. *Reflexões sobre a dialética da gêse do Eu ou a constituição do sujeito*. Porto Alegre, Movimento, 1984. p.33.

É o Estádio do Espelho, através de sua função estruturante, que comporta e possibilita a dialética entre a alienação e a subjetividade.

Neste período, o sujeito é mais o seu duplo do que ele mesmo e isto perdurará até o instante que a ordem simbólica lhe devolver, no Universal, a sua função de sujeito.

"Eu sou o que penso que sou. Eu penso que sou aquele reflexo da imagem que se destacou, que se instituiu como eu e que está continuamente se re-instituindo pelas renovadas silhuetas pelas quais me afirmo. É preciso sujeitar-se para ser sujeito. Sujeitar-se à Lei do Pai que separa, que discrimina, que liberta e permite o acesso ao Simbólico. Simbólico que mediatiza o Real e o Imaginário e, como tal, favorece o desvio da verdade, instaurando o recalque originário.

Escreve Lacan que a ordem simbólica é a ordem terceira, isto é, organiza-se entre o sujeito e o mundo real e pode ser usada sem referência empírica."⁹⁰

Compete ao simbólico realizar o homem cultural e socialmente, normalizar - ou seria normatizar? - seus impulsos. Normalizar a agressão e a sexualidade. O homem é obrigado a "ser como". O molde é o outro, o referente está no outro. Os sentimentos são modelados em referência ao outro ou contra o outro. O outro julga, reconhece.

Cada etapa do devir humano em que o homem é obri-

⁹⁰ LEMAIRE, Anika. Op.cit., p.111.

gado a modelar-se em referência ao outro equivale a uma morte de parte de si mesmo.

Já no Estádio do Espelho, ao tentar ser seu duplo, aparece esta tendência para a morte, tal qual Narciso que afogou-se por tentar fundir-se com a imagem que o cativava.

"A alienação do ego é sempre correlativa a um sacrifício, o sacrifício da verdade de nós mesmos."⁹¹

Dividido em si mesmo o homem busca, a vida inteira, resolver a discordância que a "spaltung" estabeleceu: Sujeito do enunciado e Sujeito da enunciação.

O enunciado é o que digo de mim: "*eu não sou mais a filha ideal*", desabafa Y. Conclusão dolorosa a que chegou a partir de um conjunto de situações vividas com um outro que a constituiu.

Y é o que é, através dos pais. Resultado do que sobrou dos pais, que lhe pedem amor - por dever.

Para Lemaire, o Ego não é o sujeito, está mais próximo do personagem, do papel ...

De certo modo, existe uma oposição entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. Oposição

⁹¹ Idem, p.235.

que só vem corroborar a evidência da divisão do sujeito.

A distinção entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação remete diretamente ao que Lacan refere ao postular que "a verdade do sujeito só pode ser dita a meias".

Assim, o discurso não pode ser reduzido ao seu dizer explícito, uma vez que por trás dele está o outro de nós mesmos - aquele que ignoramos e insistimos desconhecer ...

3 - METODOLOGIA

3 - METODOLOGIA

3.1 - Caracterização do Estudo

Este é um estudo que visa buscar maiores esclarecimentos sobre a relação que se pode estabelecer entre a tentativa de suicídio de adolescentes e as figuras parentais no processo de identificação.

Por este motivo, não comporta a apresentação de hipóteses apriorísticas. É, pois, um estudo exploratório.

Encontramos em Tripodi:

"Estudos exploratórios são investigações de pesquisa empírica que têm como finalidade a formulação de um problema ou questões, desenvolvendo hipóteses ou aumentando a familiaridade de um investigador com um fenômeno ou um ambiente para uma pesquisa futura mais precisa. A intenção de esclarecer ou modificar conceitos, também pode ser predominante."⁹²

Tendo em vista o número muito reduzido de pesquisas nesta área e, em especial, estudos realizados sob

⁹² TRIPODI, Tony et alii. *Análise da pesquisa social*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

o enfoque deste trabalho, não partimos de um levantamento de hipóteses mas, ao contrário, sugerimos que, a partir desta, outras investigações sejam realizadas tanto para aprofundar conhecimentos, quanto para testar prováveis hipóteses futuras.

O método utilizado nesta pesquisa define-se como qualitativo, não apenas por não apresentar dados estatísticos numéricos, mas principalmente porque pretendeu refletir sobre as relações que se estabelecem entre o Sujeito e o Mundo dentro da perspectiva de cada um.

Para este estudo consideramos adequada a Etnometodologia, uma vez que, como encontramos em Folberg:

"A Etnometodologia nasceu e se desenvolveu a partir da proposta do estudo da realidade objetiva dos fatos sociais *tais como estão acontecendo*. Desta forma, privilegiando o presente, o estudo se constrói sobre um passado histórico efetivo. A Etnometodologia reflete sobre estes fatos, procurando destacar seus pressupostos formais. Nesta reflexão os fatos da vida são 'contabilizados' e seu registro permite o estudo de suas características diferenciadoras em uma perspectiva presente."⁹³ (o grifo é nosso)

Considerando-se o foco desta dissertação, é pertinente o estudo de caso pois ele nos possibilitará estudar a conduta individual dentro de um contexto social. O

⁹³ FOLBERG, Maria N. Etnometodologia: um método para o estudo das características culturais. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, 9(3):81-6, set./dez. 1984.

fundamental será a tentativa de analisar os diferentes aspectos da situação como uma estrutura orgânica. Não privilegiamos fatores isolados e sim o significado que cada um deles assume dentro de uma rede de significação.

Segundo Tarandach (1978), é da exaustiva descrição do que acontece atualmente que o investigador se habilita a extrair o processo vital que faz o grupo ser o que é.

3.2 - Constituição da amostra

Sabe-se que numa pesquisa qualitativa, a escolha dos sujeitos é feita de forma intencional em função de critérios que nada têm de probabilísticos, que correspondem à escolha do pesquisador, ressalvada a profundidade do estudo, prioritária a quantidade e tamanho da amostra.

Para Thiollent:

"Na verdade é o indivíduo que é considerado como representativo pelo fato de ser ele quem detém uma imagem particular da cultura à qual pertence. Tenta-se apreender o sistema, presente de um modo ou de outro em todos os indivíduos da amostra, utilizando as particularidades das experiências sociais dos indivíduos, enquanto reveladores da cultura tal como é vivida."⁹⁴

⁹⁴ THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1980. p.169.

Considerando-se ainda as características do método, que preconiza o aprofundamento da compreensão de cada uma das entrevistas, Lévi-Strauss destaca que:

"a necessidade de proceder a um estudo detalhado de cada caso conduz como consequência à restrição do número de casos que se poderiam considerar."⁹⁵

A constituição da Amostra atravessou dois momentos:

1. seleção das Instituições escolares e
2. seleção dos Sujeitos para pesquisa.

As Instituições Escolares foram escolhidas mediante os critérios abaixo relacionados:

- . pertencer à Rede de Ensino Público Estadual de Porto Alegre;
- . caracterizar-se por ser Escola de 1ª e 2ª Graus;
- . possuir Serviço de Orientação Educacional em funcionamento.

A seleção dos Sujeitos que compuseram a Amostra foi feita a partir dos critérios determinantes do Universo:

⁹⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. p.326.

- . idade entre 14 e 18 anos;
- . residir com a família;
- . ter realizado pelo menos uma tentativa de suicídio ou ter manifestado comportamento que sugeria a sua concretização.

Cabe destacar que, através da Portaria que estabeleceu o QPE-Especial 88, visando dotar a Escola de "recursos humanos adequados, suficientes e necessários", houve uma reformulação no Quadro de Pessoal das Escolas Públicas do Rio Grande do Sul.

Os Orientadores Educacionais, em sua quase totalidade, são funcionários públicos detentores de cargo de professor, visto que apenas em uma oportunidade houve ingresso, mediante concurso de títulos, para o quadro de Especialista em Educação.

Com a implantação do QPE/88 os Orientadores Educacionais foram retirados do SOE e passaram a desempenhar a função de professores. A consequência trágica foi a drástica redução de serviços em funcionamento, o remanejamento de pessoal (os novos orientadores nem sempre conheciam os casos) e a dificuldade para entrar em contato com sujeitos para pesquisa.

Foram entrevistadas três adolescentes, do sexo feminino, e suas famílias. A obtenção deste número de ca-

sos, ainda que reduzido e inferior ao que inicialmente fora previsto, foi difícil e trabalhosa.

3.3 - Procedimentos para a constituição da amostra

Da população de alunos com idade entre 14 e 18 anos, que residiam com a família, através do contato com o SOE, a pesquisadora identificou quatro casos.

Após a constatação da existência de casos que atendiam aos critérios exigidos para pertencer à Amostra, a pesquisadora entrou em contato com as adolescentes e depois com suas famílias. Neste momento, a adolescente Z, caso identificado com a dialética do *TER* e do *SER* no processo de identificação, não concordou que mantivéssemos contato com sua mãe, o que redundou em não utilização do material coletado.

3.4 - Procedimentos para coleta de dados

Para a coleta dos dados foram utilizadas entrevistas não-diretivas. Tínhamos claro que esta modalidade iria favorecer um aprofundamento dos tópicos abordados, na medida em que permitiam que o conteúdo sócio-afetivo emergisse através de produções verbais que eram reveladoras dos valores, das normas, dos símbolos e representação de

uma cultura ou instituição cultural. Neste estudo fizemos uso de duas abordagens da entrevista não-diretiva: a semi-estruturada e a centrada.

De acordo com Thiollent:

"... a informação conseguida pela entrevista não-diretiva é considerada como correspondendo a níveis mais profundos, isto porque parece existir uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer. A liberdade deixada ao entrevistado (...) facilita a produção de informações sintomáticas que correriam o risco de serem censuradas num outro tipo de entrevista."⁹⁶

Junto aos orientadores educacionais, utilizamos entrevistas semi-estruturadas, que se caracterizaram por um pequeno número de perguntas abertas. A partir destas, nos propusemos refletir sobre a atuação dos Serviços de Orientação Educacional nas Escolas Públicas, de forma a contribuir para uma nova postura dos orientadores educacionais diante das dificuldades que eles atendem.

Utilizamos a entrevista centrada (*focused interview*) no contato com adolescentes e seus pais. Tal escolha repousou na crença de que ela permitiria ao entrevistado discorrer livremente sobre sua experiência pessoal dentro dos temas abordados.

⁹⁶ THIOLENT, Michel. Op.cit., p.180.

Para Thiollent:

"a profundidade da entrevista permitida pela não-diretividade é ligada à sua capacidade de facilitar a produção de significações fortemente carregadas de afetividade, mesmo quando se apresentam sob estereótipos: o que nós procuramos pôr à luz, de fato, é a lógica subjacente às associações que, a partir da instrução inicial, irão levar o entrevistado a abordar tal ou qual tema, a voltar atrás, ou progredir para outros temas."⁹⁷

A gravação das entrevistas, à vista dos participantes, permitiu maior fidedignidade dos registros.

3.5 - Análise dos dados coletados

Após a realização das entrevistas elas foram transcritas. A gravação neste momento permitiu a reprodução de tudo o que aconteceu. Os lapsos, os risos, os silêncios, as hesitações, a emoção, também se constituíram em elementos importantes para a análise do texto, pois são reveladores de um sentido que ultrapassa o manifesto verbal.

Cada uma das entrevistas foi analisada e interpretada no sentido de compreender a relação que cada sujeito estabelece com o mundo que o cerca.

⁹⁷ Idem, p.85.

Observamos que à medida que aumentava a confiança entre o entrevistado e o entrevistador iam sendo explorados, em profundidade, temas apenas citados anteriormente, mas que eram justamente aqueles em que se articulavam o jogo das forças sociais que operam nos indivíduos, sem que estes se dêem conta, e o jogo da subjetividade cuja parte consciente é apenas uma pequena fração da verdade.

Para Jacques Maître (1980), a fase da leitura das entrevistas, para trazer à luz os modelos culturais latentes, exige, tecnicamente, uma atitude semelhante à "atenção flutuante" dos psicanalistas.

A atenção flutuante se refere ao modo como deve ser feita a escuta psicanalítica: não devendo privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso do sujeito, o que implica que deixemos funcionar o mais livremente possível a nossa própria atividade inconsciente e suspendamos as motivações que dirigem habitualmente a atenção.

Este procedimento corresponde a uma estratégia de retardamento de categorização.

Este retardamento tem como função atenuar o efeito da tela mistificadora produzida pelas classificações que suas ideologias respectivas impõem ao sujeito e ao pesquisador na superfície dos seus discursos.

Cumprе dizer que a análise das entrevistas visa

compreender a relação que cada sujeito estabelece com o que o cerca.

É importante ressaltar que a análise do texto não pretendeu se fixar apenas nos seus aspectos psicológicos, mas também nos aspectos sociais, pois ambos encontram-se estreitamente relacionados e influenciam-se mutuamente em todos os instantes da vida familiar. Destacamos ainda que, ao inserir-se em um contexto social mais amplo, a família assume características inerentes a este contexto.

A dinâmica adotada para a interpretação das entrevistas previu a análise do discurso da mãe e da adolescente em separado, à luz do referencial teórico.

Procedida a escuta dos adolescentes, constata-se que sua história atual é precedida, *invariavelmente*, por um passado de dificuldades em suas relações interpessoais, familiares e escolares, o que vem confirmar que a adolescência, com seus lutos, só faz reativar conflitos não resolvidos anteriormente, assim como a idéia, por nós defendida, de que a adolescência será um processo mais doloroso para aqueles sujeitos que estão inseridos em um contexto familiar desestruturado.

Os casos foram identificados de acordo com o seguinte:

* N - o caso nº 1 - Compulsão à Repetição ou Solidão - o retorno a um estado conhecido;

* X - o caso nº 2 - O Inconsciente é o discurso do Outro;

* Y - o caso nº 3 - O Interdito imaginário da fala.

4 - ESTUDOS DE CASO

**4.1 - As tentativas fracassadas
de suicídio**

4.1.1 - O caso de N

Em 31 de dezembro, N, 18 anos, realizou uma tentativa de suicídio. Foi encontrada pelo pai que a trouxe para o Hospital de Pronto Socorro onde permaneceu até 04 de janeiro.

Uma primeira entrevista com esta adolescente e seus pais constituiu o estudo piloto para esta dissertação. Porém, dada a significação do tema escolhido, optamos por acompanhar este caso durante algum tempo. Nosso objetivo foi ouvir mais profundamente a história de N e de sua mãe, a fim de que pudéssemos encontrar os sintomas relativos ao sistema de valorizações afetivas, de regras sociais, de códigos simbólicos interiorizados pelo indivíduo durante a sua socialização e sua relação eventualmente conflitiva, com as diversas dimensões de uma experiência atual que ele partilha com muitos outros.

A utilização de entrevistas não-diretivas permitiu que este conteúdo sócio-afetivo emergisse através de produções verbais reveladoras; ao mesmo tempo, da cultura e da subcultura própria e de certos mecanismos que presidiram a sua constituição.

Foram realizadas 8 entrevistas para este caso. Todas elas foram consideradas em sua totalidade e integridade.

. *Identidade*

N, 18 anos, na época da tentativa de suicídio era solteira, estava na 8ª série do 1º grau; religião umbandista(?).

. *História*

A gravidez precipitou o casamento de C e R, adolescentes. N é a filha mais velha, tendo mais cinco irmãos. O mais moço não completou um ano, ainda.

Os pais de N separaram-se quando ela contava seis meses de idade. Este fato determinou que fosse morar com avós maternos na companhia da mãe e de uma irmã que nasceu algum tempo depois. Ali permaneceu até a idade de 8 anos, embora a reconciliação dos pais tenha ocorrido e eles tenham se mudado para Porto Alegre.

O retorno de N à família deveu-se à necessidade da mãe de repartir o cuidado dos filhos menores.

A vinda para a casa paterna significou deixar para trás não só uma situação econômica mais favorecida e uma relação afetiva bastante intensa com a avó, mas ainda assistir a troca de lugar com sua irmã B que, nas palavras de N, "ocupou um lugar que era seu de direito".

Segundo a mãe, N foi uma adolescente muito rebelde. Aos 12 anos começou a namorar um rapaz que brigou com ela 3 anos depois. Após um tempo, envolveu-se com ou-

tro rapaz numa relação com características sado-masoquistas. Acompanhada por ele, foge de casa. A família fez várias tentativas para localizá-la que não surtiram efeito. N, após algum tempo, volta espontaneamente para casa.

A relação com os pais é conturbada, quase não conversam, a relação com o namorado entra em crise. Após uma briga precedida de atrito familiar em função do namorado, N ingere grande dose de tranqüilizantes, o que determina a sua hospitalização.

. *Sinais e Sintomas Prévios*

. Mediatos: dificuldades para elaborar a separação da avó, rebeldia, tendência ao isolamento, dificuldades de relacionamento, dificuldades escolares, fugas de casa, abandono da escola, ódio ao corpo.

. Imediatos: irritabilidade, agressividade verbal, intenso sentimento de culpa.

. *Comunicação*

Embora fizesse ameaças veladas ao namorado, foi somente após a briga que concretizou a sua tentativa de suicídio. Tinha, no entanto, sentimentos de que a vida não valia a pena longe da avó.

Não deu indicações prévias de que pretendia se matar, mas "esqueceu" os envelopes dos medicamentos sobre

a pia do banheiro, o que permitiu que a família providenciasse um rápido atendimento.

. *Resposta aos Familiares*

Os pais manifestaram grande preocupação na época da tentativa de suicídio, responsabilizando o namorado pelo fato. As primeiras entrevistas foram facilitadas pela família. N, no entanto, começou a evitar o contato com a pesquisadora, após o casamento, que aconteceu de forma inesperada.

O pai de N concordou em conversar com a pesquisadora apenas uma vez.

DATA: OUT - Nº 1
ENTREVISTADA: N

ESTRUTURAS
SIGNIFICANTES

E - Como é a vida da senhora N. Fala-me do teu marido.

Como eu conheci ele? Depois que eu tive aquela coisa lá, né, eu comecei a trabalhar na farmácia. Aí eu conheci o C. A gente era colega de serviço. Quando chegou o carnaval uma amiga minha que morava lá onde eu estou morando agora, sabe - me convidou para eu ir pular carnaval. Eu não estava muito afim, mas fui. Fomos ao Clube. Dias antes havíamos ido ao cinema e o C convidou a gente para conhecer o GTC. A minha amiga já conhecia, agora eu nunca tinha ido lá. Morava aqui, o clube era lá. Ele insistiu e a gente acabou indo. Nós duas pois ele chegou lá pelas 4h da manhã. Só que neste meio tempo apareceu um cara que começou a insistir muito comigo.

C
↙
↘
colega de serviço

↘
eu não estava afim

↘
mas apareceu alguém que queria ficar comigo e então, para fugir, fiquei com C

↘
Como C entra na vida de N?

E - Insistir contigo?

É, encher o saco, queria ficar junto. Eu estava ficando apavorada e o cara perdendo a paciência. A minha amiga é que tava afim dele. Mas o cara não desgrudava. Eu já tinha dito que tinha namorado, mas o cara não largava. Aí chegou o C na festa. Eu olhei para ele e disse: - Viu, chegou o meu namorado! Nem era namorado nada. Eu é que inventei para me ver livre do outro. E aí começamos a namorar. Escondido.

↘
como quem a salva de situações difíceis

E - Escondido de quem?

Do pessoal da farmácia. É proibido namoro no serviço. Mas aí era uma luta sô. Porque era no serviço.

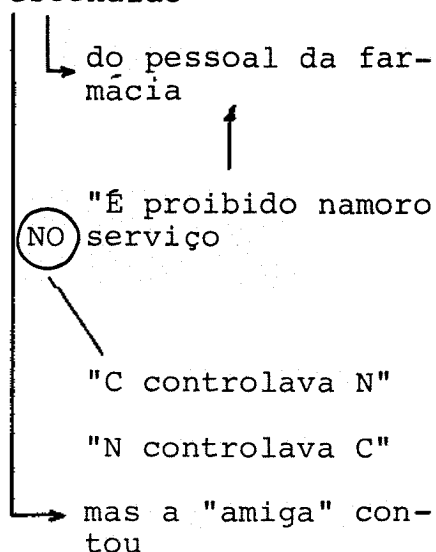
E - Por quê?

Ah, se eu ia atender alguém e conversava mais um pouco ele já queria saber tudo. Se ele fazia alguma coisa eu também brigava com ele. Aí depois, esta mesma guria - bem dizer traiu pelas costas - contou para o gerente.

E - E daí?

Bem, daí a gente tinha que fazer alguma coisa. Aí o gerente queria me transferir. Pedi a ele que não fizesse isto - que me pusesse na rua de uma vez. A gente já estava com o casamento marcado até. O gerente me disse que não podia me despedir, mas em compensação me mandou lá para outra farmácia no bairro Azenha. Aí eu disse: - Eu não vou ficar aqui. O C lá no centro e eu aqui. Pegando o ônibus Restinga. Eu disse pra ele: - Me põe noutra, aqui eu não fico. Ele me transferiu para outra loja. Olha, sem mentira, a tal farmácia era menor que isto aqui (a peça onde estávamos mede ± 2x2m). Eu já havia trabalhado um ano em farmácia antes daquilo, né. E disse: - Me troca daqui que eu vou lá para outra. Fui então para a Salgado Filho. Passei por três farmácias. Não fiquei nem 15 dias. O C me disse que eu fizesse de tudo para sair. Mas eu reagi. Não queria. Porém fiquei doente. Tava atendendo o caixa - não era este o meu serviço - por isto pedi um dia para sair.

Começamos a namorar escondido



Qual o destino das amizades de N?

trair

Gerente

transferiu-a para outra loja

longe do C
longe do controle do C

transferida novamente

"Olha, era menor que isto aqui"

O que apertava N?

Foi para Salgado Filho

O C queria que eu saísse do emprego

Tava com uma gripe forte. Como já eram 5h da tarde ele me mandou ir direto.

E - Ele quem?

O gerente lá. Eu fui mas eles não me deram atestado. Daí quando eu cheguei no outro dia eles me botaram para rua. Mas aí tudo bem. Eu nem dei bola. Daí depois veio o casamento. Daí tudo.

E - Quando foi o casamento?

Dia 23 de abril.

E - E aí? Paraste de trabalhar?

Parei de trabalhar. Tive doente. Uma gastrite. Uma gastrite, a coisa mais horrível! Aí não podia tomar comprimido. Não podia fazer nada! Aí ... Depois que eu fiquei nunca mais tive nada. Só esta dor nas costas.

E - E esta gastrite quando começou?

Começou no dia ... Olha, começou um pouquinho antes. Mas no dia do meu casamento ... Olha, eu não falei pra senhora! Coincidência! No dia do meu casamento eu fui pra lá de novo.

E - Para lá, onde?

Foi assim. Nós viemos pra cá. Nós comemoramos lá na tia, sabe. O pai comprou um monte de carne, um monte de coisa. Um bolo grande. Sobrou um monte de coisa. Eu comi o dia todinho. Aí de noite eu passei mal. Não tinha médico. Todo mundo ficou apavorado. O C não sabia para onde me levar. Aí me levou para o HPS. Fiquei uma hora lá. Me deram

eu não queria eu reagi

Fiquei "doente"

"eles me botaram para rua porque faltei"

Mas tudo bem, eu nem dei bola. Eu ia casar.

Não trabalhar tinha preço

Casar tinha preço

Gastrite

Começou um pouquinho antes, mas no dia do casamento

"COINCIDÊNCIA"

Fui para HPS

O pai comprou

carne

bolo

um monte de coisas

"eu comi o dia todinho"

|||

injeção, um monte de coisa, soro. Depois me mandaram para casa.

E - Tu comeste demais?

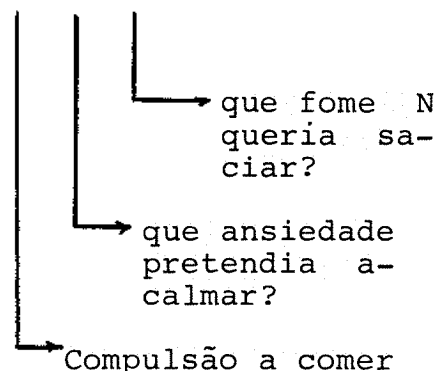
Bah! Eu é que tive azar demais, parar lá. De novo! Depois a gente foi lá pra mãe dele. Porque logo que a gente casou não tinha para onde ir. Ficamos duas semanas na minha sogra até alugar ali onde a senhora conhece. Depois disto eu não tive mais. O médico me entupia de remédio. Remédio. Remédio. Aí depois que eu fiquei grávida eu nunca mais tive dor. Daí melhorei. Eu tava que era um palito, pois eu não comia. Não podia comer nada. O médico disse que estava quase virando úlcera!

E - E agora, N, como tu ocupas o teu tempo?

Agora. Agora só saio. Vou na minha sogra, venho para cá, vou no Centro às vezes. Fim de semana é que a gente sai mais. Mas agora tenho parado. Não tenho roupa. Nada mais me serve. Eu não posso comprar nada.

E - Vamos falar do C. Como é ele?

Ah! O que que posso dizer? C é assim: Ele é tri legal! Bah, demais! Mas tem uma coisa: pisou no dele ele não gosta. Qualquer coisinha que eu fizer errado ele não gosta. Ele comigo é tri legal. A única vez que a gente brigou feio mesmo foi agora quando eu viajei para L no dia dos pais com o pai. Eu fui lá pra minha avó. Eu adoro ir para lá. É a coisa que eu mais gosto! O pai ia. Aí eu disse: - Ah, não, eu vou junto! Tá, ele me deu dinheiro. Disse que



Isto, de certa forma, foi preparado - o pai comprou "um monte de comida"

N comeu em grande quantidade, o dia inteiro. Comportamento que parece ter como função impedir o pensamento e satisfazer espaços vazios.

↓
Passei mal

↓
Fui para o Hospital

↑
CRISE BULÍMICA?

Logo que a gente casou, não tinha para onde ir.

↙
Fiquei duas semanas na sogra

↘
Após, alugamos casa

↓
Eu não tive mais "gastrite"

↙
Fiquei grávida

↓
Tomei remédios

ficava uns dias lá, vai. E eu fui. Só que eu combinei voltar na 5ª feira e só vim no sábado. Bah! Deu um rolo aqui em casa. Mas foi a única vez que a gente brigou.

E - Quantos anos tem o C?

Ele tem 23.

E - E sobre o trabalho dele?

Ele continua trabalhando lá na farmácia. Ele não estuda mais. Ele pega às 8, solta às 12, pega às 2 e sai às 6. Ele almoça em casa e 6 e pouco ele já está em casa. Vem ligeirinho.

E - E tu ficas em casa enquanto isto?

Antes eu ficava. Agora não. Tenho vindo mais aqui, na sogra.

E - Fala-me da gravidez. Como está indo?

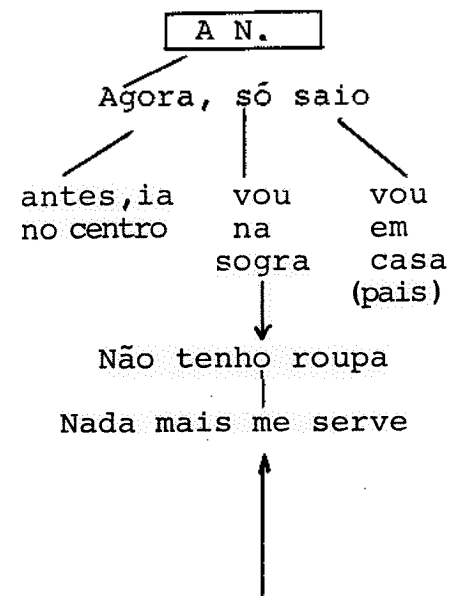
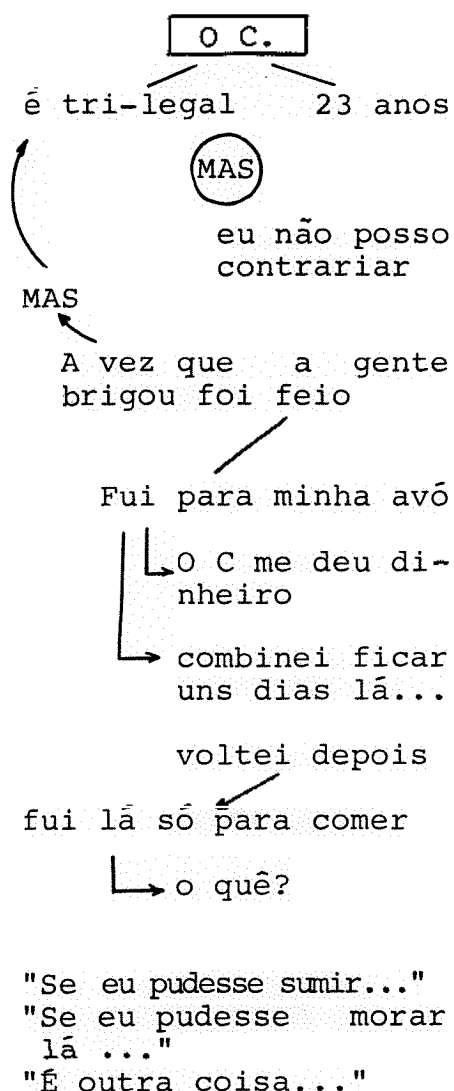
Tá bom.

E - E quando ficaste sabendo?

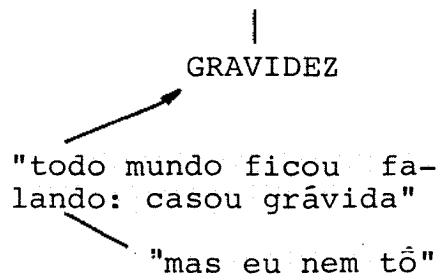
Quando eu fiquei? Fins de maio. Começo de junho, um mês depois que eu casei.

E - Tiveste enjoô, dor de cabeça?

Não. Nem um pouquinho. A única coisa foi que eu fiquei menstruada em 25 de maio e deveria ter menstruado novamente em junho. Mas aí não, né. O meu seio ficou muito



grande. Só isto. Fiquei cheia de estria. Daí fiz os exames, demorou uma semana ainda. Aí o médido confirmou. Todo mundo ficou falando, né. Casou grávida. Mas eu nem tô.



E - Conta-me sobre a viagem à casa da tua avô.

Morar com a vó é bom!

Foi bom! Fiquei uma semana lá. Só comia! Fui lá só para comer. Lá é bom. Eu gosto de lá. É o melhor lugar. Se eu pudesse sumir e morar lá ... eu morava lá, é tri bom! É diferente, sabe? É outra coisa! Tanto que esta aqui (a irmã) morou lá a vida toda, agora veio morar aqui. Quase morre!

Morar aqui é quase morrer!

A avô ainda hoje preenche a função de Outro Absoluto na vida de N

E - Ela não está gostando daqui?

O importante é o lugar de onde o eu fala:

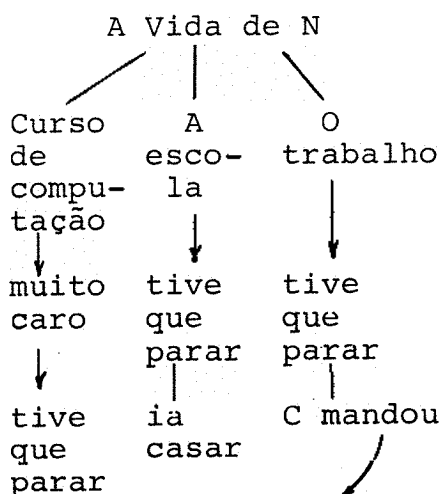
É, não tá gostando. É muita criança. Muita briga. Oh! Já quebrou um pau aí.

↙ "ela" não gosta daqui

↘
muita criança
muita briga

E - E o teu curso de computação?

Parei. Muito caro. Não pude continuar. Tava um tanto quando eu tava fazendo. Depois subiu muito mais. Eu parei de estudar, ia casar, só a farmácia. Trabalhei primeiro na ..., fiquei lá quase um ano. Quando saí fui para ... Mas eu gostava muito do meu serviço! Bah, gostava mesmo.



E - Após o nascimento do nenê, tu vais voltar a trabalhar?

C não deixa. O C não quer. Ele disse que só depois de 2 anos vai deixar. Primeiro ano não. Que criança não sei o quê ... Mas também eu acho

↘
"eu gostava
muito do meu
serviço"

que eu não consigo deixar o nenê.

O que fez N para manter o emprego?

E - O C falou alguma coisa sobre o sexo do bebê?

C não quer que eu trabalhe
C não deixa

Ele quer guri. Deus o livre se nascer uma mulher. Mulher só serve para dar despesa: brinco, calcinha, soutien, modess. Isto é o que ele diz.

Qual é a função de C?

E - Na nossa outra entrevista tu me falaste de um sonho teu. Lembras?

Sonho?

E - É, aquele com a vô.

Ah, eu continuo sonhando com ela. Eu sonho seguido.

SONHOS COM AVÔ

E - E aí?

Ah! É diferente. É que eu tive lá há pouco tempo, né.

O sonho é a estrada real do inconsciente. De forma metafórica (deslocamento / condensação) expressa a realização do desejo.

E - Diferente?

Eu só sonho que eu estou lá. Junto com ela. É diferente.

eu sonho que estou com a minha avô.

E - Tu escreves para a avô?

Sim, eu escrevo. Mas agora quando o nenê nascer eu vou lá junto com o C. Ninguém conhece ele. Só minha avô.

E - A tua vô mora fora da cidade?

Não. Bem no centro. Mas é muito grande. A vida é outra. Não tem que estar sempre se cuidando.

E - Vamos falar um pouco da N
criança.

Eu não me lembro!

E - Quando tinhas 4, 5, 6 anos.

Ah! A única coisa que eu me lembro é que eu brigava muito com esta aí. Me lembro quando ela me cortou com a faca (levanta a manga da blusa e mostra a cicatriz). A gente morou o tempo todo em V. Até os 8 anos eu morei com a vó. Mas acho que era bom, pois não me lembro. Me lembro das pessoas. Me lembro de brinquedos. A minha avó costurava para fora. Aí depois eu vim morar aqui com as crianças com a mãe. A coisa que eu menos queria era isto. Era o castigo da minha vida morar aqui. É muita criança. Em PA ninguém gostava. Aí foi quando ela me deu com a faca. Aí o pai foi lá, me deu a bicicleta, não sei o quê, não sei o quê, me comprou e eu vim embora. Aí nunca mais. Só nas férias. E este ano, eles estão construindo, ela veio morar aqui, mas o ano que vem ela já se muda.

E - Como foi o episódio da faca?

Ah! A gente brigou e ela pegou uma faca e me cortou o braço. A mãe tinha feito uma pizza, eu queria comer, ela não queria que eu mexesse e pegou a faca e me cortou. Daí a mãe me levou para o médico e ela ficou amarrada no pé da mesa e eu solta.

[Interrupção]

N Criança

"eu não me lembro"

até os 8 anos eu morei com minha avó

mas acho que era bom, pois eu não me lembro.

O que faz N com as boas lembranças?

Eu não me lembro

MAS

lembro das pessoas

lembro dos brinquedos

depois vim morar aqui

era o castigo da minha vida morar aqui

o pai me comprou com a bicicleta

A minha irmã não, continua lá

Vai voltar para lá

e EU?

Colocação de limite:

amarrar no pé da mesa

INADEQUAÇÃO AO PAPEL DE MÃE

E - Como era a tua avó?

Era legal. Não vivia desconfiando da gente. Qualquer coisinha.

E - Quem desconfia qualquer coisinha?

A mãe. Quando a gente era gurria. A minha vó nunca foi assim.

E - Tua avó dava mais liberdade?

Não é o caso de mais liberal. Acontece que ela se acostumou com a gente. Sabia como a gente era. Sabia o que tinha ensinado para a gente. O que conversava com a gente. A mãe não. Era mais fechada. Não explicava as coisas. Por isto gostávamos mais dela.

E - E agora, como é a tua relação com a mãe e com o pai?

Ah! É legal. Antes a gente brigava muito. O pai, então, nunca senti ele. Mas depois de tudo. É que a gente ficou amigo.

[Interrupção]

E - Vamos falar do pai.

O pai nunca se meteu.

E - Como nunca se meteu?

Nunca deu opinião. Por ex., se a gente queria sair, ele enchia, enchia, mas deixava. A mãe não. É que sempre foi mais brigona, mais isto, mais aquilo. Depois daquilo de janeiro o pai ficou diferente.

A avó

ela é legal

Se acostumou com a gente
Sabia como a gente era
Sabia o que tinha ensinado para a gente

Acreditava na gente

Desconfia
Não explica
Não conversa
É fechada

A MÃE

Eu gosto mais da vó

N e os Pais

Relação Legal

Antes a gente brigava muito
O **Pai**, então, nunca senti ele

O Pai entra na vida dos filhos através da Mãe

Nunca se meteu
Nunca deu opinião

Ficamos amigos! Bah, perto do que era antes! O pai nunca tinha tempo nem mesmo para conversar. A gente quase nem se via. Agora, com a minha irmã, ele sempre foi mais ... carinhoso com ela.

E - Ele ficou contente com a tua gravidez?

É! Ele fica falando que é para eu me cuidar, me alimentar bem. Procurar um bom hospital.

E - E com a mãe?

A mãe é legal. Agora também está diferente. A gente não briga mais ... como antes. A gente se pegava no pau, bem dizer.

E - Como assim?

Pegava no pau mesmo.

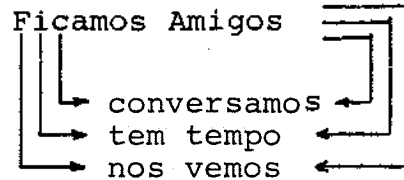
E - Como assim?

Ah, brigava mesmo né. Ela queria dizer uma coisa, eu queria dizer outra ... Agora não. Agora é ela (a irmã) e a mãe. A mãe é assim, ô: longe a gente sente falta, mas perto tá sempre brigando. Ah, é legal, ela vai lá em casa, eu venho aqui.

E - Como percebes a relação do pai e da mãe?

Humm. Não sei! ... Que eu saiba eles nunca brigaram. Brigar assim de se pegar no pau. Só vi brigando, briguinha de frescura. Ele sempre deu tudo pras crianças, pra nós. Hoje

Depois "daquilo" o pai ficou diferente



Porém, o pai de N estava em casa antes "daquilo".

Ciúmes fraternos

com minha irmã ele sempre foi mais carinhoso

Será da relação com o pai que N sente ciúmes?

A mãe

Antes a gente se pegava no pau

Brigava

Agora mudou

MAS

ela incomoda
ela chateia
e tem dias que diz que vai embora

em dia a gente vê. Tem comida, roupa, tudo direitinho. E para a mãe também, porque ele sabe que a mãe tem um gênio! Ela é muito ciumenta, sabe. Ela incomoda e chateia, e chateia. E tem dias que ela diz que vai embora. Mas não vai. Eles se dão bem. Perto de muitos casais e até de mim. Que eu já briguei com o C. A gente quase se separou! Ah, eu não fico mais aqui! Mas não deixa, né. Eles também se dão bem.

E - E a avó e o avô?

Eles se dão bem. Mas o meu vó é muito chato.

E - Por quê?

Porque é o jeito dele. A gente chama ele de "Capitão Caverna".

E - O que faz teu avô?

Ele é aposentado, mas ele trabalha assim. Ele é vereador. Ele é candidato né. Trabalha no Mercado Público. Ele conseguiu pela Prefeitura! Ele é todo envolvido na Prefeitura.

E - Ele é vereador ou é candidato?

É vereador e está se candidatando à reeleição.

E - E tua avó trabalha fora?

Minha avó é costureira.

Pai e Mãe até se dão bem



Eu e o C quase nos separamos



Vô e Vó se dão bem

é chato

"Capitão Caverna"



é aposentado

mas

trabalha no MP

é vereador

Minha avó é costureira



Apesar disto, eu quero voltar para lá

E - E teus outros avós?

Minha outra avó morreu quando eu tinha 5 anos. Ele é da igreja. Então ele pouco vê a gente. Só quando vou lá. Não ficamos junto quase. Ele é para ... Eu não conheço ele direito para falar sobre ele. Eu conheço bem é a família da mãe. Pra começar, a família do pai é tudo meio esquisito.

Avós Paternos

┌
└─ avó já falecida
└─ avó da Igreja

eu não o conheço direito

A família do Pai é esquisita

E - Esquisito como?

O pai já é meio recalcado porque todas as irmãs dele são mãe solteira. Todas elas têm filhos de outro rapaz. Depois casaram com outros. Ele acha que vai acontecer a mesma coisa com a gente. Então passa o tempo todo enchendo o saco. A família do pai é muito esquisita e eu nunca tive muita intimidade. Nunca fiquei tempo com eles. Com a família da mãe é tudo diferente. Eles são alegres. A única chata é a bisavó.

┌
└─ Pai recalcado

┌
└─ Irmãs são mães solteiras

┌
└─ Teme que aconteça conosco o mesmo.

E - Chata por quê?

Porque é velha.

[Interrupção pela mãe]

DATA: NOV - Nº 2
ENTREVISTADA: N

ESTRUTURAS
SIGNIFICANTES

E - Quando começaste a namorar o C fazia pouco tempo que ti-
nhas vivido uma situação bem
difícil. Em 31 de dezembro,
não é?

Bem, depois daquilo assim
eu comecei a trabalhar, não é.
Até esperei a 2ª carta me cha-
mando. Naquela época eu fi-
quei assim, não sabia se ia
ou não.

A mãe dizia: Vai trabalhá. Eu
tava sem saber direito. Que-
ria dar um tempo. Mas depois
fui.

Aconteceu até uma coisa ...
No dia que eu fui lá, começou
a chover bem na hora. Bem na
metade do caminho. Fui ali pe-
lo Necrotério, sabe. Tive que
parar bem embaixo do Necroté-
rio. Daí eu comecei a pensar.
A gente já pensa um monte de
coisa ...

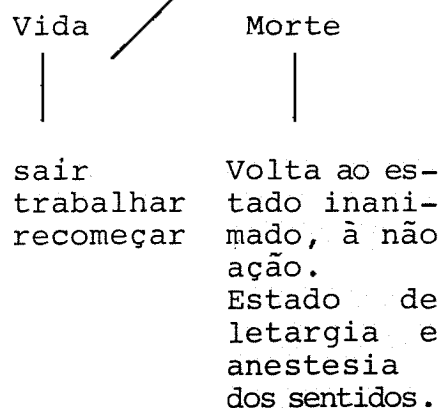
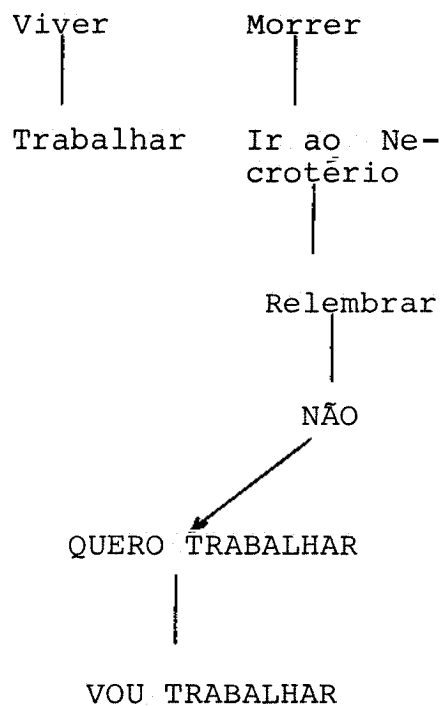
E - Que coisas?

Ah, sei eu o quê. O que podia
ter acontecido e o que não
podia. (muito rápido) E aí
eu disse: NÃO (pausa longa)
Eu quero trabalhar.
Eu vou trabalhar.

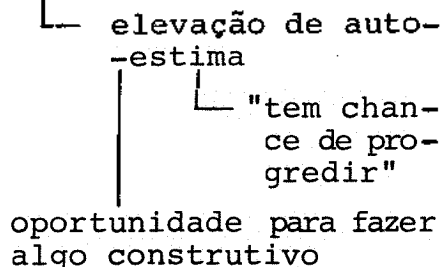
Aí cheguei e fui em frente.
Cheguei lá, falei com a psi-
cóloga - eu não contei aqui-
lo - ela disse que eu tinha
chance de progredir, que ela
ia me dar a filial 10.
Ficou tudo acertado aí.

Mas quando eu cheguei em casa
eu já tinha falado que eu ia
numa excursão pra praia. O
pai me deu dinheiro, tudo. Aí
fui para Cidreira.
Fui e fiquei o dia inteiro no
sol. Eu não sei o que me deu.

Tentativa de Suicídio

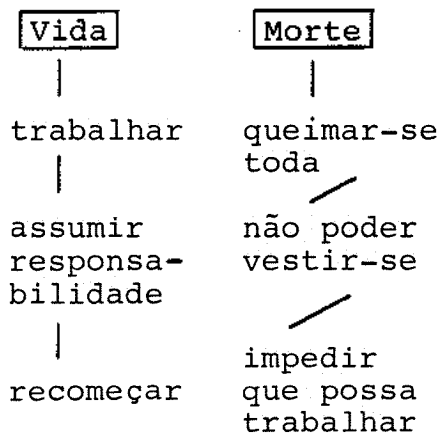


PSICÓLOGA



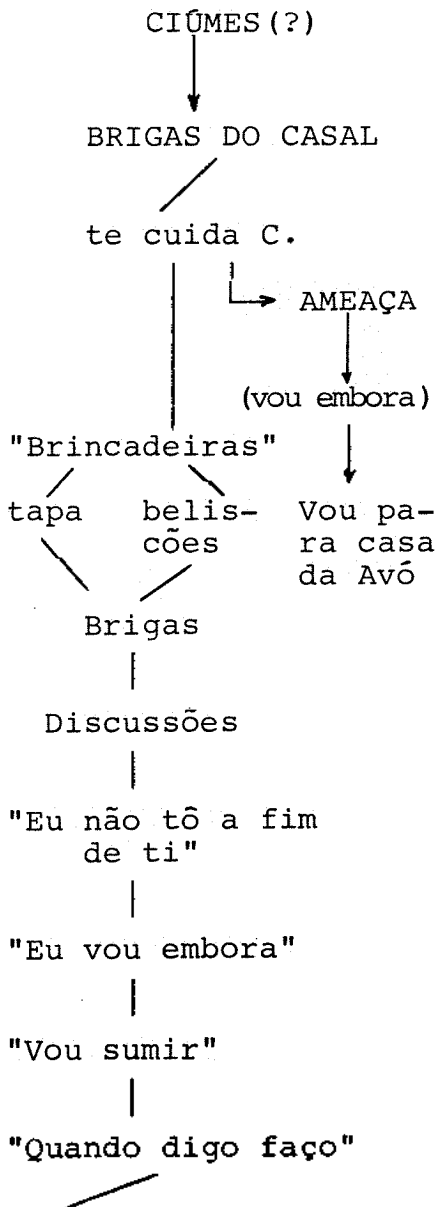
Eu tenho a pele clara. Mas passei o dia inteiro no sol. Acho que queria me torrar. Claro que fiquei toda queimada. Não podia nem com a roupa. Tudo ardia, parecia fogo. Não pude trabalhar daí. Fui lá, eles me olharam e me mandaram de volta pra casa. Me deram um tubo de "SOLARCAINE". Nos meus papéis diz que comecei dia 11, mas de verdade mesmo foi dia 12. E aí fiquei assim ___ quando começou o carnaval eu comecei a namorar o C.

DUALIDADE



E - Em uma das nossas entrevistas tu disseste que tinhas tido uma briga com o C quando viajaste para a casa da vó. Como foi esta briga?

Eu tava grávida ___ Tava com três meses. Eu acho que a briga foi por ci ___ Eu acho não, eu tenho certeza, porque eu conversei com ele sobre isto ___ que ele não gosta ___ não tá acostumado ___ Ele já tava me incomodando há um tempo e era brigas e brigas e aí eu disse pra ele: "te cuida C".



E - Brigas e brigas, por quê?

Ah, frescurinha. Porque eu tava irritada. Todo mundo diz que no começo da gravidez a gente fica irritada. Não podia nem me tocar. O C é muito brincalhão. Tá aqui tá assim, oh (fez sinal de passar a mão nas coxas). É beliscãozinho, é tapinha ... Eu dizia: pára, eu não gosto destas brincadeiras.

E ele:

Ah, não pode nem tocar na donzela, e ria.

- Pára, eu falava. Ele nada.

Eu dizia uma coisa, ele respondia. Até que a gente brincava:

- Pensa que eu tô afim de ti, não sei o que ...

Foi um dia que eu enchi o saco e disse:

- C, eu vou embora, eu vou me sumir.

Eu quando digo, faço.

Ele nem bola!

[Pausa]

Aí, claro, né. Eu fui lá para vó. Pensei, é agora. Ele me paga.

E - Então foi premeditado. Demoraste para dar um susto nele?

Não. Foi e não foi. Porque eu sabia que o pai só ia voltar na 6ª feira e eu disse para o C que voltava antes. Terminei voltando sábado. Azar o dele. Faz o que quer. Pensou que eu não ia voltar mais. E quase que eu não volto mesmo.

E - N, às vezes pensas em voltar para L. e morar com a vó?

Humm ... Humm (gesto com a cabeça - olhos com lágrima).

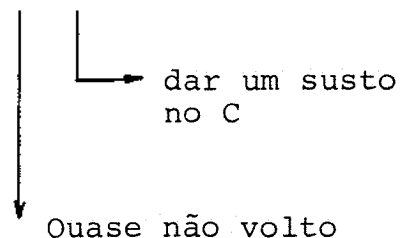
Às vezes o C começa _____
O C é assim: muito bom, muito bom, mas aí de ti que contrarie ele. Então ele fala:
- Olha, N. Eu não quero isto e se tu for fazer, eu não quero mais saber.

E - Do que ele não quer mais saber?

De mim. Separação. Fala só para me assustar.

Já fiz Tentativa de Suicídio
(Morte é Brincadeira)
Casamento é Brincadeira

IDA PARA CASA DA AVÓ



C é muito bom



Não pode ser contrariado

Ameaça abandonar se tudo não sair como ele determina.

E - E ele consegue te assustar com estas ameaças, N?

É. Eu assim né, grávida!
O C é uma coisa assim, ó. A própria mãe dele diz: Tu vai sofrer com ele. Ele é terrível. Terrível quando a gente briga.
Quando eu faço um negócio que ele fica brabo. Bah! Ele faz misérias. Diz um monte de coisas. Não respeita quem tá perto.

E - Mas ele briga só com palavras?

É. Diz coisas. Por exemplo:
Armou um escarcêu estes dias porque eu saí para comprar umas roupas e me atrasei. Eu tinha ficado de me encontrar com ele, lá na mãe dele, às 6 horas. E eu não consegui chegar às 6. Ele ficou furioso. Tava de plantão na farmácia. Quando eu cheguei lá na mãe dele, eu telefonei - ele bateu o telefone no meu ouvido. Todo mundo tava com medo. Quando ele chegou às 10h, veio com um amigo que eu detesto, só pra me irritar. Saiu com o amigo e me deixou plantada na casa da mãe dele.

Ai, que ódio!

Pensa que eu sou criança, me deixou de castigo. Quando voltou brigou mais ainda e só dizia:

- Quando chegar em casa tu vai ver!

Aí, eu comecei a rir da cara dele.

E - Rir?

É. Ele dizia coisas como se eu tivesse passado a tarde com outro cara. Eu gorda deste jeito ... Nem se dá conta das coisas ... Ridículo.

Repete o discurso de impossibilidade de reação da mãe:
E eu assim... Grávida.

C "aos olhos da Mãe"

é terrível Vai te fazer sofrer

C "aos olhos de N"

é terrível causa medo

"Não respeita"

"Diz um monte de coisas"

Veio com um amigo

só para me irritar

me deixou plantada na casa da mãe dele

Me deixou de Castigo

Brigou

Ameaçou

Mas só eu que ri. A mãe dele pensou decerto que ia correr pau.
 Ele dizia:
 Até minha mãe contra mim.
 N. tu vai ver quando nós chegar em casa ... Ameaçando ... ameaçando ... Porque tu vai ver quando tu ganhã este filho. Graças a Deus vou poder me separar ... Porque eu não te agüento mais ... Tu sabe por que eu não me separo de ti? Porque tu tá grávida. E mais um monte de coisa.

E - E tu rias?

Eu dou risada porque eu sei que ele não é de nada! Capaz! Quando a gente veio pra casa eu disse para ele: E agora, o que é que eu vou ver? Tu não ia me bater?
 Tu sabe que eu não sou louco, N.
 Daí no final eu fico de mal com ele.

E - Como é "ficar de mal", N?

Ah, eu não falo com ele e não deixo ele tocar em mim.

E - E ele te procura?

Procura, mas eu mando ele embora.
 Eu digo: Pode ir saindo. Fica me dizendo um monte de coisa e depois quer ...
 Daí ele pede desculpas.

E - Estas cenas são freqüentes, N?

Às vezes.
 Outro dia ele falou uma coisa.

Conduta histérica

Comecei a rir

Eu gorda deste jeito

Ridículo

↳ ridículo(ele)
 ↳ ridículo(eu)

Relacionamento com o Marido

Conflituoso → Ameaça

abandono

não te agüento mais → tu vai ver...

Traço Onipotente

↳ Provocação

Enfrentamento

Bate-me agora
 (conduta sádico-masoquista)

Não sou louco

Relacionamento do Casal

Rejeição

↳ Pode ir saindo

Aí eu disse: tu vai pagar caro por isto ____ Tu vai chorar um tempão por causa disto.

E - O que ele disse?

É ____ Tomara que este podre que tá aí dentro de ti morra. Mas que raiva que ele tava! Aí eu comecei a arrumar as minhas coisas: ia voltar para casa. Ele chegou a chorar este dia. Aí eu digo: bem feito. Fica aí chorando, pedindo desculpa.

E - N, o C te ameaça bastante?

É. Só que eu conheço ele. Eu sei que nunca ele vai cumprir o que tá prometendo.

E - E quando tu eras namorada dele, era também assim?

Olha ____ é bem como ele disse esses dias ____ Quando a pessoa convive com ele, é que descobre que ele é bem diferente. Quando a gente namorava ____ ele só me agradava.

E - N, tu és feliz?

Não sei ____ Acho que isto aí ____ Em namorado isto não apreciava.

Estas brigas ____ Isto é coisa de casal. Todo mundo briga. Até se dão pau! Ele não. Ele fala, fala ... Acho que fala é pra me irritar.

Ele diz o que quer. Eu sei que ele é brabo. É o jeito dele. Fica dizendo: ____ Se tu sair com outro cara tu vai ver só ...

Ciúme. Puro ciúme.

O Filho

└─ "este podre"
└─ "tomara que morra"

É tão importante sentir-se filho do pai quanto o próprio fato de sê-lo. É importante que o nascimento do filho tenha sido desejado pelos seus pais.

Quem é C

quando namorado só agradava quando se convive descobre-se que é diferente ...

O período do namoro e do noivado permite um maior conhecimento do futuro parceiro, porém N não se permitiu este tempo.

N., pela experiência familiar, construiu uma idéia a respeito do relacionamento do casal. Para ela, brigar é traço universal e bater não foge à regra.

O meio cultural no qual se insere ajudou-a a ter idéia de que o ho-

E - N, este assunto - Traição - sempre aparece quando vocês brigam?

Não, isto vem assim, sem mais nem menos. Por ex.: se acontece uma coisa com um conhecido dele, ele vem, me conta e já aproveita para dizer: Olha, se tu fizer isto tu vai ver ...

E - Vamos falar de um assunto que tu gostas. Vamos falar da vó.

É bom, mesmo.

E - Como é aquela vó?

Ela é elgal. Eu gosto muito dela. Eu gosto de estar com ela. Gosto de ir para junto dela. Só que agora ___ eu não sei ___ este C é um chato ___ diz que só vai me deixar ir lá quando ele for junto ___ não sei o quê ...

Ela é para mim como minha mãe. Eu sempre via ela como minha mãe. E a mãe ___ a mãe acho que porque é muito moça, acho que é minha irmã ___ e a minha vó foi quem me criou, me cuidou. Apesar disto eu gosto da mãe.

E - Como tu vêes a tua mãe, N?

A mãe, eu gosto dela. Mas aqui ___ mas a mãe ___ ela impõe muitas coisas. Ela incomoda até o pai. Mas eles nunca brigam ___ eles discutem. Mas nunca se deram pau. Isto que faz todo este tempo que estão junto.

O pai antes era mais nervoso. Agora não.

Eu não me dava com o pai antes. Ele era mais ___ Sei eu ... Nunca tava em casa ...

mem é
Machão

grita
manda
ameaça

C é brabo

e, C construiu de N uma imagem de mulher capaz de

- . enganar
- . trair
- . ser desonesta no amor.

A Avó = Mãe

legal
gosto de estar junto

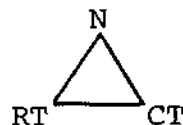
antes a família não deixava

agora C

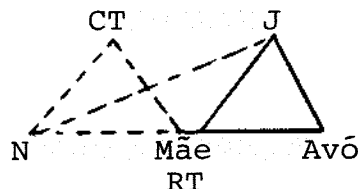
Precisava cuidar dos irmãos

"um chato" "que não me deixa ir sozinha"

O triângulo



se desdobra em



A mãe ___ A mãe é como se fosse irmã.

Chegava sempre tarde. Mas assim, para mãe, até ele é bom. Acho que os dois se dão bem.

Mãe é avô
 ↳ criou
 ↳ cuidou

E - E quanto aos teus sonhos?

Que sonhos?

RT (Mãe)
 ↳ impõe muitas coisas

E - Os que tu tinhas com a tua avó.

Bah, agora eu não tenho sonhado muito. Eu sonho que tá todo mundo junto. Perto dela.

incomoda "até o pai"
 |
 mas não brigam

Brigar
 =
 DAR PAU?

E - Quem é o "todo mundo"?

Aqui em PA só tem a mãe, o pai, nós. Agora a gente conheceu a família do C. Lá não. A gente tem amigos. Quando chega a vim um tio meu pra cá é uma festa!

Eu digo, morar tudo bem perto mas eu acho muito difícil este sonho acontecer. O pai não quer sair daqui. Outro que não quer sair é o C. Sonho em morar perto da vó. (Risos) São sonhos!

Mas agora eu também sonho com a criança.

isto que faz todo este tempo ...

"acho" que se dão bem

apesar do pai
 ↳ ser nervoso
 ↳ nunca estar em casa
 ↳ chegar sempre tarde

↓
 É bom para a mãe

E - O que tu sonhas com a criança?

Eu sonho com um menino. Mas também sonho às vezes que é guria. Sonho com o parto. Sinto tudo - até as dores. Direitinho. Isto que nunca tive filho.

Uma outra vez sonhei que era um guri. Que eu tinha botado uma roupa amarela nele - ele já tava grandinho. Eu via ele através da janela, lá na casa da minha vó, jogando bola com outras crianças.

Subjacente a idéia de Mulher

suportar
 ↳ agüentar
 marca da feminilidade estereotipada

N acalenta a idéia de reunião e de aproximação das pessoas que ama.

Amar para N é estar perto

O pai não quis sair
 Agora o C também não

Também tenho sonhos muito ruins. Estes são os que eu mais tenho. Sonho com a criança morrendo. Sonho que ela nasceu morta. Eu até falo pra o C, mas ele nem liga.

E - Estes sonhos ruins são frequentes?

Agora sim. Eu sempre vou ao médico lá pelo dia 20. Agora comecei a sentir um negócio engraçado - parece que o nenê não tá mais se mexendo. Eu vou no médico esta semana.

E tem mais: Tá todo mundo dizendo que são dois, porque eu tô muito gorda. Mas eu não tô gorda. É barriga, ô! (Mostra a barriga)

E - Acho que tu deves ir ao médico, N.

Eu sei. Mas e se forem mesmo dois? O que é que eu vou fazer?

E - N, tu querias ficar grávida?

Querer eu queria. Mas eu ... não quero dois — Quero só um guri.

E - E se nascer uma menina?

Bah, daí vai ser problema. Porque o C disse que não quer mulher. Eu sei que ele não vai maltratar, mas também não vai agradar ... estas coisas. Ele não gosta de guria. Diz que guria só dá incomodação. Diz que filho homem é que é bom.

Sonhos → estrada real do inconsciente

```

graph TD
    A[Sonhos] --> B[estrada real do inconsciente]
    B --> C[deslocado]
    B --> D[condensado]
  
```

SONHO COM o Parto

as dores a expulsão do útero

CASA DA AVÓ?

Sonho

filho
via-o através da janela da casa da avó

```

graph TD
    A[Sonho] --> B[filho]
    A --> C[via-o através da janela da casa da avó]
  
```

Lá é bom ... lá N sente-se feliz

Sonhos com o filho morto

↓
sonho enquanto expressão do desejo

Eu não sinto o bebê se mexer

Eu vou ao médico

Estão dizendo que são dois

Eu quero UM

quero um guri

Ela quer um guri

OU

C diz que não quer uma Mulher

Sabe como é homem!

A senhora tem filhos?

E - Tenho um menino.

E - N, tu me disseste que tens dores nas costas. Outra vez eu estive aqui, soube que tu tinhas ido para o hospital durante a noite. Como é isto?

É, eu tenho gastrite. O médico disse aquela vez que eu fui de noite para o hospital que vomitava por causa do Buscopan. Pode abrir esta gaveta para ver quando remédio eu tenho!

(Abri a gaveta do balcão da pia e estava cheia de remédios.)

E - Para que tu queres estes remédios todos?

Ah, se eu precisar.

E - Precisar de remédio durante a gravidez, N?

É, se eu tenho uma dor eu tomo. Mas eu só tomo aqueles que não fazem mal pra criança.

E - O quê, por exemplo?

Tomo Buscopan quando eu tenho dor. Mas agora eu não tenho tomado quase. Logo que eu casei sim. Tomava bastante. Chorava dia e noite de dor no estômago.

O C não quer mulher

não vai maltratar

MAS

não vai agradar

Para C (?) gurria só dá incomodação

Filho homem é que é bom

(não foge de casa)

(não dá preocupação)

(não casa grávida)

GASTRITE

Psicossomática

"iniciou bem perto do casamento"

Se eu precisar

uma vez já precisou

EU TENHO

As dores começaram antes do casamento

dor que precisava ser aplacada

E - Quando começou esta dor?

Ah, bem perto do casamento, mas foi ficando cada vez pior. Por isto também eu tenho estes remédios. Foi o médico que me receitou.

dor que ficava cada vez mais forte à medida que se aproximava o casamento

E - Mas agora tu estás bem.

Ah, perto do que eu tava, claro, né!

dor ficava mais forte

E - N, como tu tens ocupado o teu tempo agora?

Ah, eu arrumo a casa (são 2 peças), vou na casa da mãe, vou na minha sogra. E espero ...

E - Espera?

Espero. Espero minha vida ficar melhor. Esperança

Vem aqui, quero lhe mostrar o enxoval do nenê!

Vida melhor

Desliguei o gravador.

DATA: NOV - Nº 3
ENTREVISTADA: N

ESTRUTURAS
SIGNIFICANTES

E - N, tu namoraste bastante tempo outros rapazes antes de conhecer o C, não foi?

É. Um eu namorei três anos.

E - Três anos um e dois anos o outro?

Não, o segundo foi um ano e pouco.

E - Como foi que tomaste a decisão de casar com o C após alguns meses de namoro?

Nem eu sei.

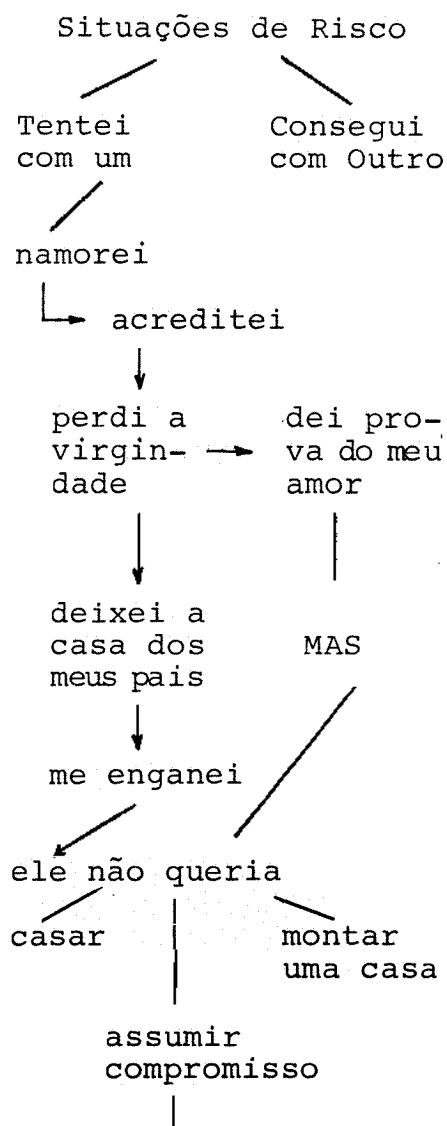
Foi assim. De repente.

Eu conheci o ____ Eu namorei aquele rapaz. A gente namorou um tempão. Eu gostava dele um monte. Bah! Tudo para mim era ele. Eu sempre em volta dele. Ele também. Mas era assim: falava ... falava ... mas compromisso sério ____ Ele tinha compromisso porque andava só comigo, mas compromisso mesmo, do tipo casamento, ele nunca falou. E ele tinha condições ... quando chegava meu aniversário era aquela coisa: presentes ... presentes ... Nesta época a mãe também começou a dizer que daquele jeito não dava, que a gente ficava até tarde conversando. E falava, falava. De repente eu me enchi. Cheguei para ele e disse que daquele jeito não dava mais ...

Ele se indignou

Eu falei que não agüentava mais, que já estava cansada daquela lenga-lenga ...

O que mais me chateava é que eu sabia que ele tinha condi-



ções. Ele podia montar uma casa ...

Ele prometia. A gente chegou a ficar noivo. Mas era só conversa ... Agora depois de tudo _____ eu lhe contei toda a história já _____

Eu gostava muito dele. Eu andava com ela há um tempão. Até cheguei a tranzar com ele, porque era a prova do meu amor.

Amor ...

Ele me usou, isto sim.

A mãe dele achou que eu queria forçar a barra do casamento e deu no que deu ...

Foi uma confusão. A mãe dele me difamou.

Foi um baita escândalo _____

Todo o mundo falou de mim. A minha vida ficou ao Deus dará. Ela me botou a boca.

Daí foi o dia que eu tomei os remédios. Passou. Comecei a namorar outro, o G, um guri bom, de família de L.

Eu já tinha terminado. Já tinha riscado ele da minha vida. Sei lá como é que ele ficou sabendo ... Apareceu de repente lá na casa deste rapaz e foi um horror o que ele me disse.

E - Isto em janeiro, depois do "acidente"?

Depois que a gente brigou. Ele me disse tanta coisa. Me chamou de tudo. Eu fiquei com medo dele.

_____ [Pausa]

Eu gostava um monte deste cara. A gente brigou, tudo bem. Eu continuei a minha vida. Tentei namorar outro cara. Mas a gente só se decepciona.

|
eu queria

|
eu gostava

Desejar viver significa sentir certa auto-estima, sentir-se sustentado pelas forças do superego. Desaparecendo este sentimento reaparece o aniquilamento original do bebê faminto, abandonado.

Tomei aqueles remédios

|
A gente só se decepciona

|
Ele prometia/eu acreditava

Eu gostava/Ele usava

A mãe dele não queria

↳ me difamava

A mãe não queria

↳ falava... falava

Aí conheci um cara

ele se meteu

↳ eu fiquei com medo

↳ Por quê?

Aí quando eu conheci o C, a coisa ficou totalmente diferente. Ele já quis compromissos. Eu nem mesmo sei como foi que a gente casou.

E - Qual foi a reação da família dele quando vocês anunciaram o casamento?

Bem, a primeira vez que eu fui na casa dele, ele me apresentou como colega de serviço. Ela me adorou.

E - Ela quem?

A mãe dele. Ele não tem pai.

E - Sim, mas quando vocês falaram em casamento?

A mãe dele ficou apavorada. Porque ele é o mais velho. É o que ela mais gosta (risos). Mas não teve nenhuma reação contra.

E - N, tu estavas grávida quando casaste?

Não. Todo mundo pensa, mas não. Acho que porque eu fui morar com o C antes do casamento.

E - Moraste com o C antes de casar? Qual foi a reação da tua família?

O pai já sabia que a gente ia casar, então, pra mim ele não falou nada. Mesmo porque ele não tinha nada que falar: o C trabalhava, o C é de boa

Surge o C

C aparece como escolha narcisicamente satisfatória

Como aquele que melhorava a auto-estima

┌ L alguém me quer
└ não estou mais ao "Deus dará"

O que está em jogo neste momento é se C assumiria um compromisso e se manteria fiel a ele.

C é diferente

|
quis compromisso

"Não sei como a gente casou"

|
N não precisa amar C; precisa, isto sim, ser amada por ele

Aparentemente ele responde a esta demanda

↓
resgata a Auto-Estima de N

"Para o indivíduo que se fixa no estado em que a auto-estima é regulada por provisões externas, ou para aqueles cujos sentimentos de culpa o fazem regredir a este estado, tais provisões são vitalmente necessárias. Vivem em situação de perpétua avidez. Se não lhes satisfizerem as necessidades narcísicas, diminui-lhes a auto-estima a ponto de risco."
In: FENICHEL. *Teoria psicanalítica das neuroses*. p.361.

família, todas as coisas que ele queria.

Acho que ele acreditou que eu ia morar com o C mas que a gente ia casar depois.

Com a mãe a coisa não foi fácil.

O C me convidou para ir numa excursão. Eu aceitei e a gente foi. Quando a gente voltou o pai e a mãe tinham saído. Já era de noite. Eles não voltavam. Eu disse para o C:

- Vai embora, eu fico esperando.

Ele não quis. Me convidou para ir para casa dele. Não tinha ninguém lá — eu fui. Passei a noite com ele.

Prá quê!

Quando eu cheguei em casa e contei, a mãe fez o maior escândalo. Foi uma baita briga. Ela perguntava se eu não me dava conta das coisas ... se eu não crescia ... não sei o que ... não sei o que ... Aí eu me enchi ...

Disse: Tá - Eu vou me casar com ele. Ela não acreditou. Daí quando a gente trouxe os papel do cartório para ela assinar, ela disse que não assinava. Imagina, tu mal conheceu este rapaz, o que é isto agora, N? Não sei o que ... nhamnhamm

Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud escreveu que o indivíduo tem dois objetos primitivos na sua escolha conjugal: ele mesmo e a mulher nutriz. Considerou que o indivíduo tem uma tendência a repetir as mesmas relações com o seu cônjuge, quando se encontra fixado em seu pai ou mãe.

Brigas com o pai e mãe

casamento de RT e CT



Brigas com RT e CT

Casamento de N

E - N, tu não achas que o que a mãe ponderava contigo era razoável?

O quê?

E - Tu achas que a tua mãe tinha razão?

Até pode ser. Mas eu não tinha levado do outro que namorei um tempão?

O que que me adiantou namorar direitinho?

Deu no que deu, não é?
Então ...

E - O C é legal contigo?

É. Eu tenho uma regra com ele: Ele não faz as coisas que eu não gosto e eu não faço o que ele não gosta.

P.Ex.: Ele não gosta que eu saia sem avisar. Ele não me proíbe __ mas não gosta que eu ande de roupa curta, essas coisas __ é assim, chato! Mas é só isso. Só tem uma coisa que ele me proibiu: Trabalhar fora.

E - Trabalhar?

Ele alega que como eu conheci ele no serviço, né, que ele pensa que vai acontecer a mesma coisa.

E - Que coisa, N?

Ele trabalhou comigo, né. Então ele sabia bem como é que era. Quando os caras chegavam lá __

Eu gosto de trabalhar no comércio.

E ele, sabe como é! Chegavam os caras lá só para dar cantada nas gurias ... E ele sabia ... Teve até um dia que ele brigou com um rapaz. Eu fiquei chateada ... achei ridículo dele. Depois dessa ele me disse que eu não ia trabalhar quando fosse mulher dele. Ele sabe como é. Os caras mexem com a gente. Eu me dava bem com todos os colegas, ele não. É quieto. Ele queria que eu só falasse e só me desse com ele.

Fui legal

↳ não deu certo

↓
fiquei sozinha

todos os homens deixam
as mulheres sozinhas

Então

|
qualquer um serve

|
O C é um chato

|
MAS

↙
ele não proíbe

↖
Não impõe a Lei

↓
A Lei do Pai restringe
proíbe
determina
limites

Lacan, no Seminário 2,
discute a questão da
Fidelidade à palavra
dada:

"Eu, N, te recebo, C,
por meu legítimo marido,
prometendo ser fiel
na alegria e na tristeza,
na saúde e na doença,
amando-te e respeitando-te
todos os dias de minha vida."

O pacto da palavra vai
além da relação individual
e de suas vicissitudes
imaginárias.

Ele queria que eu me
desse

↓
só com ele

E - E mesmo assim tu casaste com ele? que eu falasse

É.

↓
só com ele

E - Quando engravidaste?

Casei em abril. Acho que um mês depois. É, eu não sei fazer as contas direito.

Quando o pacto da fidelidade é rompido todo mundo se alarma, se indigna. Estranho, pois o que deveria indignar seria a leviandade com que muitas vezes as pessoas empenham a sua palavra.

E - Quando tu confirmaste a gravidez, como te sentiste?

Eu?

Eu queria ficar grávida. Desde antes. Só que com o outro eu não consegui. Com ele eu também queria. Antes de casar eu já tranzava com o C - desde o início eu já fiquei com ele.

Ele também queria que eu tivesse grávida. Sei lá, do jeito que ele e a mãe dele são ligados, não sei ___ ele me dizia que ia ser mais fácil convencer a mãe dele se ele dissesse que precisava, que era obrigado a casar.

Gravidez

eu queria com o outro

↓
não consegui

Repete-se a história da mãe engravidar para poder casar

Tentei com o C

↓
ele também queria que eu engravidasse

ia ser mais fácil convencer a mãe dele

E - Como assim?

Ele me dizia que queria casar. Mas ele também falava que não sei o que ... não sei o que ... Ele é o mais apegado com a mãe. Quando o pai dele morreu ele ficou no lugar do pai.

Eu me dou bem com a minha sogra.

Ela é muito solitária e eu sei como é que é isto. Por isto eu me aproximo dela.

A gente queria o filho desde o começo.

└─┬─┐
└─┬─┐
que é solitária que lhe colocou no lugar do Pai

C → usa N para sair de sua casa também.

E - Tu não usaste pílula anticoncepcional?

Cheguei. Mas depois que eu tive gastrite. O médico disse que foi de tanto remédio que eu tomei. Mandou usar umas geléias umas pomadas que ele receitou. Mas aí eu fiquei.

E - O C ficou contente?

Claro.
Só que a gente queria uma casa maior, estar melhor na vida. Não deu. Tanta coisa.

Discurso da RT mãe de N

[Pausa]

Agora vai ser assim mesmo.
Seja lá o que Deus quiser!

Se Deus quer assim

só posso aceitar

E - N, o que tu pensas sobre a tua vida hoje?

Sei lá. Penso que o C gosta de mim. Eu pelo menos acho que gosto dele.
Eu quero só ir para frente agora.

O que pensas sobre a própria Vida

C que gosta de mim

ir para frente

Sentido de Vida

E - E qual é o sentido de tua vida hoje?

Sentido para mim é meu filho. Quero cuidar dele. Gostar dele. Quero educar ele.
Quero que ele tenha tudo o que eu não tive. Todo mundo lá em casa sempre teve tudo as coisa, mas Eu quero que ela tenha coisas que criança gosta: brinquedo. Carinho ...

Ter o filho

- └─ cuidar
- └─ gostar
- └─ educar

importante papel da ESCOLA

E quero ficar com o C.
Espero que ele não me faça
nada porque eu sei que não vou
fazer nada para ele.

E - Fazer o quê, N?

Deixar ele. Trair ele.

Quero dar a ele

Tudo o que não tive

carinho

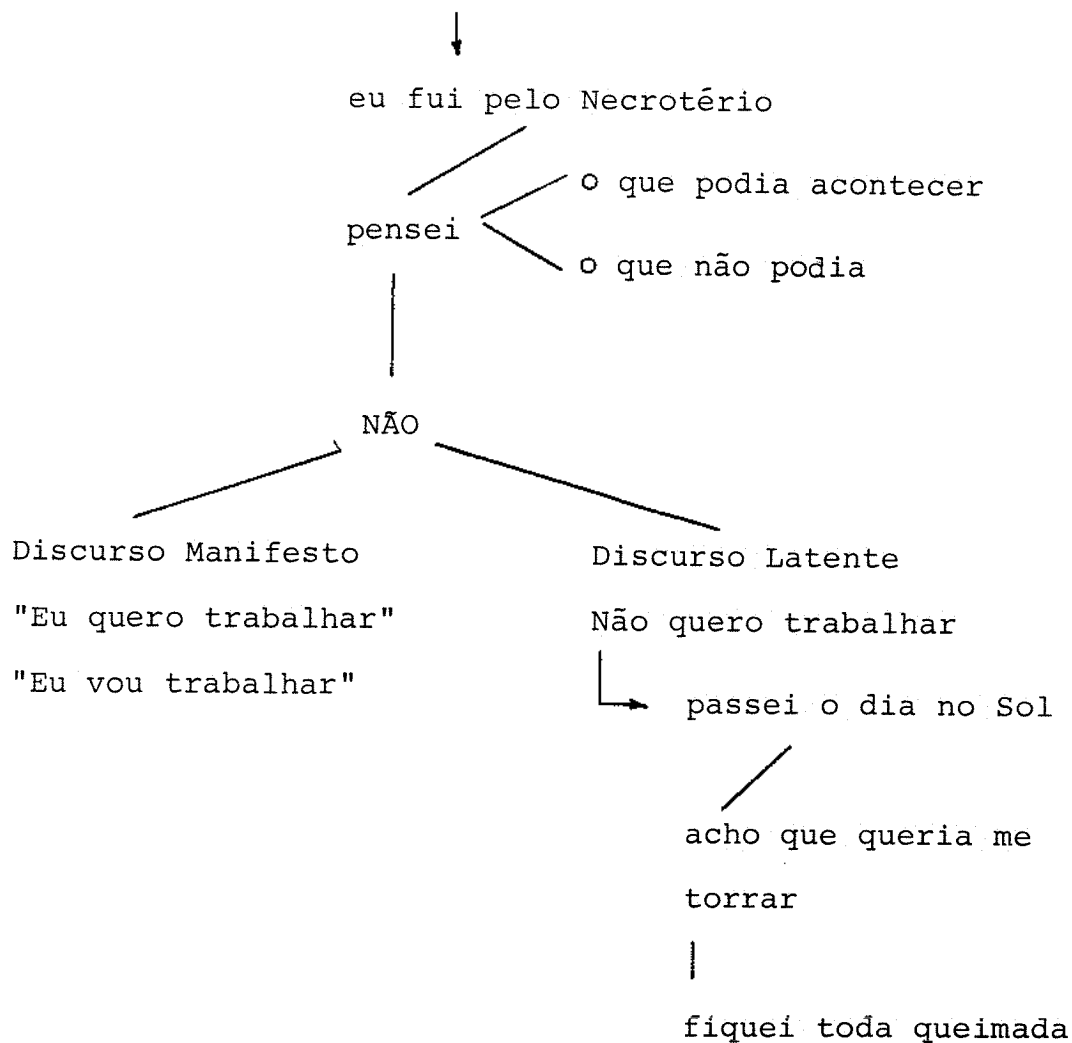
brinquedo

Análise de conteúdo

Após tentativa de suicídio

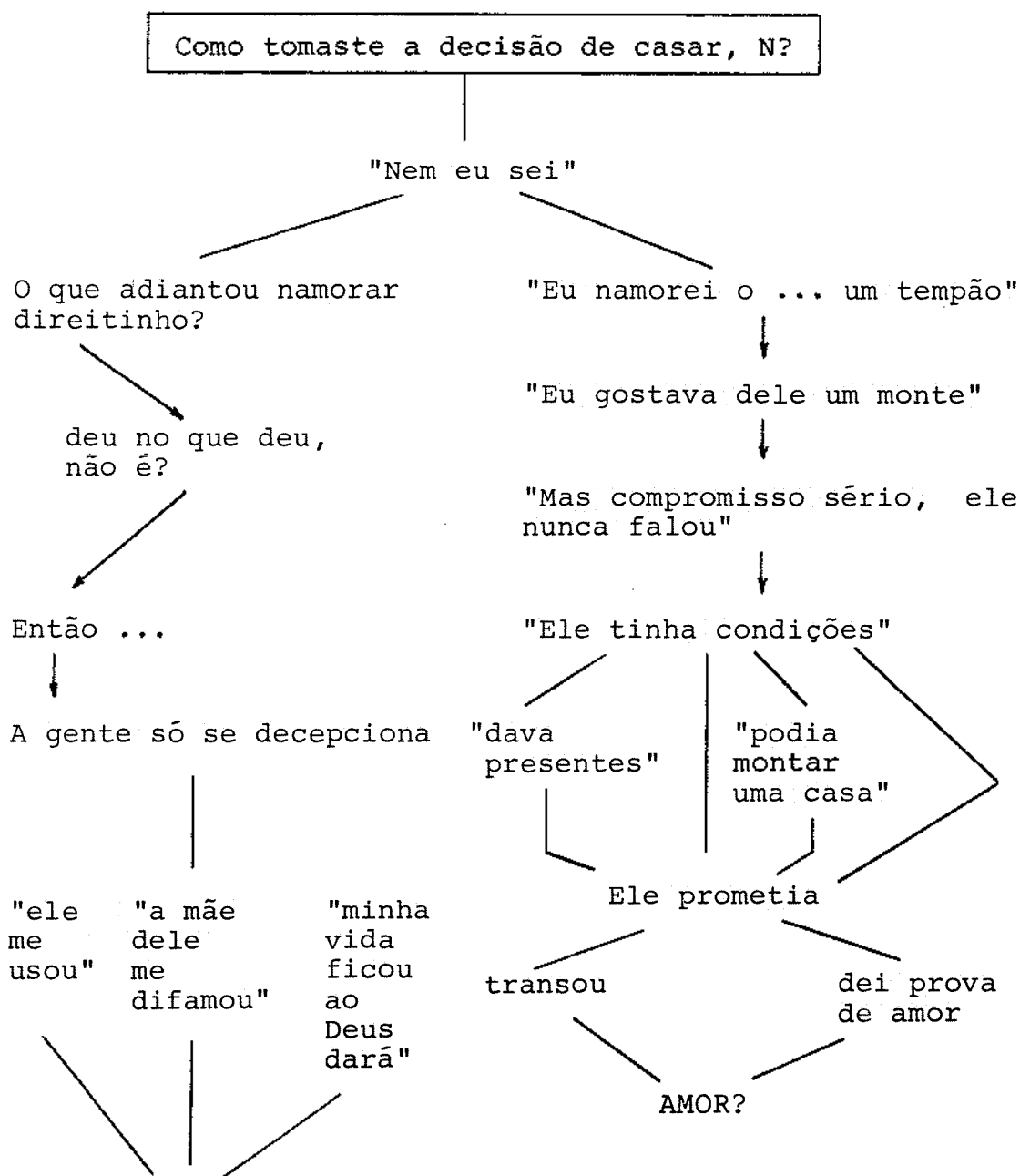
eu queria dar um tempo - estava sem saber direito o que fazer

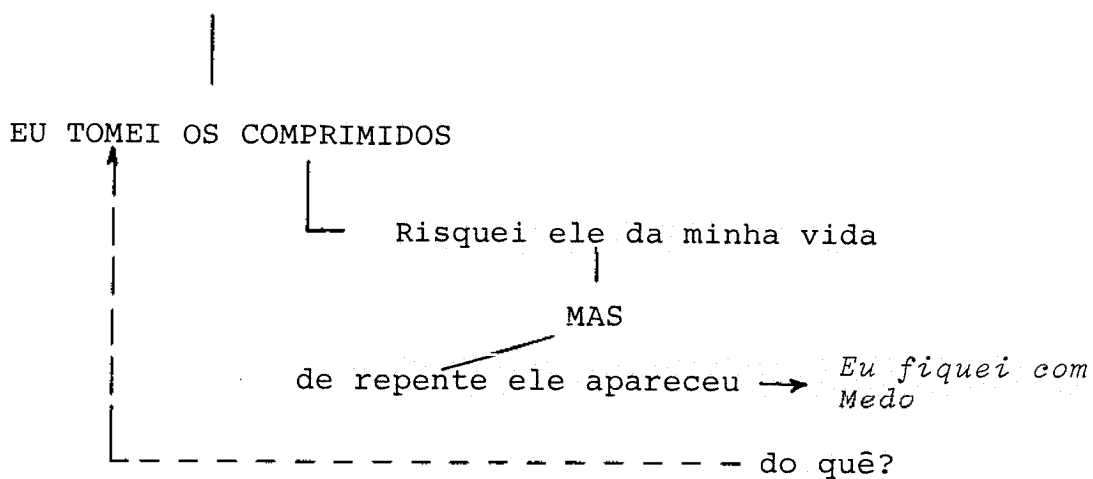
a mãe insistia: "vai trabalhar"



"Assim como o narcisismo é o amor pelo ego, ou seja, é uma relação consigo mesmo em que o ego é tomado como objeto de amor pelo indivíduo, de igual maneira, a auto-agressão é uma relação do indivíduo consigo mesmo em que o ego é tomado como objeto de ódio. A auto-agressão é, para a intencionalidade agressiva, o que o narcisismo é para o amor. Abre-se assim toda a possibilidade de analisar a relação de ódio consigo mesmo como a interiorização de uma relação intersubjetiva." (Bleichmar. *Depressão*, p.59)

"Os pacientes que reagem a decepções amorosas com depressões severas são sempre pessoas para as quais a experiência do amor terá significado tanto gratificação sexual, quanto gratificação narcísica; com o amor perdem a própria existência. Têm medo desta perda e (...) percam o que perderem, tentam sem demora encontrar substituto do parceiro perdido." (in Fenichel. *Teoria psicanalítica das neuroses*, p.365)





Eu fiquei com Medo

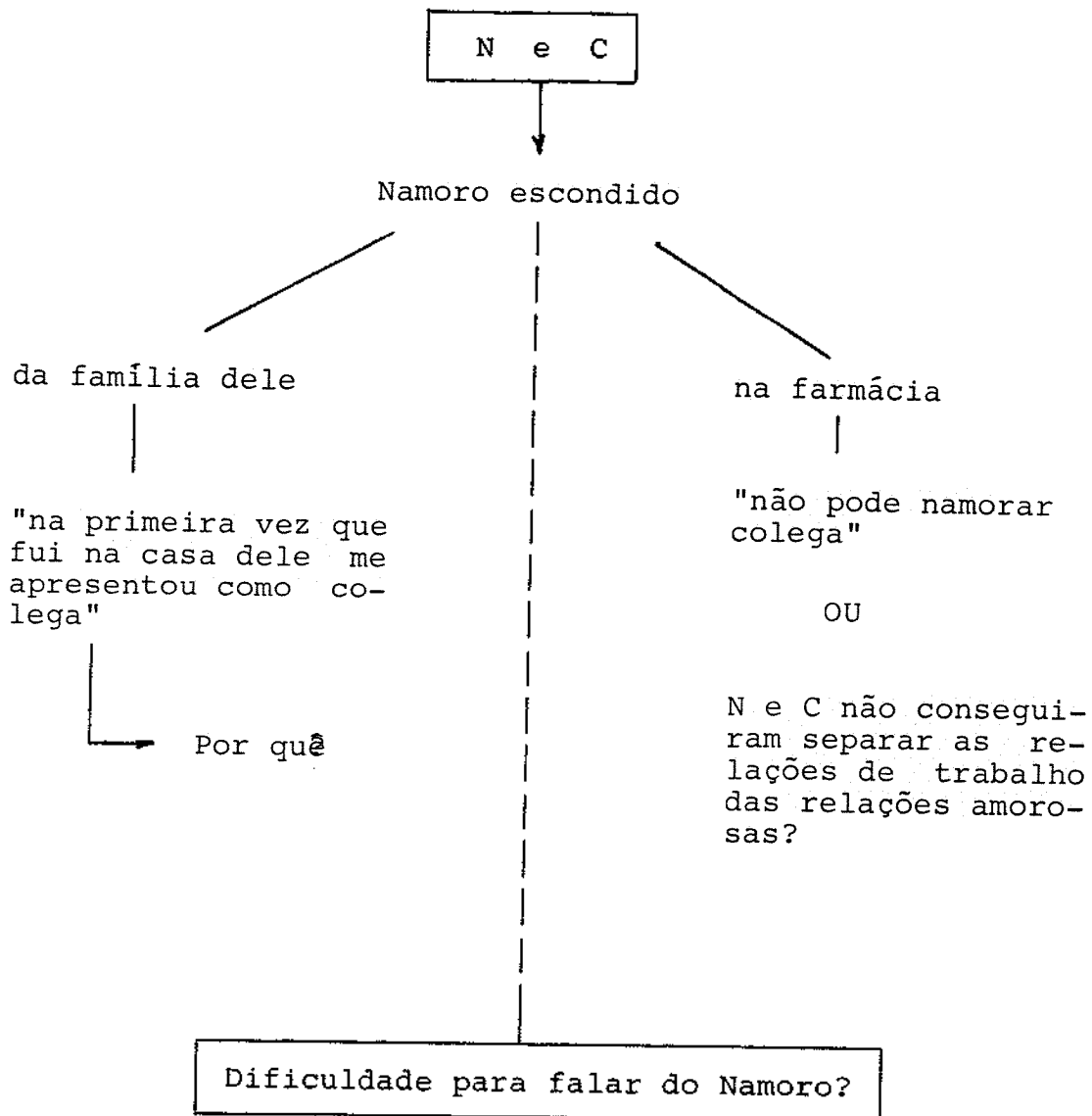
Conheci o C

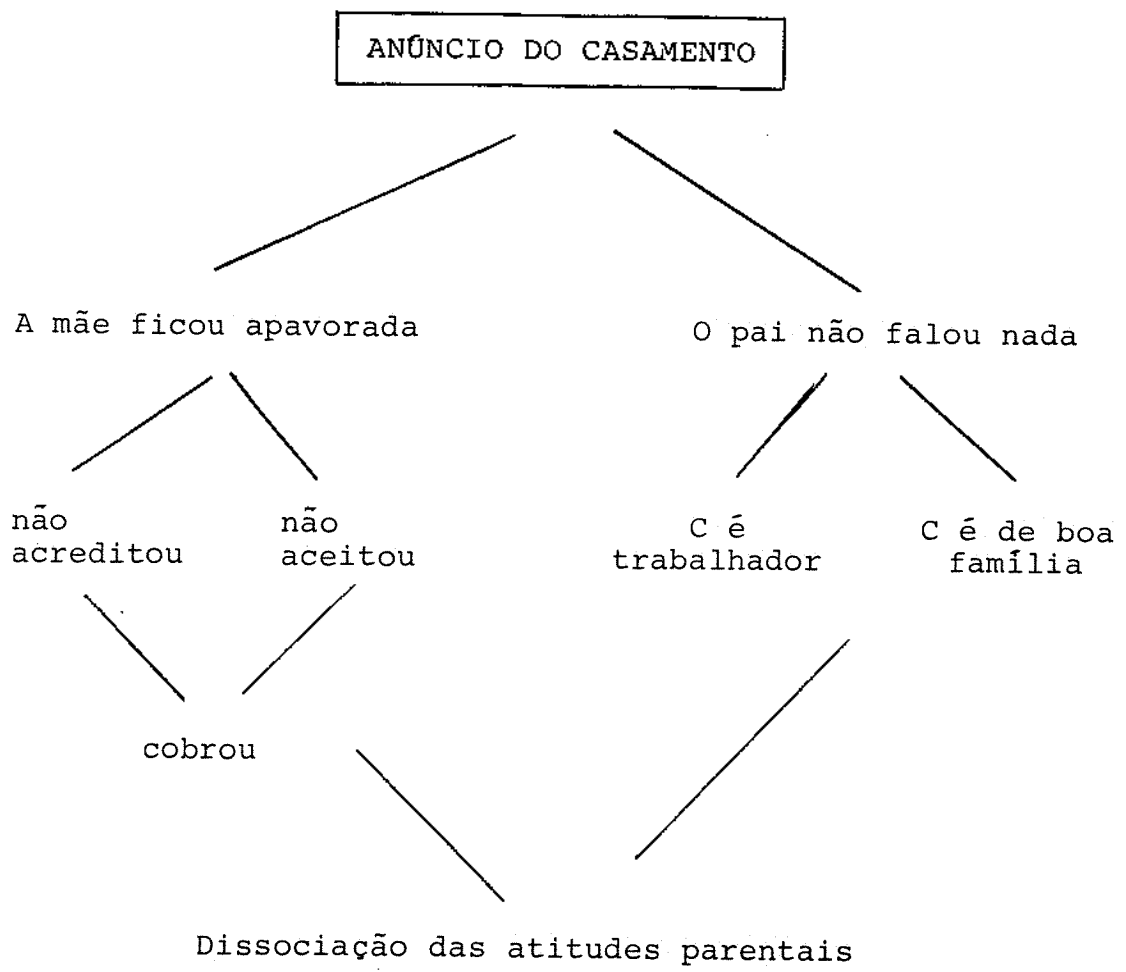
"ele quis compromisso"

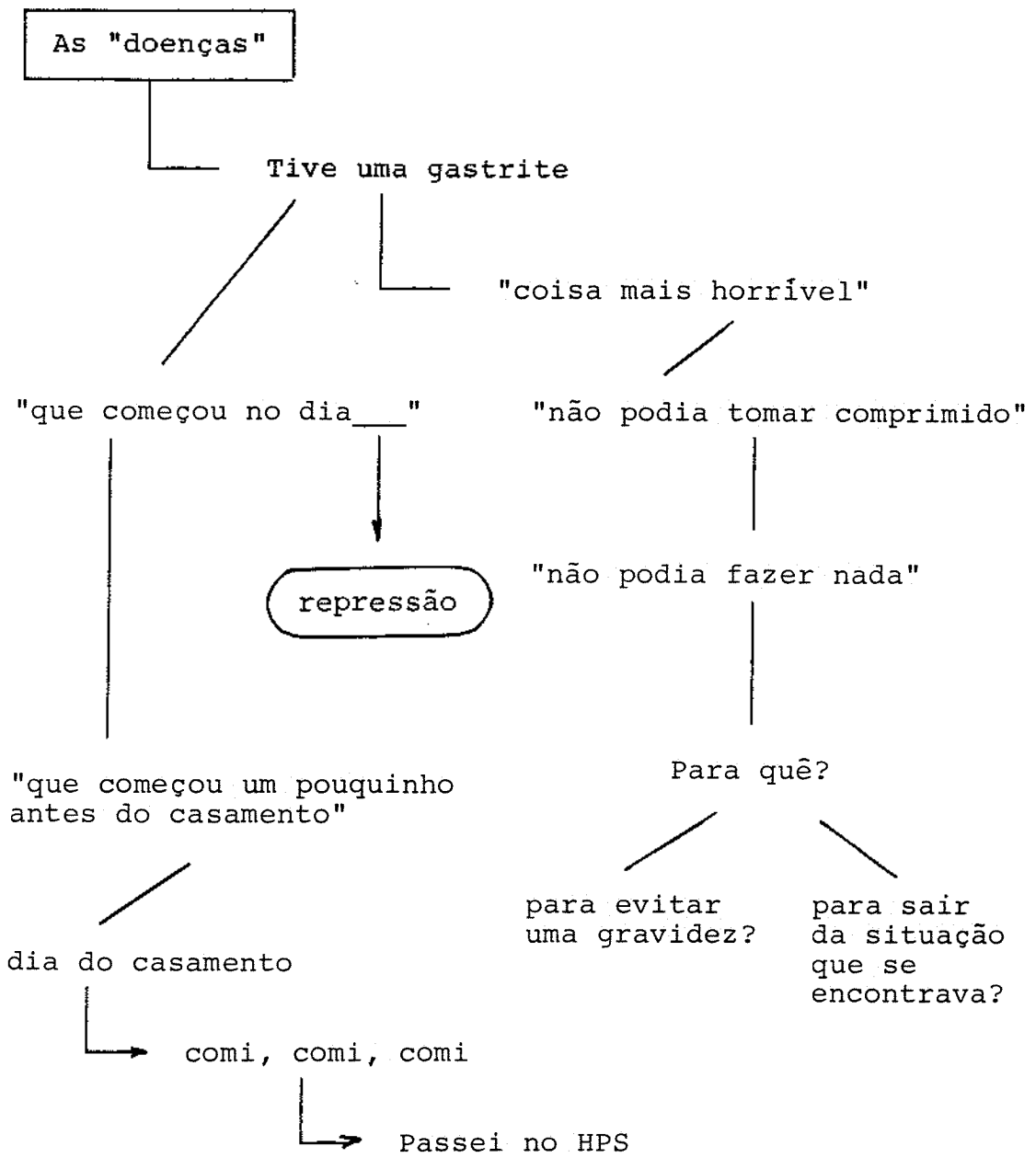
me tira da situação que me encontro

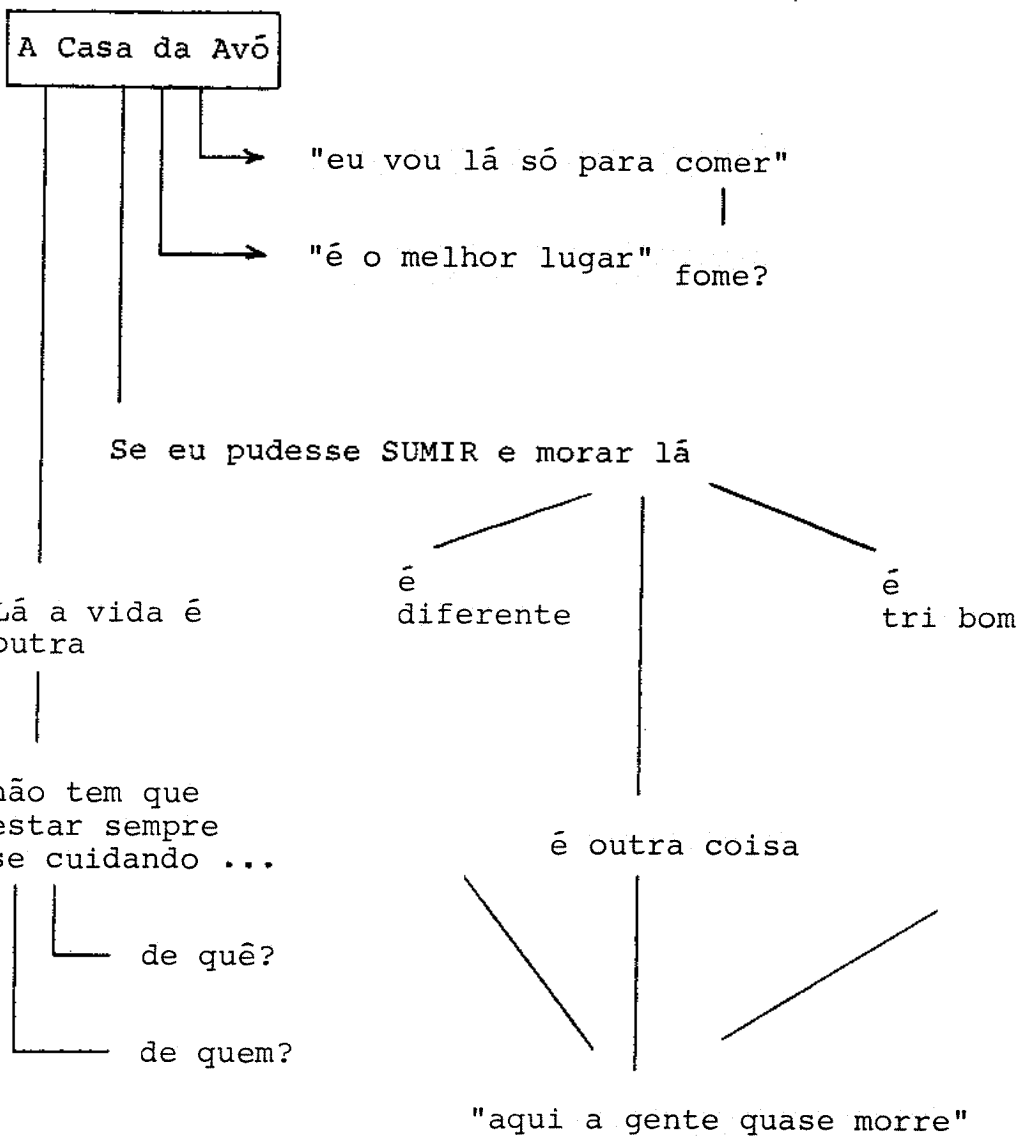
↳ não estou mais ao Deus Dará

↳ não corro o risco de voltar para o antigo namorado e talvez reeditar a tentativa de suicídio









A Casa dos Pais

"a coisa que eu menos queria era isto"

É o castigo da minha vida

"Vim porque ganhei a bicicleta"

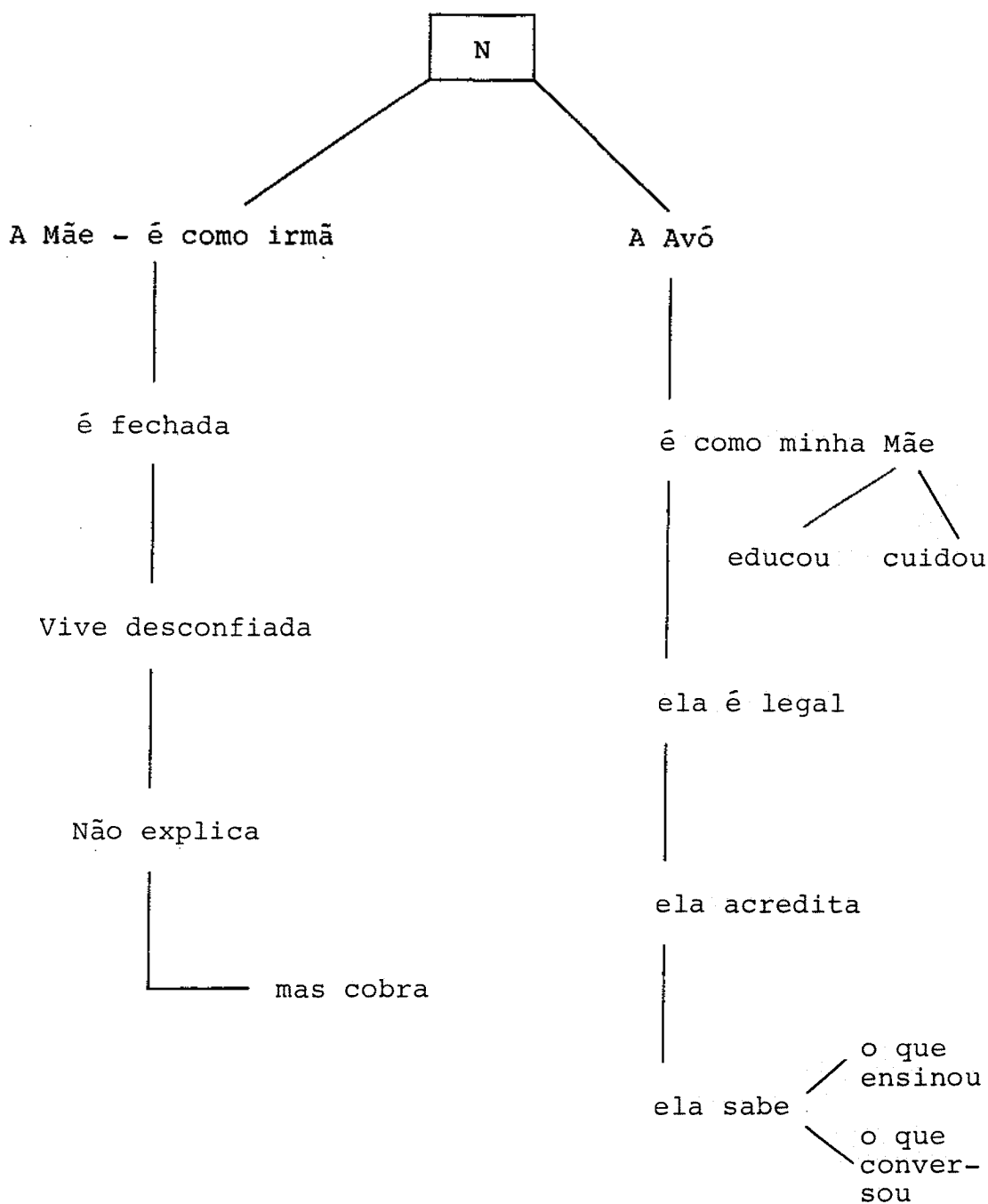
"o pai me comprou"

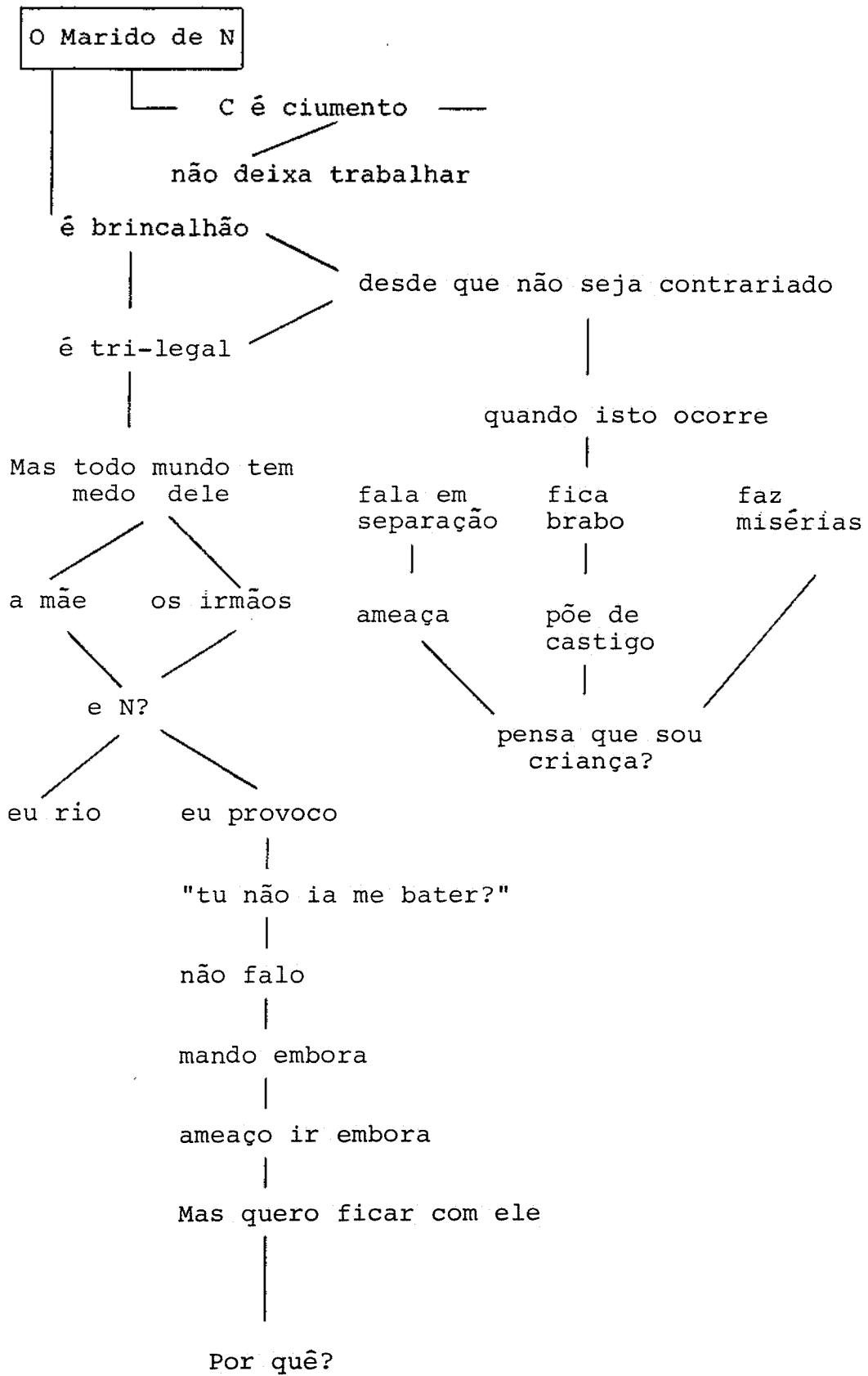
Meu Pai — nunca se meteu
— nunca deu
opinião

Hoje meu amigo — tem tempo
— olha para
mim

Minha Mãe — brigona
— é
muita
criança

é muita
gente





O Filho

Todo mundo diz que casei grávida

"Se eu tivesse grávida seria mais fácil convencer a mãe do C"

"eu queria ficar grávida

"não consegui com o outro"

"desde o início tranzei com o C"

C e N "desejam" o filho

MAS

C diz:
"Tomara que este podre morra"

C. diz que só quer guri

Mulher só dá despesa

brinco

modess

calcinha

soutien

A gente queria estar melhor na vida, ter uma casa melhor

Agora, seja lá o que Deus quiser.

Tanta coisa ... Não deu.

Os planos para o Futuro

Eu quero ir para frente

qual o esforço que faz para isto?

Eu espero a vida melhorar

Sentido de Vida

Meu Filho

Eu quero

cuidar

gostar

educar

Terá o que não tive

brinquedo

carinho

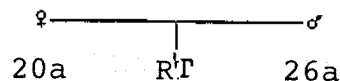
DATA: OUT - Nº 1
 ENTREVISTADA: MÃE DE N

ESTRUTURAS
 SIGNIFICANTES

E - Vamos hoje conversar sobre a sua história.

Os pais de RT quando de seu nascimento:

R - Minha mãe teria uns 20 anos quando eu nasci. Meu pai perto de 26. Sou a filha mais velha. Somos quatro filhos, mas aqui em PA moro só eu. Dois são homem.



E - Vamos falar de sua infância. A senhora lembra alguma coisa deste tempo?

R - Mas ... Capaz de me lembrar! Meu Deus, faz tanto tempo ...

Amnésia Infantil



Repressão - defesa do Ego

E - Pense em coisas que tenham lhe contado a respeito daquela época.

R - Eu era muito calma. Muito caseira ... Muito agarrada com meus pais ... Com a minha avó, com meus irmãos e não era avoada como ... como são os meus.

RT
 - Calma
 - Caseira
 - Agarrada

/ pais
 / avó
 \ irmãos

E - E a mocinha, como era?

R - Oh! eu nem me lembro assim ... Fiquei um pouco rebelde, revoltada, né.

Repressão



forma de defesa
 "Eu nem me lembro"

E - O que significa ser rebelde?

R - Em termos de contrariedade assim ... teimosia de coisas como ... assim né ... de tradição ... de coisas que pode e não pode ... de sair, negócios assim.

Rebeldia?

ao crescer o indivíduo precisa libertar-se da autoridade dos pais, porém existe um grupo de sujeitos cuja doença é determinada por terem falhado nesta tarefa.

Eles não me deixavam sair ...
Daí eu comecei a namorar o
CT e ____

Subjacente ao discurso de R começa a esboçar-se o tipo de relacionamento com sua mãe - relacionamento empobrecido - modelo dos demais que R viria a estabelecer.

E - Namorico ainda?

R - É. Coisa de colégio.

E - Vocês eram colegas de aula?

R - Não.
Era um namorinho de colégio.
Um namoro que foi muito longe
e aí _____

↓
PODERIA tê-lo enriquecido.
Ela conseguiu fazê-lo?

E - Vocês começaram a namorar cedo?

R - Hum hum.
Tanta coisa. Eu nem me lembro mais. Tanta coisa. A gente começa a se envolver com os filhos e começa a esquecer as coisas passadas.

À medida que os adolescentes vão aceitando a sua genitalidade, inicia-se a busca do parceiro. Primeiramente de forma tímida ("namorico de colégio"), mas intensa. É o período em que começam os contatos superficiais, os carinhos que crescem em intimidade e intensidade.

_____ [Pausa]

Quando eu comecei a namorar ele, eu pensei que eu podia tudo. Sair. Estas coisas. Eu fui parecida com a N neste ponto, porque também fiquei revoltada, teimosa. Depois com o tempo passado é que a gente se dá conta de muita coisa.

Eu pensei que eu podia tudo

↓
ONIPOTÊNCIA do Adolescente

↙
A onipotência das idéias e a planificação são defesas a serviço da adaptação a um novo papel.

E - Vocês namoraram dos 13 aos 16 anos?

R - (gesto afirmativo)

E - E a gravidez?

R - Pois é, né.

E - Vocês estavam noivos?

R - Sim.

E - Vocês tinham plano de casar cedo?

R - Não. De jeito nenhum ...
Mas eu era tão _____ era tão ingênua, tão ignorante. Nem pensava o que era um casamento, o que não era.
Imagina se eu ia saber como era para ganhar um filho! Sem saber nada! Assim. Boba, não é. As coisas que eu sabia era o que tinha aprendido no colégio. *A minha mãe nunca se abriu, nada _____*

O que esta escola ensinava que a fazia tão boba?

Onde está o Saber?

O Saber está em Casa

Tem que Saber o QUÊ para que possa se casar

E - E aí?

R - Bem, daí eu fiquei grávida da N. Ganhei a N. (apressa o relato) a N aí.

O que a Escola ensina a VIDA NÃO PEDE

E - Vamos parar aqui um pouquinho. A senhora ficou grávida. Como foi?

O Saber da Vida aprende-se em Casa onde a Mãe tem uma tarefa:

R - Aí cresceu.

Ensinar seu filho a AMAR.

E - Mas como foi que a senhora se deu conta?

R - É quando eu me dei conta da bes
Quando eu me dei conta que eu estava grávida tentei solucionar.
O que foi que eu fiz? O que eu podia. Tentei, casando.

E - Como foi tomada esta decisão?

R - Nós dois tomamos. Só nós dois. Agüentamos sozinhos.

E - Alguém ficou sabendo antes do casamento?

R - Não.

E - O seu noivo já trabalhava?

R - Estudava e tinha um trabalhinho.

E - E a senhora?

R - Eu estudava.

(Pausa)

Mas ... aí casamos. Fui morar sozinha. Agüentei toda aquela barra. Suportei, embora achasse que eu devia estar junto da minha mãe. Mas tive que voltar a morar com ela.

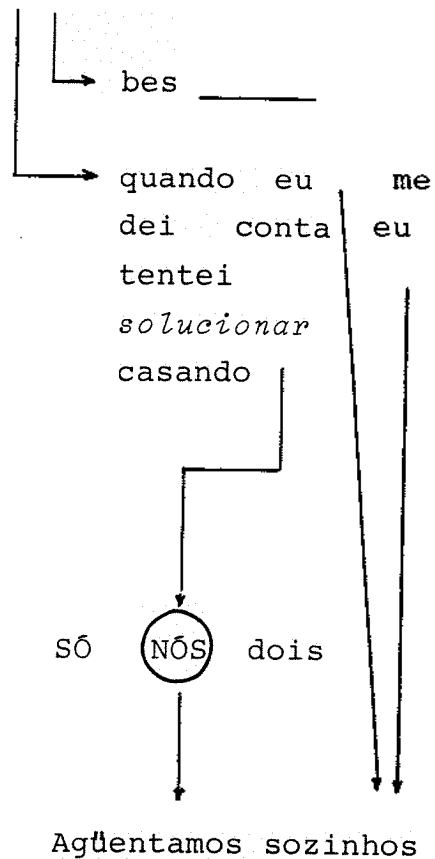
E - Então houve um período em que vocês moraram sozinhos?

R - É, lá em L.

E - E aí?

R - Aí (risos), aí chegou um dia que eu não agüentei mais. Tive que viver com a mãe. Para ver se eu ... Cuidar de tudo ... A criança... Eu achava que tinha que ficar sempre junto.

ATENÇÃO AO JOGO DE PALAVRAS



1º Modelo de Relacionamento com a mãe

A relação com os Pais repete-se com o Marido

ENTRECORTADA
NÃO SE ABRE

E - Foi neste período que a N nasceu?

R - Exato. Aí depois quando eu achei que não iria conseguir - assim criar ela sozinha, eu tive que voltar a morar com a mãe.

E - E aí?

R - Aí começaram meus problemas. Pai não gosta. Filha casou, tem que morar longe. Daí começamos a juntar dinheiro. Para vim embora. Morar longe dos parentes. Aí vim embora para cá. Para dar certo. Cresci.

E - Como é seu pai?

R - Ah! meu pai é um velho rabugento. Velho rabujento mesmo. Cheio de manias, de preconceitos; hoje tá mais _____ calmo _____

E - Como seu pai reagiu à sua gravidez?

R - Foi duro mesmo _____
Não foi fácil _____

E - Ele teve alguma reação hostil?

R - Teve.
(Filha entra na sala e a mãe pede que saia pois é "particular")

E - Como é que seu pai se comportou?

CRIAR ELA SOZINHA

↳ Estava sozinha
↓
porque estava SEM a MÃE
↳ os "pais" são CT e RT
↓
mas CT é Nulo
↓
Por quê?

Porque o lugar do Pai ainda estava ocupado pelo Pai de RT.

O CT tirou-a de casa, mas não assumiu a "filha" que precisa de UM PAI - O PAI DELA! (RT)

Cabe perguntar:

Como sozinha, se estava com o pai de N?



Aquele com quem ela estava era um estranho - (que ousou ocupar o lugar do PAI)

O Marido não assumiu

(mas)

O PAI NÃO A QUERIA

R - É porque agora ___ hoje em dia ele está muito mudado. Até os netos. Ele não admitia que chamassem ele de vó.

E - Por quê?

R - Porque não. Não queria ser avô cedo. Dizia que era muito novo. As minhas crianças até hoje chamam ele de ___. Não chamam de avô. Chamam ___ pelo nome. Aí eu fiquei com RAIVA, assim. E não vão chamar de avô. Chamem de J, que este é o nome dele.
Ele é muito antigo.
[Pausa]

Nome do Pai



Lei do Pai



Transmite a Lei e Sanciona sua transgressão

E - Mas como foi naquela época?

R - Ah, ele não falou comigo, não queria me ver, dizia que eu só servia para envergonhar ele diante dos outros. ___ Problema de adolescente. Naquela época eu fiquei muito revoltada. Achava que ___ que eu tinha o direito de me revoltar. Eu era briguenta. Mas agora, passado o tempo, eu entendi como ele era. Hoje eu vivo estes problemas com meus filhos. A gente pensa que a pessoa é antiga. Que não aceita. Mas não é assim. Agora que sou mãe que tenho N assim ... Toda aquela revolta ___ Foi a mesma coisa que aconteceu comigo. Aconteceu igual a ela.

O que é a Vergonha?



Filha grávida antes do casamento



quebra do tabu da Virgindade



o desrespeito ao Tabu impõe a vingança do Totem.

O lugar de onde o Eu fala é que é importante.

Na dialética familiar R mudou de lugar. Ela não é mais filha, agora é Mãe.

É através da mãe que a Lei do Pai deverá ser imposta à filha.

E - O casamento foi algo que vocês queriam fazer ou que vocês tiveram que fazer?

Mas como fazê-lo se há um espaço vazio no processo de identificação de R com sua mãe?

R - Olha, foi uma coisa que nós



tivemos que fazer _____ pelo menos por enquanto. Naquela época não. Nós tivemos que na hora _____

A intenção não era casar naquele período, assim. Quem sabe até, mais tarde.

Aconteceu um casamento que teve que mudar a nossa vontade.

"Ela não me explicou nada"

Traço Unário

Palavras Vazias

E - E aí?

R - Aí, como? O início? O início foi um pouco _____. Eu mesma tinha muito medo. Da dívida. E tudo. Tinha medo de enfrentar a vida sozinha. Tinha medo. Achava que o meu marido ia me deixar, me abandonar _____ mas depois fui me acostumando à idéia.

A dívida Moral

Esta desencadeia medo pela culpa que reativa

Modelo de Pai

Modelo de homem

Expectativas para o Marido

"ele ia me abandonar"
"eu ia ficar só"

E - Que idéia?

R - Que eu estava só.

E - Quando a gente casa, constitui uma nova família. Como foi o período de adaptação?

R - Não foi fácil. Eu não tinha completado as coisas que eu queria. E a gente se viu obrigado a partir para aquela vida ali, não é. _____ Os dois. O marido se quiser sair para tal lado ele vai, mesmo que não queira levar a gente. A mulher não. Mulher tem que aturar. Agüentar tudo sozinha ... Ficar sozinha. E às vezes ainda com filho.

Da ordem do Narcisismo

O que importa é o que o pai quer e a filha teria que realizar

pulsão continua, mas o objeto da pulsão mudou

MARCA DA FEMINILIDADE

DA ACEITAÇÃO
DA SUBMISSÃO
DA OBEDIÊNCIA

E - Por quais dificuldades vocês passaram neste período?

R - De adaptação da ordem sexual também foi difícil.

E - Por quê?

R - Porque eu fui educada assim: Tudo era feio. Tudo era pecado. Eu era repreendida por qualquer coisa. Depois de casada eu tive que me adaptar ao marido. Suportar até ...

E - E de repente, o que a gente tinha ____ (Entrevistador foi interrompido)

R - Como uma ilusão, não é? (entrevistado)

E - Uma coisa que era proibida até então, passa a ser permitida e deve constituir-se em momento de gratificação para o casal. Foi fácil?

R - É, não foi uma coisa boa, assim, gratificante ____ Como ____ É, custei muito, muito ... Muito tempo. Passaram muitos anos. Com o correr dos anos é que eu fui saber o que era afinal. Qual era a finalidade do sexo. Eu só ficava grávida. Cada vez. Desde a primeira vez. Eu me cuidava, mas gravidez era uma atrás da outra. Quando eu me dava conta já estava grávida.

"O sexo é o pecado original: primeiro pecado e pecado de origem. É a queda vertiginosa dos seres humanos que se descobrem separados e diferentes de Deus porque possuem corpo, nascem e morrem ... O pecado original é a descoberta e a articulação impossível de ser desfeita entre sexo e morte. É também a descoberta da vida como pena e trabalho: trabalho da terra (para sobreviver), trabalho do parto (para se perpetuar)." (Chauí, 1984, p.187)

A que ilusão esta mãe se reporta?

O que ela achava ser bom?

Qual era a expectativa em relação ao objeto da pulsão erótica?



A longa contenção da sexualidade e seu anseio de sensualidade em fantasias pode trazer conseqüências importantes. Muitas vezes, as mulheres tornam-se incapazes de desfazer a conexão entre a atividade sensual e a proibição, tornando-se psiquicamente impotentes quando tal atividade lhes é finalmente permitida.

E - A sua mãe alguma vez conver-
sou com a senhora sobre isto?

R - Não.

E - Quantos meses tinha N quando
a senhora voltou para casa
de seus pais?

R - Tinha 3 ou 4. (anos?)

E - Quando a senhora morava sozi-
nha, sua mãe ajudava a cuidar
de N?

R - Se ajudava. Dava banho. Cui-
dava. Eu não sabia nada. Quan-
do adoecia, eu não entendia. A
mãe estava sempre perto de
mim porque a nossa casa era
perto da dela.

E - Isto nunca atrapalhou o ca-
sal?

R - Não.

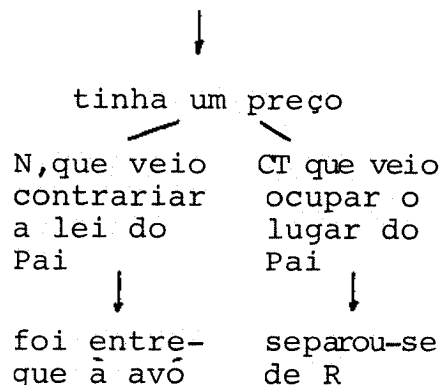
E - Vocês tiveram outras dificul-
dades no casamento?

R - Sim.

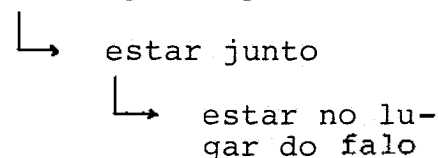
E - Qual?

R - Uma separação. Nos separa-
mos Um ano e tanto,
coisa assim. Ele tinha 19 a-
nos. Queria viver a vida de-
le. A gente juntou firme mes-
mo quando ele disse que era
preciso sair de perto dos pa-
rentes.

Voltar para Casa do Pai



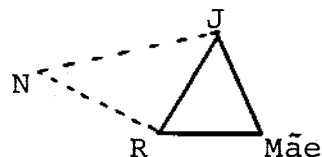
Estar perto para R é



Não atrapalhou porque
R não assumia o casa-
mento.

A Lei da Cultura en-
trou nesta família (R/
CT/N) através do avô
J.

Como a mãe de R não
pode ser substituída, o
triângulo foi modifi-
cado.



- E - Foi nesta época que a senhora decidiu voltar a morar com a sua mãe?
- R - É. Foi mais ou menos assim, morei perto, morei junto _____ morei do lado.
Quando a N tinha uns 9 meses ele se foi. Saiu. Se separamos. Aí meu pai falou:
- Agora tu vai trabalhar e mora aqui na minha casa. Eu aceitei e fiquei por ali. Por perto. Com a mãe me ajudando. Depois quando a N tinha uns 5 anos foi que a gente resolveu vim embora para cá.
- E - Vocês voltaram a morar junto quando a N tinha 5 anos?
- R - É.
- E - Onde ficou seu marido após a separação?
- R - Ele ficou morando ali em L.
- E - Como a senhora se relacionava com a família dele?
- R - Bem, eles moravam um pouco longe. A gente não se visitava muito.
Mas a gente se via pouco. A minha sogra cuidava dos outros netos, não tinha tempo para visitar a gente. Eu só cuidava dos meus filhos.
- "Aí meu pai falou:"
↓
Lei do Pai (Pai assumido)
↓
A Lei do "chato"
Não "rabujento"
↓
ele é que é o educador
- "Agora tu vai trabalhar e morar na minha casa"
↓
O pai oferece a chance de que R se mostre capaz de realizar alguma coisa.
↓
Trabalhar é uma chance!
- O Relacionamento com a Família de CT
↳ A gente se via pouco
↳ minha sogra cuidava dos outros netos
↳ Não tinha tempo para nós
- ↗
Ciúmes Fraternos?

- E - Quando vocês se mudaram para PA, continuaram se relacionando com eles, assim?
- R - Logo que vim para cá a minha sogra faleceu. Daí mesmo que eu já não procurei muito eles, não é. Com meu sogro, só vejo quando a gente vai a L. Não tem muita intimidade.
- E - E seus pais moram até hoje em L?
- R - Sim.
- E - E a N, quanto tempo morou com os avós?
- R - Até mais ou menos os 8 anos. Daí depois eu trouxe ela para ajudar a cuidar dos irmãos.
- E - Ela adaptou-se com facilidade quando veio?
- R - Ah, eu não sei!! Ela ficou um pouco revoltada conosco. No começo ela aceitou, mas depois ficou muito rebelde.
- E - Aquela mesma rebeldia que tinha N quando era nenê?
- R - Não, eu acho que não. Naquela época o que acontecia é que ela chorava muito. Ela ficou rebelde quando tinha uns doze anos.
- E - Por que N chorava quando bebê?
- R - Chorava por tudo.
- O relacionamento com a Família de CT, atualmente
- ↳ Superficial
- ↳ minha sogra morreu meu sogro só vejo quando vou a L.
- e quanto a N — "eu não sei"
- ↓
- e interesse-me por saber?
- (repetição do que me aconteceu aos 16 anos?)
- ↓
- Ficou Revoltada
- ↳ o adolescente reativa, nos pais, os conflitos não resolvidos em sua adolescência.
- O código que a mãe entendia não era o código que N usava.

E - R, o que é ser rebelde?

R - É ser como a N. Revoltada, atrevida. Qualquer coisa responde.

→ Lugar de onde o
Eu está falando.

E - Ela não obedecia vocês?

R - Às vezes ela atendia. Ela veio morar comigo por causa do colégio - mais forte. Quando ela chegava do colégio - estudava de manhã - se botava a dormir. Dormia toda a tarde. Só ficava de noite para conversar. Eu não ____ Ela não era rebelde, nem revoltada nesta época.

Incoerência no Discurso

Trouxe para ajudar a cuidar dos irmãos

Ela veio morar comigo

e quanto ao pai?

por causa do colégio

E - Ela dormia todos os dias, a tarde inteira?

Se dormia, quando ajudava?

R - Dormia. Chegava do colégio, deitava e dormia.

Por que N dormia?

O que ela não gostaria de ver?

E - Ela dormia porque queria ou havia a hora da sesta?

O que havia nesta casa que tanto desagradava esta adolescente?

R - Dormia porque queria. Chegava do colégio e dormia depois do almoço.

N dormia
N saía para rua

E - E quando acordava, brincava?

R - Saía para rua. Sempre, até hoje ela não quer ficar em casa. Ela gosta de sair, de conversar com os outros. Não é caseira.

E - E quando começou a namorar?

R - Daí mesmo que eu perdi de vista. Foi escondido. Deve ter sido com uns 12 anos.

Alguns pais se recusam a aceitar as transformações da adolescência e o ambiente familiar transforma-se em palco

E - E como a senhora reagiu?

R - Daí eu dizia que ia mandar ela embora lá para a minha mãe. Que não queria saber dela por causa daquele namoro. Mas ela _____ não adiantava falar.

E - O que acontecia nestas ocasiões?

R - Nada. Ela gosta até hoje. Ela adora a vó dela. Ela ficou muito revoltada foi porque eu trouxe ela. Ela nasceu lá. Se acostumou. Não se adaptou aqui _____ ela veio para junto de nós por necessidade. Para AJUDAR.

E - E a avó, como reagiu à separação?

R - A avó sentiu muito. A avó gosta muito dela até hoje. Eu não sei ... Agora quando a N foi lá ela disse:
- N acontecesse qualquer problema com este teu marido, tu larga ele e vem aqui ficar comigo.

E - O que aconteceu em 31 de dezembro?

R - A N não fala sobre este assunto com a gente. Eu acho que só a senhora ouviu ela dizer qualquer coisa.
Eu não sei _____
O que sei é que ela me pediu para passar a meia-noite na casa daquele rapaz.
Mas as dores do parto já tinham começado e eu pedi para ela ficar. Ela até tinha concordado. Mas depois acho ...

de atritos, discussões e desencontros.

Ameaças

"vou te mandar embora"
"não quero saber de ti"

Identificação de R com o seu pai

Mas, ao mesmo tempo, o temor de ser parecida com ele.

"N, qualquer problema ..."

Por que a avó fez esta sugestão?

Atuação

↳ Tentativa de Suicídio N

"ela não fala sobre este assunto ..."
"eu acho que só a senhora ouviu ela falar sobre isto"

Eu não sei ...

↳ Como falar sobre o Amor e sobre a Morte se não havia diálogo?

que ele chantageou ela. Aí foi aquela coisa. O pai perguntava se ela não tinha remorso de deixar a mãe naquele estado! Dizia que ela não tinha nada que ficar obedecendo aquele cara. Mas mesmo assim ela foi. Eu já estava no hospital.

Eu não sei. De repente, eu acho que o caso da N é que eu dei muito mimo para ela. Depois veio o outro, o outro filho e tive que deixar ela de lado. Eu sou assim. Me descuido. Só cuido do pequeno naquela hora.

Não sei _____ Esta revolta não sei de onde vem.

E - Quantos anos tinha N quando a irmã nasceu?

R - Tinha 2a6m.

E - E a avó cuidava dela?

R - É, cuidava. Mas quando eu trouxe a N de volta para casa eu mandei a irmã no lugar dela.

Nós só trocamos.

Mas quando a N casou eu mandei esta vim para cá. Para ajudar a cuidar dos irmãos. Tem a pequena com meses!

Mas ela também não gosta daqui.

Diz que quer voltar para junto da vó.

Eu também não gosto daqui. Aqui tudo é muito apertado. Todos ficam revoltados. A gente fica muito mal.

"Culpa"

- Tu não tens remorso de deixar a mãe neste estado?

estado que N tinha dificuldade para aceitar desde a morte dos gêmeos ...

"O caso da N é que dei muito mimo para ela..."

dei meu pai
dei minha mãe

↳ e ela, o que fez?
Me deixou!

assim como eu a deixei quando nasceram os outros filhos.

Quando eu trouxe a N eu mandei a irmã para casa da avó, no lugar dela.

Que temor é este que precisa ser aplacado à custa do sacrifício dos próprios filhos?

Eu não gosto daqui

↳ todos ficam revoltados

↓
é tudo apertado

↓
A gente fica muito mal.

DATA: OUT - Nº 2
ENTREVISTADO: MÃE DE N

ESTRUTURAS
SIGNIFICANTES

E - Em nossa última entrevista falamos sobre sua vida. Hoje vamos falar sobre a N. Depois da tentativa de suicídio, como continuou a vida de N?

R - Depois daquilo a N entendeu que a vida não era como ela imaginava. Ela passou a dar mais valor para as coisas. Hoje em dia ela está muito mudada. Mais adulta. Não é mais como antes. Em que tudo era bom ... Lá mesmo no HPS ela viu. Ela amadureceu. Assistiu uma pessoa morrer. Ficou mudada. Voltou a trabalhar. Conheceu este rapaz. Resolveu casar!

E - O que a senhora sentiu quando ela lhe disse que ia casar?

R - Eu fiquei muito contente. Pelo menos ela _____ Porque eu já fiz _____ Prefiro que pelo menos ela _____ esteja segura. Não gosto dela em discotecas. Pelo menos com o marido vai ficar mais _____ Ele vai colocar mais _____ freio nela. Ele é muito bom rapaz. Ele é bom para ela. Vai dar uma casa pra ela.

E - Como está a N?

R - Está bem. Bem faceira. Bem contente. Agora ela sai com a gente. Negócio de umbanda. Meu marido frequenta. Ela vai junto.

Depois "daquilo" N entendeu:

↓
o quê?
↓
a vida não era como imaginava
↳ o Imaginário é a sede das ilusões

antes, tudo era bom.

Em "O futuro de uma ilusão" Freud se pergunta o que ocorrerá quando todas as ilusões forem embora.

Segurança para N

↓
FREIO → a quem caberia conferir o limite a N?
↓

Bom para N

OU

Alívio para sua mãe?

A demanda de N é uma demanda de Amor.

Demanda = Concessão
de Amor = de Freio

↑
Para a Mãe

E - Como era a relação de N com o pai antes do casamento?

Ele é bom para ela

R - Não era ligada nela.

↓
vai dar uma casa (Lar) para ela

E - E ele?

↙
que eu não pude dar?

R - Ele era, como sempre foi com todos.

Relação de N com o pai

E - Ela obedecia ou questionava a autoridade dele?

↓
"antes não era ligada nele"

R - Não!

Autoridade?

Nós não tinha autoridade nenhuma. Ela tomou conta de nós. Se a gente falava alguma coisa era o mesmo que nada. Entrava em um ouvido e saía pelo outro. Era respondona.

Quando eu tava grávida até penso que muitos dos problemas dela foram por isto ela não queria que eu engravidasse. Dizia que era uma falta de vergonha. Que ela já estava moça e a mãe daquele estado. Que era uma barbaridade.

A criança, interiorizando a Lei do Pai, identifica-se com o pai e faz dele o seu modelo.

O Pai é aquele que reconhece a criança, isto é, confere-lhe sua personalidade por uma Palavra, que é Lei, laço de parentesco e promessa.

N está repetindo a situação de sua mãe.

Quem é o aliado de N?

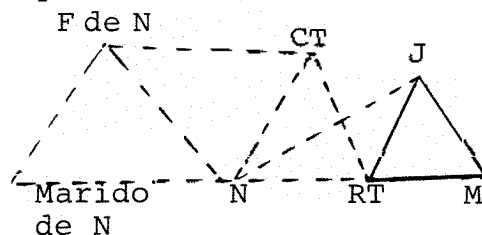
O Pai.

Observa-se que agora que tem o filho, N aproxima-se do Pai.

E - E a senhora, o que achava?

R - Ah, eu era muito desleixada. E depois que eu ficava grávida, ficava. Depois de grávida quero __ gosto, não posso tirar ou perder nenhum. Eu tenho vontade de trabalhar. Mas não posso. Aliás, a gente se prejudica muito em favor dos filhos.

Eu acho até que em certas coisas a N tinha razão.



Competição?

Primeiro N competiu com meu pai e minha mãe. Agora com meu marido?

N competia com a mãe para poder ter o filho

O que é falta de vergonha?

↓
ela já ter idade para ter filhos?

E - Em que coisas?

R - Por exemplo. Eu acho que desde que eu perdi os gêmeos ela tinha medo que eu morresse ...

Filho prejudica muito

↳ tira o lugar
↳ mata

O discurso subjacente de R poderia ser:

E eu queria trabalhar, porque este foi o mandado do pai J. Porém, o CT não me deixa cumprir

↳ por isto brigo, xingo ...

Sentimentos ambivalentes em relação à mãe

Amor e Ódio
Ela tinha "medo"

↓
o medo que pode matar

E - A senhora teve um aborto?

R - Tive. Eles seriam o 5º e o 6º filho. Depois do meu menino de 12 anos. Se todos estivessem vivos eu teria mais dois filhos. Seriam oito! Foi horrível aquilo. Eu fiquei muito mal. Estive entre a vida e a morte. O médico disse para meu marido. A coisa foi muito séria.

Devaneio

E - Como a N reagiu a este episódio?

R - Ela se assustou muito. Meu marido disse para ela que talvez eu não voltasse mais do hospital. Ela já era grandinha. Tinha uns 9 anos. Agora com a V foi a mesma coisa. Gravidez de alto risco. Eu estava com a pressão alta. Precisava repousar. Mas com este monte de criança, como é que eu iria repousar?

O temor de perder o amor da mãe está presente na menina desde sempre, o que produz um espaço vazio, quando o pai não está ali, desde sempre, para apoiá-la.

E - E a gravidez da N está tran-
quãila?

R - Sim. A única coisa é uma dor
nas costas. Ela está no iní-
cio ainda. Não fechou 4 me-
ses. O nenê é para março!
Eu lhe digo: Passei uma fase
muito difícil quando perdi os
gêmeos. Mas mesmo assim ainda
tive a L, o F e a V. Três!

Na verdade, mesmo, acho que
eu devia ter feito uma opera-
ção para ligar as trompas. Mas
o médico disse que era cedo.
Eu tinha só 25 anos naquela
época. Ele me achava muito
moça.

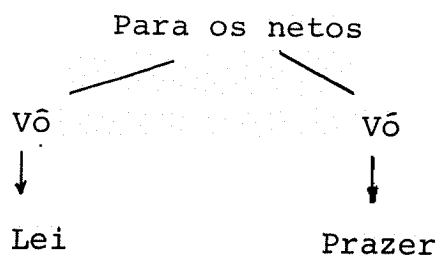
Devaneio

E - E agora, após o parto de V, a
senhora fez a ligadura?

R - Não. O meu marido diz que vai
fazer vasectomia - mas até a-
gora, nada. Mas agora eu tomo
os comprimidos. Ele disse que
eu não devo ligar. Ele não
quer que eu faça, mas ele tam-
bém não providenciou ainda. De
certo um dia ...

E - Na outra entrevista a senhora
me contou que a sua menina, a
B, veio para sua companhia em
março.

R - É. Ela veio para nossa casa
perto do casamento da N. De-
certo ela pensou: a N vai ca-
sar, daí eu ocupo o lugar de-
la. Além disto ela teve umas
brigas lá com meu pai e veio
embora.



E - A N se dá bem com o avô?

R - Melhor com a avó.

- E - E o seu relacionamento com a N como é?
- R - Melhor agora. Depois daquilo eu acho que ela ficou muito mais amorosa. Não passa dois dias sem vim aqui.
- E - A senhora já me disse que ficou contente com o casamento da N. Mas a senhora não estranhou que depois de dois namoros longos ela resolvesse casar tão rápido?
- R - É, foi um namoro bem curto. É, eu fiquei assim ... pensando ... Mas o que é isto agora? O que vai ser da N, mal conheceu este rapaz e já vai casar.
- E - E daí?
- R - Daí que a N namorou este rapaz acho que uns quatro meses. Foi pouco, a senhora não acha? Eles casaram dia 23 de abril ... No dia 1º de janeiro — Não Ela se dopou com aquilo dia 31. Aí o dia quatro eu já estava em casa. Eu estava louca de dor. Foi o dia que eu estive no Pronto Socorro. Sei lá. Começou a trabalhar dia 12 de janeiro na farmácia. Lá ela conheceu o C. Em março já estava aquela história de casamento. Sabe como foi? Eu reclamei dela porque tinha passado a noite fora com o namorado e ela me disse: - Olha, o C e eu vamos casar. O que é que eu poderia fazer?
- Relacionamento da Mãe com N
- ↳ melhor agora
ela ficou mais amorosa
- ↳ depois daquilo
- Morrer para poder viver!
- Foi necessária uma tentativa de suicídio para que N conseguisse se aproximar de sua mãe?
- Escalada Crescente de Situações de Risco vividas por N
- 1º Fuga de Casa
 - 2º Tentativa de Suicídio
 - 3º Casamento com pouco tempo de namoro
 - 4º Gravidez
- As atuações sexuais de N (Fuga de casa / Casamento precipitado) parecem querer vingar-se da mãe por quem sentiu-se rejeitada.
- ↓
- Brigou com a mãe
- ↓
- "olha, o C e eu vamos casar"
- ↙
- A partir do que viveu em sua casa, que significado N atribui ao casamento?

Ela é menor, eu tinha que dar autorização.

Mas eu falei bastante com ela.

Disse que ela pensasse bem. Que já tinha feito muita bobagem.

Que lembrasse de mim.

"Eu disse que pensasse bem, que já tinha feito muita bobagem."

↳ Lembrar da Mãe

E - Que lembrasse o quê da senhora?

R - Que eu também me casei assim. De afogadilho.

↓
lembrar ↗ a história
↘ o destino

E - De afogadilho?

R - É, eu precisei casar. Eu perguntei:

- Olha, N, se tu tá grávida me fala.

Mas ela disse que não. Eu acredito.

E o pai, como reagiu?

Ah, ele ficou contente.

↓
SERÁ?

E - E o pai como reagiu?

R - Ah, ele ficou contente.

E - Seu esposo já conhecia o C?

R - Não. Ela nem queria trazer ele aqui. Disse que estava com vergonha.

Ela disse que a família dele era gente muito boa.

Disse que ele não tinha vício nenhum. Que ele era trabalhador.

Agora, se não der certo, o que é que eu posso fazer?

Ele gosta muito dela. Até acho que gosta mais do que ela gosta dele. A única coisa é que ele é muito ciumento. Muito

Por que N estava com vergonha?

↓
"Ela disse que a família dele era gente muito boa."

↓
O que é Ser gente boa?
não ter vício ser trabalhador
agora se não der certo...

↓
(Ameaça)

E - E isto atrapalha?

Ela queixa-se disto?

R - Não, ela não se queixa, mas eu acho que isto atrapalha a vida das pessoas. De mais a mais eu acho que eles nem se conheceram direito. Namoraram tão pouco tempo.

E - Se ela não se queixa, como a senhora sabe que ele é ciumento?

R - Ah, eu vejo as coisas. Proibiu a guria de trabalhar. Tã certo que depois que o nenê nasceu ela tem que ficar em casa - mas logo que eles casaram ela podia ter procurado outro emprego. Eu acho que _____ Não sei _____ eu não sou muito esclarecida, mas acho um pecado esta guria nova assim...

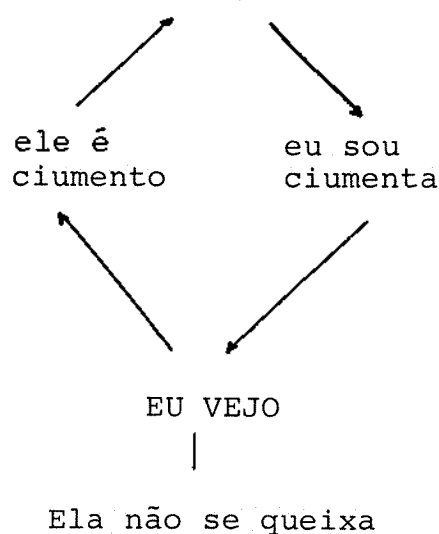
E - Assim, como?

R - Sem estudar - Sem trabalhar. Agora ela dorme até meio-dia. Estes dias o pai dela foi lá e já era depois das 11 e ela tava dormindo. Já pensou uma coisa destas! Se ela não sai depois do almoço, dorme de novo. Tem um sono!

E - Dorme bastante. Como dormia quando veio para casa de vocês por volta dos 8 anos?

INTERRUPÇÃO - Caiu uma criança e cortou o lábio.

"O ciúme atrapalha"



Uma pessoa sã é capaz de amar e de trabalhar

↳ "ele proibiu a guria de trabalhar"

Acho um "pecado"

"transgressão"

↳ a quê?

Agora, ela dorme até o meio-dia

↳ como dormia quando voltou para casa dos pais?

Não Trabalha
Não Estuda

↓
A Escola, saída para Saúde.

DATA: OUT - Nº 3
 ENTREVISTADO: MÃE DE N

ESTRUTURAS
 SIGNIFICANTES

E - Em nossa entrevista anterior conversamos sobre a sua vida quando ainda era criança, adolescente. Falamos também sobre seu casamento. Hoje vamos conversar sobre o seu presente.
 A senhora tem amigos?

R - Sim.

E - Quem são os seus amigos?

R - Nós temos ___ bastante amizade. Mas amizade mesmo. Temos lá em Viamão. Amiga nossa e o marido.

E - Uma pessoa com quem a senhora converse. Fale sobre as suas preocupações, as suas aspirações?

R - Não. Não tenho ninguém. (riso)

E - E com a sua mãe?

R - Bem, com ela é difícil. Daí só mesmo quando ela vem aqui. Quando a minha mãe aparece por aqui, daí eu conto as minhas coisas.

E - E quando algo lhe incomoda, alguma coisa que a senhora pensasse em discutir com outra pessoa, a senhora procura o seu marido?

CT

Eu não converso com ele
 Eu brigo, eu xingo

R - É, daí é com ele quem tem de ser. Daí eu brigo bastante. Grito bastante. o lugar dele não é ali!

- E - Grita bastante?
- R - É, quando tem alguma coisa que me incomoda, assim qualquer coisa, eu descarrego _____
- E - Descarrega como?
- R - Daí eu xingo ele bastante, brigo.
- E - Mesmo que as razões do incômodo ou das preocupações não tenham nada a ver com ele?
- R - Mesmo assim. Eu acho que tudo o que me aconteceu é culpa dele.
- E - Culpa dele? Como assim?
- R - É. Eu acho assim. Todas as minhas mágoas _____ os meus rancores, os meus ódios todos. Tudo é culpa dele. É por culpa dele que eu estou longe do meu pessoal. E tem mais. O marido deve participar dentro de casa. Por ex.: as crianças. Uma coisa que me incomoda, às vezes, é uma briga das crianças. Eu penso que só eu sozinha ... é brabo! Não é fácil.
- E - A senhora considera-o ausente nestas coisas?
- R - Nestas e noutras ele é ausente.
- E - Como assim?
- R - Só chega em cada para dormir, e sair no outro dia, só. Só
- Como poderia contar com ele se
- Ele é um intruso
- O lugar dele não é este
- Teoria da Sedução
- Decepção com o pai que é legalista
- ↳ não está certo
- ↓
- tu me envergonhaste
- Culpa dele
- ↓
- Intruso
- ↓
- Terá que agüentar
- "Sozinha"
- Onde está o marido CT?
Ele não tem lugar nesta casa?
- Ausente
- ↳ porque
- ↓
- Não existe

domingo que aí assim às vezes a gente conversa.

E - E à noite, quando ele está em casa, vocês não falam quase?

E - Vocês conseguem conversar?

A gente conversa quando

R - A gente consegue conversar quando ele está de boa paz _____ Quando ele não chega muito cansado!

"ele"

ou

ambos estão de boa paz?

E - Ele normalmente é uma pessoa tranqüila?

R - É. Não é violento, não.

Violento é o Pai J

E - E quando vocês começaram a namorar, costumavam conversar mais?

A lei

A cultura

R - A gente conversava.

A imposição

| |

E - E logo que casaram?

CT se submete

R - Também. Mas agora a gente tá sempre em roda dos filhos. Este é o assunto.

E - Algumas vezes vocês têm oportunidade de sair, só vocês dois? Dar uma volta, fazer uma visita ...

R - Não! Às vezes eu pretendo sair só com ele. Daí digo: Vamos dar uma volta ____ Mas ele não quer.

E - O que a senhora gosta de fazer?

R - O que que eu gosto? Eu gosto de ficar quieta. (risos)
Eu também gosto de ler.

E - O que a senhora costuma ler?

R - Humm? De ler? Eu gosto de ler qualquer coisa. Mas eu não tenho chance de ler nada. Um jornal, uma revista. Eu adoraria ter um tempo para ficar em paz.
A leitura é alguma coisa que me fascina. Mas eu não consigo ler.

A leitura lhe tiraria desta situação, ao menos por momentos.

E - Por quê?

R - Não dão chance, nunca. Eu deito à meia-noite por aí e me levanto ali pelas 7h30min.

E - As crianças acompanham este horário?

R - Não. Eu deixo dormir a manhã inteira, se der. Pois quando estão acordados estão sempre funcionando.

N dormia

||

As crianças dormem

↓↓

"se acordam,funcionam"

"não dão folga"
"tão sempre fazendo alguma coisa!"

E - A senhora acha que as crianças lhe incomodam muito?

R - Assim como a senhora vê. Não dão folga. Tão sempre fazendo alguma coisa.

O que é a morte?

↓

é a ausência de energia

E - Como a senhora é?

R - Eu? Eu me acho muito egoísta.

E - Por quê?

R - Por quê? Por enquanto eu não posso participar de nada. Eu quero as coisas só para mim. Além disto eu sou quieta. E muito braba. (risos)

Eu queria de volta o meu pai

E - É quieta e também é braba!

Por isto, tirei a N de lá.

R - É ... mas sou calma também.

E - E como é que a senhora fica, quando está braba?

R - Não sei. Eu sou uma pessoa que ... que se eu não digo uma coisa na hora, aquilo fica me martelando por horas e horas na cabeça.

"O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da Psicologia de Grupo (...). A falta de satisfação que brota da não realização deste ideal libera a libido homossexual sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente este sentimento de culpa era o temor de punição pelos pais, ou mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número infinito de pessoas." (Freud, v.XIV, p.119)

E - E isto acontece seguidamente?

R - (gesto afirmativo da cabeça)

E - A senhora costuma guardar só para si aquilo que lhe incomoda?

R - Sim.

E - E aí?

R - Aí fica pior. Mas eu fico sempre com aquilo por dentro. Me machucando.

E - A senhora tem medo de não falar com calma?

R - É, às vezes eu tenho medo de que as coisas que eu digo magoem as pessoas. Mesmo que eu não tenha gostado eu tenho a impressão de que se eu falar as pessoas poderão ficar brabas, de mal comigo, não ficassem mais como eram antes ...

Eu tenho medo que o que digo magoe

Mesmo que eu Não tenha esta intenção

Então eu me fecho

E - E isto lhe incomoda?

R - Muito. Tem certas coisas que me incomodam. Aquilo que me incomoda. Então eu me fecho. Fico no meu interior.

E - O que a senhora pensa da sua vida?

R - Da minha vida? O que eu penso?

Eu penso que tenho que criar meus filhos.

Eu também penso que devo estar preparada para tudo. Para o que der e vier. Uma hora aí eu posso até morrer.

A Mãe de N:

tem uma visão pessimista do futuro

considera que não tem grande valor como pessoa

entende que de nada serve viver até porque do futuro só pode esperar o Pior

E - Mas a senhora é tão moça. Tem apenas 35 anos!

R - Mas eu não sei se eu vou morrer cedo ou tarde. Então eu já me preparo no meu íntimo. Hoje mesmo eu estava pensando: quando menos os outros esperam - a pessoa assim dá uma coisa e MORRE!

Já pensou? Como é que iam ficar os meus filhos? Acho que eles iam seguir. Menos eu.

→ Ato Falho

→ Chiste

→ vontade de pregar uma peça

A Morte como Brincadeira

- E - Seguidamente a senhora pensa na morte?
- R - Seguidamente.
- E - Mas pensa quando sabe que alguém morreu, ou a morte é uma preocupação para a senhora?
- R - Eu penso ____ Mas eu acho que para o meu futuro melhorar ____ hoje em dia está tão caro tudo ____ Ah! eu não tenho mais ilusão de nada ____ de adquirir mais nada. Então o que eu vou esperar da minha vida? O pior. Cada vez o pior. Às vezes eu tenho uma reação diferente. Mas pode ser que melhore a minha vida.
- E - Que reações a senhora considera "diferentes"?
- R - Ah! Tudo o que eu já passei na minha vida. Nem sei dizer ...
- E - Quando alguma coisa lhe incomoda a senhora costuma ter estes sentimentos que não consegue definir?
- R - Sim. Eu sou neurótica, muito reprimida, sei lá...
- E - E quando a senhora está assim o que a senhora tem vontade?
- R - Ah, nem sei. Tem horas que só tenho vontade de chorar. _____
- E - Que sentido tem a vida para a senhora?
- Morte
- ↓
- Devaneio
- ↓
- Ausência de Sentido para sua vida
- ↙
- eu não tenho mais ilusão
- └─┬─┘
- └─┬─┘
- └─┬─┘
- └─┬─┘
- de nada
- de adquirir nada
- Está cada vez pior.
- ↙
- Eu sou reprimida
- |
- eu quero chorar

R - A minha vida? Eu acho que eu mal ou bem e apesar de tudo eu acho _____ eu acho que é importante estar viva. Eu penso que sou uma pessoa que pelo menos tentei fazer o bem. Tentei cumprir bem a minha missão. Pelo menos o meu espírito não foi inútil.

A vida entendida como ponte para outra existência ...



Redenção

E - A senhora é uma pessoa religiosa?

R - Sim.

E - Muito?

R - Não, muito não.

E - Quando as coisas lhe contrariam a senhora diz que costuma ficar magoada, deprimida. A senhora sempre foi assim?

R - É. Eu sempre tive isso. Eu não sei se é o meu gênio, o meu signo.

Devaneio

E - Vamos falar do seu gênio.

R - É, eu sou um pouco difícil, eu acho.
Pelo menos no entender do C, que costuma dizer que sou _____ ciumenta.

E - A senhora é ciumenta?

R - Ah, eu já fui muito ciumenta.

E - E agora?

R - Hoje eu só tenho ciúme é que ele gaste algum dinheiro com alguém pela rua, deixar de dar para os filhos para dar para outra.

Ciúmes do C



não quero que ele gaste algum dinheiro com alguém pela "rua"

E - Isto costuma acontecer?

R - Não. Antigamente aconteceu. Quando eu apertei ele, disse que devia para a mulher. Sei lá, se não me mentiu! Acho que mentiu.

o prazer deverá ser "comprado" ou "roubado"



A responsabilidade foi dele

E - A senhora me disse que vocês tiveram uma briga séria que determinou inclusive a separação de vocês. Por que vocês tiveram esta briga?

R - Foi um caso sério. Foi a irresponsabilidade dele. Foi um caso dele na rua. Nesta época a N tinha 9 meses. Foi coisa séria mesmo. A gente até se separou.

eu voltei para junto da mãe

MAS

continuei tendo encontros furtivos com ele

E - E daí?

R - Eu voltei para casa de minha mãe.

Gravidez de B



O Prazer Roubado

E - Quanto tempo?

R - Acho que quase cinco anos.

E - E durante este período, a senhora e seu marido se encontraram?

R - Sim. (riso)
Eu tive ... Quando a gente se separou ele veio para PA. Uma

vez, só uma vez, ele foi a L
passar e aí, nesta vez, ele se
hospedou na minha casa.

E - Na sua casa, ou na casa de
seus pais?

R - Na casa dos meus pais. Daí foi
como eu fiquei grávida da B.
Só um dia. Uma única vez.

E - E aí? Ele voltou para PA?

R - Sim. Ele voltou para cá e eu
fiquei grávida esperando a B.

E - E a situação de vocês dois,
ficou resolvida?

E - Não. Continuamos estremecidos.

E - Quando a senhora se deu conta
que estava grávida, o que sen-
tiu?

Repete-se tudo outra
vez:

R - Fiquei apavorada. Tive vontade
de tirar. Meu pai e mãe
reagiram mal. Cheguei a pro-
curar uma parteira para fazer
aborto, mas na hora eu me ar-
rependi e voltei para casa.

O pai e mãe terão que
casá-la de novo.

"Ia fazer um aborto, mas
na hora me arrependi"

E - A senhora comunicou a ele
que estava grávida outra vez?

e o gozo?

R - Ah! Claro, a gente se cor-
respondia, não como namorado,
mais para saber das notícias.
Ganhei a B. A mãe criou ela.
Ele aqui. Dali a uns tempos a
gente resolveu ficar junto.
Logo que ficamos juntos en-
gravidei do guri. Nesta época
eu me separei da minha mãe.

Fui morar em uma casa longe da mãe. Depois quando eu já estava para ganhar este filho é que eu voltei para o lado da casa dela. Neste local morei um tempo. Mas resolvemos vir embora para V. A mãe ficou bem desesperada. Dizia para não vir. Que eu não ia conseguir com tudo, sozinha!

E o CT, o que é?



— de novo, sozinha?

E - A senhora casou-se aos 16 anos. Aos 17 separou-se?

R - É.

E - Neste período, a senhora teve algum outro envolvimento afetivo?

R - Não. Morava no interior, isto não dava. Eu era muito comportada.

E - Quando vocês casaram a senhora estudava?

R - Sim, estava na 3ª série do ginásio.

E - E neste período a senhora chegou a pensar em voltar a estudar?

Estudar não podia, não tinha cabeça para "mais" nada

R - Não. Tudo era difícil. Dificuldades financeiras grandes e eu achava que não tinha mais cabeça para nada. Cabeça para pensar. Eu tenho vontade de voltar a estudar. As minhas irmãs estudaram até depois de mais velhas.

Por que, se estava de volta na situação de solteira?

A mãe de R cuidava de seus filhos (B e N). Ela só trabalhava.

A demanda não era de Estudo. Era de Amor!

- E - A senhora então ficou separada um bom tempo?
- R - Ficamos separados quase cinco anos e depois que a X nasceu mais uns 2 anos e meio.
- E - Como é a sua mãe?
- R - Minha mãe é como eu. A mesma coisa. É calma.
- E - Como a senhora percebe a relação da N com a sua mãe?
- R - Eu acho que a N considera minha mãe a verdadeira mãe dela. Muito melhor do que eu.
- E - Como a senhora sente isto?
- R - Eu sinto assim, por ex. ... Eu sinto que eu fui filha da mãe e daí que ___ passou de mim para ela. Eu gosto.
- E - Isto nunca lhe incomodou?
- R - Não - eu acho bom. Ela sente a mãe dela como mais ainda do que uma vó. Mais ainda que a mãe mesmo. Ela gosta dela e a mãe também gosta dela.
- E - E o pai, como vê esta relação?
- R - Nem dá muita bola também. Continua sem chamar atenção.
- E - Nunca chamou?
- Minha mãe é como Eu
- Édipo
- ↳ ser igual em tudo, menos no Amor ao Pai
- A mãe de N quem é?
- É a minha mãe
- Eu sou irmã de N?
- eu sou a filha, ela também
- "Passou de mim ..."
- ↳ para isto ter acontecido é preciso que ela tenha morrido! Forte pulsão de Morte (alguém pegou o meu lugar)
- ↳ A pulsão que me permite brincar com a Morte

- R - Daí eu acho assim. Como ele como filho teve muito mais problema do que eu, acho que ele nunca soube o que era carinho da mãe ou do pai.
- CT → não existe como pai
 ↳ é responsável por alguns momentos de prazer; por isto
- E - A senhora acha que seu marido não se relacionava bem com a família?
- R - Sim.
- Xingo digo que ele é culpado
 ↳ e ele não vai embora
- E - Por quê?
- R - Uma família tão estranha!
- Homem é o J
 que é brabo
 que impõe
- E - Por que eles são estranhos?
- R - São grossos, educam os filhos na base do laço. A mãe dele também não ligava muito para os filhos. Daí acho que isto.
- Já que não posso tê-lo como mulher (Lei)
 ↳ Não o largo como Pai
- E - Havia na família dele alguém que tivesse comportamento estranho?
- a ele sou submissa
 a ele eu obedeço
- R - Não. Sabe que é. Ele é descendente de índio, acho que é isto. Daí o pai dele - ferreiro - era bem grossão. Ele não tratava os filhos como devia. Os filhos eram tratados a porrete.
- Não me importa muito o que pensa ou o que espera o CT
- E - Tendo em vista o que a senhora me disse agora, qual foi a reação dos seus pais quando a senhora comunicou que iria casar?
- R - Meu pai não apoiou. Disse que eu era muito nova. Minha mãe também. Não gostou da idéia.

grávida Mas como eu estava Quando eu contei

Minha mãe não gostou

E - E daí?

R - Não fui muito bem entendida, mas eu tinha que casar. *Casamos. Tinha um filho. Foi contra a minha vontade* também, não queria casar na igreja, eles me fizeram casar.

A forma do relato, como se fosse uma peça, onde os expectadores gostam ou não (Inadequação)

Ao fazer meu casamento na Igreja, eles me obrigaram a assumir perante a sociedade o meu papel.

E - A senhora acha que seus pais sabiam da gravidez?

E - Acho que não. Eu nunca toquei neste assunto.

E - E a família dele?

R - Ah! Eles ninguém falou. Nem se impressionaram com o meu casamento.

E - E hoje?

R - Hoje eu não faria de novo o que eu fiz antigamente. De jeito nenhum _____

E - Por quê?

R - Foi muita bobagem. Muita besteira que a gente fez. Eu não tinha amadurecido a minha cabeça.

Olha, eu casei mesmo porque foi a forma que eu encontrei para sair da minha casa, por causa do meu pai. Meu pai era muito briguento. Minha mãe não.

Qualquer coisa que eu fazia que ele achava errado, ele já

A mãe de N construiu uma imagem de alguém culpado

Ela adquiriu, de si, o juízo de que era uma infratora de normas.

ia brigando com a minha mãe, já ia quebrando tudo.

As condutas violentas do pai reafirmavam o sentimento de menosvalia e de culpa de ré

E - Seu pai era uma pessoa violenta?

O pai lhe dava imagem na qual aparecia como culpada.

R - Era. Estragava tudo que tinha dentro de casa. E eu achava sempre que eu era o motivo de tudo. O motivo de todas as brigas de dentro de casa. Era melhor casar. Sair daquela confusão.

E quanto à mãe?

O fato de ver a briga dos pais, a destruição dos objetos materiais da casa, de sentir-se responsável por isto e de ser responsável pelo pai

E - Sua mãe casou grávida?

R - Não.

↳ era necessário dar-lhe uma reparação

E - Por que a senhora se julgava responsável pelas brigas do casal?

↙ agressão a si própria, que determinou a gravidez precoce.

R - Eu era o motivo. Meu pai era estourado. Qualquer coisa era motivo, aliás. Ele sempre foi assim. Até hoje.

Para que serve a Educação?

Eu achava que já me reprimiram tanto, eu também repito com a N mesmo. As coisas Eu até achava que eu estava parecida com o pai.

↓
Repetir padrões ultrapassados?

E - Como assim?

↑
Onde está a influência da Escola em habilitar as pessoas a serem mais felizes?

R - Censurando a menina sempre.

E - Seu esposo é mais liberal?

↳ que tipo de marca a Escola deixou em R que ela só consegue repetir padrões educacionais?

R - Mais liberal, embora participe menos.

- E - A senhora acha que o marido de N censura muito?
- R - Não sei se censura, mas gosta de mandar.
- E - E ela, costuma obedecer?
- R - Agora obedece. Eu disse: Tudo que tu não agüentou aqui em casa tu vai agüentar do marido. E é verdade, o marido botou ela nos freios mesmo. Aqui em casa ela era cheia de mania. Agora mudou. Até economizar está aprendendo. Está se dando conta das coisas. O marido botou ela nos eixos. Parece mais adulta.
- E - Por quê?
- R - Amadureceu mais. Está mais tranqüila.
- E - A N comentou alguma coisa sobre a gravidez?
- R - Falou que estava contente.

Profecias (ou desejo)

o que tu não agüentaste aqui

agüentarás de teu marido

que te botará nos eixos

botará nos freios

Te restringindo

a liberdade

de movimento de comunicação

Qual é a principal tarefa de uma Mãe?

Ensinar um filho a Amar

N aprendeu a AMAR?

N aprendeu a Viver?

N quer Viver?

N pode Viver?

"A alguns, é permitido viver.
A outros, a ilusão de viver."

Parmênides

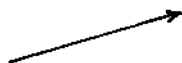
Análise de conteúdo

A História de R, no discurso de RT

A infância



"capaz de eu me lembrar"



Por que a "amnésia"?

Em *Três Ensaíos sobre a Sexualidade* (p.179) encontramos:

"Até agora não nos ocorreu sentir qualquer espanto diante desta amnésia, embora pudéssemos ter tido boas razões para fazê-lo, pois sabemos que durante estes anos ... reagimos de maneira vívida a impressões, somos capazes de expressar dor e alegria de maneira humana, damos prova de amor, ciúme e outros sentimentos apaixonados que nos emocionaram fortemente à época..."

Confirmando a "amnésia infantil", ouvimos RT dizer:

"Tanta coisa. Eu nem me lembro mais. Tanta coisa."

"A gente começa a se envolver com os filhos e começa a esquecer as coisas passadas."

No capítulo IV, denominado "Lembranças da Infância e Lembranças Encobridoras", Freud analisa a natureza tendenciosa de nossa memória pois, amiudemente, não existem na memória dos adultos vestígios daquela época que sejam importantes, impressionantes e plenos de afeto.

Assim:

"As lembranças indiferentes da infância existem em virtude de um processo de deslocamento: elas na reprodução (mnêmica) são substitutas de outras impressões realmente significativas. Através da análise psíquica das lembranças de impressões diferentes podemos chegar à lembrança de impressões significativas, mas uma resistência impede que as significativas sejam produzidas diretamente." (p.67)

De acordo com J. Laplanche e J.B. Pontalis, o conceito de resistência exerceu papel decisivo no surgimento da Psicanálise.

"As resistências têm sempre sua sede, nos ensina a análise, no eu. O que corresponde ao eu é o que por vezes chamo de soma dos preconceitos que comporta todo o saber, e que cada um de nós carrega individualmente. Trata-se de algo que inclui o que sabemos ou cremos saber - pois saber é sempre, por algum lado, crer saber." (Lacan, Livro 2, p.58)

Resistência articula-se com Repressão e RT não consegue lembrar-se de nada relativo à sua infância.

Repressão



processo que impede o acesso à Consciência de

sentimentos, pensamentos ou lembranças ameaçadoras.

Porém sabemos que as pulsões intoleráveis não se destroem - têm apenas a sua expressão bloqueada. Os impulsos continuam tentando chegar à consciência e cobram do Ego um esforço continuado para manter ocultas as pulsões proibidas.

RT, falemos de sua adolescência



"Eu não me lembro mais"

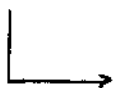


Fiquei um pouco rebelde, revoltada.

As repressões espoliam o Ego de parte de energia que poderia ser canalizada para outras finalidades.

A adolescência

Fiquei rebelde



o que significa SER REBELDE?



TEIMOSIA

"coisas de Tradição"

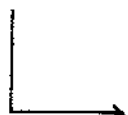
"coisas de Pode não pode"

"É, fiquei revoltada"



"Eu era motivo de todas as brigas dentro de casa"

"Eu era culpada"



de quê - de ser adolescente,

- de questionar valores, autoridade e tradições.

- de lutar por espaço e liberdade.

Sabemos que uma das mais dolorosas realizações psíquicas do adolescente é o processo de desligamento da autoridade dos pais. No entanto, alguns sujeitos têm grande dificuldade para conseguir tal proeza porque é difícil opor-se a uma lei que diz: "- Sempre foi assim, por isto,

não pode". É difícil aceitá-la porque isto significa submeter-se e, como tal, não assumir-se.

"A autonomia [escreveu Piaget] é um poder que não se conquista senão de dentro e que não se exerce senão no seio da cooperação."

À maior pressão familiar, à maior incompreensão frente à mudança, o adolescente reage com mais violência, por desespero ... (In Aberastury, p.20)

Comecei a namorar o CT

↓
pensei que podia Tudo

o que significa?

SAIR

de onde?

para onde?

Pai

Mãe

- que mandava
- que exigia
- que ameaçava

"me dava bem com ela"
MAS

CASAMENTO

"ela nunca se abriu"
"nunca me ensinou"

precisa sair
daquela confusão

por isto eu era ingênua
eu era boba
eu era ignorante
eu não sabia de nada

por isto eu fiquei grávida

ESTRUTURA FAMILIAR
CONFLITUOSA

"À maior pressão familiar, à maior incompreensão frente à mudança, o adolescente reage com mais violência por desespero e, desgraçadamente, é neste momento decisivo da crise adolescente que os pais recorrem geralmente a dois meios de coação: dinheiro e liberdade.

São três as exigências básicas de liberdade que o adolescente de ambos os sexos apresenta a seus pais: a liberdade nas saídas e horários, a liberdade de defender uma ideologia e a liberdade de viver um amor e um trabalho." (Aberastury, p.20)

"Eu fui parecida com a N, neste ponto, porque também fiquei revoltada, teimosa."

OU

Existe uma identificação entre eu e a N?

"O corpo despedaçado encontra a sua unidade na imagem do outro, que é a sua própria imagem antecipada - situação dual em que se esboça uma relação polar porém não simétrica." (In Lacan, Sem.2, p.74)

"Eu disse para a N pensar bem."

"Que já tinha feito muita bobagem."

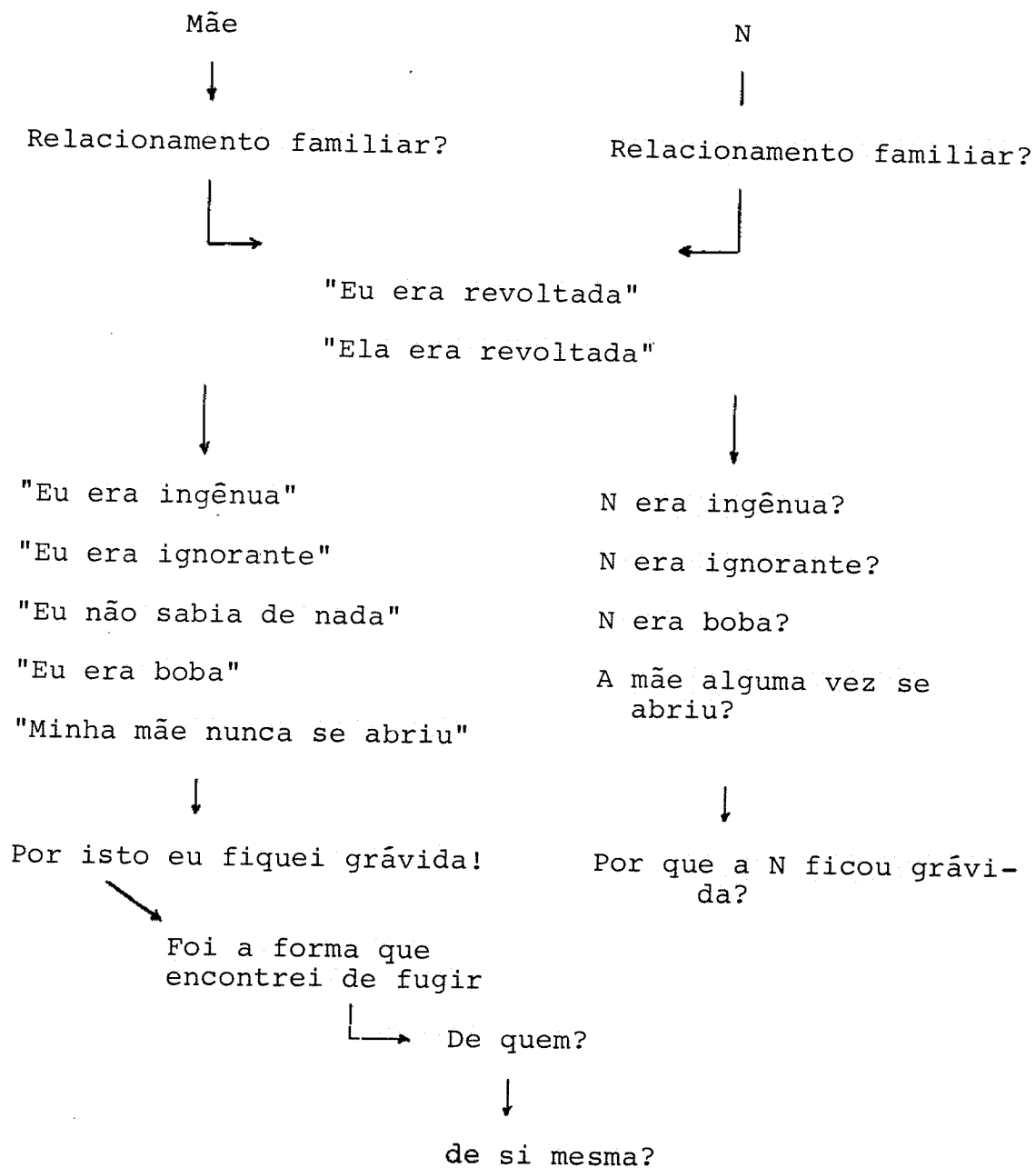
"Que lembrasse de mim."

LEMBRAR-SE

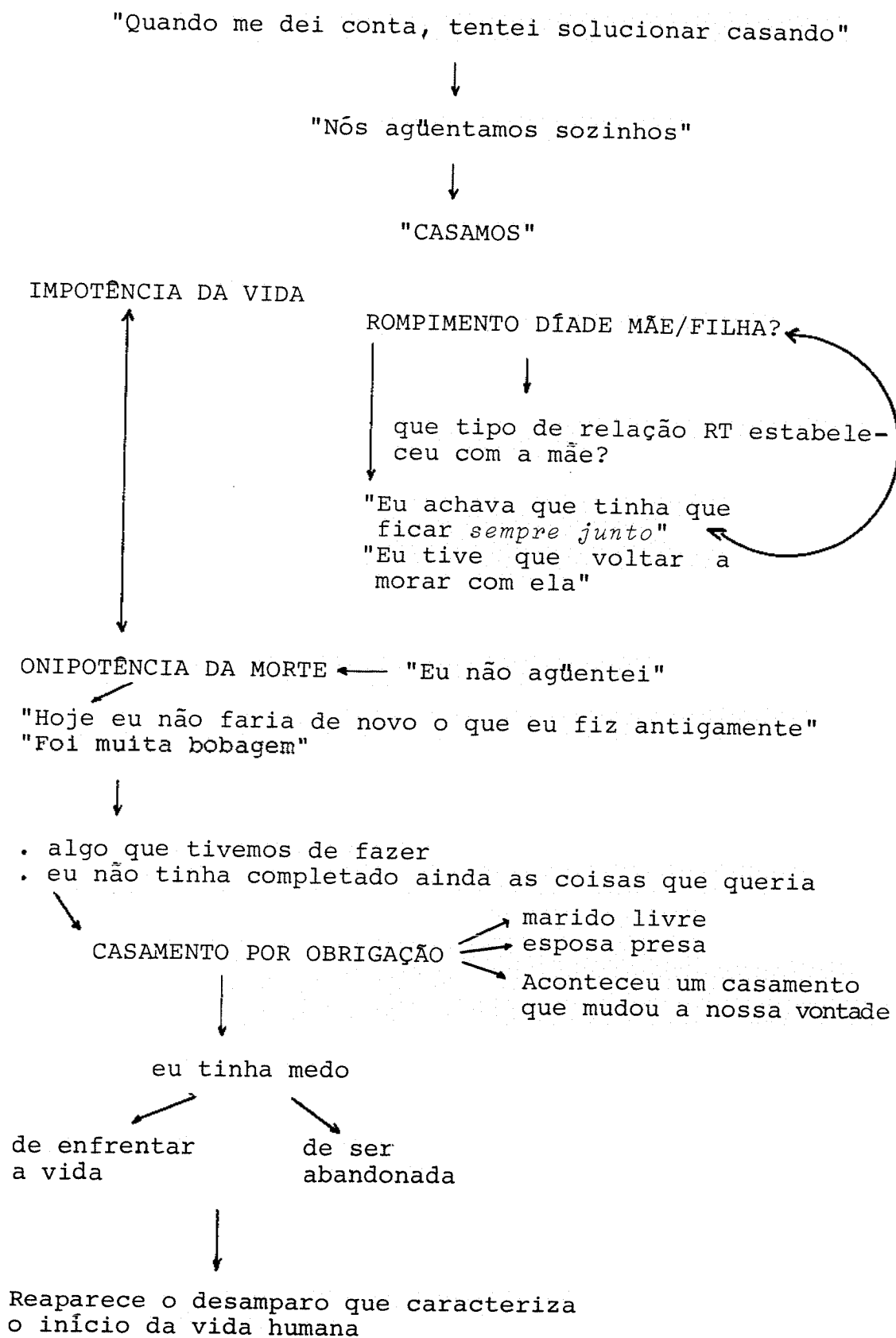


Inegavelmente toda a educação é marcada pelas primeiras vivências, determinando faltas e dimensionando dialéticas pessoais de Recordar, Repetir, Elaborar, como destacava Freud.

Como se configurou a identificação de N com a Mãe?

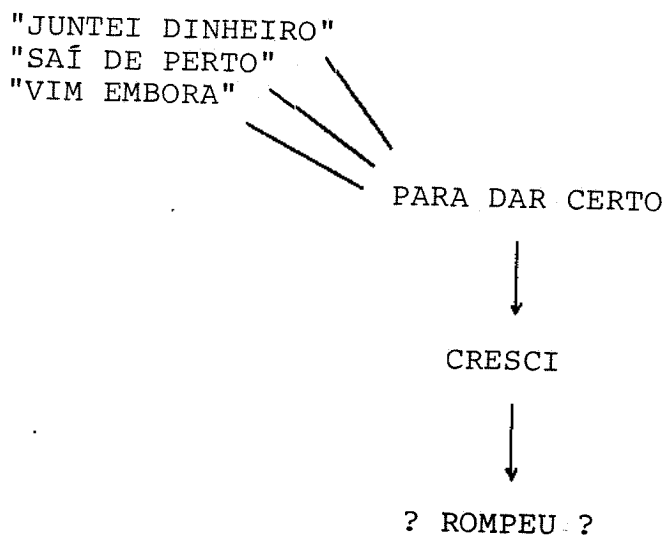
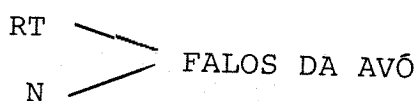
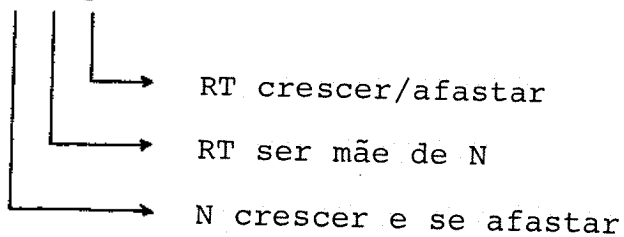


A GRAVIDEZ DE RT



Quem é esta Avó

- que cuida de tudo
- mas que não permite



Quem é este Avô

"velho rabujento"

"cheio de manias"

"de preconceitos"

que não quer ver a filha?

que se envergonha da filha?

que não fala com a filha?

O Discurso de RT - mãe de N

A Família de RT

PAI

"Meu pai era muito
briguento"
"Meu pai qualquer
coisa já ia que-
brando tudo"
"Meu pai brigava
com minha mãe"
"Violento. Estra-
gava tudo o que
tinha dentro de
casa"
"Meu pai era es-
tourado"

MÃE

"Minha mãe não"
"A minha mãe nunca se
abriu, nada"

A Família de CT

"Eles eram uma família estranha"

"A mãe não ligava
muito para os fi-
lhos"

"O pai não tratava os
filhos como devia.
Tratava a porrete"

"O C nunca soube
o que era cari-
nho do pai ou da
mãe"

Folberg - *Relação Interpessoal*, p.2, encontramos:

"A família nós a carregamos dentro de nós. E ela é a expressão da sociedade que a contém.

Assim, a força do ambiente familiar marca seus elementos e, atra-
vés de complexos que são essencialmente inconscientes, organizam-
-se as relações interpessoais na família."

O CASAMENTO DE CT e RT

Pai foi contra

não apoiou

disse que eu era muito nova

Minha mãe

não gostou da idéia

"A família de CT nem se impressionou com o casamento."

Foi contra a minha vontade também. Mas eu precisava casar

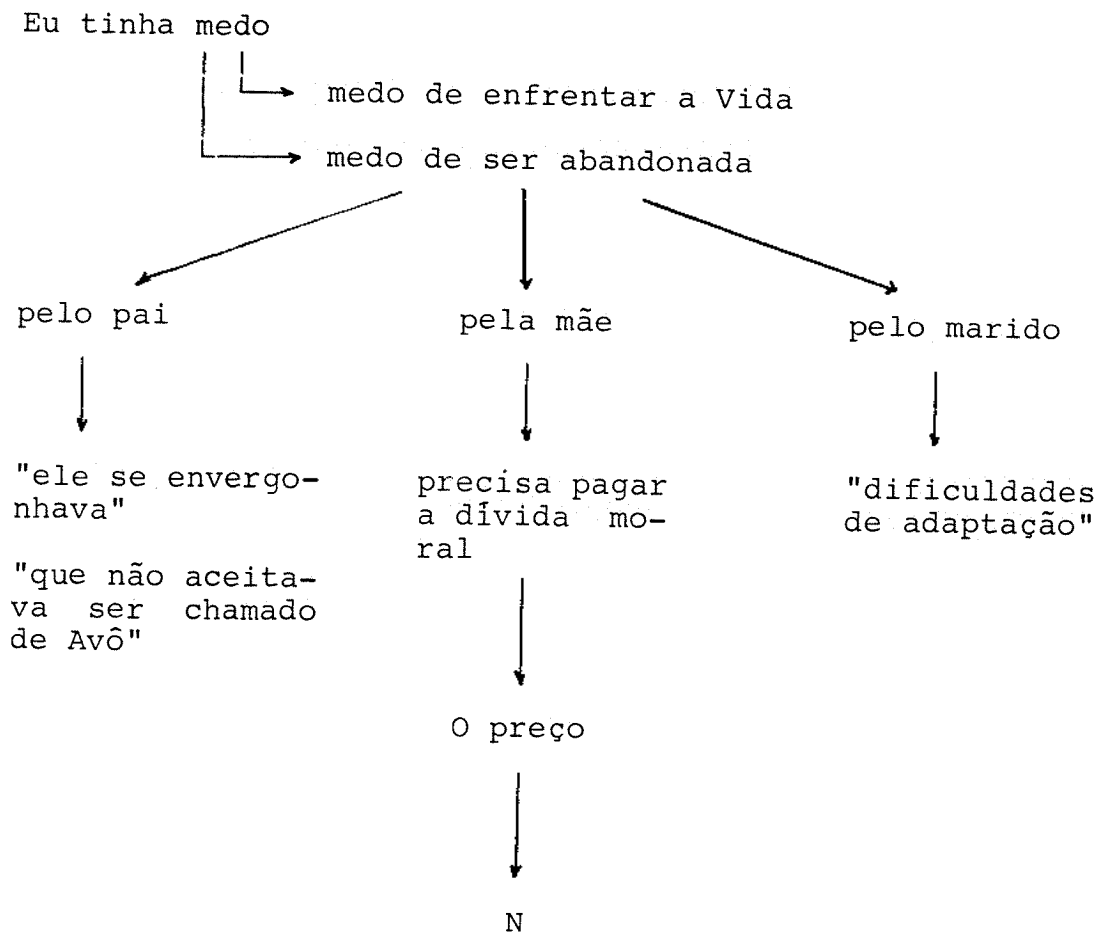
Por quê?

"Olha, o casamento foi a forma que encontrei para sair de casa."

E quanto a CT?

Qual o significado do corte que se estabeleceu em sua vida?

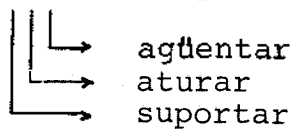
O início do casamento foi um pouco ...



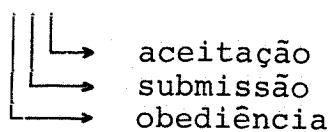
A ESPOSA

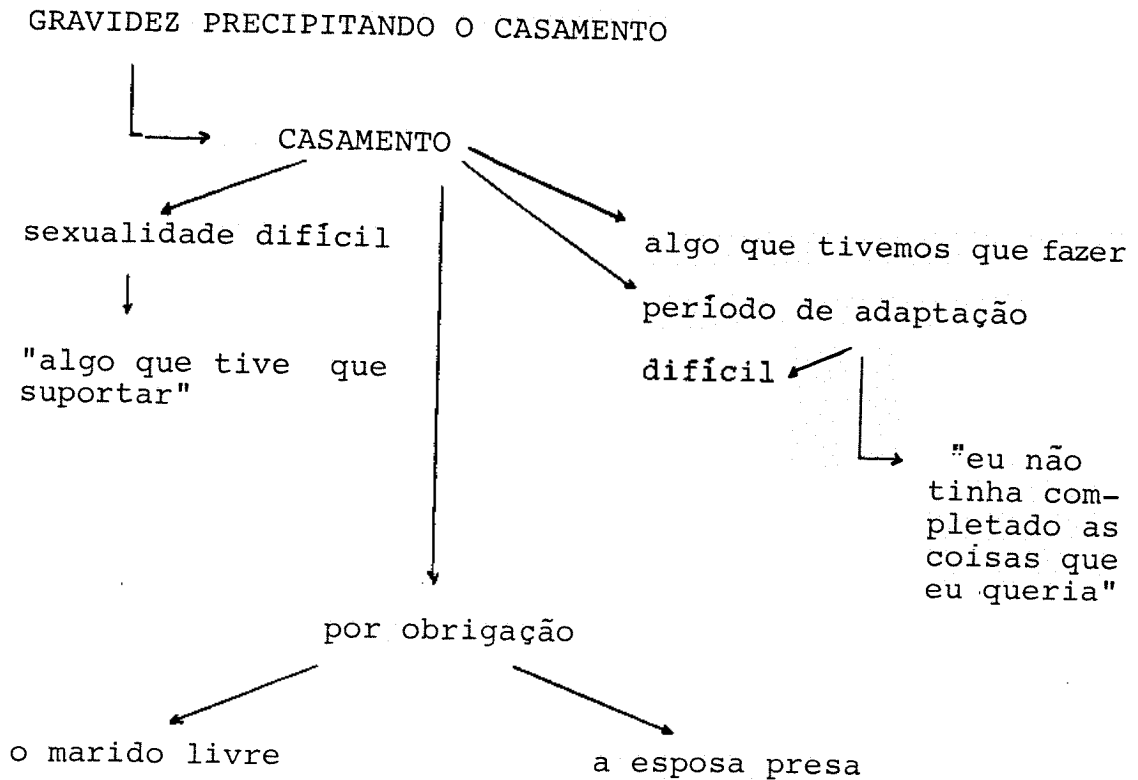
"... e de repente a gente se viu obrigada a partir para aquela vida ali."

Vida que implicava



Marca da Feminilidade





"E de repente a gente tinha como uma ilusão"

Entretanto, sabemos que:

"Os juízos de valor de um homem acompanham diretamente os seus desejos de felicidade, e que, por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos as suas idéias." (p.170 - *O Mal-Estar na Cultura*)

SEPARAÇÃO CT/RT

"Nós nos separamos um ano e tanto"

Por que se separaram?

"ele tinha 19 anos, queria viver a vida dele"

Mesmo separados

↳ Gravidez 2ª filha

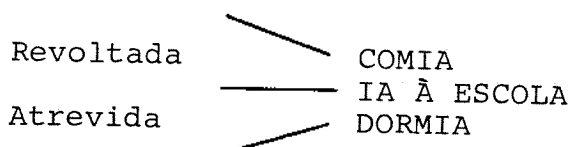
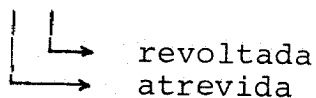
A Família de CT

"Moravam um pouco longe"
 "A gente não se visitava muito"
 "A gente só se via de vez em quando"

"Quando viemos para Porto Alegre, a N ficou morando com a minha mãe. Depois eu trouxe ela para ajudar a cuidar dos irmãos."

Como N reagiu?

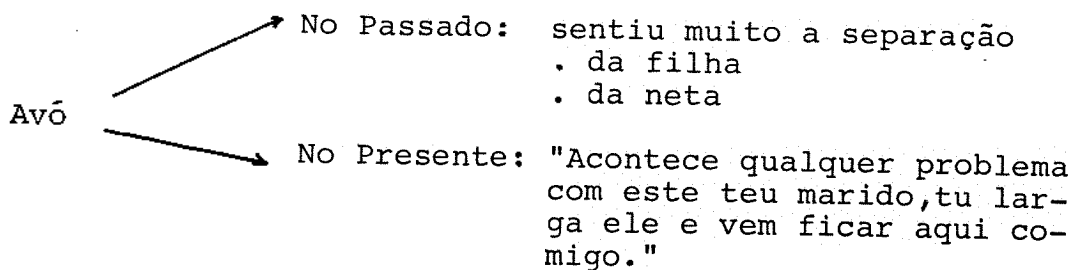
- . no começo aceitou
- . depois ficou rebelde



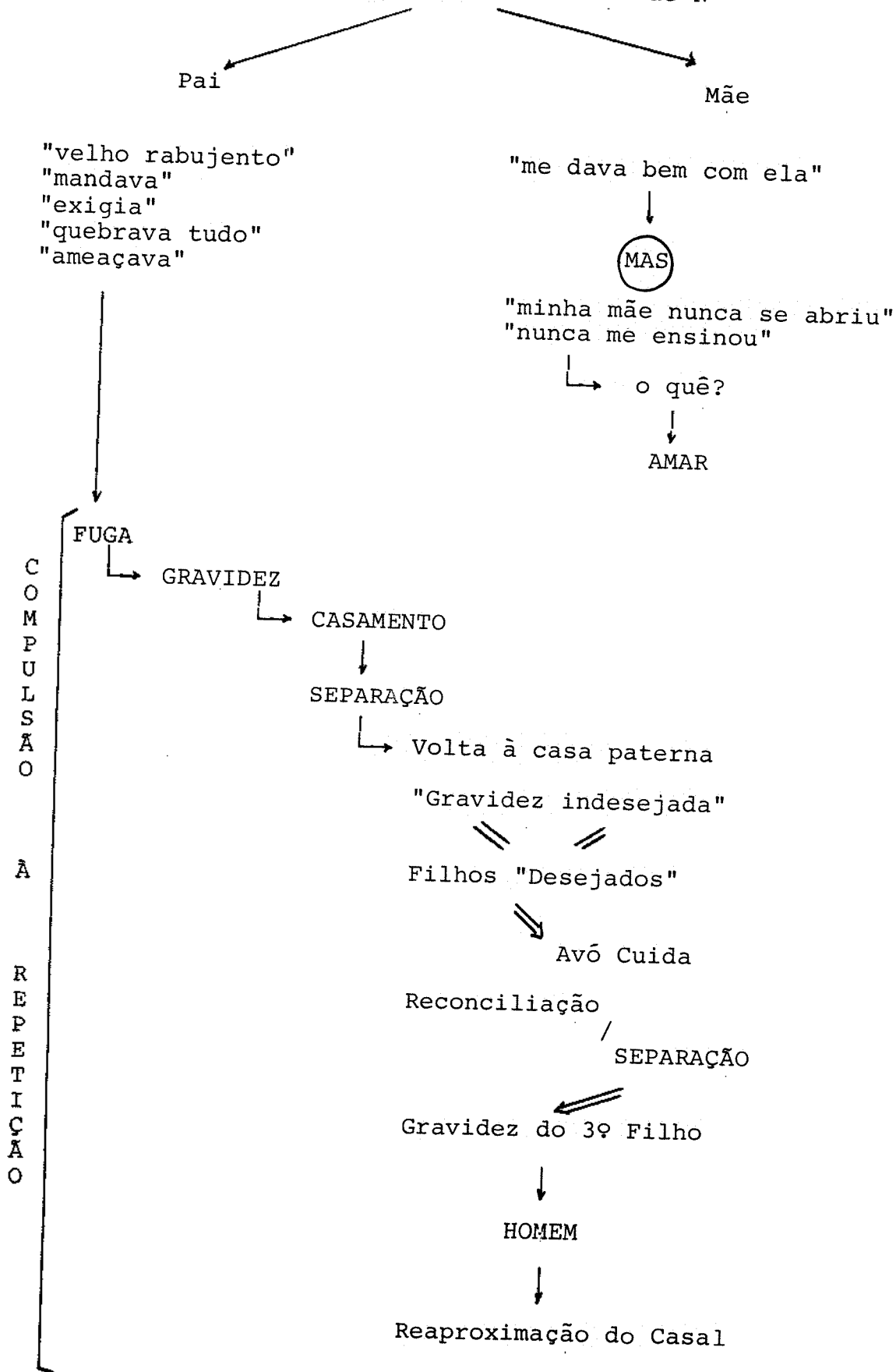
"Dormia porque queria"
 "Dormia a tarde inteira"
 "Só ficava de noite para falar com ela"

Adolescente N

- . Ameaçada
- . Revoltada por ter saído de perto da Avó



A Estrutura Familiar da Mãe de N



A Vida da Mãe de N Hoje

Amigos — Um casal, em V.

↓
"Não tenho"

Relação com a Mãe

└─┬─> "difícil"
└─┬─> "vê pouco a mãe"

Relação com o Marido

└─┬─> "Brigo bastante"
└─┬─> "Grito"
└─┬─> "descarrego"

"Tudo o que me aconteceu é culpa dele"

↓
Todas as minhas mágoas
os meus rancores
os meus ódios, todos

↓
É por culpa dele que eu estou longe do meu pessoal

CT é → ausente
└─┬─> só chega em casa para dormir
└─┬─> tranqüilo

"A gente não consegue conversar ...
Tã sempre na roda dos filhos, este é o assunto."

"Se houver brigas entre os pais, ou se o seu casamento for infeliz, estará preparada nos filhos a base para a mais grave predisposição a distúrbios de desenvolvimento sexual ou doença mental." (Freud,1905,p.235)

INTERESSES

Leitura

"Eu adoraria ter um tempo para ficar em paz"
 "A leitura é alguma coisa que me fascina. Mas eu não consigo ler."

"Mas não dão chance nunca"

Auto-Imagem

eu me acho egoísta - "Eu quero as coisas só para mim"
 "eu sou quieta"
 "eu sou muito reprimida"
 "eu sou braba"
 "eu sou neurótica"
 "... é mas sou calma também"
 "eu sou ciumenta"
 "... se eu não digo uma coisa na hora aquilo fica me martelando na cabeça"
 "me machucando"
 "se eu disser o que penso as pessoas vão ficar de mal comigo"

Sentido de Vida

O que pensa da própria Vida

"Tenho que criar meus filhos"
 "Eu devo tá preparada para tudo"
 "Uma hora aí eu posso até morrer"

eu já me preparo

quando os outros menos esperam

MORRE

A senhora pensa na morte seguidamente?

"Eu não tenho mais ilusão de nada"

↳ então, o que esperar da vida?

O pior ↙
Cada vez pior ↘

Que modelo de identificação ofereceu esta mãe?

Que sentido tem a Vida para a senhora?

↙
bem ou mal,
apesar de tudo,
acho que é impor-
tante Viver

↓
eu, pelo menos,
tentei fazer o
bem

↘
pelo menos,
o meu espí-
rito não foi
inútil

"Toda a cultura ocidental manteve o homem como devedor que devia saldar sua dívida social mediante o cumprimento de valores morais. O resultado foi um homem submetido e hipotecado.

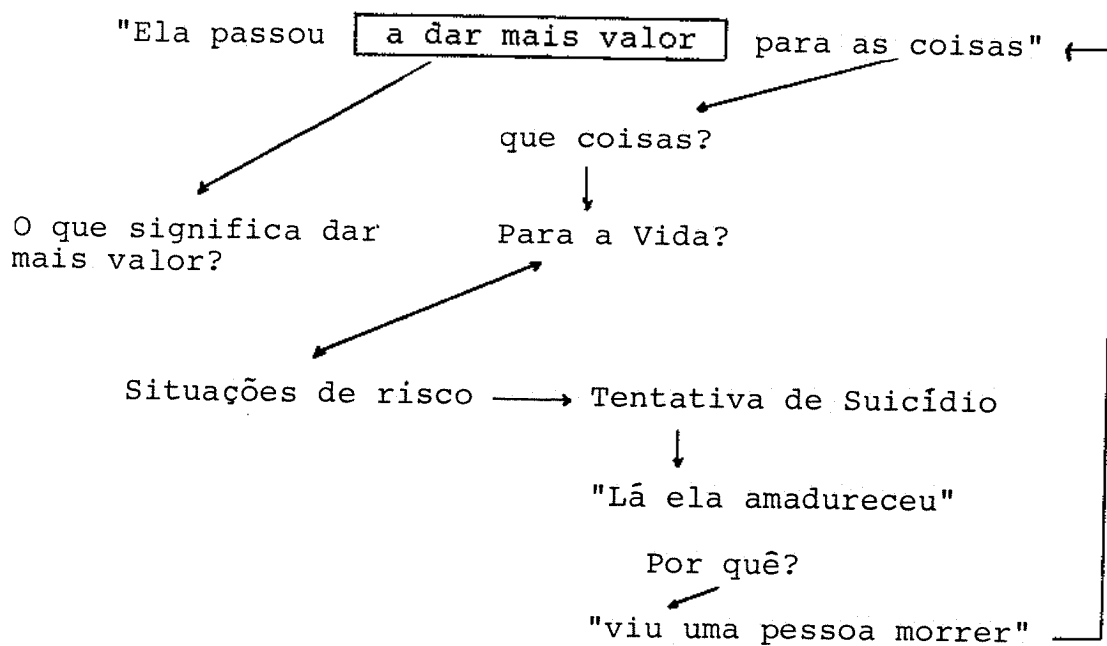
Para que o homem saia desta situação e descubra a sua missão é necessário que não prometa a ninguém o cumprimento de deveres, senão que prometa a si mesmo o cumprimento do homem." (Rivera, *Antropologia Existenciária*, p.52)

Vida de N após Tentativa de Suicídio

"A vida não era o que N pensava"

o que N pensava

Como a família poderia saber o que N pensava, se não conversavam?



Por que ela tentou o Suicídio?

presença da pulsão de Morte

Suicídio é brincadeira

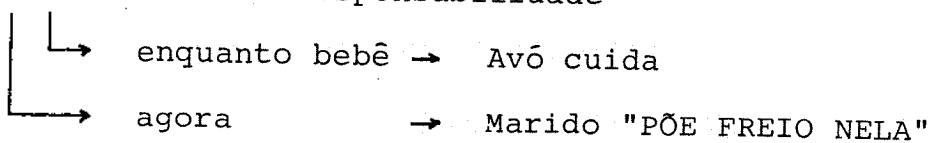
Matar/Morrer é brincadeira

ANÚNCIO CASAMENTO DE N

"Eu fiquei muito contente"
 "prefiro que ela esteja segura"
 "não gosto dela em discotecas"
 "o marido vai colocar freio nela"



Transferência de Responsabilidade



SEGURAR

PRENDER

SUBJUGAR

IMPOR A
LEI

N não atendia aos pais,
 portanto não submetia-
 -se à lei

"O C é um bom rapaz"
 "É muito ciumento"

COMO ERA N

Tomou conta de nós

"N era respondona" "Nós não tinha nenhuma auto-
 ridade"

N não aceitava a gravidez da mãe

"Eu era desleixada"

"Depois que eu ficava grávida, ficava"

"N acha uma barbaridade → ela moça
 ↓ eu grávida

Por quê?

GRAVIDEZ DE ALTO RISCO

Ameaça de morte

E a senhora o que acha?

"Acho que devia ligar"

"Meu marido vai fazer vasectomia"

"Meu marido não quer que eu ligue"

"Eu tenho vontade de trabalhar, mas não posso"

Como a senhora reagiu ao casamento de N?

"É, foi um namoro bem curto

↙
 mal conheceu o rapaz

MAS

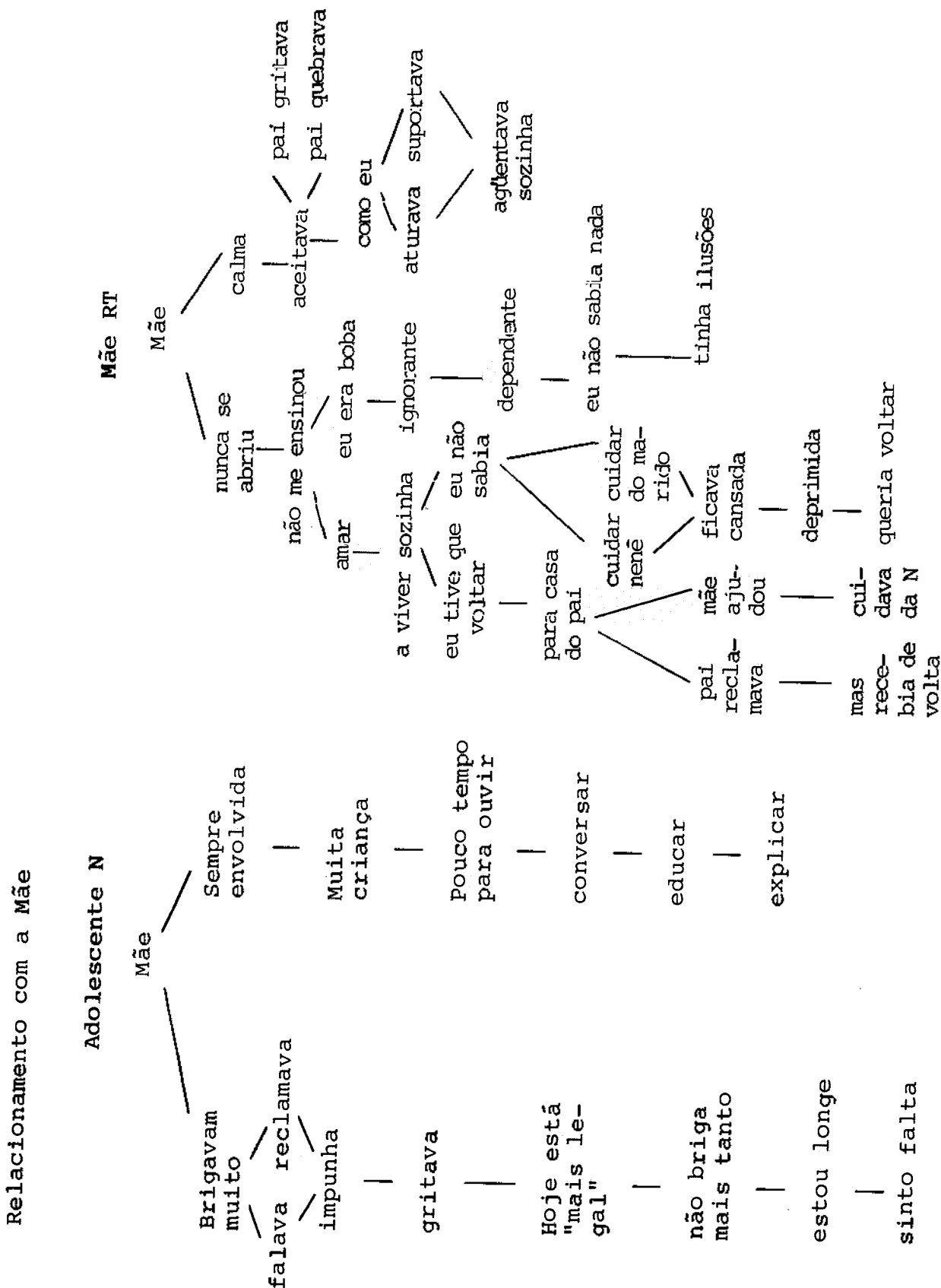
"Eu fiquei contente"

"Eu fiquei assim, mal conheceu o rapaz já vai casar. O que vai ser da N."

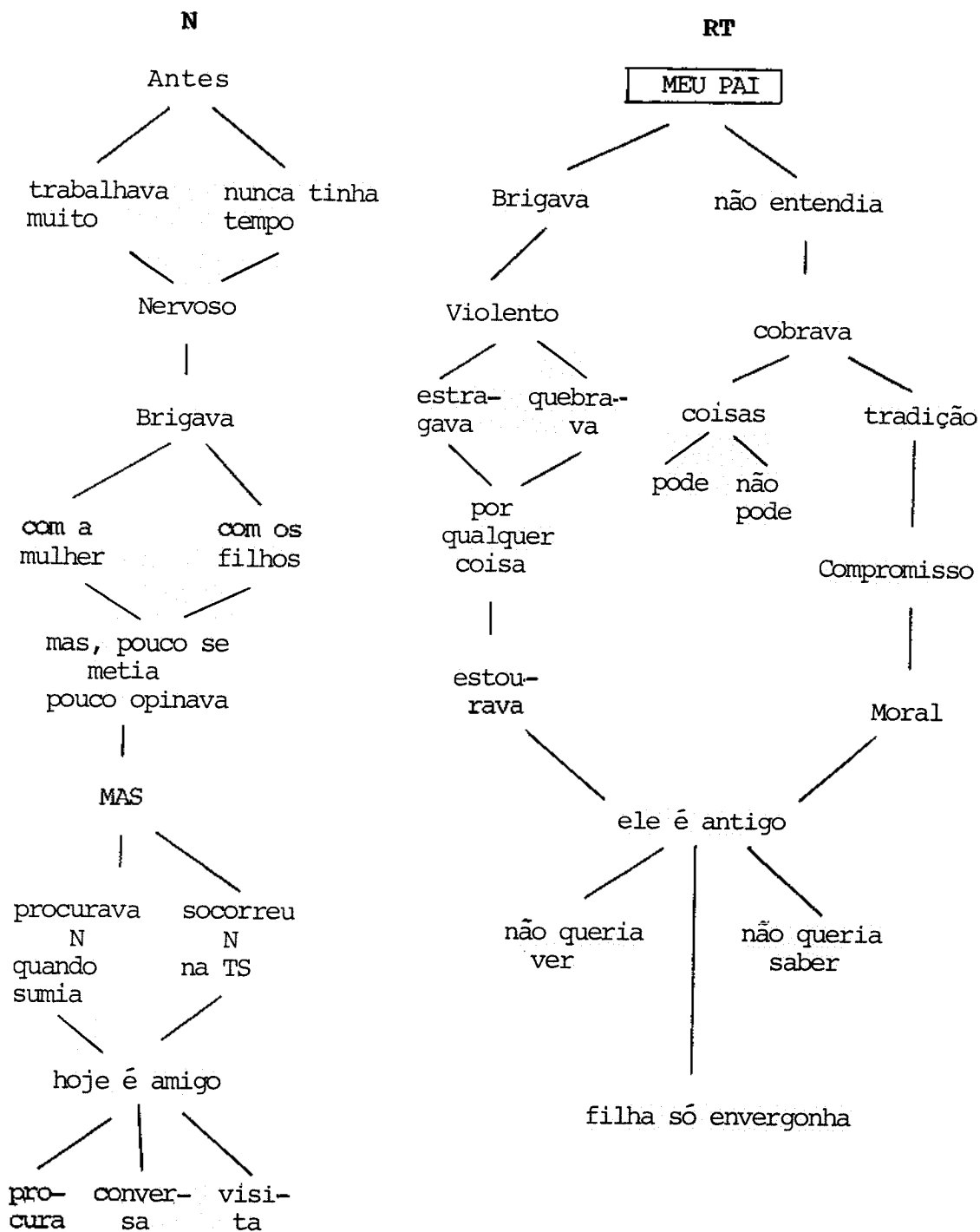
MAS

"O marido vai botar freio nela"

Análise conjunta das Entrevistas



Relacionamento com o Pai

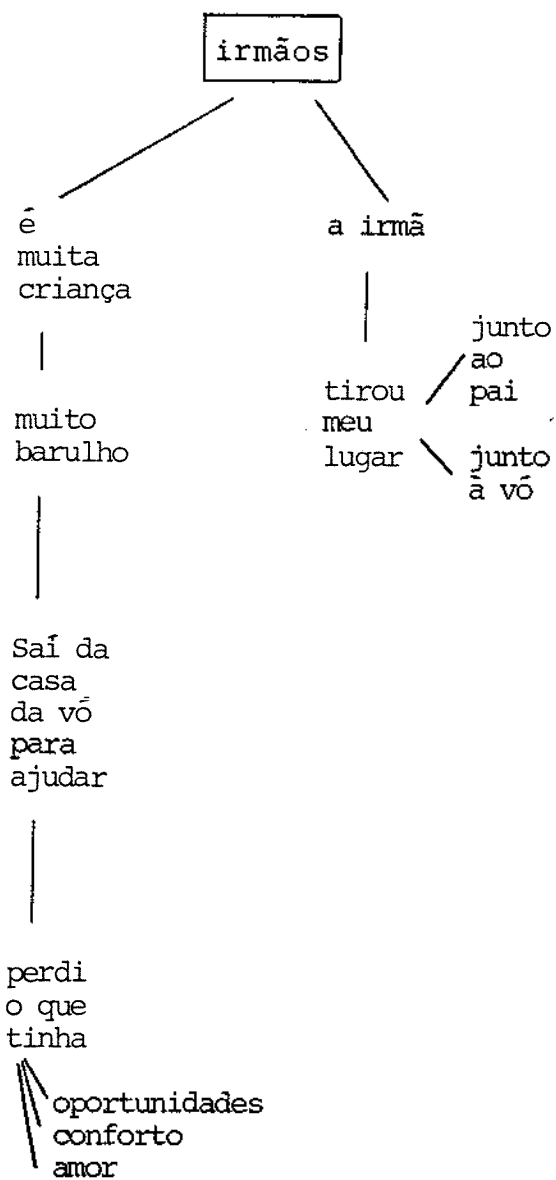


Relacionamento do Casal na Percepção da Filha



Relacionamento com os Irmãos

Adolescente



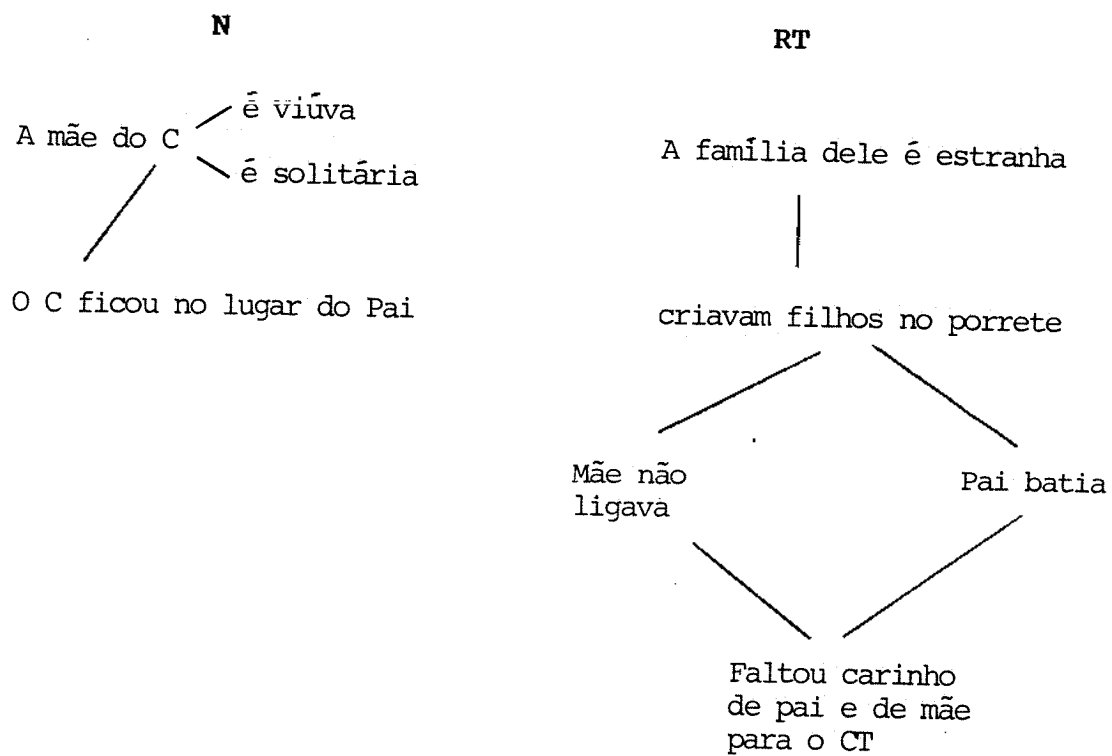
Mãe RT

Eu sinto falta "dos meus"

tenho pouco contato

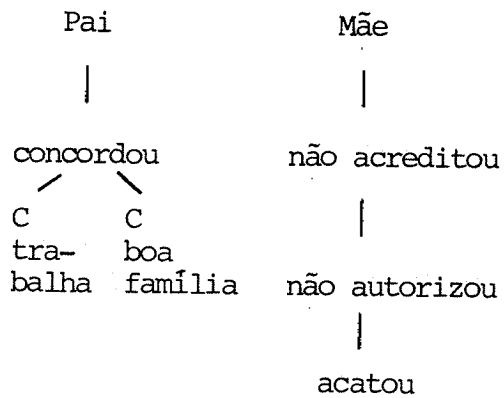
quando a gente se encontra
é uma festa

Relacionamento com a Família do Marido

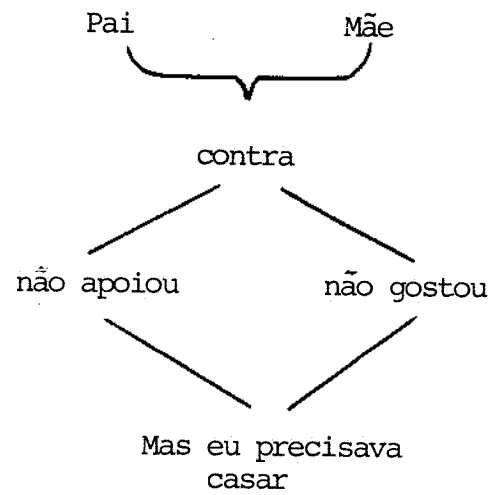


Reações ao Casamento

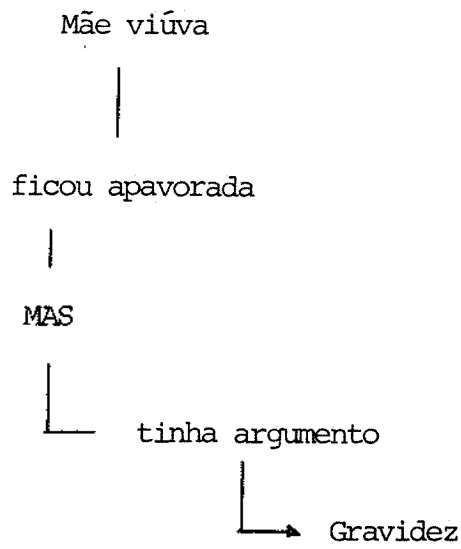
Família de N



Família de RT



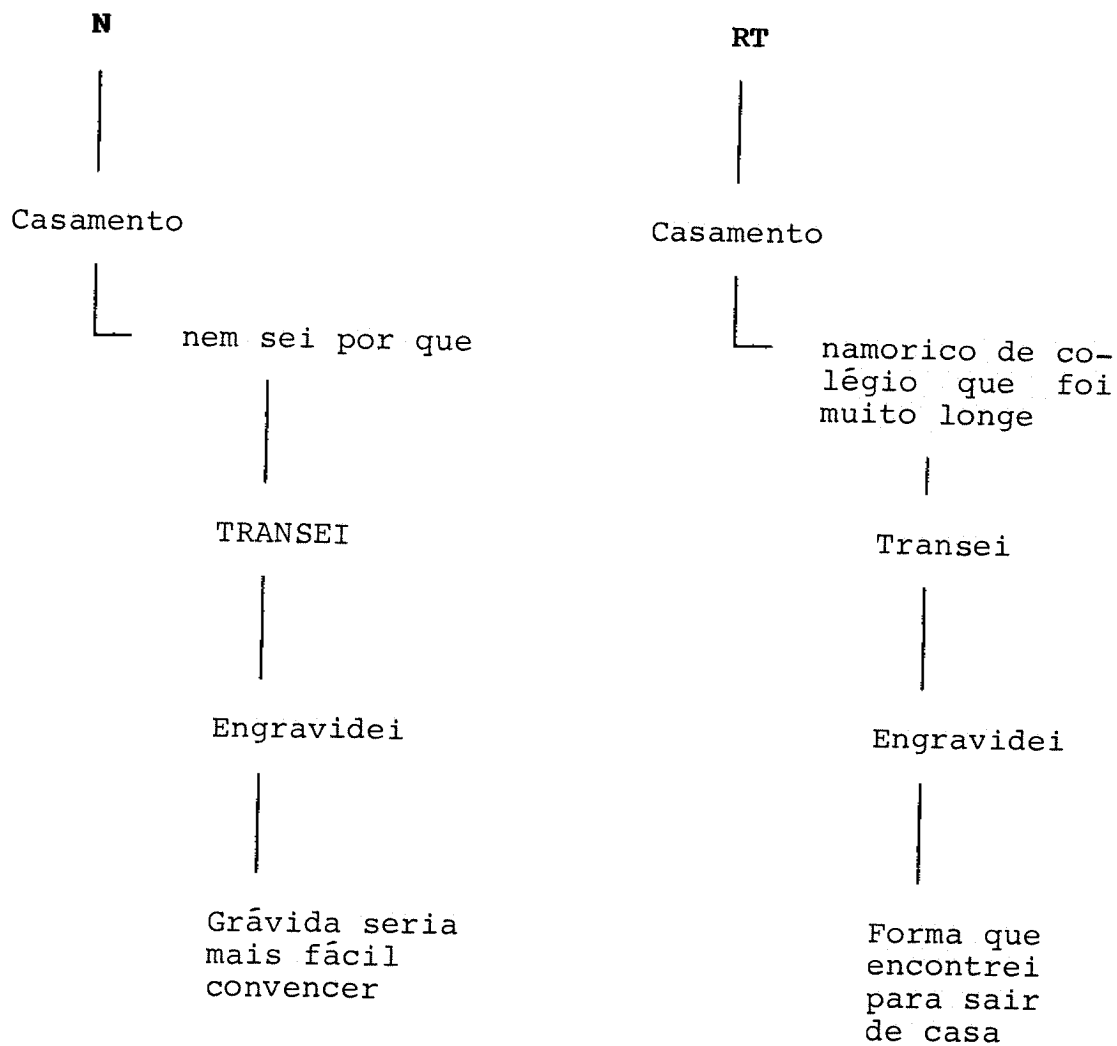
Família de C



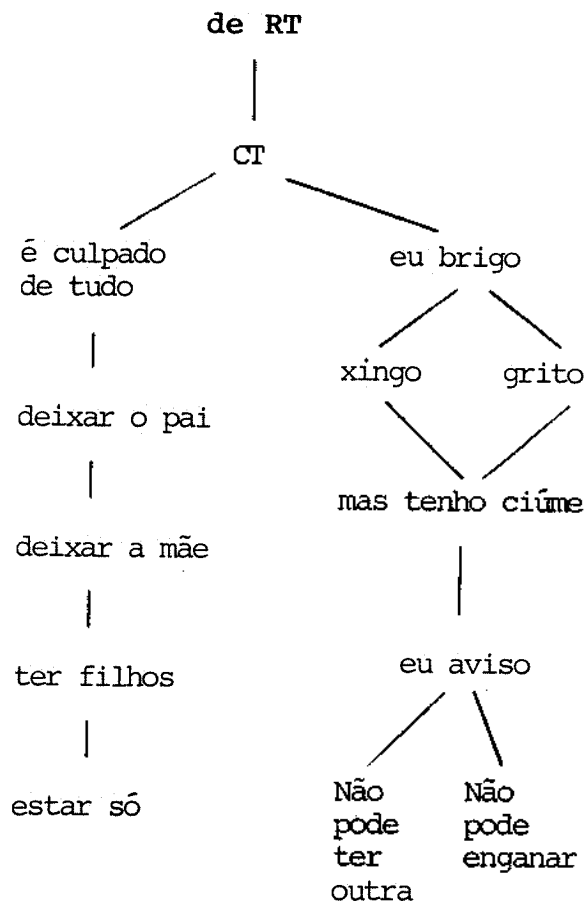
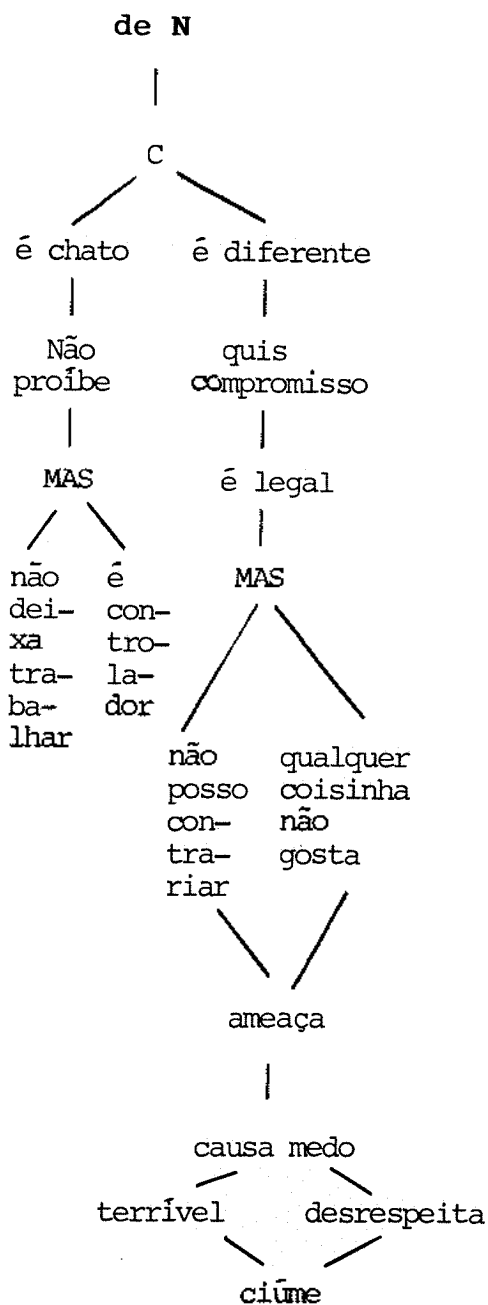
Família de CT



Reações ao Casamento



Quem é o Marido



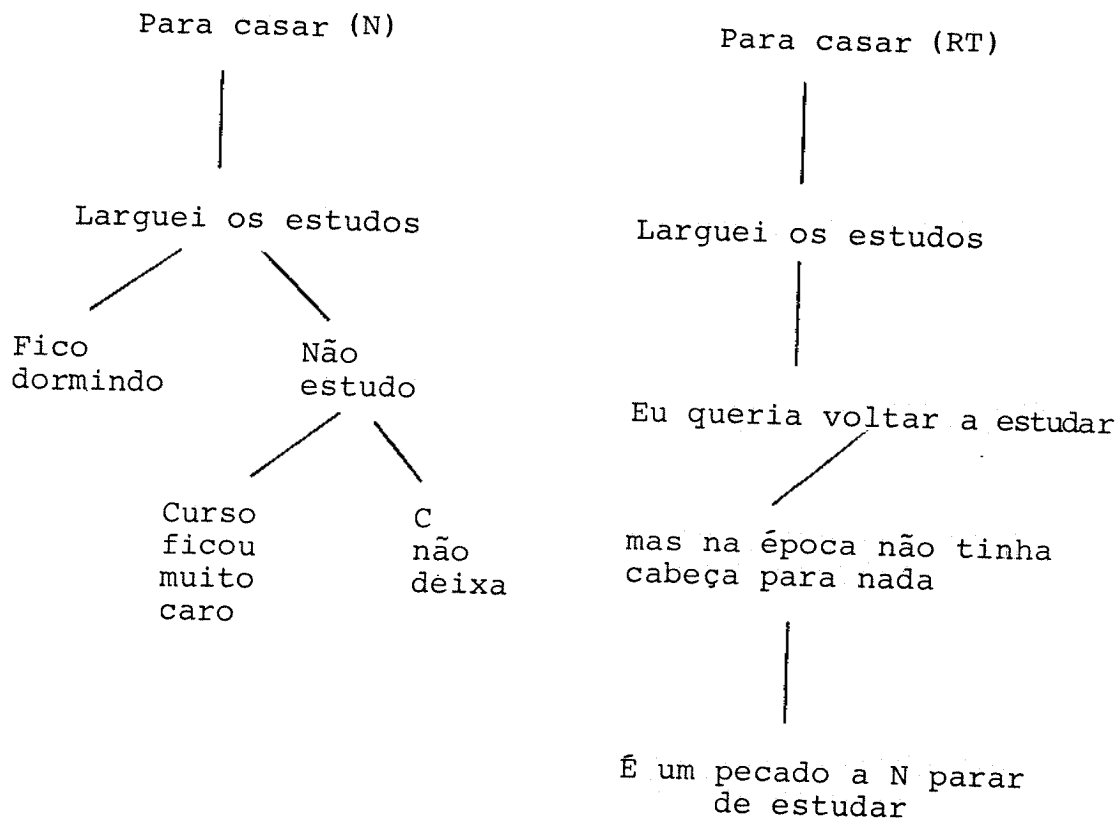
Totem castiga — quebra do Tabu

C → Se tu me traíres com outro

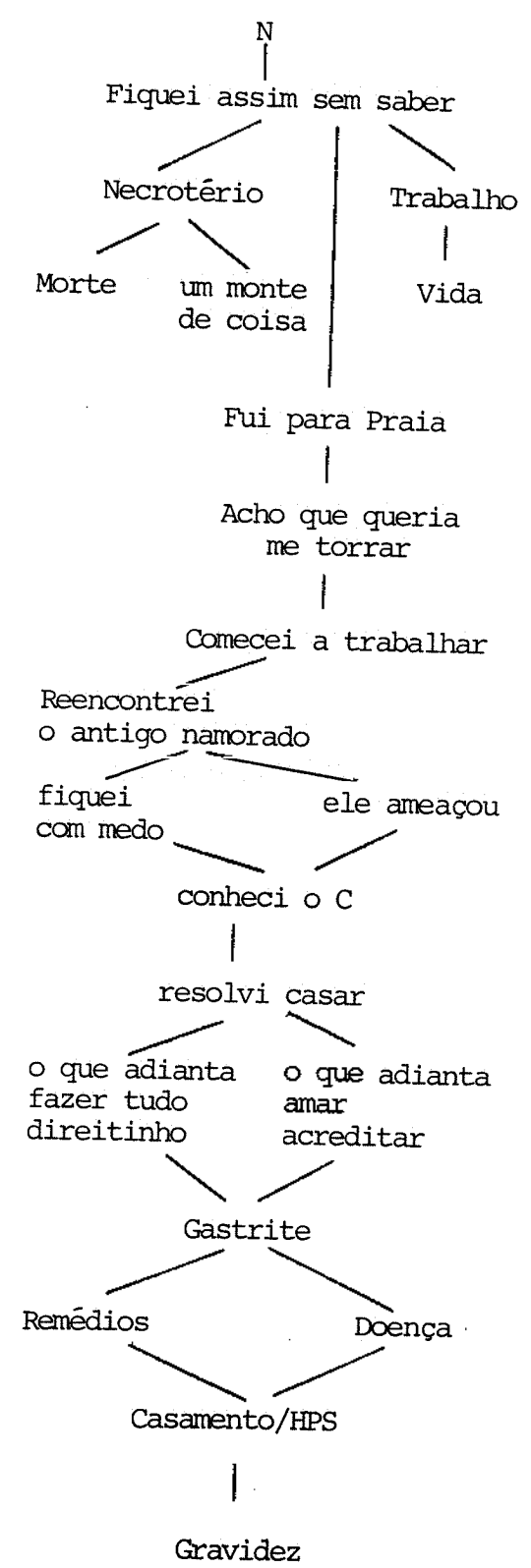
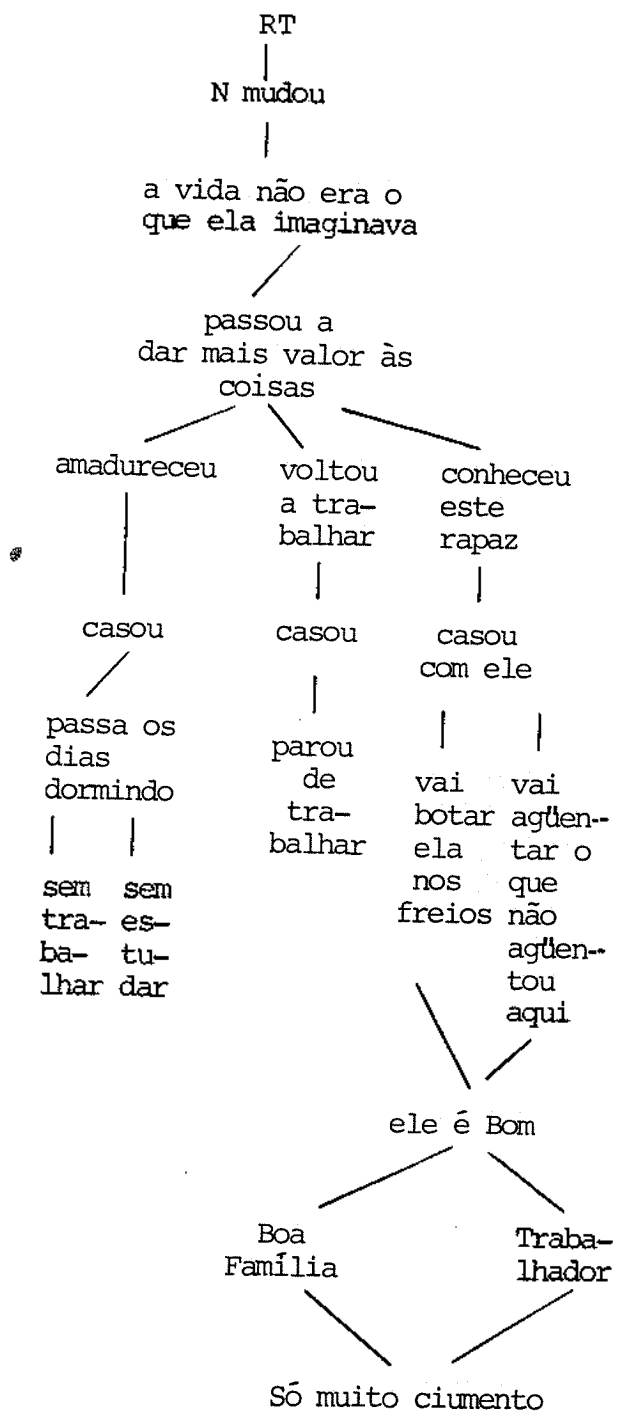
tu vais ver

O quê?

A Escola



Depois da Tentativa de Suicídio



*Compulsão à Repetição
ou
Solidão e Retorno a um estado conhecido*

De acordo com Laplanche & Pontalis (1983), a compulsão à repetição consiste em processo de natureza inconsciente através do qual o sujeito se expõe a situações penosas, repetindo experiências antigas sem recordar-se do protótipo e tendo a impressão de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade.

Foi em 1920, no texto *Para Além do Princípio do Prazer*, que a noção foi introduzida por Freud:

"Existe na mente uma forte tendência no sentido do prazer, embora esta tendência seja contrariada por certas forças ou circunstâncias de maneira que o resultado final nem sempre se mostra em harmonia com a tendência no sentido do prazer." (p.20)

Ao longo do texto torna-se claro que a compulsão à repetição não pode ser dissociada da realização do desejo, mas, ao mesmo tempo, não podemos afirmar que ela se vincule sistematicamente a uma situação que produza desprazer.

As manifestações da compulsão à repetição apresentam um alto grau de caráter instintual e quando atuam contrariamente ao princípio do prazer, dão a impressão de que uma força demoníaca põe-se em movimento, uma vez que leva as pessoas a repetirem experiências desagradáveis para lhes conferir de forma ilusória a idéia de que, atra-

vês da repetição, dominariam uma situação semelhante vivida anteriormente, de modo passivo e desencadeante de sofrimento.

No caso que ora comentaremos parece-nos que a angústia da separação do namorado que antecedeu a tentativa de suicídio rememorou a angústia, vivida por N quando da separação da mãe e da avó e, a tal ponto tornou-se insuportável que desencadeou, com violência, um processo de auto-destruição.

Parece-nos ainda que as escolhas de parceiro e o destino dos romances desta jovem atravessam as mesmas fases e chegam às mesmas conclusões. Embora ainda não tenha se separado de C, vive sob a ameaça desta perda. Parece que N, a despeito de todo o sofrimento que trazem tais experiências, repete-as sob a pressão de uma compulsão.

No período que antecedeu a tentativa de suicídio N pretendeu estabelecer relações mais satisfatórias com seus semelhantes, mas as rupturas constantemente ocorridas conferiram o sentimento que todo o seu esforço era inútil e que a esperança era vã.

Ao usar a tentativa de suicídio, que ocorreu após uma briga com o namorado, N terá pretendido comunicar o seu sofrimento, a sua desesperança e a sua solidão?

Tais sentimentos são antigos companheiros de N,

mas nem a família, nem a Escola e nem os amigos tinham conseguido perceber.

Não se pode, indubitavelmente, negar a tentativa de manipulação do ambiente e o propósito da reversão de situações através do desenvolvimento de culpa. Culpa pretendida de forma manifesta em relação ao namorado. Mas e quanto à mãe, o que podemos dizer?

Com Lacan, aprendemos que o Estádio do Espelho pode ser compreendido como uma identificação no sentido pleno que a análise dá a este termo. Se nos reportarmos ao início da vida de N veremos que, neste período, no qual o bebê é um organismo totalmente dependente, que necessita ser cuidado e alimentado para sobreviver, houve grande dificuldade para que RT assumisse o seu papel.

Ora, ao ver interrompida a sua relação com a mãe, já aos dois meses de vida, N experimenta, muito precocemente, que o mundo não é um lugar confiável e a sua relação com a mãe inscreve-se no inconsciente através da lacuna do desejo insatisfeito.

A mãe não sabia cuidar e tampouco evidenciava interesse em aprender. Era mais fácil delegar a tarefa à avó.

Entregue aos cuidados da mãe de RT, N interiorizou esta avó como objeto de amor e os desejos desta se converteram em ideais que N tentou satisfazer durante o

período que esteve junto a ela. O fato de ter sido estabelecida uma nova ruptura entre N e seu objeto de amor conferiu a sensação de que tal ocorrera porque não soubera cumprir o que dela se esperava - em verdade N desejava que a avó não tivesse permitido que ela fosse levada outra vez para junto dos pais.

No discurso de N percebe-se que está fixada ao desejo de permanecer junto à avó, e na medida em que sente este desejo como irrealizável, aumenta a carga de anseio dada a impossibilidade de sua concretização.

Os sonhos com a avó são freqüentes e causam grande ansiedade em N, assim como os sonhos com o filho que está para nascer.

Na primeira entrevista N não forneceu grandes indicadores sobre a relação que estabeleceria com o pai e a mãe. Nesta segunda etapa de entrevistas ficou claro que:

. Se inicialmente a relação com o pai era marcada por atritos, atualmente N o vê como aquele em quem pode confiar: conversam, visitam-se, são amigos;

. A relação com a mãe continua marcada por reclamações do tipo: "ela fala, fala, fala ...", "é muita criança", "não confia", "não sabe", "não conhece", "não explica", embora verbalize que, agora que está longe, sente falta. Esta observação dá conta da dificuldade de N

desfrutar um relacionamento independente e amadurecido com sua mãe.

Se nos reportarmos à situação de RT, vamos nos deparar com uma mulher que desde o início de seu casamento enfrenta sérias dificuldades com o marido. Se de um lado queixava-se de um pai violento de quem guarda muitas mágoas em função de tê-la abandonado, por outro queixa-se de CT a quem responsabiliza por tudo o que vem passando após ter deixado a casa dos pais.

A relação pai-mãe-filho desempenha papel relevante na evolução psicológica deste último. Sabemos que todo o ser humano está marcado pela relação que mantém com seu pai e sua mãe e pela forma como cada um dos progenitores viveu e elaborou o seu Édipo.

O Complexo de Édipo em sua elaboração exige de cada um de nós a renúncia ao prazer incestuoso e consequente inserção na corrente cultural, mediante aceitação da Lei do Pai.

Aqueles que não adquirem o domínio consciente da Lei que rege a paternidade e as relações familiares estão condenados à confusão, ao fracasso. Sua moral segue regendo-se pela época pré-genital onde o correto e o incorreto era o que podia ou não ser dito ao pai e à mãe.

Pensamos que RT não resolveu verdadeiramente seus conflitos edípicos que foram reativados com a entra-

da de N na adolescência. Este fato resultou numa impossibilidade de RT assumir uma identidade sexual adulta e independente. Apesar de casada e com filhos, a todo momento estava recorrendo aos pais como na infância, pois em suas dificuldades não conseguia relacionar-se com eles de outra maneira.

Voltando a N, podemos ver o reflexo das dificuldades da mãe, quer no relacionamento com os pais, quer na escolha do parceiro amoroso.

Se em nossa primeira entrevista constatávamos que N não sentia a casa em que morava como sua, atualmente constatamos que o sentimento de inadequação ao espaço vital persiste. Desta vez mascarado nas queixas relativas às duas peças em que vive com C. O bom continua na casa da avó (bisavó de seu filho). É para lá que deseja levar o filho que está para nascer.

Observa-se, atualmente, que os sentimentos de baixa auto-estima continuam presentes. C inscreve-se como escolha narcisicamente satisfatória, cujo objetivo é impedir que o sentir-se "ao Deus dará" leve a um colapso do ego. Resta saber até quando C concordará em desempenhar este papel.

N e sua mãe, RT, deixaram a Escola precocemente. De N sabemos que evidenciou algumas dificuldades de aprendizagem, teve reprovações, o que resultou em atraso cronológico. Se a atitude de N era de desinteresse em rela-

ção à Escola, o mesmo não pode dizer-se de sua mãe que, na atualidade, "arrepende-se por não ter mais estudado" e "considera um pecado a N parar de ir no colégio".

Se refletirmos sobre a situação de N e também de sua mãe, cabe perguntar em que medida a Escola contribuiu para modificar a percepção da realidade destas duas mulheres. Cabe indagar o que fez efetivamente a Escola para transformar-se em um valor prioritário aos olhos de N.

Nossa atuação de Orientadora Educacional oportuniza o contato com adolescentes, suas famílias e respectivas problemáticas. Não são poucos os adolescentes que, como N, verbalizam que não querem mais frequentar a Escola, que gostariam de trabalhar para ajudar em casa ou até mesmo para poder dispor de algum dinheiro, visto que o discurso da Escola distancia-se cada vez mais de nossos adolescentes.

No entanto, a Escola parece ignorar o que se passa à sua volta e posiciona-se não poucas vezes como uma entidade fechada, isolada, autônoma, que desconhece e, como tal, não considera a história diversificada de seus alunos.

A idéia tão danosa de que a Escola Pública está falida precisa ser reformulada a partir do trabalho daqueles que nela se inserem.

Ousamos sonhar com uma outra Escola. Uma Escola com professores competentes, "capazes de anunciar um conhecimento que possibilite a transformação" (Freire, set. 1986). Uma Escola que revertendo o discurso da instituição possibilite o discurso do sujeito. Esta Escola que sonhamos e acreditamos construir, justificou este trabalho.

4.1.2 - O Caso de X

Em ___ de ___ X, 15 anos, realizou uma tentativa de suicídio ingerindo alguns comprimidos tranqüilizantes.

Foi encontrada pela família que chamou o médico. De acordo com o relato da mãe, não foi necessária hospitalização.

Em diferentes oportunidades, antes deste episódio, a família foi atendida pelo Serviço de Orientação Educacional da Escola de X. Nestas ocasiões, nas quais apenas a mãe comparecia, foi enfatizada a importância de que X se submetesse a um acompanhamento psicoterápico.

Alegando a resistência da filha, a família acomodava-se às dificuldades evidenciadas. Podemos inferir que uma das razões para tal comportamento era a dificuldade do casal de reconhecer a inadequação de suas atitudes e questionar-se.

A Escola tomou conhecimento do episódio "tentativa de suicídio" pela própria X, visto ter sido ela que, em entrevista com a orientadora, relatou o fato algum tempo depois.

Feita a triagem do caso para compor a amostra o casal foi convidado, pela pesquisadora, para uma entrevista em três diferentes oportunidades. Na primeira delas, alegando doença, a família não compareceu. Na segun-

da marcação não se fizeram presentes em razão de haverem "esquecido" o encontro. Somente na terceira oportunidade é que compareceu apenas a mãe, justificando a ausência do pai em razão de viagem prolongada.

Para este caso foram realizadas duas entrevistas que, após transcritas, foram analisadas.

Procedida a análise destas entrevistas ficou claro para a pesquisadora que esta família caracteriza-se pelo uso freqüente de atitudes educacionais incoerentes e inconsistentes, que, mascarando a indiferença, têm como resultado carências de natureza afetiva e educativa.

Entre os fatores desencadeantes de situações auto-destrutivas, Gaultier e colaboradores (1965) destacam a vivência continuada de situações desta natureza, pois não podemos esquecer que a indiferença é uma forma de agressividade passiva.

. Identidade

X, solteira, estudante de 1º grau de Escola Pública Estadual, 15 anos.

. História

O fato de estar grávida obrigou a mãe de X casar-se, embora não fosse este seu desejo verbalizado.

Em seu discurso fala de uma gravidez tranqüila até o momento do parto, que descreve como horrível, porque só ali se deu conta que sua vida estava "irremediavelmente mudada".

X foi um bebê que "chorou muito, que era muito agitado", mas que não chegou a constituir empecilho, pois sempre que desejava sair com o marido costumava deixar a filha com a avó paterna.

Quando X estava com quase quatro anos nasceu P - filho homem - por quem a mãe manifesta nítida preferência.

Poucos meses depois a mãe decidiu trabalhar. Para isto colocou P em creche de turno parcial e decidiu que X iria para casa da avó paterna durante a semana. A menina voltava para a casa dos pais no final de semana; porém, segundo a mãe, chegou a manifestar desagrado por tais encontros. A mãe, após 4 anos, retoma integralmente os cuidados da filha. Iniciam-se os conflitos, visto que a menina manifesta desejo de retornar à companhia da avó.

Aos 11 anos, em uma briga com o irmão, X sofre grave acidente quando esmurra uma porta de vidro. A mãe, que na oportunidade estava fora de casa, não participou do atendimento, segundo X.

Pouco tempo depois o casal separou-se e X ficou na companhia do pai. Após algum tempo a dupla parental

volta a viver junto - fato que X até hoje não aceita.

Crescem as dificuldades quanto a limites e ao nível de resistência à frustração. Aos 13 anos envolve-se em um episódio de furto. A família, embora alertada e orientada, resiste em buscar ajuda especializada.

Atuações são freqüentes. Na escola, com a família. Mata aula, mente, furta pequenos objetos em lojas.

Surge clara discordância entre o casal no que se refere às questões que envolvem a X. Isto vem favorecer que se estabeleça uma aliança de X com o pai contra a mãe.

Um atrito familiar mais significativo, que culmina com o estabelecimento de um limite para saídas, leva X a ingerir alguns comprimidos tranqüilizantes encontrados em casa.

. Sinais e Sintomas Prévios

. Mediatos: dificuldade para aceitar limites, pouco interesse pela escola, baixo rendimento escolar, ciúmes do irmão, hostilidade manifesta com a mãe, irritabilidade e agressividade, dificuldade para assumir responsabilidades compatíveis com sua faixa etária.

. Imediatos: ansiedade, agressividade, discussão e briga com os pais antes da tentativa de suicídio.

. *Comunicação*

Antes de concretizar a tentativa, X relata que despediu-se com um beijo dos familiares. Diz ainda que não queria morrer, apenas "*dar um susto em todos eles*".

Teve o cuidado de deixar bem à vista os envelopes vazios dos comprimidos que ingerira, muito embora desconhecesse se eles seriam ou não encontrados.

. *Resposta Familiar*

Os pais não valorizaram o episódio, negando que ela tivesse tentado morrer.

Resistem em buscar ajuda especializada, protelam decisões.

X faz tentativas de impedir o contato da Escola com a família - o que tem conseguido algumas vezes.

ENTREVISTA COM X

E - X, o que tu gostas de fazer?

X - Eu adoro jogar vôlei, eu até já fui capitã do time. Tu sabias? Eu jogo tri-bem. Gosto de jogar new comb. Gosto de nadar. Mas agora eu não vou mais lá _____ (Escola de Natação) A mãe ia na mesma hora que eu. Era um saco. Ela fica se exibindo, fica se mostrando.

E - Como se mostrando?

X - Ah, fica de risinhos e eu não gosto disso.

E - Mas o fato dela sorrir te incomoda?

X - Já te disse que não vou mais. E tem outro negócio, como eu achava que ela estava mesmo se exibindo eu fazia um monte de coisas para ela ficar bem irritada: ria dela, respondia... Agora ela também não vai mais.

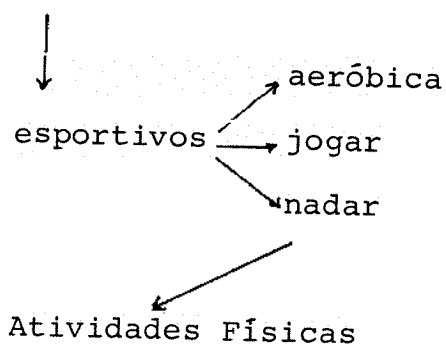
E - Então vais perder uma coisa que gostas?

X - Mas também não vou me importar muito, agora vou entrar na aeróbica. As minhas amigas fazem e elas gostam.

E - O que mais tu gostas de fazer?

ESTRUTURAS SIGNIFICANTES

Interesses



Culto ao Corpo

A imagem do corpo de cada indivíduo é construída a partir de todas as formas de sensibilidade, geral e especial (integradas com a motricidade), da integração das percepções com o gesto e das representações com as ações.

X - Eu tenho a minha turma. A gente se reúne, fica falando ... fica escutando música. Vai no Shopping, lá é tri legal sâbado de tarde! Vou na casa das gurias. Elas não vão lá em casa. Agora eu não gosto quando a mãe fica se metendo nos meus assuntos. Por isto eu fecho a porta do meu quarto. Daí nem ela e nem o P ficam enchendo o meu saco. Eu também gosto de ir nas festas onde a turma vai. A gente vai no Clube. Mas o legal mesmo é na praia, porque daí a gente pode sair todas as noites. Pode ir na boate. Aqui não me deixam ir. Também, não iam me deixar entrar ...

E - Como é a tua turma, X?

X - É super. É legal, a gente sai, passeia, anda sempre junto. Não tem este negócio de não ter com quem ir. A gente vai junto. Um pai leva, outro busca. Tem uns carinha legal na turma. Na última festa eu fiquei com o M. Mas só fiquei, não tô namorando ele.

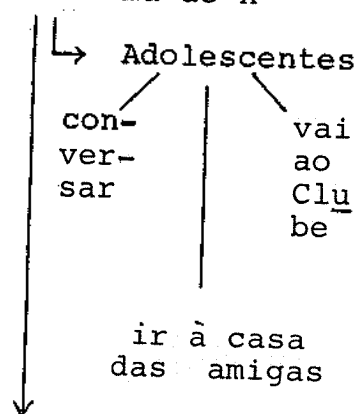
E - Como é que a tua família vê a turma?

X - A mãe implica. Mas o cara que ela falava saiu. Agora não tem dito mais nada.

E - Eu sei que andaste faltando aula. Onde tu ficavas, quando tu não vinhas para o colégio?

X - Ah, saía.

A Turma de X



A busca de uniformidade que proporciona a segurança e estima pessoal.

Espírito de Grupo

A turma adquire importância já que o adolescente transfere para o grupo grande parte da dependência que até então mantinha com os pais.

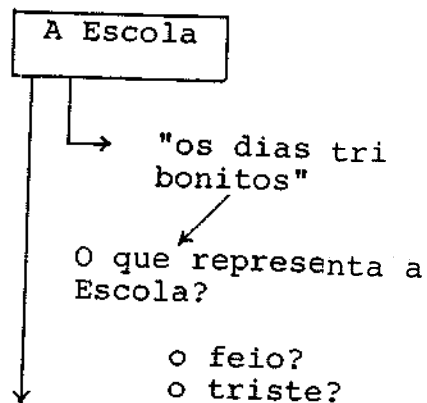
"Não tem este negócio de não ter com quem ir."
"A gente vai junto"

Atuação do Grupo e dos Integrantes

Oposição a pautas de conduta familiar. Possibilidade de forjar uma identidade diferente daquela emergente no meio familiar.

E - Saía?

X - É. Tava uns dia tri bonitos. Eu ficava com a _____ na casa dela. A gente esperava que a mãe dela fosse para o trabalho e depois voltava, ficava vendo vídeo, conversando, às vezes saía, ia no centro ou no Shopping.



E - Vocês fumam?

X - Só de vez em quando.

E - O que fumam?

X - Cigarro, ora.

E - Cigarro somente?

X - Eu já experimentei droga uma vez, mas eu fiquei super mal. Pensei que eu fosse morrer. Agora não quero mais.

BURLAR

A droga

experiência desagradável

"pensei que fosse morrer"

medo da morte?

E - Os amigos da turma usam droga?

X - Não sei. Acho que não.

E - Quantos anos tem o pessoal da turma?

X - Eu tenho 15. Vou fazer 16. O _____ tem 17, o _____ tem 19, o _____ tem 15, o _____ tem 18. As garurias têm a minha idade mais ou menos. E tem o P que agora quer entrar na turma mas eu não vou deixar.

O Sentimento de Propriedade

a mãe tu tiraste

a turma

(NÃO)

E - Por quê?

X - Eu fora. Quando eu tinha a idade dele eu não ia a parte nenhuma de noite. Ele pode. Pois com a minha turma é que ele não vai. E depois ele fica sabendo das minhas coisas.

E - E o que tem isto?

X - Eu brigo com ele e é bem capaz dele contar para a mãe e o pai o que eu faço.

E - E o que é que tu fazes?

X - Eu não faço nada, mas eles não têm nada que saber. Se ele inventa, então, tô ralada. Fico de castigo.

E - Tu ficas freqüentemente de castigo?

X - A mãe implica muito comigo. Ela me bate. Agora o pai não. Ele conversa. Só às vezes é que ele me dá castigo. Mas aí eu converso e ele me libera.

Os limites estabelecidos para X parecem não ser consistentes e obedecerem muitas vezes ao "humor" dos pais (Incoerência).

"Só tem às vezes ele me dá castigo. Mas aí eu converso e ele me libera."

E - É sempre assim?

X - Quase sempre. O pai é legal. A mãe só grita. Ela não sabe falar, só berra.

E - O que ela grita?

X - Ela enche o saco. Quer que eu arrume isto, que eu faça aquilo, quer mandar em mim. Tu acredita que ela mexeu no meu guarda-roupa, roubou a minha agenda e leu. Esta ela vai ver.

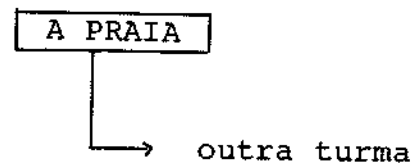


E - O que tinha na agenda?

X - As minhas coisas. Não era para ela ficar lendo. Porque eu sei como é que ela faz: lê e fica falando. Contando. Eu não falo as minhas coisas para ela.

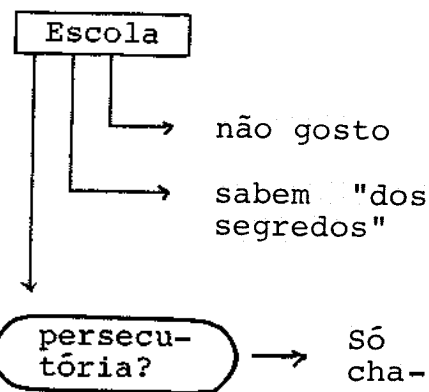
E - Além de nadar, passear, fazer aeróbica, o que mais tu gostas de fazer?

X - Eu gosto de ir na praia. Lá eu tenho outra turma.



E - E do colégio tu gostas?

X - Deste aqui não. Tão sempre sabendo das minhas coisas. Eu queria saber porque não chamam os outros. Será que só tem eu de aluna aqui?

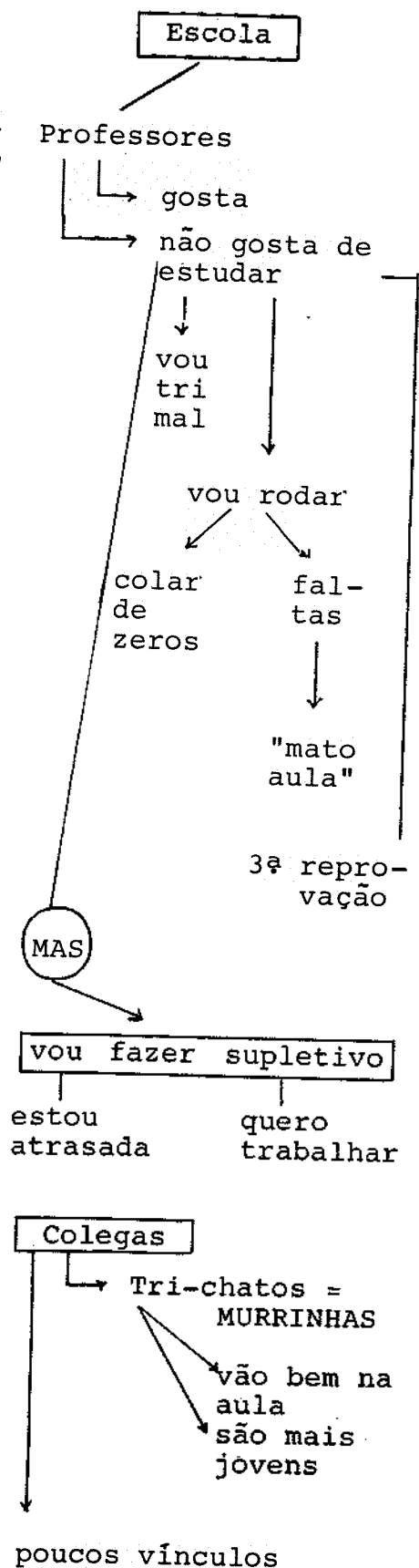


E - Será que não chamam os outros?

X - Eu pelo menos não fico sabendo.

Só chamam a Mim

- E - E dos professores tu gostas?
- X - Olha, eu vou te dizer uma coisa: gostar eu até gosto, o que eu não gosto é de estudar.
- E - Por quê?
- X - Eu vou tri-mal. Vou rodar. Também tenho um colar de zero. Um monte de faltas.
- E - Faltas?
- X - Claro. Eu matava a aula.
- E - Esta será a tua primeira reprovação?
- X - Não, será a terceira. Mas agora já combinei com o pai. Eu quero trabalhar. Vou fazer é supletivo de noite. Vê, eu estou super atrasada. Se com 15 eu ainda não cheguei na 8ª série, se eu rodar vou fazer 16 na 7ª e 17 na 8ª.
- E - E dos colegas tu gostas?
- X - Só de uns. Tem outros tri-chatos. Só porque vão bem na aula pensam que sabem muito. Sabem é ser uns murrinhas. Depois tem outra coisa: são umas crianças, têm 13 anos.
- E - Tu tens alguma atividade fora da Escola?



X - Além de nadar, o ano passado eu fazia inglês. Mas saí por causa da psicóloga.

E - Tu fazias terapia?

X - Eu não. Mas o ano passado eu tinha que ir numa psicóloga. Ela era amiga da mãe e tudo que eu dizia ela ficava defendendo. Eu acho que eu até ia, se fosse numa que não conhecesse ninguém lá de casa. Já pensou se ela fala as minhas coisas?

E - Mas não é assim. Ninguém fica atendendo para depois sair contando o que ouviu.

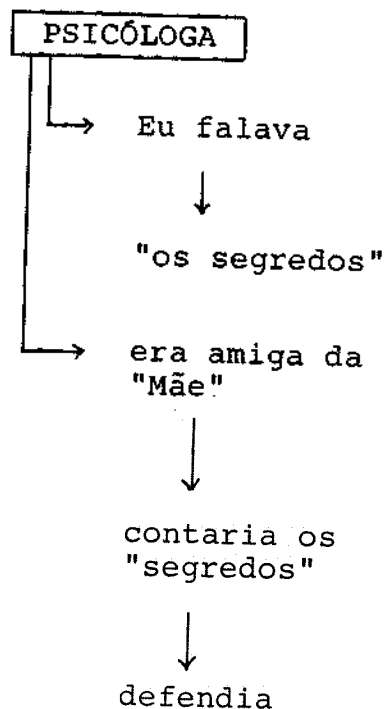
X - Sei lá, eu é que não quis mais saber. E depois ela ficava fazendo um monte de pergunta. Assim que nem tu.

E - Eu não sou psicóloga, X. Sou orientadora educacional.

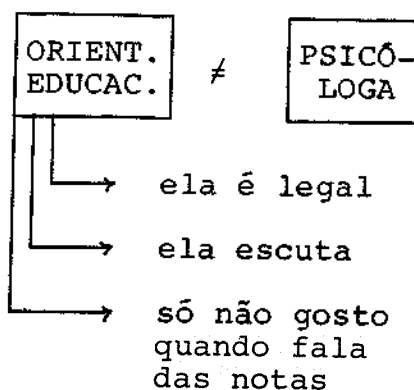
X - Então tu é como a _____ Ela que me chama lá no SOE.

E - Tu gostas de conversar com ela?

X - Às vezes é legal. Ela escuta. Só não gosto quando ela fala das notas.



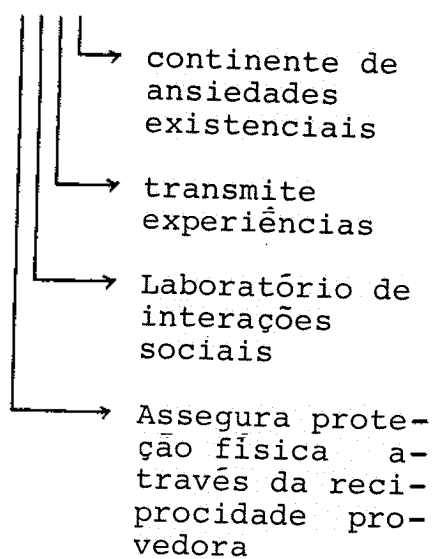
Freud, em *Luto e Melancolia*, destaca que de nada vale, de início, ficar refutando as queixas dos melancólicos, inclusive porque muitas vezes elas são *Verdadeiras*.



E - Vamos falar da tua família. Começaremos pelo teu irmão.

X - O que tem o P? Tu conhece ele? Não? Graças a Deus. Vive se metendo na minha vida. Quer saber das minhas coisas. Para a minha mãe ele é o máximo. Ele pode tudo, eu não. Ele é o queridinho, eu não. (Começa a passar os dedos por uma cicatriz no pulso)

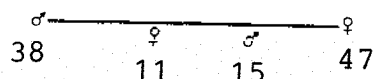
Família



E - E a tua mãe como é?

X - Eu não gosto dela. Por mim, ela não precisava mais ter voltado para casa.

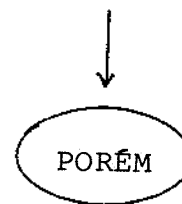
FAMÍLIA DE X



E - O que houve contigo que tens esta cicatriz no braço?

X - Isto foi um acidente que eu tive. Eu tinha uns 12 anos. Tava na hora da janta e o pai mandou o P me chamar. Eu estava lá na frente do prédio com umas gurias. Ele é menor do que eu, mas ele é muito mais forte. Então ele fica querendo me mandar. Eu detesto isto. Foi me chamar e eu vinha. Mas como ele ficou me irritando eu resolvi "fazer uma cena". Fiz que estava chorando e me atirei no chão. Como a gente estava na rua, ele ficou com medo que o pai brigasse com ele, entrou correndo no prédio e fechou a porta comigo do lado de fora. Eu levantei e fui até a porta mas ele não abria. Então eu peguei e dei com o meu braço no vidro. Bah, foi horrível. Na hora eu estava com tanta raiva que nem senti nada. Nenhuma dor. Mas daí eu olhei. Estava tudo aberto. Um pedaço do meu braço

Mãe → Compete à mãe ensinar o filho a amar



"Eu não gosto dela"

ausente pouco confiável

ATUAÇÃO MOTORA → ACIDENTE

IMPULSIVIDADE

"Na hora eu nem senti dor"

estava na porta. Eu comecei a gritar e o P também. O pai ouviu e veio correndo. Me levou de taxi para o HPS. Cortou artéria e tendão. A mãe não estava. Eles iam numa festa e ele tinha ido ao cabelereiro.

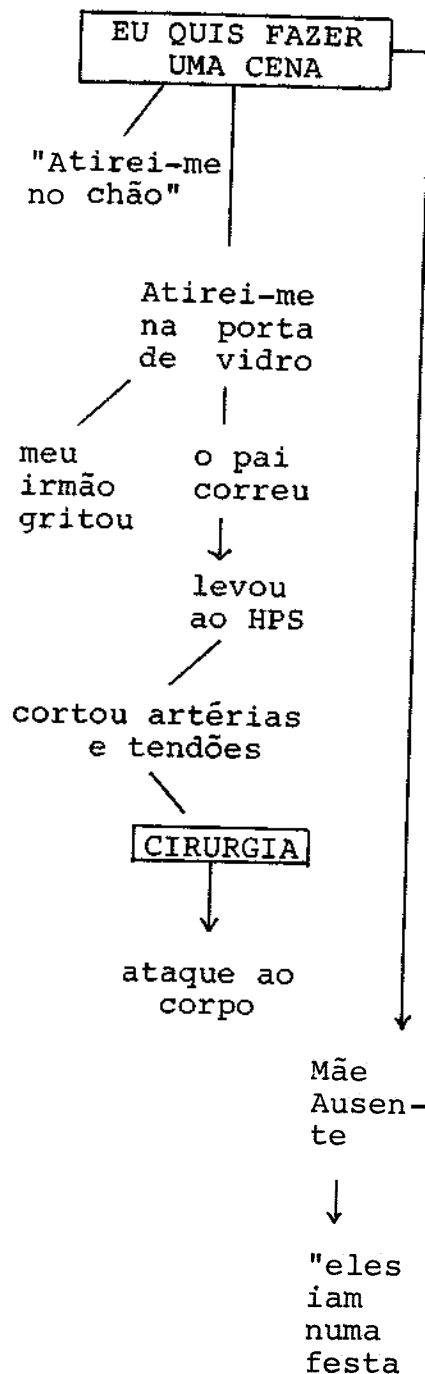
Freqüentemente, os adolescentes declaram não terem sentido dor durante a atuação - notadamente as meninas.

E - E aí?

X - O médico costurou mas avisou que teria que fazer uma cirurgia. Eu já fiz uma, mas olha (abre os dedos) eles só fazem isto. Vê, eles não são como os desta mão.

E - Quando fizeste a cirurgia?

X - Na hora do acidente eles fizeram uma parte. Depois foi feito o ligamento do tendão, os enxertos ... mas ainda vou fazer plástica pois a cicatriz está muito feia.



Desde Freud, os psicanalistas sublinham a importância de atos de suicídio inconsciente.

E - E o que mais aconteceu?

X - Bem, aí eu voltei para casa. A mãe ainda não tinha voltado. O meu irmão estava super ruim, mas ele não foi culpado, eu é que me atirei em cima daquela porta.

E - O que aconteceu quando a mãe chegou?

X - Ela se arrumou e foi para a festa.

E - E o pai?

X - O pai ficou comigo. Por isto eu não gosto dela. Eu penso que se eu tivesse uma filha e acontecesse um troço destes com ela, eu teria ficado em casa. Eu não ia sentir vontade de sair de perto. Ela não. Ela se arrumou, me deixou e foi, como se nada tivesse me acontecido. E eu fiquei ali. Com o pai e depois com a vó que veio lá pra casa.

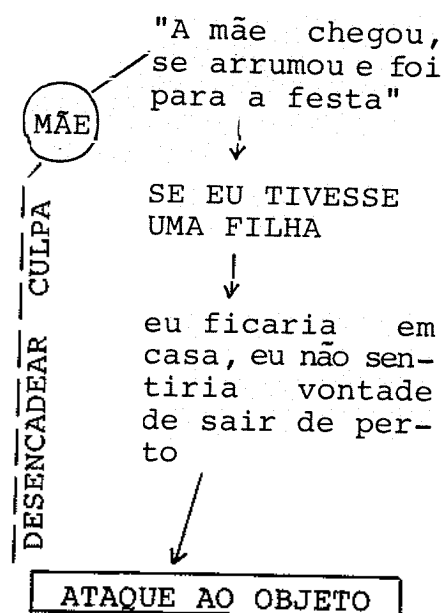
E - Isto está te incomodando.

X - Isto e muitas outras coisas. Que eu não quero pensar, nem me lembrar.

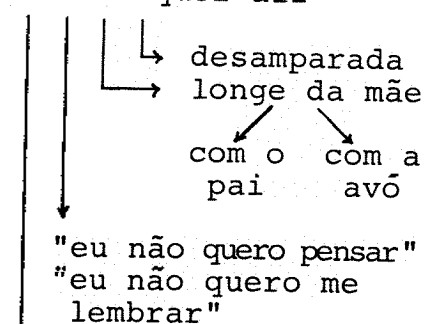
Nesta atuação X revela uma tendência auto-destrutiva e expressa a emergência de impulsos de morte.

Motivo consciente: Raiva.

Motivo inconsciente: poderíamos pensar, talvez, em desejo de vingança.



"E eu fiquei ali"



IMAGO MATERNA

Eu não gosto dela Eu Nunca vou gostar

DENEGACÃO

E - Tua mãe é jovem?

X - Hum ... Hum ...

E - É bonita?

X - Hum ... Hum ...

E - Costumam pensar que vocês são irmãs?

X - Claro e ela adora. Adora se fazer de mocinha.

E - Mas tu disseste que ela é jovem!

X - E é. Mas se eu fosse grande não ia querer ser como ela.

E - Tu és parecida com ela?

X - Eu não!

E - O que mais te incomoda nela?

X - O jeito dela. As coisas que ela faz. Ela vive ameaçando que vai embora ... que vai deixar a gente ... Eu nem sei porque ela não vai mesmo. Daí a gente ficava livre de ouvir, a toda hora, que a gente incomoda, que não atende ... Nem eu nem o meu irmão gostamos dela.

E - O que ela faz que te incomoda tanto?

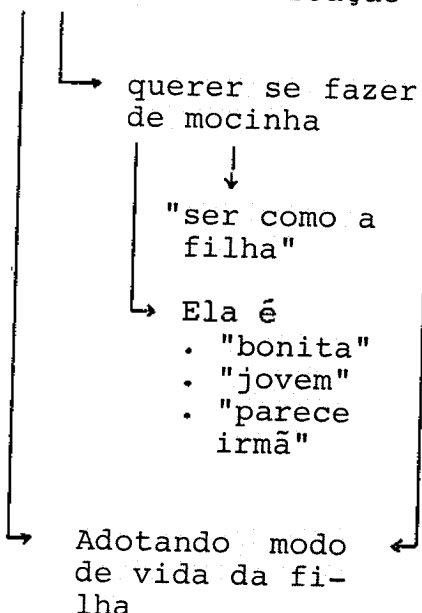
X - Primeiro ela fala que o P é querido, atende, obedece ...

O que X quer

↳ atenção e cuidados maternos

↓
ligação muito intensa com a mãe e dificuldade para efetuar a separação

Movimento da Mãe de Contra Identificação



O que mais incomoda Nela

↓
ameaça

↓
"ir embora"
"retirar o amor"
"não gostar como gosta do P"

↓
"Fala o que não tem nada a ver"

↓
"quer me envergonhar diante dos amigos"

Eu incomodo, bagunço as coisas. Eu acho que a mãe não gosta muito de mim. Sempre tá reclamando. As minhas amigas pensam que ela é boazinha. Mas ela não é. Ela faz que é. Quando meus amigos chegam lá em casa fica falando umas coisas que não tem nada a ver. Ela aproveita a presença deles para me deixar envergonhada.

E - E daí?

X - Daí que eu não gosto dela e nunca eu vou gostar e que não tem o direito de ficar me mandando porque o dia que ela nos deixou quando eles se separaram, ela perdeu todo o direito de me mandar.

E - Eles se separaram?

X - Claro. A gente inventou um monte de coisas para o pai e aí ela foi embora.

E - Inventou?

X - É, a gente contou para o pai umas coisas que a gente sabia.

E - Que coisas?

X - Umass coisas.

E - Verdades?

X - Coisas que a gente sabia. E eu não sei porque ela não vai embora de novo. A gente não quer mais ela lá em casa.

Existência de MÁ DIFERENÇA entre X e sua mãe



comportamento fronteiro entre

CULPA

Ataque ao objeto



Para X, ser uma mulher não é ser como a mãe, é

ESTAR NO LUGAR DA MÃE

E - A gente?

X - Não. Eu.

E - Por quê?

X - Porque eu não gosto dela. Além do mais ela não faz nada para mim. Fica se fazendo de boazinha, só para os outros. Não me ajuda em nada.

E - Em nada?

X - Ela faz a comida. Às vezes, me empresta uma roupa. Mas também quando eu peço um dinheiro para o pai para comprar uma roupa ela fica falando:

"- Ah, se fosse para mim não tinha, mas como é para a X tu tens."

Que saco!

Mãe não é isto.

E - O que é Mãe?

X - _____ (pausa)

Sei lá, mas a mãe da _____ não é assim. Ela xinga a _____ mas eu vejo que ela é amiga. Quando eu chego na casa dela, ela fala legal comigo, não fica humilhando a _____ na minha frente.

A _____ também é tri vaginal. Mas a mãe dela quando vai no colégio volta e conversa. Eu se fosse a _____ até já tinha melhorado. E ela ainda reclama.

O que é uma Mãe?

- não é bater
- não é se fazer de boazinha (DOUBLE BIND)
- não é humilhar
- não é disputar
- não é só fazer a comida
 - ↳ fome?
 - ↳ libidinal?
 - ↳ afetiva?
- não é emprestar uma roupa

E - Tu conversas com os teus pais?

X - Algumas coisas eu falo com o pai. Mas não é tudo que eu falo pra ele. Quando eu falo, ele pára para me ouvir. Ele é legal. Quando ele reclama, ele fala, a mãe berra. Ele não fica me batendo e, ainda por cima, dizendo que tem o direito de me bater. Mesmo quando é reclamação, com ele é diferente!

E - Diferente, como?

X - Ele faz com amor.

E - E com a mãe?

X - Acho que ela sempre fala com muita raiva e eu fico cada vez com mais raiva dela. Por isto eu não falo com ela.

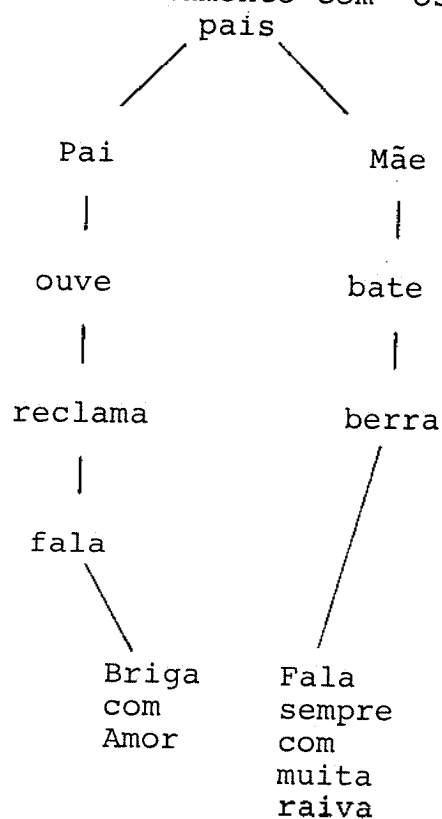
E - Nada?

X - Também não é assim. Tem umas coisas que até que eu ia me aliviar se eu conseguisse desabafar. Mas eu não consigo. Chega na hora, tranca tudo. Não sai nada. Eu às vezes fico pensando num monte de coisas mas nem para as minhas amigas eu consigo falar.

E - Tu tens muitas amigas.

X - Tinha mais. Agora tenho só as da turma e a ___ do colégio. Mas desde que a mãe dela ficou sabendo dos esquemas de matação de aula, ficou mais difícil para a gente se encontrar fora do colégio.

Relacionamento com os



Raiva de quê?
de quem?

E - E com a vô, tu falas?

X - Falo algumas coisas. Mas ela é super legal. Eu morei com ela, tu sabia? Depois voltei para casa. Ela cuidou da gente quando o pai se separou. Eu senti um monte quando eu voltei para casa. Agora é ela a minha amiga. Faz bolo de chocolate. O meu avô também eu gosto. Mas ele tá muito doente. Ela me cuida. Eu também cuido dela: quando ela fez uma cirurgia eu fiquei o tempo todo no hospital com ela.

A mãe não gosta dela. Ela tem é ciúme da vô.

E - Ciúmes? Por quê?

X - Porque eu gosto da vô e não gosto dela.

E - E a mãe da mãe, como é?

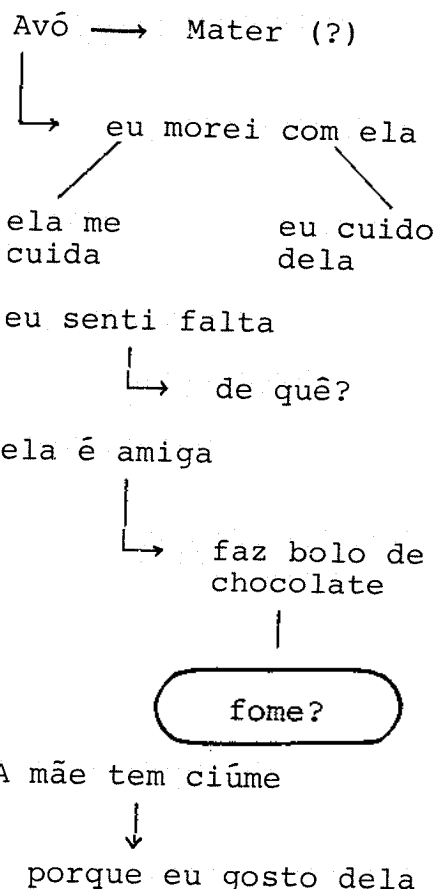
X - É legal, mas eu gosto mais da vô _____.

E - Como é o relacionamento do Pai e da Mãe?

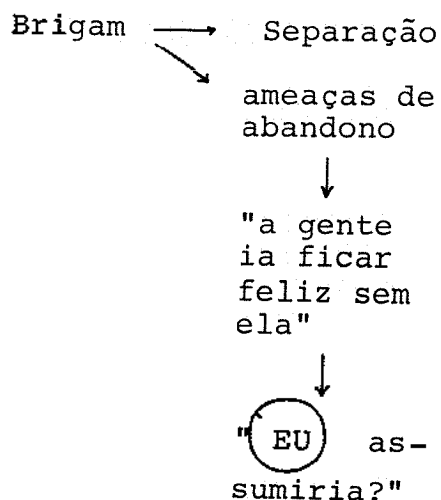
X - Eles brigam um monte. O pai é legal mas a mãe é um saco. Ela sempre tá reclamando. Ela passa o tempo dizendo que vai embora. Eu não sei porque ela não vai mesmo. A gente era feliz longe dela. Ela não quis ficar com a gente. Depois quis voltar. Pois quem sai não volta.

Depois ela não resolve nada. Tudo ela diz que vai contar pro pai, pro pai me botar de castigo.

Eu tomei aqueles comprimidos aquele dia de raiva. Então que se rale.



Relacionamento CASAL



E - Se rale como?

X - Fique sozinha. Eu não quero nunca ser parecida com ela.

EU **NÃO** quero ser parecida

E - Vamos falar do episódio dos remédios.

porque eu sou parecida

X - Bah, nem fala. Eu ainda tô tri mal.

Atuação Motora

Tentativa de Suicídio

E - Tri mal?

X - Claro, eu tomei sábadó, acho que ainda tem remédio em mim.

proibição de saída

E - Por que, X?

LIMITE

X - Eu tinha uma festa para ir. Toda a turma ia. Eu me arrumei toda. Quando fui falar pro pai que eu ia, ele me proibiu. Ela ficou dizendo: tu não pode deixar ela ir... Mas como eu já tinha ficado de castigo no sábadó anterior, eu pensei que tava livre. Que nada. Ele me botou de castigo um monte de tempo, porque segundo ele "eu tinha feito coisas muito sérias".

E - E o que andaste fazendo?

X - Eu falsifiquei a assinatura da mãe em uns papéis.

E - Que papéis?

X - Bilhetes. Bilhetes para o colégio.

E - Só a assinatura tu falsificaste?

X - Não. Eu inventei uns bilhetes. Treinei até conseguir imitar a letra dela.

E - Qual era o conteúdo dos bilhetes?

X - Era para me deixarem sair mais cedo.

E - E ias aonde?

X - Passear, por aí. Ia no Shopping. Ia no Centro. Na casa de uma amiga que não tivesse aula. Sei lá.

E - Isto é correto?

X - Meu pai falou um monte comigo. Disse que isto é até crime. Eu não vou fazer mais. Já combinei com ele. Ele é super legal.

E - E por causa disto não podias sair?

X - Por isto e pelas coisas de casa, né. As coisas de sempre.

E - E então?

X - Já que eu não podia sair, eu só tinha mesmo é que dormir. E foi o que eu fiz. Dormi. Eu tomei uns comprimidos da mãe. Na hora eu só queria dar um susto neles. *Mas depois eu fiquei com medo.* Achei que eu ia morrer mesmo. Tanto que

Atuação tipo Delitivo

Falsificação de Assinaturas

dificuldade para estabelecer uma escala de valores e, consequentemente, código de ética próprio

Eu treinei bastante

Premeditação

"meu pai me disse que isto é crime"

A crise adolescente tem como objetivo proporcionar um novo e mais complexo grau de estruturação da personalidade e NÃO causar a sua desagregação. Quando isto ocorre é antes pela vulnerabilidade prévia do sujeito.

TENDÊNCIA À AÇÃO IMPULSIVA

"Já que não podia sair, só tinha mesmo que

dormir

não ver não saber regredir

eu beijei todo mundo antes de me deitar.

E - Falaste alguma coisa?

X - Não.

E - Misturaste alguma coisa com os comprimidos?

X - Bebida? Não! Seria uma overdose.

E - O que é uma overdose?

X - Se eu misturasse os comprimidos que tomei com bebida seria uma overdose.

E - E o que tomaste?

X - Tomei _____ os remédios eram da mãe.
Peguei a caixa e tomei um monte.

E - Quantos?

X - Um monte. Acho que uns... (muito)

E - Quantos?

X - Três ou quatro.

E - De quantos miligramas?

X - 6mg.

A X não queria morrer. Ela queria solucionar um conflito de maneira mais ou menos constante.

↓

T. Suicídio → Ato de Vida

↓

Significado dialético Vida/Morte

↓

pode significar também agressividade, desesperança

↓

Uma saída para conflitos áridos

Pelo ataque ao Corpo, X

↓

pretendeu dar um susto neles

↓

ficou com medo

↓

Medo de Morrer

↓

por isto beijei todos eles (AMBIVALÊNCIA) deixei os papéis à mostra

E - Tiveste sorte.

X - Eu sei. O médico ontem me disse as mesmas coisas que tu e ainda perguntou: O que tu quer da vida, gurria?

E - O que tu queres da vida X?

X - Sei lá.

E - O que tu pensaste antes de tomar estes comprimidos?

X - Eu não pensei. Se eu tivesse pensado eu não tinha tomado. Bah, e se eu morresse? Naquela hora eu só queria dormir. Desaparecer. Eu tava com muita raiva.

Hoje eu não faria de novo. Eu fiquei tri mal. Só sentia vontade de chorar depois. A minha cabeça ficou parecendo vazia. Um tempão eu não conseguia prestar atenção nem na aula eu não conseguia.

E - O que aconteceu quando viram?

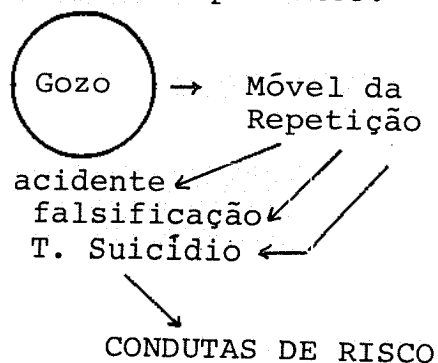
X - É engraçado. Meu pai me chamava. Minha avó falava. Eu não me lembro o que eles diziam. Eu não conseguia acordar. Dormia de novo. Veio o médico. Mas também não me lembro disto.

Só me lembro que domingo de tarde eu briguei com a mãe. Ela me deu um tapa na cara.

E - Por que vocês brigaram?

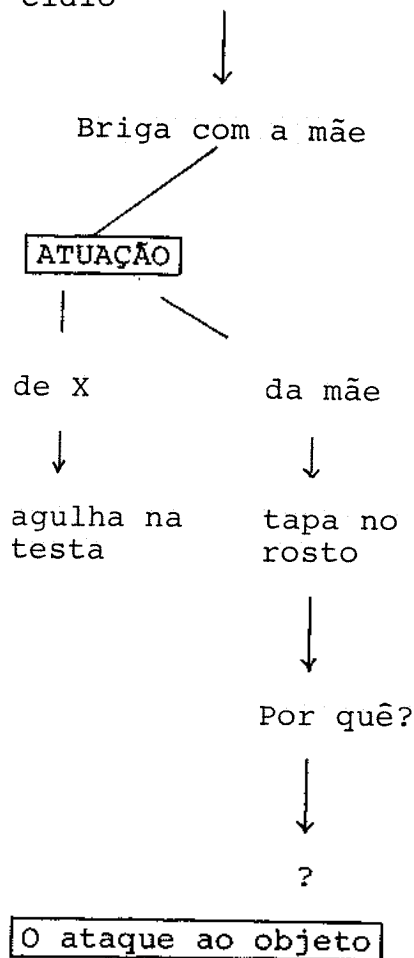
X - Não me lembro. Só lembro do tapa.

As manifestações de compulsão à repetição atualizam experiências dolorosas do passado com o objetivo de dar ao ego a sensação de supremacia sobre as mesmas no presente.



- X - Olha aqui.
- E - O que é isto, bateste a testa?
- X - Não, enfiei uma agulha.
- E - Por quê?
- X - Eu queria ver sangue.
- E - Quem te contou que houve uma briga?
- X - O pai. Ele disse que eu gritei muito com ela.
- E - O que tu gritaste?
- X - Não sei. Não me lembro. Só lembro que fui no espelho e enfiei a agulha na testa.
- E - Mas do tapa, tu lembras?
- X - Claro. Aquele baita tapão. Depois o pai me disse também. Ele me disse que daqui pra frente eu não faça mais isto de tomar remédio.
- E - Tu achas que é possível conseguir o que tu desejas deste modo, X?
- X - Claro que não. Mas bem que funcionou. Só tem um problema. Eu podia ter morrido.
- E - X, que tu achas da tua própria vida?
- X - Às vezes uma droga. Está uma droga hoje.

Após Tentativa de Suicídio



Em verdade, X busca atingir e atacar, através das atuações contra ela própria, o objeto externo que sente perdido.

E - Como tu és, X?

X - Eu? Me olha, ora.

E - Eu estou perguntando sobre o teu jeito.

X - Eu até que me acho legal. Só às vezes que não.

E - Que sentido tem a vida para ti?

X - Bah. Agora acho que tem um sentido. Eu quase morri.

A vida está uma Droga



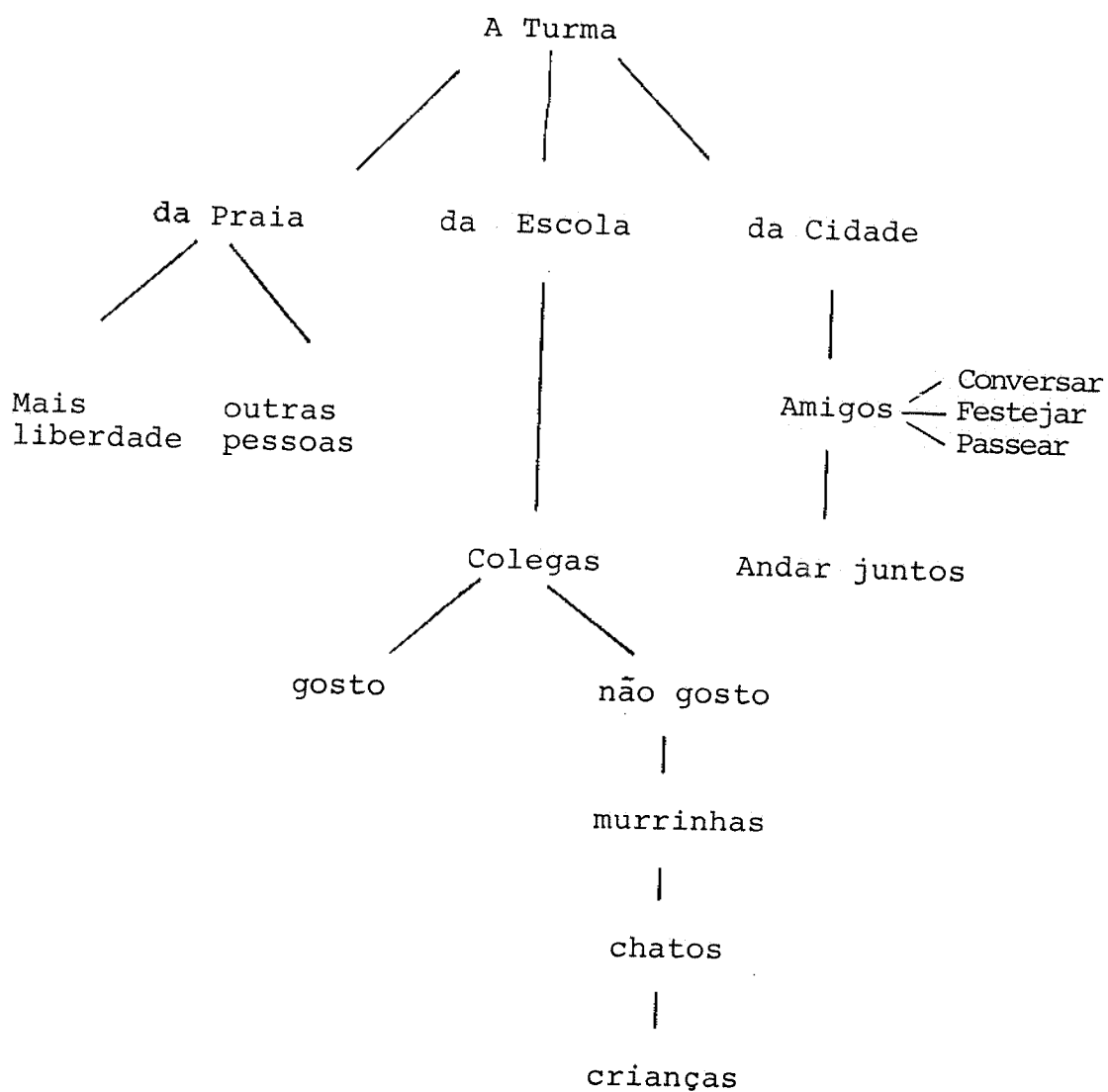
"Eu experimentei droga"



Mas quase morri

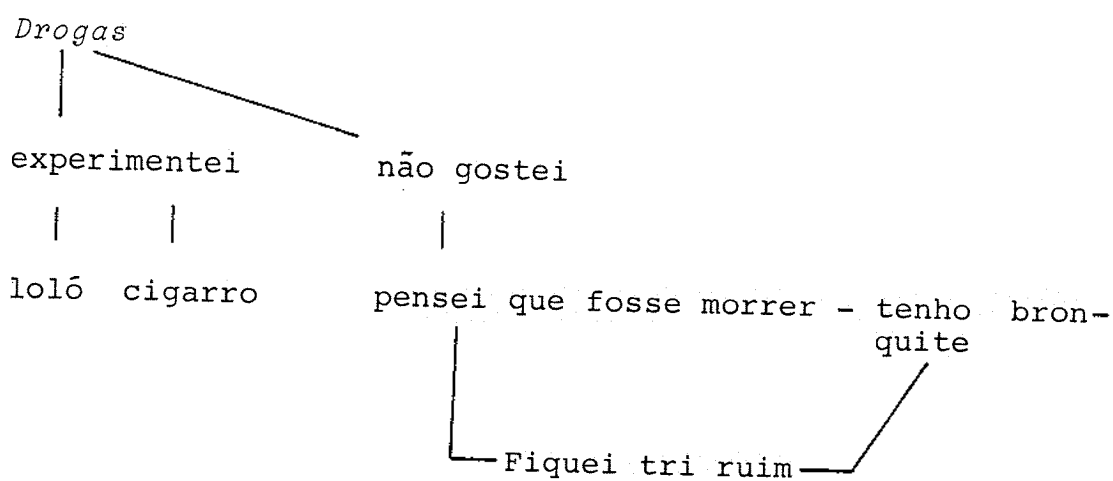
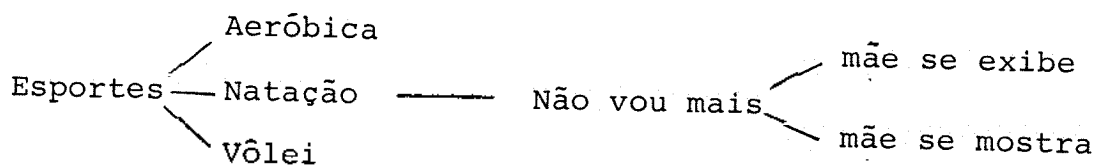
Análise de conteúdo

O grupo de X



"Na busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal. Aí surge o espírito de grupo, pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado." (in Aberastury, 1981, p.36)

Os interesses de X

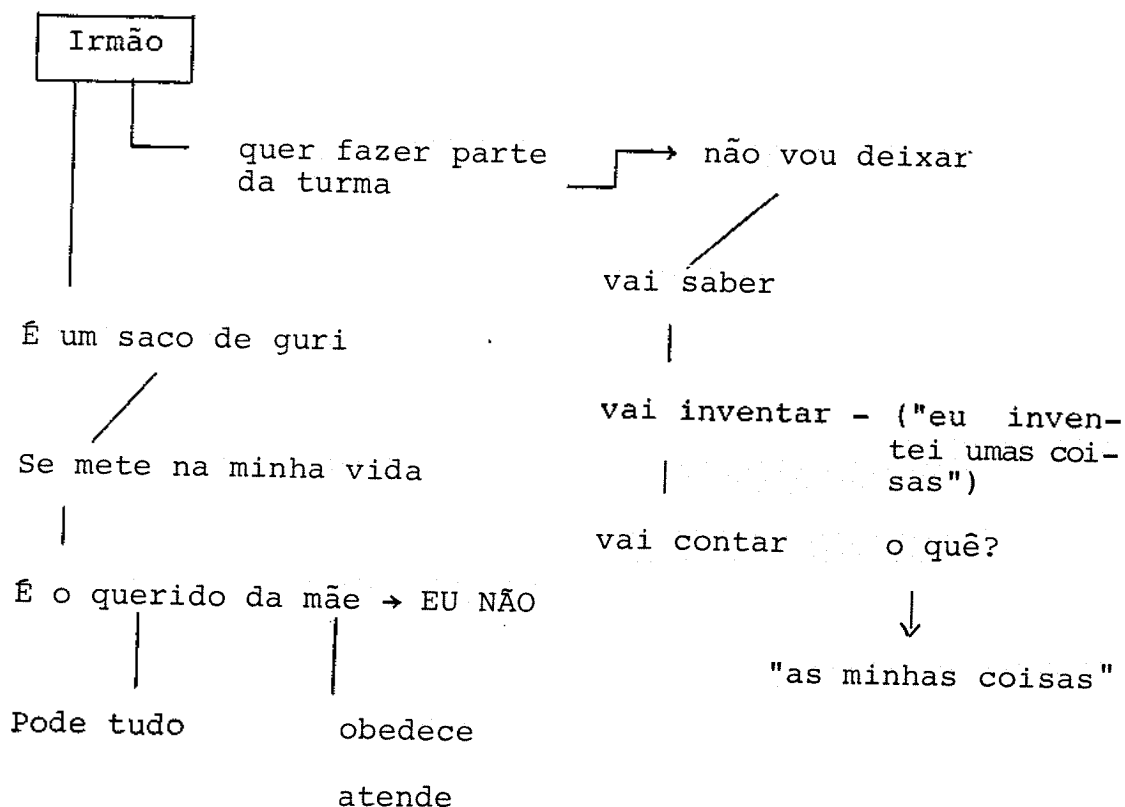


Na história de um drogadicto duas vertentes se cruzam: a história individual e a crise do mundo atual.

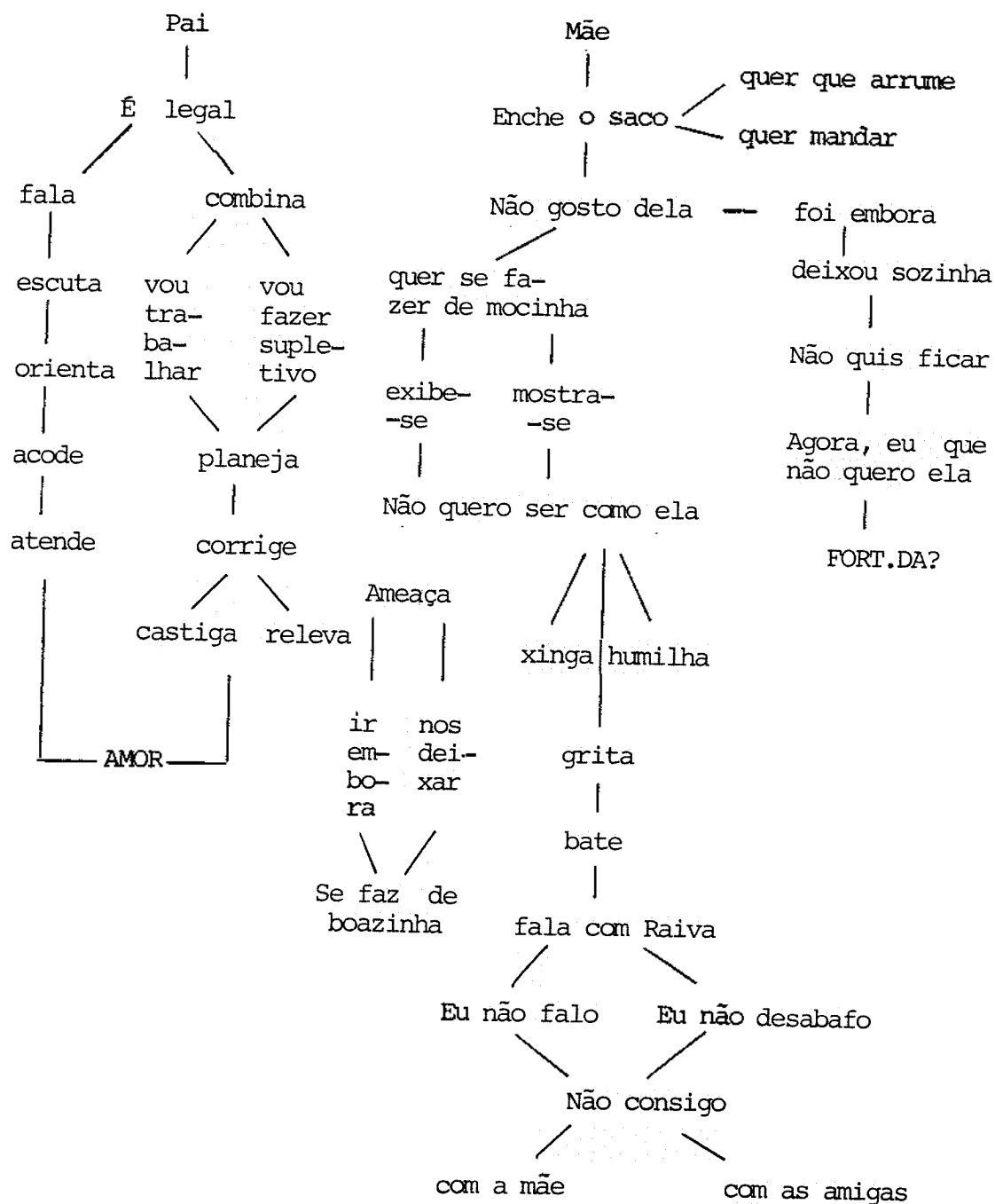
As drogas saíram da escuridão e do submundo para adquirir um novo sentido nas mãos dos adolescentes. O jovem que utiliza drogas já não é mais a exceção. Seu gesto tem sentido, seu desespero é apelo. Precisamos entender e atender para que o adolescente aceite a ajuda que podemos lhe oferecer como pais, professores ...

Relacionamento Familiar

Quer queiramos ou não estamos inscritos em um certo sistema de parentesco. A história de cada um de nós é função da forma como nos relacionamos.

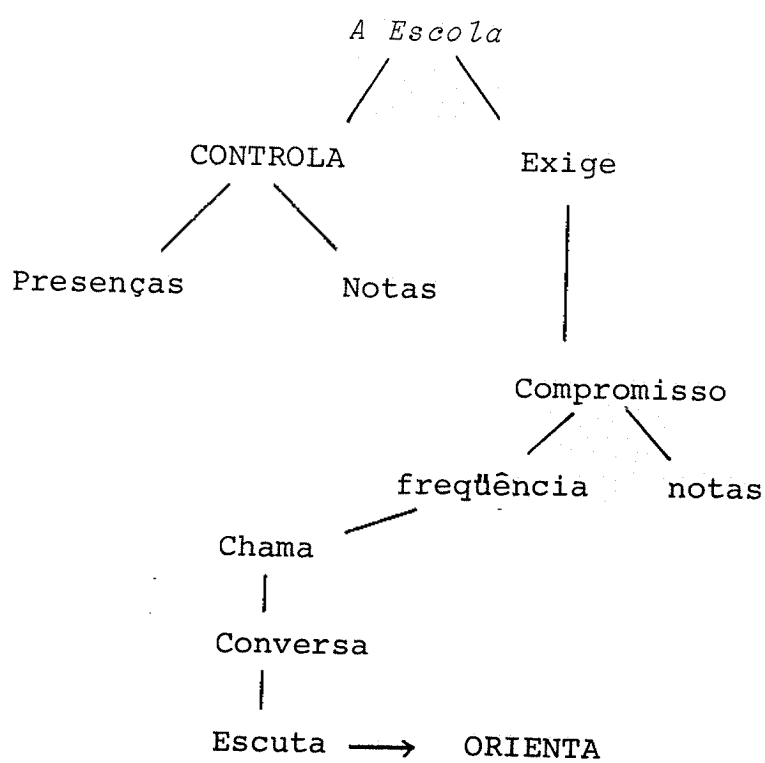
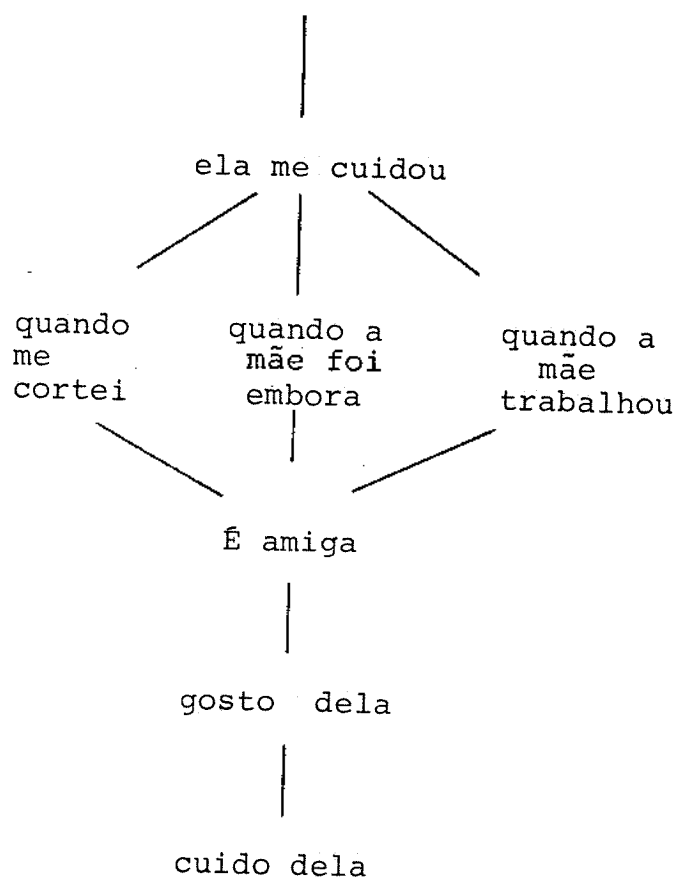


Pais



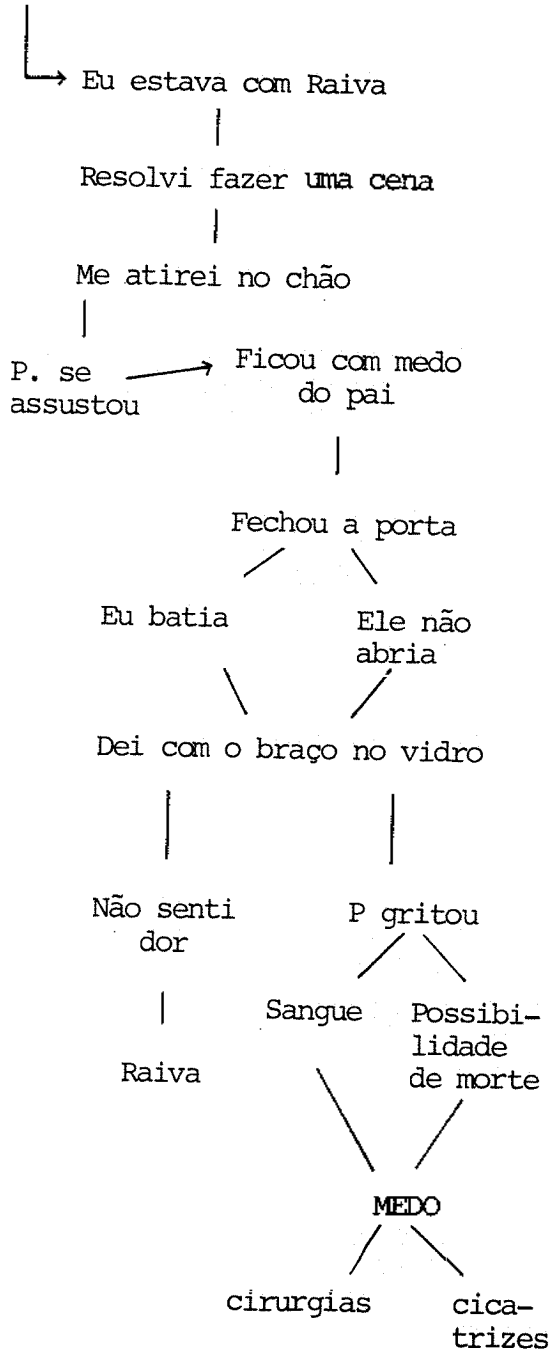
A desidealização das figuras parentais afunda o adolescente no mais profundo desamparo.

Relacionamento com a Avó

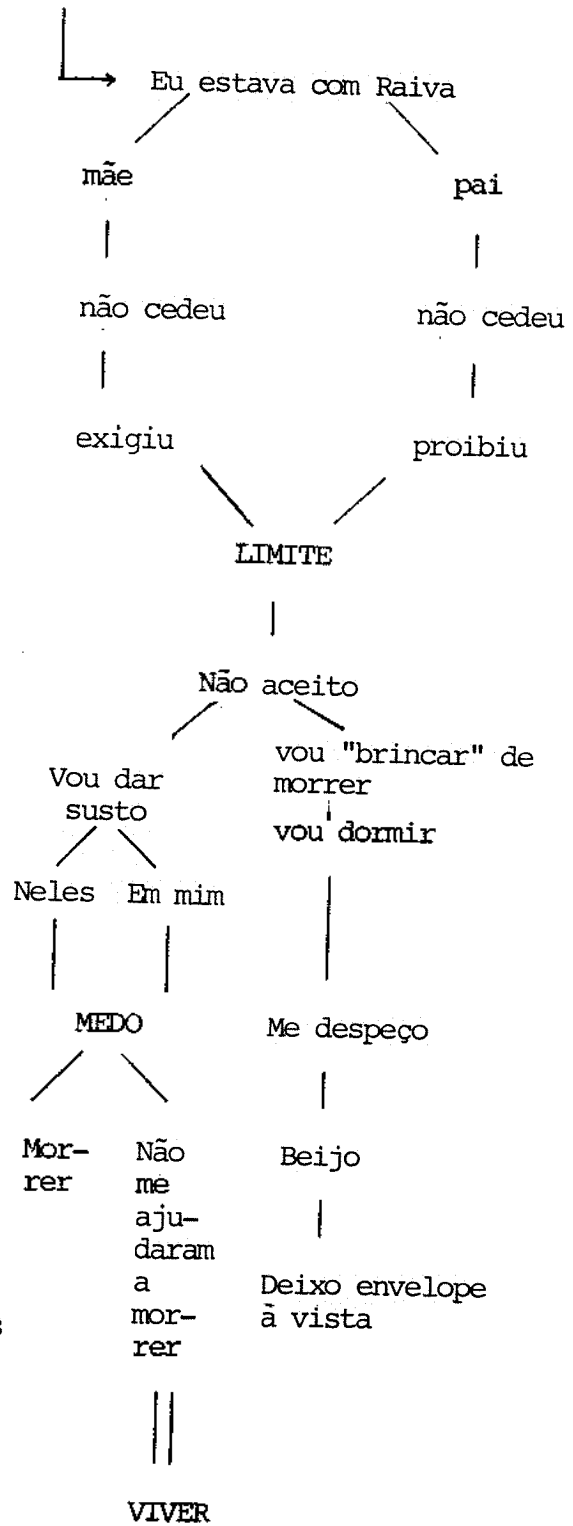


Atuações motoras

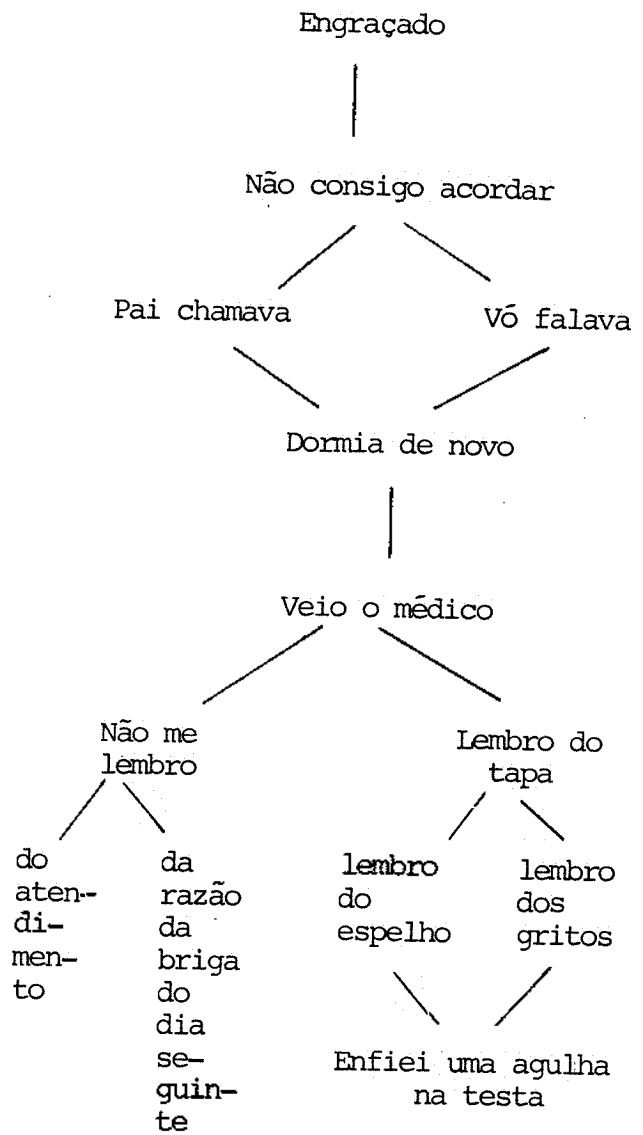
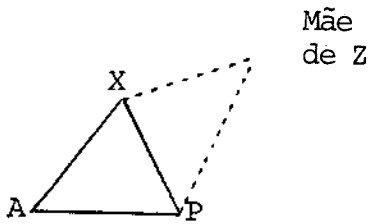
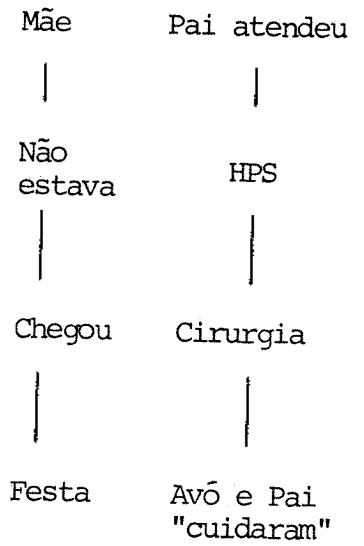
TENTATIVA INAPARENTE



TENTATIVA SUICÍDIO



Respostas Familiares



A HISTÓRIA DA MÃE DE X - A

ESTRUTURAS
SIGNIFICANTES

E - Como foi o namoro de vocês?

A - Foi ótimo, eu conheci o Z quando tinha 23 anos. Ele era um cara super alinhado, simpático, com uma conversa super agradável. Ele era bem mais velho do que eu. Tinha na época 32 anos. Eu adorava a companhia dele, gostava de ir a festas, de andar nos barzinhos da mora, era super legal.

E - Super legal?

A - É uma ótima companhia.

E - E quanto a ele?

A - Como? O que ele achava de mim? Acho que ele gostava de andar comigo. Eu andava bem arrumada, não era uma mulher feia. Só tínhamos uma diferença.

E - Qual?

A - Eu adorava ferver, sair, passear, agitar, me divertir. Ele namorava comigo porque ... na verdade ele procurava mais era uma mulher para casar, eu acho.

E - Achas?

A - É. Eu nem pensava em casamento. Eu queria era me divertir, sair ...

O namoro foi ótimo



O que ele oferecia

ótima companhia
possibilidade de frequentar lugares requintados

O que ele pedia?

Uma mulher que pudesse assumir um compromisso

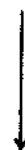


"uma mulher para casar"

O que ela queria?

Sair, Ferver, Passear

Para ela



A possibilidade de fugir ao controle familiar

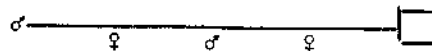
Para ele
(no discurso dela)



Encontrar uma mulher para casar

- E - Mas me disseste que ele gostava de barzinhos da moda.
- A - Gostava. Mas quem curtia mesmo era eu. Acho ... Acho não. Tenho certeza que ele ia só para me agradar, para me conquistar.
- E - E tu não querias conquistá-lo?
- A - Queria ficar com ele. Andar com ele. Agora pensar em casar, isto realmente eu não pensava. Eu era super gurria. Tinha a vida pela frente.
- E - Ainda estavas estudando nesta época?
- A - Não. Eu já trabalhava. Eu só tenho o segundo grau. Eu precisei largar os estudos, mas precisei.
- E - Precisou?
- A - É, lá em casa todos trabalhavam: a mãe, eu e os guris.
- E - Trabalhavas com o Z?
- A - Não. Ele estava formado há tempos. Tinha já o seu escritório. Estava super bem na vida.
- E - O que é estar super bem?
- A - Já estava com uma profissão. Ganhava relativamente bem. Vivia com os pais, não tinha compromissos com a família.
- Ele queria me conquistar
- Eu queria estar com ele
- COMO?
- proporcionando mais a agradava
- para poder agir, fazer, passear, sair
- Qual era o jogo?
- Qual era a senha para participar deste jogo?
- Eu não estudava
- Eu precisei trabalhar
- Eu não tinha pai
- Eu sentia falta
- Ele estava bem de vida
- já estava formado
 - tinha profissão
 - tinha escritório
 - vivia com os pais
 - não tinha compromisso com a família
- mas queria casar
queria assumir um compromisso de família
- Eu queria me divertir
- ferver, sair, passear
 - não ter compromisso

E - Tu moravas com a tua família nesta época?



A - Sim, a mãe, eu e os gurus.

E - Quem são os gurus?

A - Os meus irmãos. Um é bem mais velho que eu e outro é mais moço.

E - Teu pai falecera?

A - Agora sim; na época, estava separado de minha mãe. Eu quase não cheguei a conviver com ele. Morreu há seis anos.

Faleceu há seis anos
O pai — Separou-se da mãe há muito tempo

Lembro pouco dele

E - Quanto tempo faz que os teus pais se separaram?

A - Faz muito tempo. Na época eu tinha apenas quatro anos. Minha mãe já tinha trinta anos.

MAS

E - Tu lembras deste período?

A - Muito pouco, só sei que eu senti muita falta dele?

→ senti muita falta
→ ele era uma pessoa legal
→ ele me contava histórias
→ deixava eu ir no colo

E - Por quê?

A - As lembranças que eu tenho dele ... ele era uma pessoa legal. Lembro que ele me contava histórias, que deixava eu ir no colo dele. Só que depois que eles se separaram a mãe sempre falava dele com muita raiva. Hoje, olhando para trás acho que sei porque eles se separaram.

SÓ QUE

→ minha mãe falava com muita raiva dele

E - E por que foi?

A - Na época não me disseram nada; quando eu estava na adolescência me contaram que ele arranjara outra mulher. Mas a minha mãe não é fácil. Ela é uma pessoa muito difícil da gente conviver e da gente se relacionar.

Como fica uma criança cujo pai deixa a família e a mãe sempre que se refere a ele, o faz com muita raiva?

E - Por que dizes isto?

A - Por tudo que eu conheço dela. Ela até hoje se mete na vida dos meus irmãos, na minha vida. Aliás, se mete na vida do mais velho, porque o outro não mora mais aqui. Acho que ela pensa que eu ainda sou criança. Fica dizendo: - Olha, se tu fizer assim vai acontecer tal coisa. Então com a X é um horror! Tudo o que acontece é porque eu não sei educar, não sei dar limites. Como se a X fosse só minha filha.

A mãe → pessoa difícil de conviver



muita raiva do pai ameaçadora

"o pai foi embora por causa dela"
Eu gostava dele

para ser amigo da mãe é preciso ser homem

eu brigo muito com a mãe

E - Tu te relacionas bem com a tua mãe?

A - Sempre briguei muito com ela. Eu acho que ela nunca ligou muito para mim. Aliás, ela dizia que filho homem é que é amigo da mãe. Nisto ela tem razão. Eu me relaciono muito melhor com o meu filho do que com a X.

O que me sobra?

- Sou Mulher
- Meu pai foi embora em função de uma mulher

E - E com o teu pai, tu te relacionavas bem?

A - Eu perdi todo o contato com ele. A mãe nunca mais permitiu que ele nos visse ou quem sabe foi ele que não quis mais ver aos filhos? Não sei. Há muito pouco tempo é que vim a saber que ele já morrera.

Eu gostava dele

↳ mas não podia vê-lo

há pouco tempo vim a saber que ele morrera

E - Mas disseste que a tua mãe tinha raiva dele.

A - E tinha. Mas ela não é fácil. Eu te disse que ela pensa que eu sou incapaz de tomar qualquer decisão correta. Eu e ela brigamos muito. Eu digo para ela as coisas que ela precisa ouvir.

E - Que coisas?

A - Que ela é autoritária. Que eu não sou mais criança que aceitava tudo, que ficava com medo.

E - Medo de quê?

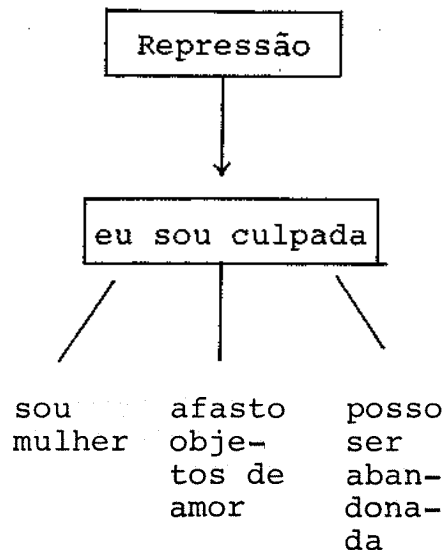
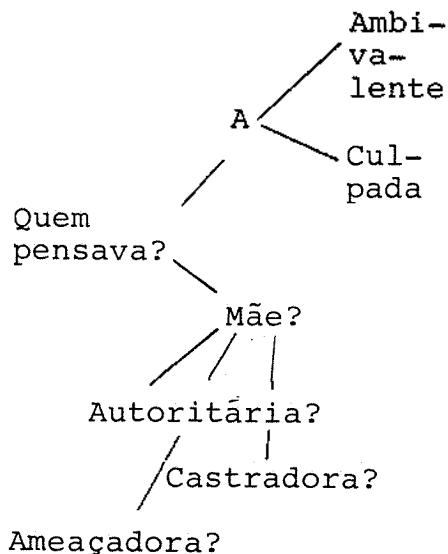
A - Sei lá. Quando eu era pequena eu tinha medo que ela morresse, que ela fosse embora. E daí, o que ia me acontecer?

E - Estas coisas eram faladas?

A - Que coisas?

E - Morte, abandono.

A - Não sei. Não me lembro. Só sei que quando eu desobedecia eu ficava muito mal.



E - Tu disseste que ficavas mal. Como?

A - Eu me sentia culpada. Pensava que eu não podia ter feito aquilo.

Sabe, eu sempre desejei ser amiga da minha filha. Gostaria de ser a pessoa em quem ela confiasse, a ponto de repartir as coisas dela, da vida dela. Pensei que ela ia me aceitar. Gostar de mim. Gostaria que a minha filha fizesse outra história com a mãe. Mas olha só no que deu...

A estabeleceu uma relação com a mãe de forma pouco gratificante

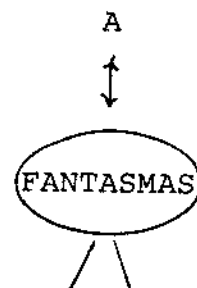


abandonado retaliação culpa castigo

O que faz A para que X, sua filha, mantenha outra relação com ela?

E - E o que é que deu?

A - Esta história que eu nunca esperei viver. Eu ansiei por algo diferente. Não era esta a história ... Não era esta a relação que eu gostaria de ter com a minha filha e a minha filha comigo. Há muita mágoa de ambas as partes. Ela tem muito ciúme de mim com o pai dela.



Revivência do Narcisismo Materno

E - Tu disseste que tens dois irmãos. Como te relacionas com eles?

A - Quando eu era pequena, a minha mãe costumava dizer que filho homem é que é amigo da mãe.

Eu acho que eu sentia muito ciúmes deles. Sentia ciúmes do grande porque era o grande, sentia ciúmes do menor porque ele era o pequeno. Acho que sempre ficava me faltando algo.

- * eu gostaria de ser a pessoa em que ela confiasse
- * queria que ela repartisse comigo
- * queria que ela me aceitasse
- * gostasse de mim
- * fizesse outra história com a Mãe

diferente da minha história com a minha mãe?

Há muita mágoa

Por quê?

E - O que, por exemplo?

A - _____
Bobagens.

Bobagens. É, por exemplo: Nem me lembro mais. Eu brigava muito com eles e sempre a mãe achava que eu provocava. Se era com o maior, eu não deveria brigar porque brigar não é coisa de menina. Menina precisa ser comportada. Quando eu fiz uns 15 anos, este maior entendeu que ele deveria me cuidar, resolveu assumir o lugar do pai. Só que o meu pai não estava ali. E ele não tinha nada que se meter na minha vida.

E - E quanto ao menor?

A - Eu brigava também com ele, mas pelo menos ele não se metia na minha vida.

E - E hoje como vocês se relacionam?

A - Com o menor através de cartas porque ele não mora aqui. O mais velho casou, tem filhos. Este sempre foi o queridinho da mãe, antes dela fazer qualquer coisa ele é sempre ouvido.

E - Mas disseste que ela se mete na vida dele.

A - Claro que se mete.

Atenção ao tempo do verbo Achar

O que lhe faltava?

→ o pai
→ a mãe
→ o falo

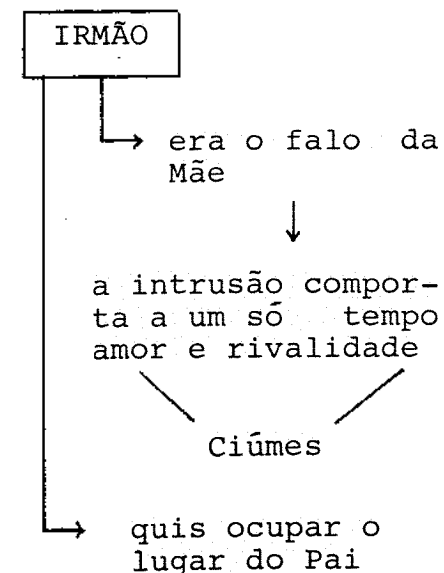
Ela queria SER O FALO, ou, pelo menos, TÊ-LO.

Brigar não é coisa de Menina

então é coisa de Guri
= Homem

para ser digno do amor da mãe é preciso ser um homem

ou
parecer um homem



E - Voltando agora para a época do namoro de vocês. Tu me disseste que não querias casar. Quanto tempo vocês namoraram?

A - Quase um ano. Um pouco menos. Depois noivamos.

E - Por que ficaste noiva se não querias casar cedo?

A - Porque eu fiquei grávida e fui obrigada.

E - Obrigada? Tua família?

A - Não, o Z me forçou a casar. Ele queria casar e isto serviu a feitiço.

E - Casar tu não querias, e quanto à gravidez?

A - Ah, desde o começo eu fiquei contente, eu quis. Claro que logo que fiquei sabendo foi um choque.

E - Por quê?

A - Porque eu achava muito cedo. Mas eu não rejeitei o bebê. Eu queria ter o bebê ... mas queria continuar solteira.

E - O bebê foi uma escolha?

A - Não foi.

DENEGAÇÃO

"E não queria casar"

MAS

"Eu fiquei grávida"

Fui obrigada

CASAR
COM Z

a quê?
para quê?

DENEGAÇÃO

Eu Não rejeitei o bebê

MAS

- Foi um choque
- Eu queria ficar solteira

"... desde o começo
fiquei contente"

com o quê?

"eu quis" o quê?

DENEGAÇÃO

O bebê não foi uma escolha.

E - Se querias ficar solteira, por que casaste?

A - Já te disse, o Z me obrigou. Se eu não casasse teria que fazer um aborto.

E - Ele te propôs fazer um aborto?

A - Não. Ele disse que para eu ter um filho dele eu teria que me casar com ele.

E - Isto foi antes ou depois do fato consumado?

A - Que diferença faz?

E - O que tu achas?

A - Sei lá ... Antes, depois, não me lembro.

E - A tua família ficou sabendo da gravidez antes do casamento?

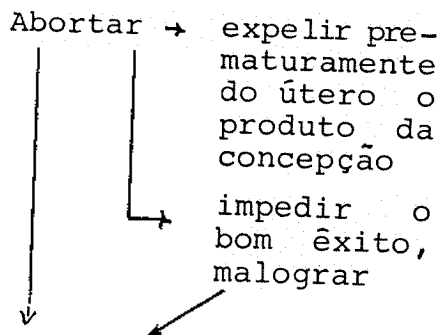
A - Sim.

E - Como reagiram?

A - A mãe, no início, reagiu muito mal. Agora o meu irmão mais velho nunca aceitou.

E - Não aceitou o quê?

A - Que eu tivesse engravidado. Que eu me casasse com o Z. A coisa ficou muito difícil. É difícil até hoje. Eu penso que



"Eu queria continuar solteira"
 "Eu era muito jovem"
 "Eu queria ferver/sair/passear"

Lei

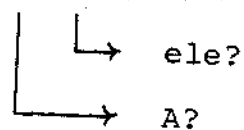
→ Não há filho sem pai

↖ O pai entra na vida do filho, através do discurso da mãe.

Como o pai de A entrou em sua vida?

Como o pai de X entrou na vida de A?

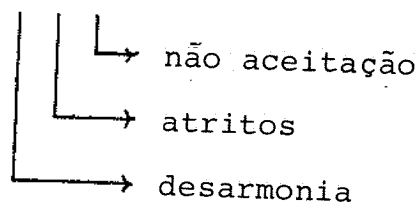
ele tem uma idéia de mulheres que transam antes de casar. Quem tem a idéia



E - Que idéia?

A - (Risos) Com as outras irmãs pode. Com a minha não.

Família de A face à Gravidez



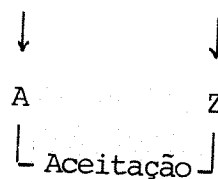
E - Já passou muito tempo.

A - É, mas não apagou e eu não quero falar sobre isto.

E - Como ficou o Z?


A - No começo foi difícil. Relação estremecida.

Família de Z face à Gravidez



E - E a família dele, como reagiu?

A - Muito bem. Me aceitaram. Acho até que queriam que ele desse um alívio.

queriam um Neto 

E - Alívio ... Como assim?

A - Brinquedo meu. Eles queriam que ele casasse, pois já estava com mais de 30 anos e eles queriam um neto.

ou
Neta?

E - Filho único?

A - Não. Tem uma porção de irmãs, bem mais jovens do que ele que não estavam ainda em idade de casar.

E - Qual é a idade para casar, A?

A - Ah ... sei lá ... Tem que poder e querer casar.

E - Poder como?

A - Sustentar-se, estar maduro.

E - Qual destas condições achas que te faltavam?

A - (Risos) Eu me sustentava.

E - Quer dizer que a família dele apoiou o teu casamento?

A - Acho que eles sempre apoiaram o Z. Eu não tenho certeza de que a nora que a mãe dele queria é o que eu sou!

E - Por que dizes isto?

A - Porque em todas as situações eles sempre tomam o partido dele. E nem sequer me ouvem.

E - A tua mãe se dá bem com o Z?

A - Ela respeita ele. Também, se ela se meter na vida dele ela leva.

E - Em tua vida ela se mete?

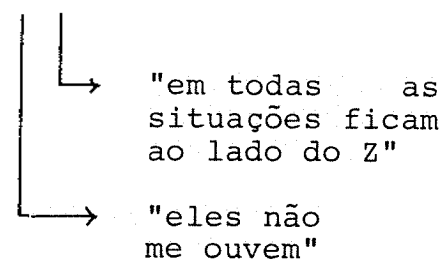
A - Sim, mas eu sou a filha dela.

Para casar precisa sustentar-se
Estar Maduro



E para ter um filho?

"Acho que Não sou a Nora desejada"



desde quando?
por quê?

E - Como foi o início da tua vida de casada?

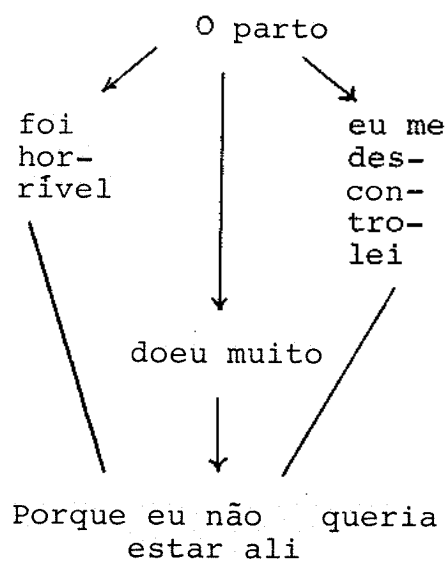
O início do Casamento
foi legal

A - Foi legal, eu estava bem. Passei uma gravidez tranqüila. Agora quando chegou a hora do parto tudo ficou diferente. Eu gritava muito, me descontroliei, foi horrível.

eu estava bem
gravidez tranqüila

E - Por que horrível?

A - Ah, doía muito. Eu até fiz aquela preparação para o parto, mas não adiantou nada. Na hora esqueci tudo. Eu não queria estar ali. Não queria ter aquele filho. Queria desaparecer.



E - Só de dor?

A - Ah, tu sabes que dói. Tu tens filho.

E - Dói, mas passa.

A - É ... passa. Mas foi só ali que eu me dei conta que a minha vida estava irremediavelmente mudada.

EU NÃO QUERIA TER AQUELE FILHO

A que dor A faz referência?

E - Para melhor?

A - _____

à dor física decorrente do trabalho de parto?

E - Para melhor?

à dor psíquica decorrente da constatação de ser mãe?

A - Aí após o parto também foi difícil. Eu não conseguia amamentar. Tentei bastante mas não deu.

E - Por que não deu?

A - Não deu porque o leite empedrou e aí que eu não agüentava mesmo de dor. Tentei três dias e passamos para a mamadeira.

E - X se adaptou?

A - Ela era muito agitada. Chorava muito. Mas com a mamadeira ela se ajeitou.

O choro do bebê é o resultado do mal-estar inerente à condição do nascimento, visto que o bebê não consegue fazer frente aos estímulos que chegam até ele.

E - Se acalmou?

A - Não. Isto não. Continuou agitada chorando a toda hora.

E - E tu te ajeitaste?

A - Eu? Como?

E - Quando resolveste o problema da mamada, ficou mais tranqüilo?

Existe um "código" que a mãe decifra, para que possa atender ao filho.

A - Olha, era muito difícil cuidar dela porque ela solicitava muito. Chorava. Sei lá ... Eu não entendia o que ela queria.

Qual é o código que rege uma mulher?

Criança = Falo

E - E tu choravas?

A mãe transforma um ser biológico em ser erógeno

A - Eu não.

E - Tu te organizaste logo que X nasceu? Quanto a horários, por exemplo?

A - Ah, sim. Eu organizei tudo

direitinho, ela é que não se acertava.

- E - Não se acertava como?
- A - Por exemplo: chorava muito à noite, não dormia.
- E - Então tu também não dormias?
- A - Eu dormia. De noite quem cuidava dela era o Z. Aliás até hoje é assim. É ele quem atende os filhos à noite.
- E - Por que isto?
- A - Porque eu cuidava de dia e ficava muito cansada. Então ele cuidava de noite.
- E - Z estava em férias quando X nasceu?
- A - Não, mas eu já cuidava de dia. A noite era dele.
- E - Desde quando começou esta dificuldade para dormir?
- A - Sei lá ... desde sempre.
- E - E a infância de X, como foi?
- A - Foi tudo bem. Só que a agitação sempre foi muito grande.
- A maior ou menor prontidão com que uma mãe atende ao filho é função do que este filho representa para ela.
- Existe desde muito cedo uma relação muito íntima entre a mãe e seu bebê.
- Um apego confiante é estabelecido na medida em que, através da mãe, o bebê sente que o mundo é um lugar confiável.
- O comportamento da mãe, decorrente de seus próprios sentimentos inconscientes em relação ao bebê, será o fio indutor do comportamento do bebê.

E - O fato de ter filha te atrapalhou, por exemplo, quanto a saídas com o Z?

A - Não! Sempre que eu tive vontade de sair eu deixei a X com a mãe de Z. Praticamente, a gente saía todas as semanas.

E - Mesmo quando a X ainda era bebê?

A - Claro!

E - Tens outros filhos?

A - Sim, o P. Ele é um amor. Meigo, super humilde, não me dá nenhuma incomodação. Nunca fui chamada por causa dele na Escola.

E - Como reagiu a X ao nascimento de P?

A - Ficou com muito ciúmes, batia nele. Pedia que a gente devolvesse.

E - É uma atitude esperada o ciúme quando do nascimento dos irmãos.

A - Mas X doi demais. Eu não podia me descuidar um pouquinho. Sei lá o que ela podia fazer.

E - Quantos anos tinha a X?

A - Três. Não, quatro.

X

era agitada
não dormia
chorava muito

mas

Foi tudo bem na Infância!

"Ele é um amor... Nunca fui chamada ..."

↓
Formação Imaginária = Ilusão, visto que P apresenta dificuldades quanto a limites, aprendizagem, organização. A Escola já comunicou estas dificuldades à família, e à mãe em especial.

CIÚMES PRIMORDIAIS

ambivalentes

Amor

Ódio

↓

↓

Identificação

Agresão

↓

Neste momento, X não tinha ainda condições de avaliar a chegada do irmão como uma situação agradável.

- E - Tu preparaste a X para a chegada do irmão?
- A - Sim, até compramos uma cama nova para a X, pois P usaria o berço.
- E - Nesta época, tu trabalhavas?
- A - Não. Logo que eu casei eu parei. Já estava com 4 meses! Mas logo após o nascimento do P eu voltei.
- E - E as crianças?
- A - Aqui eu fiz bobagem.
- E - Bobagem?
- A - É. Acho que aqui está a razão de muitos problemas da X. Eu peguei o P e pus na creche um turno, o outro ele ficava em casa com a empregada, e a X mandei para a casa da minha sogra.
- E - Deixava-a durante o dia?
- A - Não! Durante a semana. Mas ia buscá-la na 6ª feira.
- E - Quantos anos tinha a X, nesta época?
- A - Mais ou menos quatro anos.
- Preparação
- Comparamos a cama nova pois P usaria o berço
- O irmão ao chegar
- "rouba"-lhe a atenção dos pais
- "tira"-lhe o berço
- e o espaço na família
- o irmão em Casa
- ela com os Avós
- Coincidentemente aos quatro anos
- o pai de A saiu de casa
- A tirou X de casa, pois nasceu P
- o filho homem
- aquele que vem preencher a falta
- O FALO

E - E a X se acostumou?

A - Sim, a minha sogra até dizia que ela não queria mais voltar para casa.

As crianças afastadas de suas mães costumam apresentar um quadro depressivo.

E - Tu também achavas isto?

A - Não sei, ela dizia.

Quadro desenvolvido por X

E - E tu acreditavas?

A - Não, acho que não. Tanto que sempre que dava eu ia buscá-la. No começo não deu problema. Depois ela começou a não querer vir.

→ Protesto intenso
↓
chorar

E - Tu sabes por quê?

A - Eu não. Será que não era a minha sogra que fazia a cabeça dela?

→ Raiva
↓
não querer falar com a mãe

E - Ela acostumou-se logo na casa dos avós?

A - Ela no começo chorava. Depois começou a não querer falar muito comigo.

→ Tristeza
↓
não queria mais vir para casa
↳ quando vinha, brigava muito

E - Quanto tempo ela ficou com os avós?

A - Ela estava na 2ª série quando voltou. Nesta época era difícil vir nos fins de semana, porque tinha aula, ela estava no colégio _____. No ano seguinte eu troquei-a de Escola, porque ela foi reprovada.

→ Angústia
↓
insucesso escolar

E - A reprovação aconteceu no ano que X voltou para casa, então? Qual a razão do Afas-
ramento de X?

A - Sim.

↳ A resolveu "Tra-
balhar"

E - E por que tu resolveste tra-
zê-la novamente?

|

A - Eu parei de trabalhar. Não
tinha mais razão para ela fi-
car longe da família.

?

O que X queria?

E - Como era a relação de X com
você nesta época?

↳ atenção }
↳ afeto } DA MÃE
↳ carinho }

A - Sempre brigava muito. Queria
tudo para ela.

"A relação de X com o
irmão é péssima"

E - Como assim?

↳ morre de ciúmes
dele

A - Egoísta. Mas sempre protegida
pelo Z.

↳ ele é humilde
↳ me entende
↳ eu gosto mais
dele
↳ ele é homem

E - Qual é a relação de X com o
irmão?

↑

A - Péssima. Ela morre de ciúmes
dele. Vive reclamando o que
eu faço para ele. E o coita-
dinho é super humilde. É mui-
to diferente dela. Até com a
história da X viver dando preo-
cupação a gente deixou o P um
pouco de lado.

o homem que fal-
tava na vida de A

"Vive reclamando do que
eu faço para ele"

Ele é muito meu amigo. Eu te-
nho que confessar uma coisa:
Eu gosto mais dele. Claro!
Todas as mães gostam mais do
filho homem. E está certo.

X tem problemas de li-
mites

↳ em função do pai
↳ em função dos avós
↳ e quanto à mãe

Ele me entende. Eu nem preci-
so falar muito para ele. Ele
aceita o que a gente diz. A X
não! Ela tem que ficar sempre
com a última palavra.

Agora → vou largar de
mão!

Agora tem uma coisa: a X tem
tem estes problemas todos -
problemas de limite - mas ela

?

é muito reforçada pela avó e pelo pai.
Eu estou desmoralizada. Quando quero pôr algum limite a X eles se intrometem.
Agora vou largar de mão.

E - Qual avó que se intromete?

A - As duas. Mas para a mãe eu falo tudo e da minha sogra muita coisa sou obrigada a engolir.

E - Obrigada?

A - Sim, se eu começar a reclamar muito brigo com o Z.

E - Como é o teu relacionamento com a X?

A - Está péssimo. Eu nem falo com ela agora. Eu a suporto. Ela me suporta. Eu sempre quis ter outra relação com a minha filha, mas parece que só consegui repetir a relação que eu tive com a minha mãe. Ela não respeita as minhas coisas. Mexe no que é meu. Usa nem pede licença. Me enfrenta em tudo que eu digo. Não aceita nada. Não tem limite. Agora, eu sei o que é isto: ela é muito reforçada pela avó e pelo pai dela.

E - E com o pai, X relaciona-se bem?

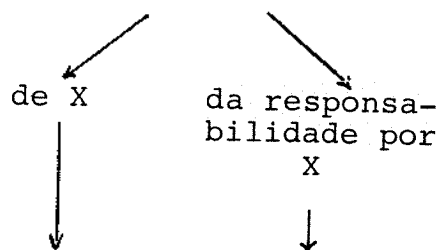
A - Ah, com ele, faz o que quer. É uma coisa muito louca o relacionamento dela com o pai.

As primeiras marcas



Traços inscrevem-se no inconsciente como Significantes Puros. A partir deles estrutura-se toda a história do sujeito.

A descarta-se



"Eu parei de trabalhar ... ela voltou para casa"

"Ela é muito reforçada pelo pai e pela avó"
"Eu a suporto"

E - Te explica melhor.

A - Ela fica se comportando perto dele como se fosse um bebê. Vai para o colo. Fala como nenê. Ele não dá nenhum limite para ela. Eu falo, mas ele diz que eu não tenho paciência com ela. Também eu já disse: Está tudo bem, então tu assume a X.

e Busca Alternativas que reforçam o Abandono imposto

→ "Eu vou largá-la de mão"
 → "Eu nem falo com ela"
 → "Está tudo muito bem, então tu assume a X"

E - Tu concordas que não tens paciência?

A - Olha, eu acho que eu cheguei no máximo de minhas forças com ela. Ela não me ouve, me enfrenta, me responde.

X apresenta atitudes regressivas

falar como nenê
 ir para o colo

função das dificuldades que experimenta para elaborar os lutos adolescentes

E - E a tua relação com o Z?

A - Ultimamente todas as brigas lá em casa são em função da X. Eu gosto muito do Z. Até estive pensando: qualquer dia eu saio de casa e deixo os filhos com o Z. E aí vou me encontrar com ele como amante. (Risos) É sério.

"Eu não queria casar"
 "Eu não queria ter aquele filho"
 "Eu qualquer dia saio de casa"
 "Eu vou deixar os filhos com Z"
 "Eu vou me encontrar com ele como amante"

E - Tu e Z tiveram alguma separação?

A - Sim. Uma vez. A X ficou com o pai e o irmão. Acho que outra das coisas de X é que até hoje ela não aceitou que eu e o pai dela voltássemos a viver juntos.

↓
 "EU QUERIA FICAR SOLTEIRA
 - Ferver
 - Sair
 - Passear"

E - Quanto tempo durou esta situação?

Que razões determinam o afastamento ou a manutenção deste vínculo?

Amor?

A - Uns quatro meses. Por isto é

que eu digo: eu gosto do Z e ele de mim. Quantos casais tu conheces que depois de terem se separado voltaram a viver juntos? Eu acho que a gente voltou porque se gosta. Já estamos casados há tanto tempo.

E - Faz quanto tempo?

A - Três anos.

E - Foi a única separação?

A - Foi ___ isto é, teve um período, uns três meses, que a gente morou na mesma casa, mas ele não tocava em mim, nem eu nele.

A gente brigou por causa da mãe dele, que se mete muito na nossa vida. Eu firmei pé. Não cedi. Ele também não. O problema é que quanto mais o tempo passava, mais difícil ficava para voltar atrás. Eu queria transar, abraçar, chegar perto. Ele também. Mas na hora "h" ninguém cedia.

Lei de Evitação!



Sanções → relativas à Sexualidade

Eu queria abraçar, chegar perto

Ele queria



Nenhum cedia

E - E como terminou?

A - Eu queria. Ele queria. Eu cedi.

E - E aí?

A - Aí voltou ao que era antes.

E - E era bom?

A - É bom!

E - Como aconteceu a tentativa de suicídio de X? Tentativa de Suicídio

A - Eu acho que ela quis foi chamar a atenção. Ela estava de castigo, não podia sair. Ficou braba e fez o que fez.

↓
Quis chamar atenção

↑
Tentativa da família de menosprezar o fato

E - O que ela tomou?

A - Lexotan.

E - Quantos comprimidos?

A - Quatro ou cinco, mas são franginholos. Acho que ela tomou só três, os outros deve ter posto fora. Deixou tudo bem à mostra para a gente encontrar.

E - E o que vocês fizeram?

A - Chamamos imediatamente um médico. Ele disse que ela ia dormir e foi o que aconteceu.

E - Não foi hospitalizada?

A - Não, não foi necessário.

E - A que tu atribui este episódio?

A - Ela havia brigado comigo e com o pai. Recebera um castigo: não poderia sair nos fins de semana durante quinze dias. Ela pensou que ele não manteria o castigo. E ele sustentou.

E - Por que ela foi proibida de sair?

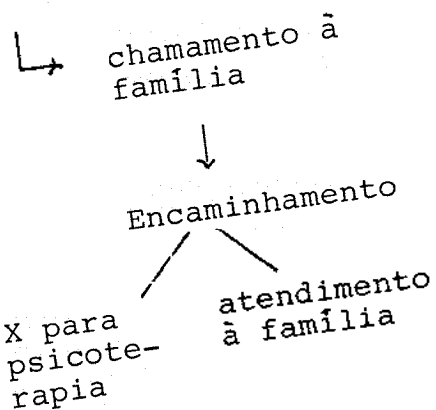
A - Por uma porção de coisas: as de casa e as da Escola. As de casa em função do grupo com o qual ela anda, não é legal - a gente tem medo, são mais velhos que ela, e o desleixo com a Escola: ela não estuda, não faz os trabalhos, não assiste as aulas, a escola chamando, chamando, ela falsificava as assinaturas e não entregava os avisos para nós.

- Sintomas Prévios
- Dificuldades para a-
catar limites
- Dificuldades de to-
lerar frustração
- Dificuldades escola-
res
- Atos delituosos
 - └─ pequenos furtos
 - └─ falsificação de
assinaturas
- Hostilidade
 - └─ com o irmão
 - └─ com a mãe
 - └─ com o pai

E - E como vocês ficaram sabendo?

A - A Escola chamou por carta e eu estava em casa e recebi - se eu não tivesse ela teria escondido. Eu fui no colégio. Mas eu sem- pre vou. Desde o ano passado que a X está sendo atendida pela Orientadora.

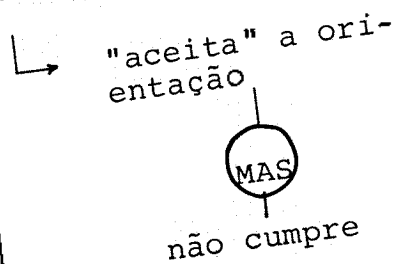
A Escola



E - Como tu vês estes chamados?

A - Ah, é chato ter que ir mas eu acho que eles querem ajudar. Desde o ano passado que eles vêm me dizendo que a X preci- sa de um atendimento psicoló- gico. Eu até concordo. Mas eu não posso obrigar ela. E as orientadoras insistem que ela precisa ajuda. Agora de novo.

A Família



E - O que te sugeriram?

A - Encaminhada para psicoterapia. Ela disse que eu também ia me beneficiar com um tra- tamento. Eu concordo. Antes não concordava, mas agora con- cordo. Mas a X eu não posso obrigar, se o pai dela não

Desloca para X a re- sponsabilidade "ela não quer se t- tar"

firmar posição não sai nada. Eu sozinha não vou conseguir. Eu já marquei uma hora com o Dr. _____ vou conversar com ele. Ela confia nele. Vamos ver se ele consegue.

E - Foste chamada na Escola só estas duas vezes?

A - Não. Desde o ano passado eu tenho ido e conversado com a _____. Ela acha que a X necessita de um atendimento que na Escola não é possível fazer.

E tem mais uma coisa: Eu sei que ela tem pego objetos nas lojas porque ela contou para minha mãe. Por brincadeira, com uma colega, pegou umas porcarias na _____

O ano passado ela tinha feito uma coisa parecida no colégio. Eu fui chamada. Aliás, foi outra vez que me disseram que ela precisa um tratamento.

Eu levei na Drª _____ minha conhecida. Ela foi três ou quatro sessões e não houve jeito de ir de novo.

Fiquei louca de vergonha, mas o que eu ia fazer?

A Escola

Chama
Orienta
Encaminha

A Mãe

A Aluna

"aceita"

aumentam as
atuações em
intensidade
e gravidade

"por brincadeira"
ela pegou
objetos

↳ pequenos
furtos
em lojas

De acordo com Blos (1985) há dois tipos de delinqüentes femininos: um que regressou à mãe pré-edípica e outro que mantém desesperadamente um pé na fase edípica. O problema central de relação em ambos é a mãe.

Eu levei a X na Drª _____

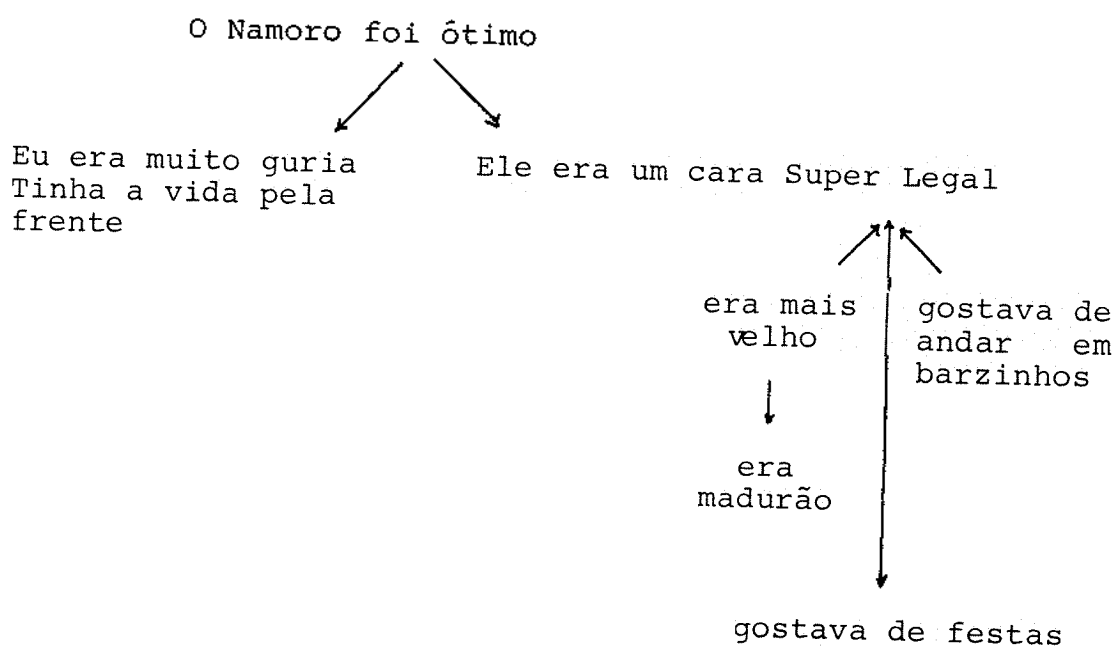
Foi três ou quatro vezes

Fiquei louca de vergonha

↳ de quê?

Análise de conteúdo

A inicia o seu relato pela fase do namoro com o pai de X. Este período dá conta de um casal jovem com intensa vida associativa.



O que ele oferecia?

A possibilidade de frequentar lugares requintados, uma companhia agradável.

O que ele pedia?

Uma mulher que pudesse assumir um compromisso.

O que ela queria?

Uma possibilidade de sair, ferver, passear.

O que significava "namorar"?

Para ele (no discurso dela) (32 anos)

- "Procurar uma mulher para casar"

Para ela (23 anos)

- "ferver"
- "passear"
- "agitar"

Ele queria me conquistar



COMO?



Proporcionando o que mais a agradava.

Eu queria estar com ele



COMO?



Fazendo o jogo da conquista.

Qual era o jogo?

Qual era a senha para entrar no jogo?

"Acho que gostava de andar comigo (...) Eu andava bem arrumada (...) Ele era super alinhado (...) Só tinha uma diferença:

Ele procurava uma mulher para casar

Eu queria me divertir
Casar eu não queria

Casamento ≠ Diversão

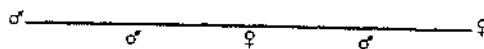
A que significados remete o Casamento?

Não se pode negar que o laço amoroso se apóia em afinidades inconscientes, ligadas a conflitos e a insatisfações anteriores e latentes.

"As relações entre os seres humanos se estabelecem realmente para alguém do campo da consciência. É o desejo que efetua a estruturação primitiva do mundo humano, o desejo como inconsciente." (Lacan, Seminário 2, p.282)

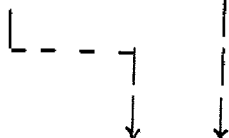
Qual era o desejo de A?

A Família de Origem



Meu pai e minha mãe se separaram quando eu tinha 4 anos. Eu (nem) cheguei a conviver com ele.

Pai



"meu pai foi embora por causa dela"

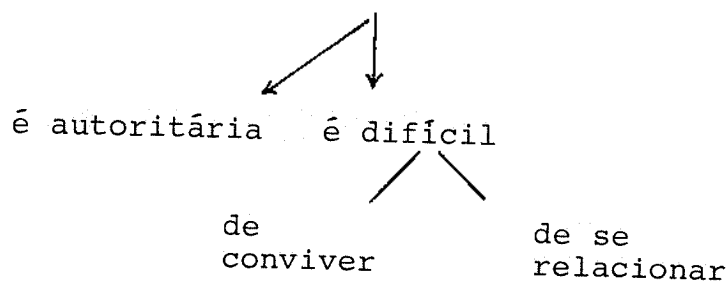
e a dialética das recordações reacende a antiga mágoa:

||

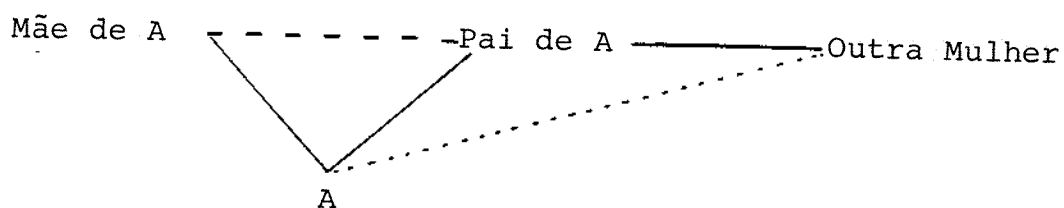
- ... "lembro muito pouco deste período"
- ... "só sei que senti muita falta dele"
- ... "tenho lembranças dele como uma pessoa legal"
- ... "que me contava histórias"
- ... "que me deixava ir no colo dele"

minha mãe sempre falou dele com muita raiva

minha mãe foi responsável pela separação



Em plena elaboração edípica o pai de A deixa a casa da família para viver com outra mulher.



"Após a separação eu perdi todo o contato com o meu pai".

"Na época não me disseram nada ..."

Os elementos velados do discurso não deixam de ser essenciais.

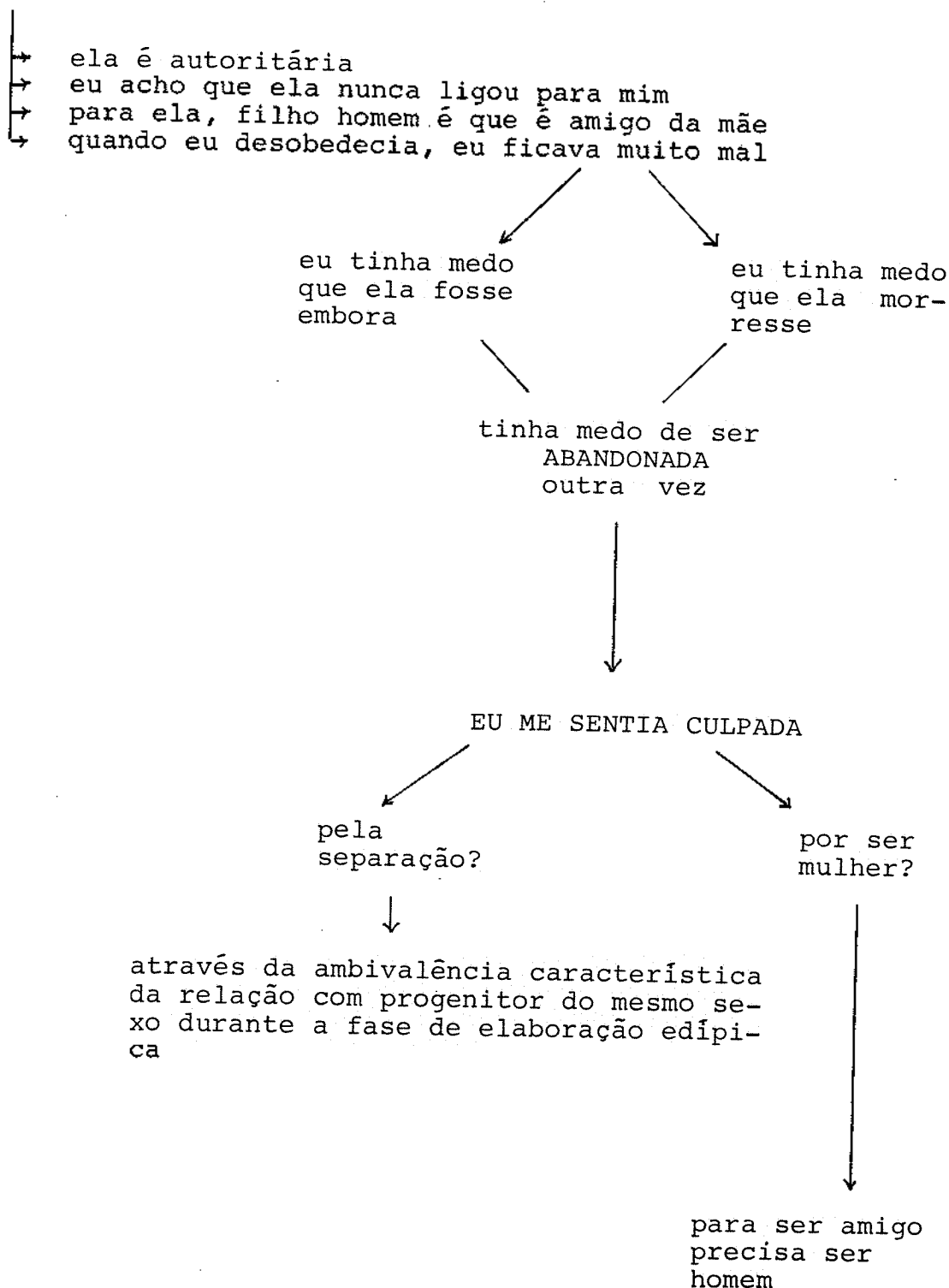
Para Folberg o processo de linguagem envolve toda a pessoa e vai além das palavras, possibilitando que as situações se configurem e passem a ter significação para o sujeito que elabora o seu discurso.

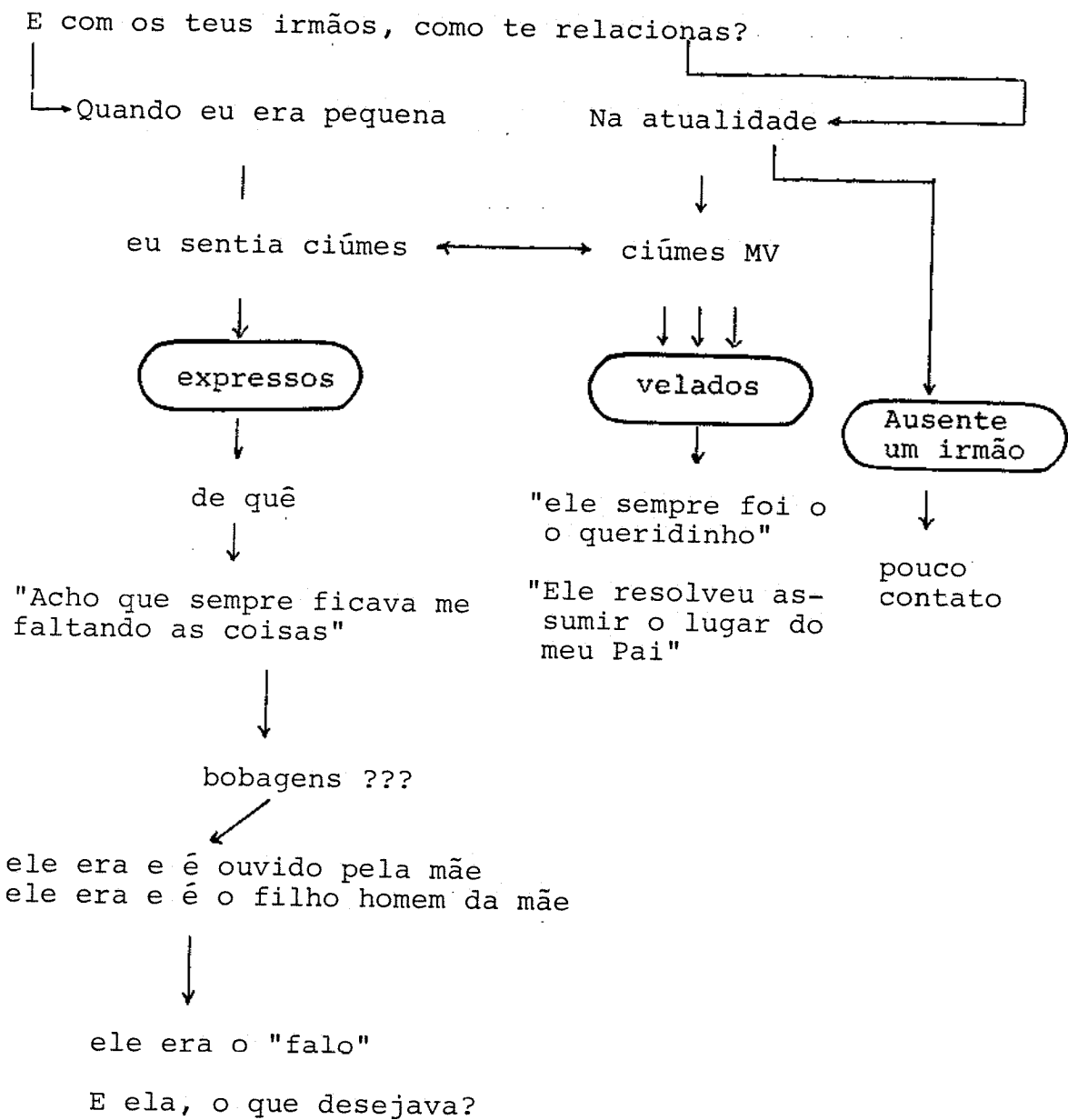
Qual a imagem de Homem e de Pai que A construiu?

À sombra de uma mulher (Mãe) e de outra mulher (Amante do Pai), A cresceu com saudades do pai.

Porém todas as vezes que ouvia falar dele, era sempre com raiva.

Tu te relacionas bem com a tua mãe?



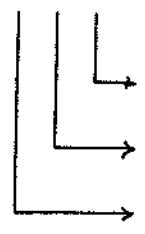


O Noivado

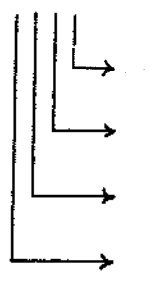
"Namoramos quase um ano"

"mas eu **Não** queria casar"

depois noivamos


 eu fiquei grávida
 eu fui obrigada
 o Z me forçou a casar

mas eu **Não** rejeitei o bebê


 "no começo foi um choque"
 "desde o início fiquei contente"
 "eu achava muito cedo"
 "eu queria continuar solteira"


o bebê **Não** foi uma escolha

se eu **Não** casasse teria que fazer um aborto.

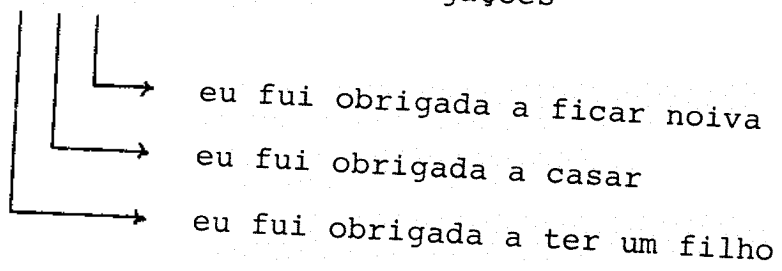
A negação é a forma de apresentar o que somos sob a forma do NÃO SER.

O fenômeno da negação demonstra a possibilidade do inconsciente recusando-o.

E a Dialética das necessidades

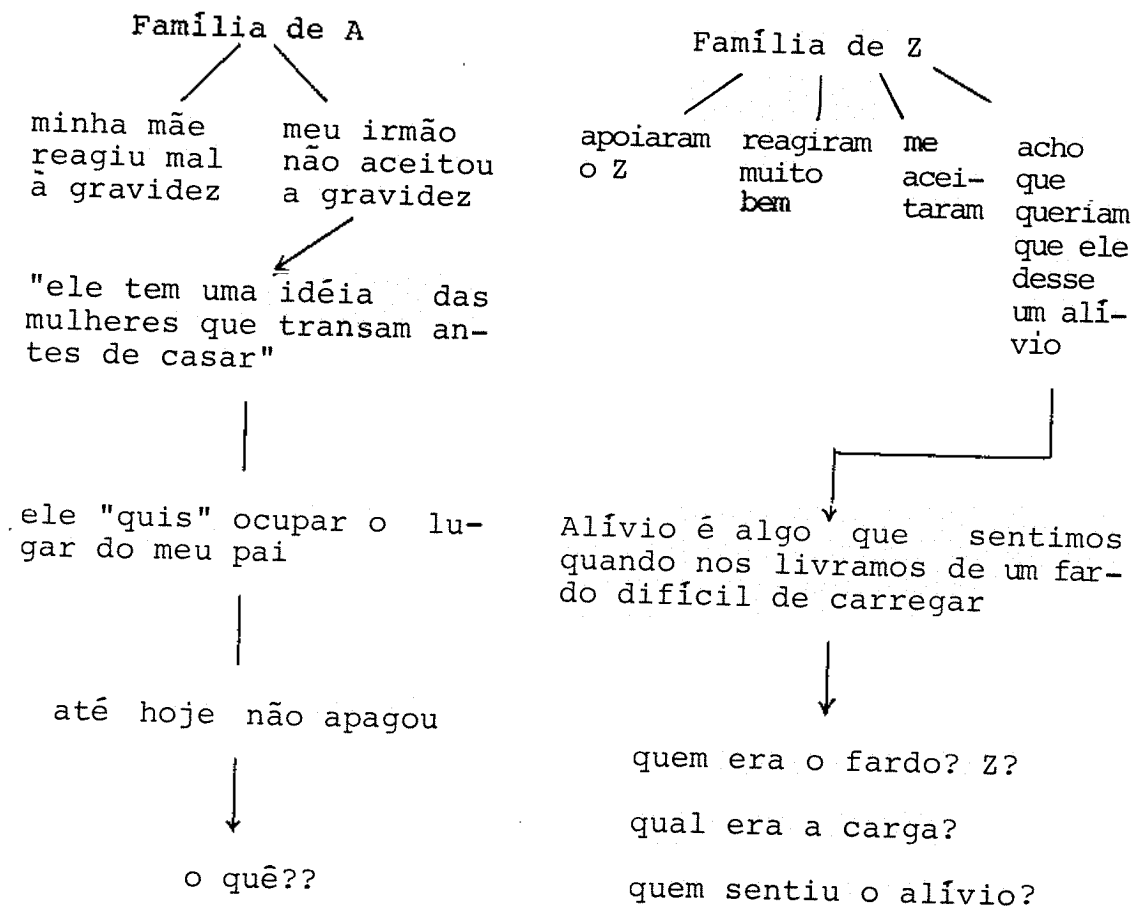

 eu precisei largar os estudos
 eu precisei trabalhar

cede lugar à Dialética das obrigações



Para casar com Z, A foi obrigada a ter um filho dele.

Reações da Família ao Casamento de A e Z



"Para casar é preciso sustentar-se, estar maduro"

Z era madurão

Z era alinhado

Z tinha o escritório dele

EU ME SUSTENTAVA

Relacionamento do Casal

COM A FAMÍLIA DE A

A mãe
res-
peita
o Z

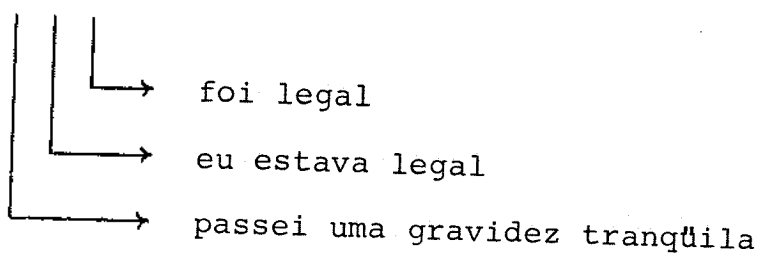
"Na minha vida
ela se mete"
"Acha que sou
incapaz de to-
mar qualquer
decisão"
"Tem vezes que
passo um tempo
sem procurá-
-la"

COM A FAMÍLIA DE Z

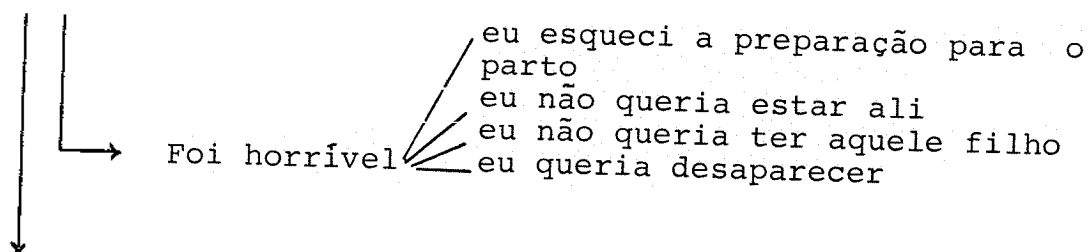
Eu não sou
a nora que
a mãe dele
queriaeles sempre
apoiaram o
Z

O Casamento implica a entrada em um sistema regulado por leis, vínculos e obrigações.

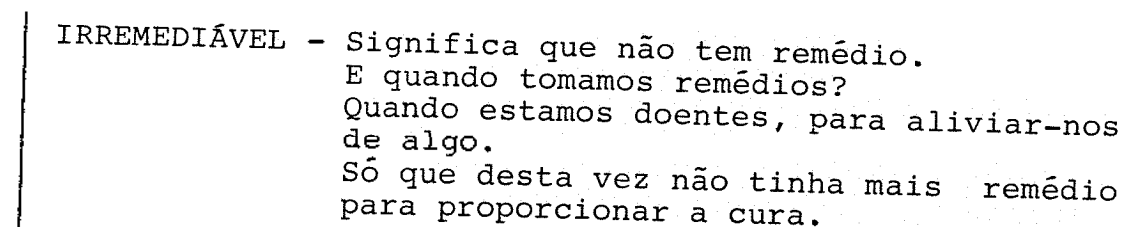
Início da vida de casada



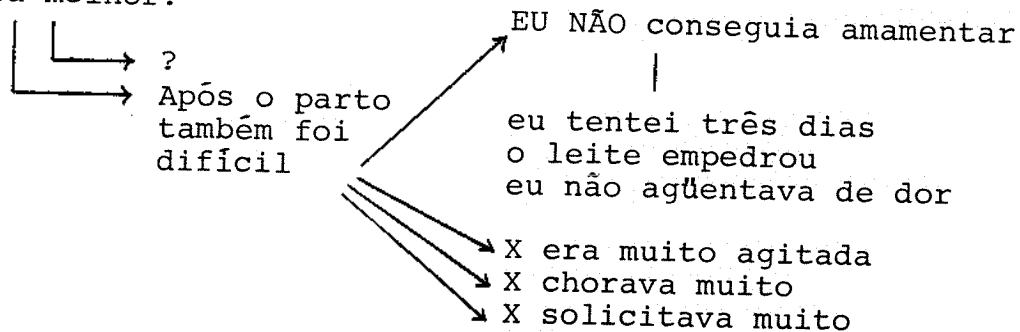
O Parto



SÓ ALI ME DEI CONTA QUE MINHA VIDA ESTAVA IRREMEDIAVELMENTE MUDADA



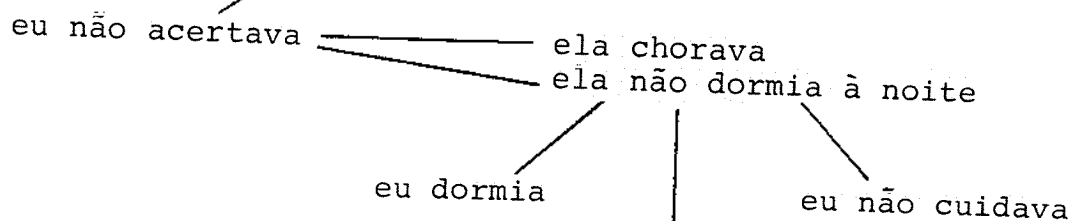
Para melhor?



X enquanto nenê

"E eu não entendia o que ela queria"

O que pode querer um bebê?

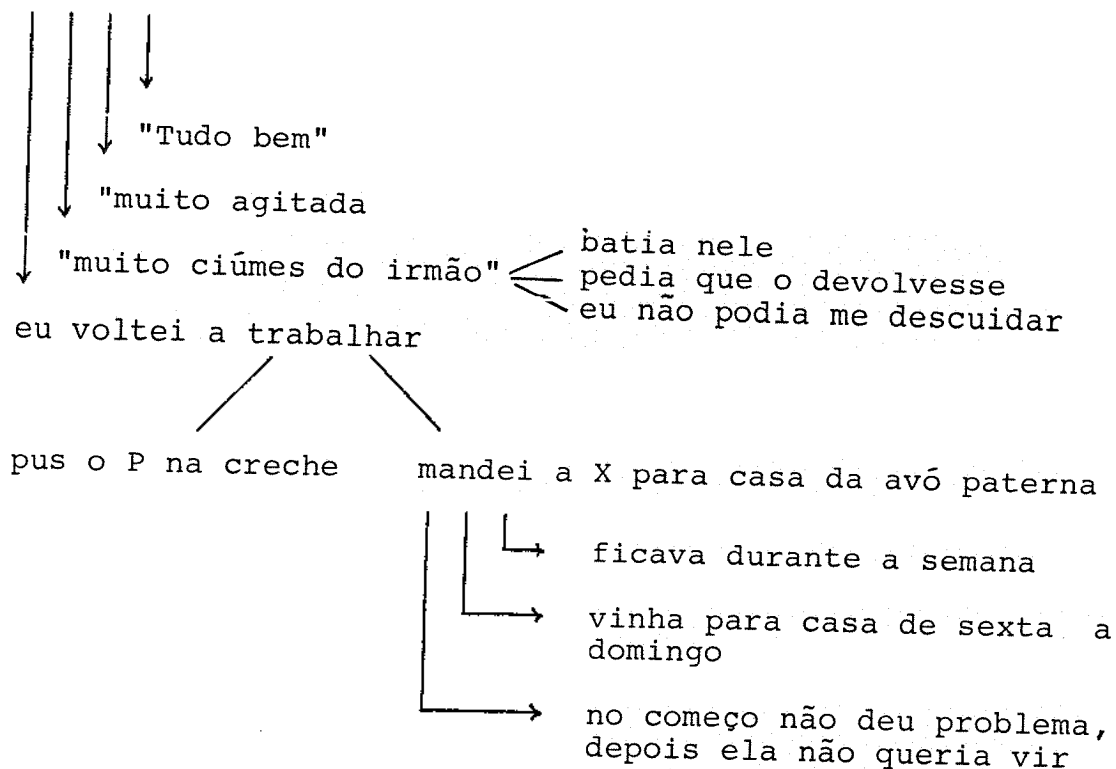


O Z cuidava

"De dia eu cuidava e ficava muito cansada"

"A chegada de um filho coloca um interrogante para ambos os pais: assim, desde antes de seu nascimento, já se estrutura um certo destino para ele. A primeira relação é a que se estabelece com a mãe; ela é o primeiro Outro, no qual seu próprio discurso vai assumir um sentido. Esta relação é fundamental, ocupa um lugar definido em um sistema que, tal como um jogo de xadrez, o pai aparece em um lugar não menos determinado." (in Mannoni, *La Primera Entrevista con el Psicoanalista*, p.43)

À Infância de X

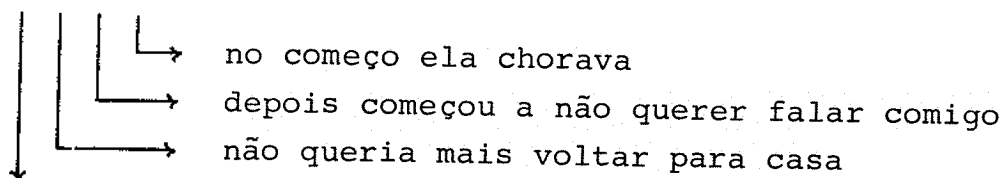


Logo após o nascimento do irmão, a mãe resolveu trabalhar e para isto resolveu "mandar" a X para a casa da avó. Só voltava aos fins de semana.

Como teria X sentido esta situação?

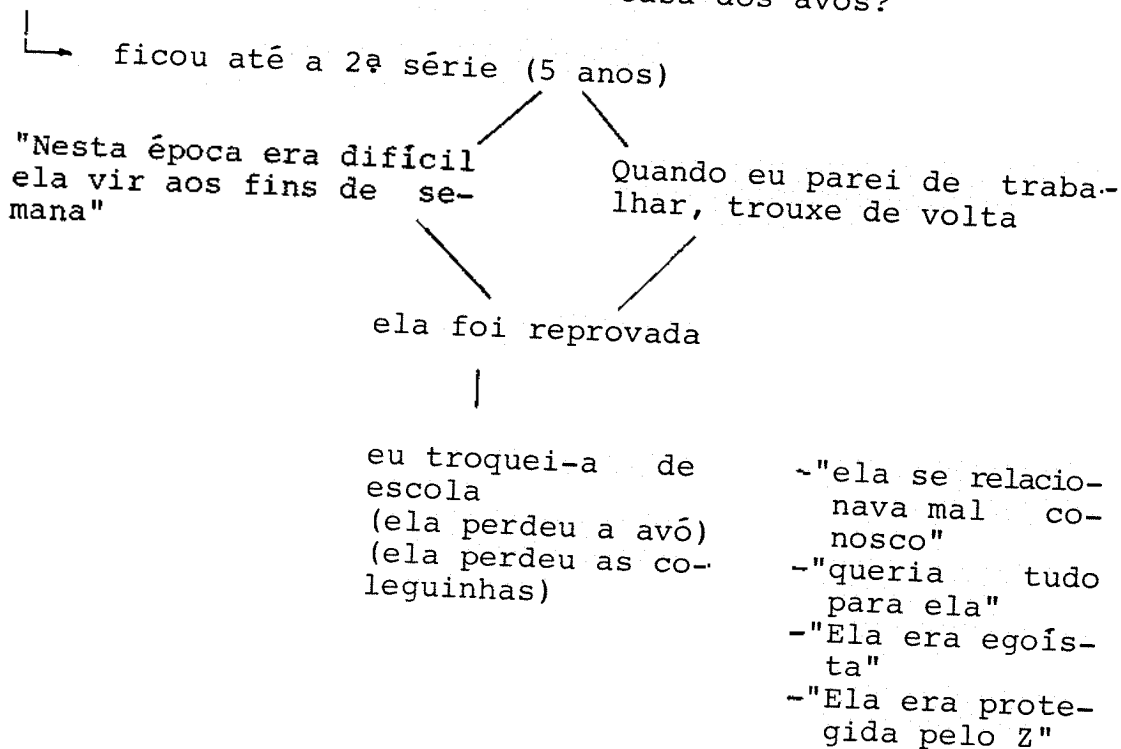
No momento em que nasce um irmão ela é afastada de perto dos pais e o nenê permanece com eles.

Como reagiu a X?

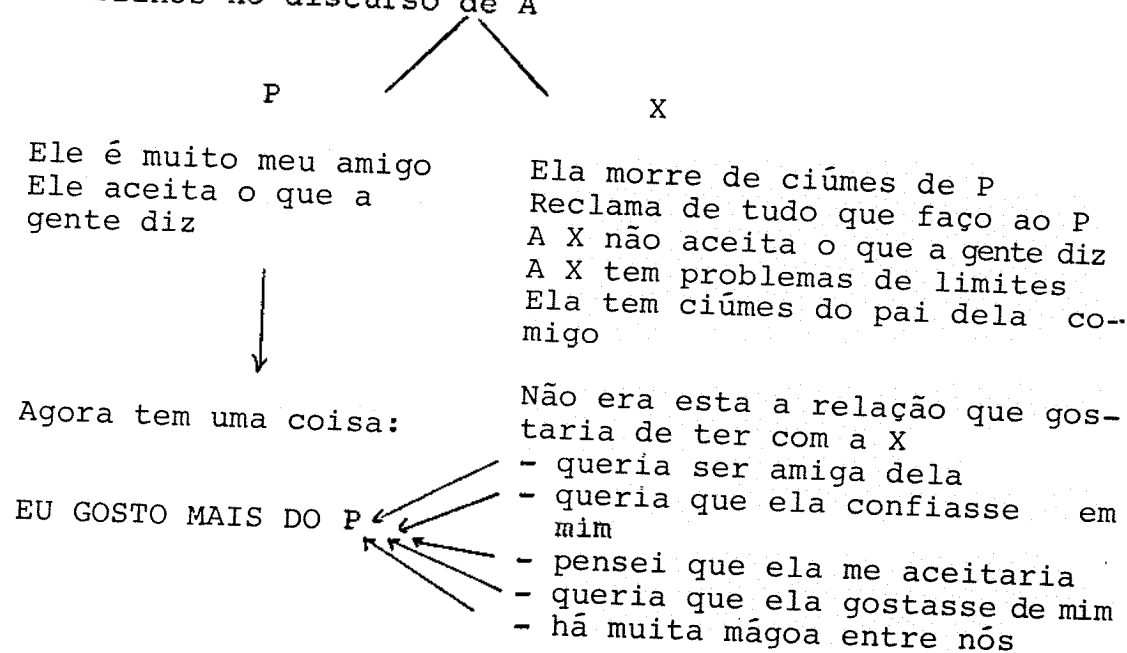


Será que não era a minha sogra que fazia a cabeça dela?

Quanto tempo ela permaneceu na casa dos avós?



Os filhos no discurso de A



A Relação de X com os Pais

A

"eu estou desmoralizada"
 "quando quero pôr um limite
 na X, 'eles' se intrometem"

└ Pai
 └ Avós

"está péssimo o meu rela-
 cionamento com X"

eu a
 suporto/
 ela me
 suporta

ela não
 me res-
 peita

me enfrenta em
 tudo
 me responde

não acata nada
 que digo

Eu não assumo mais a X

"eu brigo com o Z por causa
 da X"

"Ela tem ciúme do meu rela-
 cionamento com o Z"

"Acho que até hoje ela não
 aceitou que eu e o Z vol-
 tássemos a viver juntos"

Z

"ela é muito reforçada pe-
 los avós e pelo pai"

"com o pai faz o que
 quer"

"é uma coisa muito louca
 o relacionamento deles"

ela com ele
 se comporta
 como se fos-
 se um bebê

fala como
 bebê

vem para o
 colo dele

"ele diz que eu não tenho
 paciência com ela"

Relacionamento do Casal

Eu gosto muito
 do Z

Ultimamente lá em
 casa todas as bri-
 gas são por causa
 da X

Eu até estive pensan-
 do: "qualquer dia eu
 saio de casa, deixo
 os filhos com Z ..."

"eu vou me encontrar com o
 Z como amante"

Nós tivemos separações { há 3 anos nós estivemos separados uns quatro meses
estivemos 3 meses sem tranzar

A Tentativa de Suicídio de X

↓
↓
↓
↓
↓
↓
o pai sustentou um castigo
ela estava de castigo, não podia sair
ela quis chamar atenção
ela estava brigada comigo e com o pai
ela tomou comprimidos "bem fraquinhos"
ela deixou tudo bem à mostra para a gente encontrar

Os procedimentos da Família

↓
chamamos um médico

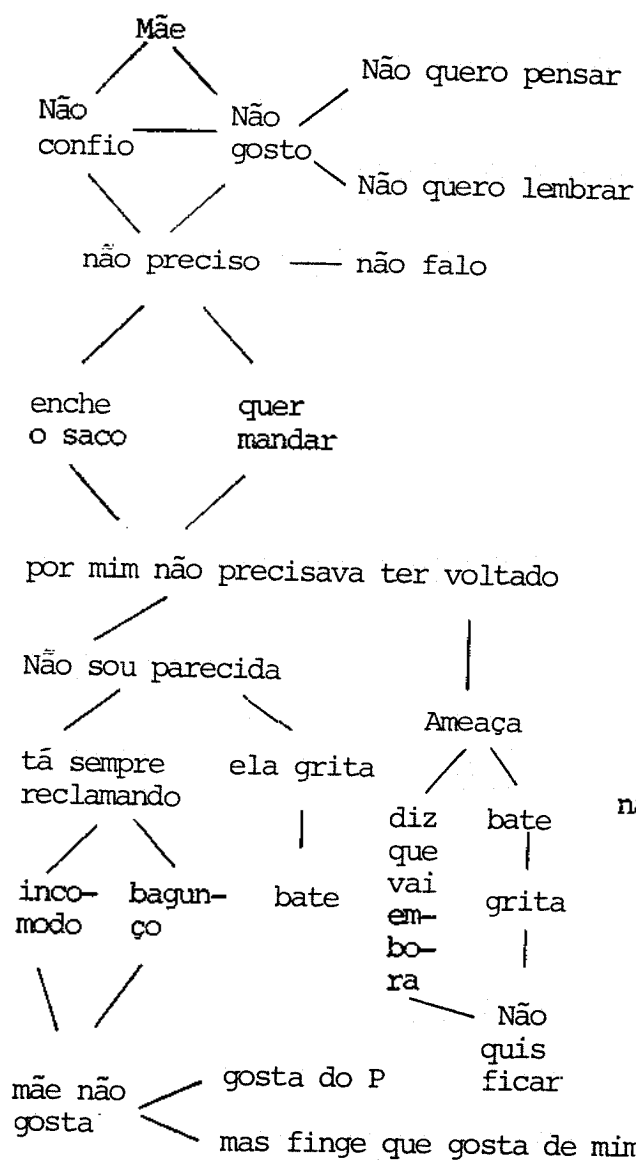
A Escola

↓
↓
atende, via SOE, há dois anos a X
encaminhou para Psicoterapia
ela não quer ir o pai não quer firmar posição

Análise Conjunta das Entrevistas

Relacionamento com a Mãe

Adolescente X

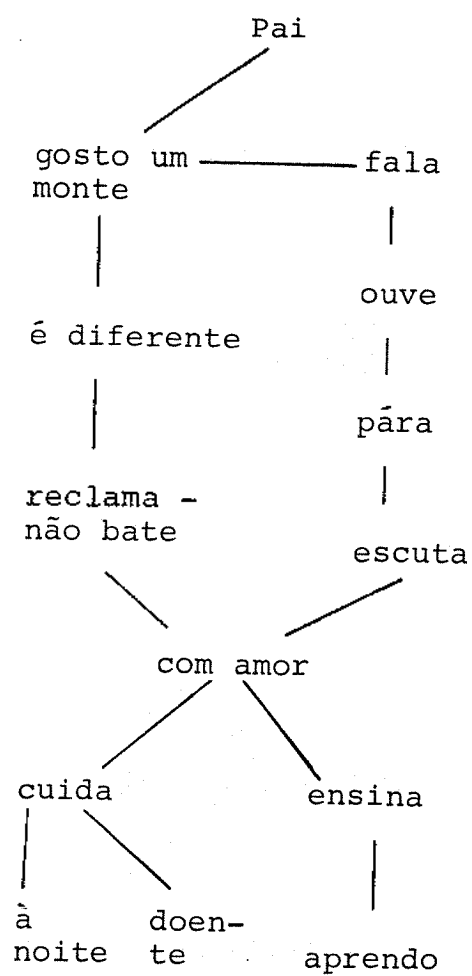


Mãe A

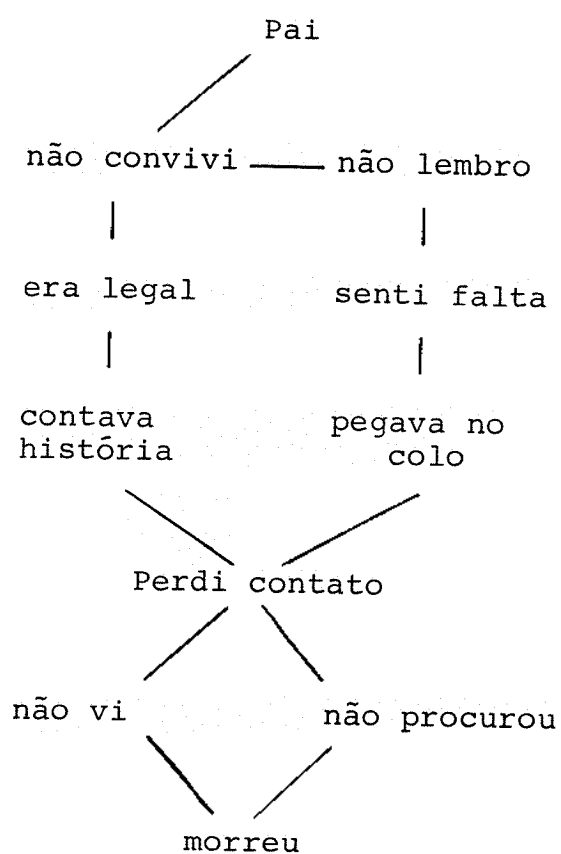


Relacionamento com o Pai

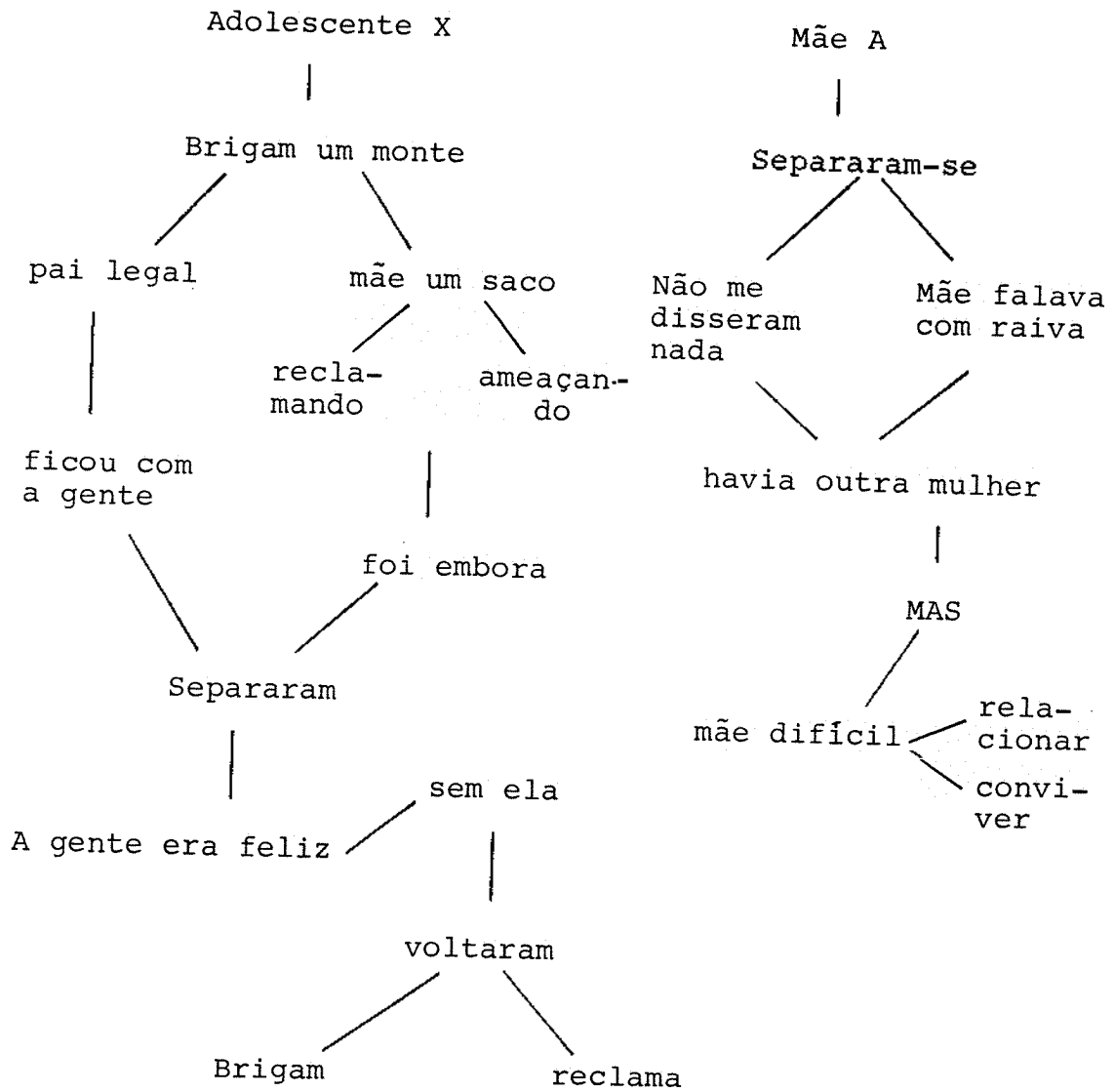
Adolescente X



Mãe A

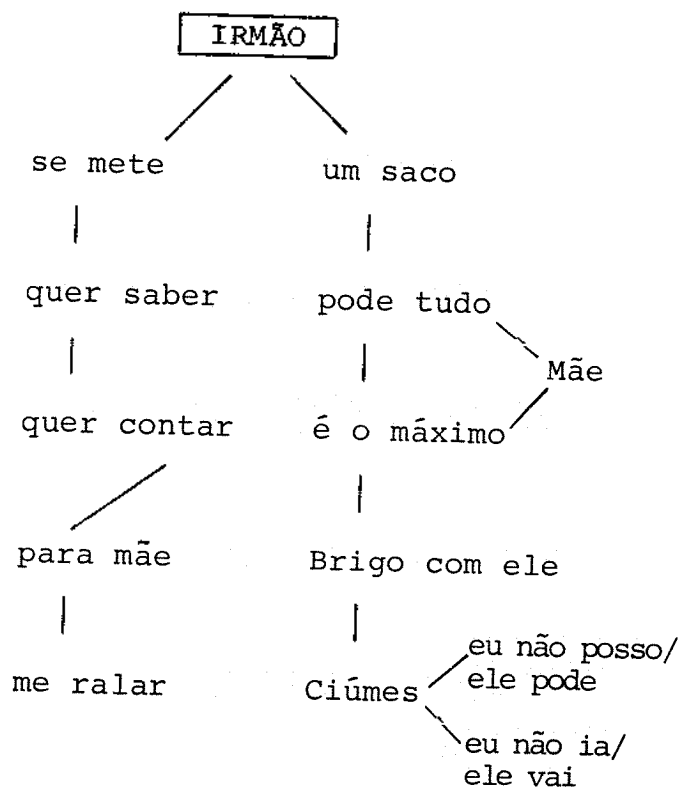


Relacionamento do Casal na Percepção da Filha

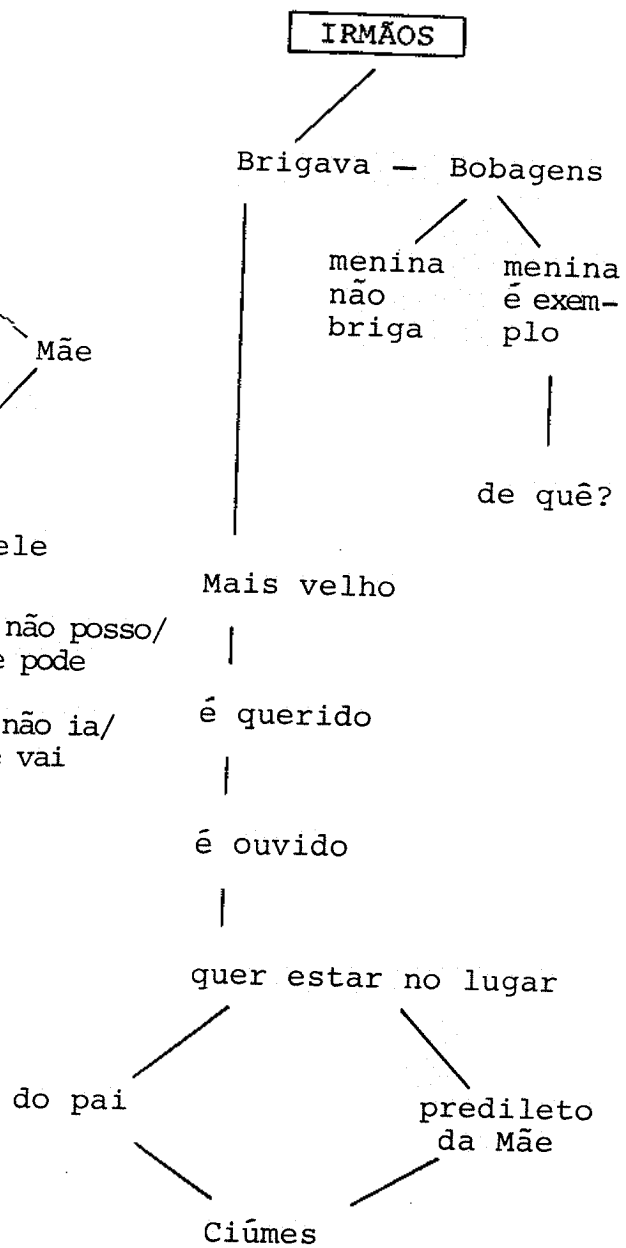


Relacionamento com os Irmãos

Adolescente X

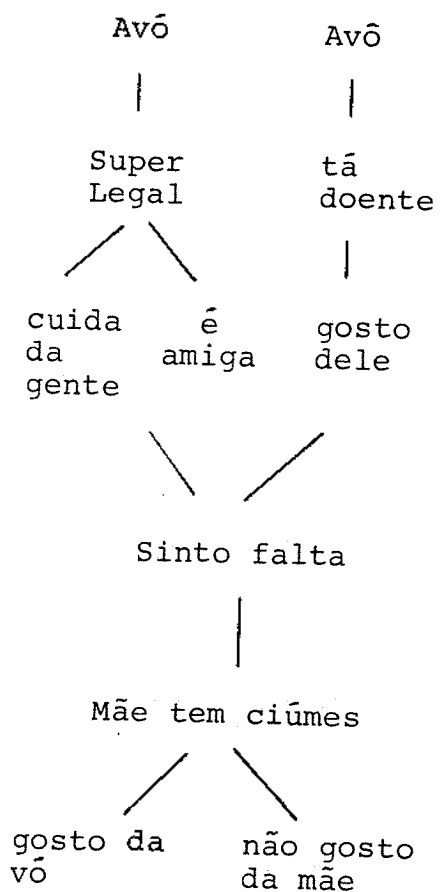


Mãe A

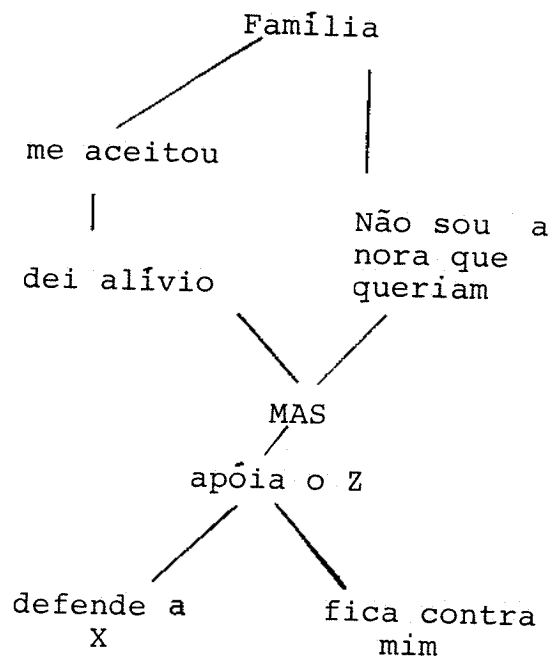


Relacionamento com a Família de Z

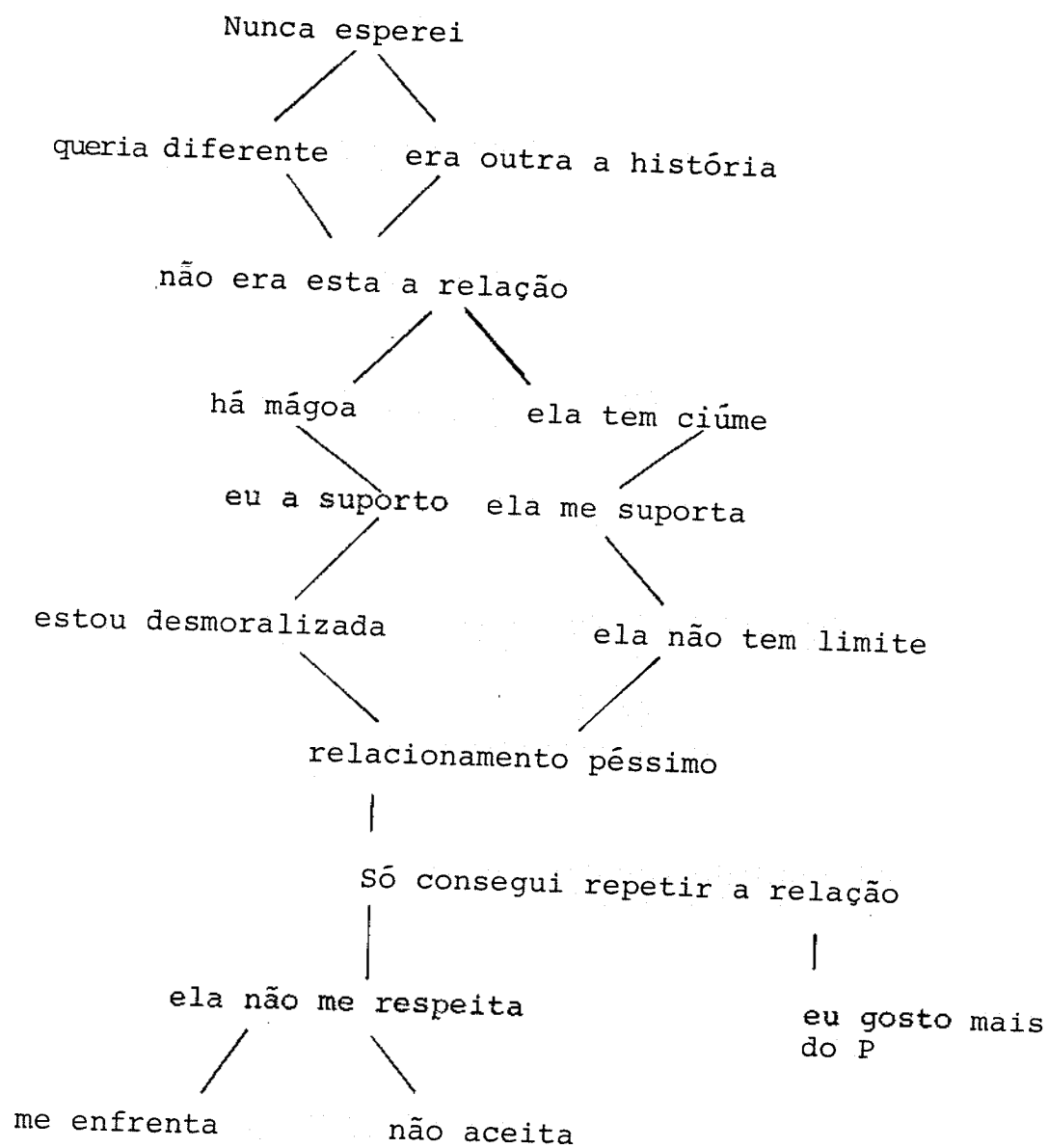
Adolescente X



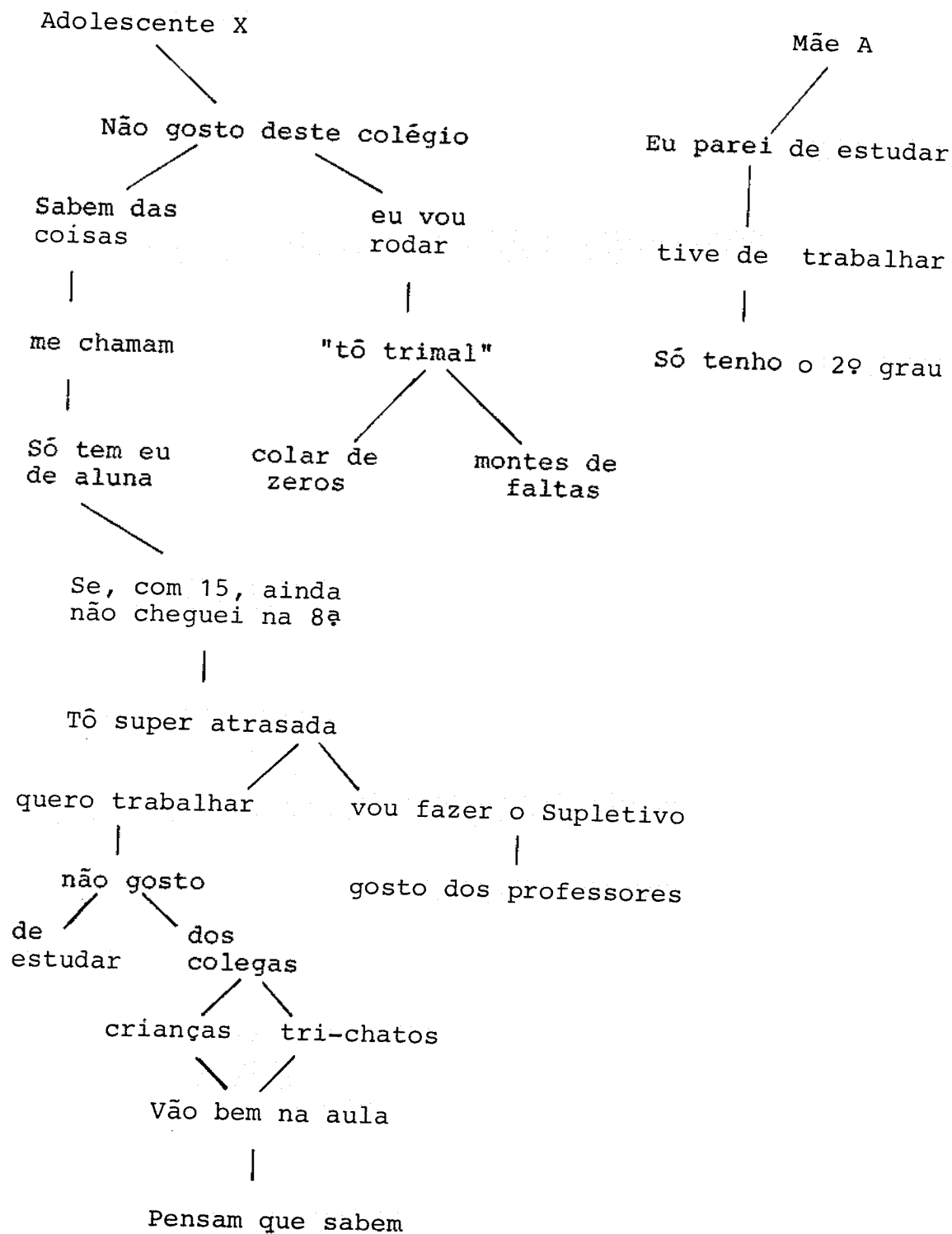
Mãe A



A Relação de A com X

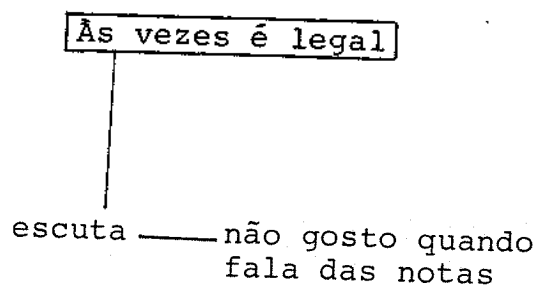


A Escola

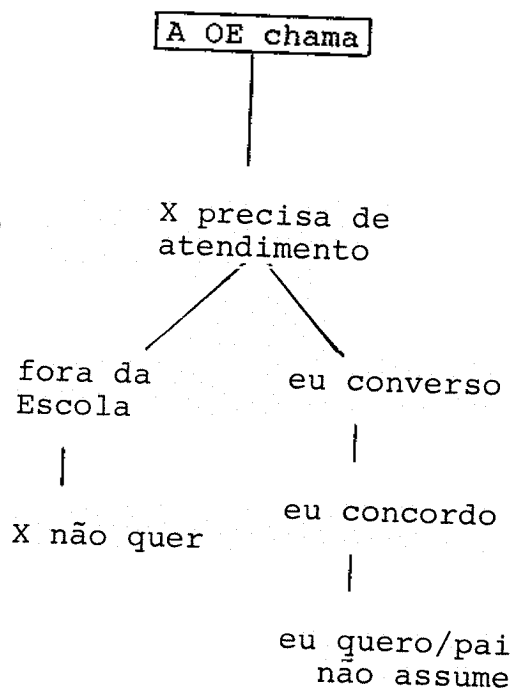


O SOE

Na percepção de X



Na percepção de A



*O Inconsciente e o
discurso do Outro*

Lacan considera que as primeiras vivências inscrevem-se no inconsciente como significantes primordiais; ou seja, o primeiro elenco de significantes é provido pelos pais na sua relação com os filhos, de forma essencialmente inconsciente. A criança, percebendo o desejo dos pais procurará transformar-se à imagem e semelhança deste desejo que chega até ela, através dos significantes pronunciados, assim como, outrora, também chegou a seus pais, através da relação que mantiveram com seus genitores.

A relação que os pais estabelecem com os filhos se estrutura em dois níveis: biológico e psíquico.

No plano biológico, é a barriga de uma gestante o seu testemunho mais eloqüente, e, no plano psíquico, o exemplo pode ser fornecido pela identificação à figura e às exigências dos pais.

Em capítulos anteriores dissemos que é tarefa da mãe transformar um ser biológico em um ser erógeno. Agora, podemos acrescentar que, se uma mãe erotiza seu filho em demasia é ruim, se não o erotiza é pior ainda.

A sexualidade humana é problemática. Mas é a mãe que deve orientar, em primeiro lugar, as pulsões do bebê, associando-as a determinados objetos.

elaboração da fase simbiótica e de separação-individualização. A adolescência só fez reativar os conflitos não resolvidos àquela época.

É importante lembrar que o comportamento dos pais frente aos seus filhos adolescentes depende, em grande parte, da forma como aqueles resolveram seu drama edípico.

De acordo com Erikson (1976), a tarefa básica da adolescência é a aquisição da identidade. Porém, embora a identidade pessoal não seja algo que começa ex-abrupto, num certo momento da vida de um indivíduo, é na adolescência que todas as identificações prévias - desde as mais arcaicas com as imagens parentais, até as mais recentes - tendem a cristalizar-se na identidade de um sujeito.

"Segundo Lacan, o adolescente se afirma como sujeito pela dialética da dissolução do conflito edípico com as sucessivas identificações. Nestas a ligação com o progenitor tomado como modelo assume lugar de relevância."¹⁰¹

Se:

. Lacan ensina que o destino psicológico do su-

¹⁰¹ FOLBERG, Maria N. *Pais e filhos adolescentes*. Porto Alegre, Vozes, 1986. p.52.

jeito depende em primeiro lugar da relação que mostram entre si as imagens parentais;

. conforme Folberg, o filho adolescente denota atualizações e possibilidades as quais só se realizarão se o contexto o permitir;

. durante a adolescência a percepção das contradições, a busca de nexos entre as vivências internas e externas, tornam o jovem mais perceptivo, conduzindo muitas vezes a uma não adequada elaboração de suas frustrações;

. de acordo com Grinberg, a identidade implica manter a estabilidade através de circunstâncias diversas e de todas as transformações e mudanças de viver;

. para Viktor Frankl, "viver é mais que existir, pressupõe um sentido de vida",

Então:

Precisamos refletir sobre a nossa atuação, não apenas como pais, mas também como educadores de adolescentes que, como X e N, buscam na tentativa de suicídio colocar à prova sua real integração enquanto sujeitos e enquanto membros de um grupo.

Em 1913, Freud escreveu:

"Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da Psicanálise, será

mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão abster-se de qualquer tentativa de suprimir estes impulsos pela força, quando aprenderem que esforços deste tipo com freqüência produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças."¹⁰²

¹⁰² FREUD, Sigmund. *O interesse educacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p.225. 1ª ed. original 1913.

6 - RECOMENDAÇÕES

Procurando ser fiel ao que nos propusemos com este estudo, pensamos proceder algumas recomendações que entendemos favorecerem uma ação preventiva de tentativas de suicídio e que podem ser realizadas a nível escolar.

Em primeiro lugar, nossa atenção deve voltar-se para os cursos de formação de Orientadores Educacionais, onde o currículo deverá privilegiar disciplinas que concorram para o conhecimento do homem em sua dimensão existencial. Certamente não nos cabe indicar disciplinas e/ou conteúdos a serem desenvolvidos, mas entendemos ser necessário alertar para a necessidade de que, paralelamente a uma formação técnica adequada, conceda-se destaque a elementos capazes de despertar a sensibilidade, o respeito e a solidariedade pelo ser humano.

Nossa segunda recomendação está dirigida aos Serviços de Orientação Educacional, que pensamos deveriam ser constituídos por uma equipe multidisciplinar capaz de levar avante um projeto cujo objetivo é a promoção da Saúde Mental. Nesta equipe, o Orientador Educacional deverá ter clareza quanto a sua função e participação na dinâmi-

ca escolar: elemento capaz de estabelecer uma ligação entre a família e a Instituição, tendo como foco um real conhecimento do aluno e sua efetiva integração no processo ensino-aprendizagem. Este enfoque pressupõe que os orientadores educacionais privilegiem a ação preventiva, o que possibilitará a identificação precoce das dificuldades a serem trabalhadas junto à família, junto aos alunos e junto aos professores.

É verdade que, nesta perspectiva de trabalho, impõe-se o resgate da identidade e da importância dos orientadores educacionais dentro do contexto escolar. Esta tarefa que - sabemos - não será fácil, concretizar-se-á através da ação competente e ética de todos aqueles que, através da escuta respeitosa, se propõem a permitir que cada sujeito descubra a sua verdade.

Ao longo deste estudo procuramos mostrar o valor que assumem as primeiras vivências na formação de uma atitude frente à vida, e o quanto a Escola é dependente do respaldo familiar para uma ação efetiva junto ao seu aluno.

A Escola, que recebe a cada ano milhares de crianças e jovens, não pode mais esquivar-se de uma ação cujo objetivo é despertar sentidos de vida. Para tal, acreditamos ser necessário que os educadores se familiarizem com as descobertas da Psicanálise, uma vez que esta tem destacado a extraordinária influência que exercem as pri-

meiras impressões - notadamente aquelas que correspondem aos anos iniciais da infância - sobre toda a evolução posterior de um sujeito.

Em (1913[1912-1913]) Freud escreveu que:

"tudo o que se pode esperar a título de profilaxia das neuroses se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida."¹⁰³

Uma proposta pedagógica que considere tal recomendação estará contribuindo não apenas para ressaltar o papel da Educação e do Educador, mas *fundamentalmente* contribuindo para a construção de um mundo pessoal mais sadio.

¹⁰³ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p.276. 1ª ed. original (1913[1912-1913])

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- ____ & KNOBEL. *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- ____ & SALAS. *A paternidade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- ABREU, José Ricardo Pinto de. *Tentativa de suicídio em adolescentes*. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Psiquiatria. UFRGS, Porto Alegre, 1974.
- ACKERMAN, Nathan W. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1976.
- ANDOLFI, Mauricio et alii. *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque na terapia de famílias*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- BLEICHMAR, Hugo. *Angústia e fantasma*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- ____. *Depressão*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- BLOS, Peter. *Adolescência*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- CABAS, Antônio G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo, Moraes, 1982.
- CALLIGARIS, Contardo. *Hipótese sobre o fantasma*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- CASSORLA, Roosevelt M.S. *Contribuição ao estudo dos comportamentos suicidas em crianças*. In: _____. *A criança e o adolescente brasileiros da década de 80*. Porto Alegre, NBS, 1983.
- CHABROL, Henri. *Les comportements suicidaires de l'adolescent*. Paris, Presse Universitaire de France, 1984.

- DOLTO, Françoise. *Dificuldade de viver*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- DOR, Joël. *Introducción a la lectura de Lacan*. Barcelona, Gedisa, 1986.
- ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- _____. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.
- FLORENCE, Jean et alii. *Las identificaciones*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1988.
- FOLBERG, Maria N. *Etnometodologia: um método para estudo das características culturais*. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, 9(3):81-6, set-dez 1984.
- _____. *O que pensa o povo da Escola*. Porto Alegre, Movimento, 1986.
- _____. *A dialética dos discursos de pais e filhos adolescentes*. Porto Alegre, Vozes, 1986.
- FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido de vida*. São Paulo, Quadrante, 1973.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.IV. 1ª ed. orig. 1900.
- _____. *Três ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.VII. 1.ed.orig.1905.
- _____. *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.IX. 1.ed.orig.1908.
- _____. *Romances familiares*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.IX. 1.ed.orig. (1909[1908]).
- _____. *Cinco lições de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XI. 1.ed.orig. (1910[1909]).
- _____. *Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XI. 1.ed.orig. (1918[1917]).
- _____. *Breves escritos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XI. 1.ed.orig.1910.
- _____. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIII. 1.ed.orig. (1913[1912-13]).

- _____. *O interesse científico da Psicanálise.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIII. 1.ed.orig.1913.
- _____. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIII. 1.ed.orig.1914.
- _____. *Sobre o Narcisismo - uma introdução.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.1914.
- _____. *Os instintos e as suas vicissitudes.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.1915.
- _____. *Luto e Melancolia.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.(1917[1915]).
- _____. *Reflexões para tempo de guerra e morte.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.1915.
- _____. *Além do princípio do prazer.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.1920.
- _____. *Psicologia de grupo e análise do Ego.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.1921.
- _____. *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.1920.
- _____. *Dois verbetes de enciclopédia.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.(1923[1922]).
- _____. *O Ego e o Id.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIX. 1.ed.orig.1925.
- _____. *A organização genital infantil.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIX. 1.ed.orig.1923.
- _____. *A dissolução do complexo de Édipo.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIX. 1.ed.orig.1924.
- _____. *Inibição sintoma e ansiedade.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XX. 1.ed.orig.(1926[1925]).
- _____. *O futuro de uma ilusão.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XXI. 1.ed.orig.1927.
- _____. *O mal-estar na civilização.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XXI. 1.ed.orig.(1930[1929]).
- _____. *Sexualidade feminina.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XXI. 1.ed.orig.1931.
- GREEN, André et alii. *A pulsão de morte.* São Paulo, Escuta, 1988.

- GRINBERG, L. Adolescência, identidade e ideologia. In: FEINSTEIN, KALINA, KNOBEL. *Psicopatologia y psiquiatria del adolescente*. Buenos Aires, Paidós Asappia, 1973.
- GUSDORF, Georges. *Mito y Metafísica*. Buenos Aires, Editorial Nova, 1965.
- KALINA, Eduardo. *Psicoterapia de adolescentes*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- ____ & KOVADLOFF, S. *Cerimônias da destruição*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- KOFMAN, Sarah. *El enigma de la mujer*. Barcelona, Gedisa, 1982.
- LACAN, Jacques. *A família*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1981.
- ____. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- ____. *O mito individual do neurótico*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.
- ____. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ____. *O Seminário - Livro 2. O Eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- ____. *Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ____. *Da psicose paranóica em sua relação com a personalidade*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- ____. *Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1977.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa, Moraes, 1983.
- LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- LÉPINE, Claude. *O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss*. São Paulo, Ática, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Universitário, 1975.

- MAHLER, Margareth. *O nascimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- MANNONI, Maud. *Educação impossível*. Lisboa, Moraes, 1976.
- _____. *La primera entrevista con el psicoanalista*. Buenos Aires, Gedisa, 1985.
- MANNONI, Octave et alii. *La crisis de la adolescencia*. Mexico, Gedisa, 1989.
- MARCELLI & BRACONNIER. *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- MASOTTA, Oscar. *Introdução à leitura de Lacan*. Campinas, Papyrus, 1988.
- MASTERSON, J.F. *El dilema psiquiátrico del adolescente*. Buenos Aires, Paidós Asappia, 1972.
- MAYER, Hugo. *Voltar a Freud*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- MILLOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- NASIO, Juan David. *Os 7 conceitos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- OGILVIE, Bertrand. *Lacan - a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- OLIVIENSTEIN, Claude. *A vida do toxicômano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- OLIVIER, Cristiane. *Os filhos de Jocasta*. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- REVISTA MANCHETE, Rio de Janeiro, Bloch Ed., nº 1987, 1990.
- _____, nº 1988, 1990.
- ROZA, Luis Alfredo G. *Acaso e repetição em Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- RIVERA, Luis Fernando. *La antropologia de la voluntad: F. Nietzsche (1844-1900)*. In: _____. *Antropologia existenciária*. Buenos Aires, Guadalupe, 1983.

- SILVA, Luis O. Telles et alii. *Pagar com palavras*. Porto Alegre, Movimento, 1984.
- TARANDACH, Ester R. *Diagnóstico psocossocial da família*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1982.
- TRIPODI, Tony et alii. *Análise da pesquisa social*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- VIÇOSA, Geraldina. *Atendimento breve de grupo de adolescentes em duas escolas de Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1979.
- ZERO HORA DE 1º set. 1986 - artigo de Paulo Freire - 0 professor progressista deve ocupar seu espaço.

A N E X O S

ANEXO Nº 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ORIENTADORES EDUCACIONAIS

- . Qual é a estrutura do Serviço de Orientação Educacio-
nal?
- . Qual é a dinâmica de funcionamento do SOE?
- . Entre as ocorrências registradas no SOE existe alguma
referente à tentativa de suicídio?
- . Como atua (ou) o SOE em relação:
 - . aluno
 - . família
 - . escola
 - . especialistas?
- . Que tipo de características podem ser atribuídas a es-
te tipo de aluno - aquele que pratica tentativas de sui-
cídio?

ANEXO Nº 2

ÁREAS DE ENTREVISTA COM A DUPLA PARENTAL

1. Características da dupla parental

- . A história da dupla parental até o casamento:
 - . namoro
 - . noivado
 - . casamento

- . A aceitação das famílias de origem face ao casamento:
 - . aceitação
 - . rejeição
 - . pressões

- . O inter-relacionamento
 - . conjugal
 - . pais e filhos
 - . pais e filho em questão
 - . entre os filhos

- . Fatores que influenciam a vida familiar

- . A vida associativa

ANEXO Nº 3

ÁREAS DE ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE

- . Interesses
 - . Atividades Recreativas
 - . Atividades Sociais
 - . Atividades Culturais

- . Relações interpessoais
 - . na família
 - . no grupo de equivalentes
 - . na Escola

- . A Escola

- . A auto-imagem

- . Que sentido tem a Vida para ti?

- . O que pensas sobre tua própria Vida?

ANEXO Nº 4 - ESTUDO PILOTO

ESTUDO PILOTO

Este Estudo Piloto compreende:

- entrevista com CT e RT, pais da adolescente N;
- entrevista com N;
- análise de conteúdo das respectivas entrevistas.

Destacamos que as duas entrevistas foram transcritas preservando a linguagem utilizada pelos participantes da pesquisa.

Para fins da análise de conteúdo, as entrevistas foram subdivididas em blocos. O objetivo desta subdivisão foi favorecer uma melhor compreensão do discurso de N e seus pais.

Entrevista de CT e RT:

. Tempo um: Este bloco contém a história da dupla parental até o casamento.

. Tempo dois: Compõe-se do registro relativo à história de N, desde o nascimento até a sua separação dos

pais.

. Tempo três: O retorno de N para a casa paterna e seu relacionamento com os pais e irmãos é o foco desta parte.

. Tempo quatro: Analisamos a vida em família nesta etapa.

. Tempo cinco: O foco é a tentativa de suicídio de N.

Entrevista de N:

. Tempo um: Este bloco enfoca a Escola, tal como N a percebe.

. Tempo dois: As relações com a família e com os amigos.

. Tempo três: Os interesses de N.

. Tempo quatro: Percepção sobre a própria vida.

ENTREVISTA COM OS PAIS DE N.T.

Pai - 37 anos - CT

Mãe - 35 anos - RT

TEMPO
UM

E - Como foi a história do namoro de vocês?

CT - Bem, a gente se conheceu e namorou quatro anos. Foi um tempo bom. Tudo dentro de um padrão de namoro normal. Depois a gente ficou noivo. O noivado foi também normal.

E - O namoro foi longo. O noivado também?

CT - Foi curto o noivado. Foram poucos meses.

RT - Não ... agosto, setembro ... É ... quatro meses de noivado.

E - Em que ano vocês casaram?

RT - Em 1969.

E - Como foi o início da vida de casados?

CT - O início tudo bem. Algum tumulto da parte

financeira. Afirmação. Mas correu tudo bem. De início fomos morar junto com a minha sogra. Depois montamos casa. Depois mudamos para Porto Alegre para trabalhar e fomos morar em Viamão e agora, há quatro anos, eu consegui comprar aqui. Na época eu pensei: é melhor para as crianças. O estudo, sabe como é. Tem também oportunidade de melhores empregos, né.

E - A senhora trocou de emprego também?

RT - Não. Desde que casei eu não trabalho fora. Cuidava da casa, em seguida foram nascendo os filhos e aí foi mais necessário que eu ficasse em casa. Ele sim. Começou a trabalhar quando a gente casou.

E - Como foi a reação das famílias de vocês ao casamento?

RT - As nossas famílias sempre se deram bem. Sempre a gente foi apoiado. Agora a mãe do C já faleceu, mas a minha mãe até agora ajuda. A gente se dá bem com os parentes. Acho que ninguém foi contra o nosso casamento. Até nos ajudaram! Logo que a gente se casou fomos morar com a minha mãe. Depois é que a

gente comprou casa.

E - Como é o relacionamento de vocês?

RT - Nós sempre nos relacionamos bem.

CT - Temos os probleminhas corriqueiros de todos os casados.

E - Como, por exemplo?

CT - Assim, alguma discussão de vez em quando por causa disto ou daquilo. Mas não é coisa séria. Brigar a gente não briga. Agora teve esta situação da N, né. Isto é que trouxe preocupação desde o início porque a gente sabe como é que as coisas são.

*TEMPO
DOIS*

E - Vamos falar sobre os filhos. Após quanto tempo de casados nasceu o primeiro filho?

CT - O nosso primeiro filho foi a N. A N foi até um pouco prematura (risos).

RT - A N nasceu quando a gente tinha uns sete meses de casado.

E - Como foi a sua gravidez?

CT - A mãe foi "bastante bem paparicada".

RT - A gravidez foi boa. Tudo foi normal. Eu estava feliz.

E - E o nascimento?

RT - Ela nasceu bem. Muito bem. Eu tive parto normal. Foi bem tranquilo. Ela nasceu bem. Era bem forte. Ela nasceu com três quilos e tanto.

E - Ela foi amamentada ao seio?

RT - Ela mamou muito pouco tempo no peito. Só dois meses. Ela tinha muita fome e eu usei leite de vaca. Aí em seguida ela parou de mamar.

E - Por que a amamentação foi de dois meses?

RT - Ela parou de mamar porque ... olha, eu nem me lembro!

Mas eu acho que ela sentia muita fome e em seguida nem quis mais. Eu casei muito cedo. Tinha 16 anos. Aí eu fiz 17 e ela nasceu. E eu não sabia cuidar. Não tinha experiência de nada. Aí em seguida deixei de

dar de mamar. Eu me sentia cansada. E não tinha experiência nenhuma.

E - Como a N reagiu?

RT - Bem, aí ela se agarrou ainda mais à avó. Eu não sabia fazer ... quer dizer, dar banho, né, trocar fralda, mudar, estas coisas, tudo era a avó.

E - Qual das avós: paterna ou materna?

RT - A minha mãe.

CT - É, naquela época elas eram vivas.

RT - A minha mãe é viva. A dele já faleceu. Ela sempre ...

Como resultado foi que a N ficou muito apegada com a avó. Depois foram nascendo os outros filhos. Nós temos seis filhos. O menor nasceu agora, dia 01/01/88. O dia em que a N foi para o HPS.

Temos também uma filha com 15 anos, outro com 13 anos, outro com 9, outra com 6, outro com 3 anos e o nenê com dias.

E - Vamos falar sobre a N.

CT - A N com um mês já era uma criança muito rebelde ... assim ... mas apegada com a avó. Daí a um tempo quando a gente se mudou a avó resolveu levar ela para lá.

E - Levar para onde?

CT - Para morar junto com ela. E ela ficou lá.

TEMPO
TRÊS

Aí quando nasceu este outro aí () eu trouxe ela para ajudar a cuidar. Aí a minha sogra resolveu que ia levar a menor para morar junto com ela. Com isto a N começou a se tornar mais rebelde ... Os conselhos nos sos ela nunca quis aceitar. Acha que tem sempre que errar sozinha. Que os conselhos dos outros é que são sérios. E a gente sempre tentou aconselhar para o bem dela. Nunca para o mal.

Agora que ela está recém começando a compreender as coisas. Mas ela já está na idade de perceber as coisas.

E - Como é a N na Escola?

CT - Este ano ela não está estudando. Mas para o ano já está até matriculada (88). Ela deixou de estudar este ano por causa das férias que houve, né. Por causa desta greve.

Ela começou a trabalhar durante a greve e aí deixou.

RT - Deixou de estudar porque é muito ruim assim. Trabalhar e estudar, né. Sair correndo. Ela já está na 8ª série.

CT - O colégio dela também era contramão para ela.

Este ano a coisa vai mudar. Ela vai estudar aqui mais perto.

RT - Ela foi chamada pelo colégio. Ano que vem tem que estudar de qualquer jeito. Ela era boa aluna. As professoras até foram chamar ela, lá no emprego. Daí ela disse: Ah! Agora só ano que vem! Mas eu lhe digo, era muito boa aluna.

E - Como é a N?

CT - Eu vejo a N como uma filha que pode se recuperar. Que pode progredir na vida desde que procure nos entender. Tudo o que a gente está procurando é o melhor para ela. Ela já cometeu uma besteira. A gente aceitou. Trouxe ela de volta.

E - Que besteira a N cometeu?

CT - Saiu de casa, né. Eu fui procurei, busquei. Trouxe. Aceitei. Cabe a ela ajudar. Para que o futuro seja melhor para ela. Às vezes, ela reclamava que as outras meninas tinham isto, (...) (pausas). A gente dá dentro do possível. É preciso distribuir para todos. Claro que muitas vezes eu não podia dar o que ela me pedia.

E - O que ela pedia?

CT - Dar luxo para ela eu não podia. Ela pedia, eu não podia dar. Mas dentro do possível eu sempre dava tudo para ela. Para mim é importante a união da família.

E - Como a N se relaciona com vocês?

CT - A N com esta história da avó ficou muito mimada. Ela se dá bem com a gente mas sempre como eu já disse, ela sempre acha que os conselhos dos outros é que são certos. Ela não fala muito com a gente. Eu também fico pouco tempo em casa. Trabalho. Chego tarde. Cansado. E ultimamente ela não vinha querendo acompanhar a gente

nos passeios.

Com a mãe também ela se dá bem.

RT - É. Se dá bem, mas não fala. As coisas dela eu não sei. Eu não gostava daquele rapaz.

E - Que rapaz?

RT - Este que estava namorando ela agora.

E - Como a N relaciona-se com os irmãos?

CT - O relacionamento com os irmãos é "meio pessimista". A verdade tem que ser dita! (O tom de voz foi aumentado para que a N, que se encontrava na sala ao lado, ouvisse).

É. A N é muito braba. Os irmãos fazem coisa de gurizada. Tem este aí (o maior) que é meio revoltosinho, meio brabo. Este é com quem ela briga mais.

Sabe, coisas de irmãos.

Com os pequenos ela se dá bem. Mas eu até acho que todos se dão bem.

TEMPO
QUATRO

E - Como é a vida em família?

CT - É importante que a gente esteja unido. Às vezes, pequenos problemas atrapalham.

E - Que problemas, por exemplo?

CT - Este da N agora atrapalha a gente.

RT - As contrariedades, as coisas que a gente não gosta, atrapalham a vida da gente.

E também ...

Ah! Aqui ... muito apertado. A gente mora aqui "num aperto muito ruim".

CT - Bem, mas assim que eu puder vender aqui e comprar ... Melhorar o alojamento.

RT - Antes a gente morava numa casa ...

CT - As crianças "tudo encerrado" não dá!

RT - Lá em V. era melhor. Aqui é um ambiente "muito péssimo".

Desde que a N veio para cá ela se queixa. As amizades, os ambientes, tudo ... tudo, né.

Ela não gosta daqui.

CT - É. Entre as causas é isto!

Durante a semana eu estou sempre trabalhando. Trabalho até tarde, né. Na fábrica, meio expediente e tenho também uma firminha par-

ticular. Então eu sempre chego tarde à noite.

Mas no fim de semana a gente sempre sai. Vamos para a casa dos parentes. Às vezes a gente visita os antigos vizinhos.

Agora, a N com esta história de namorado não tem acompanhado muito a gente. Tem meio se separado da gente. Não é falta que eu tenha brigado para ela andar junto.

E - O senhor briga muito com a N?

CT - Não. Mas aconselho ela. A gente não pode impor. Ela já não é criança. Mas a gente que é mãe e pai, sabe e vê as coisas que eles nem sempre querem enxergar. E às vezes a gente quer evitar. Ajudar a não acontecer. Mas não adianta. Eles não escutam.

E - Como foi a saúde da N desde que ela nasceu?

CT - A N tem um problema cardíaco. Mas não sabe. Parece que é arritmia. No mais é tudo normal.

RT - As outras doenças que ela teve são aquelas de criança. Uma gripe, garganta, ouvido ... O ano passado ela teve sarampo.

Ah! Ela também tinha problemas de ouvido "desde nascença". Quando pequena tomou muito remédio para infecção.

CT - Ela tomou muito antibiótico. Que o médico mandava quando ela se atacava dos ouvidos. Ela tomou estes remédios até os 6 anos. Sempre com problemas de otite.

Graças a Deus!

Olha, eu gostaria de lhe pedir uma coisa! Aconselhe ela de maneira que ela possa ver a vida diferente. Positivo. A N é uma menina que vive ainda no mundo de sonhos. Ela quer acreditar em todo mundo. Acha certo tudo o que dizem para ela. A vida não é assim! A gente tem que acreditar nas pessoas, mas precisa ter uma meta a seguir.

TEMPO
CINCO

E - O que aconteceu dia 19?

CT - Dia 19, ela estava para ganhar nenê. Aí às 4h da tarde fomos para o hospital. O médico nos disse que não era para aquela hora e nós voltamos. *Estava tudo bem em casa. Não tinha problema nenhum.*

Quando voltamos, este rapaz que é namorado dela - estamos tendo problemas com ele, foi ele quem tirou ela de casa e outras coisas

mais - veio aqui para convidar ela para sair. A menina disse que não ia. Que a mãe não estava bem. Que queria ficar com a mãe que estava amolada, e ele insistindo. Ela estava limpando a casa.

RT - Ele começou a debochar dela. Daí eu escrevi umas folhas para ela ... assim ... umas coisas ... Dizendo: N, se tu quiseres podes sair mas eu não gosto deste rapaz.

Ele é muito grosso.

Não gosto dele. Do jeito que ele trata ela. Ele insistiu muito. Eu ouvi. Estava deitada com dor!

Bem, à noite ela foi! Com certeza ele fez alguma chantagem com ela! Sei lá ...

À noite fui para o hospital. Ela já tinha saído. Deixei os pequenos com a vizinha. G_{an}hei o nenê!

E aí foi no sábado, né ... Eu estava no hospital. Não sabia de nada.

CT - Bem. Dia 1º ele voltou lá pelas 11h da noite para buscar a N para jantar. Ela disse que não queria sair. Depois, sei lá, ele levou ela. Antes ela veio falar comigo. Eu disse que se quisesse ir fosse, mas visse que a mãe não estava bem. Ela foi. Foi para

voltar e não voltou. O rapaz não quis trazê-la. Ficaram meio brigados.

No outro dia (02) ela voltou. Quando chegou procurou pela mãe. Eu disse que estava no hospital e não passava bem. Realmente. Passava mal.

Aí na outra noite, foi que ela fez a besteira.

E - Que besteira?

CT - De noite o rapaz voltou. Como já eram 2h da manhã e ela não chegava eu fui atrás. Fui na vizinha, mas encontrei eles na frente do prédio. Ali o rapaz discutia alto com ela. Eu mandei ela entrar. Quando voltei pensei que tinha ido deitar.

E - Ela falou com o senhor?

CT - Não. Entrou quieta. Eu estava cansado. Tinha trabalhado o dia todo. Fui deitar. Fui descobrir no outro dia de manhã. Quando fui ao banheiro me lavar encontrei aqueles envelopes. Fui direto no quarto dela. Aí a minha prima disse que ela tinha passado mal à noite. Vomitado muito.
Eu olhei ... mas ela não conta ... não

diz.

Perguntei se ela tinha tomada algum remédio. Ela dizia que não - negava.

RT - Aí eu cheguei do hospital e fui no quarto. Mas eu vi tudo. Ela já estava com os olhos bem parados. Os olhos de quem está mal. Chamei o C e disse: - Vamos já para o Pronto Socorro.

Quando saiu já estava bem aérea. Ela já estava bem desligada.

Aí a senhora já sabe! Ela ficou baixada no Pronto Socorro até segunda-feira.

CT - Bem, a gente que é pai prevê as coisas. Por mais que eu tente aconselhar eles acham que o conselho não serve. Termina que a gente tem que ficar calado. Não pode impor, né.

RT - Eu disse para ela. Não tenho proibição. Não adianta. Ela gosta, gosta. Mas eu ... Eu não perdôo o que ele fez para nós.

Bah! Eu fiquei revoltada.

Eu não sou obrigada a gostar dele.

CT - Nós passamos um bom pedaço. A primeira vez que ele sumiu com a gurria.

RT - Sumiu. Tirou ela do colégio. Largou! A gente não sabia nem o nome dele.

CT - Procuramos por tudo. HPS, Necrotério. A gente não sabia o que tinha acontecido.

RT - Eu disse. Podia ter deixado um bilhete! Eu nem sabia onde ele morava. Nada! Nem o nome. Sumiu!

Passei dias ...

Ainda grávida ...

CT - Depois de um tempo consegui localizar ele. Falei com a mãe dele, tal ...

Eles lá não foram muito receptivos nesta parte. A filha não era deles.

Aí ... Voltaram.

Dei uns conselhos para ela. Ajeitei as coisas. Um dia ele tira a gurria de casa de novo. Sumiram de novo!

Foram lá para o interior. Voltaram depois. Aí ela foi morar com a sogra. Não deu certo!

Fui. Trouxe a N de novo para casa. Procurei dar uma oportunidade para o rapaz! Mas eu acho que ele não tem condição de nada. Se fosse uma pessoa interessada, ele não fazia o que está fazendo.

Ele conseguiu jogar ela contra nós - esta é a verdade.

RT - A N se influencia fácil. Eu acho importante que ela volte ao normal. Estude. Trabalhe. Ajeite a vida dela, se divirta, se distraia. Precisa ter chance de futuro.

CT - Se ela entrar numa linha vou ajudar a completar o curso de computação. Fez o primeiro estágio e parou. Eu vou apertar daqui e dali e vou pagar o curso para ela. Acho que na atualidade é profissão bem remunerada. É de futuro!

RT - A N é bem inteligente.

CT - A N é um pouco traumatizada com esta história da irmã. Ela acha que a gente ... cada vez que vai leva um presentinho, uma coisa. Mas acontece que a outra passa o ano longe da gente. A gente só vê assim ou quando ela vem nas férias de ano em ano. Então é mais do que normal que ... eu não tenho nenhuma despesa com a menina. Sabe como é. Não tenho despesa, então eu dou algu-

ma coisa para ela. Então a N sente ciúmes.
Até fala que gostam mais da outra. Mas a
gente trata igual tudo eles.
Acontece que a outra está mais ...
Não está perto da gente.
É normal isto!

E - O que é normal?

CT - É normal o tratamento que a gente dá para
a outra. A gente não faz nenhuma diferença
entre os filhos.

E - O que vocês desejam em relação à N?

CT - Bem, conforme já dissemos, ela precisa sen-
tar melhor a cabeça. Agora, depois deste fa-
to, as coisas já estão melhores. Acho que
ela compreende melhor a gente.

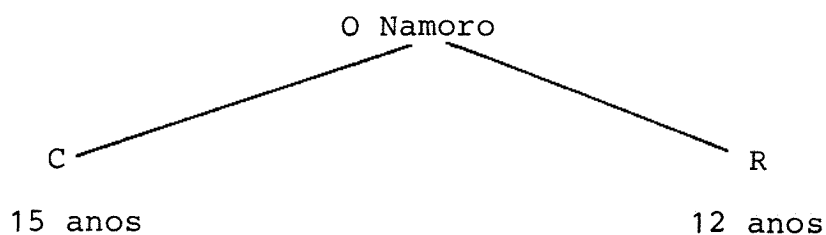
RT - Eu quero que ela acerte a vida dela, sabe.
Quero que tenha vida de uma moça de 18 a-
nos.

CT - A gente quer que a N seja feliz.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

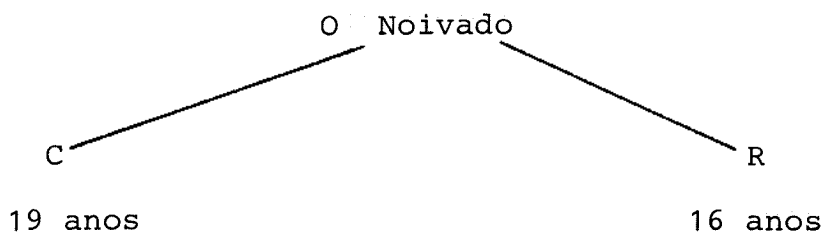
ENTREVISTA COM PAIS DE N.

TEMPO UM

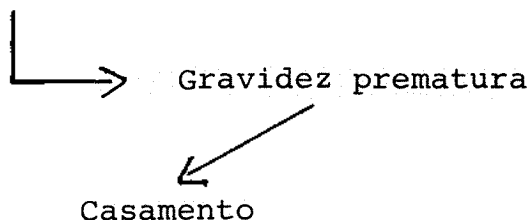


"O namoro foi um tempo bom"

4 anos



"O noivado foi curto - 4 meses"



"A adolescência é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções no meio familiar."
(Aberastury, 1981, p.13)

O casamento marca o início de uma nova maneira de viver e o estabelecimento de um status bastante diferente de vida. Ao casar-se, uma pessoa adquire um companheiro que partilha e suporta, e sobre quem pode se apoiar porque o bem-estar de cada um está ligado ao destino do outro.

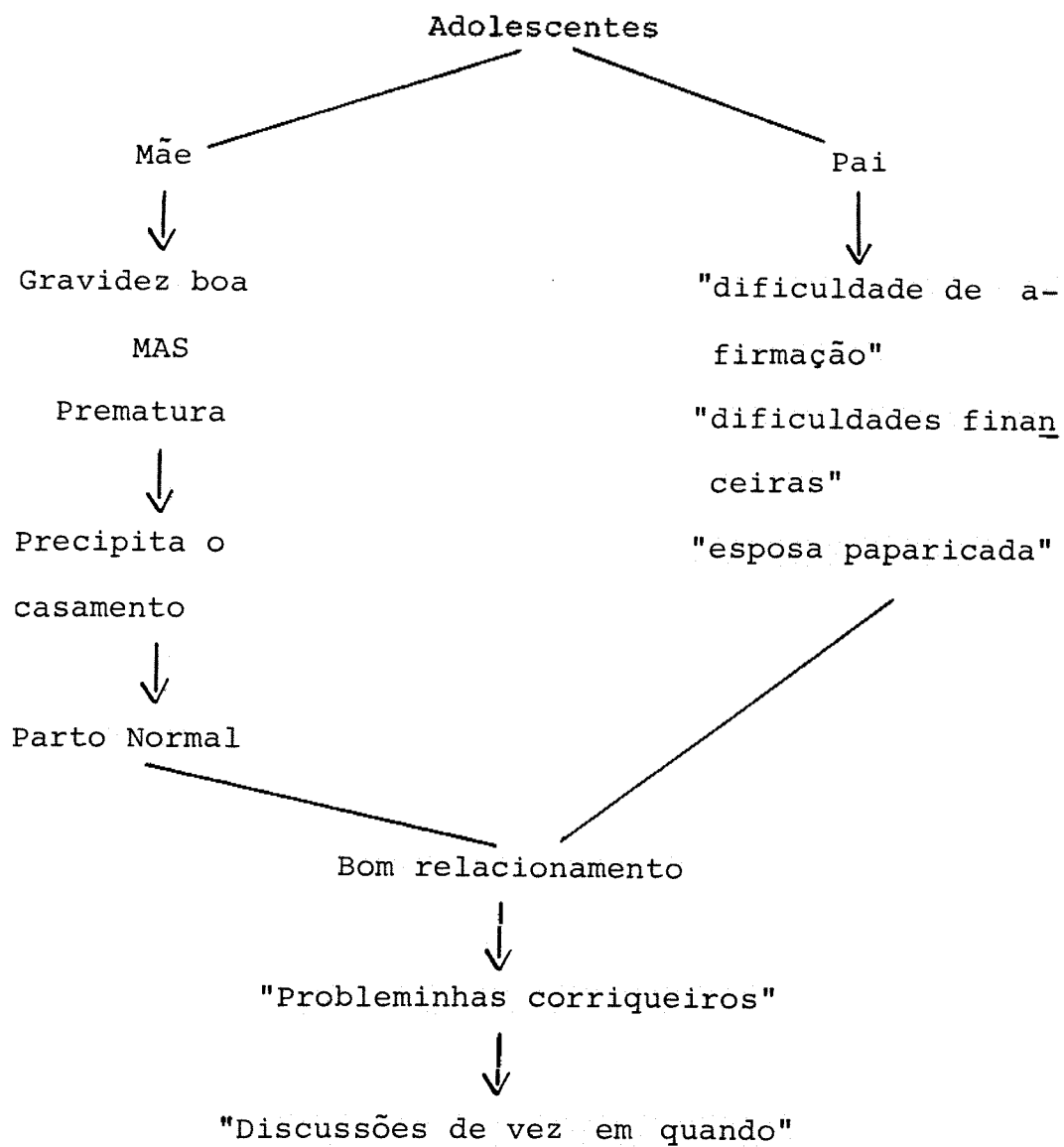
Uma família se inicia com o casamento.

Literalmente é a matriz da personalidade das crianças que nela crescerão.

Por interferência da Cultura, há necessidade de um casamento.

R (16 anos) e C (19 anos) foram obrigados a constituir *formalmente* uma família a partir de uma gravidez dita "prematura".

C e R, em plena vigência do processo de adolescência, estariam preparados para assumir o casamento?



C e R casaram-se.

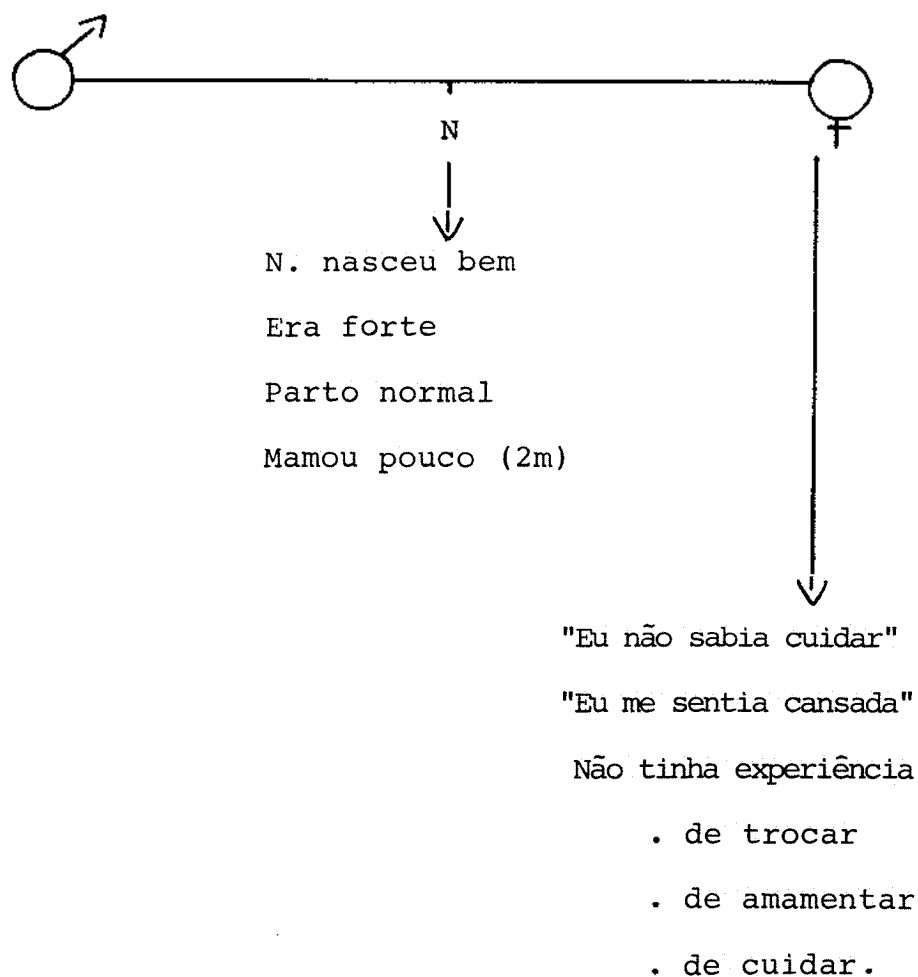
Entraram no "mundo dos adultos".

Mas o que significa entrar no mundo dos adultos?

"Entrar no mundo dos adultos - desejado e temido - significa para o adolescente a perda definitiva da sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de despreendimento que começou com o nascimento.

As mudanças psicológicas que se produzem neste período e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância." (Aberastury, 1981, p.13)

TEMPO DOIS



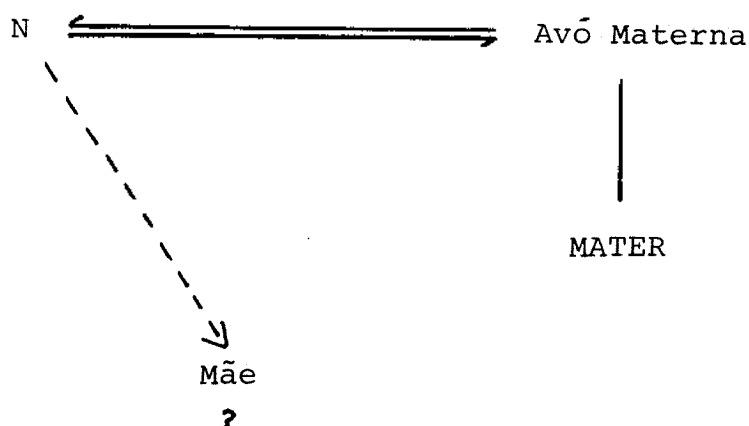
O que é que deixa uma pessoa cansada?

Fazer um grande esforço.

Cuidar deste bebê exigia um grande esforço. Era um fardo muito difícil de tolerar.

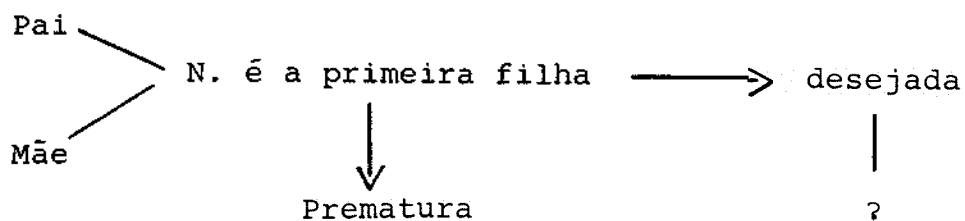
C e R, ainda adolescentes, foram investidos muito precocemente na função de adultos, pois esta criança - N - pressionou o término da adolescência dos pais.

"Não sentir-se com direito a ter um filho, não sentir-se pai ou mãe é a expressão psicológica do que é a esterilidade no plano corporal. São pais estéreis de amor ao filho, geralmente por submissão à sua própria mãe. Seu filho deve ser entregue à mãe e com frequência entregam-no como restituição de um roubo fantasiado na infância." (Aberastury & Salas, 1978, p.82)



N não conseguiu estabelecer uma relação com a mãe porque, para esta, cuidar de um bebê deixava-a muito cansada. Em função disto, a avó assume o lugar de mãe substituta o que vem reforçar ainda mais a dificuldade de estabelecimento do vínculo afetivo mãe/bebê.

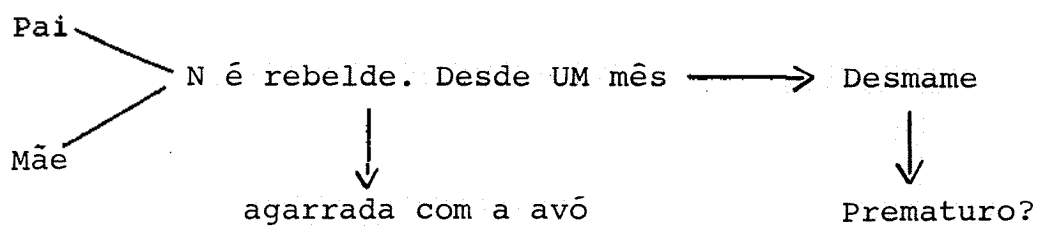
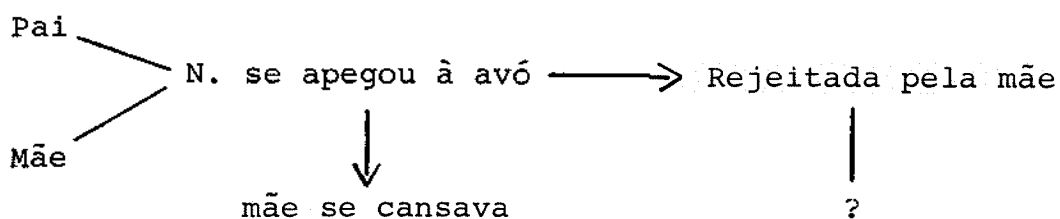
"O desmame é frequentemente um traumatismo cujos efeitos individuais, anorexias ditas mentais, toxicomanias pela boca, neu-roses gástricas revelam suas causas à Psicanálise." (Lacan, 1978, p.29)



O que significa ser prematura?

Antes do tempo certo.

Prematura para quem?



O que é ser Rebelde?

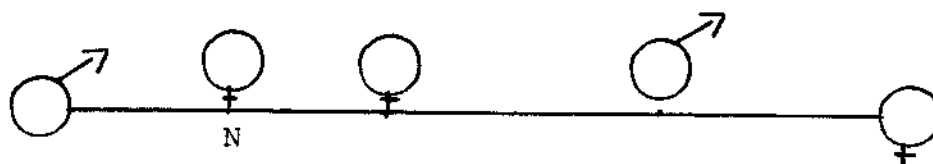
Nascemos rebeldes

ou

Nos rebelamos contra alguma coisa?

Contra o que N. se rebelou?

TEMPO TRÊS



N. voltou para casa dos pais em 1980.

. "Precisava cuidar dos irmãos".

Relacionamento com os irmãos

- . "Meio péssimo"
- . "ciúmes da irmã"
- . "é muito braba"

Relacionamento com os pais

. é muito mimada

└─> pela avó

. é rebelde

└─> não "ouve" conselhos

. se dá bem com o pai

. se dá bem com a mãe

MAS

└─> não participa dos programas da família

└─> não fala

└─> não ouve a orientação dos pais

N. é uma filha que:

- . não ouve
- . não fala.

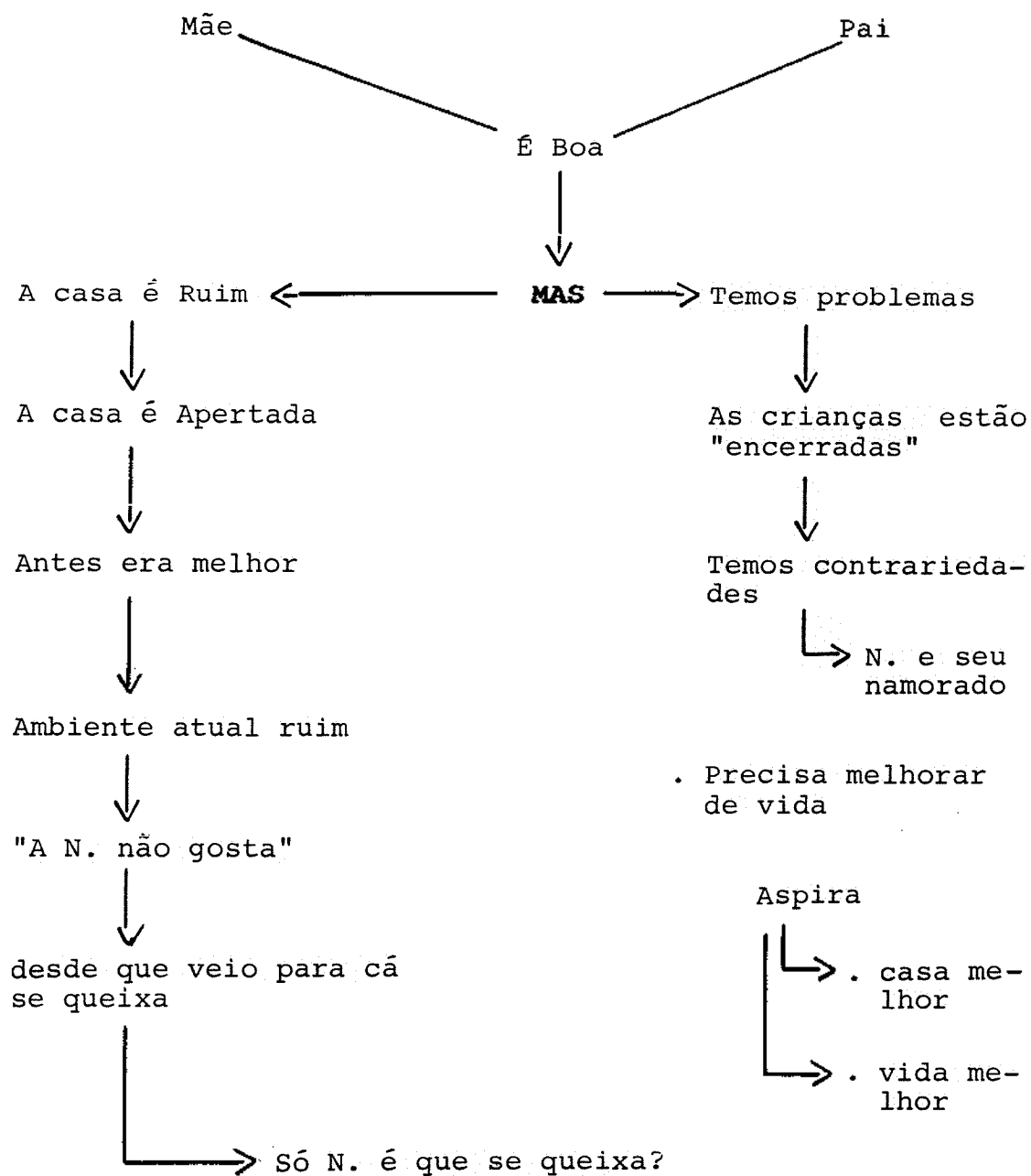
Como pode alguém ser rebelde nestas condições?

O adolescente provoca uma verdadeira revolução no seu meio ambiente familiar e social e isto cria um problema de gerações nem sempre resolvido.

"A qualidade do processo de amadurecimento e crescimento dos primeiros anos, a estabilidade dos afetos, a soma das gratificações e frustrações e, a adaptação gradativa às exigências ambientais vão marcar a intensidade e a gravidade destes conflitos." (Aberastury, 1981, p.18)

TEMPO QUATRO

A Vida em Família



Há um discurso manifesto de harmonia, que é quebrado pelas observações a respeito da vida em família.

A N. evidencia dificuldades de relacionamento com os pais, com os irmãos, com os vizinhos.

A mãe de N. também não gosta do local em que vive - nem da casa, nem da vizinhança.

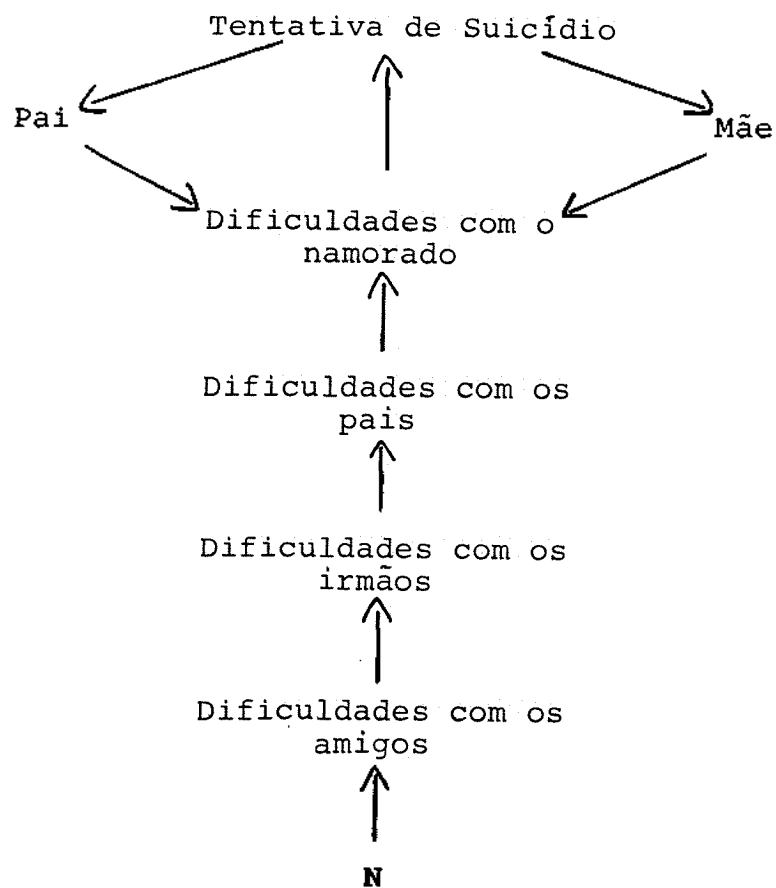
O pai de N. atribui algumas dificuldades familiares ao "aperto em que vivem".

Sabemos que as más condições residenciais, entre outros fatores, podem constituir ameaça à família como um empreendimento que vai avante. E, nesta medida, podem também reduzir o espaço de liberdade para que pessoas que nele vivem sintam-se felizes.

Há, no discurso dos pais de N., uma queixa sobre o local onde vivem.

O aperto de que falam, será apenas uma questão de espaço físico?

TEMPO CINCO



"É provável que ninguém encontre energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, este já ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem."
 (Freud, 1920, vol. XVIII, p. 202)

Nesta operação produzir-se-ão *marcas primeiras* - prazerosas ou desprezerasas - em função de como o sujeito vivenciou cada experiência. Cabe lembrar que é a mãe quem atribui significado às demandas de um nenê, de acordo com o que este bebê representa para ela e de sua inserção no código mãe/bebê.

É, pois, a mãe que fixa as representações primárias à pulsão; é ela que prepara o caminho que permitirá o acesso ao Outro, ao Simbólico e ao Real.

Comentário do Caso X

Ao nascer o sujeito se insere em um contexto que o precede e o envolve.

O que podemos dizer de X?

A mãe ficou grávida antes do casamento e, segundo suas palavras, foi obrigada a casar-se para poder ter o filho que estava a caminho. Suas manifestações em relação a esta filha, até hoje, são ambivalentes, pois em seu discurso ora diz que desde o começo a desejou, ora se expressa dizendo que não queria estar ali, não queria ter aquela criança.

Neste contexto nasceu X. Nascimento biológico - dramático e observável.

Segundo sua mãe, era um bebê que chorava muito, que exigia e ao qual ela não conseguia entender. Parece que muito cedo a mãe abdicou do esforço de "decodificar" as mensagens que a filha lhe enviava. A filha a cansava, fazia com que sentisse dor, que não lembrasse noções relativas ao período que sucede ao parto, no qual o bebê realmente chora muito, devido ao mal-estar labiríntico que caracteriza a condição de nascimento do pequeno filho do homem e, talvez por isto mesmo, a pessoa que o retira daquele caos assume um papel relevante em toda a sua evolução psíquica.

A. não soube ou não pôde aproveitar estes momentos. Não "conseguiu" amamentar X, "apesar de" ter se esforçado muito ... durante três dias!

Dolto (1988) reporta a experiência realizada com uma jovem durante o período da guerra, em que foi preciso reviver a sua situação de bebê para que ela conseguisse aproximar-se do filho. No momento em que sentiu-se querida, amada, acarinhada, conseguiu envolver-se em uma relação cujo projeto é transformar um ser biológico em um ser erógeno.

A. reporta uma história familiar caracterizada por grandes dificuldades. Os pais separaram-se quando era bem pequena, sua mãe não chegou a tornar clara a razão do afastamento do pai. Bem podemos imaginar o que significou para ela, em plena vivência edípica, este fato.

Segue-se uma relação descrita como difícil, com uma mãe que manifesta claramente a sua preferência pelos filhos homens. A. reporta os ciúmes fraternais e, ao lado deles, verbaliza que sentia "como se algo lhe faltasse".

Se, como Lacan destaca, as relações do homem são marcadas pela Spaltung, pela divisão original, não podemos negligenciar o contexto sócio-econômico-político em que estas relações se inscrevem.

A dialética Amor/Desamor é vivida pela criança no seu encontro com os pais, em primeiro lugar.

"Apanhados no drama de sua própria história, os adultos são igualmente apanhados nos paradoxos do universo em que vivem: não conseguem fazer a sua leitura, tornando-se assim estranhos à armadilha em que foram surpreendidos." (Mannoni, 1976, p.25)

A. não faz comentários explícitos sobre a situação sócio-econômica de sua família de origem, mas dá alguns indicadores que nos permitem inferir que não era das mais favorecidas. Z, ao contrário, lhe acenava com possibilidades que, até então, lhe haviam sido negadas: estava formado, tinha um bom emprego, estava "bem na vida" ...

O casamento acontece, em função da gravidez de A, embora "desejasse" continuar solteira - para poder passear, ferver, curtir ...

O casamento para A. exige dois atributos: sus-

tentar-se e estar maduro. Em seu entender possuía apenas o primeiro e, por um deslize do inconsciente, esqueceu-se de citar o Amor, embora explicitasse o que significava poder e querer casar-se.

Há momentos muito significativos na entrevista de A. Destacariamos o instante em que ela enfatiza a sua impossibilidade de construir, com a filha, uma relação diferente daquela que viveu com a sua mãe.

Ao falar da filha, A. usa expressões do tipo "suportar", "agüentar", "ficar muito cansada". Para "trabalhar", não hesitou em afastar X do convívio da família e não "entende" porque a criança manifestou uma série de condutas após este episódio: "*Será que não era minha sogra que fazia a cabeça dela?*".

Refere-se a X como "egoísta", "desrespeitadora", "sem limite", "respondona", em gritante contraste aos atributos que dirige ao filho homem: "querido", "humilde", "me entende", "eu nem preciso falar", "amigo".

E para confirmar a reedição da forma como viveu a sua relação com a mãe, A. arremata: "*Eu tenho que confessar uma coisa: eu gosto mais dele. Claro, todas as mães gostam mais do filho homem. E está certo*".

Com referência ao marido, sua relação também é ambivalente: se por um lado diz gostar muito dele, por outro ameaça deixá-lo, impõe sanções na área da sexuali-

dade, diz que quer ir embora, o que, efetivamente, já fez em uma oportunidade. Queixa-se da forma como o marido trata a filha, imputando a esta um intenso ciúme. Queixa-se também da sogra e ao mesmo tempo frustra-se por não corresponder às suas expectativas: "*eu não sou a nora que eles queriam*".

Neste contexto familiar cresceu X. Suas lembranças da mãe associam-se, especialmente, a momentos desagradáveis: a separação dos pais, o acidente da porta, a tentativa de suicídio. No entanto, subjacente aparece a dificuldade da adolescente elaborar o luto pelos pais da infância. Em certo momento ela chega a verbalizar o que desejava em relação à mãe: a presença. Presença de uma ausência, que estrutura a imago materna, quando do complexo do desmame.

É desde esta época que X parece querer a presença desta mãe.

Para Erikson (1972):

"a primeira realização social da criança é, então, a sua voluntária disposição em deixar a mãe de lado, sem demasiada ansiedade ou raiva *por ela ter se convertido em uma certeza interior* assim como uma predizibilidade exterior." (p.227) (o grifo é nosso)

As relações entre os seres humanos se articulam para além da consciência. É o desejo que efetua a estruturação primitiva do mundo humano, o desejo inconsciente.

X queria, como todas as crianças, ser desejo do desejo da mãe. Terá conseguido?

O desejo é uma relação do ser com a falta. Falta que se articula à falta para ser, para se instituir.

Aprendemos, com Lacan, que o Estádio do Espelho representa, de forma primordial, uma relação consigo mesmo e com um outro que o reconhece e com o qual se confunde. Como viveu X este período?

A mãe, quando relembrou esta época, disse apenas que ela chorava muito e que quando o casal desejava sair costumava deixá-la na companhia da avó.

Todas as crianças têm o mesmo objeto de amor inicial - a mãe. Qualquer pessoa que interfira na disponibilidade desta mãe no momento de uma necessidade (cabe lembrar quão escassa era a disponibilidade de A.) é considerada, pela criança, como um intruso e via de regra é objeto de hostilidade. Os rudimentos da possessividade e do ciúme são observáveis desde muito cedo.

O nascimento de P desencadeou, segundo a mãe, a manifestação de impulsos agressivos e hostis em X. Pensamos que seria necessária uma escuta mais aprofundada para verificar até que ponto os ciúmes de X não se converteram, à época do nascimento do irmão, na única possibilidade desta menina mobilizar a atenção de sua mãe. Até hoje, ainda não resolveu a intrusão de P.

Acreditamos que as verbalizações tão freqüentes de desafeto à mãe nada mais são que tentativas desesperadas de X dominar o rancor iniciado por esta época em que a mãe a "traiu" ao dar-lhe um irmão.

Talvez uma atitude mais compreensiva por parte da família na época em que se iniciaram os ciúmes tivesse contribuído para que X superasse as suas dificuldades e vencesse uma etapa necessária para sua formação de ser social.

A vivência edípica de X aos 4 anos coincidiu com a sua ida para a casa dos avós e a revivência do conflito edípico (Complexo de Édipo Adolescente) com a época da separação dos pais.

Além disto, os conflitos da adolescência reativam conflitos não elaborados pelos pais à época de sua adolescência. Pensamos que muitas das dificuldades de X com sua mãe encontram sua razão nesta premissa. Porém se faz necessário um maior número de entrevistas para que possamos ter mais dados relativos a este período.

X evidencia algumas perturbações comportamentais do tipo delitivo: "matar aulas", "descumprimento das obrigações escolares", "evasão de tarefas familiares compartilhadas" (segundo a mãe), "episódios relativos a pequenos furtos", "atuações impulsivas", que sugerem a necessidade de um acompanhamento especializado.

A Escola, através do Serviço de Orientação Educacional, vem tentando sensibilizar a família para que proceda este atendimento. No entanto, escudados por uma dificuldade da adolescente para submeter-se à psicoterapia, os pais protelam decisões que supomos beneficiariam esta menina.

Ainda com relação à Escola, cabe destacar que X, assim como verbaliza não gostar do colégio, preocupa-se em fazer o Supletivo à noite, já que seu desejo é trabalhar durante o dia.

X é uma adolescente que se diz deslocada no grupo de sala de aula: considera os colegas muito crianças e se dirige a eles com descaso porque eles se saem bem na Escola. Pensamos que sair-se bem na Escola, sair-se bem na vida é o desejo de X e de muitos outros adolescentes que, como ela, experimentam grandes dificuldades neste período. Porém, a Escola também precisa se dar conta que sua atuação não pode restringir-se ao atendimento daqueles alunos que não apresentam qualquer dificuldade e que aprendem, apesar dos seus professores.

Acreditamos que a Escola deveria repensar a sua proposta pedagógica, tendo em vista não só possibilitar o acesso ao saber organizado, mas ainda favorecer o surgimento de espaços que permitam ao adolescente falar de si mesmo, de suas angústias, de suas dúvidas e de suas esperanças. Espaços nos quais é possível sentir-se seguro,

porque alguém o escuta, compreende e o apóia, permitindo-lhe, através do exercício da autonomia, encontrar saídas para suas dificuldades, sem ter que recorrer, como X, à tentativa de suicídio.

4.2 - Da responsabilidade da Escola na prevenção de tentativas de suicídio

Sabemos que não existe empenho preventivo que seja capaz de fazer frente à ideação suicida presente naqueles sujeitos que, a qualquer custo e na primeira oportunidade, concretizam seu intento. Sabemos que, dada a incontornabilidade de fatores e variáveis que intervêm na consumação exitosa da tentativa de suicídio, é impossível anular-se toda a possibilidade de sua ocorrência; de outra parte, também somos sabedores que o incremento nas formas de auto-destruição e de violência que atinge os nossos adolescentes está a exigir uma ação preventiva cujo foco não pode ser outro que não a educação para a saúde.

Henri Chabrol (1984), em *Les Comportements Suicidaires de l'Adolescent*, nos diz que a tentativa de suicídio de adolescentes é um ato profundamente complexo - tanto como mecanismo quanto como função. Para este autor, o gesto dramático corresponde ao desfecho final resultante da integração de fatores sociais, familiares, psicológicos, culturais e biológicos.

Sem dúvida, o adolescente suicida nos confronta com a trágica denúncia individual de uma crise coletiva.

Carlson (1987), em *Transtornos Afectivos en la Infancia y la Adolescencia*, esclarece que a tentativa de suicídio é um barômetro tanto da incapacidade do sujeito

de fazer frente ao stress, quanto de nossa incapacidade de reconhecer a angústia e a desolação dos indivíduos.

Como Carlson, entendemos a necessidade de avaliar com rapidez qualquer intento de auto-destruição - avaliação que deve ser orientada por dois fatores: o risco eminente para a vida dos sujeitos e a diferença existente entre a intencionalidade e a consumação de uma tentativa de suicídio. Destacamos este último fator como fundamental para respaldar a nossa crença de que existe um espaço para estratégias preventivas não apenas a nível familiar mas a nível escolar e comunitário.

Falar de prevenção de suicídio a nível escolar não é fora de propósito! Não se trata aqui de pensar que seremos capazes, enquanto professores, de superar e de identificar todos os transtornos psíquicos de nossos alunos, mas sim, de acreditar que a Escola não pode ficar à margem de uma proposta multidisciplinar com marcos referenciais na Psicologia, na Psicanálise e na Sociologia e que tem como objetivo comum ajudar os adolescentes a fazer frente às diferentes circunstâncias do viver.

Pensamos que questões de saúde mental e, entre elas, as manifestações depressivas e suicidas dos adolescentes, não podem ser resolvidas excluindo-se os educadores, visto que é na Escola que acontece grande parte do processo de socialização dos indivíduos; que é a Escola o local onde mais freqüentemente acontecem as trocas inte-

rativas dos adolescentes; que a Escola possibilita, através da apropriação e construção do conhecimento, que o adolescente institua uma nova forma de relacionar-se com a realidade; que a Escola, através das interações que se estabelecem entre seus membros, interfere nos tipos de sentimento frente a vida.

Durante um ano, adolescentes passam, em média, 800 horas na Escola. Isto corresponde a um sexto de suas vidas! É, pois, inquestionável o estabelecimento de determinadas pautas de conduta, na disseminação de valores, critérios de julgamento, conceitos e preconceitos de uma sociedade específica.

Em 1910, através de texto intitulado *Contribuições acerca do Suicídio*, Freud escreveu:

"Uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia lhes oferecer apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Parece-nos indiscutível que as escolas falham nisto e a muitos respeitos deixam de cumprir seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertarem o interesse pela vida do mundo exterior." (Freud, 1976, p.218; 1ª ed.or.1910)

Faz-se, pois, mister que os educadores repensem a sua prática pedagógica e que se familiarizem com as descobertas da Psicanálise, uma vez que esta tem destacado a extraordinária influência que exercem as primeiras impressões - notadamente aquelas que correspondem aos anos

iniciais da infância - sobre toda a evolução do sujeito.

Não podemos, entretanto, confundir uma educação psicanaliticamente esclarecida com psicoterapia em sala de aula. O que pretendemos dizer é que, na medida em que os educadores souberem não abusar de seu papel e conseguirem desprender-se de seu narcisismo, permitirão aos alunos emergirem como sujeitos e não apenas situá-los como seu Eu-ideal.

Educação é, na expressão da Dr^ª Maria Nestrovsky Folberg, Amor e Verdade.

Amor à Verdade, que implica ser corajoso para permitir o surgimento de uma ética pedagógica fundada em critérios lúcidos da realidade.

4.3 - Entrevista com Orientador Educacional

Entrevistada:

Orientadora Educacional de Escola Pública Estadual

Idade:

44 anos

Tempo de serviço:

18 anos em Orientação Educacional

1. Qual é a estrutura do Serviço de Orientação Educacional?

O SOE é constituído por uma equipe da qual fazem parte orientadores educacionais e psicólogos. Atualmente, contamos com apenas um psicólogo.

A equipe de orientadores educacionais divide-se para atender desde as séries iniciais até os cursos de especialização.

Os OE que atendem alunos até a 4ª série, trabalham através do professor e da família. Todo o trabalho é feito em conjunto com a Direção e o Serviço de Coordenação Pedagógica.

A partir da 5ª série, mantemos um trabalho sistemático preventivo através do atendimento a grupos. Melhor dito, subgrupos, visto que as turmas são divididas e uma parte é atendida por um professor e a outra metade

trabalha com o orientador educacional. Este professor é de alguma das disciplinas do currículo e, nesta oportunidade, realiza trabalho de laboratório.

Também os orientadores educacionais de 5ªs. séries em diante mantêm contato permanente com professores através de reuniões, participação em Conselhos de Classe, entrevistas, bem como mantêm contato com a família sempre que é necessário.

Além disto, semanalmente, participam de reuniões com a Vice-Direção e com a Coordenação Pedagógica propondo-se a realizar um trabalho conjunto.

No 2º grau o trabalho obedece a mesma dinâmica do realizado em 5ª à 8ª série.

Ao psicólogo compete o estudo de casos, sempre que se constata dificuldades que fogem à alçada do orientador educacional.

Por exemplo: Sempre que o orientador considera necessário que se proceda uma avaliação psicológica, encaminha o aluno para o psicólogo, a quem compete realizar o referido processo e, se for o caso, encaminhar para serviços especializados.

2. Qual é a dinâmica de atendimento do SOE?

Dã-se em duas grandes modalidades: em grupo ou individualmente.

O grupo é o trabalho semanal, preventivo.

O atendimento individual acontece sempre que um aluno é encaminhado para acompanhamento por evidenciar alguma dificuldade.

Se a dificuldade se refere a rendimento escolar, por exemplo, inicialmente contatamos os professores procurando verificar o tipo de dificuldade e as disciplinas nas quais ela se manifesta. Após, faz-se entrevista com o aluno, com a família e se retorna ao professor, orientando-o na melhor maneira de superar a dificuldade verificada.

O encaminhamento ao SOE pode ser feito pelos professores, pela família. Mas o aluno pode solicitar atendimento, sempre que desejar, mesmo que não haja encaminhamento.

Acho importante dizer também que a equipe é coordenada por um orientador educacional eleito para tal finalidade. O Coordenador participa da Equipe de Direção.

3. Entre as ocorrências registradas no SOE, existe alguma referente à tentativa de suicídio?

Sim. Tentativas que ocorreram no seio da família e tentativa que ocorreu no ambiente escolar.

4. Como atuou o Serviço de Orientação nestes casos?

Num primeiro momento é sempre junto ao aluno e, paralelamente, junto à família. Nestes casos, o trabalho é conjunto: psicólogo e orientador educacional.

Após, se necessário, e nestes casos é geralmente necessário, há um encaminhamento para especialistas.

O fato do aluno estar em atendimento fora da escola não significa que não seja acompanhado no colégio. Procuramos manter contato com o terapeuta, na medida em que acreditamos que um trabalho conjunto resultará em benefício para o aluno.

A escola sozinha não pode assumir a responsabilidade pelo aluno; mas, sendo ele o objeto do trabalho escolar, só conseguiremos uma promoção de saúde mental na medida em que, com a família, aliarmo-nos num trabalho preventivo.

5. Os familiares dos alunos com estas dificuldades acatam as orientações da escola?

Às vezes encontramos dificuldades: algumas vezes a família não aceita a evidência e a gravidade dos fatos.

Há uma média que aceita, geralmente condicionado até a um maior esclarecimento da família. As famílias que possuem um nível sócio-econômico-cultural mais favorecido têm consciência da gravidade e procuram ajuda. E acatam a gente. Às vezes, nos grupos de baixa renda, é mais difícil de sensibilizar a família para a necessidade do tratamento, até porque este tipo de atendimento é bastante dispendioso. É verdade que existem algumas instituições que atendem mediante um pagamento proporcional à renda familiar, mas as listas de espera aguardando uma vaga geralmente são bastante extensas e, nem sempre, o atendimento oferecido é sistemático.

Diante das dificuldades encontradas, a aceitação do tratamento passa a ser questionada e a família, com freqüência, acaba por não fazê-lo.

6. Que tipo de características podem ser associadas a este tipo de aluno: o aluno que pratica tentativas de suicídio?

Bem, as características apontam freqüentemente para uma tendência à depressão. Além disto, penso que as

circunstâncias de vida destes alunos é que os impelem para esta saída: sentem-se rejeitados, têm intenso sentimento de menosvalia, de inferioridade, sentem-se abandonados.

O aluno que procura o suicídio sente-se muito rejeitado. Me parece que quando eles chegam até lá é porque há uma tendência, uma predisposição familiar, pessoal. Se não há esta predisposição, por mais deprimido que esteja não procura este ato extremo.

O ato de suicídio é o ápice de uma problemática que vive o indivíduo. Não é alguma coisa que acontece de uma hora para outra.

A minha observação aponta uma série de dificuldades anteriores vividas pelo sujeito, que culmina com este ato desesperado.

Na adolescência, pelas suas próprias características, temos a eclosão desta problemática com maior frequência. É fundamental a permanente atenção e observação da Escola e dos pais, tendo em vista lançar mão de recursos que impeçam a concretização de um gesto tão extremo.

O adolescente quando sente-se desrespeitado, injustiçado e/ou rejeitado, frequentemente atua os seus conflitos. No seu desespero acha, diante de algumas coisas que lhe acontecem, que a única saída é o seu desaparecimento.

7. Como o SOE tomou conhecimento das tentativas de suicídio?

Um caso constatou-se porque foi praticado dentro da Escola. Em outro o aluno fez alguma coisa em casa, veio para a Escola de imediato e aqui apavorou-se, pedindo ajuda. São casos que chegam à nossa frente.

Temos também conhecimento de casos através do relato da família e do próprio aluno.

8. Como vê a responsabilidade da Escola na prevenção de tentativas de suicídio?

Acho que a Escola também é responsável pelo aluno e sempre que tiver condições de fazer um trabalho preventivo, com vistas a despertar valores positivos, deve fazê-lo.

Se houver um trabalho de Orientação Educacional preventivo junto às famílias, junto aos professores e junto aos alunos, muito poderemos fazer.

9. O que é um trabalho preventivo em Orientação Educacional?

É o trabalho sistemático e contínuo de entrevistas, de acompanhamento, de diálogo com os alunos, com a família e com os professores.

Como Orientadora, pude constatar que a medida que o trabalho de Orientação Educacional estendeu-se a todos os segmentos da Escola, o número e a gravidade das dificuldades evidenciadas diminuiu consideravelmente.

Vejo que, pela atuação preventiva, temos a oportunidade de impedir o desenvolvimento de patologias graves, uma vez que, sempre que há indicadores de seu surgimento, procura-se junto com a família buscar o encaminhamento necessário.

10. O Curso de Orientação Educacional habilita-nos a realizar este tipo de trabalho?

Sinto que o curso é básico. Tive o privilégio de fazer um curso de Orientação Educacional - não em nível de graduação - que abriu portas para que o estudo posterior fosse realizado. Ninguém se forma numa Escola. O estudo é permanente, acompanha toda a vida de um profissional.

O meu curso universitário não proporcionou as mesmas possibilidades que o Curso de Especialização, com dois anos de duração, havia oferecido.

Acho que a Universidade, através do seu currículo, não prepara o Orientador Educacional oferecendo-lhe uma visão aprofundada da Filosofia, da Psicologia, da Endocrinologia, da Antropologia, da Psicopatologia que o habilite a realizar um trabalho preventivo.

Tenho preocupação com a linha que se impõe ao trabalho do Orientador Educacional: ser agente de mudanças, mas mudanças centradas em áreas específicas.

Penso que, paralelo a agente de mudanças sociais, o Orientador Educacional deveria ser agente de promoção de saúde mental.

Entrevistada:

Orientadora Educacional de Escola Pública Estadual

Idade:

37 anos

Tempo de serviço:

13 anos em Orientação Educacional

1. Qual é a estrutura do Serviço de Orientação Educacional?

O SOE conta atualmente com três Orientadores Educacionais para atender uma clientela de aproximadamente 1.500 alunos.

A prioridade de atendimento é dada para o 1º grau, sendo que as Orientadoras Educacionais atendem a todas as solicitações que são feitas por alunos, pais, professores, Direção, funcionários. O objetivo e a preocupação maior é prevenir dificuldades.

2. Qual é a dinâmica de funcionamento do SOE?

O SOE atua junto ao aluno, professores, pais, Direção e/ou funcionários, dando prioridade ao aluno que procura o SOE espontaneamente ou quando chamado por encaminhamento dos professores e/ou Direção.

Na maioria das situações em que o aluno procura o SOE espontaneamente, fala-nos de suas dificuldades de relacionamento com algum colega e/ou professor; quando encaminhado, geralmente deve-se a problemas de disciplina em que o professor não soube manejar a situação.

3. Entre as ocorrências registradas no SOE, existe alguma referente a tentativas de suicídio?

Quanto as ocorrências registradas no SOE, tive apenas conhecimento de uma situação de tentativa de suicídio, mas através de uma colega que fez os encaminhamentos e atendimentos necessários. Não atendi o caso. Acredito que encontraria dificuldade para proceder este tipo de atendimento, uma vez que o curso de formação em Orientação Educacional não proporciona conhecimentos para atender tais situações. A proposta do curso é diferente da realidade que se apresenta no dia-a-dia do Orientador na Escola.

Para mim é fundamental manter-me estudando, participando de cursos, seminários e congressos. Penso que é importante também a troca de experiência com outros profissionais da área da Saúde: psicólogos e psicanalistas.

4. Que tipo de características pode ser atribuído a este tipo de aluno - aquele que pratica tentativa de suicídio?

Acredito que algumas características de um suicida são momentos de muita euforia, seguidos de momentos de depressão total, que observados por um leigo são difíceis de ser tratados ou atacados.

Gostaríamos de tecer algumas considerações à luz dos depoimentos das duas Orientadoras Educacionais, visto que eles representam momentos distintos da realidade.

A primeira entrevista dá conta de uma situação privilegiada, onde a proporção entre o número de Orientadores Educacionais disponíveis e o número de alunos a serem atendidos permite a implementação de um projeto que prevê atendimentos de grupos sistematicamente, atendimentos individuais, participação em Reuniões, Conselhos de Classe ...

A segunda entrevista retrata a realidade do Serviço de Orientação Educacional na maioria das Escolas, onde o reduzido número de profissionais disponíveis não consegue realizar o trabalho como gostaria.

Cabe lembrar que, até 1988, a maior parte das Escolas Públicas de Porto Alegre contava com uma quantidade razoável de Orientadores Educacionais em seus quadros. Naquele ano, após a implementação do Quadro de Pessoal por Escola - Especial 88, assistimos a uma diminuição acentuada dos recursos humanos lotados no Serviço de Orientação Educacional. Daquela data até os dias de hoje, o quadro pouco modificou-se. O resultado é que os Orientadores Educacionais passaram a responsabilizar-se por um número excessivo de alunos, dificultando o estabelecimento de uma relação de confiança criada a partir de um contato mais direto entre orientador e orientando, orienta-

dor e professor e, orientador e famílias.

Face a esta situação de sucateamento dos recursos humanos, a idéia de que somente aqueles casos "muito difíceis" devem ser atendidos pelo SOE passou a ser reforçada e, lamentavelmente, a imagem do Serviço se associa, em um número significativo de situações, àquele que vigia, que aplica sanções em casos disciplinares e que goza de pouco crédito, quer seja junto aos alunos, aos professores ou junto à família.

Se nos detivermos no aspecto referente à ação preventiva, que se insere dentro do que entendemos ser essencial na proposta de trabalho em Orientação Educacional, novamente seremos confrontados com as dificuldades decorrentes da carência de recursos, pois quando um único profissional deve atender aproximadamente 500 alunos, a prevenção e o acompanhamento não podem ser realizados em nível satisfatório.

Cabe destacar, também, o dado referente à formação técnica que foi apontada como insatisfatória, na medida em que não instrumentaliza o Orientador Educacional para fazer frente a determinadas problemáticas com as quais ele se defronta na Escola.

Cria-se um círculo vicioso, pois como não tem condições de fazer frente à demanda, o trabalho do Orientador é avaliado pelo que não pôde atender e não pelo que

foi capaz de produzir, encaminhar e reverter.

A importância da ação multidisciplinar é também apontada como fator importante na detecção precoce de dificuldades. Sem dúvida, a presença do psicólogo escolar contribui para o enriquecimento da equipe técnica.

Face à situação atual dos recursos humanos, entendemos ser necessária uma reflexão sobre dois aspectos:

O primeiro deles refere-se à urgência do Orientador Educacional estabelecer com clareza os objetivos que se propõe alcançar.

O segundo se estrutura a partir desta tomada de posição e visa esclarecer a comunidade escolar sobre o que é o SOE, o que se propõe alcançar e a serviço de que se encontra a proposta de trabalho a ser implementada.

4.4 - A tentativa exitosa da Escola

4.4.1 - O Caso de Y

O Interdito Imaginário da Fala

O caso que ora apresentaremos diz respeito a uma adolescente que não realizou uma tentativa de suicídio; representa o contrário: a luta desesperada de uma adolescente que deseja viver. Foi escolhido para compor a amostra porque ilustra, de forma cristalina, não só a importância de um atendimento preventivo, mas fundamentalmente, o quanto Y esperava a ajuda e o quanto esta ajuda pode ter sido significativa e determinante em um momento que enfrentava grandes dificuldades no ambiente familiar.

O subtítulo - o interdito imaginário da fala - foi escolhido a partir da crença de que há uma palavra que precisa ser libertada para que Y possa viver. De uma angústia que precisa ser falada. Angústia iniciada no momento da separação primeira desta mãe.

Se nos reportarmos aos seus primeiros anos de infância, vamos encontrar uma criança atemorizada. Sabemos que a natureza e a qualidade das relações que a criança estabelece nos seus primeiros seis anos de vida desempenham um papel fundamental na estruturação psíquica futura. Sabemos também que a partir de então a criança poderá desenvolver outros laços de amizade e amor que seguirão o protótipo das lembranças deixadas pelas primei-

ras relações.

Y parece ter sido o receptáculo do sofrimento parental. E, mais que isto, desenvolveu-se à sombra de um pai alcoólatra, de uma avó autoritária e de uma mãe sofrida, culpada e ambivalente.

A escuta que fizemos desta mãe talvez tenha sido uma oportunidade para encontrar-se consigo própria, onde não cabiam respostas às suas indagações, nem tampouco restituir-lhe a tranqüilidade ou pseudo-tranqüilidade que viveu até hoje.

O encontro com Y lhe permitiu falar. Falar das suas angústias, das suas incertezas, sem que nenhum julgamento lhe fosse atribuído.

A Escola pode ter aberto o caminho para que Y busque uma ajuda especializada que certamente lhe devolverá a palavra.

. *Identidade*

Y vive com os pais e os irmãos. É a filha mais velha e cursa atualmente o 2º grau.

. *História*

No relato familiar, Y desde bebê era calma e quieta, muito embora uma acentuada dificuldade de separar-se da mãe tenha determinado que a família procurasse uma psicóloga antes que Y houvesse completado quatro anos de idade.

Segundo a mãe, entre as prescrições da terapeuta estava a sugestão de que Y ingressasse na Pré-Escola. Atendida esta recomendação, a mãe e também a adolescente relembram esta época como um período difícil, pois as dificuldades de adaptação à rotina escolar foram grandes.

Em razão do que era observado na Escola, Y quase não brincava e chorava muito para entrar na sala de aula; a família foi chamada e sugeriu-se que se buscasse uma ajuda especializada, visando resgatar as dificuldades apresentadas.

A família não atendeu a esta solicitação e trocou a menina de Escola, fato que repetiu-se em outras oportunidades durante o 1º grau, e que entendemos ter colaborado para que as dificuldades de integração se acentuassem.

A mãe relata história de alcoolismo paterno, seguido por surto paranóide que culminou com internação em Clínica Psiquiátrica.

Y considera seus pais rígidos, autoritários. Relaciona-se mal com ambos desde o ano passado, quando teve um sério atrito familiar, que determinou uma radical mudança na percepção que a família tinha da adolescente. *"Até o ano passado eu era uma filha ideal que não questionava, não brigava e não gritava"*.

. Razão do encaminhamento ao SOE

Dificuldades de integrar-se no grupo e de participar das atividades propostas em sala de aula determinaram o encaminhamento de Y para o Serviço de Orientação Educacional.

. Resposta da Adolescente

Foi muito difícil convencer Y que precisávamos conversar com sua mãe. Temia que contássemos seus "segredos" pois, segundo seu relato, os pais *"não querem ouvir, querem se ouvir"*.

. Resposta da Mãe

A partir de uma primeira entrevista com a Orientadora, foi estabelecida a necessidade e a importância de Y receber uma ajuda especializada, tendo em vista suas

dificuldades de relacionamento interpessoal.

Aparentemente a família acatou a sugestão, uma vez que nesta entrevista ficamos sabendo que a mãe procurara uma psicoterapeuta.

A HISTÓRIA DE Y

ESTRUTURAS SIGNIFICANTES

Y - Há muito tempo que eu esperava que alguém me chamasse. Há muito tempo que eu queria falar. _____ (Pausa) Não sei _____ Não sei se vou conseguir dizer _____ é muito difícil para mim falar. _____

E - Vamos falar sobre a tua vida, Y. Podemos começar por onde tu quiseres. Pela parte que consideras mais fácil para falar.

Y - _____
Vamos começar então pelo colégio.

E - O que acontece no colégio, Y?

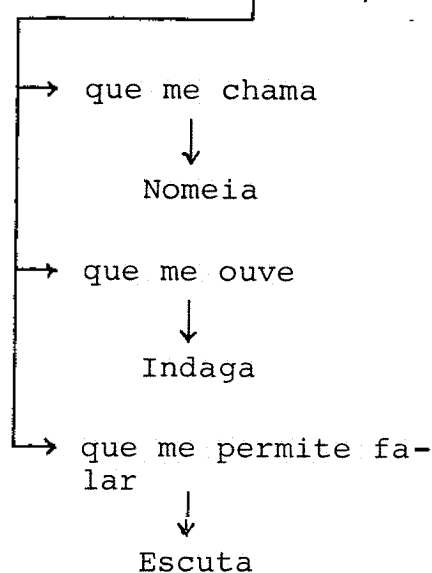
Y - Eu não estou bem. Os professores têm conversado comigo. Eu participo muito pouco das aulas. _____. Eu falo muito pouco.

E - Isto sempre foi assim?

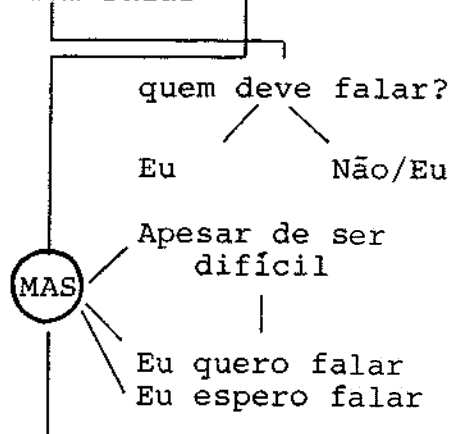
Y - Foi _____ Mesmo quando eu estava no outro colégio. Eu sempre tive muita dificuldade. _____ Dificuldade para fazer amigos. A mãe contava que quando eu entrei no Jardim eu chorava muito. _____

E - Tu lembras disto?

Esperar por Alguém (Outro)

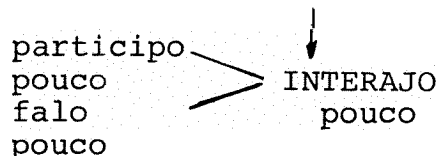


"É muito difícil para mim falar"



Vamos falar do Colégio

eu **não** estou bem
e nas outras áreas?

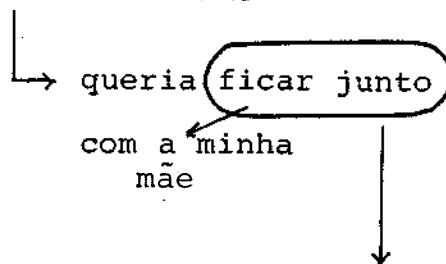


Y - Só me lembro que eu queria ficar junto com a minha mãe.

Tenho dificuldades para fazer amigos

E - E o que aconteceu?

Y - Chamaram a mãe no colégio. Disseram para ela que eu não brincava. Ficava pelos cantos. Acho que disseram para ela para eu trocar de colégio.



E - E tu trocaste?

Y - Troquei _____ Mas não adiantou nada. Eu continuei sem amigo.

como isto não acontecia

↳ não brincava
↳ ficava pelos cantos

"Acho que disseram para ela me trocar de colégio"

E - Tu lembras se choravas para ir à Escola?

Y - Lembro que eu queria ir. Mas quando chegava na hora de ficar eu tinha vontade de voltar para casa. Depois eu fui me acostumando. Encontrei uma amiga. Quando eu estava na quarta série troquei de colégio de novo. Fui para um colégio, o _____. Ali começou tudo de novo.

Eu queria ir



("não queria me separar")

quando chegava na hora de ficar, eu tinha vontade de voltar para casa

POIS

E - O que começou de novo?

Y - Não tinha amigas. Ninguém se juntava comigo. Nem eu com os outros. No fim do ano, comecei a andar com uma guria que era tão quieta como eu.

SIMBIOSE/INDIVIDUAÇÃO

Quando cheguei na 4ª série

Encontrei uma amiga

MAS

↳ troquei de colégio de novo

E - E antes, porque vocês não se falavam?

Y - Não sei. Mas acho que ela tinha outra amiga que saiu do colégio.

E - E com esta amiguinha, ficou melhor?

Y - Melhorou. Mas na 5ª série eu rodei. Me separei dela. Tudo voltou para trás.

E - E então?

Y - _____ Na 6ª série ela rodou. Voltamos a ser colegas. Mas não foi mais a mesma coisa. Ela não era mais como antes. Tinha mudado.

E - E tu?

Y - Eu também tinha mudado.

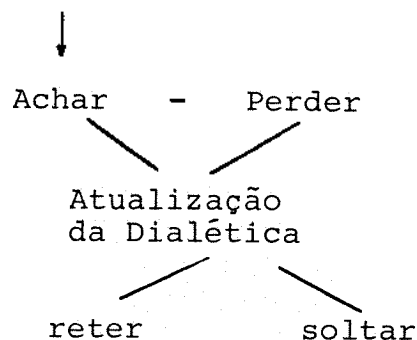
E - Mudado como?

Y - O meu jeito. Acho que tinha ficado mais quieta ainda.

E - E neste colégio que frequentas hoje, achas que estás melhor?

Y - Melhorou porque é outro tipo de aluno, é o outro tipo de pessoa que é aluno daqui. Se bem que eu sou a mais velha.

"No fim do ano comecei a andar com uma gurria que era *tão* quieta quanto eu"

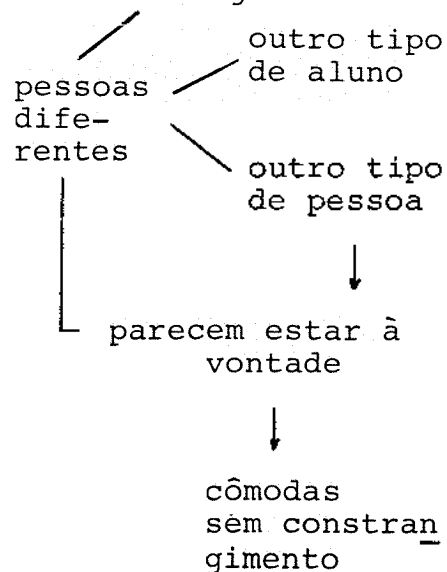


Na 6ª série

↓ ↘
 ela havia mudado
 eu havia mudado

"consequira ficar mais quieta ainda"

A Escola hoje



E - Por que dizes que é outro tipo de pessoa que frequenta esta Escola?

Y - Os professores são diferentes. As colegas. Eu vejo que elas encaram a vida de outra forma. Elas parecem estar mais à vontade.

E - Mais à vontade?

Y - É _____ Eu vejo que os professores prestam atenção na gente. Prova disto é que eu estou conversando contigo. Tu me disseste que eu fui encaminhada para ti.

E - E foste. E te disse também as razões.

Y - _____

E - E os colegas como são?

Y - Eles me procuram. Me chamam, eu vou. Escuto. Não falo. _____ Eu fico pensando o que é que eu vou dizer. Demora um tempo. Meu coração fica batendo ... batendo. Aí eu falo. Só que muitas vezes eu digo o que eu não penso. _____ Me sinto ridícula. Fico com raiva ... Eu _____ Eu acho que não ajudo muito. As pessoas _____ cansam.

Estar mais à vontade consigo

↳ permite prestar atenção no Outro

↳ eu estou conversando contigo

↳ porque prestaram atenção

↓
- ME ENCAMINHARAM
- OLHARAM
- NOTARAM

"que eu não estava legal"

↓ ↓
EU ESCUTO — NÃO FALO

↓ ↓
DIGO O QUE NÃO PENSO

falo com raiva

Me sinto ridícula

↳
Ou penso o que não falo

↳ O discurso permite ao sujeito atualizar as suas vivências.

E - Cansam?

Y - É. _____ Eu acho. _____
Só elas que procuram. Eu nunca vou. _____ Não tomo nunca a iniciativa de procurar.

FALAR → A fala faz surgir o inconsciente e remete ao inconsciente

O discurso do sujeito constitui-se em uma mensagem carregada de sentido que vai além do texto manifesto.

E - E por que achas que não vais?

Y - Não vou porque eu não consigo.

↳ implica, pois, fontes inconscientes

E - E em outros lugares, como é?

Y - Quando eu saio com a minha irmã e os amigos dela, por exemplo, me acontece a mesma coisa. Às vezes também eu não falo porque as coisas sobre as quais eles falam não têm nada a ver comigo.

O Significante é o que representa o sujeito para outro significante

E - Te explica melhor.

Y - Sei lá ... Eles são mais moços que eu _____ querem se mostrar _____ fazer de conta o que não são.

os "amigos" → fazem coisas para mostrar aos outros

E - Como é?

Y - Fazer coisas para mostrar aos outros. Contar vantagens.

a "irmã" → fala o essencial

E - E por que tu sai com eles?

Y - Saía. Agora não saio mais. Eu estou _____
Eu _____

Com minha irmã desde maio só falo o essencial.

E - Vocês brigaram?

Y - Brigamos.

E - Vocês moram na mesma casa, não moram? Brigaram em maio, estamos em novembro.

Y - É muito tempo, não é? Moramos na mesma casa. Repartimos o mesmo quarto, inclusive.

E - E ela fala contigo?

Y - Fala. Eu também falo. Mas falamos coisas que não tenham nenhuma intimidade.

E - Quantos anos ela tem?

Y - Dezesesseis.

E - Por que vocês brigaram?

Y - Porque ela contou uma história minha para os meus pais. É isto. É isto que eu quero falar. Só que eu não sei se vou conseguir.

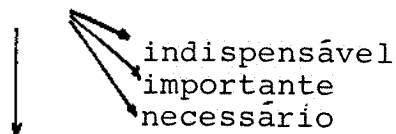
E - Não sabes se consegues falar?

Y - É. _____

E - Tu queres falar?

Y - (Gestos afirmativos com a cabeça)
Eu acho até que me sentiria aliviada se eu conseguisse dizer. _____

Essencial é falado



não falamos coisas que tenham Intimidade

"que está muito dentro"

onde está o importante?
o necessário?
o indispensável?

no Outro?

Irmã Desvelou

Segredos de Amor

Posto que a Y não tem direito à palavra, somente pode ter direito a segredos.

- E - Tu tens outros irmãos além desta com a qual brigaste?
- Y - Tenho. Eu tenho um irmão homem. Pequeno ainda. Tem 8 anos. Me dou bem com ele.
- E - E com os teus pais tu te relacionas bem?
- Y - Atualmente a gente mora na mesma casa. Eu não falo com eles também. Desde a história da minha irmã. Eu acho _____
Eu sempre fui uma filha ideal _____ Não falava _____ Não questionava. Não brigava. Ao contrário da minha irmã. Ela briga. Ela fala. Ela discute. Eu não. Eu não consigo. Então nunca dei nenhum problema para eles.
- E - E esta briga?
- Y - Depois do que a minha irmã falou, a mãe disse que se eu quisesse ficar morando com eles eu tinha que _____ ou precisava mudar.
- E - Mudar? Mas tu fazias o que eles queriam.
- Y - É que _____ A briga. A briga foi _____ foi porque eu arranjei uma companhia, contrariava ao que eles queriam.
- E - Quando eles te disseram isto, o que fizeste?
- Y - Calei o que eu poderia dizer? Eu comecei a procurar um em-
- Significante é o que representa o sujeito frente a outro Significante
- ↓
- Relacionamento Pais
- ↙
- a gente mora na mesma casa
- |
- Também não falo com eles
- ↘
- Lacan considera o significante como uma forma de expressar simbolicamente a conjugação das idéias de si mesmo, dos pais, do fenômeno do nascimento, do amor e da morte." (Folberg, p.26)
- "A mãe disse que se eu quisesse ficar morando com eles eu tinha que mudar"
- ↓
- a educação é a forma socialmente aceita para transmissão dos Valores / Conceitos / PRECONCEITOS
- Emprego
- ↳ oportunidade
- ↙ ↘
- para ser para falar

prego. Arranjei um de secre-
tária. Agora sô entro em casa
para dormir. Trabalho e Esco-
la durante o dia todo.

Nos fins de semana eu saio
sozinha. Ou fico quieta em
meu quarto lendo.

E - E a tua irmã?

Y - Ela tem um namorado agora. Ela
fica em casa brigando feito
gato e cachorro com ele ou
sai para a rua.

E - E tu?

Y - Eu não. Eu tive namorados. Mas
sempre eles terminaram _____
assim, sem eu saber _____
sem que eu esperasse. E eu
fui ficando com a sensação de
que falta alguma coisa em mim,
alguma coisa capaz de desper-
tar alguma coisa no outro e
em mim mesma. Acho que foi
por isto que eu _____
Eu achei que com ela poderia
ser diferente.

E - E foi?

Y - Não.

E - E agora?

Y - Agora eu estou longe dela.
Precisei dar um tempo. _____
A minha família não aceitou,
disse que eu estou doente.
Que ou eu me trato e fico boa
ou saio de casa e nunca mais
falo com eles.

Namorados

"eles terminaram"

sem que eu espe-
rasse ...

Falta alguma coisa em
Mim

que desperte

o outro e eu mesma

Castração?

COM ELA → SERIA

FOI

DIFERENTE

Restaurou o Falo (?)

De acordo com Kofman,
em *El Enigma de la Mu-
jer*, como a mulher
não tem direito à pa-
lavra, acaba por não
querer falar, por guar-
dar tudo para ela...

E - E ...

Y - _____
Eu só podia ficar quieta. Mas eles confundiram tudo. Foi uma experiência. Eles me consideram perdida.

E - Perdida como?

Y - Eu me sinto como se a minha presença fosse capaz de passar uma doença para eles.

E - Chegaste a falar com eles?

Y - Para quê?
_____ Eles não querem me ouvir. Eles querem só, se ouvir.

E - E isto sempre foi assim?

Y - Eu _____ eu acho que foi.

E - Fala do teu pai.

Y - É igual à mãe.
Mas agora ele está doente. Está hospitalizado.

E - Onde?

Y - Numa clínica. Ele estava muito nervoso. Estava com problemas na firma.

E - Agora está bem?

Y - Está melhor. Mas só adminis-

↓
"Eu só podia ficar quieta"

↙
eles me querem quieta

↘
não querem me ouvir

querem **se** ouvir

↙
Partícula Reflexiva que instaura a volta para si mesmo.

O Discurso alienado dos pais.

O pai

↳ é igual à Mãe

↘
pouca ou nenhuma diferenciação entre os progenitores

↓
Os comportamentos suicidas entram em ação, por encontrarem ressonância em uma dinâmica familiar comprometida.

tra os negócios da casa. A mãe é quem faz todo o serviço.

Se perder o amor da mãe, Y perde também o do pai, pois ambos *parecem* estar fundidos em único e mesmo objeto.

E - Ela sempre trabalhou com ele?

Y - Agora apenas. Mas ela é muito independente. Faz tudo. O pai organiza algumas coisas. Ela faz.

E - Ele organiza as coisas para ele fazer?

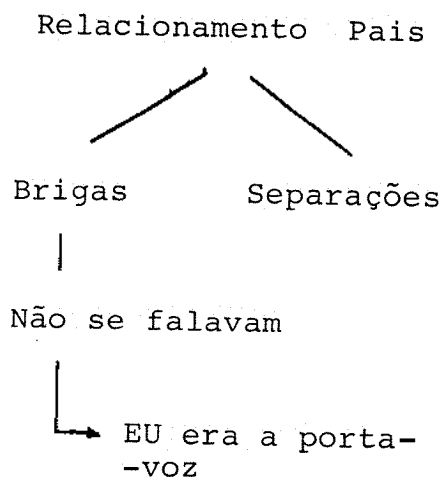
Y - É. Até os telefonemas que ela tem de dar, às vezes.

E - Sempre foi assim?

Y - Não. No começo eles brigavam muito. Até estiveram um tempo separados.

E - Muito tempo?

Y - Quando eu tinha 7 anos. Eles passavam brigando. E quando brigavam, não se falavam. Aí me mandavam dar recados de um para o outro. Ou então eu ficava em casa e, quando um chegava, ficava querendo saber o que o outro tinha feito. Eu dizia. Eu contava o que eles pediam. Mas um dia eu falei uma coisa. Deu uma briga muito grande.



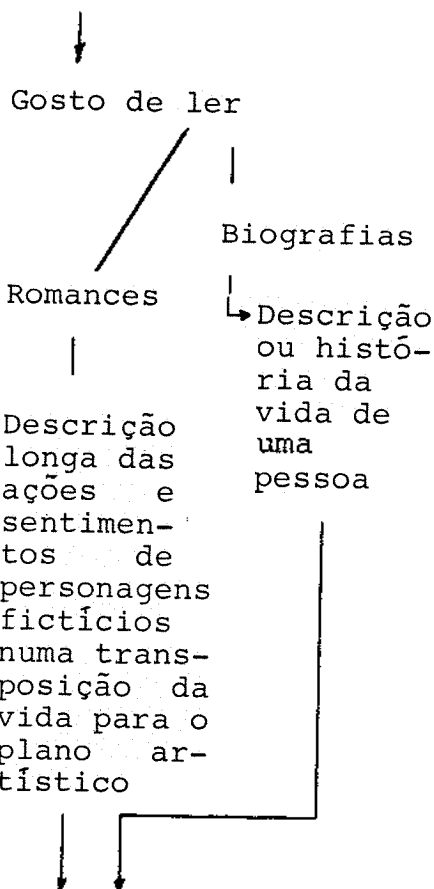
Meu pai e minha mãe

↓
Não se falavam

↑
Me usavam para falar

- E - Lembras o que tu disseste?
- Y - Não. Não sei o que foi. Só sei que o pai gritava muito e dizia que eu não podia falar, que eu tinha era que ficar quieta.
- E - E tu sempre foste quieta?
- Y - Quieta sim. Mas acho que piorrei um pouco com o passar do tempo.
- E - Me disseste que tens um trabalho. Como é ele?
- Y - É legal. Eu gosto. Trabalho com uma porção de gente.
- E - E com eles tu conversas?
- Y - Converso.
- E - Tu me disseste que gostas de ler. O que costumavas ler?
- Y - Gosto de biografias. Leio romances. Leio revistas. Passo os olhos pelos jornais.
- E - Gostas de sair, de passear?
- Y - Eu gosto. Gosto, dependendo das pessoas, da companhia. É bom andar com gente legal. Sabe. Às vezes quando eu saía com a turma da minha irmã eu ficava me perguntando o que é que eu fazia junto com eles. Perdendo o meu tempo. Ouvindo asneiras.
- Um dia eu falei uma coisa
- ↓
- "- - - - -"
- ↓
- Repressão
- ↓
- O pai gritava
- ↙ ↘
- dizia que eu não podia falar
- que eu tinha que ficar quieta
- Para ser digna do amor, era preciso
- CALAR-SE
- ↓
- O Interdito - dito entre os pais -

Interesses



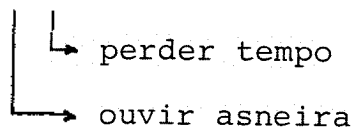
E - Como tu imaginas que a tua família te enxerga?

A vida por procuração

Y - Agora?

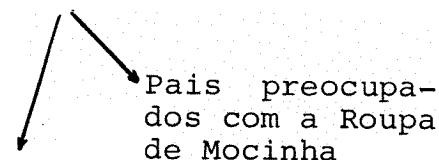
Sair com outros adolescentes

E - Sempre.



Y - Acho que no começo eles achavam que eu era legal. Quando eu entrei na adolescência, a mãe e o pai começaram a dizer que eu deveria usar menos camiseta e calça comprida. Usar mais vestidos e roupas de mocinha.

Y Adolescente



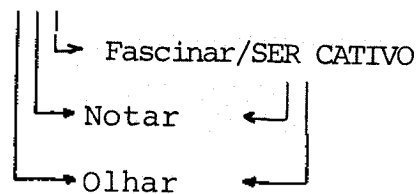
E - E tu?

Y - Eu não falava nada. Mas também não mudava. Eles continuavam falando.

- Filha ideal ≠
- . não brigar Jean Camiseta
- . não questionar
- . não contrariar
- Não falar

- E - Tu te sentes à vontade de jeans e camiseta?
- Y - Me sinto. Mas quando eu vou numa festa eu me arrumo.
- E - O que é se arrumar, Y?
- Y - Eu ponho uma roupa legal, me pinto, ajeito meu cabelo. Me arrumo para que as pessoas me vejam.
- E - Tu gostas de ser vista?
- Y - Nestas ocasiões, sim.
- E - Que sentido tem a vida para ti, Y?
- Y - Desde que eu briguei com o pai e a mãe, eu quero mais sair daquela casa, ir para o meu apartamento. Conduzir a minha vida de outro jeito.
- E - De que jeito, Y?
- Y - Eu gostaria de continuar junto com os meus pais. Mas acho que eles não querem ficar junto comigo. E depois da briga então ficou tudo muito mais difícil. Eles me aceitaram só até o momento em que eu não tinha contrariado eles.
- E - Mas pais e filhos costumam discutir e até mesmo brigar, às vezes.
- Y - Mas é diferente quando a gente ouve que tem idade para

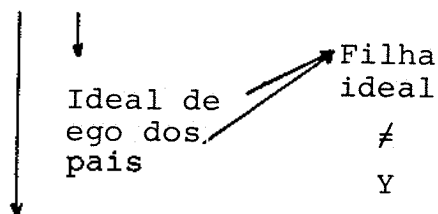
"Eu me arrumo para que as pessoas me vejam"



Estádio do Espelho

As primeiras vivências dão o corpo como despedaçado e que encontra a sua unidade em um outro, com o qual se emparelha e se confunde.

Sentido da Vida



CONDUZIR A MINHA VIDA DE OUTRO JEITO

Eu queria ficar junto - Eles não querem

Eles me aceitaram (SÓ) enquanto não falei

CONTRARIAR

trabalhar, sair de casa e se virar.

Dizer com palavras

E - Isto foi o que eles te disseram?

dizer até com Palavras

Y - Não com estas palavras _____ ou até com palavras. Eles falam até mesmo por mim! Hoje mesmo a mãe teve uma conversa comigo - E me disse o seguinte:

Existe um discurso muito mais eloquente que permeia a relação entre pais e filhos. Este discurso habilita/ou Não o Filho a

- Eu sei que tu não queres mais conviver conosco, falar conosco. Eu até entendo ... Mas a tua irmã não está entendendo.

Ser o sujeito da Frase

E - E era isto o que tu querias dizer?

Assumir o Seu Lugar

Y - Não. É claro que não.

FALAR

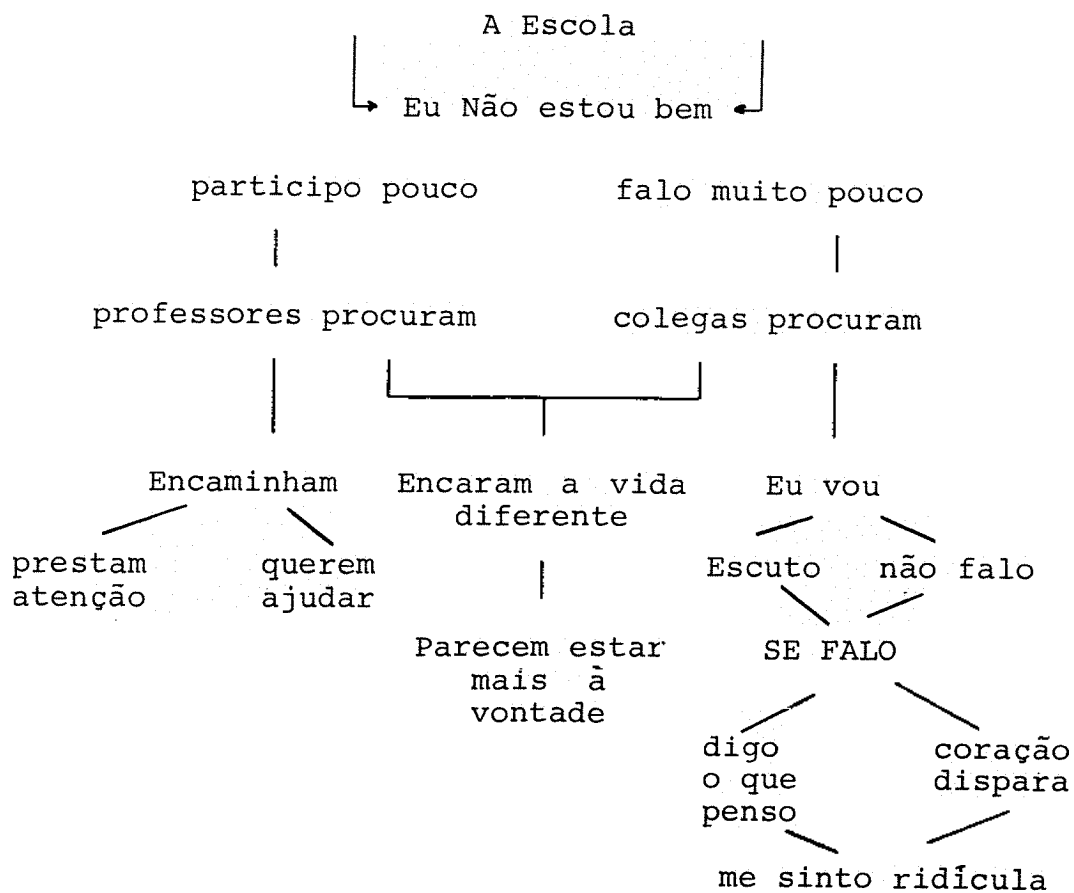
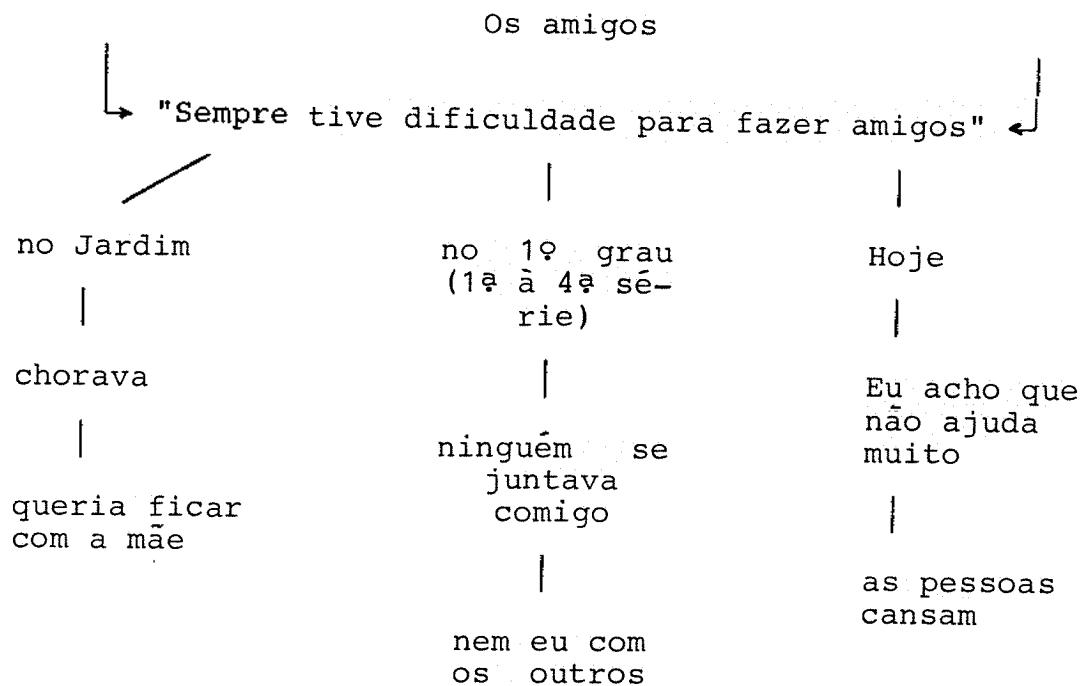
E - E por que tu não explicaste?

Restituir a palavra perdida implica

Y - Porque não valia a pena. Ela já havia dito. Bastava ela falar. Já estava estabelecido.

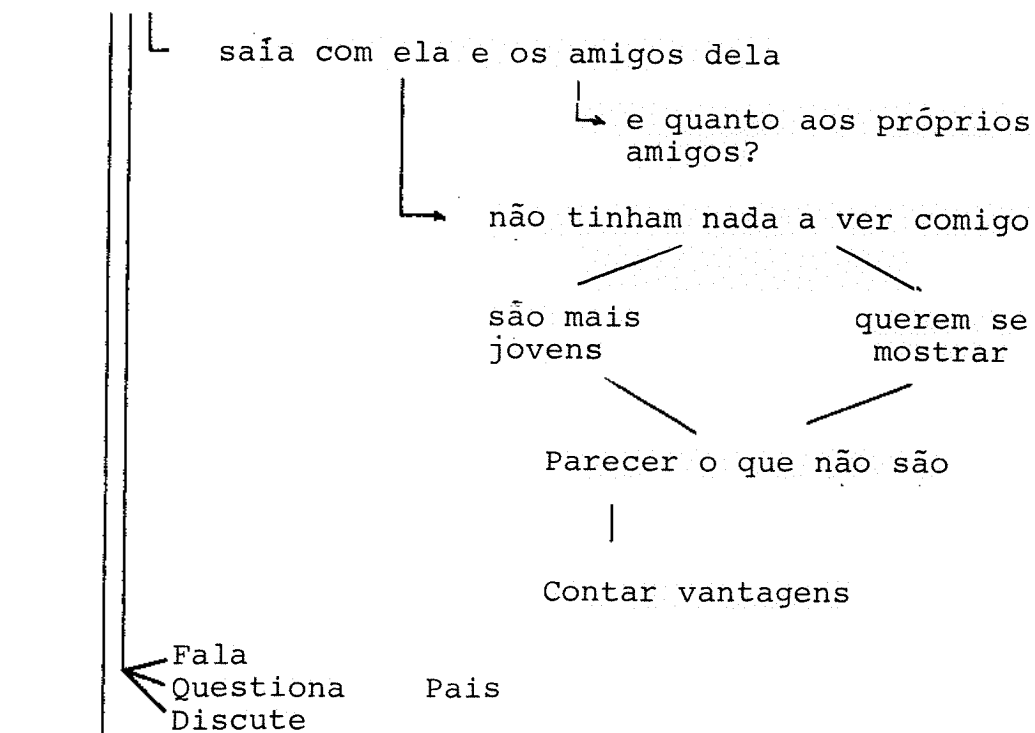
Nascer de Novo
Querer Viver

Análise do conteúdo



Relacionamento com a Família

Com a Irmã



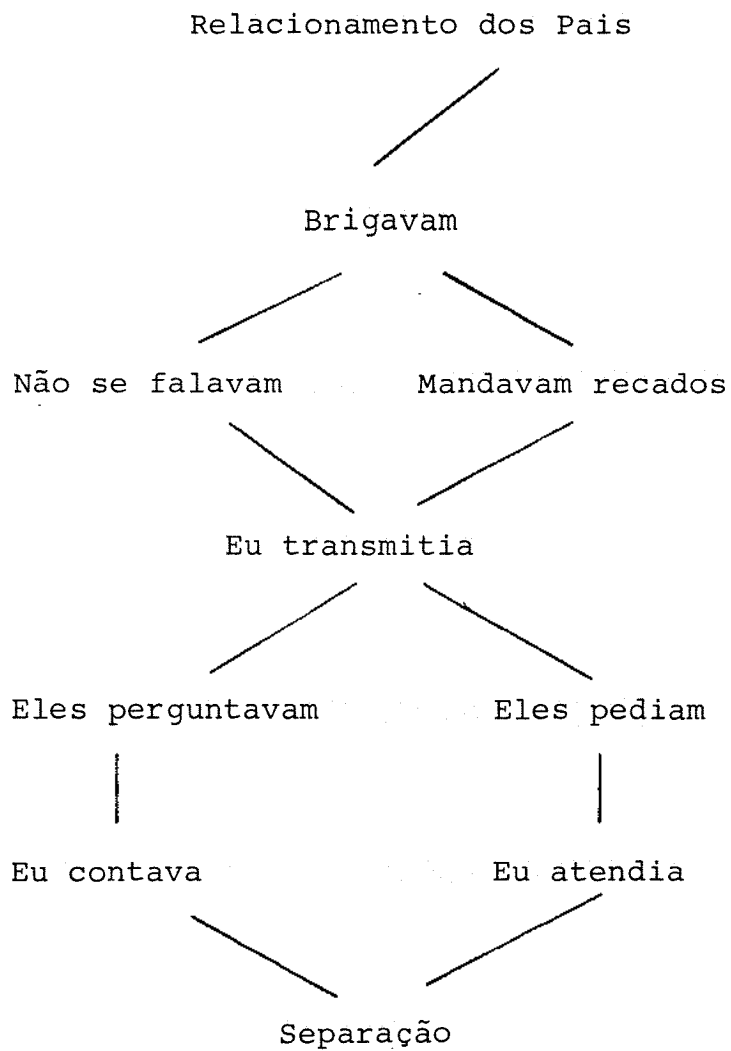
Hoje

Falo só o essencial

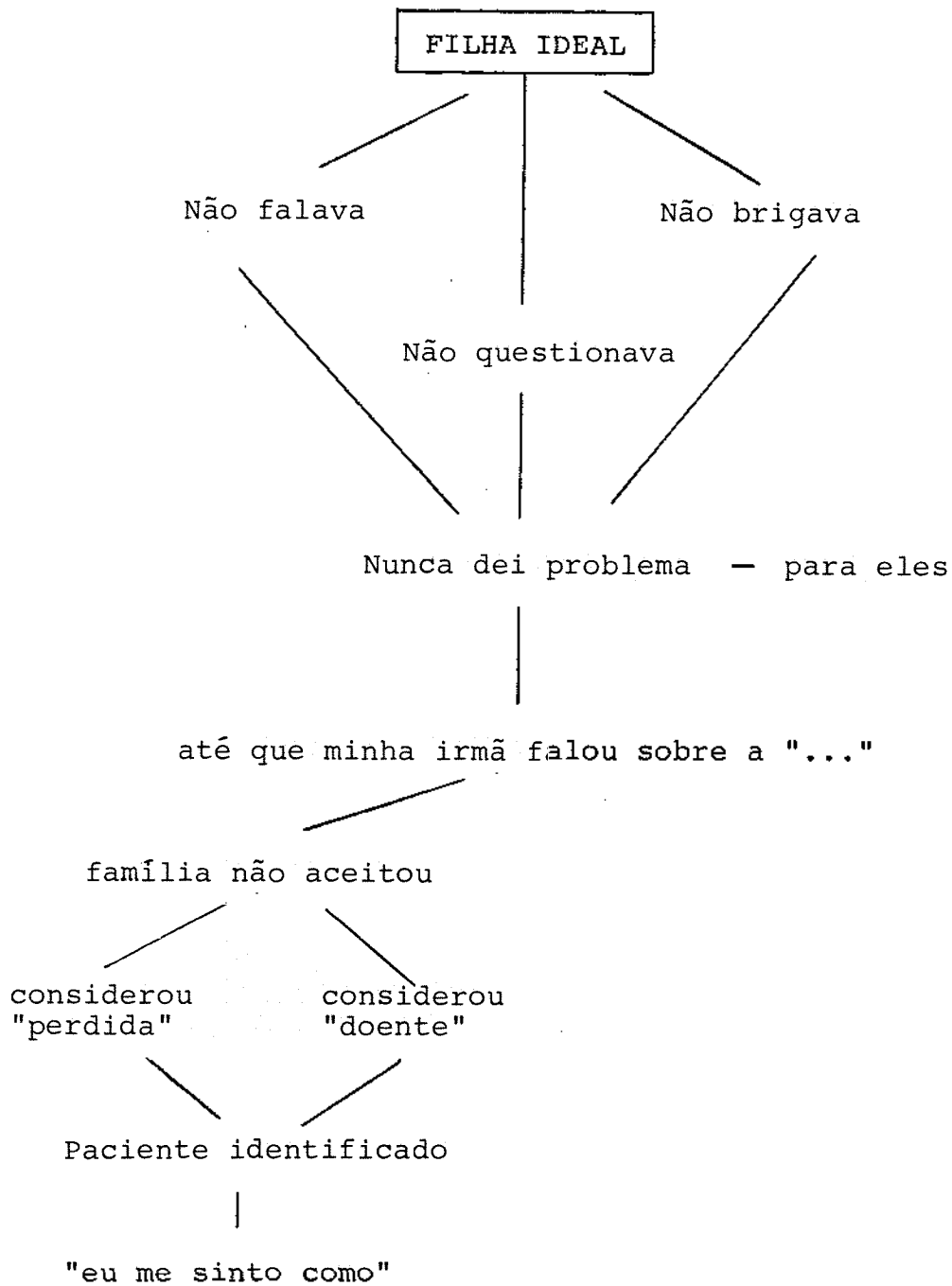
Muito embora

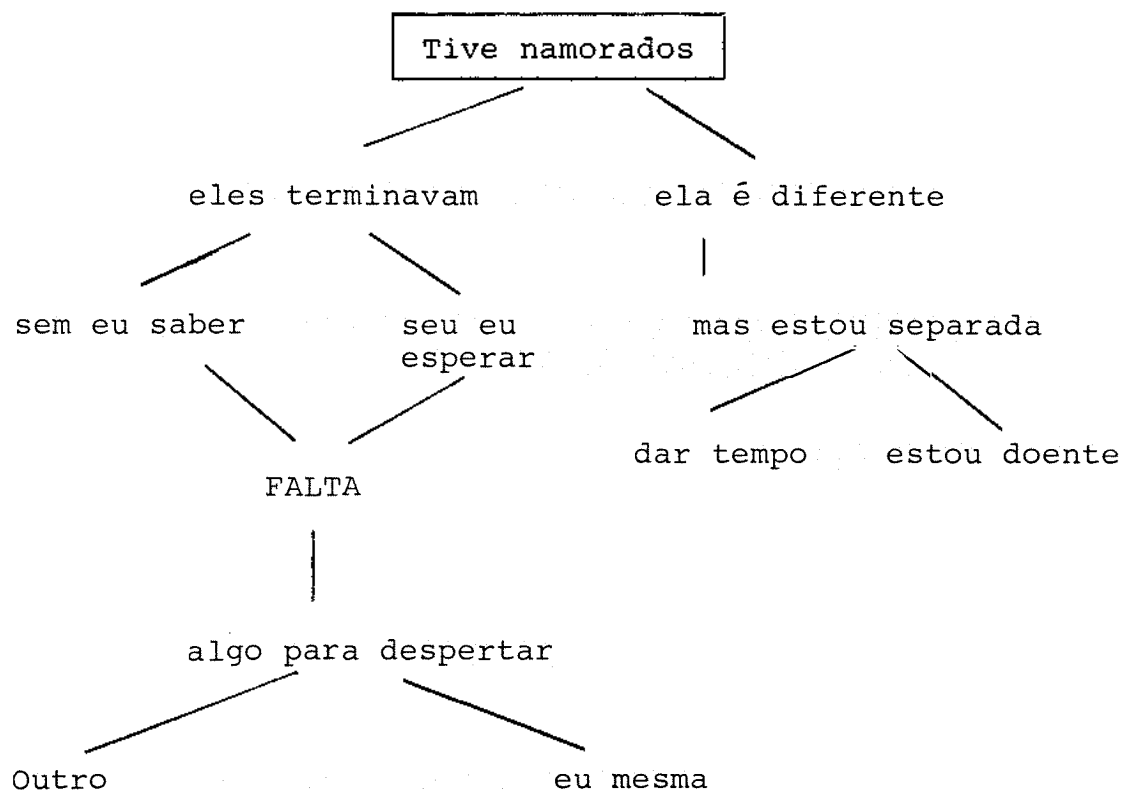
moremos repartamos
na mesma o mesmo
casa quarto

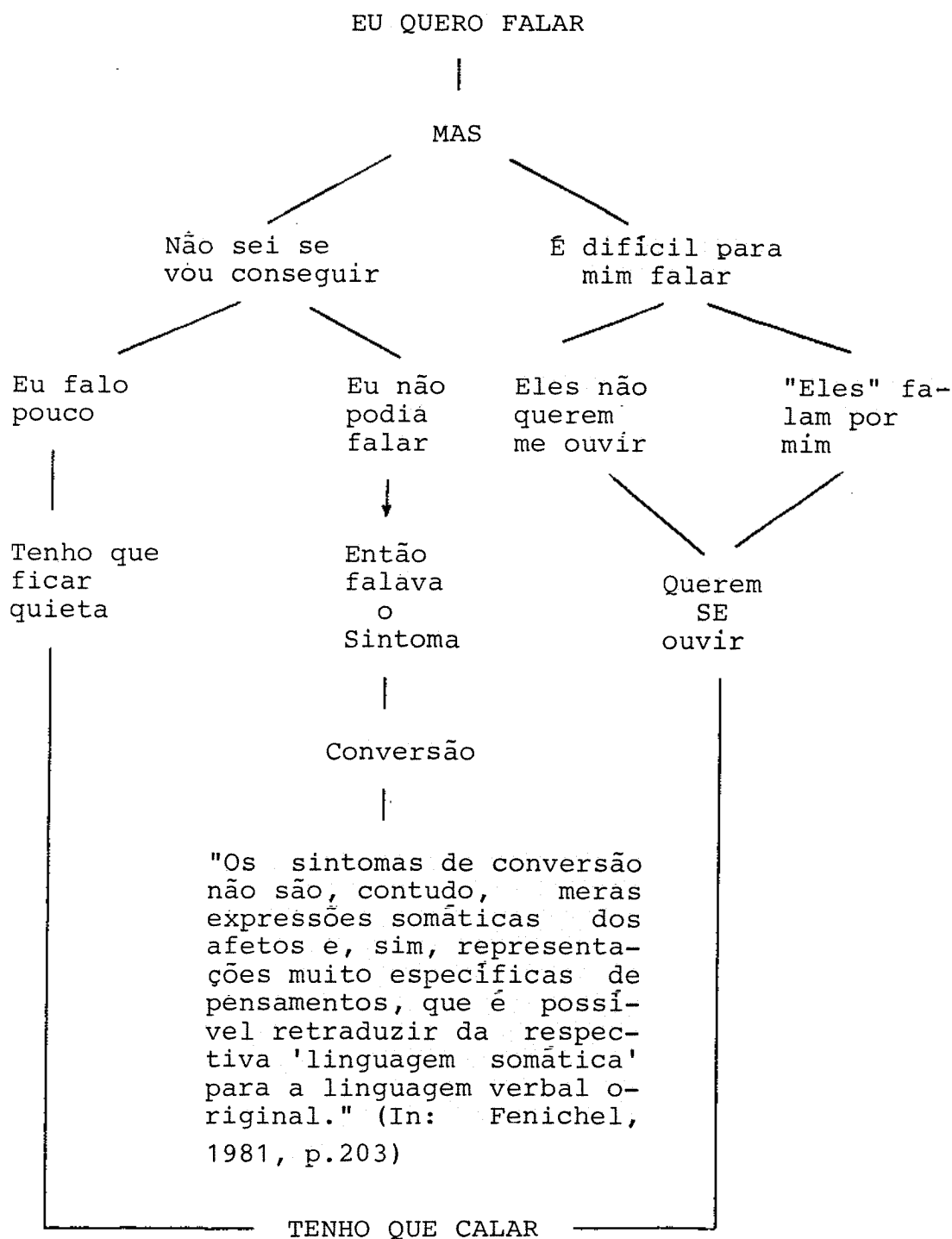
qual é o espaço vital
de onde este Sujeito
fala?

Com os Pais

Com os Pais



Relação de Y com namorados



"Quer dizer que na relação do Imaginário e do Real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disto, tudo depende da situação do Sujeito. E a constituição do Sujeito - vocês devem sabê-lo desde que lhe repito - é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou em outros termos, no mundo da palavra. É deste lugar que depende o fato de que tenha direito ou defesa de se chamar ..." Y (In Lacan, Sem.1, p.97)

A MÃE DE Y (J)

ESTRUTURAS
SIGNIFICANTES

A história da dupla parental até o casamento

J - Eu conheci o meu marido quando eu tinha 18 anos. Começamos a namorar e tudo transcorreu normalmente.

CONHECI - com 18 anos

Namoro Normal

E - O que a senhora quer dizer com "normalmente"?

Sem Alteração

J - Sem nenhuma alteração. A senhora sabe como é, quando a gente é jovem nem sempre a gente se dá conta das coisas.

"a gente não se dá conta das coisas"

E - Que coisas, por exemplo?

J - O meu marido é alcoólatra. Mas a senhora sabe, eles disfarçam muito bem. A mãe dele ajudava muito. Não me deixavam ver.

Alcoolismo

E - Ele não aparecia alcoolizado perto da senhora?

Eles disfarçam → Não me deixavam ver
A mãe ajudava →

J - Sabe como é. Naquela época, o namoro era muito diferente. A gente se via só nos fins de semana e ele se controlava. Às vezes acontecia dele tomar além da conta, mas como não era sempre eu não via aquilo como um sinal de que ele costumasse se embriagar.

Relação Mãe/Filho

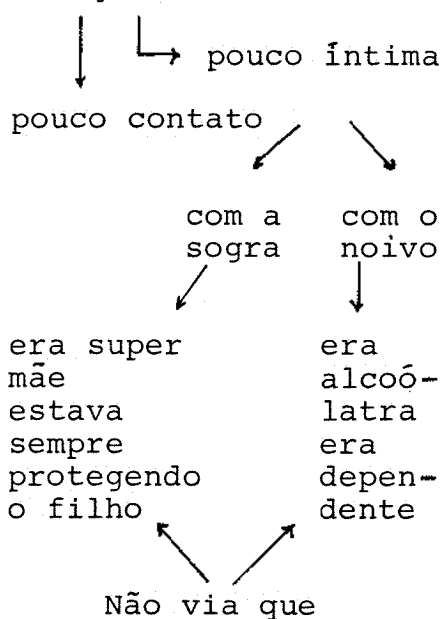
E - Nem durante o noivado a senhora não se deu conta?

J - É como eu já lhe disse. Talvez eu tenha visto, mas eu não quis enxergar. Ver ≠ Enxergar

E - E com a sua sogra, como era a sua relação?

J - Naquela época era boa. Eu tinha pouco contato. Era uma relação muito pouco íntima. Eu ia lá, fazia uma visita e saía logo em seguida. Também ali eu não me dei conta que ela era uma super mãe. Que estava sempre protegendo o filho, desculpendo o filho ...

Relação Boa



E - E quanto ao pai do seu marido, o que a senhora observava?

J - Ele já era falecido. Morreu quando meu marido ainda era muito pequeno. Ele lembra muito pouco do pai.

E - E a sua família?

J - Meus pais moravam para fora. Moravam no interior, eu vim para a casa de uma tia para estudar e trabalhar. Mas eu só consegui terminar o ginásio. Depois comecei a trabalhar no comércio e hoje tenho esta firma pequena.

Pais Interior



E - Por que a senhora saiu da casa de seus pais?

J - Porque lá não tinha mais escola e se eu continuasse com eles, meu futuro seria o de minha mãe.

E - A senhora hoje trabalha por conta própria?

J - Sim, eu tenho a firma de produtos de limpeza. A gente trabalhou duro mas felizmente conseguimos adquirir alguma coisa.

E - A senhora está casada há quanto tempo?

J - Vinte anos.

E - E o início do seu casamento como foi?

J - O início foi tranqüilo, apesar de alguns atritos que surgiram antes da gente casar pois o meu marido queria ficar morando com a mãe dele. Eu não queria. Insistia em ter a minha casa. Eu já morava de favor, queria poder ter as minhas coisas, poder arrumar as coisas como eu quisesse. É diferente quando a gente fica na casa de outra pessoa. É claro que eu teria o meu quarto, poderia usar a casa, mas nunca seria a minha casa.

Consegui convencer o M. Mas o que eu não sabia é que por trás a mãe dele insistia em que a gente fosse morar com ela.

TRABALHAR

┌ hoje por conta
└ própria
┌ produtos de lim-
└ peza

o que se propõe

LIMPAR?

Início tranqüilo

apesar dos atritos

PORQUE

morar

com a

mãe dele

morar

sozinha

- . deixar de morar "de favor"
- . ter as minhas coisas
- . ter a minha casa

Por trás, a mãe dele insistia ...

Eu não entendia que era difícil sair de perto da mãe dele.

Naquela época eu não conseguia entender que era difícil para o meu marido sair de perto da mãe dele. Ela também não ajudava nada, para que ele conseguisse.

Fomos para perto dela. Ela ia muito na nossa casa e aí comecei a observar que em verdade ela me fiscalizava, me controlava. Queria saber onde eu ia, o que eu fazia, o que eu cozinhava, olhava para ver se a roupa dele estava bem arrumada. Eu ainda trabalhava, ele também. Só que aí comecei a observar as bebedeiras. Bebia, ficava mal, vomitava, eu passava a noite atendendo, no dia seguinte ele perdia o trabalho. Eu chegava atrasada. Comecei a perder a paciência, começamos a brigar. Eu queria que ele se tratasse. A mãe dele não. Achara que se ele quisesse e fosse ajudado por ela e por mim ele pararia de beber.

Nesse meio de tempo transferiram ele para _____. Fazia um ano que a gente estava casado. Fomos morar sozinhos. Mas o M sofria muito, era dependente demais.

Quando estávamos com um ano e cinco meses de casados nasceu a Y.

E - Nesta época seu marido ainda bebia?

J - Logo que ela nasceu ele prometeu que não ia mais beber. Parou uns tempos, mas em seguida, a senhora sabe, eles recomeçam.

Moramos perto da Mãe dele

ela me fiscalizava
ela me controlava

SERÁ?

SER FISCALIZADA ≠ SENTIR-SE FISCALIZADA

Enxerguei o alcoolismo

bebia
ficava mal
vomitava
perdia o trabalho

Brigava "queria que ele se tratasse"
"comecei a perder a paciência"

Transferência de cidade

O M sofria
Era dependente demais

de quem?

mãe?
bebida?
mulher?

E - Como era a Y quando bebê?
 J - Querida. Mas não brincava. Não se afinava com os outros bebês.

E - Mas como nenê, como era Y?

J - Um bebê muito calmo. Não chorava, não reclamava. Era tranqüila. Eu é que não era tranqüila. Eu chorava muito. Brigávamos muito. O _____ bebia cada vez mais. Foi despedido. Eu não trabalhava mais. Ficamos sem dinheiro e tivemos _____ que voltar para cá.

Moramos dois anos em _____. Quando a gente voltou fomos obrigados a ir morar com a minha sogra.

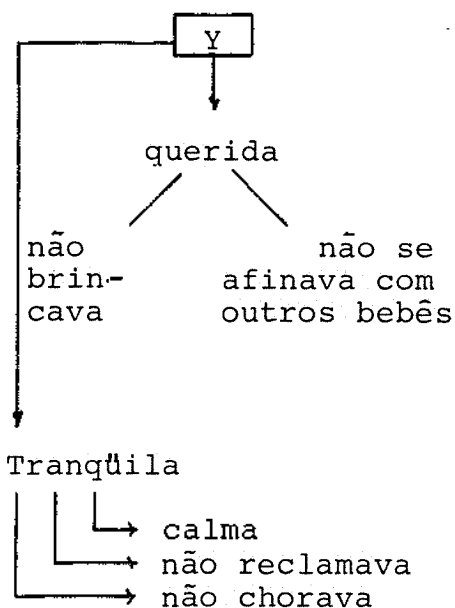
A Y tinha quase dois anos. Minha sogra agia como se a criança fosse filha dela. Achava que tudo o que eu fazia deveria ser feito de outra maneira. Eu estava grávida de novo. Nasceu a minha segunda filha.

E - E a Y como era?

J - Muito quieta. Não brincava com outras crianças quando eu levava ela na praça. Queria ficar comigo, com os adultos. Recusava os brinquedos, queria estar sempre grudada em mim.

Isto ficou mais forte depois que a irmã nasceu. Eu não conseguia dar uma saída, por menor que fosse, que a Y chorava. Chamava a atenção até.

Levei na psicóloga da firma que M trabalhava. Ela recomendou pôr a Y na Escola. Achava que ela precisava ter oportunidade de brincar com outras crianças.

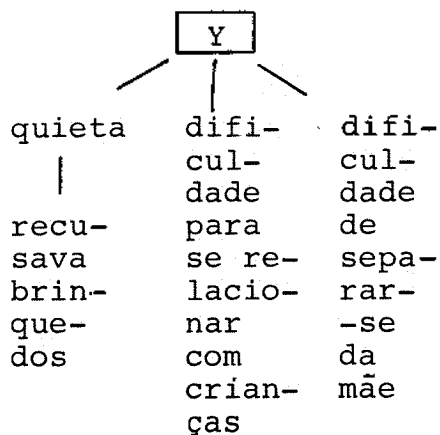


Eu chorava

brigávamos
 bebia
 foi despedido

Morar com a sogra

Y tinha 2 anos
 Nasceu minha 2ª filha



No outro ano botei no colégio, foi para a Maternal, tinha 3 anos.

Foi um período difícil. Ela no início chorava muito, não queria separar-se de mim.

Depois parou de chorar. Ia para o colégio. Não reclamava. Mas eu não enxergava a angústia daquela criança que não permitia que ela chorasse.

Ela não dizia que não queria ir, mas sofria para suportar.

E - E por que a senhora diz isto?

J - As professoras consideravam ela um amor de criança. Ela era educada. Mas hoje eu vejo que ele estava era em pânico. Apanhava muito dos colegas. Não reagia. Ela era uma vítima do massacre.

Quando chegou na 1ª série resolvi trocar de colégio. Podia ser que melhorasse.

Y era muito quieta

(MAS)

chorava para separar-se da Mãe
queria estar "grudada"

Chamava atenção

Psicóloga

entrar para a Escola?

→ Teria sido esta a Prescrição?

3 anos → Maternal

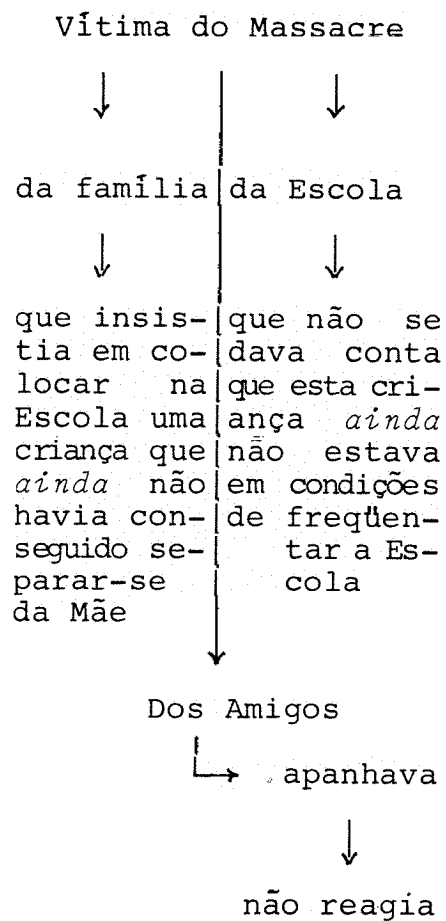
período difícil

"chorava"
"não reclamava"

"sofria para suportar"

"as professoras consideravam um amor de criança educada em pânico"

EU NÃO ENXERGAVA A ANGÚSTIA DAQUELA CRIANÇA



E - Mas no Jardim nunca lhe chamaram para conversar sobre a Y?

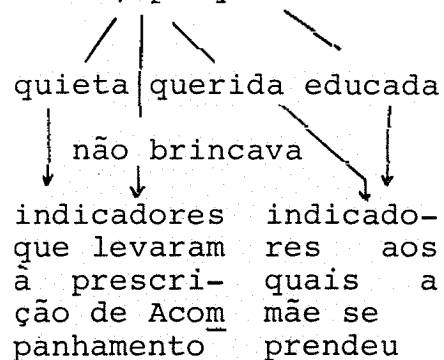
J - Chamaram. Disseram que ela era muito quieta. Que ela não brincava. Mas disseram também que ela era uma criança querida, educada.

E - Não sugeriram nenhum procedimento?

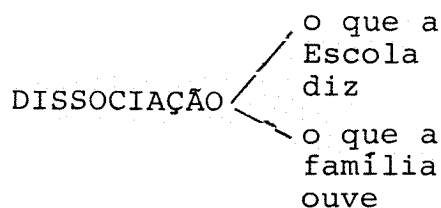
J - Que procedimento?

E - Não recomendaram nenhum atendimento?

A Escola chamou a Família, porque Y era

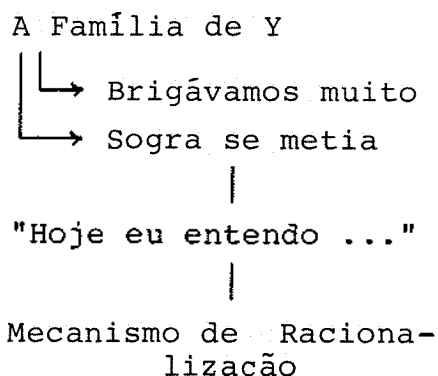


J - Sugeriram que ela fosse levada a uma psicóloga, mas daí eu resolvi levar para uma outra escola. Porque eu achava que ela tinha medo dos colegas e talvez com outras crianças fosse melhor. Levei para o colégio _____. Era um colégio que só tinha meninas.



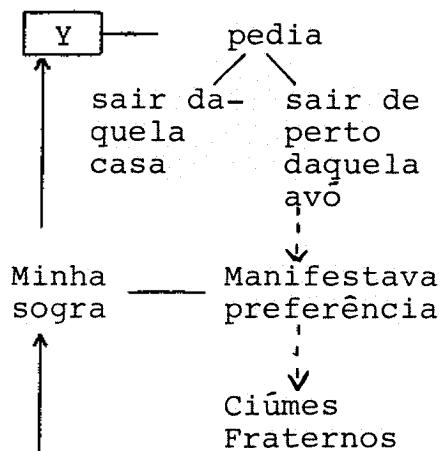
E - E quanto à sua família, como estavam as coisas?

J - A gente brigava muito. Meu marido bebia. A sogra se metia. Hoje eu entendo, estou mais velha. Não é porque a minha sogra já faleceu que eu penso isto, mas na verdade o comportamento dela era um excesso de zelo por ele e por nossos filhos.



E - E a Y como reagia?

J - Pedia para sair daquela casa. Acho que a presença da avó incomodava muito.



E - Por que a senhora diz isto?

J - Porque eu sentia que a mãe do meu marido tinha preferência pela minha outra filha. A tal ponto, que a minha sogra chegou a propor que a gente fosse embora, mas deixasse a _____ morando com ela (filha mais moça).

falar pelo outro
falar no lugar do outro

E - Ela não tinha outros filhos?

J - Tinha. Mas os outros todos já haviam saído de casa.

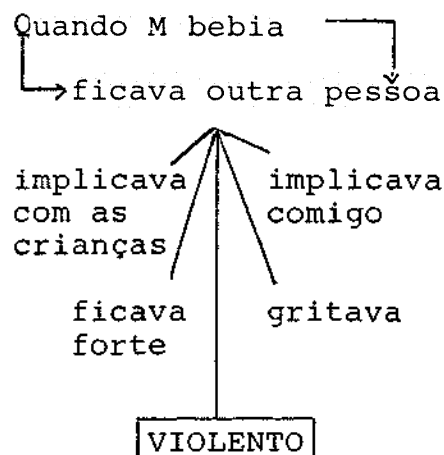
Um dia eu estava em casa e o meu marido saiu. Voltou completamente embriagado. Nestes momentos ele ficava outra pessoa. Implicava com as crianças. Comigo. Eu procurava sempre pôr as crianças para dormir para que não vissem o pai naquele estado. Às vezes eu não conseguia esconder. Íamos levando a vida, até que neste dia ele chegou e já começou a gritar, a incomodar. Nestas horas ele ficava muito forte.

Começamos a brigar, ele começou a gritar e pela primeira vez ele me bateu. A mãe dele assistiu e disse que eu é quem havia provocado.

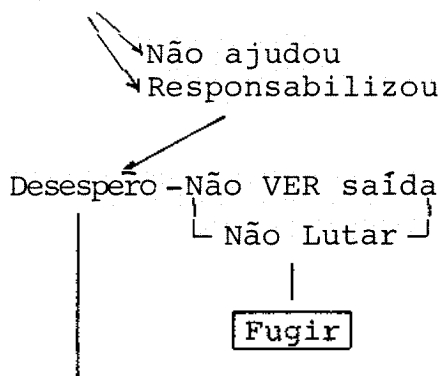
Eu fiquei desesperada. Não via saída. Resolvi sair daquela casa. Esperei ele cuidar aquela bebedeira e disse que se ele não fosse se tratar e a gente não sáisse daquela casa eu ia embora. Ele não acreditou. A Y estava com 7 ou 8 anos. Fugi de casa.

Fiquei uma noite fora. Não agüentei e voltei.

Ele então concordou em morar perto da mãe. Eu por mim ia para bem longe. Mas consegui sair da casa da minha sogra. Recomeçar a minha vida. Pôr o meu marido em um tratamento.



A mãe assistiu ele bater-me



Precisava sair daquela casa

DORMIR ⇒ Não Saber

↳ Não ver

"eu punha as crianças para dormir"

Mãe Fugiu

↳ passou uma noite fora

↓

"não agüentei"

"voltei"

E - E quanto a Y?

J - Estava no colégio. Fui chamada, de novo recomendaram um tratamento. Vi que não adiantava fugir. Procurei ajuda, mas a psicóloga disse que era indispensável a presença da família para prosseguir o tratamento. A avó e o pai se recusaram a ir. Só eu me mostrava disponível, mas eu também desisti porque foi bem na época em que a gente saiu da casa da minha sogra.

Troquei de colégio de novo. Ela estava na 4ª série. Neste ano as coisas se acalmaram um pouco. Ou pelo menos não me disseram nada na Escola. Ela conseguiu uma amiga. Na 5ª série ela foi reprovada. Na 6ª série eu fui chamada no colégio porque ela estava doente. Quando cheguei no colégio eles já tinham levado para o HPS. Eu queria ir para lá mas não me deixaram.

E - O que aconteceu com ela?

J - Ela teve um ataque. Ficou toda torcida. Eu não cheguei a ver mas me disseram que ela teve uma convulsão.

E - E mesmo assim a senhora não foi para o Pronto Socorro.

J - Sim, me disseram que era melhor eu esperar no colégio que as professoras levariam ela.

Y estava no colégio

Recomendaram tratamento

Psicóloga

avó > recusaram Mãe
pai >

ajuda
na
forma
mani-
festa

aban-
dono
forma
la-
tente

TROCA DE ESCOLA

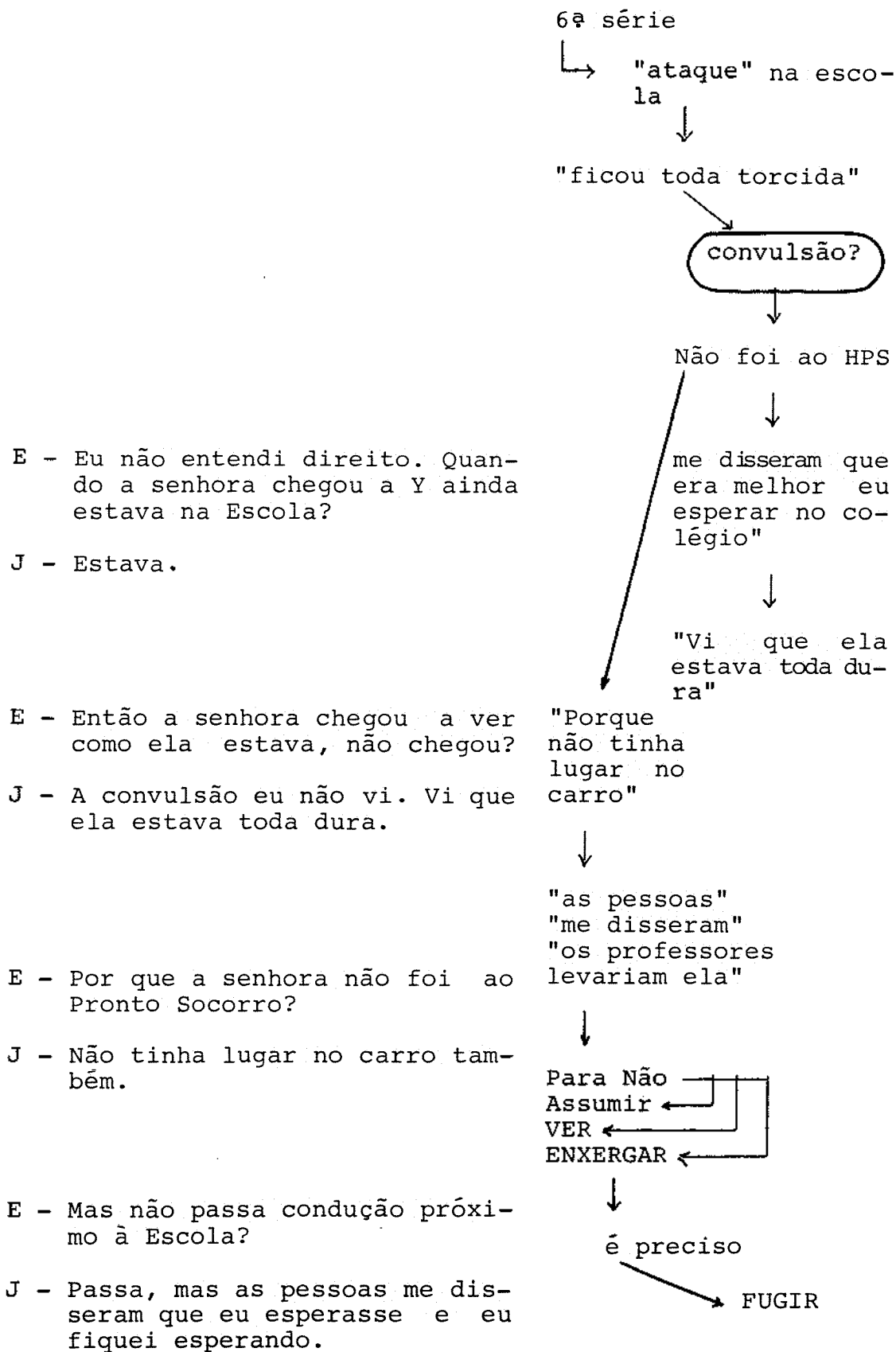
4ª série

↳ conseguiu
uma amiga

5ª → rodou

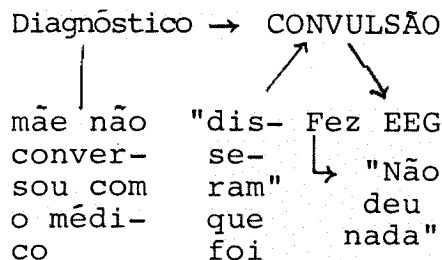
↓
perdeu a "amiga"

A mãe reedita a conduta já evidenciada na Pré-Escola, diante da explicitação das dificuldades da filha por parte da Escola = troca de colégio.



E - E o que aconteceu?

J - Quando ela voltou me disseram que ela tinha tido uma convulsão e que era preciso fazer uns exames.

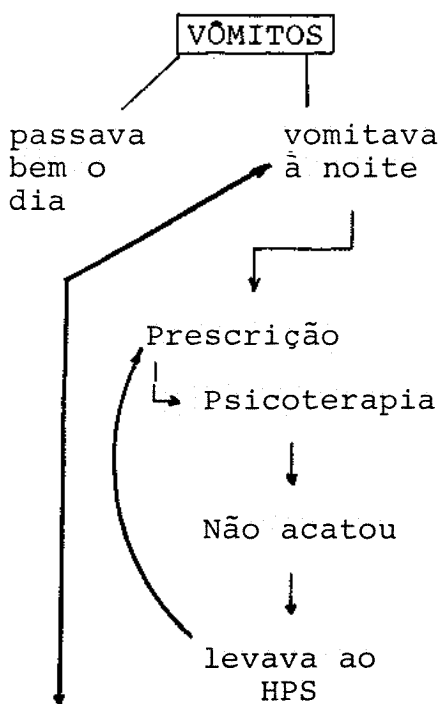


E - A senhora conversou com o médico que atendeu a Y no Pronto Socorro?

J - Não. Mas eu levei ao médico, fiz eletro e não deu nada.

E - E as convulsões passaram?

J - Passaram, mas daí começaram os vômitos. Passava bem o dia e de noite começava a vomitar. Fizemos todos os exames e não acusou nada. Aí o médico recomendou um psiquiatra.



E - E a senhora procurou?

J - Não

"à noite o meu marido voltava para casa embriagado. Ficava outra pessoa..."

E - Alguém mais em casa tem ou teve ataques?

J - Não.

Identificação ao Sintoma do Pai?

E - E quanto ao seu marido?

J - Continuava bebendo.

E - E o que vocês faziam quando ela tinha crises?

J - Levávamos para o Pronto Socorro.

E - E a Escola, como ela ia na Escola?

J - Foi reprovada de novo. Perdeu muita aula por causa dos exames que precisava fazer. Mas a senhora sabe de uma coisa? Há pouco tempo ela me disse que ela é que provocava aqueles ataques.

Y na Escola

reprovada na 6ª série

"por causa dos exames"

OU

porque não recebeu atendimento recomendado

E - Na Escola ela tinha crises?

J - Não. Só teve a primeira.

E - Como é que está o pai hoje?

Pai → conduta paranoica

J - Bem, o ano passado ele começou com uma história que queriam matá-lo. Uma coisa horrosa. Chegou a um ponto que não saía mais para a rua.

"queriam matá-lo"

não saía mais para a rua

E - E o que a senhora fez?

J - Foi internado. O médico diz que é necessário manter com medicação sempre.

INTERNAÇÃO

E - E como ele ficou após sair do hospital?

J - Mantém o tratamento, mas ainda acha que quiseram matá-lo.

E - Como foi a adolescência de Y? Y Adolescente

J - Ela sempre foi muito quieta. Era uma filha que não dava preocupação, a não ser estas situações de doença.

Agora, o ano passado surgiu um problema. Esta situação com uma menina. E a gente foi bem claro: Ou tu deixas esta moça ou tu sai da nossa casa.

E - Vocês conversaram com Y?

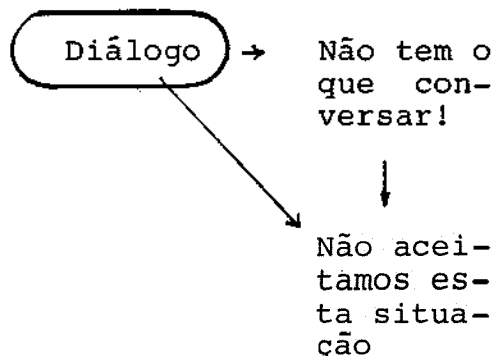
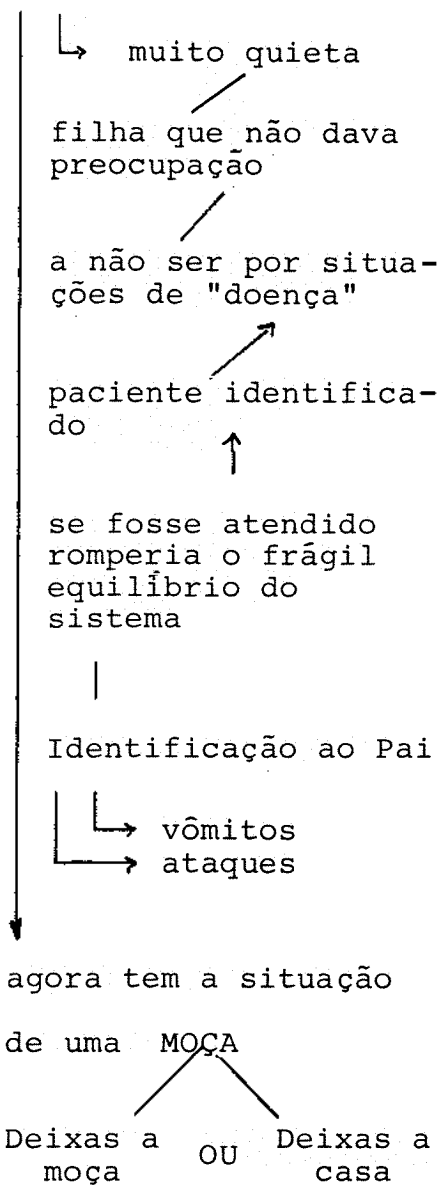
J - Isto não tem muito o que conversar. A gente tinha que deixar bem claro que não aceita esta situação e se ela insistir ela tem que deixar a nossa casa.

E - E para onde a Y poderia ir?

J - É claro que a gente não poria a Y na rua mas precisávamos acabar com esta situação.

E - E acabaram?

J - Acho que sim.



E - E o relacionamento de Y com vocês, como ficou?

J - Ela não é muito de falar. Nunca foi. Acho que agora está falando menos ainda. Agora tem uma coisa: ela está sendo encaminhada pela orientadora da escola para uma psicoterapia. Eu já tive uma entrevista com a psicóloga, junto com ela, e ela vai ao consultório, por enquanto uma vez por semana.

E - Por que a senhora foi chamada à Escola?

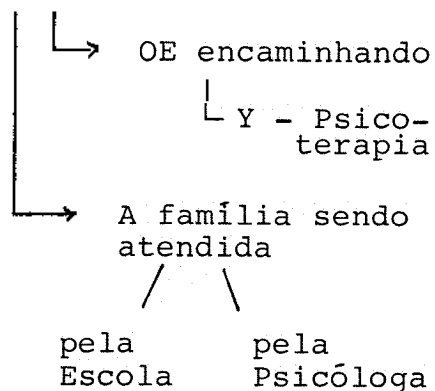
J - Fui chamada porque a Y é uma menina muito retraída e a orientadora queria conversar sobre a Y. A Y me disse que a orientadora já vinha conversando com ela.

Filha muito quieta mas que na única vez em que quis conversar não houve diálogo; houve



AMEAÇA

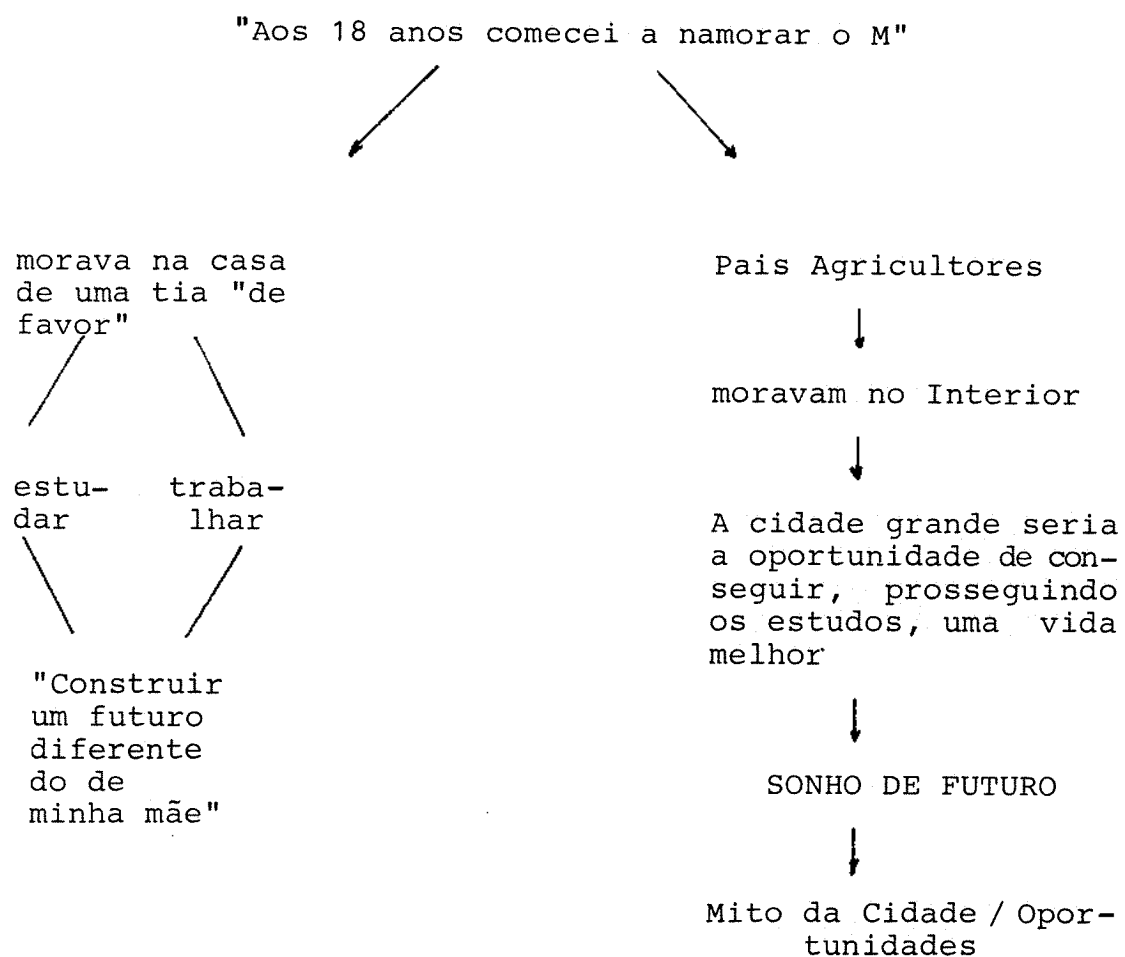
ESCOLA



A Escola oferece a Y a chance de viver, mas é preciso que Y queira VIVER.

Análise do conteúdo

O Namoro dos Pais de Y



No Namoro tudo transcorreu normalmente



SEM ALTERAÇÃO

"quando se é jovem, a gente não se dá conta das coisas"

"Meu marido era alcoólatra"

"Minha sogra era super mãe"

ele se controlava \Leftarrow SEGREDO FAMILIAR \Rightarrow ela escondia



Usuário social?

"Eu via mas não queria enxergar"

Diz Cabala:

"o que está descoberto atrai a visão; o que está obscuro, atrai o saber."

CASAMENTO

As motivações que levam as pessoas ao casamento, sustentam sua perpetuação e lhe conferem a feição particular, são em sua maior parte INCONSCIENTES.

↳ Raramente é possível saber, questionando-se diretamente, os motivos que levam uma pessoa a ligar sua vida a outra.

eu tinha uma boa relação

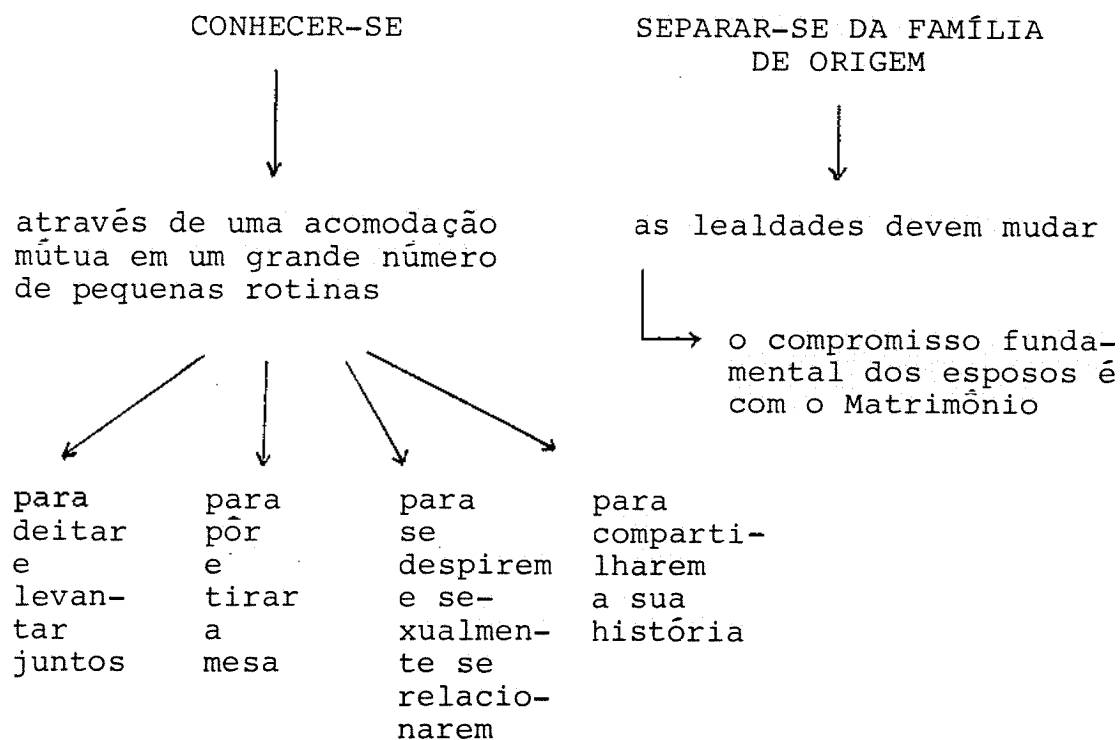
pouco
contato

"a gente se via
só nos fins de
semana"

pouco
íntima

"fazia uma vi-
sita e logo
saía"

Ao escolher-se como Homem e Mulher, e unir-se, o novo casal precisa



Diz a Bíblia: "Deixarás teu pai e tua mãe e te apegarás à tua mulher" - aqui se associam afeição e sensualidade.

- eu queria ter a minha casa
- M queria ficar morando com a mãe

os pais devem aceitar e apoiar esta ruptura.

Eu não quis enxergar ...



Eu não me dei conta ...



O que eu não sabia ...



O que eu não conseguia entender ...



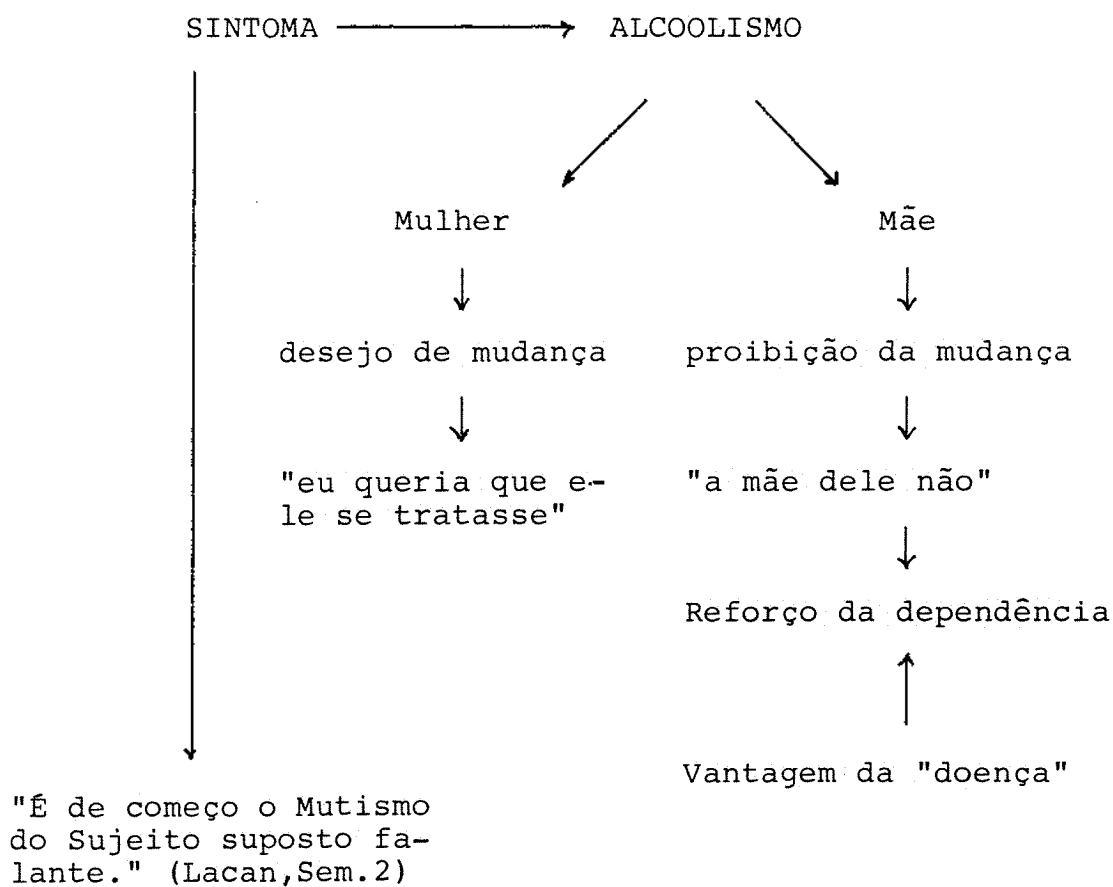
A dialética da resistência



da repetição se atualiza

Muitas vezes, no casamento, o aspecto repetitivo é impressionantemente literal. Por exemplo, filhas de alcoólatras terminam casando-se com homens etilistas ...

"Qualquer que seja a idade do paciente e quer ele more ou não com a família, os comportamentos toxicomânicos estão diretamente relacionados com a sua família, bem como com a alternativa entre a simbiose e a separação." (Olivienstein, *Vida do Toxicômano*, p.43)



O Nascimento de um bebê caracteriza uma mudança radical na organização familiar.

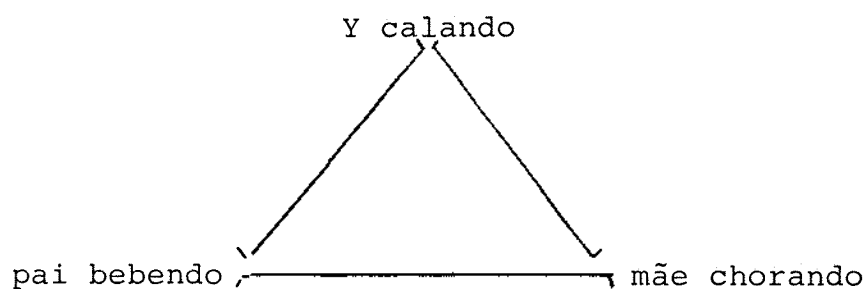
→ o pai terá que lutar com o sentimento de perda, até que a família, encontrando um lugar para ele, criar um novo relacionamento a três



COMO ESTE PAI PODERIA ELABORAR ESTA PERDA
(SE) ainda sofria e não conseguia separar-se da mãe?

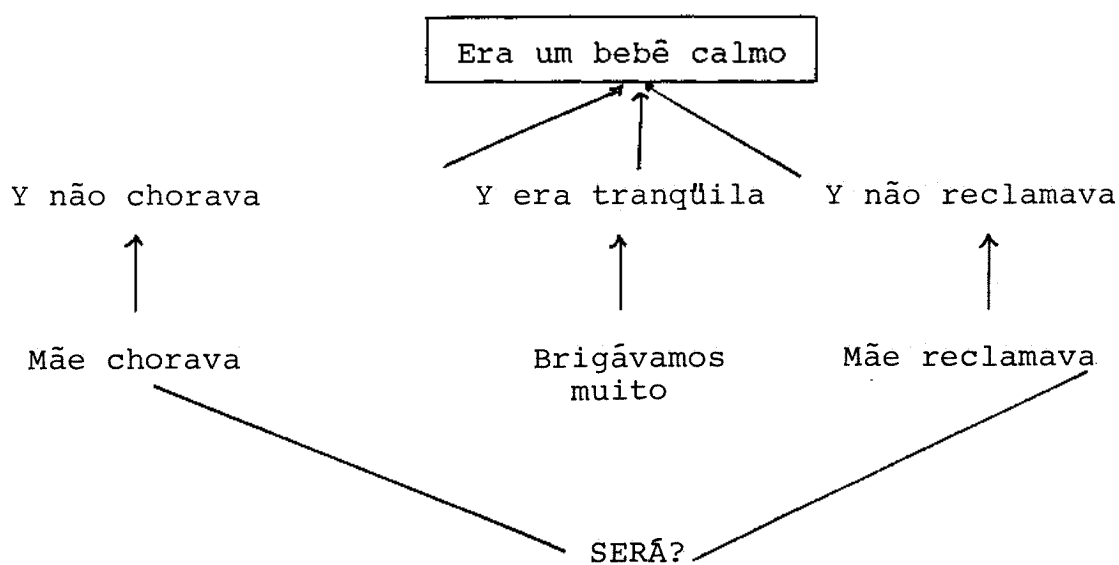
↓
Por esta época o casal brigava muito.

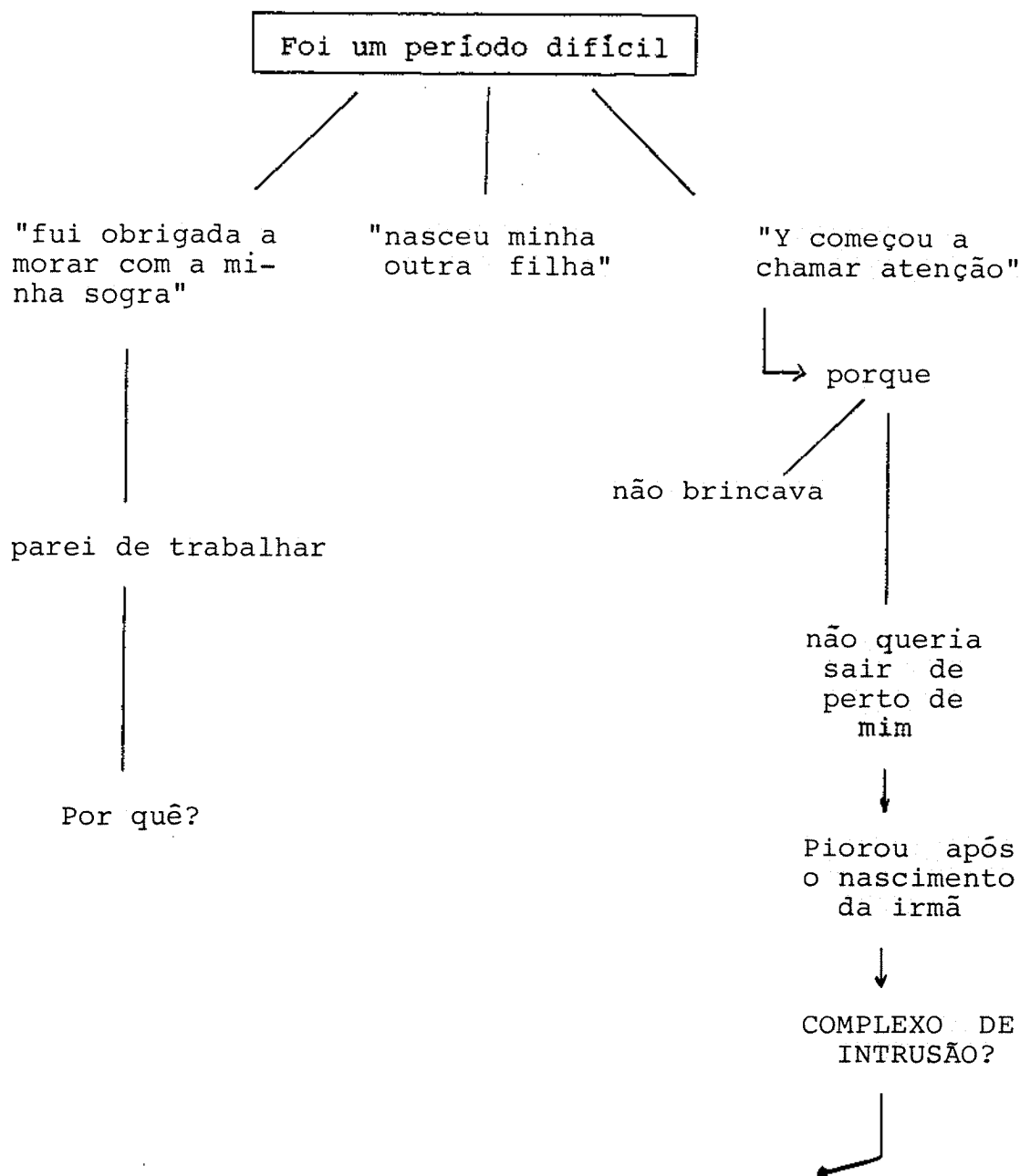
Antes que se estabeleçam as relações que sejam propriamente humanas, certas relações já estão determinadas.



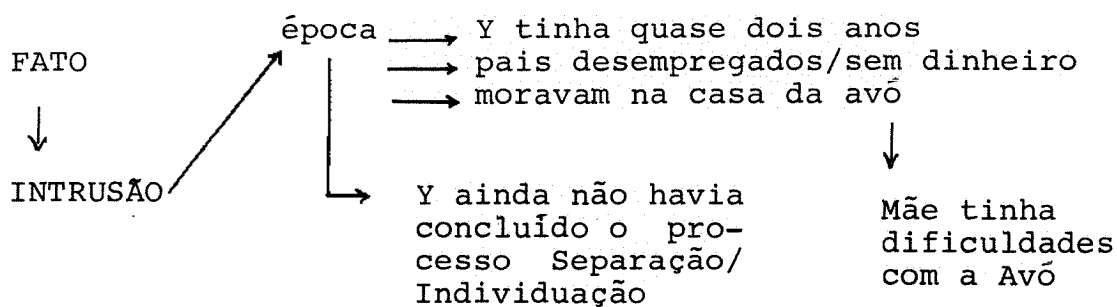
O triângulo de vértices partidos dá conta da situação de Y, onde:

- o pai bebia
- a mãe chorava
- os pais brigavam

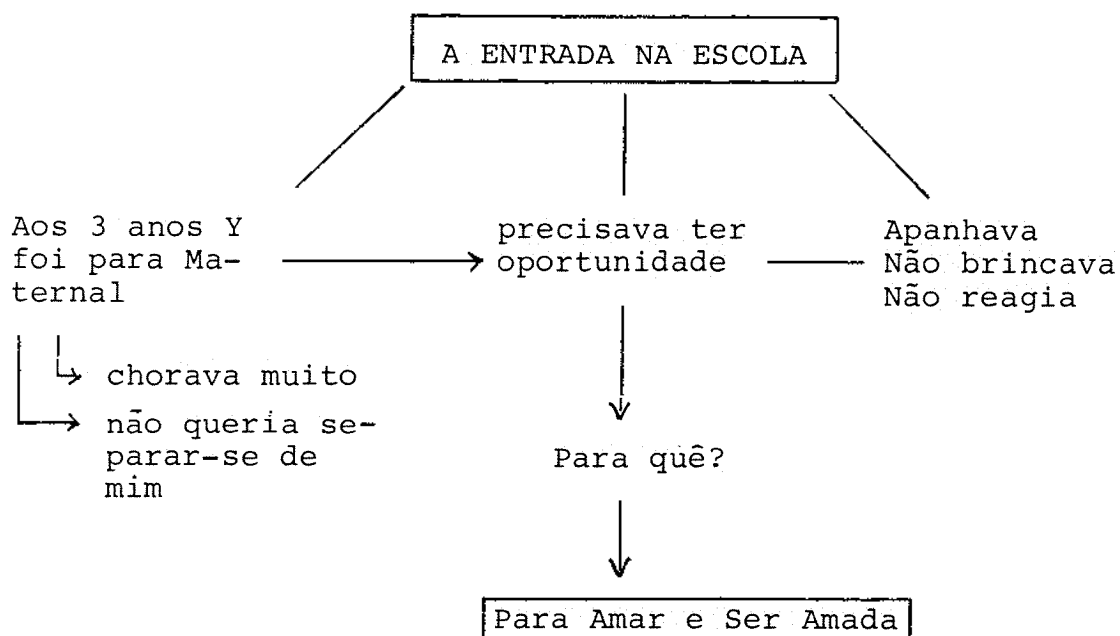




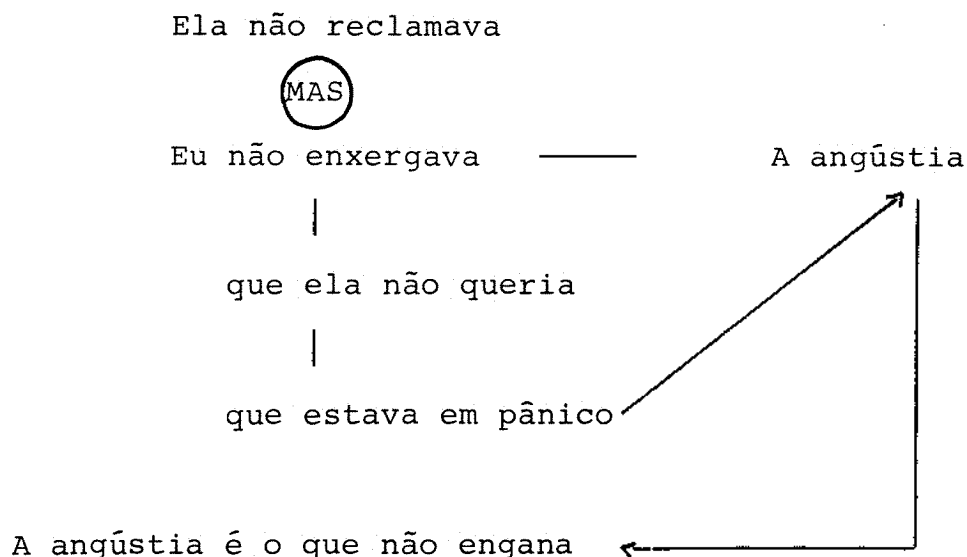
A intrusão representa a experiência vivida pelo sujeito quando se reconhece competindo com outros. O fato e a época de seu aparecimento determinam a sua significação.



O medo da criancinha em perder os cuidados e a proteção do Outro, ainda cedo na infância pode transformar-se em medo de perder o amor de outra pessoa.



Repete-se a dialética da recusa:

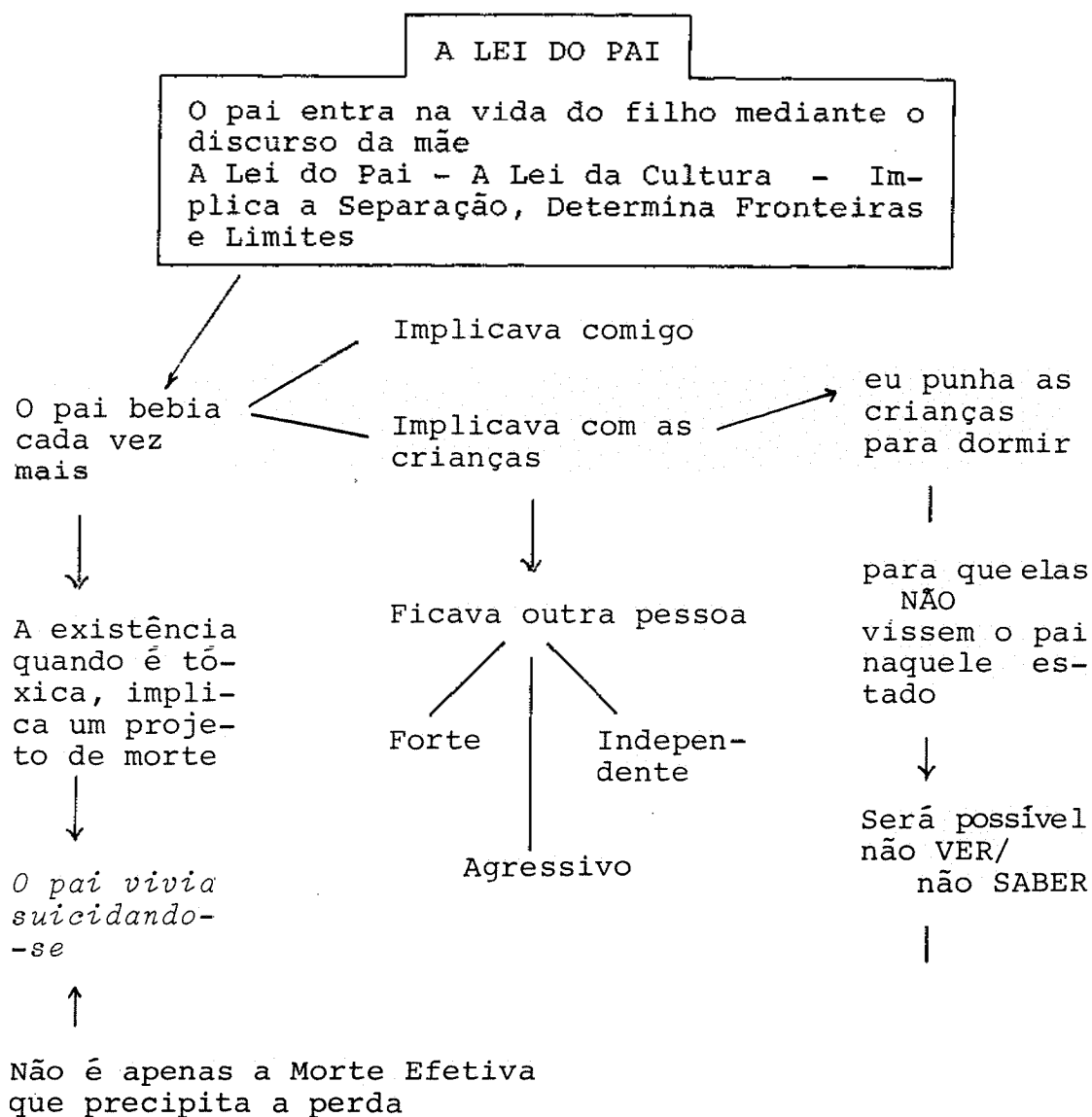


"O Real suporta a fantasia (Fantasmas) e a fantasia protege o Real." (Lacan, Sem.XI, p.43)

Cabe perguntar:

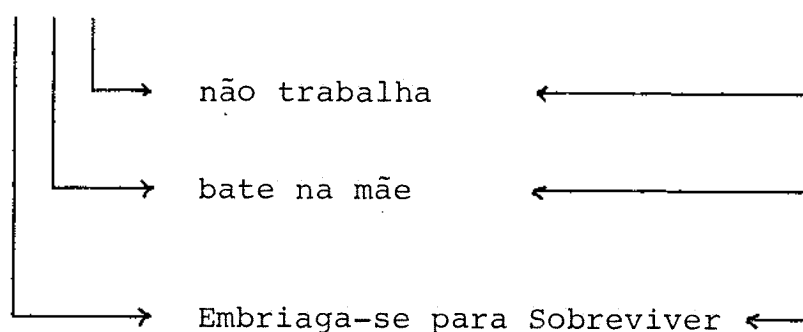
Se a ida desta criança para a Escola, em uma época precoce *para ela*, não se constituiu em elaboração quase impossível de assumir?

Deixar a mãe em casa com um pai que bebia muito e um nenê recém nascido teria sido fácil para Y?



Este saber evoca em realidade o conhecimento inconsciente que esta menina tem da situação familiar.

Que imagem de Homem e de Pai Y se habilita a construir quando o seu pai



A identificação é a mais remota ligação emocional de alguém.

"A identificação é um processo de transformação efetuado no seio do aparelho psíquico, fora de nosso espaço habitual e imperceptível diretamente por nossos sentidos." (Nasio, p.101)

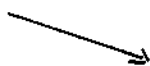
Quem é este pai



que tinha dificuldades de separar-se de sua mãe?

que anesthesiava os sentidos para poder viver?

Mãe faleceu



Separação compulsória



Fonte de vida desapareceu

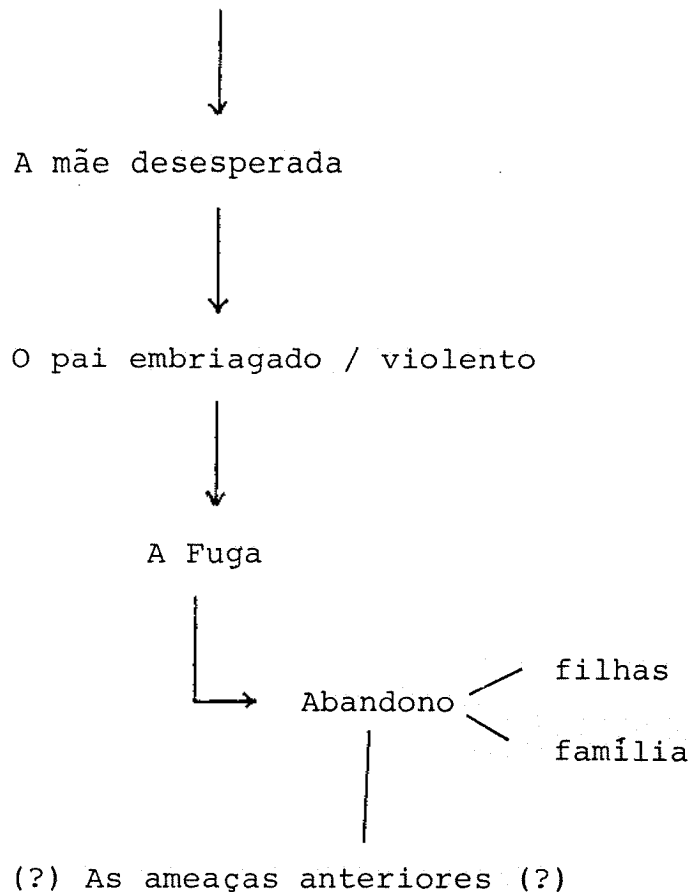


Comportamento Paranóide



"Querem me Matar"

É a família o laboratório primário do amor. Nele efetuamos as nossas primeiras experiências. É ali que aprendemos "Como É" o afeto adulto



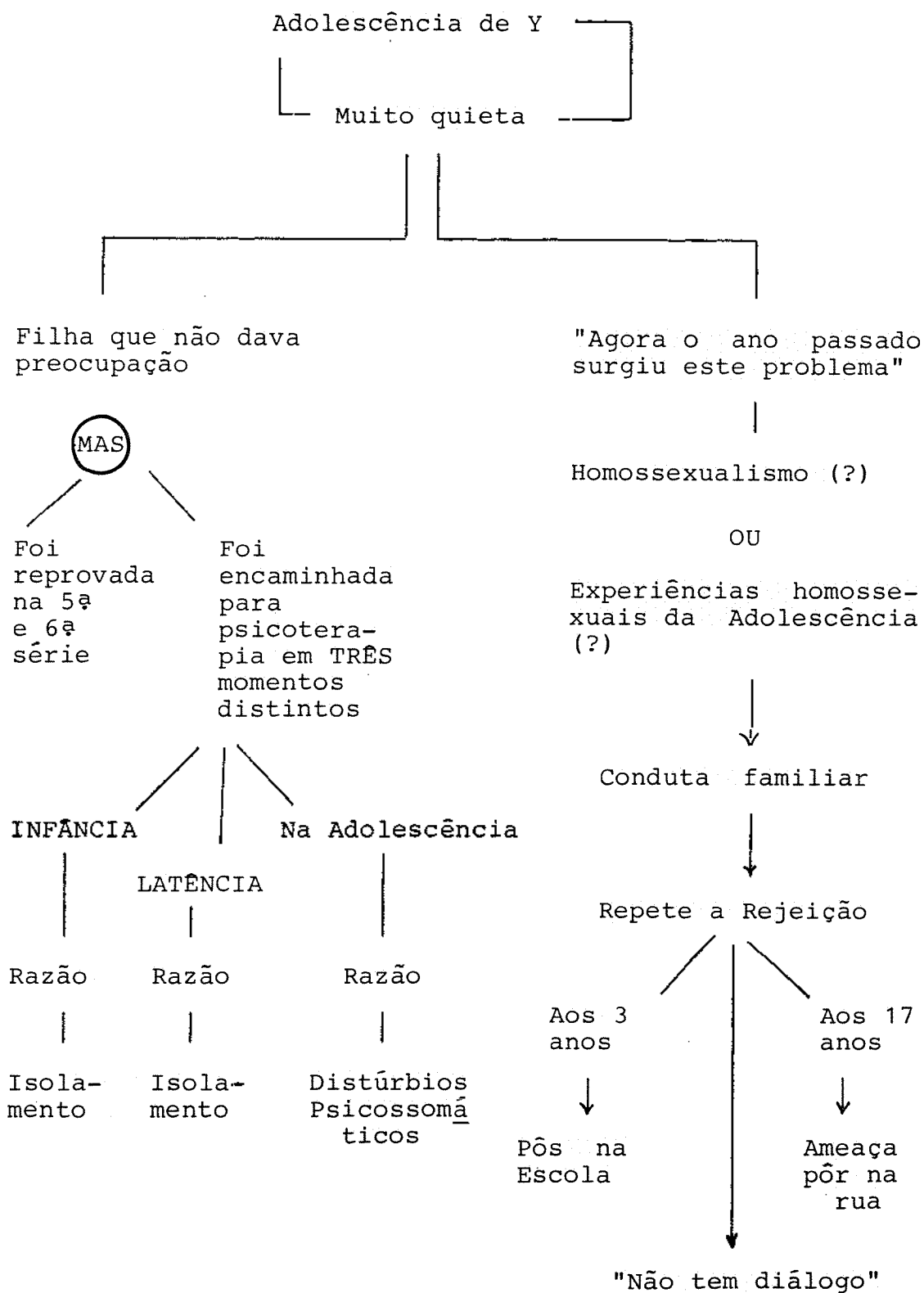
O básico terror humano é o sentimento de que se está sozinho, abandonado, sem proteção e à mercê de um ambiente hostil.

Desamparo característico ao INFANS.

"Freud descobriu, no homem, o peso e o eixo de uma subjetividade que ultrapassa a organização individual como soma das experiências individuais e até mesmo como linha de pensamento individual." (Lacan, Sem. XI, p.58)

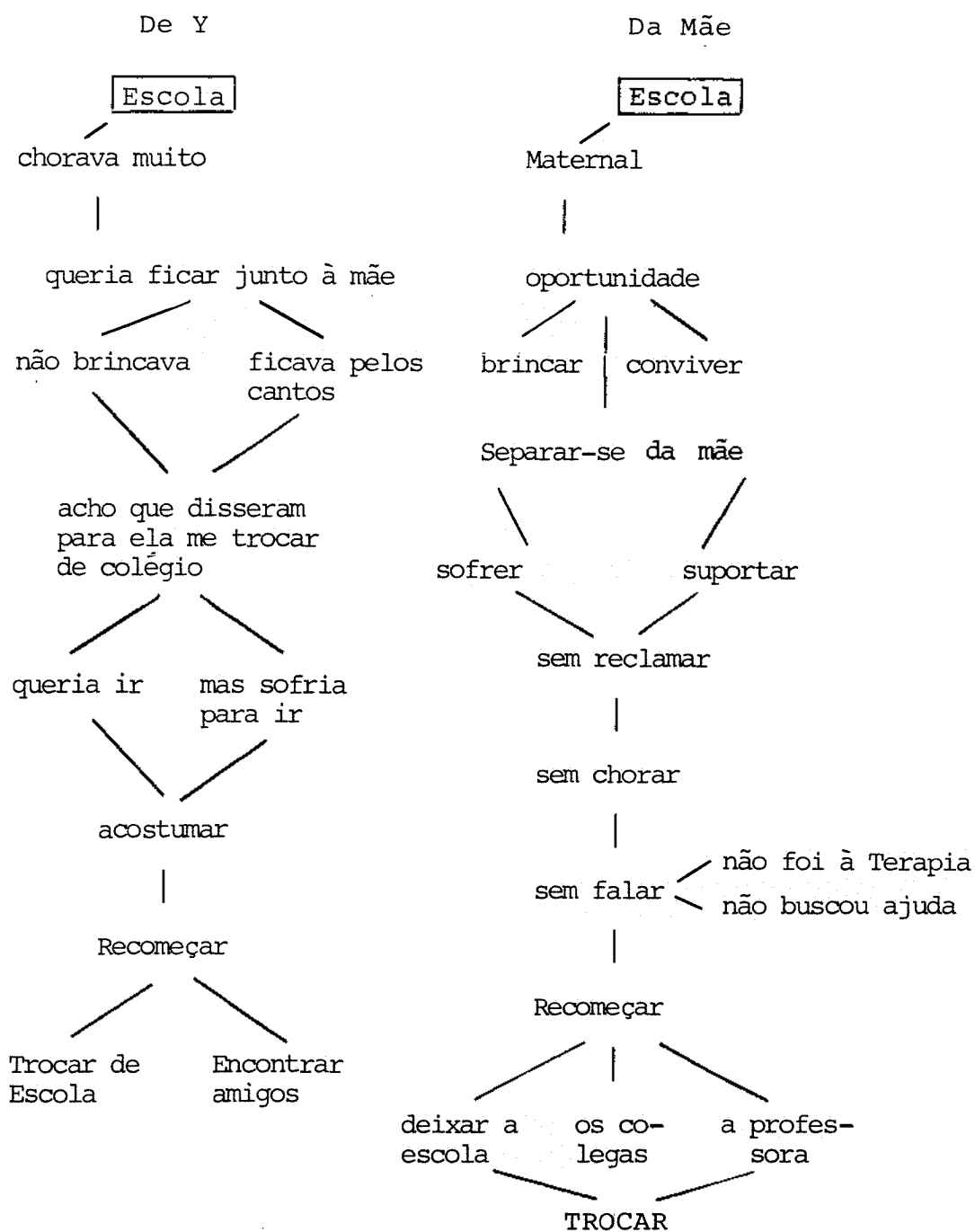


O EU é o resultado de uma série de interpretações com as quais categorizamos e valorizamos a nossa experiência seguindo o caminho de uma normatividade familiar que nos precede e determina.



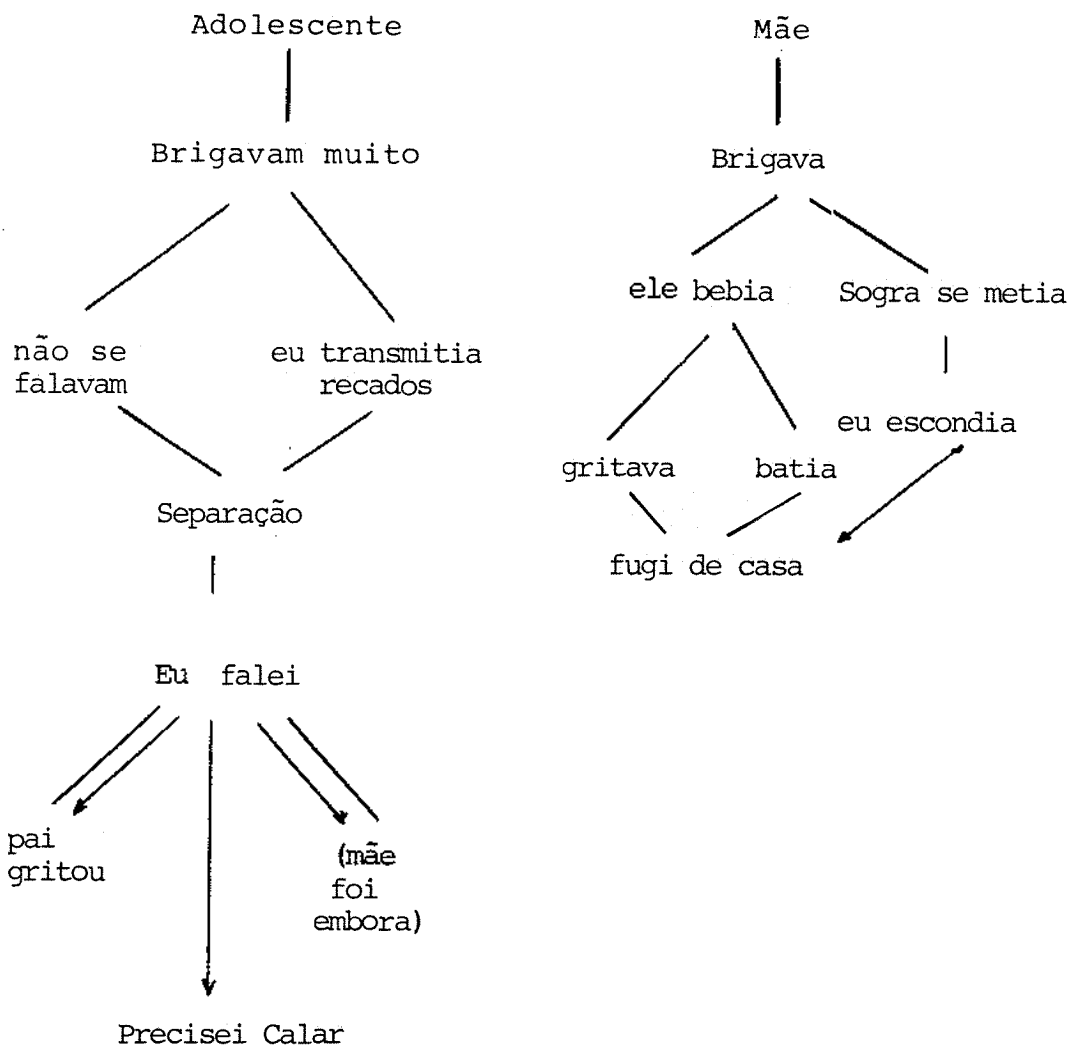
Análise conjunta dos discursos

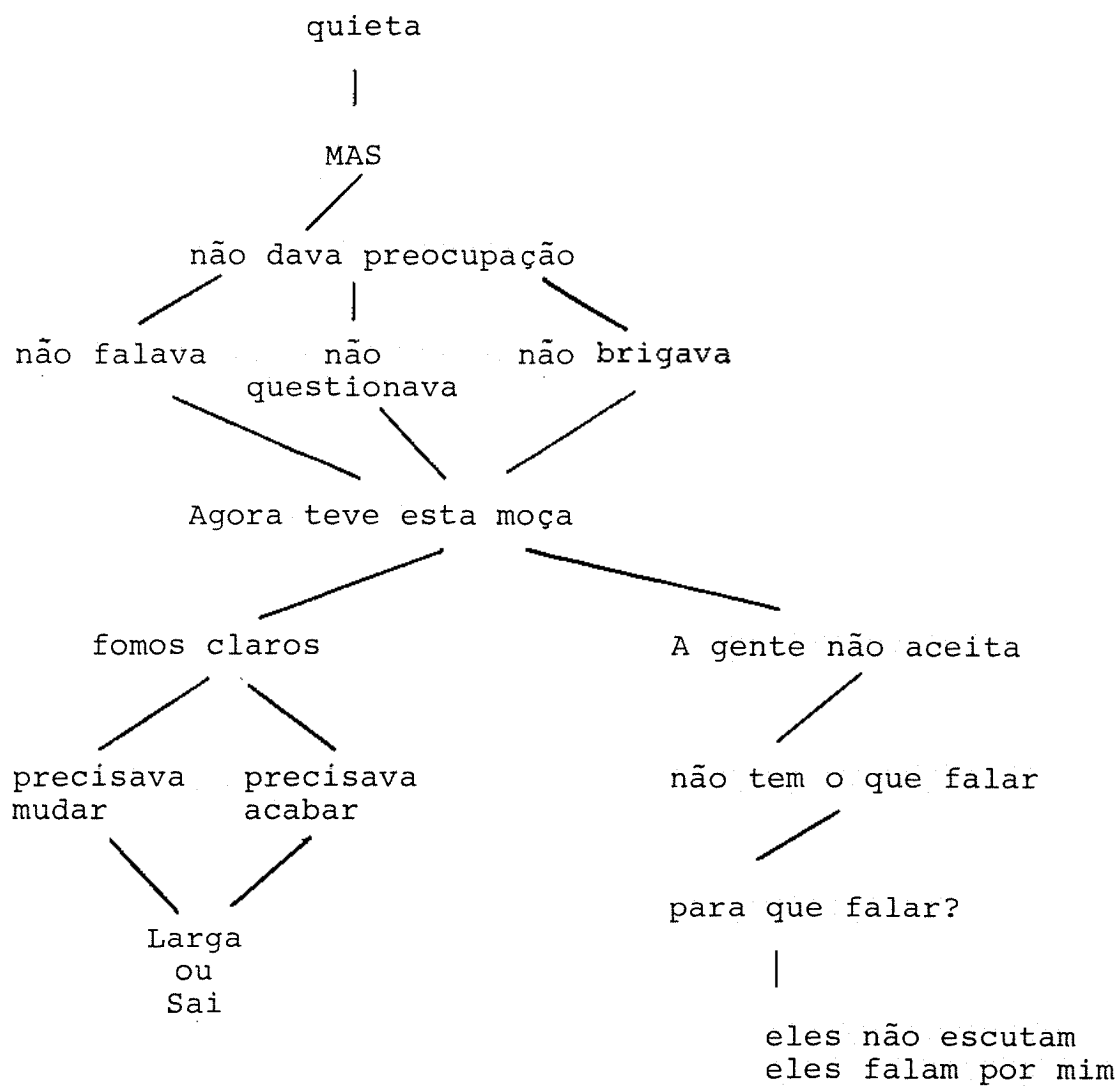
A Escola



A Escola precisa se constituir para a criança em um lugar de alegria onde encontra um refúgio para as eventuais tensões familiares.

Relacionamento Entre o Casal



Adolescência de Y

5 - DISCUSSÃO

Por sua gravidade, por sua freqüência e por suas conseqüências, os comportamentos suicidas dos adolescentes devem constituir-se em preocupação da sociedade em geral e dos educadores em particular.

Entendemos que a tentativa de suicídio é, antes de tudo, um fenômeno social, e sua análise não pode limitar-se a uma perspectiva individual.

Sem dúvida, o adolescente suicida nos confronta com a trágica denúncia individual de uma crise coletiva.

Para autores como Kalina & Kovadloff (1983), vivemos em uma cultura tanática e as formas de comportamento destrutivo são típicas do nosso tempo.

"A existência, quando é tóxica, implica um projeto de morte, ou seja, viver suicidando-se ... A existência tóxica, obviamente, só pode corresponder a uma cultura tanática; só pode existir, por mais paradoxal que possa parecer, ali onde a auto-destruição é homologada ao triunfo sobre a adversidade e a vida."⁹⁸

⁹⁸ KALINA, E & KOVADLOFF, S. *As cerimônias da destruição*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. p.11.

Analisando a sociedade que vivemos, somos forçados a concordar com esta afirmação. Convivemos diariamente com a fome, com diferentes formas de violência, com a luta desonesta e desigual pelo poder, com ameaças ao equilíbrio biológico do Planeta, com ameaças à paz. A televisão nos invade tentando disseminar uma outra proposta de vida que parece, entre outros objetivos, pretender desestabilizar valores que sustentam a família: filhos passam a ser "produções independentes" e o horror ao incesto, sob o qual se funda a família humana, é considerado assunto de telenovela e, como tal, é discutido com leviandade.

Nos perguntamos se tais acontecimentos não são desencadeantes de sentimentos ambivalentes em relação à valorização da própria existência.

"A sociedade em que vivemos, com seu quadro de violência e destruição, não oferece garantias suficientes de sobrevivência e cria uma nova dificuldade para o despreendimento. O adolescente, cujo destino é a busca de ideais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também o usa."⁹⁹

Por suas características, particularmente no que tange ao pensamento crítico, é na adolescência que se dá a elaboração de perdas importantes, quando se vai encon-

⁹⁹ ABERASTURY & KNOBEL. *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981. p.19.

trar o que Erikson coloca como fundamental nesta etapa de vida: a busca de si mesmo e da identidade.

É do adolescente que a sociedade exige a assunção de papéis de adulto, muito embora lhe envie mensagens contraditórias no que tange a sua aceitação no mundo adulto. Crescem, nesta época, as expectativas para que o jovem torne-se um sujeito de sucesso. Não são poucos os adolescentes que perseguem a meta "ser o melhor sempre". Tal conduta, na grande maioria das vezes, é cobrada, alimentada e reforçada pela família e até mesmo pela Instituição Escola, que não se dá conta do adolescente solitário, individualista e sem amigos.

Marcelli & Braconnier (1989) consideram a tentativa de suicídio como uma das condutas mais significativas da adolescência. Estes autores destacam que, dada a impulsividade que geralmente preside este evento, aparece com vigor o problema da atuação do conflito adolescente; pelo ataque direto ao corpo ilustra claramente as relações que o adolescente mantém com este; pelo desejo do assassinato das imagens internas representa uma caricatura do trabalho de luto; pelo contexto depressivo em que geralmente acontece, levanta o problema da depressão enquanto vivência existencial própria da adolescência.

Vejamos X e N. Ambas reportaram sentimentos de intensa raiva no período que antecedeu a tentativa de suicídio. As duas haviam tido discussões familiares e viram,

com atitude de agressão ao corpo, a possibilidade para desencadear culpa no outro e, com isto, manipular pessoas e situações, explorando conscientemente o ato suicida.

Embora "aparentemente" tenha sido a impulsividade o que presidiu as atuações de N e X - nesta última, especialmente, se nos reportarmos ao seu discurso: "eu não pensei, se pensasse eu não teria feito" - acreditamos que nestes dois casos o que se destaca é a ambivalência entre os desejos de vida e os desejos de morte.

Em 1920, na conferência *Para Além do Princípio do Prazer*, Freud dá conta da dualidade pulsional Vida e Morte, presente em todos os sujeitos. Associando o que chamou Instintos Sexuais ou Instintos do Ego com o Instinto de Vida, descreveu-os como conservadores essencialmente, por preservarem a vida por um longo período.

Freud imaginava que a Pulsão (ou Instinto, de acordo com algumas traduções) busca reencontrar uma satisfação de há muito obtida e negada pelo interdito que nos diferenciou como seres da Cultura. Inibida em sua finalidade, a pulsão foi obrigada a contentar-se com as suas vicissitudes.

Portadora do gozo e da morte, foi preciso que a pulsão se fizesse representar para ter acesso ao mundo da subjetividade. Através da Cultura temos a chance de multiplicar as possibilidades da satisfação proibida.

Desde o começo da vida nos confrontamos com a experiência das necessidades. Podem, frente a estas necessidades, existir duas reações. Uma delas consiste em buscar o alívio para a tensão mediante a satisfação premente - é a sede de viver que impele o ser biológico ao amor, à procura do objeto e à solicitude com relação a este objeto. A outra tendência, que estaria ligada a aniquilar, a negar, a necessidade de destruir o self que experimenta e percebe a necessidade, representa o Princípio de Nirvana - que se conflita com a Pulsão de Vida representada pelo Princípio do Prazer.

Esta dualidade conduziu à distinção entre Pulsão de Vida e Pulsão de Morte. Cabe destacar que esta última se embasa na hipótese de que o organismo humano apresenta uma tendência a reduzir completamente as tensões e retornar ao estado inanimado.

Nas diferentes atividades psíquicas as duas pulsões estão ligadas uma à outra de diferentes formas, o que faz com que nenhuma delas se manifeste em estado puro. Assim, vamos identificar traços agressivos e destrutivos em condutas guiadas pelo Princípio do Prazer, assim como elementos libidinais podem ser encontrados em uma forma de comportamento que é primariamente destrutiva.

A dialética VIDA e MORTE assumiu para as adolescentes X e N que tentaram suicídio uma feição singular. A vida deixou de ser sentida essencialmente como fonte de

amor e satisfação, para transformar-se em mensageira da hostilidade, da insegurança e do desamor. A morte foi vista por estas duas adolescentes como a única saída para a resolução de conflitos que tiveram início no tempo em que ambas eram bebês. Talvez pensemos que os motivos desencadeantes da crise tivessem sido banais e, como tal, não justificariam a atitude. Cabe lembrar que a tentativa de suicídio não é algo que acontece ex-abrupto, mas corresponde ao gesto final de uma verdadeira escalada de situações que preparam este desenlace. A idéia suicida vincula-se essencialmente à idéia de matar alguém. Para nós, algumas vezes, o desejo de morte parece estar associado ao desejo de punir os pais.

X reporta esta idéia: "eu quis dar um susto nelas", "aparentemente" ela não queria morrer. No entanto, refere também que sentiu muito medo: "depois, eu fiquei com muito medo. Achei que eu ia morrer". Só que, apesar de todo o medo, não pediu ajuda, não contou aos pais o que fizera de forma explícita. O que fez X?

Despediu-se dos familiares dando um beijo em cada um - o que vem confirmar que, apesar de toda a raiva, ainda existiam sentimentos afetuosos para com a sua família - e foi deitar-se.

Deixou certamente, como N, os envelopes do medicamento usado à mostra, mas não tinha certeza se eles seriam ou não encontrados pela família e tampouco sabia se,

mesmo que fossem encontradas as pistas deixadas, daria tempo para ser socorrida.

Outra característica que se destaca é a relação que ambas mantêm com o próprio corpo. N diz que não podia mais se olhar e X desloca as suas dificuldades para um intenso culto ao físico: faz ginástica, joga vôlei, pratica natação, quer fazer aeróbica, numa clara demonstração da tentativa de apropriar-se das possibilidades deste corpo que, à semelhança do bebê quando engatinha, descobre onde cabe, como cabe ...

Aberastury (1981) esclarece que o luto pelo corpo na adolescência é duplo. No caso das meninas, de um lado o corpo transformando-as em mulheres e, de outro, a menstruação lhes conferindo não apenas o testemunho da determinação sexual, mas, ainda, um papel que deverá ser assumido na união com o parceiro e na procriação.

Notamos que N, apesar de seus 17 anos, ainda experimenta dificuldades com o seu corpo:

"Fui e fiquei o dia inteiro no sol. Eu não sei o que me deu. Eu tenho a pele clara. Mas passei o dia inteiro no sol. Acho que queria me torrar."

E mais adiante:

"... Agora comecei a sentir uns negócio engraçado - parece que o nenê não está mais se mexendo. Eu vou ao médico esta semana. E tem mais, tô todo mundo dizendo que são dois, porque eu tô muito gorda. Mas eu não tô gorda. É barriga, ô ..."

Abreu (1977), citando Friedman e colaboradores, diz que os adolescentes que tentam o suicídio evidenciam grande dificuldade para se separarem libidinalmente de suas mães.

Blos (1985) considera que muitos dos transtornos dos adolescentes podem ser associados à dificuldade que os mesmos apresentam para viver a reedição do processo separação/individuação característico desta etapa de vida.

Efetivamente, separar-se de suas mães corresponde a uma perda insuportável para alguns adolescentes, que reagem a isto com um processo semelhante ao da melancolia, uma vez que não conseguem fazer o luto normal.

Pensamos que tanto X quanto N mantinham com suas mães uma relação ambivalente e narcisista, contrariando o que uma análise superficial poderia sugerir.

Tomemos o caso de X,

Constantemente verbalizava seu desamor à mãe, seu desejo de não ser parecida com ela, seu desejo que partisse e a deixasse com o pai e o irmão.

Freud, em *Luto e Melancolia* (1917[1915]), diz que aqueles sujeitos que não lograram elaborar a perda de alguém, desenvolvem um quadro descrito por Melancolia.

Comparando a natureza do objeto perdido cons-

ciente e real no luto - inconsciente - e certamente imaginária na melancolia e, as diferenças que se estabelecem frente ao objeto devido a estas perdas, Freud mostrou o papel que desempenha, na melancolia, a incorporação oral do objeto, que possibilita recorrer a ele no plano da fantasia e em seguida puni-lo pelo abandono através da conduta auto-agressiva.

Mostrou ainda que as queixas que os melancólicos dirigem a quem os escuta, nada mais são do que ataques ao objeto que foi introjetado, foi amado e que, por tê-los abandonado, precisa agora ser destruído. O que pretende um melancólico ao atacar o seu corpo é, em verdade, atacar a um objeto exterior muito amado que é considerado perdido.

Através desta colocação, fica mais fácil entendermos o que pretendeu dizer Freud ao assinalar que:

"ninguém encontra energia mental suficiente para matar-se, a menos que, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com o qual se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte outrora dirigido contra outrem."¹⁰⁰

E quanto a N, o que podemos dizer?

¹⁰⁰ FREUD, Sigmund. *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p.202. 1ª ed. original 1920.

Contextualizando a tentativa de suicídio, veremos que o trabalho de parto da mãe, adiantado e com risco de vida, porque assim a gravidez caracterizara-se, as culpas por ter sido causadora de grandes preocupações para os pais durante este período (fugas, desavenças com os pais e com o namorado), a briga com o pai que mobilizara culpa e/ou remorso, e a imensa raiva que sentia naquele momento, conferiram a esta adolescente a impressão de que sua agressão era onipotente. Temendo não conseguir controlá-la, N internalizou-a, orientando-a contra um primitivo objeto introjetado.

E se a mãe morresse? O terror do abandono é comparável ao desamparo do infans. O abandono do namorado somado ao temor do abandono da mãe (agora na eminência de ser reeditado) só poderia ter tido este desfecho, pois N conhecia muito bem a angústia e a solidão decorrentes de sentir-se só.

"Ela é solitária e eu sei bem o que é isto, por isto me aproximo dela ..."

No tocante às relações familiares destas adolescentes, encontramos indicadores quanto à pouca estabilidade do casamento dos pais, a presença de avós que competem com as mães pela posse da criança, imaturidade para assumir a função de mãe, figura paterna pouco valorizada pela mãe, repercutindo na construção de imagem pouco valorizada de homem e de pai.

Lacan nos ensina que o destino psicológico dos filhos depende da relação que as imagens parentais mostram entre si, e Freud destaca a harmonia do casal na prevenção de transtornos mentais.

Tanto X quanto N experimentaram separações dos pais na infância e têm clareza quanto às desavenças que perpassam todo o relacionamento do casal.

Se tomarmos o exemplo de X, lamentavelmente concluiremos que existem indicadores que a atitude da mãe em relação ao bebê era uma atitude de descaso, de frieza e que tinha como pano de fundo a idéia de que *"filho homem é que é amigo da mãe"*.

Estas primeiras impressões abriram o caminho para um sentimento ambivalente em relação à valorização da própria vida.

Em nossas entrevistas com N, X e Y tomamos contato com as suas histórias mediante a análise conjunta dos discursos das adolescentes e suas mães.

Nos três casos entendemos ser necessário uma escuta mais aprofundada. Sabemos, entretanto, que mudanças na estrutura da família desencadeiam mudanças na estrutura emocional e psíquica dos sujeitos que a ela pertencem. As mudanças de casa, de tipo de vida certamente marcaram a vida destas três adolescentes. Há indicadores de que tanto N, como X e como Y encontraram dificuldades na

elaboração da fase simbiótica e de separação-individualização. A adolescência só fez reativar os conflitos não resolvidos àquela época.

É importante lembrar que o comportamento dos pais frente aos seus filhos adolescentes depende, em grande parte, da forma como aqueles resolveram seu drama edípico.

De acordo com Erikson (1976), a tarefa básica da adolescência é a aquisição da identidade. Porém, embora a identidade pessoal não seja algo que começa ex-abrupto, num certo momento da vida de um indivíduo, é na adolescência que todas as identificações prévias - desde as mais arcaicas com as imagens parentais, até as mais recentes - tendem a cristalizar-se na identidade de um sujeito.

"Segundo Lacan, o adolescente se afirma como sujeito pela dialética da dissolução do conflito edípico com as sucessivas identificações. Nestas a ligação com o progenitor tomado como modelo assume lugar de relevância."¹⁰¹

Se:

. Lacan ensina que o destino psicológico do su-

¹⁰¹ FOLBERG, Maria N. *Pais e filhos adolescentes*. Porto Alegre, Vozes, 1986. p.52.

jeito depende em primeiro lugar da relação que mostram entre si as imagens parentais;

. conforme Folberg, o filho adolescente denota atualizações e possibilidades as quais só se realizarão se o contexto o permitir;

. durante a adolescência a percepção das contradições, a busca de nexos entre as vivências internas e externas, tornam o jovem mais perceptivo, conduzindo muitas vezes a uma não adequada elaboração de suas frustrações;

. de acordo com Grinberg, a identidade implica manter a estabilidade através de circunstâncias diversas e de todas as transformações e mudanças de viver;

. para Viktor Frankl, "viver é mais que existir, pressupõe um sentido de vida",

Então:

Precisamos refletir sobre a nossa atuação, não apenas como pais, mas também como educadores de adolescentes que, como X e N, buscam na tentativa de suicídio colocar à prova sua real integração enquanto sujeitos e enquanto membros de um grupo.

Em 1913, Freud escreveu:

"Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da Psicanálise, será

mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão abster-se de qualquer tentativa de suprimir estes impulsos pela força, quando aprenderem que esforços deste tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças."¹⁰²

¹⁰² FREUD, Sigmund. *O interesse educacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p.225. 1ª ed. original 1913.

6 - RECOMENDAÇÕES

Procurando ser fiel ao que nos propusemos com este estudo, pensamos proceder algumas recomendações que entendemos favorecerem uma ação preventiva de tentativas de suicídio e que podem ser realizadas a nível escolar.

Em primeiro lugar, nossa atenção deve voltar-se para os cursos de formação de Orientadores Educacionais, onde o currículo deverá privilegiar disciplinas que concorram para o conhecimento do homem em sua dimensão existencial. Certamente não nos cabe indicar disciplinas e/ou conteúdos a serem desenvolvidos, mas entendemos ser necessário alertar para a necessidade de que, paralelamente a uma formação técnica adequada, conceda-se destaque a elementos capazes de despertar a sensibilidade, o respeito e a solidariedade pelo ser humano.

Nossa segunda recomendação está dirigida aos Serviços de Orientação Educacional, que pensamos deveriam ser constituídos por uma equipe multidisciplinar capaz de levar avante um projeto cujo objetivo é a promoção da Saúde Mental. Nesta equipe, o Orientador Educacional deverá ter clareza quanto a sua função e participação na dinâmi-

ca escolar: elemento capaz de estabelecer uma ligação entre a família e a Instituição, tendo como foco um real conhecimento do aluno e sua efetiva integração no processo ensino-aprendizagem. Este enfoque pressupõe que os orientadores educacionais privilegiem a ação preventiva, o que possibilitará a identificação precoce das dificuldades a serem trabalhadas junto à família, junto aos alunos e junto aos professores.

É verdade que, nesta perspectiva de trabalho, impõe-se o resgate da identidade e da importância dos orientadores educacionais dentro do contexto escolar. Esta tarefa que - sabemos - não será fácil, concretizar-se-á através da ação competente e ética de todos aqueles que, através da escuta respeitosa, se propõem a permitir que cada sujeito descubra a sua verdade.

Ao longo deste estudo procuramos mostrar o valor que assumem as primeiras vivências na formação de uma atitude frente à vida, e o quanto a Escola é dependente do respaldo familiar para uma ação efetiva junto ao seu aluno.

A Escola, que recebe a cada ano milhares de crianças e jovens, não pode mais esquivar-se de uma ação cujo objetivo é despertar sentidos de vida. Para tal, acreditamos ser necessário que os educadores se familiarizem com as descobertas da Psicanálise, uma vez que esta tem destacado a extraordinária influência que exercem as pri-

meiras impressões - notadamente aquelas que correspondem aos anos iniciais da infância - sobre toda a evolução posterior de um sujeito.

Em (1913[1912-1913]) Freud escreveu que:

"tudo o que se pode esperar a título de profilaxia das neuroses se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida."¹⁰³

Uma proposta pedagógica que considere tal recomendação estará contribuindo não apenas para ressaltar o papel da Educação e do Educador, mas *fundamentalmente* contribuindo para a construção de um mundo pessoal mais sadio.

¹⁰³ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. p.276. 1ª ed. original (1913[1912-1913])

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- ____ & KNOBEL. *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- ____ & SALAS. *A paternidade*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- ABREU, José Ricardo Pinto de. *Tentativa de suicídio em adolescentes*. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Psiquiatria. UFRGS, Porto Alegre, 1974.
- ACKERMAN, Nathan W. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1976.
- ANDOLFI, Mauricio et alii. *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque na terapia de famílias*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- BLEICHMAR, Hugo. *Angústia e fantasma*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- ____. *Depressão*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- BLOS, Peter. *Adolescência*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- CABAS, Antônio G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo, Moraes, 1982.
- CALLIGARIS, Contardo. *Hipótese sobre o fantasma*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- CASSORLA, Roosevelt M.S. *Contribuição ao estudo dos comportamentos suicidas em crianças*. In: _____. *A criança e o adolescente brasileiros da década de 80*. Porto Alegre, NBS, 1983.
- CHABROL, Henri. *Les comportements suicidaires de l'adolescent*. Paris, Presse Universitaire de France, 1984.

- DOLTO, Françoise. *Dificuldade de viver*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- DOR, Joël. *Introducción a la lectura de Lacan*. Barcelona, Gedisa, 1986.
- ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- _____. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.
- FLORENCE, Jean et alii. *Las identificaciones*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1988.
- FOLBERG, Maria N. *Etnometodologia: um método para estudo das características culturais*. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, 9(3):81-6, set-dez 1984.
- _____. *O que pensa o povo da Escola*. Porto Alegre, Movimento, 1986.
- _____. *A dialética dos discursos de pais e filhos adolescentes*. Porto Alegre, Vozes, 1986.
- FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido de vida*. São Paulo, Quadrante, 1973.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.IV. 1ª ed. orig. 1900.
- _____. *Três ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.VII. 1.ed.orig.1905.
- _____. *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.IX. 1.ed.orig.1908.
- _____. *Romances familiares*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.IX. 1.ed.orig. (1909[1908]).
- _____. *Cinco lições de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XI. 1.ed.orig.(1910[1909]).
- _____. *Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XI. 1.ed.orig.(1918[1917]).
- _____. *Breves escritos*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.v.XI. 1.ed.orig.1910.
- _____. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.v.XIII. 1.ed.orig.(1913[1912-13]).

- _____. *O interesse científico da Psicanálise.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIII. 1.ed.orig.1913.
- _____. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIII. 1.ed.orig.1914.
- _____. *Sobre o Narcisismo - uma introdução.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.1914.
- _____. *Os instintos e as suas vicissitudes.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.1915.
- _____. *Luto e Melancolia.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.(1917[1915]).
- _____. *Reflexões para tempo de guerra e morte.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIV. 1.ed.orig.1915.
- _____. *Além do princípio do prazer.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.1920.
- _____. *Psicologia de grupo e análise do Ego.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.1921.
- _____. *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.1920.
- _____. *Dois verbetes de enciclopédia.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XVIII. 1.ed.orig.(1923[1922]).
- _____. *O Ego e o Id.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIX. 1.ed.orig.1925.
- _____. *A organização genital infantil.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIX. 1.ed.orig.1923.
- _____. *A dissolução do complexo de Édipo.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XIX. 1.ed.orig.1924.
- _____. *Inibição sintoma e ansiedade.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XX. 1.ed.orig.(1926[1925]).
- _____. *O futuro de uma ilusão.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XXI. 1.ed.orig.1927.
- _____. *O mal-estar na civilização.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XXI. 1.ed.orig.(1930[1929]).
- _____. *Sexualidade feminina.* Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.XXI. 1.ed.orig.1931.
- GREEN, André et alii. *A pulsão de morte.* São Paulo, Escuta, 1988.

- GRINBERG, L. Adolescência, identidade e ideologia. In: FEINSTEIN, KALINA, KNOBEL. *Psicopatologia y psiquiatria del adolescente*. Buenos Aires, Paidós Asappia, 1973.
- GUSDORF, Georges. *Mito y Metafísica*. Buenos Aires, Editorial Nova, 1965.
- KALINA, Eduardo. *Psicoterapia de adolescentes*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- ___ & KOVADLOFF, S. *Cerimônias da destruição*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- KOFMAN, Sarah. *El enigma de la mujer*. Barcelona, Gedisa, 1982.
- LACAN, Jacques. *A família*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1981.
- ___ . *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- ___ . *O mito individual do neurótico*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.
- ___ . *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ___ . *O Seminário - Livro 2. O Eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- ___ . *Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ___ . *Da psicose paranóica em sua relação com a personalidade*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- ___ . *Las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1977.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa, Moraes, 1983.
- LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- LÉPINE, Claude. *O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss*. São Paulo, Ática, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Universitário, 1975.

- MAHLER, Margareth. *O nascimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- MANNONI, Maud. *Educação impossível*. Lisboa, Moraes, 1976.
- _____. *La primera entrevista con el psicoanalista*. Buenos Aires, Gedisa, 1985.
- MANNONI, Octave et alii. *La crisis de la adolescencia*. Mexico, Gedisa, 1989.
- MARCELLI & BRACONNIER. *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- MASOTTA, Oscar. *Introdução à leitura de Lacan*. Campinas, Papyrus, 1988.
- MASTERSON, J.F. *El dilema psiquiátrico del adolescente*. Buenos Aires, Paidós Asappia, 1972.
- MAYER, Hugo. *Voltar a Freud*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- MILLOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- NASIO, Juan David. *Os 7 conceitos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- OGILVIE, Bertrand. *Lacan - a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- OLIVIENSTEIN, Claude. *A vida do toxicômano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- OLIVIER, Cristiane. *Os filhos de Jocasta*. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- REVISTA MANCHETE, Rio de Janeiro, Bloch Ed., nº 1987, 1990.
- _____, nº 1988, 1990.
- ROZA, Luis Alfredo G. *Acaso e repetição em Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- RIVERA, Luis Fernando. *La antropologia de la voluntad: F. Nietzsche (1844-1900)*. In: _____. *Antropologia existencial*. Buenos Aires, Guadalupe, 1983.

- SILVA, Luis O. Telles et alii. *Pagar com palavras*. Porto Alegre, Movimento, 1984.
- TARANDACH, Ester R. *Diagnóstico psocossocial da família*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1982.
- TRIPODI, Tony et alii. *Análise da pesquisa social*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- VIÇOSA, Geraldina. *Atendimento breve de grupo de adolescentes em duas escolas de Porto Alegre*. Porto Alegre, UFRGS, 1979.
- ZERO HORA DE 1º set. 1986 - artigo de Paulo Freire - 0 professor progressista deve ocupar seu espaço.

A N E X O S

ANEXO Nº 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ORIENTADORES EDUCACIONAIS

- . Qual é a estrutura do Serviço de Orientação Educacional?
- . Qual é a dinâmica de funcionamento do SOE?
- . Entre as ocorrências registradas no SOE existe alguma referente à tentativa de suicídio?
- . Como atua (ou) o SOE em relação:
 - . aluno
 - . família
 - . escola
 - . especialistas?
- . Que tipo de características podem ser atribuídas a este tipo de aluno - aquele que pratica tentativas de suicídio?

ANEXO Nº 2

ÁREAS DE ENTREVISTA COM A DUPLA PARENTAL

1. Características da dupla parental

- . A história da dupla parental até o casamento:
 - . namoro
 - . noivado
 - . casamento

- . A aceitação das famílias de origem face ao casamento:
 - . aceitação
 - . rejeição
 - . pressões

- . O inter-relacionamento
 - . conjugal
 - . pais e filhos
 - . pais e filho em questão
 - . entre os filhos

- . Fatores que influenciam a vida familiar

- . A vida associativa

ANEXO Nº 3

ÁREAS DE ENTREVISTA COM O ADOLESCENTE

- . Interesses
 - . Atividades Recreativas
 - . Atividades Sociais
 - . Atividades Culturais

- . Relações interpessoais
 - . na família
 - . no grupo de equivalentes
 - . na Escola

- . A Escola

- . A auto-imagem

- . Que sentido tem a Vida para ti?

- . O que pensas sobre tua própria Vida?

ANEXO Nº 4 - ESTUDO PILOTO

ESTUDO PILOTO

Este Estudo Piloto compreende:

- entrevista com CT e RT, pais da adolescente N;
- entrevista com N;
- análise de conteúdo das respectivas entrevistas.

Destacamos que as duas entrevistas foram transcritas preservando a linguagem utilizada pelos participantes da pesquisa.

Para fins da análise de conteúdo, as entrevistas foram subdivididas em blocos. O objetivo desta subdivisão foi favorecer uma melhor compreensão do discurso de N e seus pais.

Entrevista de CT e RT:

. Tempo um: Este bloco contém a história da dupla parental até o casamento.

. Tempo dois: Compõe-se do registro relativo à história de N, desde o nascimento até a sua separação dos

pais.

. Tempo três: O retorno de N para a casa paterna e seu relacionamento com os pais e irmãos é o foco desta parte.

. Tempo quatro: Analisamos a vida em família nesta etapa.

. Tempo cinco: O foco é a tentativa de suicídio de N.

Entrevista de N:

. Tempo um: Este bloco enfoca a Escola, tal como N a percebe.

. Tempo dois: As relações com a família e com os amigos.

. Tempo três: Os interesses de N.

. Tempo quatro: Percepção sobre a própria vida.

ENTREVISTA COM OS PAIS DE N.T.

Pai - 37 anos - CT

Mãe - 35 anos - RT

TEMPO
UM

E - Como foi a história do namoro de vocês?

CT - Bem, a gente se conheceu e namorou quatro anos. Foi um tempo bom. Tudo dentro de um padrão de namoro normal. Depois a gente ficou noivo. O noivado foi também normal.

E - O namoro foi longo. O noivado também?

CT - Foi curto o noivado. Foram poucos meses.

RT - Não ... agosto, setembro ... É ... quatro meses de noivado.

E - Em que ano vocês casaram?

RT - Em 1969.

E - Como foi o início da vida de casados?

CT - O início tudo bem. Algum tumulto da parte

financeira. Afirmação. Mas correu tudo bem. De início fomos morar junto com a minha sogra. Depois montamos casa. Depois mudamos para Porto Alegre para trabalhar e fomos morar em Viamão e agora, há quatro anos, eu consegui comprar aqui. Na época eu pensei: é melhor para as crianças. O estudo, sabe como é. Tem também oportunidade de melhores empregos, né.

E - A senhora trocou de emprego também?

RT - Não. Desde que casei eu não trabalho fora. Cuidava da casa, em seguida foram nascendo os filhos e aí foi mais necessário que eu ficasse em casa. Ele sim. Começou a trabalhar quando a gente casou.

E - Como foi a reação das famílias de vocês ao casamento?

RT - As nossas famílias sempre se deram bem. Sempre a gente foi apoiado. Agora a mãe do C já faleceu, mas a minha mãe até agora ajuda. A gente se dá bem com os parentes. Acho que ninguém foi contra o nosso casamento. Até nos ajudaram! Logo que a gente se casou fomos morar com a minha mãe. Depois é que a

gente comprou casa.

E - Como é o relacionamento de vocês?

RT - Nós sempre nos relacionamos bem.

CT - Temos os probleminhas corriqueiros de todos os casados.

E - Como, por exemplo?

CT - Assim, alguma discussão de vez em quando por causa disto ou daquilo. Mas não é coisa séria. Brigar a gente não briga. Agora teve esta situação da N, né. Isto é que trouxe preocupação desde o início porque a gente sabe como é que as coisas são.

TEMPO
DOIS

E - Vamos falar sobre os filhos. Após quanto tempo de casados nasceu o primeiro filho?

CT - O nosso primeiro filho foi a N. A N foi até um pouco prematura (risos).

RT - A N nasceu quando a gente tinha uns sete meses de casado.

E - Como foi a sua gravidez?

CT - A mãe foi "bastante bem paparicada".

RT - A gravidez foi boa. Tudo foi normal. Eu estava feliz.

E - E o nascimento?

RT - Ela nasceu bem. Muito bem. Eu tive parto normal. Foi bem tranqüilo. Ela nasceu bem. Era bem forte. Ela nasceu com três quilos e tanto.

E - Ela foi amamentada ao seio?

RT - Ela mamou muito pouco tempo no peito. Só dois meses. Ela tinha muita fome e eu usei leite de vaca. Aí em seguida ela parou de mamar.

E - Por que a amamentação foi de dois meses?

RT - Ela parou de mamar porque ... olha, eu nem me lembro!

Mas eu acho que ela sentia muita fome e em seguida nem quis mais. Eu casei muito cedo. Tinha 16 anos. Aí eu fiz 17 e ela nasceu. E eu não sabia cuidar. Não tinha experiência de nada. Aí em seguida deixei de

dar de mamar. Eu me sentia cansada. E não tinha experiência nenhuma.

E - Como a N reagiu?

RT - Bem, aí ela se agarrou ainda mais à avó. Eu não sabia fazer ... quer dizer, dar banho, né, trocar fralda, mudar, estas coisas, tudo era a avó.

E - Qual das avós: paterna ou materna?

RT - A minha mãe.

CT - É, naquela época elas eram vivas.

RT - A minha mãe é viva. A dele já faleceu. E ela sempre ...

Como resultado foi que a N ficou muito apegada com a avó. Depois foram nascendo os outros filhos. Nós temos seis filhos. O menor nasceu agora, dia 01/01/88. O dia em que a N foi para o HPS.

Temos também uma filha com 15 anos, outro com 13 anos, outro com 9, outra com 6, outro com 3 anos e o nenê com dias.

E - Vamos falar sobre a N.

CT - A N com um mês já era uma criança muito rebelde ... assim ... mas apegada com a avó. Daí a um tempo quando a gente se mudou a avó resolveu levar ela para lá.

E - Levar para onde?

CT - Para morar junto com ela. E ela ficou lá.

TEMPO
TRÊS

Aí quando nasceu este outro aí () eu trouxe ela para ajudar a cuidar. Aí a minha sogra resolveu que ia levar a menor para morar junto com ela. Com isto a N começou a se tornar mais rebelde ... Os conselhos nossos ela nunca quis aceitar. Acha que tem sempre que errar sozinha. Que os conselhos dos outros é que são sérios. E a gente sempre tentou aconselhar para o bem dela. Nunca para o mal.

Agora que ela está recém começando a compreender as coisas. Mas ela já está na idade de perceber as coisas.

E - Como é a N na Escola?

CT - Este ano ela não está estudando. Mas para o ano já está até matriculada (88). Ela deixou de estudar este ano por causa das férias que houve, né. Por causa desta greve.

Ela começou a trabalhar durante a greve e aí deixou.

RT - Deixou de estudar porque é muito ruim assim. Trabalhar e estudar, né. Sair correndo. Ela já está na 8ª série.

CT - O colégio dela também era contramão para ela.

Este ano a coisa vai mudar. Ela vai estudar aqui mais perto.

RT - Ela foi chamada pelo colégio. Ano que vem tem que estudar de qualquer jeito. Ela era boa aluna. As professoras até foram chamar ela, lá no emprego. Daí ela disse: Ah! Agora só ano que vem! Mas eu lhe digo, era muito boa aluna.

E - Como é a N?

CT - Eu vejo a N como uma filha que pode se recuperar. Que pode progredir na vida desde que procure nos entender. Tudo o que a gente está procurando é o melhor para ela. Ela já cometeu uma besteira. A gente aceitou. Trouxe ela de volta.

E - Que besteira a N cometeu?

CT - Saiu de casa, né. Eu fui procurei, busquei. Trouxe. Aceitei. Cabe a ela ajudar. Para que o futuro seja melhor para ela.

Às vezes, ela reclamava que as outras meninas tinham isto, (...) (pausas).

A gente dá dentro do possível. É preciso distribuir para todos. Claro que muitas vezes eu não podia dar o que ela me pedia.

E - O que ela pedia?

CT - Dar luxo para ela eu não podia. Ela pedia, eu não podia dar. Mas dentro do possível eu sempre dava tudo para ela.

Para mim é importante a união da família.

E - Como a N se relaciona com vocês?

CT - A N com esta história da avó ficou muito mimada. Ela se dá bem com a gente mas sempre como eu já disse, ela sempre acha que os conselhos dos outros é que são certos. Ela não fala muito com a gente.

Eu também fico pouco tempo em casa. Trabalho. Chego tarde. Cansado. E ultimamente ela não vinha querendo acompanhar a gente

nos passeios.

Com a mãe também ela se dá bem.

RT - É. Se dá bem, mas não fala. As coisas dela eu não sei. Eu não gostava daquele rapaz.

E - Que rapaz?

RT - Este que estava namorando ela agora.

E - Como a N relaciona-se com os irmãos?

CT - O relacionamento com os irmãos é "meio pessimista". A verdade tem que ser dita! (O tom de voz foi aumentado para que a N, que se encontrava na sala ao lado, ouvisse).

É. A N é muito braba. Os irmãos fazem coisa de gurizada. Tem este aí (o maior) que é meio revoltosinho, meio brabo. Este é com quem ela briga mais.

Sabe, coisas de irmãos.

Com os pequenos ela se dá bem. Mas eu até acho que todos se dão bem.

TEMPO
QUATRO

E - Como é a vida em família?

CT - É importante que a gente esteja unido. Às vezes, pequenos problemas atrapalham.

E - Que problemas, por exemplo?

CT - Este da N agora atrapalha a gente.

RT - As contrariedades, as coisas que a gente não gosta, atrapalham a vida da gente.

E também ...

Ah! Aqui ... muito apertado. A gente mora aqui "num aperto muito ruim".

CT - Bem, mas assim que eu puder vender aqui e comprar ... Melhorar o alojamento.

RT - Antes a gente morava numa casa ...

CT - As crianças "tudo encerrado" não dá!

RT - Lá em V. era melhor. Aqui é um ambiente "muito péssimo".

Desde que a N veio para cá ela se queixa. As amizades, os ambientes, tudo ... tudo, né.

Ela não gosta daqui.

CT - É. Entre as causas é isto!

Durante a semana eu estou sempre trabalhando. Trabalho até tarde, né. Na fábrica, meio expediente e tenho também uma firminha par-

particular. Então eu sempre chego tarde à noite.

Mas no fim de semana a gente sempre sai. Vamos para a casa dos parentes. Às vezes a gente visita os antigos vizinhos.

Agora, a N com esta história de namorado não tem acompanhado muito a gente. Tem meio se separado da gente. Não é falta que eu tenha brigado para ela andar junto.

E - O senhor briga muito com a N?

CT - Não. Mas aconselho ela. A gente não pode impor. Ela já não é criança. Mas a gente que é mãe e pai, sabe e vê as coisas que eles nem sempre querem enxergar. E às vezes a gente quer evitar. Ajudar a não acontecer. Mas não adianta. Eles não escutam.

E - Como foi a saúde da N desde que ela nasceu?

CT - A N tem um problema cardíaco. Mas não sabe. Parece que é arritmia. No mais é tudo normal.

RT - As outras doenças que ela teve são aquelas de criança. Uma gripe, garganta, ouvido ... O ano passado ela teve sarampo.

Ah! Ela também tinha problemas de ouvido "desde nascença". Quando pequena tomou muito remédio para infecção.

CT - Ela tomou muito antibiótico. Que o médico mandava quando ela se atacava dos ouvidos. Ela tomou estes remédios até os 6 anos. Sempre com problemas de otite.

Graças a Deus!

Olha, eu gostaria de lhe pedir uma coisa! Aconselhe ela de maneira que ela possa ver a vida diferente. Positivo. A N é uma menina que vive ainda no mundo de sonhos. Ela quer acreditar em todo mundo. Acha certo tudo o que dizem para ela. A vida não é assim! A gente tem que acreditar nas pessoas, mas precisa ter uma meta a seguir.

TEMPO
CINCO

E - O que aconteceu dia 19?

CT - Dia 19, ela estava para ganhar nenê. Aí às 4h da tarde fomos para o hospital. O médico nos disse que não era para aquela hora e nós voltamos. *Estava tudo bem em casa. Não tinha problema nenhum.*

Quando voltamos, este rapaz que é namorado dela - estamos tendo problemas com ele, foi ele quem tirou ela de casa e outras coisas

mais - veio aqui para convidar ela para sair. A menina disse que não ia. Que a mãe não estava bem. Que queria ficar com a mãe que estava amolada, e ele insistindo. Ela estava limpando a casa.

RT - Ele começou a debochar dela. Daí eu escrevi umas folhas para ela ... assim ... umas coisas ... Dizendo: N, se tu quiseres podes sair mas eu não gosto deste rapaz.

Ele é muito grosso.

Não gosto dele. Do jeito que ele trata ela. Ele insistiu muito. Eu ouvi. Estava deitada com dor!

Bem, à noite ela foi! Com certeza ele fez alguma chantagem com ela! Sei lá ...

À noite fui para o hospital. Ela já tinha saído. Deixei os pequenos com a vizinha. G_anhei o nenê!

E aí foi no sábado, né ... Eu estava no hospital. Não sabia de nada.

CT - Bem. Dia 1º ele voltou lá pelas 11h da noite para buscar a N para jantar. Ela disse que não queria sair. Depois, sei lá, ele levou ela. Antes ela veio falar comigo. Eu disse que se quisesse ir fosse, mas visse que a mãe não estava bem. Ela foi. Foi para

voltar e não voltou. O rapaz não quis trazê-la. Ficaram meio brigados.

No outro dia (02) ela voltou. Quando chegou procurou pela mãe. Eu disse que estava no hospital e não passava bem. Realmente. Passava mal.

Aí na outra noite, foi que ela fez a besteira.

E - Que besteira?

CT - De noite o rapaz voltou. Como já eram 2h da manhã e ela não chegava eu fui atrás. Fui na vizinha, mas encontrei eles na frente do prédio. Ali o rapaz discutia alto com ela. Eu mandei ela entrar. Quando voltei pensei que tinha ido deitar.

E - Ela falou com o senhor?

CT - Não. Entrou quieta. Eu estava cansado. Tinha trabalhado o dia todo. Fui deitar. Fui descobrir no outro dia de manhã. Quando fui ao banheiro me lavar encontrei aqueles envelopes. Fui direto no quarto dela. Aí a minha prima disse que ela tinha passado mal à noite. Vomitado muito.

Eu olhei ... mas ela não conta ... não

diz.

Perguntei se ela tinha tomado algum remédio. Ela dizia que não - negava.

RT - Aí eu cheguei do hospital e fui no quarto. Mas eu vi tudo. Ela já estava com os olhos bem parados. Os olhos de quem está mal. Chamei o C e disse: - Vamos já para o Pronto Socorro.

Quando saiu já estava bem aérea. Ela já estava bem desligada.

Aí a senhora já sabe! Ela ficou baixada no Pronto Socorro até segunda-feira.

CT - Bem, a gente que é pai prevê as coisas. Por mais que eu tente aconselhar eles acham que o conselho não serve. Termina que a gente tem que ficar calado. Não pode impor, né.

RT - Eu disse para ela. Não tenho proibição. Não adianta. Ela gosta, gosta. Mas eu ... Eu não perdôo o que ele fez para nós.

Bah! Eu fiquei revoltada.

Eu não sou obrigada a gostar dele.

CT - Nós passamos um bom pedaço. A primeira vez que ele sumiu com a gurria.

RT - Sumiu. Tirou ela do colégio. Largou! A gente não sabia nem o nome dele.

CT - Procuramos por tudo. HPS, Necrotério. A gente não sabia o que tinha acontecido.

RT - Eu disse. Podia ter deixado um bilhete! Eu nem sabia onde ele morava. Nada! Nem o nome. Sumiu!

Passei dias ...

Ainda grávida ...

CT - Depois de um tempo consegui localizar ele. Falei com a mãe dele, tal ...

Eles lá não foram muito receptivos nesta parte. A filha não era deles.

Aí ... Voltaram.

Dei uns conselhos para ela. Ajeitei as coisas. Um dia ele tira a gurria de casa de novo. Sumiram de novo!

Foram lá para o interior. Voltaram depois. Aí ela foi morar com a sogra. Não deu certo!

Fui. Trouxe a N de novo para casa. Procurei dar uma oportunidade para o rapaz! Mas eu acho que ele não tem condição de nada. Se fosse uma pessoa interessada, ele não fazia o que está fazendo.

Ele conseguiu jogar ela contra nós - esta é a verdade.

RT - A N se influencia fácil. Eu acho importante que ela volte ao normal. Estude. Trabalhe. Ajeite a vida dela, se divirta, se distraia. Precisa ter chance de futuro.

CT - Se ela entrar numa linha vou ajudar a completar o curso de computação. Fez o primeiro estágio e parou. Eu vou apertar daqui e dali e vou pagar o curso para ela. Acho que na atualidade é profissão bem remunerada. É de futuro!

RT - A N é bem inteligente.

CT - A N é um pouco traumatizada com esta história da irmã. Ela acha que a gente ... cada vez que vai leva um presentinho, uma coisa. Mas acontece que a outra passa o ano longe da gente. A gente só vê assim ou quando ela vem nas férias de ano em ano. Então é mais do que normal que ... eu não tenho nenhuma despesa com a menina. Sabe como é. Não tenho despesa, então eu dou algu-

ma coisa para ela. Então a N sente ciúmes.
Até fala que gostam mais da outra. Mas a
gente trata igual tudo eles.
Acontece que a outra está mais ...
Não está perto da gente.
É normal isto!

E - O que é normal?

CT - É normal o tratamento que a gente dá para
a outra. A gente não faz nenhuma diferença
entre os filhos.

E - O que vocês desejam em relação à N?

CT - Bem, conforme já dissemos, ela precisa sen-
tar melhor a cabeça. Agora, depois deste fa-
to, as coisas já estão melhores. Acho que
ela compreende melhor a gente.

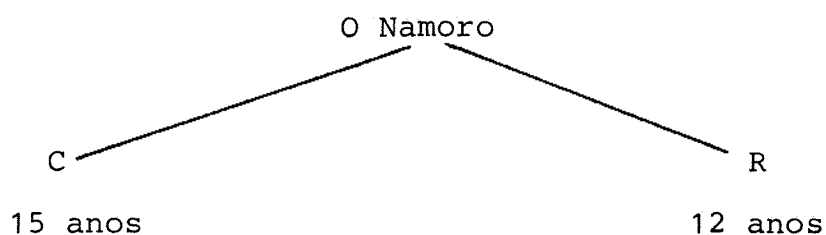
RT - Eu quero que ela acerte a vida dela, sabe.
Quero que tenha vida de uma moça de 18 a-
nos.

CT - A gente quer que a N seja feliz.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

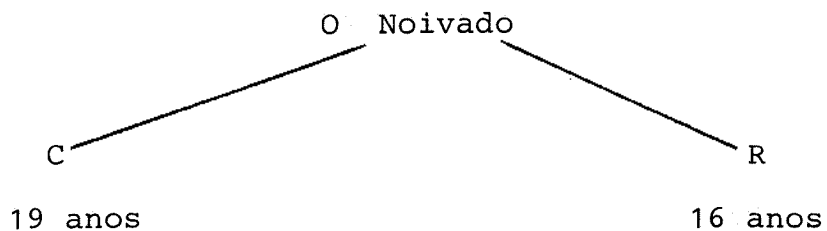
ENTREVISTA COM PAIS DE N.

TEMPO UM

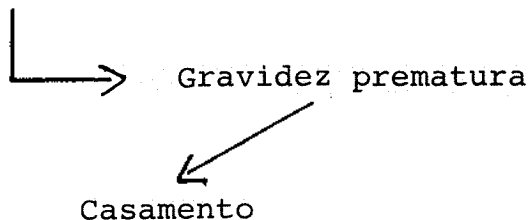


"O namoro foi um tempo bom"

4 anos



"O noivado foi curto - 4 meses"



"A adolescência é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções no meio familiar."
(Aberastury, 1981, p.13)

O casamento marca o início de uma nova maneira de viver e o estabelecimento de um status bastante diferente de vida. Ao casar-se, uma pessoa adquire um companheiro que partilha e suporta, e sobre quem pode se apoiar porque o bem-estar de cada um está ligado ao destino do outro.

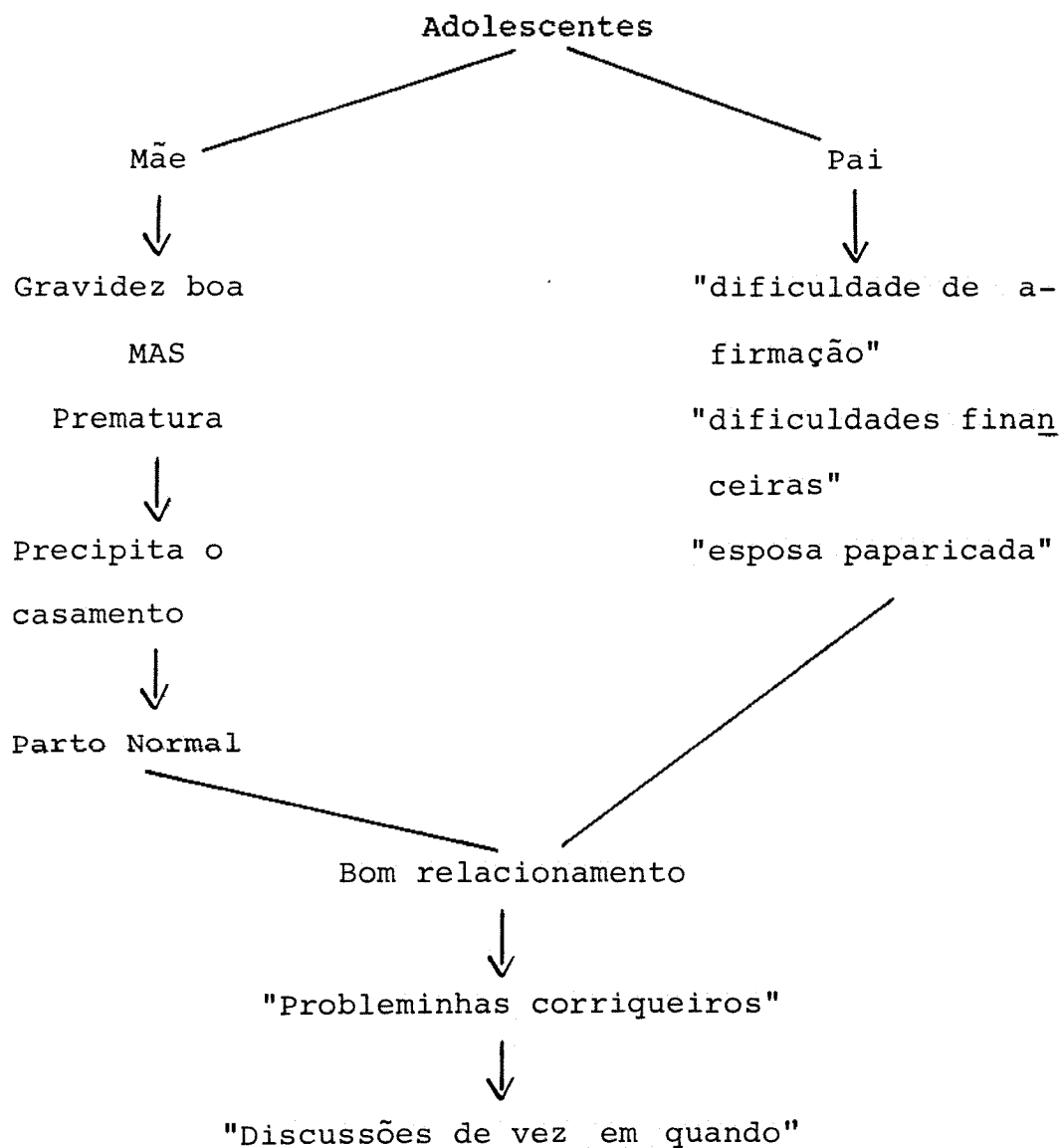
Uma família se inicia com o casamento.

Literalmente é a matriz da personalidade das crianças que nela crescerão.

Por interferência da Cultura, há necessidade de um casamento.

R (16 anos) e C (19 anos) foram obrigados a constituir *formalmente* uma família a partir de uma gravidez dita "prematura".

C e R, em plena vigência do processo de adolescência, estariam preparados para assumir o casamento?



C e R casaram-se.

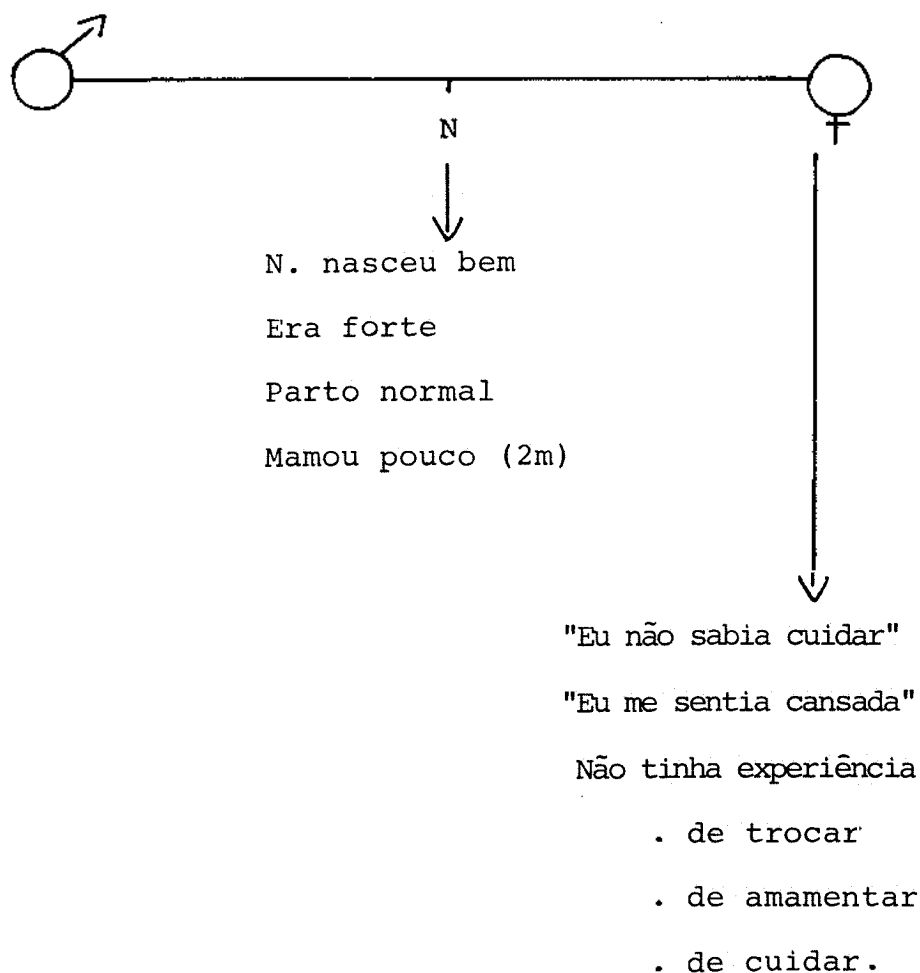
Entraram no "mundo dos adultos".

Mas o que significa entrar no mundo dos adultos?

"Entrar no mundo dos adultos - desejado e temido - significa para o adolescente a perda definitiva da sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de despreendimento que começou com o nascimento.

As mudanças psicológicas que se produzem neste período e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância." (Aberastury, 1981, p.13)

TEMPO DOIS



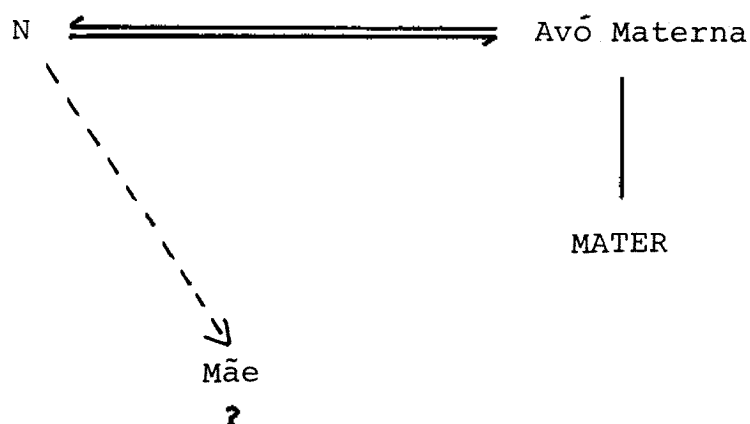
O que é que deixa uma pessoa cansada?

Fazer um grande esforço.

Cuidar deste bebê exigia um grande esforço. Era um fardo muito difícil de tolerar.

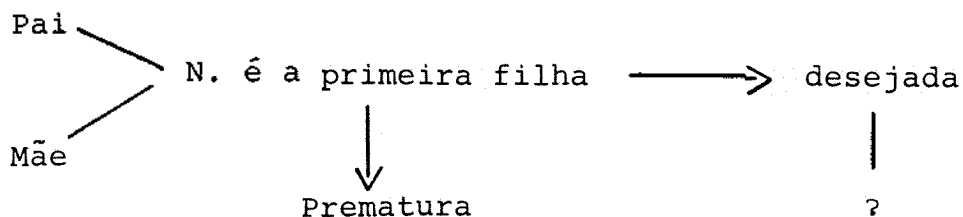
C e R, ainda adolescentes, foram investidos muito precocemente na função de adultos, pois esta criança - N - pressionou o término da adolescência dos pais.

"Não sentir-se com direito a ter um filho, não sentir-se pai ou mãe é a expressão psicológica do que é a esterilidade no plano corporal. São pais estéreis de amor ao filho, geralmente por submissão à sua própria mãe. Seu filho deve ser entregue à mãe e com frequência entregam-no como restituição de um roubo fantasiado na infância." (Aberastury & Salas, 1978, p.82)



N não conseguiu estabelecer uma relação com a mãe porque, para esta, cuidar de um bebê deixava-a muito cansada. Em função disto, a avô assume o lugar de mãe substituta o que vem reforçar ainda mais a dificuldade de estabelecimento do vínculo afetivo mãe/bebê.

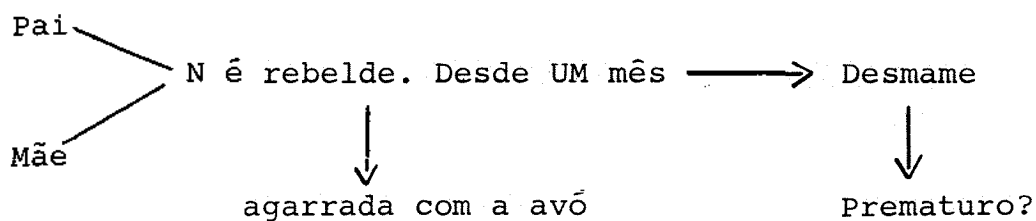
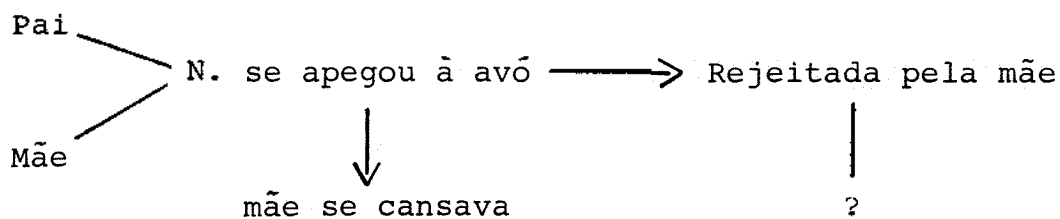
"O desmame é frequentemente um traumatismo cujos efeitos individuais, anorexias ditas mentais, toxicomanias pela boca, neu-roses gástricas revelam suas causas à Psicanálise." (Lacan, 1978, p.29)



O que significa ser prematura?

Antes do tempo certo.

Prematura para quem?



O que é ser Rebelde?

Nascemos rebeldes

ou

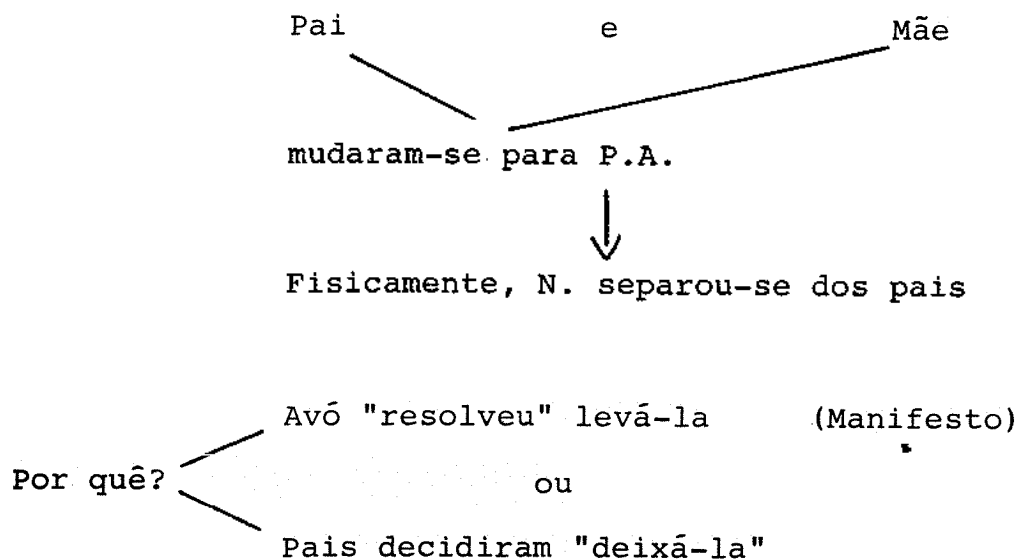
Nos rebelamos contra alguma coisa?

Contra o que N. se rebelou?

Sabemos que a primeira relação que o sujeito estabelece com o mundo externo desempenha um papel primordial como modelo para todos os demais relacionamentos do sujeito.

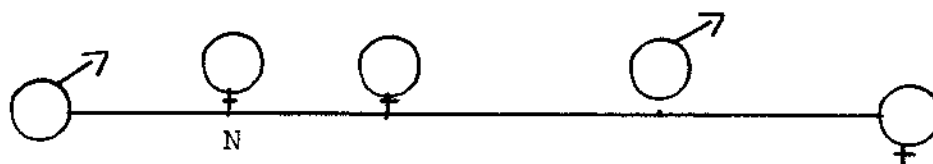
Para Lacan, o desmame exerce um papel fundamental no desenvolvimento psíquico do sujeito. O desmame de N. aos 02 meses, interrompeu, não apenas a relação fisiológica, mas apressou o rompimento da díade mãe/filha.

É interessante lembrar que a díade mãe/filha é uma relação manifesta, uma vez que no registro do Real existe a relação triádica.



Como se configurou a identificação de N. com a mãe?

TEMPO TRÊS



N. voltou para casa dos pais em 1980.

. "Precisava cuidar dos irmãos".

Relacionamento com os irmãos

- . "Meio péssimo"
- . "ciúmes da irmã"
- . "é muito braba"

Relacionamento com os pais

. é muito mimada

└─> pela avó

. é rebelde

└─> não "ouve" conselhos

. se dá bem com o pai

. se dá bem com a mãe

MAS

└─> não participa dos programas da família

└─> não fala

└─> não ouve a orientação dos pais

N. é uma filha que:

- . não ouve
- . não fala.

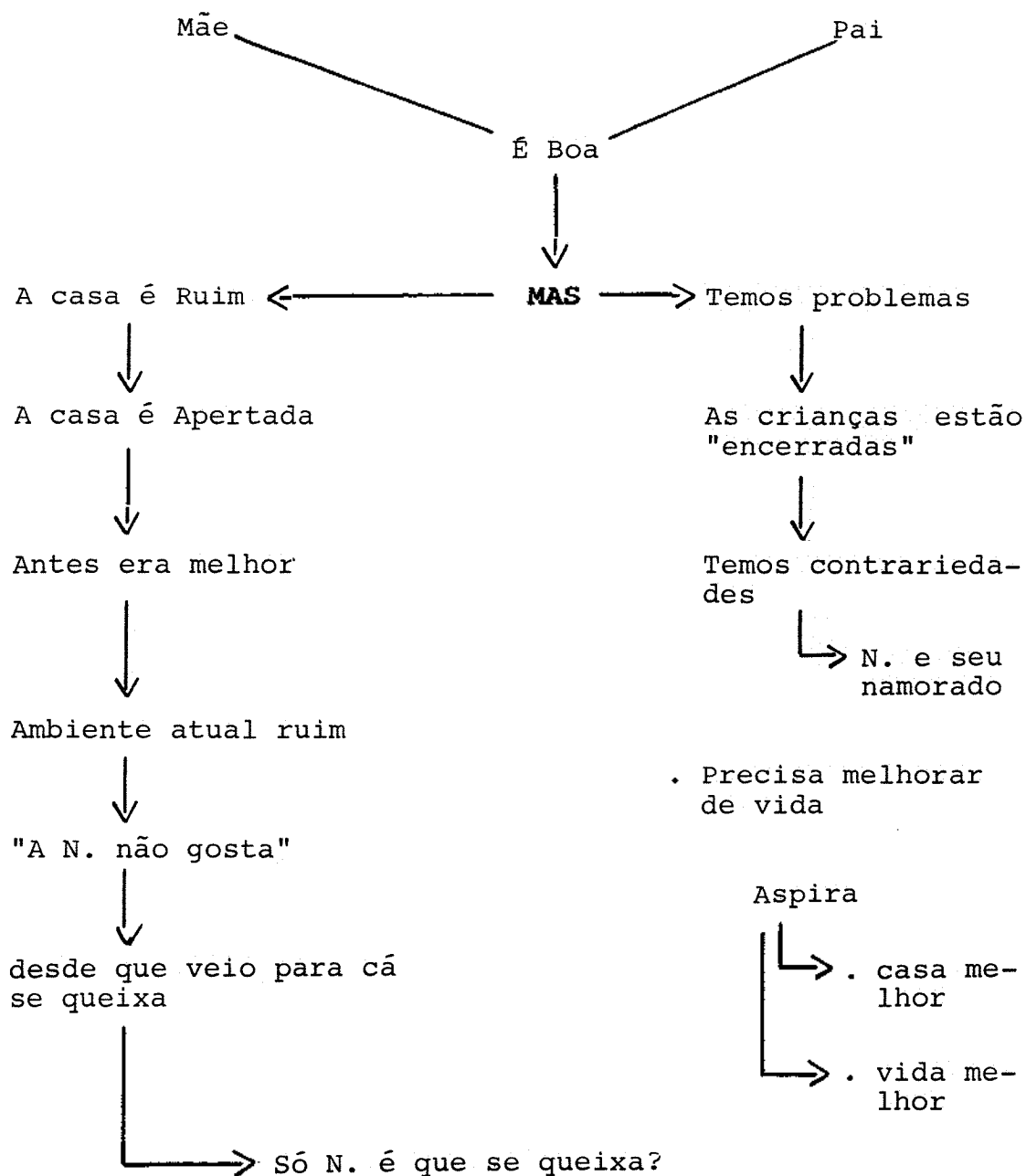
Como pode alguém ser rebelde nestas condições?

O adolescente provoca uma verdadeira revolução no seu meio ambiente familiar e social e isto cria um problema de gerações nem sempre resolvido.

"A qualidade do processo de amadurecimento e crescimento dos primeiros anos, a estabilidade dos afetos, a soma das gratificações e frustrações e, a adaptação gradativa às exigências ambientais vão marcar a intensidade e a gravidade destes conflitos." (Aberastury, 1981, p.18)

TEMPO QUATRO

A Vida em Família



Há um discurso manifesto de harmonia, que é quebrado pelas observações a respeito da vida em família.

A N. evidencia dificuldades de relacionamento com os pais, com os irmãos, com os vizinhos.

A mãe de N. também não gosta do local em que vive - nem da casa, nem da vizinhança.

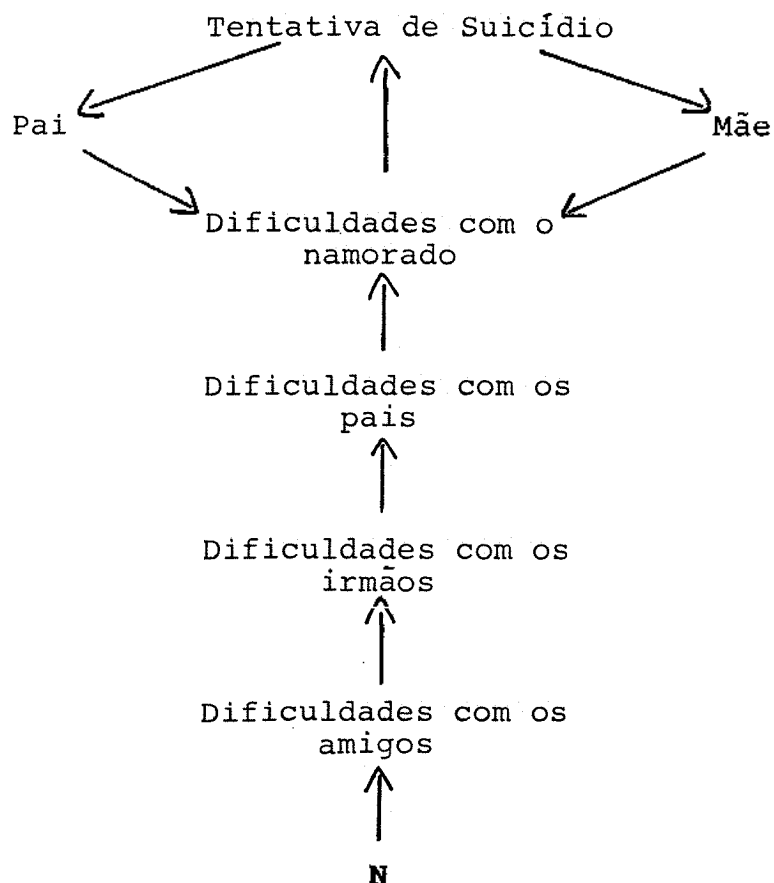
O pai de N. atribui algumas dificuldades familiares ao "aperto em que vivem".

Sabemos que as más condições residenciais, entre outros fatores, podem constituir ameaça à família como um empreendimento que vai avante. E, nesta medida, podem também reduzir o espaço de liberdade para que pessoas que nele vivem sintam-se felizes.

Há, no discurso dos pais de N., uma queixa sobre o local onde vivem.

O aperto de que falam, será apenas uma questão de espaço físico?

TEMPO CINCO



"É provável que ninguém encontre energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, este já ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem."
 (Freud, 1920, vol. XVIII, p. 202)

ENTREVISTA COM N.T.

Idade: 18 anos

TEMPO E - N, a escola é um lugar bom da gente ficar?
UM:

A
ESCOLA N - A minha não! Aquilo ali. É lugar só de gente rica. É só pessoa esnobe. E a gente fica ali. E se sente mal.

E - Na tua escola tinha SOE?

N - Acho que tinha. Eu nunca fiquei sabendo. Só ia na aula. Fazia as minhas obrigações e vinha embora.

E - Tu nunca tiveste um encontro com a orientadora educacional da tua Escola?

N - Eu nunca consultei ela. Parece que ia ter na 8ª série.

Só uma vez, na 6ª série, ela me chamou para me dizer que eu "tava" rodada. Eu saí de outro colégio sabe, lá de Viamão e aqui tudo era muito diferente. Eu não tinha visto as matérias do 1º e 2º bimestre. Também, eu en

trei em junho.

E - Bem, a orientadora te chamou, e o que aconteceu?

N - Aí ela disse que eu ia rodar. Aí eu disse que mesmo assim eu ia continuar estudando para, pelo menos, eu saber a matéria. Este colégio o _____ é bem mais forte que o _____.

E - Em junho a orientadora te disse que tu já estavas reprovada?

N - Ela queria _____ queria que eu ...
Mas eu não tinha estudado até o meio do ano. Eu entrei atrasada.
Eu acho que ela queria que eu saísse, _____ que eu desse a vaga. Mas eu disse que ia continuar estudando, mesmo rodada.

E - E depois?

N - Aí eu fiquei. Naquele ano eu rodei, mas no outro eu repeti e passei, no outro e no outro, passei de novo.
Este ano eu parei.

E - Por quê?

N - O ano passado também estudaram fizeram greve. Eu já sabia como ia ser depois da greve. Fiquei um tempão sem aula e tendo que ficar depois em recuperação. Agora de novo!

Eu fui na praça com as professoras. E umas lá me disseram que não estavam com muita vontade de dar aula.

Aí! Sei lá! Resolvi não estudar.

No fim gastava um monte em caderno, caneta. Livro eu não tinha. Eles viviam reclamando que eu não tinha livros. Mas eu também não tinha como comprar.

Aí passado um tempo elas me deram 2. Os outros eu tinha que olhar dos colegas.

Depois de tudo, eu parei!

E - E o ano que inicia em março?

N - Este ano eu vou voltar a estudar.

Este colégio eu acho que vai ser bom. Eu vou estudar à noite. Vai até dar para trabalhar! O outro era muito longe. Dia de chuva não dava para ir porque ia a pé. Quando o pai ainda tinha um carro e vinha na hora do almoço e podia me levar, até em dia de chuva eu ia. Quando ele não podia eu não ia. Aí ficava

cheia de falta. De novo eles reclamavam. Eles não entendiam que em dia de chuva eu não podia atravessar o mato.

E - Que mato?

N - O caminho a pé vai por aqui, por dentro, mas não tem asfalto, às vezes é no meio do campinho. Com chuva enxarca tudo! Mesmo de guarda-chuva eu ficava toda molhada. Muitas vezes foi assim. Mas eu sentia vergonha de chegar daquele jeito no colégio. Acho que eles riam de mim.

E - Eles quem?

N - As colegas. Eu disse era tudo esnobe. Filhinha de papai quase tudo, eu "tava" mal naquele colégio.

Este ano abriu aqui. Eu vou então estudar de noite. É só um ano.

Depois eu quero fazer o Supletivo. Dá para fazer os três anos do 2º Grau junto. Daí eu recupero o meu atraso. Mas eu não sei bem ainda.

E - O que tu ainda não sabes bem?

N - Eu queria mesmo era continuar o meu curso.
Mas não pude! Eu fiz o curso, sabe?

E - O curso de computação?

N - É, de início deu, eu fiz todo. Daí depois eu
ganhei 1/2 bolsa de estudo para a 2ª etapa.
Mas era muito caro, não deu para pagar. En-
tão não deu para fazer.

Mas este ano, se tudo der certo, eu vou ter-
minar. O pai prometeu me ajudar a pagar.

TEMPO
DOIS:

E - Como é a tua relação com os teus pais?

O
RELA-
CIONA
MENTO
FAMI-
LIAR
E
COM
AMIGOS

N - É bom meu relacionamento com eles. Eu gosto
deles. Eles sempre fizeram o que eu queria
... tá ...

Só que eles ...

Eu não morava aqui, né!

E - Onde tu moravas?

N - Eu morava com a minha avó, desde bem pequeni-
nha eu sempre estive junto com a minha avó.
Depois quando eles saíram de casa da avó eu
fiquei lá com ela.

Depois eles quiseram me trazer para cá. Me
trouxeram só para eu cuidar dos meus ir-

mãos. E para me convencer ... Foi por causa desta bicicleta! Eu odeio esta bicicleta. Eles me deram esta bicicleta. Tá eu só tinha dez anos, eu achei o máximo a bicicleta. Eu troquei. Aí eu vim e a minha irmã ficou lá e lá tem tudo. Ela tem colégio bom, ela tem tudo. Aquele lugar era meu. Era eu quem de direito deveria estar lá.

Então eu acho que se ela não fica aqui eu também não fico.

E - Tu te dás bem com tua irmã?

N - Ela tem 15 anos. Eu gosto dela. Ela conta as coisas dela para mim. Mas ela é muito pretenciosa, ela tem muito mais do que os outros, porque lá ela é sozinha. E ela ficou assim, né. Tudo é só para ela.

É só ela.

E antes era só EU.

E - Antes quando?

N - Quando eu morava com a avó. Antes desta bicicleta.

E - Tu tens outros irmãos. Tu te dás bem com eles?

N - Com o guri eu ... eu brigo. Ele é um chato, vive me enchendo.

E - Enchendo, como?

N - Ah! Implicando comigo, mexendo onde eu não quero que ele mexa, se metendo nas minhas coisas.

E - Quantos anos ele tem?

N - É o maior, tem 12.

E - E com os outros?

N - Ah! Os outros são muito pequenos. Fazem coisas de pequeno. Eu gosto deles, ajudo a cuidar deles.

E - E com a avó, tu te dás bem?

N - Com a minha avó, essa?

E - Sim!

N - Ah! ... Ela é como se fosse a minha mãe. Eu gosto dela um monte. Eu já disse para a minha mãe que o dia que ela morrer eu também

vou morrer.

Eu gosto muito dela! Muito! Eu sinto muita falta dela! Eu sinto saudades, muito! Muito! Eu gosto muito dela!

Só que eu sonho que ela não quer mais saber, sei lá, antes ela gostava muito de mim, mas que depois que eu vim para cá ela deixou de gostar.

E - Tu sonhas isto?

N - Eu sonho isto. Hoje de manhã ainda foi um dia. Depois que eu acordo é que eu vejo que não é verdade, que foi um sonho. Que aquilo não aconteceu, mas eu tenho medo. Eu sei que é sonho.

E - N., tu tens amigos?

N - Amigos? Eu não tenho amigos!

Primeiro eu me dava com as gurias daqui. Depois eu comecei a namorar um rapaz três anos eu namorei ele - e elas se afastaram. E ele vivia dizendo que as gurias não eram minhas amigas.

Tá, eu não me dava bem com elas. Só com as primas dele, as irmãs dele. Aí depois que eu briguei com ele, terminaram as amizades.

E - Por que tu brigaste com ele?

N - Ele fez uma besteira na rua e as gurias aqui do prédio viram. Quando isto aconteceu as gurias aqui do prédio se aproximaram dizendo que tinham pena de mim. Que se ele gostava de dar em mim era para eu largar ele.

E - Ele bateu em ti, N.?

N - (gesto afirmativo com a cabeça). Eu segui o conselho delas. Só que eu vi elas depois para cima e para baixo de braço com ele. Aí então eu decidi que nunca mais eu ia ser amiga delas.

E - Quando foi isso?

N - Faz tempo. Agora, hoje em dia, se saio na rua e me encontro com elas, elas começam a fazer piadinhas. Bah! Se eu estou sozinha elas se aproveitam, agora se encontro uma só, daí não fala nada.

Anteontem foi um dia. Eu saí e me encontrei com elas na escada. Quando passei uma delas tocou um tijolo. Eu fiquei furiosa, mas não pude fazer nada. A sorte que não me acertou senão elas iam se incomodar comigo.

Elas são assim mesmo. Mas também nunca tive uma amiga. *Todo mundo é falso!*

E - Todo mundo é falso?

N - Não, elas! Eu nunca tive amizade mesmo com a gente da minha idade.

E - E com os mais velhos?

N - Eu me dou é com os mais velhos.

Mas aí uma vez deu uma confusão. Uma outra experiência ruim com uma amiga que eu tinha. Depois que eu briguei com meu namorado eu arumei esta amiga que mora mais ali (acho que é fora do bloco). Ela tinha 14 anos mas já era uma gurria maior do que eu. Um dia a gente saiu e combinamos de dormir na casa dela. Avisei minha mãe, tudo ... Aí quando a gente chegou em casa foi super chato porque a mãe da gurria estava na cama com um cara e eu sem querer vi aquilo. A mãe da T. ficou furiosa e proibiu a minha amiga de andar ou falar comigo.

Tá, aí eu não fui mais lá. Só que a T. não conseguiu guardar o segredo e contou para outra gurria o que tinha acontecido e aí a coisa se espalhou. Elas pensam que fui eu

que falei. Mas não fui eu nada. Eu não tenho nada a ver.

O resultado foi que para se vingar, ela inventou uma história de um cheque que eu tinha roubado dela. Uma história louca, que não tinha nada a ver, me atrapalhou, pois eu estava quase voltando com meu namorado - aquele guri que eu gostava.

E - Qual? O dos três anos?

N - É. Ele não acreditou em mim. Eu fiquei muito mal com isto.

Então sobre amizade ... Ela é uma mulher muito mais velha, não devia ter feito isto!

Agora eu fiquei assim mesmo, né. Eu não tenho amigos! Só me dou aqui com a vizinha da frente.

Amigos eu não tenho. Nem da minha idade e acho que nem de idade nenhuma.

TEMPO
TRÊS:
INTE-
RESSES

E - O que tu gostas de fazer?

N - Depois que eu parei de estudar eu comecei a trabalhar. Nesse meio tempo eu comecei a namorar este outro guri. Aí sim eu comecei a sair, a passear. Aquele outro namorado que eu tinha - o dos três anos - não saía nunca!

Não me levava a nada. Só em casa, só em casa. Cinema só uma vez por mês! Aí este outro não! Ele gosta de viajar, de ir a bastante lugar diferente, de acampar. Por isto é que eu fui com ele. Era legal passear, sair, ver coisas, aproveitar! A família dele também era legal.

E - E o que tu gostas de fazer? De ler tu gostas?

N - Gosto. Só não gosto daqueles livros que a mãe quer que eu leia. Livro de religião. Eu gosto de ler romance. História ...
Por exemplo: Eu gosto de ler Sabrina, Júlia ...

E - E quanto a esportes?

N - Quando eu estava no colégio eu jogava vôlei. Eu gosto de jogar vôlei, só que agora não dá mais, né. Eu não "tô" mais na aula.

E - E aqui, não tem como jogar?

N - Aqui? Aqui não tem nada. Eu não gosto deste lugar nem desta gente que mora aqui.

E - Tu tens namorado. Como é a tua relação com ele?

N - Era boa. Aí numa época os próprios familiares começaram a falar mal dele para mim. E eu não gostava daquilo. Afinal eu estava junto em todas as coisas que eles reclamavam. Eu acho que o problema é que ninguém queria que a gente ficasse junto. A mãe dele não queria que ele se casasse. Então começaram a encher a minha cabeça de coisas: que ele não queria casar comigo, que era tudo história dele ... Mas nesta época ele falou em noivar.

E - Vocês chegaram a ficar noivos?

N - Sim, mas agora a gente terminou tudo. No dia de Natal eu fui na casa dele, passar o Natal com os parentes dele. No Ano Novo eu fui também. Acontece que dia 31 tinha toda aquela situação da minha mãe e eu falei para ele. Mas ele disse que já estava combinado e eu tinha que ir. A festa seria bem para fora, numa chácara que eles têm. Eu fui e voltei no outro dia. Só que tem uma coisa: aqui em casa é uma briga por causa dele e na casa dele por causa de mim. Então só tem um jeiti-

to. Ficar sem ninguém. Ficar só!

Na quinta-feira depois do almoço eu estava em casa, a mãe já estava amolada, quando ele veio aqui com uma história de ir para a praia, eu disse que não dava. Que eu precisava ficar perto de minha mãe. Qualquer coisa eu já estava perto. A mãe já estava com dores. Eu disse que não queria ir. E ele começou: quer ir vai, não quer não vai ... A mãe também quer ir vai ... não quer fica.

Isto só serve para dividir a gente.

Eu não queria ir mas fui. Combinei com ele que vinha no outro dia de manhã.

Eu fui mas estava me sentindo muito culpada de deixar a minha mãe.

Eu fui com ele e ela foi para o Hospital.

Eu fui com ele para a praia. Foi horrível. A mãe dele começou a me jogar contra ela. Ela me chamou e disse um monte de coisas dele. Eu comecei a me lembrar dos conselhos do meu pai e de minha mãe.

Ela disse muitas coisas dele. Que ele não gostava de mim, que não ia casar comigo. Mandou que eu fosse perguntar para ele se era verdade.

Eu fui lá falar com ele e ele confirmou tudo o que ela tinha dito. Eu fiquei com muita raiva. Disse que queria voltar. Ele disse que

não ia me levar em parte nenhuma. Que eu já estava grande e que se quisesse desse um jeito. Aí resolvi vir só. Só que eles não deixaram. Vieram com uma história que já era muito tarde. Mesmo assim eu saí. Só que me dei mal. Tive que voltar pois uns caras mexeram comigo na parada do ônibus e eu fiquei com medo. Voltei e foi horrível. Daí ele me disse um monte de coisas. Que eu só servia para fazer ele passar vergonha na casa dos parentes dele e coisas assim. Disse que iam me deixar dormir ali mas que de manhã era para ir embora.

E - Quem estava nesta conversa?

N - Ele e a mãe dele. Eu tenho raiva dela. Ela combinou com ele tudo aquilo.

E - Como tu voltaste?

N - Voltei sozinha. Mas antes pedi para ele tomar uma decisão. Assim não dá. Ele quis terminar tudo.

E - E daí?

N - Quando eu cheguei aqui o pai disse que a mãe

"tava" no Hospital.

Eu fiquei muito ruim!

Eu deixei a mãe sozinha! Eu troquei a casa da vó por ele. Fiquei com a avó só três dias. Voltei por causa dele.

E - Onde ela mora?

N - Em Livramento. Ela me disse que eu podia ficar lá três meses, se eu quisesse, mas voltei por causa dele.

Eu "tô" com ódio dele.

Eu "tava" com ódio de tudo. Naquele dia eu disse para ele: Tu vais te arrepender muito disto. Tu não sabe do que eu sou capaz. Mas ele começou a rir e a debochar.

Mas eu "tava" falando sério. Eu avisei que ela ia se arrepender pelo resto da vida. Eu vou fazer com ele o que ele fez comigo!

Ele não me acreditou.

Ele não me conhecia.

Agora, depois do que aconteceu, ele já veio me procurar. Mas agora eu é que não quero saber mais dele. Ele não me merece.

E - Ele não te merece, N.!

N - É, mas só agora é que me dou conta disto.

Eu troquei tudo por ele. Eu deixei a minha mãe doente por ele.

Ele não vale nada. Outra coisa que eu me dei conta agora. Meu pai e minha mãe estão do meu lado.

TEMPO
QUATRO:

O QUE N.
PENSA
SOBRE
A
PRÓPRIA
VIDA

N - Eu nunca tinha pensado em morrer. Eu sempre trabalhei na _____. Sempre tive remédio em minha mão. Eu nunca tinha pensado em terminar tudo.

Mas aquele dia depois que eu entrei eu comecei a me lembrar de minha vida ...

Eu já não podia mais abrir o meu guarda-roupa. Ver as minhas roupas, olhar as minhas coisas. Eu tinha ódio de mim. Eu "tava" muito ruim. Assim não é legal. Naquele dia eu me dei conta de muita coisa. Eu estava com um sentimento de culpa também.

Eu não podia ter deixado a minha mãe sozinha naquele dia. Eu tinha trocado a minha família ... Eu me sentia culpada. Eu tinha muita raiva dele. Ele tinha que se arrepender pelo resto da vida dele pelo que fez para mim! Eu não merecia aquilo.

Hoje eu acho que eu não teria tido coragem. Se eu tivesse podido conversar antes eu acho que eu não tinha feito. Foi legal conversar. É a primeira vez que eu falo sobre isto. Eu

nunca mais quero ver aquele cara na minha frente. *Ele me usou e me largou como se eu fosse uma coisa.*

Ele foi o primeiro cara da minha vida.

E - Tu "transavas" com ele?

N - Agora não, mas transei antes com ele. Agora eu não queria mais. Queria casar, direito. Por isto ele também brigava. Porque eu não queria mais.

E - Tu tomavas alguma precaução para não engravidar?

N - No começo sim. Tomava pílula. Depois eu parei. Parei porque daí não dava mesmo. Ele ficava brabo comigo por isto.

E - Tu chegaste a falar com teus pais sobre isto?

N - Não, mas eles sabiam. Eu morei junto com ele, né.

Eu tenho ódio dele.

E - N., tens condições de reconstruir a tua vida!

N - Agora eu sei disto. Naquela noite não, eu achava que se ele não me queria ninguém mais ia me querer. Eu sei lá ... pensava que a minha vida começava e terminava nele. Agora eu sei que não é assim.

Mas agora! Agora que tudo isto acabou estou começando a sair a me divertir. O pai até me deu dinheiro para eu ir por uma excursão em Cidreira. Eu acho que vai ser legal, vou me divertir. Eu vou poder começar a trabalhar, me divertir, sair.

E - Tu não estavas trabalhando?

N - Não, eu saí do meu primeiro emprego. Passei para _____. Fiz psicotécnico, passei. Fiz até entrevista. Mas daí aconteceu aquilo. O pai telefonou dizendo que eu estava doente. A senhora acha que eu tenho que dizer o que aconteceu?

E - Como tu te sentes mais confortável?

N - Eu preferia não dizer.

E - Então não diz. Se te perguntarem, estavas doente.

E - N., que sentido tem a vida para ti?

N - Sentido? Eu não sei! Antes "tava" muito ruim. Agora eu tô conversando com a mãe. Antes eu não conversava. Era só a reclamação porque eu andava com o meu namorado.

E - Tu podes contar com o apoio do teu pai e da tua mãe, N.

N - É, agora eu sei disso!

*ANÁLISE DE CONTEÚDO**ENTREVISTA COM N.**TEMPO UM - A ESCOLA*

N. percebe a Escola como um lugar onde não é bom estar:

- . Não formou vínculo com os colegas
- . Nem com os professores.

Sente-se perseguida:

- . Pela orientadora, que de acordo com sua percepção queria que ela deixasse a Escola;
- . Pelas professoras que "cobram" coisas:
 - livros
 - presença;
- . Pelos colegas que riem dela.

Desloca o desinteresse pela Escola para as professoras:

- "Eu fui na praça e umas lá me disseram que não estavam com muita vontade de dar aula".

Existem duas variáveis: uma pedagógica e uma institucional intervenientes:

- . Duas greves do Magistério Público Estadual

. Ausência de pré-requisitos para acompanhar o trabalho escolar → Reprovação.

"A Escola é, sem dúvida, na nossa sociedade, a grande agência socializadora, pois é nela que as crianças vão tomando consciência do grupo. Esta interação e esta troca são de fundamental importância para o desenvolvimento emocional e social. Por isso é tão necessário que o educador também conheça e compreenda os vários estágios que o indivíduo atravessa no seu processo de crescimento no que se refere à sua relação com os outros." (Folberg, 1986, p.19)

N. se percebe como uma pessoa que tem condições de aprender.

Tal fato determina sua volta à Escola.

Acredita que a "Escola" será melhor agora.



. Escola Noturna - Todos os alunos trabalham durante o dia.



. Situa-se na própria comunidade.



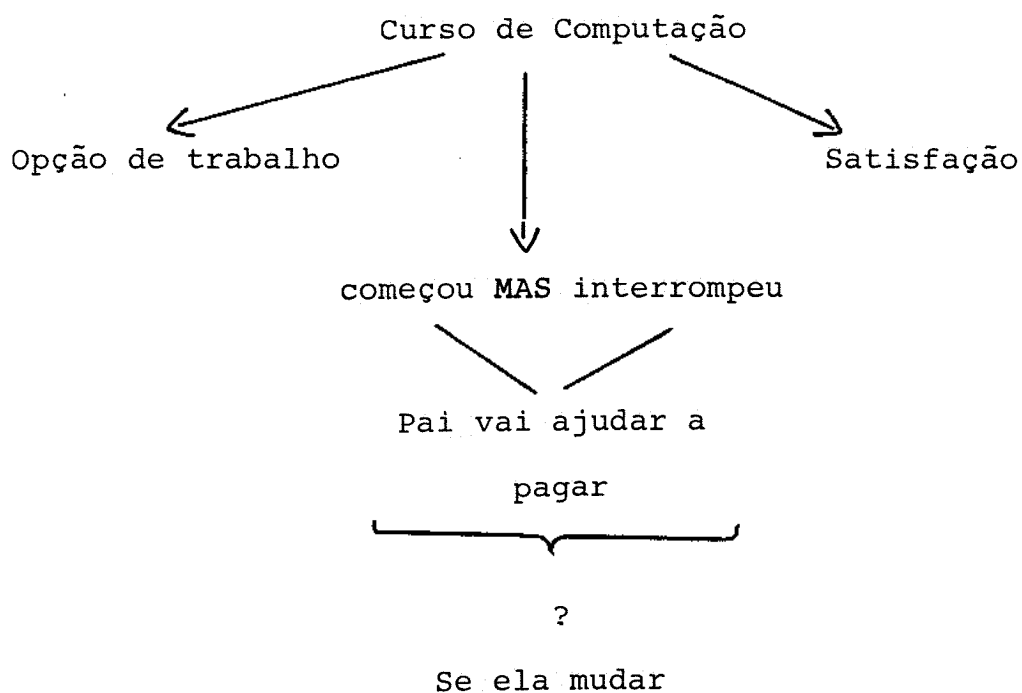
maior homogeneidade
menores diferenças sociais.

Em que medida a Escola vem contribuindo para a vivência e incorporação de valores que preparam para a vida?

N. tem aspirações futuras.



Quer terminar o curso de Computação.



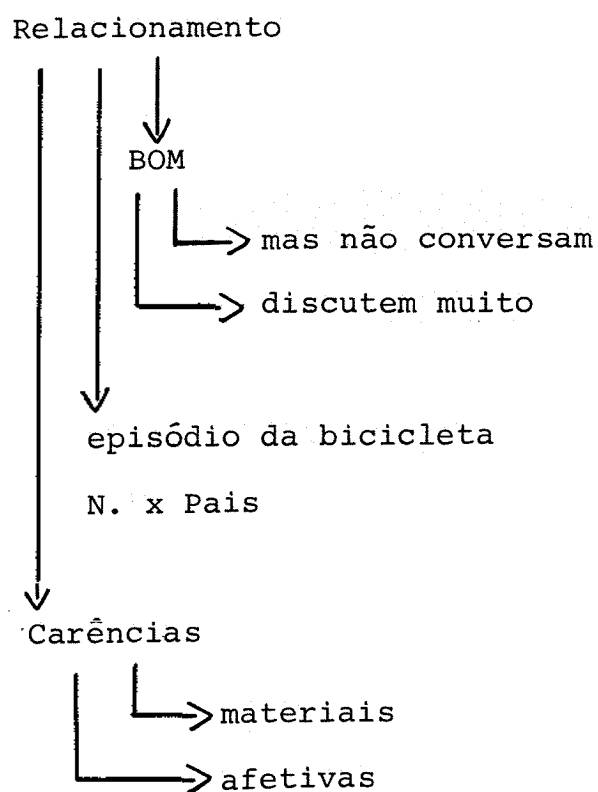
Há uma troca. Há uma regra: Se → então.

De acordo com Abraham Maslow, em *Introdução à Psicologia do Ser*:

"um professor ou uma cultura não criam um ser humano. Não implantam nele a capacidade do amor, ou de ser curioso, ou de filosofar, ou de simbolizar ou de ser criativo. O que fazem sim é permitir, ou promover, ou ajudar o que existe em embrião a que se torne real e concreto." (apud Folberg, 1986, p.21)

TEMPO DOIS - RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA E AMIGOS

N. percebe o relacionamento com os pais como bom porém:



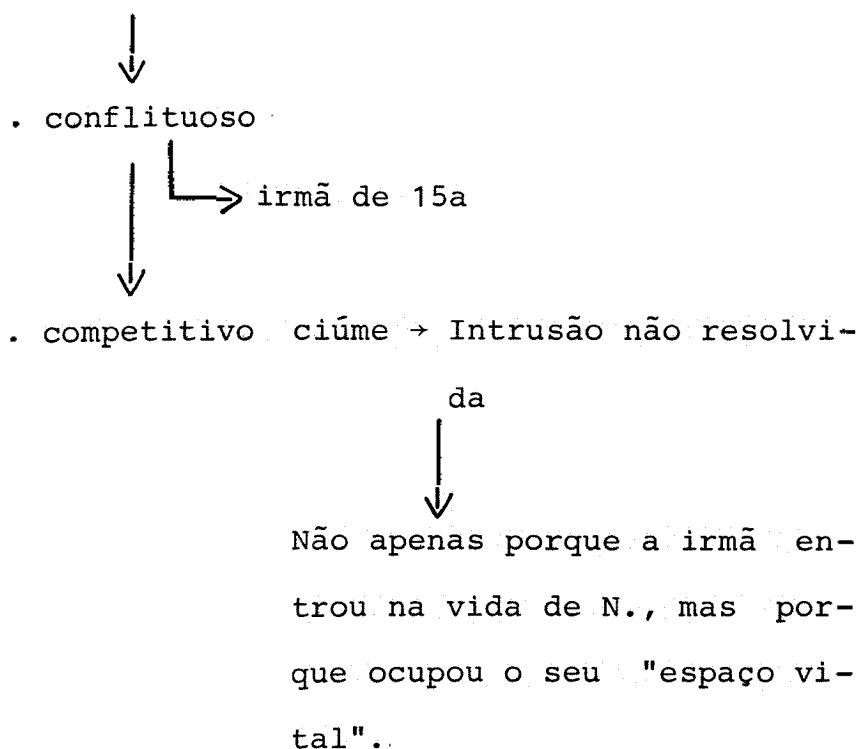
N., como os pais, diz que entre eles existe um bom relacionamento mas fala muito pouco com eles. Lembra com mágoa do episódio da bicicleta. Sente-se traída. Acha que na época não poderia ter condições de avaliar "a troca" que lhe propuseram fazer.

Esta mesma "troca" é proposta agora com relação ao curso de computação. Se N. mudar, o pai dará para ela o Curso. O preço é sempre alto.

O pai de N. diz que dá tudo para ela. Mas diz também que nem sempre dá o que ela pede.

O que é este "tudo" que não abrange o que N. pede?

Relacionamento com irmãos



A bicicleta, algo que tira do lugar, simboliza uma mudança de posição.

O "Espaço Vital" de N. foi ocupado pela irmã que, agora:

- . tem bom colégio
- . tem tudo.

Aqui, na casa dos pais, N. precisa COMPARTILHAR tudo:

- . o espaço físico
- . o afeto
- . os bens materiais.

Relacionamento com Avó = Mãe



"Se ela morrer eu morro"

Primeira relação de Amor → Rejeição

↑
Mãe

Segunda relação (Mãe Substituta) → Separação

Como N. sobreviveu após o nascimento se ela não mamava e a mãe não sabia cuidar?

AVÓ → Toda a situação de desamparo foi garantida pela avó.

↑
↓
Sobre
vivên-
cia

A partir da separação da avó N. está morrendo. Lá, junto dela, tudo é bom.

Se a avó morrer, N. também morrerá porque não haverá mais quem a tire do desamparo infantil.

A casa paterna cheira à morte.

Ali:

- . ela se presta à chacota dos "amigos"
- . precisa cuidar dos irmãos
- . é espancada pelo namorado
- . não é o seu lugar.

Disto resulta que:

N. é solitária



N. é desconfiada



Todo mundo é falso.

Primeiro namorado de N.



- . não saía
- . limitava o seu espaço
- . reforçava o afastamento do grupo de equivalentes.

Briga com o namorado



N. foi espancada



1ª vez?

N. não tem amigas, pois:

As "amigas" agridem com informações

. Como ela ouve

. Como ela vê

↓ ↑

Ela não tolera

↓ ↑

Afasta-se

↓ ↑

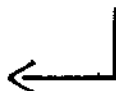
Busca outros amigos

↓ ↑

Nova decepção

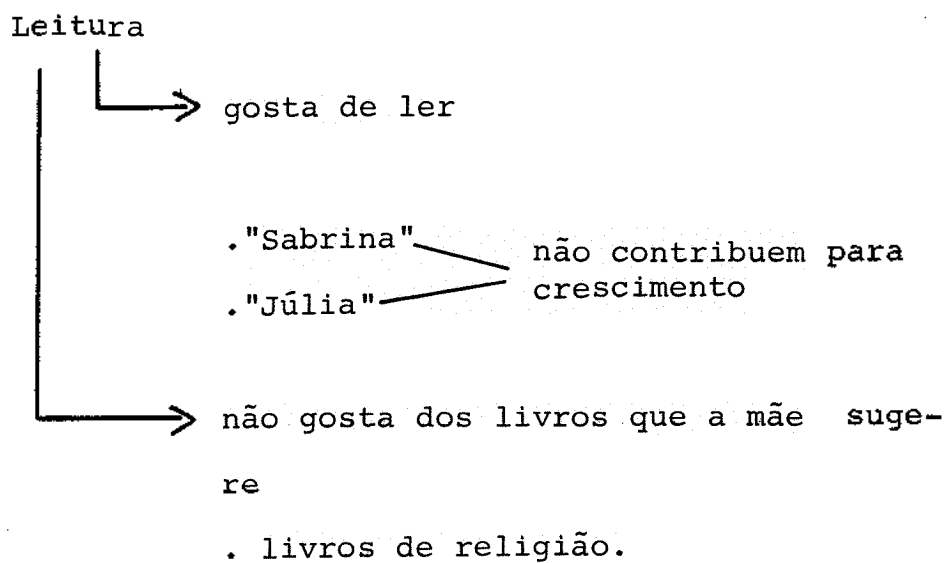
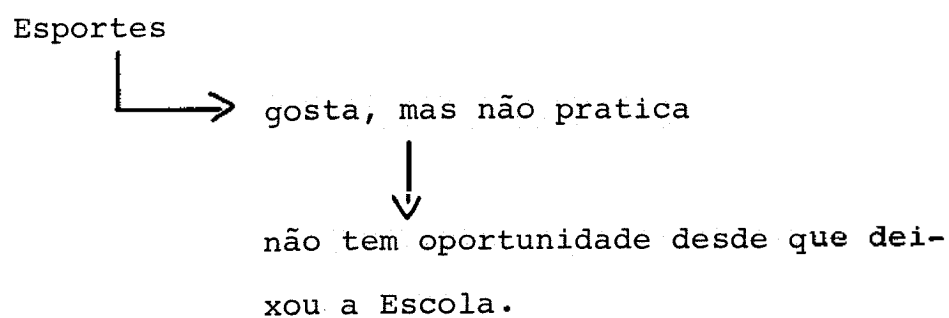
N. está sempre "buscando" o reencontro

PERDAS



TEMPO TRÊS - INTERESSES

Quando investigamos sobre os interesses de N. observa-se que:



N. aproveita todas as oportunidades para relembrar o quanto está deslocada no contexto em que vive:

"Eu não gosto deste lugar, nem desta gente que mora aqui".

Com relação aos namorados:

N. teve dois namorados

O 1º com quem ficou durante três anos:

- . Dominador
- . Tirânico
- . Agressivo.

O atual

- . É dominador
- . Estabelece com N. uma relação sado-maso-
quista



Perda da Virgindade



Culpa



Casamento

ou

Tentativa de Suicídio

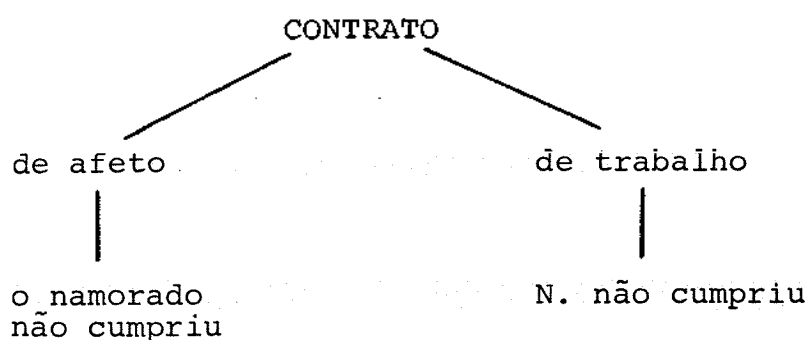
Por que a Culpa?

- . N. sente-se comprometida com os pais:

Os pais "pagaram" adiantado pelos serviços pres-
tados.

N. ganhou a bicicleta e não cumpriu a sua parte de cuidar dos irmãos.

Os pais a trouxeram de volta, quando ela saiu de casa, logo não são os "Vilões". O desejo de N. é que os pais não mais a recebessem.



Com Freud aprendemos que a pessoa normal é capaz de amar e trabalhar.

O que sobra a N. que não é capaz de amar e trabalhar?

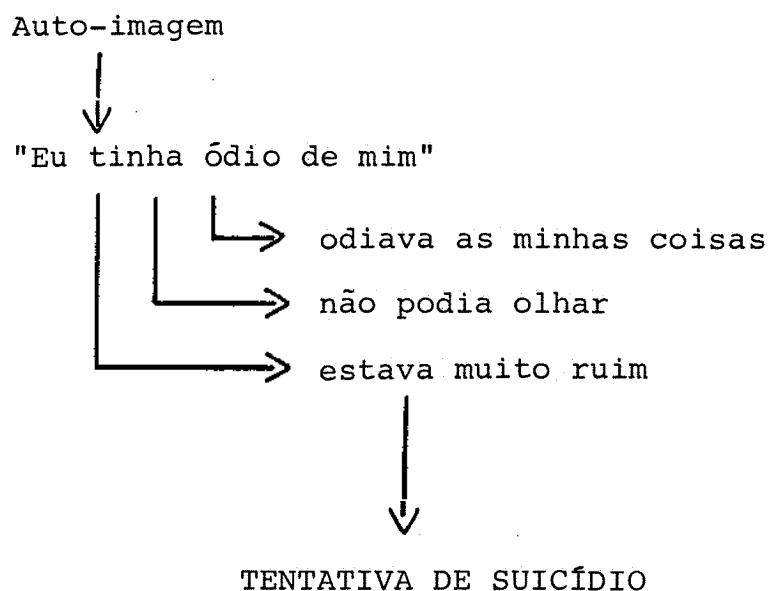
Através da agressão ao corpo, N. procurou agredir o outro, os outros, a quem afinal?

Se,

ao namorado entregou a Virgindade

entregou o Corpo.

Ao tentar o suicídio agride o outro através deste corpo.

TEMPO QUATRO - O QUE N. PENSA SOBRE A PRÓPRIA VIDA

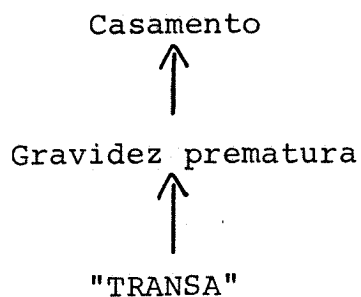
A tentativa de suicídio não quer dizer "MORTE".
Significa uma agressão ao outro e cumpre as seguintes funções:

- . Apelativa
- . Comunicativa
- . Auto-destrutiva.

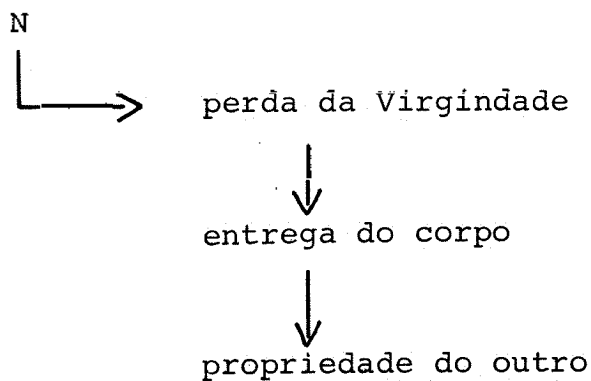
POR QUÊ?

Relembrando a história da mãe de N.:

Por que a mãe de N. casou tão cedo?



N. "transou"
↓
queria casar
↓
Portanto, deixou de tomar
a pílula. Só assim pode-
ria engravidar.



N. considera que a sua "vida começava e termina-
va no namorado". Portanto, ela era propriedade dele.

N. que sentido tem a Vida para ti?
↓
"Sentido?"